

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação
Doutorado em Antropologia Social**

Augusto de Arruda Postigo

**A TERRA VISTA DO ALTO
usos e percepções acerca do espaço entre os moradores do
Rio Bagé, Acre**

**Campinas, SP
Abril de 2010**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP
Bibliotecária: Cecília Maria Jorge Nicolau CRB nº 3387

P846t Postigo, Augusto de Arruda
A terra vista do alto: usos e percepções acerca do espaço entre os moradores do Rio Bagé, Acre / Augusto de Arruda Postigo.
-- Campinas, SP : [s. n.], 2010.

Orientador: Mauro William Barbosa de Almeida.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Cartografia - Amazônia. 2. Seringueiros – Acre.
3. Extrativismo. 4. Reservas extrativistas – Juruá, Rio. 5. Acre – Mapas. I. Almeida, Mauro William Barbosa de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Título em inglês: The earth from above: uses and perceptions of space among the inhabitants of the Bagé river in the Brazilian state of Acre

Palavras chaves em inglês (keywords) :

Cartography - Amazon
Rubber tappers – Acre
Extraction
Extractive reserves – Juruá. Rio
Acre - Maps

Área de Concentração: Antropologia, Antropologia Rural

Titulação: Doutor em Antropologia Social

Banca examinadora: Mauro William Barbosa de Almeida, Dominique Tilkin Gallois, Eduardo Batalha Viveiros de Castro, Glenn Harvey Shepard Jr., Laymert Garcia dos Santos

Data da defesa: 26-04-2010

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

AUGUSTO DE ARRUDA POSTIGO

A TERRA VISTA DO ALTO:

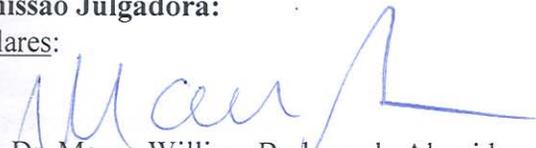
Usos e percepções acerca do espaço entre os moradores do rio Bagé, Acre.

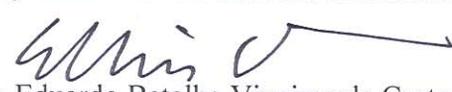
Tese apresentada ao Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do grau de Doutor em Antropologia Social sob orientação do Prof. Dr. Mauro William Barbosa de Almeida.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora no dia 26/04/2010.

Comissão Julgadora:

Titulares:


Prof. Dr. Mauro William Barbosa de Almeida – (DA-IFCH) - (Presidente)


Prof. Dr. Eduardo Batalha Viveiros de Castro (Museu Nacional - UFRJ)


Prof. Dra. Dominique Tilkin Gallois (FFLCH-USP)


Prof. Dr. Laymert Garcia dos Santos (DS-IFCH)


Prof. Dr. Glenn Harvey Shepard JR (Museu Paraense Emílio Goeldi)

Suplentes

Prof. Dra. Emília Pietrafesa de Godoi (DA-IFCH)

Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz (DA-IFCH)

Prof. Dra. Mariana Pantoja Franco (UFAC)

Campinas
abril/2010

261750708

Resumo

O presente trabalho aborda percepções, usos e idéias relacionadas ao espaço entre os moradores da bacia do Rio Bagé localizados dentro da Reserva Extrativista do Alto Juruá, no oeste do estado do Acre. São quatro as fontes principais utilizadas nessa pesquisa: (1) uma etnografia baseada em visitas e convívio com os moradores do rio Bagé, totalizando pouco mais de um ano distribuídos em viagens de aproximadamente dois meses nos últimos onze anos; (2) o material de duas últimas viagens de dois meses realizadas entre 2004 e 2006 feitas por uma equipe, formada por mim e mais dois amigos nativos da região, um dos quais da própria bacia do rio Bagé. Dessas viagens resultaram três diários de viagem diferentes, o meu próprio e os de meus dois colegas; (3) mapas desenhados por moradores em diversas escalas; (3) levantamento georeferenciado dos espaços de uso dos moradores realizado por nossa equipe de pesquisa e pela própria comunidade.

Foram utilizadas e discutidas algumas noções e alguns conceitos que procuram integrar o material de campo. A primeira discussão é uma análise crítica sobre mapas em geral e sobre os mapas dos moradores em particular. Qual a natureza desses objetos gráficos e o que eles nos informam é uma pergunta básica. A outra questão importante, decorrente dessa primeira, trata da possibilidade de uma abordagem antropológica da experiência espacial que parta do ponto de vista do sujeito que experiencia o espaço. Essa abordagem parte de autores como Bateson, Ingold e Uexküll, e também naquilo que argumento ser o ponto de vista dos moradores do rio Bagé sobre o espaço em que vivem. Há decorrências importantes desse tipo de abordagem que apontam para as fronteiras entre a razão e o sensível e entre o sujeito e o universo que ele habita.

Abstract

This work is about perceptions, uses and ideas related to space among the habitants of the Bagé River, located in the Extractive Reserve of the Upper Juruá River, in the West region of Acre, a Brazilian state. The research is mainly based in (1) an ethnography founded on visits to the habitants of the Bagé River, through eleven years of two months trips, totalizing more than one year of living together; (2) the material produced in the last two visits, between 2004 and 2006, made by an equip whose members were two native friends and me , one of them native of the Bagé River basin, from this trips, Each one of us wrote a different and independent field diary; (3) maps in different scales produced by the habitants; (4) georeferencing of used spaces produced by our research team and by the local community.

Notions and concepts that try to integrate field material were used and discussed here. The first discussion is a critical analysis of maps in general and of the habitants' maps in particular. What this maps and graphics objects could inform us and what is their nature is a basic question. The other important question, due to the first, is the possibility of an anthropological approach of the spatial experience whose start point is the point of view of the subject experiencing space. This approach is based in the works of Bateson, Ingold, Uexküll and also in what I call the point of view of the Bagé habitants about the space where they live. There are important results in this kind of approach that point to the borders between reason and sensitive and between the subject and the habited universe.

Dedicado à memória de minha querida Ximba.

“No instante seguinte, lá estava Alice se enfiando na toca atrás dele, sem nem pensar de que jeito conseguiria sair depois.

Por um trecho, a toca do coelho seguia na horizontal, como um túnel, depois se afundava de repente, tão de repente que Alice não teve um segundo para pensar em parar antes de se ver despencando num poço muito fundo (CARROLL, 2002, p. 11,12).

Alice apanhou o leque e as luvas, e, como fazia muito calor no salão, ficou se abanando sem parar enquanto falava: "Ai, ai! Como tudo está esquisito hoje! E ontem as coisas aconteciam exatamente como de costume. Será que fui trocada durante a noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma coisa quando me levantei esta manhã? Tenho uma ligeira lembrança que me senti um bocadinho diferente. Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: ‘Afinal de contas quem sou eu? Ah, este é o grande enigma!’”
(*ibidem* p.20,21)

Agradecimentos

É muito difícil fazer uma lista das pessoas a agradecer depois de sete anos nos quais eu e esta pesquisa estivemos envolvidos – até porque este tipo de trabalho se mistura com tantas outras dimensões da vida. Agradeço inicialmente por um dia ter dado a tese por encerrada. Na verdade, agradeço a Mauro Almeida que um dia deu a tese por encerrada. Eu não tinha nenhuma convicção sobre isso. Para além desta atitude, não me faltam motivos para agradecer-lhe: por ter tido a oportunidade de conviver com ele desde minha graduação e por ser contagiado com seu brilhantismo e sua criatividade; por ser generoso e compreensivo com seus orientandos nas questões mais difíceis que aparentemente não teriam uma relação direta com escrever uma tese; por orientar os alunos com seu exemplo, e não apenas com discursos, sobre a importância de uma antropologia engajada – sempre no estilo Mauro Almeida, por ter me possibilitado presenciá-lo em campo no Juruá, numa relação com os “nativos” extremamente profunda, ética e humana. “Que história é essa de nativos? Que nativos, cara pálida?”, talvez dissesse ele sobre isso. Cansei de vê-lo fazendo ciência na prática e de altíssimo nível com seringueiros, do mesmo modo simples e brilhante que o vejo fazer com os professores e alunos da universidade. A ele devo meus mais profundos agradecimentos.

Agradeço a meus companheiros de pesquisa de campo, Roxo, Caboré e também Nonato. São irmãos que tenho. A família de meu compadre Roxo é a minha há tempos. Sem eles, como fica óbvio ao longo dos capítulos, esta tese não poderia ser, se quer, pensada. Roxo é um pesquisador maravilhoso. Caboré, um sábio e um excelente professor. Nonato, um grande compadre, guerreiro, botânico e contador de histórias. Meu muito obrigado a todos os moradores do Alto Juruá com quem convivi, que me receberam em suas casas e me trataram da maneira digna e generosa. Espero ainda viver um tempo maior com eles. Cada um, ao seu modo, entendeu minha presença e colaborou com este trabalho. Não é possível citar nomes neste caso, são muitos.

Agradeço à minha querida companheira Bruna Bumachar. Seu amor e sua seriedade no trabalho com as presidiárias são exemplos para mim e me ajudaram a ter novamente clareza de que uma pesquisa acadêmica bem feita pode ser politicamente importante. Seu companheirismo e sua retidão de espírito ajudaram-me a equilibrar a vida e a seguir adiante.

À minha mãe, por estar sempre comigo e ainda ter esta força toda para me segurar. Dona Maria é muito guerreira. À minha Ximba que se foi, minha companheira de muito tempo.

São muitos também os amigos a agradecer. Não é possível lembrar-me de todos. Queria agradecer especialmente a alguns: Sidney Marques, Bigui, Carmem Betiol, Márcio Luiz do Nascimento, Ademar

Martins, Pedro Loli, Laura Santonieri, Cibele Celestino, Júlio Moliani, Rafael Acioli, Afonso Arinos, Mauro Munoz, Chico Caminati, Omar Thomaz, Iracema Dulley, Héctor Guerra, Marta Jardim, São os que vieram à minha cabeça neste momento. Preciso destacar alguns pela proximidade durante estes sete anos e por situações mais cruciais:

A Sidney e Bigui pelo porto seguro bem humorado.

A Carmem pela amizade e pelo carinho.

A Pedro, Márcio e Laura, além da família de Pedro, pela irmandade do quinze para as três.

A Márcio pelo papel de irmão mais velho e pelo compartilhar de um destino comum.

A Pedro por sua fidelidade, seu juízo e sua força de caráter.

A Laura que esteve presente com sua força.

A Chico pelo bom senso e pelo companheirismo na hora de se levantar.

Fundamental também agradecer à comunidade do IFCH. Desde Nilsão, sempre do bem, passando por amigos do Xerox, seu Luíz, Benê e companhia, amigas da limpeza do instituto, colegas alunos, até os professores e professoras. Faço um agradecimento mais que especial ao pessoal da secretaria da pós-graduação, companheiros e amigos nos tempos tumultuados de datacapes. Agradeço-lhes o carinho, a disposição de resolver minhas confusões e, acima de tudo, a amizade em todos estes anos. Meu muito obrigado especialmente a Gil, Cris, Rogério, Neide, Maria Rita, Maria José e Júnior. Não podia deixar de agradecer também ao pessoal do SAP, em especial à Valéria, que me atendeu sempre com muita atenção e cuidado.

Agradecimentos especiais também a Pedro, Bruna e Iracema por lerem o trabalho e ajudarem, em momentos diferentes, com revisões e comentários. Desculpem-me por meus prazos e minhas desorganizações.

Um momento muito importante para mim foi a qualificação. Mauro Almeida, Manuela Carneiro da Cunha e Omar Ribeiro Thomaz, de forma cuidadosa e gentil, ajudaram-me a redirecionar os esforços e me deram três aulas de antropologia. Sou muito grato a eles por este momento. Agradeço também a Manuela e Omar que, além de terem contribuído com meu trabalho em outros momentos, foram generosos em situações importantes de minha caminhada. Agradeço também a vários colegas e amigos da equipe de trabalho do Mauro Almeida, do CERES e de universidades do Norte e Nordeste, que estiveram compartilhando o espaço de trabalho e que sempre enriqueceram minhas perspectivas com relação à pesquisa com suas perguntas, comentários e suas próprias pesquisas. Do “pessoal do Mauro” com quem trabalhei, gostaria de agradecer muito especialmente aos amigos Mariana Pantoja, Eliza Costa e Roberto Rezende. Serei sempre grato a Eliza por ter me levado ao Juruá e ter me orientado.

Mariana abre meus caminhos no Acre. Roberto é o melhor companheiro de viagem e trabalho que alguém pode ter. Junto com Roxo, formamos uma equipe formidável. Roberto e Juruá se deram bem. Finalmente agradeço à FAPESP que apóia meu trabalho desde a iniciação científica.

Sumário

APRESENTAÇÃO	17
Argumento	19
A estrutura da tese: circulações em escalas distintas	21
CAPÍTULO I – MAPAS E MAPEAMENTOS	25
Introdução	25
<i>O que expressam os mapas</i>	25
Mapas e mapeamentos como expressões gráficas de visões de mundo	30
<i>Mapas e Poder</i>	35
<i>Orientação Espacial, Percepção e Mapeamento</i>	38
<i>Escala</i>	46
<i>Conclusões</i>	58
CAPÍTULO II - TRABALHOS DE CAMPO	61
Introdução	61
O Brabo e o Manso	70
Os Brabos e os Mansos das Viagens	73
Pesquisadores Locais	74
Roxo	81
Caboré	85
A viagem	86
<i>Diário de viagem de Antônio Barbosa de Melo, Roxo</i>	92
Diário de viagem de Raimundo Farias Ramos (Caboré)	112
CAPÍTULO III – A CASA	133
Introdução	133
<i>Umwelt ou Mundo-Próprio</i>	135
A casa como vértice de atividades e fluxos	142
O que é um lugar, um endereço?	148

A dieta	150
Cardápio ideal, restrição e abundância	155
Dieta de paulista e dieta de seringueiro	162
Os perigos da carne e da farinha	165
Origem dos alimentos	166
Os caminhos da comida	167
Conclusões: da escala de percepção do espaço de mulheres e crianças	193
CAPÍTULO IV OS ROÇADOS E O PISADO	195
Introdução	195
Os roçados como referências espaciais	198
O mapeamento dos roçados	207
Fortaleza e Boa Vista da União, a aglomeração de famílias e a opção pela agricultura	211
Boca Pimentel e Cotovelo	218
Calendário anual e a rotina no roçado na colocação Olho D'água	222
Conclusões: o pisado	259
CAPÍTULO V MATA E O GIRO DA FLORESTA	263
Introdução	263
No Absoluto	264
Divisão de trabalho relacionado à atividade de caça	273
Grupos de vizinhança	274
Circuito da carne de caça, ou o giro da floresta	283
Panema	298
Considerações Finais: Caipora, Mãe da Seringueira, Patrão e Absoluto	301
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	306

Acrônimos

ANA – Agência Nacional de Águas

ASAREAJ – Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento

CEBEMO - Organização Central de Financiamento de Programas de Desenvolvimento

CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação

CERES – Centro de Estudos Rurais

CIFOR - Center for International Forestry Research

CNPT – Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais

CNS – Conselho Nacional dos Seringueiros

CPI – Acre - Comissão Pró-Índio do Acre

FASE - Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional

FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ISA – Instituto Sócioambiental

PROBIO - Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira

REAJ – Reserva Extrativista do Alto Juruá

RESEX – Reserva(s) Extrativista(s)

SEPHIS – instituto Internacional de História Social

SEPLAN-Acre – Secretaria Estadual de Planejamento - Acre

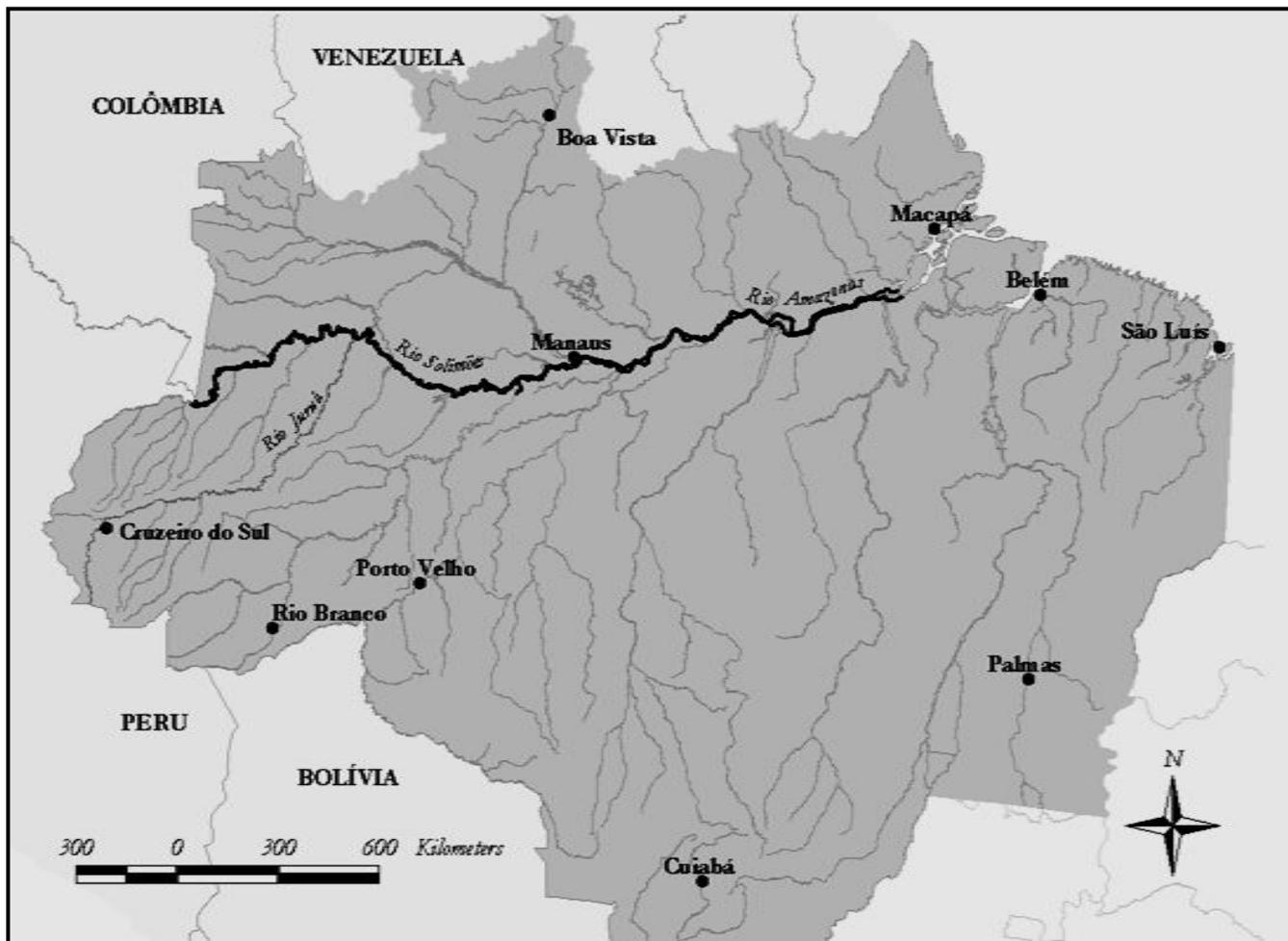
SIG – Sistema de Informação Geográfica

Lista de Mapas

Mapa 1 Localização do rio Juruá na Amazônia Brasileira	11
Mapa 2 Rio Juruá e localização de algumas cidades em sua porção mais alta.....	12
Mapa 3 Alto Juruá no estado do Acre e localização do rio Bagé.	13
Mapa 4 Rio Bagé e seu entorno	14
Mapa 5 Os últimos moradores do Igarapé Pavilhão até o rio Juruá	15
Mapa 6 O Rio Bagé: a escala de 1 para 170.000 com imagem de satélite de fundo	48
Mapa 7 A escala da colocação Laranjal.....	53
Mapa 8 O mesmo mapa anterior de Élson, porém comprimido verticalmente.....	54
Mapa 9 A Bola do Mundo.....	56
Mapa 10 A Terra Vista do Alto	96
Mapa 11 Rio Bagé da casa do Nêgo até a localidade Santa Cruz.....	105
Mapa 12 Comunidade Braço Esquerdo	108
Mapa 13 A Terra Vista do Alto II.....	110
Mapa 14 Moradores e Colocações acima do igarapé Maloca.....	122
Mapa 15 Mapa de Maria Sueli mostrando “onde ela vive”	144
Mapa 16 Casa e seu entorno	145
Mapa 17 Lugar onde vive.	157
Mapa 18 Localidade de Caboré em 2000.....	172
Mapa 19 Residência do Eliodoro	174
Mapa 20 Colocação Pavilhão.....	176
Mapa 21 Onde vive Simone.....	179
Mapa 22 Casas dos moradores mais próximas e os caminhos.....	182
Mapa 23 Colocação Jaminawá.....	186
Mapa 24 Onde vive Maria José Souza da Cunha.....	188

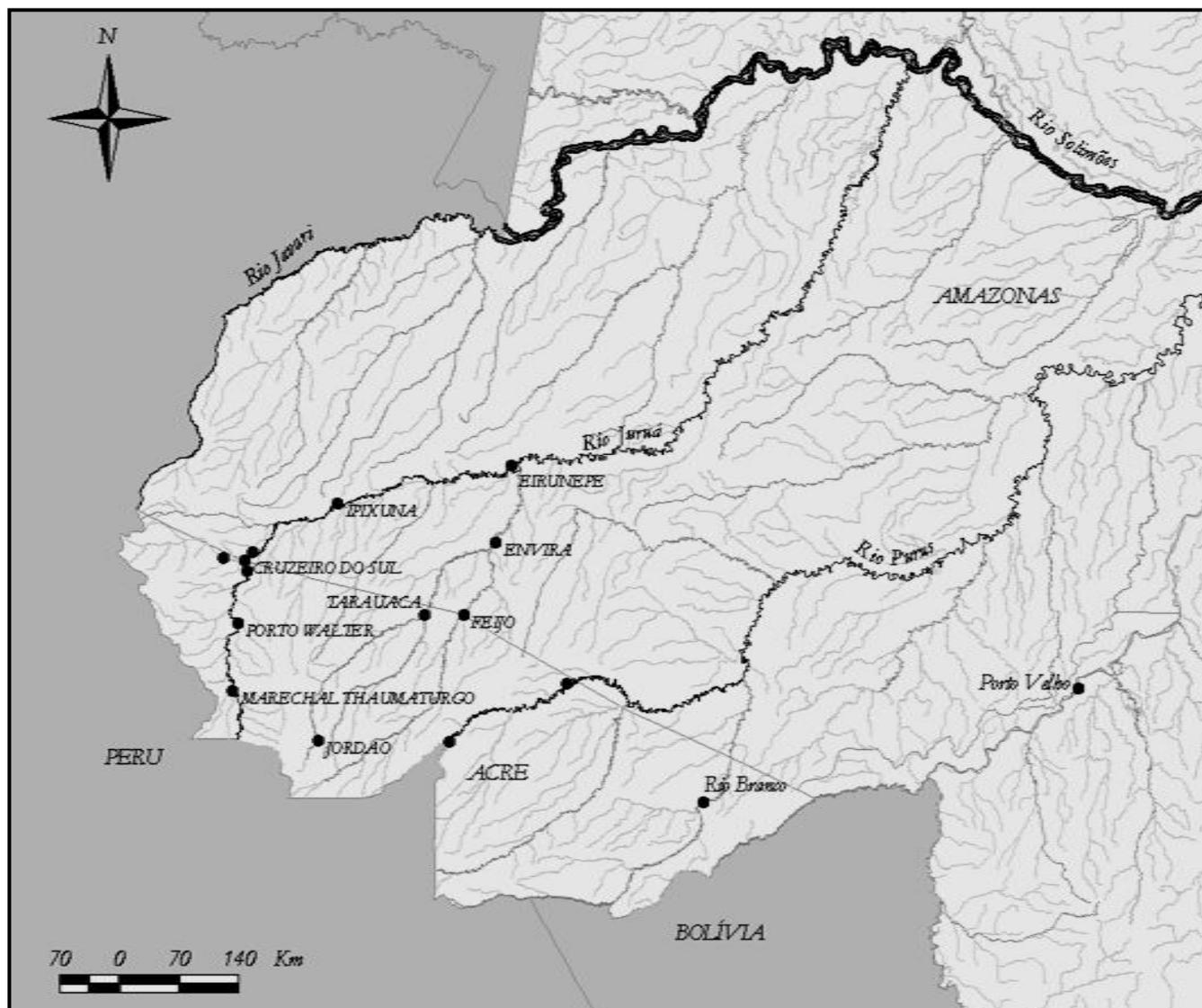
Mapa 25 Braço Esquerdo.....	189
Mapa 26 Pavilhão.....	191
Mapa 27 Casa do Nonatinho da Foz do Bagé.....	203
Mapa 28: Comunidade Remanso.	205
Mapa 29: Roçados em 2004 e 2005 da localidade Talhado, levantados por Antônio Barbosa de Melo e Raimundo Farias Ramos	207
Mapa 30 Roçados com imagem de satélite de fundo.....	208
Mapa 31 Localidades acima do igarapé Maloca, os roçados como referência espacial	210
Mapa 32 Boca do Bagé	213
Mapa 33 Roçados e campos da Boca do Pimentel, 2005.....	219
Mapa 34 Moradores entre Maparajuba e Boca do Pimentel.....	222
Mapa 35 Localização da residência, dos roçados, do porto e do fecho de uma das estradas de seringa da colocação Olho D`água.....	228
Mapa 36 Mapa da Residência do Eliodoro Localidade Olho D`água.....	229
Mapa 37 Mapa das Estradas de Seringa.....	230
Mapa 38 <i>Estrada do Igarapé do Jarina</i>	231
Mapa 39 <i>As melhores áreas de caçada do Rio Bagé estão destacadas pelos círculos vermelhos</i>	268
Mapa 40 Terra do Divisor das Águas	272
Mapa 41 Morsadores do rio Bagé.....	276
Mapa 42 Caçada na Bélgica.....	288
Mapa 43 Matas do Bagé e da Bélgica.....	289
 Lista de Imagens	
Imagem 1 Trecho do rio Juruá entre a Boca do Rio Amônia e a Boca do Rio Tejo.....	45
Imagem 2 A região do rio Bagé “do ponto de vista do Google Earth”.....	89
Imagem 3 A casa como vértice.....	143

Mapa 1 Localização do rio Juruá na Amazônia Brasileira¹

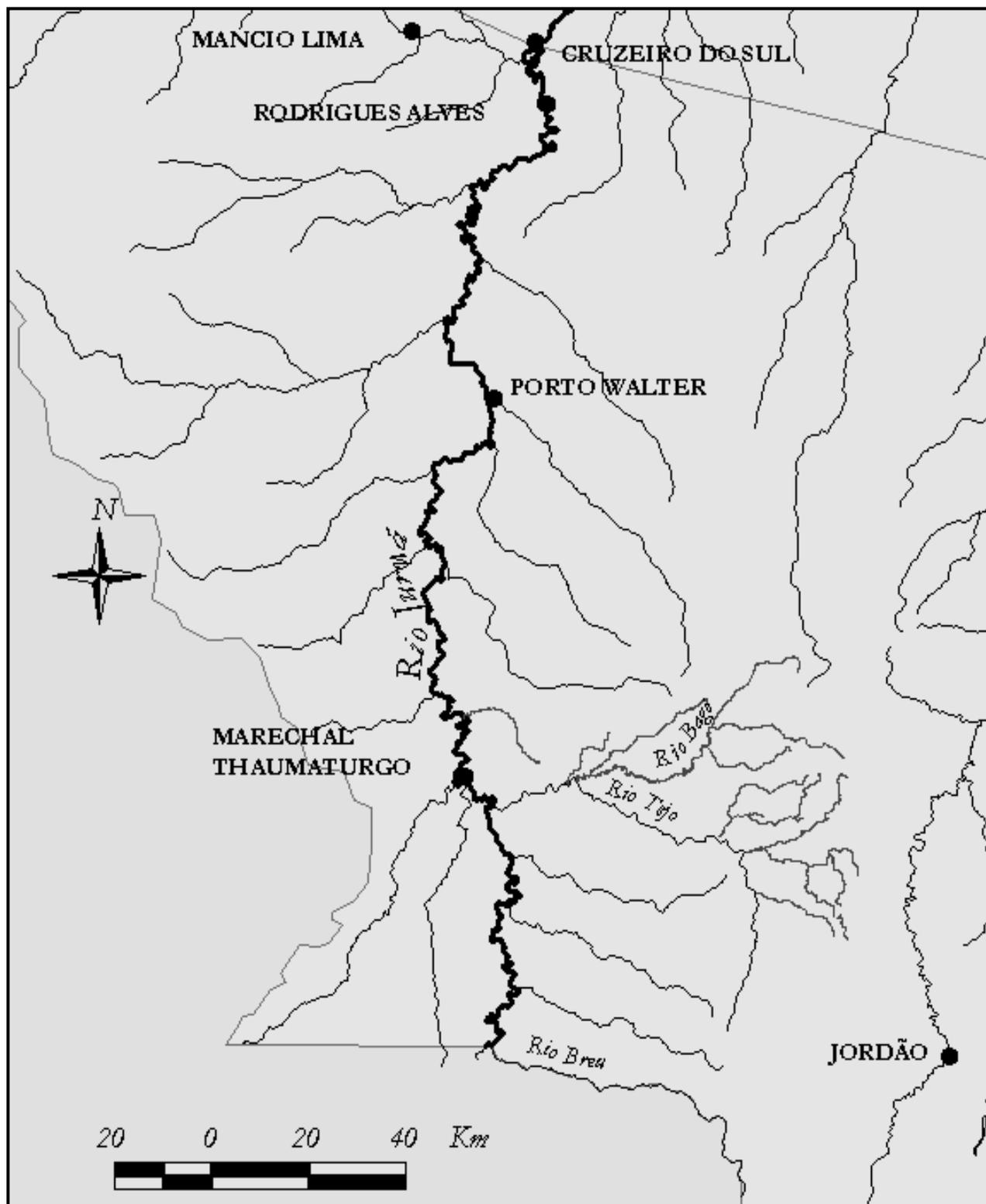


¹ Os mapas de 1 a 4 foram elaborados por mim para a tese utilizando o programa de Sistema de Informações Geográficas ArcView. Utilizei diversas bases cartográficas eletrônicas georeferenciadas sobre as quais tratarei mais detidamente ao longo do trabalho. Nesses mapas, especificamente, utilizei bases públicas do IBGE (Instituto brasileiro de Geografia e Estatística) – disponíveis em http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/default_prod.shtm, PROBIO (Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira) - disponíveis em <http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=14&idConteudo=743&idMenu=356> e ANA (Agência Nacional de Águas)-disponíveis em <http://www.ana.gov.br/bibliotecavirtual/solicitacaoBaseDados.asp>.

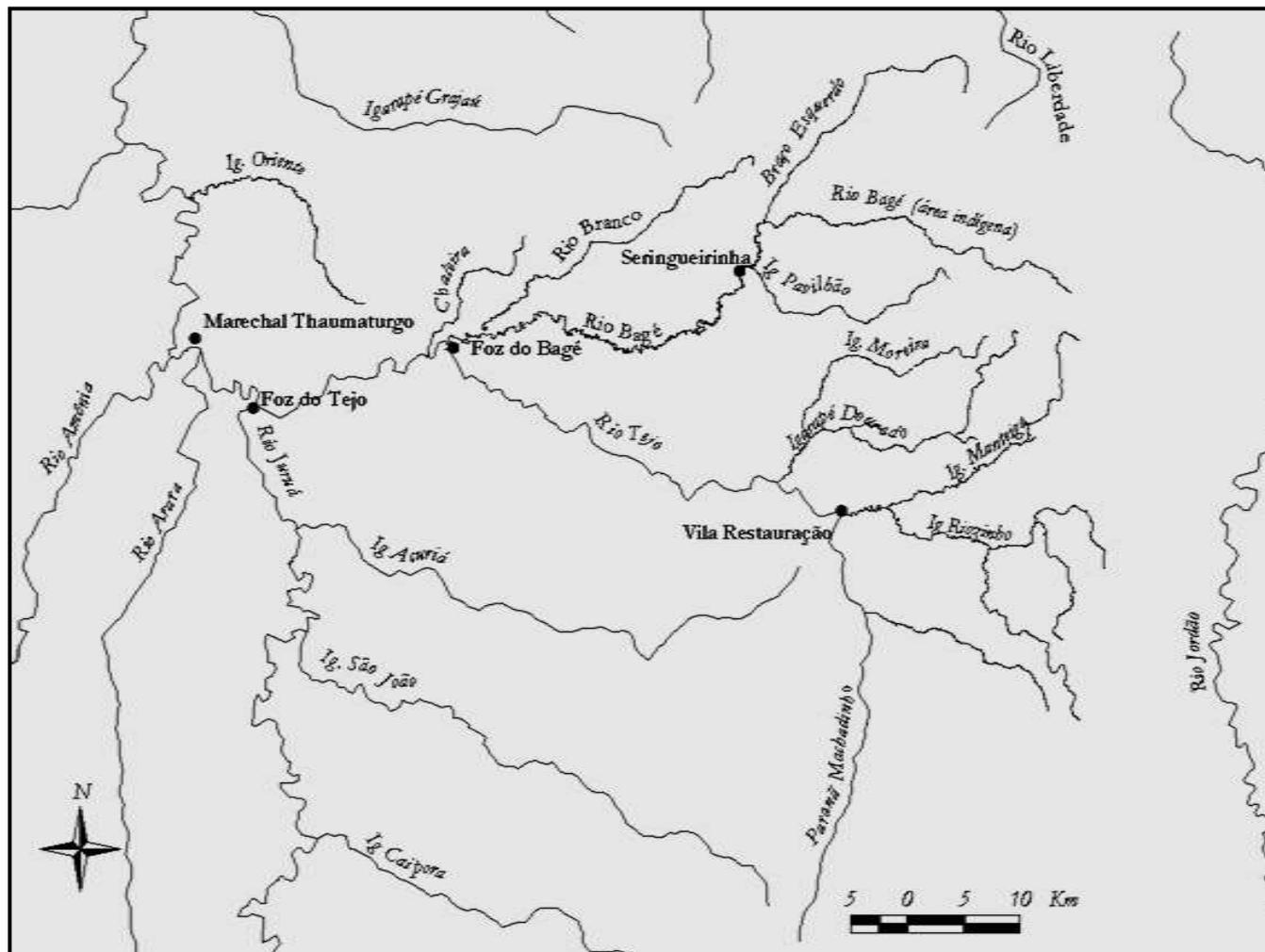
Mapa 2 Rio Juruá e localização de algumas cidades em sua porção mais alta.



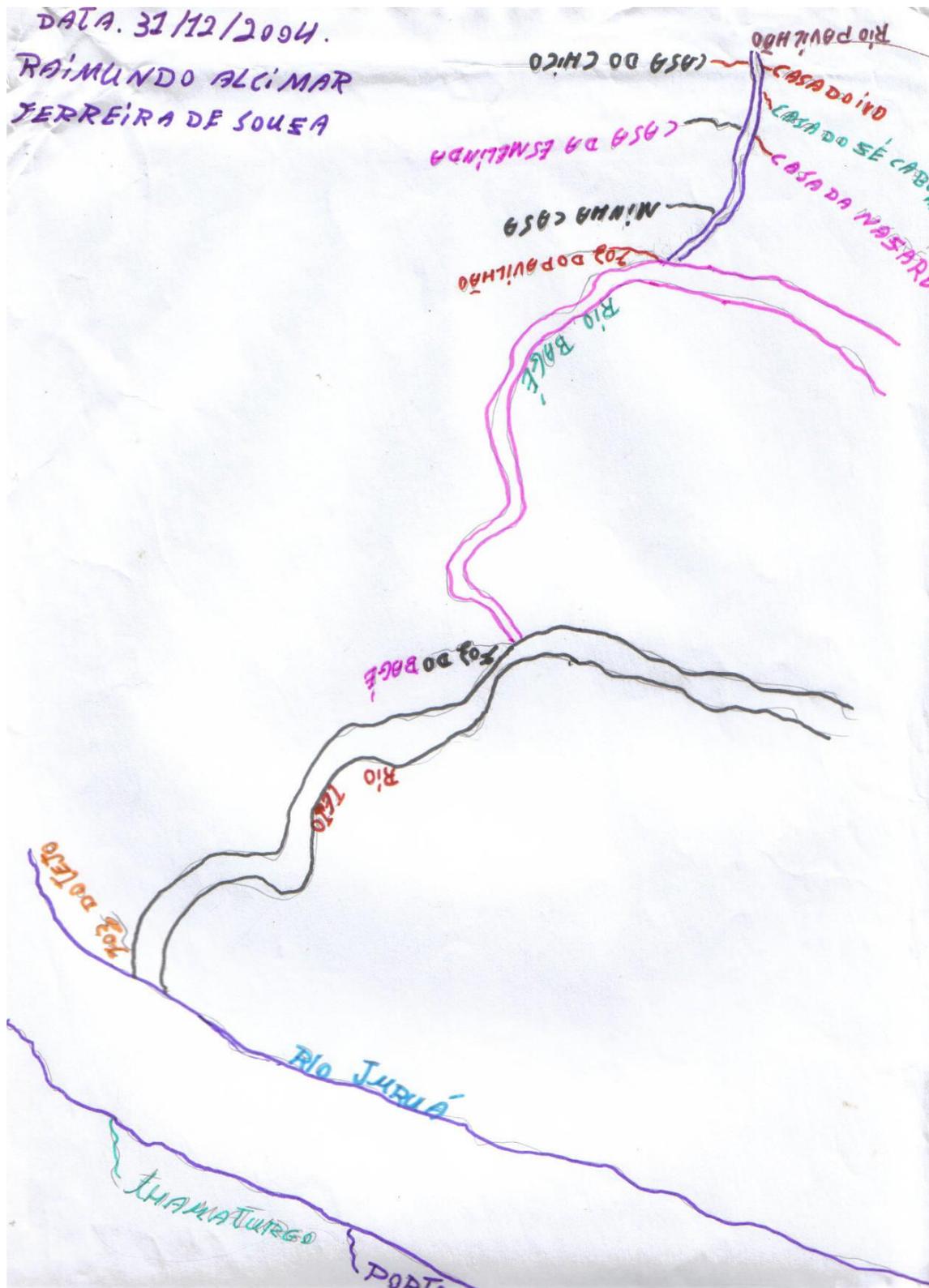
Mapa 3 Alto Juruá no estado do Acre e localização do rio Bagé.



Mapa 4 Rio Bagé e seu entorno



Mapa 5 Os últimos moradores do Igarapé Pavilhão até o rio Juruá



(Raimundo Alcimar Pereira de Souza, 31/12/2004)

APRESENTAÇÃO

“Contemplem as mãos. Não é possível fazê-lo neste lugar público tão inquieto. Recomendo levar suas mãos para casa e observá-las com cuidado quando estão ali, com muita calma, como parte de uma meditação. E tratem de captar a diferença entre ver a mão considerada como base de cinco partes e vê-la como algo constituído por um emaranhado de relações. Não tanto como um emaranhado, mas o padrão de relações entrelaçadas que foi o fator determinante de seu crescimento. E se vocês puderem ver realmente a mão do ponto de vista epistemológico que estou propondo, creio que comprovarão que essa mão é muito mais bela como produto de relações do que como composição de partes que se podem contar”. (BATESON, 2006).

Este trabalho trata de práticas, percepções e conceitos relacionados ao espaço entre os moradores das florestas e águas da bacia do rio Bagé, localizado a oeste do estado brasileiro do Acre, dentro dos limites da Reserva Extrativista do Alto Juruá. As cerca de cem famílias que se encontram nessa região são descendentes de migrantes nordestinos que foram trabalhar nos seringais da região a partir do final do século XIX, e de componentes das diversas etnias indígenas que sobreviveram à ocupação associada à economia da borracha e constituíram famílias junto com os migrantes nordestinos.

A abordagem antropológica do trabalho baseou-se em várias viagens a campo realizadas desde 1998 à região e, principalmente, nas duas últimas, realizadas como parte das atividades de doutorado, nas quais realizei pesquisa de campo em parceria com dois amigos moradores da região. Nas últimas viagens a campo, realizadas em 2005 e 2006, o material de campo que acumulei incluiu, além de minhas próprias observações e diários de campo, os diários de campo de meus dois companheiros de trabalho, um conjunto de mapas desenhados por diversos moradores, e um levantamento georeferenciado da região, também realizado com essa equipe.

Essas especificidades do campo e do material conferiram ao trabalho final certas particularidades. Com o trabalho em equipe envolvendo dois “nativos” na “observação participante” tanto nas viagens pela floresta como nas viagens para trabalhos de campo na terra do antropólogo convertendo o antropólogo em nativo e o nativo em antropólogo, procurei explorar com outra profundidade, ou pelo menos de um modo diferente do habitual, as concepções nativas sobre o espaço. Em uma mesma pesquisa de campo, percorrendo juntos o mesmo trajeto, quais seriam as ênfases de cada um dos três diários de campo?

Como cada um dos três marcava diferentemente o mesmo trajeto ao longo de nossa visita às famílias do rio Bagé?

Outra particularidade do trabalho de campo, esta mais usual, é que solicitamos a um número razoável de moradores de todas as faixas etárias que desenhassem mapas em diversas escalas de forma livre, de acordo com sua vontade e seus conhecimentos. Além de apontar para os elementos espaciais do universo dessas pessoas e para as escalas em que desenvolvem a sua vida, tais mapas também apontam para modos de ordenar e compreender as relações dadas no universo. Com esse conjunto cartográfico procurei explorar as especificidades da espacialidade local, tanto do ponto de vista das referências e categorias espaciais locais, quanto do ponto de vista cosmológico, que diz respeito à dinâmica das relações comportadas no universo dessas pessoas. Além disso, os levantamentos feitos com o GPS, em colaboração com a comunidade e com meus dois companheiros de pesquisa, permitiram visualizar em termos de dimensões e distâncias a morfologia social, ou seja, permitiram materializá-la segundo minhas próprias referências espaciais. Ao mesmo tempo contribuíram para que os moradores reformulassem hipóteses sobre o espaço mais amplo, que fica além de sua possibilidade de experiência direta.

Gostaria que, ao final deste trabalho, uma idéia ficasse clara a todos os seus leitores. Mas como não há certeza disso, deixo desde logo transparecer que o foco na espacialidade, e principalmente nas representações gráficas dos moradores sobre o lugar onde vivem, e até sobre aqueles em que não vivem, mas imaginam, é um subterfúgio para não tratar diretamente do tema tão usual entre nós, e tão desgastado, da relação entre sociedade e natureza, ou entre natureza e cultura. Não somente porque está desgastado, mas principalmente porque não acredito nele. Deixe-me explicar melhor: não acredito que essa distinção faça o menor sentido para as pessoas com quem trabalhei no rio Bagé. E ela não diria respeito convenientemente ao modo como eles se relacionam com seus rios e suas florestas. Eles não representam qualquer natureza, não compartilham conosco a idéia de ambiente, não compartilham conosco a idéia de uma natureza que não os inclua, ou melhor, de um universo que não inclua todos e suas relações: homens, animais, rios, mercado, mata e aviões. Pensam sobre o mundo, obviamente, mas pensá-lo não implica compartimentá-lo em elementos; implica, antes, comparar relações. Espero que minha exposição sobre essa espacialidade indique isso ao menos um pouco.

Argumento

“Representação do mundo” e “construção social do espaço” estão entre as noções utilizadas com certa frequência na antropologia para tratar das relações entre organismo (no caso, sujeitos humanos) e seu respectivo ambiente. Firmadas, sobretudo, e de diferentes maneiras, na já exaustivamente explorada dicotomia entre natureza e cultura, tais noções apareceram em diferentes trabalhos antropológicos com diferentes ênfases². Via de regra, essas noções estão amparadas no pressuposto de um ser abstrato, um sujeito do conhecimento capaz de, em seu distanciamento da natureza que o cerca, moldar seu universo ou, pelo menos, povoá-lo de representações. Aqui procuro me aproximar da morfologia social e da espacialidade nativa seguindo outra abordagem, já praticada por alguns antropólogos, onde o sujeito é parte constitutiva e constituinte do ambiente que o cerca, enfatizando, nesse movimento, as categorias locais e a experiência sensível do espaço. Por um lado, esse tipo de abordagem fundamenta-se em minha percepção em campo de conceitos locais e, por outro, segue algumas pistas de antropólogos como Tim Ingold (2000), Eduardo Kohn (2002) e Gregory Bateson, mas também procura dialogar com diversas das idéias e questões de Mauro Almeida, além de buscar inspirações e imagens na obra de um biólogo do início do século XX, Jakob Von Uexküll.

Minha argumentação principal sugere que, também do ponto de vista dos moradores da bacia do Rio Bagé com os quais trabalhei, organismo e ambiente não produzem uma dicotomia, mas antes um processo de elaboração histórica recíproca. Para os moradores do rio Bagé, procuro demonstrar, o espaço é essencialmente uma interação, assim como o sujeito (humano ou não) que por ele se desloca. Essa marca local pode ser observada tanto na análise da morfologia social, nas referências espaciais e de orientação, quanto nas representações gráficas produzidas pelos moradores.

No entanto, embora seja possível, com esse tipo de abordagem, se afastar da arriscada naturalização das noções de natureza e cultura, por outro lado corre-se o risco de postular, mesmo que não deliberadamente, um sujeito não reflexivo, isto é, um sujeito incapaz de abstrair e potencializar a experiência, ou seja, um sujeito cuja espacialidade, cujas idéias que também a compõem e mesmo seu modo de percepção, sejam reduzidos ao que se convencionou chamar de universo dos sentidos. Aqui

² Balanços e reflexões sobre as abordagens antropológicas que passam por essa temática podem ser encontradas nos trabalhos de Viveiros de Castro (1996), Ingold (1997 e 2000) e Velho (2001). Otávio Velho aponta, no trabalho citado, para a “constituição de um novo paradigma ecológico” em que: “ecologia — e com ela o *holismo* — é na verdade uma referência chave desde Bateson. Faz parte da discussão de outra polaridade, entre sujeito e objeto. Com a ajuda da vertente fenomenológica de Merleau-Ponty (e das noções de ser e habitar o mundo), a ecologia de fato parece propícia para um deslocamento do sujeito cartesiano e, com ele, da série de oposições que inclui aquela entre natureza e cultura. Ingold chega a falar em um novo “paradigma ecológico”. Ecos de Espinosa, além de Heidegger”.

procuro argumentar, ao contrário, que embora o enfoque esteja posto na percepção local do espaço e na indissolubilidade entre o sujeito e seu ambiente, penso que a abstração de idéias acerca do espaço não é incompatível com o foco que coloco na experiência. Em outras palavras, os dados da experiência não restringem ou determinam as concepções locais ao espaço diretamente experimentado; ao contrário, não há dado da experiência em si, e o universo espacial que está além da experiência direta do sujeito é imaginado por meio de analogias e deduções originadas na experiência local.

Com relação à organização do texto, procurei fazer com que a ordem e distinção entre os assuntos de cada capítulo perseguisse a lógica local de experimentação do espaço e se utilizasse freqüentemente de imagens oriundas também de outras áreas. Determinadas imagens, como os mapas, mas não somente eles, sintetizam sistemas e organizações. Analogias entre imagens de diversas procedências com as imagens, mapas e categorias locais pareceram-me mais adequadas para uma abordagem que não procurasse isolar elementos do que a comparação com conceitos ou categorias isoladas. Algumas imagens, da botânica e mesmo da filosofia e da neurociência, encontram ressonância na experiência e nos conceitos locais associados ao espaço e perpassam as mais diferentes escalas do mundo nativo, inclusive nos mapas produzidos pelas pessoas.

Historicamente, a experiência dos seringueiros e seus descendentes no rio Bagé com relação ao espaço é marcada por trajetos no interior da floresta. Estes são constituídos pelas estradas de seringa; pelos caminhos entre as residências; pelos trajetos nas matas de caça; pelo trânsito de mercadorias, informações, pessoas e borracha pelos rios; pelo isolamento físico entre as famílias tendo a floresta como obstáculo; pela sucessão de intervenções na mata bruta e nas capoeiras para constituição dos roçados; pela falta de horizontes (em termos de paisagens); e pela distância em relação ao mundo urbano e ao mercado mais amplo, percorrida nas calhas dos principais rios.

A repetição dessas imagens, em diferentes escalas, conduziu a um formato pouco usual de estruturação do trabalho. A seqüência dos capítulos e sua organização interna procuram conduzir a um afastamento gradativo da escala mínima, a residência, até uma escala máxima em que todo o universo, segundo o enfoque local, pode ser visualizado. Para mim essas imagens são tanto, e ao mesmo tempo, estruturas concretas, possíveis de serem observadas e mesmo percorridas, quanto estruturas mentais que, de meu ponto de vista, organizam o mundo do ponto de vista local. Alguns conceitos ou noções locais como, por exemplo, “tudo no mundo tem um criador e um dono”, ou “tudo tem do manso e do brabo”, assim como as estruturas classificatórias de seres, locais e objetos do universo cosmológico local, encontram, não por acaso, analogia e similaridade com imagens constantes e repetitivas da percepção espacial.

Frente à abordagem que propus e às conclusões a que cheguei sobre a espacialidade local, não seria possível tratar do espaço como uma descrição de elementos fixos mapeáveis, mas somente por meio da história de trajetórias, de seres, de coisas e de informações. O ambiente não é um dado a priori, mas é entendido, percebido e praticado como um conjunto de relações desenvolvidas no tempo. Diante disso, os capítulos referem-se não somente a uma alteração de escalas, mas a uma descrição de circuitos estabelecidos por relações. Assim, por exemplo, ao tratar da escala mínima da vida social, não tratamos da casa em si, do ponto mapeável “residência”, mas de um vértice para o qual confluem determinadas relações e trajetos. Nesse sentido, uma casa pode localizar-se fisicamente mesmo fora da bacia do rio Bagé, mas os roçados, a caça, as relações de parentesco, aliança e vizinhança ali produzidas e realizadas convergem para uma residência na cidade próxima de Marechal Thaumaturgo.

A estrutura da tese: circulações em escalas distintas

Procurei, portanto, organizar a estrutura geral da tese em torno das seguintes idéias: (1) a seqüência dos capítulos, a partir do segundo, corresponde a uma alteração gradativa de escala, (2) cada escala abrange não necessariamente um espaço físico contínuo, mas, sobretudo, um determinado conjunto de relações, (3) conjuntos de relações, portanto, definem fronteiras, (4) essas relações se materializam na circulação de objetos, sujeitos e informações.

No primeiro capítulo discuto em primeiro lugar a idéia do mapa e do ato de mapear. Acentuo que esses objetos gráficos são fruto de um tempo e de uma determinada sociedade. Nesse sentido, são obrigatoriamente imbuídos de referências particulares a respeito do espaço e do mundo que pretende representar (ou revelar), e, por isso, expressam uma visão de mundo mais do que um espaço físico absoluto. Além disso, tento examinar os desenhos dos moradores e seu conteúdo. Uma pergunta importante é: o que são esses desenhos dos moradores?

O capítulo II volta-se inteiramente para a descrição do trabalho de campo. Trata não só do trabalho de campo feito por mim, mas do trabalho de pesquisa em equipe que fiz com dois amigos nascidos e criados nos seringais. Há uma discussão preliminar sobre a experiência de campo e sobre os deslocamentos envolvidos em uma viagem de pesquisa como essa e as conseqüências dessa atividade no ponto de vista dos viajantes. O objetivo é colocar em discussão as implicações teóricas desse formato de pesquisa. Os materiais em que está baseado são meus diários de campo e também os diários de campo de meus companheiros de pesquisa do Rio Bagé, Caboré e Roxo. Boa parte do capítulo consiste em transcrições destes diários, intercalados de comentários meus.

O Capítulo III trata da descrição de uma escala da espacialidade local, sua morfologia e idéias associadas a ela. Nos capítulos subsequentes nos afastamos cada vez mais dessa escala, como em um vôo ascendente, até chegarmos ao último capítulo, onde a espacialidade é abordada na escala máxima. Nesse capítulo é descrito o espaço compreendido pelo fluxo de circulação dos alimentos, delineando as fronteiras entre casa e terreiro, casa e roçado, casa e mata, casa e mercado, casa e casa de farinha e casa e vizinho. Também trato das relações entre subdivisões internas da residência: cozinha e sala, jirau, a mesa, etc. Nesse capítulo utilizo principalmente mapas desenhados por mulheres e crianças cujas referências principais estão no interior dessas fronteiras e nessa escala mínima.

O capítulo IV continua a utilizar a circulação de alimentos e as diversas relações aí envolvidas, que começaram a ser tratadas no Capítulo III, para tratar agora do espaço do roçado. Contudo, como veremos, o roçado e a casa de farinha, segundo esse ponto de vista, configuram uma espécie de continuidade entre a casa e o terreiro. Além disso, os roçados possuem uma característica peculiar e importante para fins de compreensão de uma espacialidade local. Possuem uma variação de localização importante ao longo dos anos e são, no tempo de mais de um ano, áreas de disputa entre os moradores e a floresta, entre o *pisado* e o *absoluto*. Em si, tomados no sentido desse par de categorias locais, os roçados apontam para uma importante noção da experiência espacial local, segundo a qual os espaços são transmudados e disputados continuamente na fronteira entre o pisado e o absoluto. Há que manter o espaço, as alterações de sua natureza, de brabo para manso, de pisado para absoluto, que não são permanentes, mas continuamente negociadas. Os roçados são amansamentos anuais da mata, que, ao encapoeirar, retomam sua natureza primeira, retornando ao seu dono primeiro. O capítulo baseia-se em parte em minuciosos levantamentos sobre roçados, georreferenciados, acompanhados de mapas de diversas localidades do Rio Bagé, e em entrevistas sobre as histórias de cada roçado da área. Para esse levantamento, a participação de meus companheiros de campo Roxo e Caboré foi essencial.

No quinto capítulo atravessamos a primeira grande fronteira. Entre esses universos circulam, mediante a observação de regras bem definidas, a carne da caça. Nesse capítulo descrevemos as relações que incluem, nessa escala mais ampla, a casa, os vizinhos e a mata. Descrevo as relações que incluem, numa escala mais ampla que a do anterior, a casa em conexão com a *mata* e com os *vizinhos*. O capítulo está baseado na etnografia minuciosa de relações de *vizinhança*, na etnografia de situações de *panema* e de *enrasco*, bem como de *caçadas*, e em numerosas histórias de caçada. Como em outros capítulos, utilizamo-nos de mapas de caçada, tanto aqueles feitos pelos caçadores à mão livre, como aqueles feitos com auxílio de GPS.

Nesse último capítulo ressalto uma categoria fundante, a meu ver, da espacialidade local, que já foi tratada em capítulos anteriores e em outros trabalhos, que é a noção local associada ao termo *ciência*. Ciência refere-se em alguma medida a um saber fisicamente localizável. Entre fronteiras, portanto, os saberes são variáveis. Uma ciência, nesse sentido, não designa um conhecimento qualquer, mas, sobretudo as regras que devem ser conhecidas para transitar em cada mundo. Aproxima-se mais corretamente da idéia de conhecimentos de conduta. É importante destacar esse ponto, pois ele é central na tese. Uma ciência não se restringe à saberes e técnicas, mas inclui necessariamente uma espécie de possibilidade de trânsito entre mundos e só é adquirido na experiência de deslocamento. *Brabos e mansos*, categorias locais, indicam experiências e aquisição de conhecimentos em mundos distintos. É onde encerramos o trabalho.

Cabe notar ainda que utilizamos uma legenda geral para mapas, tanto produzidos utilizando as técnicas e convenções da disciplina cartográfica ocidental quanto os feitos pelos moradores do rio Bagé.

CAPÍTULO I – MAPAS E MAPEAMENTOS

Introdução

Entre os materiais utilizados com recorrência nesse trabalho estão desenhos feitos à mão livre pelos moradores, relacionados ao lugar onde vivem, e desenhos feitos a partir de dados geo-referenciados - coletados por mim, meus colegas de pesquisa de campo e os moradores do rio Bagé utilizando aparelho receptor GPS e elaborados por meio de programas de computador. Em princípio eu mesmo denominava ambos os desenhos “mapas”; contudo, percebi que eram objetos gráficos de naturezas bem distintas, e que explorar as próprias diferenças entre eles traria reflexões importantes para o trabalho em dois sentidos principais. O primeiro seria discutir minimamente, de uma perspectiva antropológica, o termo mapa e seus significados possíveis e mais usuais; o segundo, tratar da natureza dos materiais com os quais estou trabalhando e atentar para o que podem informar sobre as percepções, usos e concepções do espaço entre os moradores do rio Bagé.

Não se tratava, portanto, de uma questão semântica – qual seria o melhor termo para denominar tais objetos gráficos–, mas antes de explorar sua natureza, suas particularidades, características e formas de elaboração para compreender a relação destes com a vida e o universo dos moradores do rio Bagé, isso sim objeto de minha reflexão.

O que desenharam os moradores? Uma representação do espaço onde vivem? O espaço onde vivem? Mapas mentais? Os desenhos dos moradores sobre o local onde vivem correspondem, em alguma medida, aos mapas produzidos pelos cartógrafos? Essas primeiras questões levam a outras que as antecedem: o quê são os mapas segundo as definições mais elementares da disciplina cartográfica ocidental, ou o que corriqueiramente consideramos mapas? Como podemos interpretá-los? E os outros objetos gráficos que utilizamos, feitos com a ajuda de programas de computadores e aparelhos GPS, o que dizem sobre o lugar onde vivem meus “nativos” e sobre sua relação com o espaço? Surgiram questões ainda mais complicadas: qual o uso que estou fazendo do próprio termo “espaço”?

O que expressam os mapas

Em algumas sociedades a elaboração de mapas se tornou uma atividade de especialistas, num processo que guarda semelhanças com a história da invenção e utilização da linguagem escrita (Weber, 1971). No Ocidente, principalmente a partir das grandes navegações e do Iluminismo, tornou-se, além disso,

uma disciplina científica. Científica e com uma abordagem positivista que, diferentemente de outros campos do conhecimento, resistiu e resiste na atualidade como majoritária (Girardi, 2008; Harley, 1989). Ainda está presente no senso comum o significado oriundo desse tipo de abordagem, a abordagem dos cartógrafos, segundo a qual o termo mapa é utilizado para designar representações gráficas do espaço físico. Além disso, ainda como eco da disciplina cartográfica, é frequente a idéia de que o “mapa” e os objetos que ele representa “incorporam uma inquestionável forma “científica” ou “objetiva” de construção do conhecimento”, que é ainda mais ressaltada com o advento das técnicas de geo-referenciamento e geoprocessamento digitais (Harley, 1989).

A definição de cartografia presente nos dicionários da disciplina corrobora essa perspectiva: a cartografia seria um misto de ciência e arte cujo objetivo principal é representar a superfície da Terra de maneira tão precisa quanto possível. Em outras palavras, os mapas e cartas produzidos por especialistas formados nessa disciplina pretendem estabelecer relações claras entre o universo físico representado e a representação, principalmente no que diz respeito à observação das proporções, das direções e localização dos objetos graficamente representados (Oliveira, 1980)³. Para atingir tal objetivo, os mapas e cartas são produzidos segundo técnicas que foram sendo desenvolvidas ao longo da história da disciplina. Por fim, e complementando essas definições atuais presentes na disciplina, cartas e mapas são instrumentos de precisão utilizados para atuar sobre a superfície terrestre. De fato, no cotidiano, os profissionais da cartografia são contratados para produzir mapas para: auxiliar e registrar a demarcação de propriedades; registrar fronteiras; estabelecer direitos sobre territórios; subsidiar a elaboração de projetos de diversas naturezas; e para as mais variadas maneiras de planejar ações e usos do espaço e de seus elementos. Nesse mesmo contexto de produção, é necessário que os mapas sejam precisos o suficiente para possibilitar o cálculo de áreas, de distâncias, e para permitir a localização de elementos e objetos.

Essas definições e observações quanto à natureza, às propriedades e aos usos dos mapas dizem respeito ao atual momento histórico da disciplina, e mesmo assim de maneira bem generalizante e simplificada.

³ Mesmo com a certeza de estar generalizando e simplificando uma discussão conceitual, cara a todo um ramo da ciência, utilizo aqui as definições expressas no “Dicionário Cartográfico” (Oliveira, 1980) para apresentar os conceitos cartográficos de mapa e carta. Um mapa é definido como sendo “uma representação gráfica, em geral uma superfície plana e numa determinada escala, com a representação dos acidentes físicos e culturais da superfície da Terra, ou de um planeta ou satélite. As posições dos acidentes devem ser precisas, de acordo, geralmente, com um sistema de coordenadas. Serve igualmente para denominar parte ou toda a superfície da esfera celeste.” Já uma carta seria “uma representação dos aspectos naturais e artificiais da Terra, destinada a fins práticos da atividade humana, principalmente a avaliação precisa das distâncias, direções e a localização geográfica de pontos, áreas e detalhes; representação plana, geralmente em média ou grande escala, de uma superfície da Terra, subdividida em folhas, de forma sistemática, obedecendo um plano nacional ou internacional. Nome tradicionalmente empregado na designação do documento cartográfico de âmbito naval. É empregado no Brasil também como sinônimo de mapa em muitos casos”.

Em outros momentos da história da própria disciplina cartográfica ocidental, os mapas foram elaborados segundo outras concepções e técnicas. Por exemplo, ao contrário dos mapas atuais, em que as posições dos acidentes devem ser precisas, de acordo, geralmente, com um sistema de coordenadas,(Oliveira, 1980) mapas produzidos pelos cartógrafos na Europa do chamado período medieval não utilizavam sistemas de coordenadas para a localização dos elementos representados. O sistema de coordenadas geográficas dos mapas modernos é uma invenção relativamente recente, associada às concepções cartesianas e econômicas sobre o espaço físico, à necessidade crescente na sociedade ocidental de mensurar o espaço, dividi-lo e torná-lo propriedade passível de negociação. Assim, ao observar a própria história da cartografia ocidental enquanto disciplina e seus objetos cartográficos em diferentes regiões e períodos, percebemos que os mapas expressaram, e continuam a expressar, mais do que descrições gráficas precisas da superfície terrestre. A própria pretensão de descrição gráfica precisa da superfície terrestre pode ser questionada; mas acima de tudo, e ignoradas as próprias limitações do material com o qual os mapas são produzidos e a habilidade do autor, os mapas, suas formas e conteúdos, são escolhas, conscientes ou não, de seus autores, que se encontram imersos em um determinado contexto histórico e social. Fundamentalmente, os mapas expressam modos de conhecimento, concepção, experimentação e apropriação do espaço.

No caso dos profissionais da cartografia contemporânea, suas técnicas são contratadas muitas vezes para responder a interesses daqueles que encomendam os mapas e podem pagar por eles. Alfredo Wagner Berno de Almeida (1995) destaca a utilização dos mapas como artefatos gráficos de exercício de poder sobre territórios. Mark Monmonier (1996), em um trabalho com o título sugestivo “How to lie with maps”, mostra como, mesmo utilizando rigorosamente as técnicas cartográficas, os mapas podem ser e, de fato são, elaborados/manipulados de modo a defender interesses específicos. Com interesses mais ou menos evidentes nos mapas, portanto, a disciplina cartográfica pode afirmar um desejo de precisão, mas não negar o caráter interessado de suas produções. A orientação clássica dos planisférios do planeta Terra, com o norte na parte de cima e o sul na parte de baixo da folha, é um exemplo fácil e evidente das convenções não exatamente arbitrárias adotadas pela disciplina cartográfica. Além da convenção relativa à orientação do desenho na folha, as proporções presentes nas projeções da cartografia também revelam algo, ou muita coisa, sobre a ordem das coisas no mundo, no mundo do qual fazem parte os cartógrafos. Um planisfério ou mapa-mundi é, como o próprio nome revela, uma tentativa de representar no plano de um papel a superfície da Terra. Essa operação pode ser feita de diversas maneiras, que correspondem às diversas projeções terrestres. São procedimentos geométricos e matemáticos por meio dos quais se procura garantir a relação entre a superfície terrestre e sua

projeção em um plano. Embora por meio das projeções e do conhecimento do seu modo de construção teoricamente seja possível calcular as dimensões no universo físico de elementos representados – tais como áreas de países e continentes –, a visualização dessas dimensões encontra-se distorcida quando olhamos para um planisfério. Nos planisférios mais comuns, os países situados nas maiores latitudes são amplificados, enquanto os países e continentes situados mais próximos da linha do equador possuem uma área mais diretamente proporcional às dimensões da área desses países e continentes considerando-se apenas a superfície relativa à altitude da linha do mar.

Se considerado o ponto de vista estritamente prático, essa convenção é escolhida de forma arbitrária em um conjunto praticamente infinito de possibilidades. Afinal, um desenho ordenado com o sul para cima seria simplesmente uma inversão da convenção atual na folha de papel. Mas compreender por que aquela, dentre as inúmeras possibilidades, tornou-se a convenção pode ser um fato relevante para desvendar o ponto de vista do cartógrafo em questão, de sua formação, e mesmo de concepções de seu grupo e de sua sociedade sobre o mundo à sua volta. O mesmo pode-se dizer de feições gerais como em mapas de diferentes períodos da história européia (Harvey, 1992 e Harley, 2005). Ou seja, novamente, em um mapa inscrevem-se referências, interesses e pontos de vista próprios da sociedade de seu autor. Seguramente, desenhos relativos ao universo físico produzidos pelos Nuer, povo nilota estudado por Evans-Pritchard, possuiriam referências distintas dos desenhados por esquimós, ou povos indígenas nativos da América, não somente pela ausência do método da disciplina cartográfica, ou pelas diferentes porções da superfície da Terra que ocupam, mas também pelas diferentes visões de mundo que possuem e pelas espacialidades que praticam.

David Harvey (1992) traça uma história da cartografia ocidental baseando-se na diferença de “visões de mundo” entre cartógrafos de diferentes períodos. Harvey constrói seu argumento a partir da comparação de mapas produzidos na Europa no período medieval com mapas produzidos a partir das grandes navegações e do Iluminismo. Ele identifica, por exemplo, que a preocupação com a possibilidade de auferir distâncias reais a partir dos mapas se torna uma preocupação crescente a partir dos mapas iluministas. Já os mapas medievais seriam baseados na experiência e na apreensão “tátil” do espaço e acentuariam “as qualidades sensoriais, e não racionais e objetivas, da ordem espacial” (Harvey, 1992, p.222). Por outro lado, no projeto e visão de mundo dos mapas renascentistas e iluministas, é realçada a perspectiva de um universo visto objetivamente, em mapas cuja preocupação foi, inclusive, medir a superfície terrestre para dividi-la e considerá-la como propriedade passível de ser negociada como produto. Em mapas produzidos sem grande parte das atuais técnicas cartográficas, os conteúdos não diretamente relacionados a uma transposição proporcional dos elementos geofísicos,

naturais ou não, tornam-se mais evidentes e talvez mais numerosos. Cabem nos mapas medievais e do período das grandes navegações elementos espaciais originários de suposições de seus autores que muitas vezes não podem ser verificados e que são, portanto, intuídos, imaginados, projetados, segundo percepções, avaliações e suposições dos desenhistas e da sociedade da qual fazem parte. Os mapas do período das grandes navegações, por exemplo, apesar de precisos, na medida em que ajudaram a conduzir as embarcações e suas tripulações por regiões cada vez mais distantes, eram repletos de seres extraordinários, de terras estranhas e suposições sobre o formato, o tamanho e a disposição dos territórios.

Atualmente, a perspectiva de que mapas transcendem as definições da disciplina cartográfica concebidas ainda no Iluminismo é recorrente e encontra-se em expansão, muito provavelmente porque o próprio espaço e as concepções a ele associadas estejam se alterando. Espaços virtuais, não necessariamente físicos, são os exemplos mais fáceis e corriqueiros daquilo que uma cartografia urbana contemporânea procura representar. Em um mundo em que o trânsito de informações e dados torna-se tão ou mais importantes que trânsitos “mais concretos”, os mapas são utilizados com uma frequência cada vez maior para organizar e dispor fluxos de informação e relações. Mais do que dimensões, distâncias e áreas, esses mapas, e obviamente seus autores, estão mais interessados em representar relações, conectividades e fluxos.

Se na Europa, com o fim da Idade Média, os mapas da ciência cartográfica enfocaram a objetivação e racionalização do território (Harvey, 1992), hoje, na sociedade global, há uma crescente produção de mapas cujo principal objetivo é representar redes de conexões entre elementos diversos, um formato mais apropriado para representar as redes virtuais de informação que se sobrepõem ao que nos acostumamos a chamar de espaço físico concreto, que em grande parte corresponde à superfície do planeta. Na sociedade global, o espaço anteriormente ocupado pelos mapas de foco territorial é cada vez mais povoado por diagramas relacionais, fluxogramas, redes, que procuram estabelecer um espaço onde a informação e os fluxos ganham cada vez mais destaque em relação ao território⁴(Castells, 1999).

⁴ Castells (1999) utiliza-se da expansão da rede mundial de computadores como exemplo e base material de instalação de uma morfologia social baseada em redes e fluxos, caracterizada pela “combinação da dispersão espacial e integração global” (p. 410). Para quem vive hoje grande parte do tempo de forma direta ou indireta ligado à rede mundial de computadores, os dados de Castells anteriores a 1999 são ainda mais impressionantes com relação ao impacto da rede de computadores em nossa morfologia social: “No geral, embora haja grande divergência sobre o total de usuários conectados atualmente à Internet, há convergência na afirmação de que ela tem o potencial de explodir para centenas de milhões de usuários no início do século XXI. (...) Em 1973, havia 25 computadores conectados; ao longo dos anos 70, a Internet funcionava com apenas 256 computadores; no início da década de 80, após aperfeiçoamentos significativos, ainda era restrita a cerca de 25 redes somente de computadores primários e alguns milhares de usuários.

A constatação de uma alteração no caráter geral dos mapas recentemente produzidos nessa sociedade global indica, para essa sociedade, uma alteração histórica na morfologia social, na forma como a sociedade encontra-se disposta e organizada espacialmente, mas, além disso, reafirma uma idéia geral já exposta aqui sobre a natureza mesma dos mapas, qual seja: mapas são produtos de determinada “visão de mundo”, mesmo quando a marca dessa “visão de mundo” é a racionalização e a objetividade, como no caso dos mapas característicos do Iluminismo. O modo como são feitos os mapas e os conteúdos neles dispostos referem-se tanto ao espaço que procuram retratar quanto ao modo de pensar de seu autor, que, por sua parte, é indexado a uma determinada cosmologia. Quando, ao analisar um mapa, dizemos que sua ênfase está na objetivação e racionalização do espaço, podemos esperar que, de alguma maneira, seu autor e a sociedade da qual ele faz parte mantenham com o espaço o mesmo tipo de relação. Nesse sentido, mais do que retratar o mundo, mapas são, enquanto percepção, pensamento ou prática, um modo de conceber e organizar o mundo.

Mapas e mapeamentos como expressões gráficas de visões de mundo

A definição ampliada do termo exposta acima, mapas como objetos que expressam algum esforço de ordenação do universo, não somente o retira definitivamente do âmbito restrito da disciplina cartográfica, como também o torna objeto de disciplinas como a semiótica, a filosofia e a antropologia e sugere as seguintes premissas: 1) mapas são instrumentos de pensamento e ordenação do universo e condensam em termos gráficos elementos do universo de seu autor além de sugerir relações entre esses elementos; 2) mapas são sempre objetos políticos e culturais, são produzidos conforme interesses e experiências de seus autores, e reflexivos sobre o que representam, na medida em que são utilizados como instrumentos para agir sobre o espaço físico a que se referem, ou, em outro sentido, constroem o próprio espaço na medida em que dão sentido a ele.

Tim Ingold (2000) acentua as diferenças entre o que se convencionou chamar de mapas cartográficos, produzidos por especialistas formados na disciplina cartográfica, e mapas nativos ou locais, produzidos por pessoas não versadas nessa disciplina e, melhor ainda, por pessoas de sociedades que não possuem algo como uma disciplina cartográfica. Sua crítica chega ao ponto de distingui-los totalmente em sua natureza, de maneira que tais objetos devem ser denominados diferentemente.

Segundo Ingold, na psicologia desenvolveu-se a teoria dos mapas mentais, para a qual a orientação espacial é feita por meio da consulta a mapas mentais que são produzidos a partir da experiência de deslocamentos anteriores. Os mapas gráficos produzidos por pessoas de sociedades que não possuem a

disciplina cartográfica seriam transcrições desses mapas mentais. Ingold argumenta contra essa teoria e defende que os mapas locais (produzidos por sujeitos dessas outras sociedades que não possuem uma disciplina cartográfica) são antes equivalentes a registros de narrativas de deslocamentos espaciais e que a orientação espacial é baseada não em um trajeto predefinido a partir de mapas mentais, mas antes na consulta contínua e inconsciente de experiências sensório-motoras anteriores durante o deslocamento. Assim, ao invés da consulta a mapas mentais, nossa orientação espacial seria resultado da contínua atualização de experiências diversas, registradas antes como narrativas e sensações do que como um conjunto previamente organizado de posicionamentos relacionados entre si.

Ingold também questiona a proposição geral sobre os mapas que apresentamos há pouco, segundo a qual os mapas, de cartógrafos ou locais, expressam algo sobre o modo como seu autor e a sociedade à qual ele pertence concebem o espaço físico. Na abordagem de Ingold, se partirmos do pressuposto, como ele parece fazer, de um ser no mundo, que experimenta o mundo, em oposição a um ser que se relaciona com o mundo intermediado por esquemas mentais, tais como um sistema cultural ou uma tradição, não é possível pensar que os mapas dos cartógrafos e os mapas locais expressem de alguma maneira tal sistema cultural, tal tradição ou tal modo de conhecer.

É necessário aqui abrir um parêntese para recuperar idéias de Gregory Bateson a respeito do “método de percepção”, porque, afinal, é essa a discussão entre as propostas de mapas mentais da psicologia e a proposta de abordagem ecológica de Ingold. Notemos que, nesse caso, a cartografia como disciplina seria parte da ciência tradicional e os desenhos de moradores do rio Bagé estariam relacionados a outro modo de percepção diferente desse⁵. Contudo, em suas limitações, tanto a ciência quanto outros métodos de percepção operam somente a partir da diferença. *“Todo recebimento de informação é necessariamente o recebimento de informações de diferença, e toda percepção da diferença está limitada pela entrada. Diferenças muito leves ou muito vagarosamente apresentadas não são perceptíveis. Essas não são alimentos para a percepção”* (Bateson, 1986, p. 35). Levando em consideração essas proposições de Bateson sobre como operam os métodos de percepção, podemos analisar os elementos e formas de mapas “nativos” como expressões do que faz diferença para os moradores do Bagé, ou de informações consideradas dentro de um método de percepção próprio, informação sendo, como define Bateson em outro momento, a diferença que faz diferença.

⁵ Sobre a ciência, Bateson afirma: *“Como um método de percepção – e isso é tudo que a ciência pode ter a pretensão de ser – a ciência, como todos os outros métodos de percepção, está limitada em sua habilidade de recolher os sinais visíveis do que possa ser verdadeiro”* (idem, ibidem, p. 36).

Fechemos esse parêntese e voltemos a Ingold e suas críticas às definições de mapa presentes em autores da psicologia. A perspectiva fenomenológica e ecológica de Ingold o leva a criticar a idéia do vínculo do mapa tanto ao observador quanto ao espaço que ele quer representar. Segundo Ingold, essa suposição leva a um paradoxo. Se, por um lado, os mapas estão vinculados ao seu autor, não poderiam ser utilizados por outras pessoas para a orientação; por outro lado, se os mapas registram informações sobre um espaço absoluto compartilhado por todos os seres humanos, não diriam nada sobre a experiência espacial específica de seu autor. Para Ingold, os mapas não são vinculados nem a seu autor, como se fossem uma transcrição de seus mapas mentais específicos, nem representam um espaço físico absoluto, compartilhado por todos os seres humanos. Para ele, mapas expressam as experiências de movimento de seus autores, que incluem não somente a descrição do que se vê ao se deslocar, mas os modos como o entorno é percebido pelo sujeito que se desloca⁶.

Nesse sentido expresso por Ingold, mesmo os mapas dos cartógrafos registrariam experiências espaciais específicas. Mapas globais atuais, feitos a partir de imagens de satélite, imagens aéreas e aparelhos de GPS são de certa forma registros de deslocamentos, deslocamentos dos aparelhos receptores ou dos satélites e aeronaves. Tais sistemas podem ser utilizados para registrar percursos de veículos e pessoas durante sua vida e compor uma matriz de movimentação dentro de uma referência global. Contudo, Ingold prefere ainda assinalar uma diferença entre os mapas feitos pelos cartógrafos e os desenhos feitos por membros de sociedades predominantemente orais ou mesmo croquis. Os cartógrafos, de maneira geral, não estão desenhando uma experiência contínua e procuram eliminar os detalhes de caráter subjetivo dos mapas para garantir certa universalidade. Já aquele que elabora um croqui para ensinar um caminho, ou uma pessoa de um grupo não versado na linguagem gráfica ou escrita quando faz seu desenho, registra a história de percurso de um caminho como quem conta uma história – e muitas vezes, como eu próprio presenciei, desenha esse mapa ao mesmo tempo em que conta a história do trajeto – com detalhes da caminhada, de como estava o dia, de como se comportava a mata, adornando de adjetivos os detalhes sensíveis do deslocamento.

Algo análogo ocorre com a linguagem escrita quando apresentada e apreendida por membros de grupos ou sociedades onde ler e escrever não ocupa um papel central na comunicação e na vida diárias, e a

⁶ “My answer, in brief, will be that what maps index is movement, that vision embodied? is not local but regional, but that ambition of modern cartography has been to convert this regional vision into a global one, as though it issued from a point of view above and beyond the world” (*idem, ibidem*, p. 226).

oralidade e a memória coletiva são centrais. Como apontei em trabalho anterior (Postigo, 2003), a linguagem escrita de moradores do Alto Juruá que aprenderam a escrever fora do ensino formal corresponde, muitas vezes, a verdadeiras transcrições da linguagem oral. O conteúdo também é marcado por referências locais e sensíveis nas narrativas, em narrativas de caçadas, por exemplo. Seguindo essa analogia a linguagem escrita está para os mapas dos cartógrafos assim como a transcrição da oralidade está para os desenhos feitos pelos moradores sobre o espaço em que vivem. Tanto na linguagem escrita quanto na cartografia existem normas formais que procuram garantir sua universalidade. Tanto na oralidade quanto nos desenhos feitos pelos moradores a experiência vivida estão presentes.

Na utilização de um aparelho GPS podemos fazer uma analogia próxima com algumas ressalvas. Esses receptores em sua maioria podem registrar tanto rotas como trilhas. Rotas seriam uma seqüência de pontos entre as quais são traçados segmentos de reta unindo ponto a ponto em sua ordem cronológica de registro em relação ao percurso feito. Já no modo de registro de trilhas o aparelho receptor GPS fica ligado permanentemente durante todo percurso, registrando automaticamente o percurso realizado. No sentido de não registrar a trajetória toda, as rotas estariam para os mapas dos cartógrafos assim como as trilhas estariam para os mapas locais. Existem ressalvas importantes aí. A primeira diz respeito ao próprio funcionamento do aparelho, que na verdade dá uma ilusão de continuidade nas trilhas quando elas de fato são sucessões de pontos muito próximos (tão próximos quanto permita o aparato técnico do aparelho) ligados entre si, uma rota, portanto. Outra ressalva também deve ser feita com relação à analogia proposta, na medida em que as trilhas feitas no aparelho, por “mais contínuas que sejam”, não possuem o caráter sensorial de uma experiência pessoal, e é isso justamente o que Ingold está ressaltando quando propõe a sustentar a diferença entre os dois tipos de desenhos.

Em trabalho mais recente, Ingold (2007) trata exatamente da relação entre processos e atividades marcadas pela continuidade (das narrativas e da experiência da percepção) e outros marcados pela descontinuidade, semelhantes à produção de mapas pelos cartógrafos, na qual a produção de tais mapas não encontra uma continuidade com a experiência do autor no espaço físico representado. Ele utiliza inclusive a distinção entre rotas e trilhas para tratar desse tipo de distinção.

“The vast majority of maps that have ever been drawn by human beings have scarcely survived the immediate contexts of their production. These are usually contexts of story-telling in which people describe the journeys they have made, or that have been made by characters of legend or myth, often with the purpose of providing directions so that others can follow along the same paths. As he retraces his steps in narrative, the storyteller may also gesture with his hands and fingers, and these gestures may in turn give rise to lines. These lines are formed through the gestural re-enactment of journeys actually made, to and from places that are already known for their histories of previous comings and goings. The joins, splits and intersections of these lines

indicate which paths to follow, and which can lead you astray, depending on where you want to go. They are lines of movement. In erect, the 'walk' of the line retraces your own 'walk' through the terrain.

For this reason sketch maps are not generally surrounded by frames or borders. The map makes no claim to represent a certain territory, or to mark the spatial locations of features included within its frontiers. What count are the lines, not the spaces around them. Just as the country through which the wayfarer passes is comprised by the meshwork of paths of travel, so the sketch map consists - no more and no less - of the lines that make it up. They are drawn along, in the evolution of a gesture, rather than across the surfaces on which they are traced. Modern cartographic maps, however, are quite different. Such maps always have borders separating the space inside, which is part of the map, from the space outside which is not. Of course there are many lines on the map, representing such things as roads and railways, as well as administrative boundaries. But these lines, drawn across the surface of the cartographic map, signify occupation, not habitation. They betoken as appropriation of the space surrounding the points that the lines connect or - if they are frontier lines - that they enclose." (Ingold, 2006, p. 48)

A diferença entre a maioria dos mapas (sketch maps) e os mapas dos cartógrafos estabelecida acima por Ingold está baseada na idéia de que no primeiro caso há uma estrutura narrativa da experiência pessoal do deslocamento, enquanto na maioria dos mapas produzidos por cartógrafos o espaço representado não diz respeito necessariamente a uma experiência de deslocamento de seu autor.

A meu ver há aqui uma certa contradição e problema nas proposições de Ingold. Há uma generalização acerca do funcionamento cognitivo de proposições que poderiam estar apenas restritas à abordagem antropológica que ele defende. Se por um lado Ingold procura sustentar toda sua argumentação no par organismo-ambiente, como sendo resultado da experiência subjetiva em última instância – sendo tanto o organismo como o mundo ao seu redor necessariamente produzidos nessa relação – por outro, ele parece sugerir que a experiência subjetiva necessariamente produz um sujeito que baseia suas ações e reflexões a partir da experiência direta e sensível. Cabe, contudo, imaginar que entre as possibilidades de existência desses organismos-ambientes, também encontraremos situações em que essa relação é marcada pela fragmentação. Assim, o modo ocidental moderno de produzir mapas, assim como Harvey (1992) o descreve, expressaria uma possibilidade de relação organismo-ambiente como outra qualquer, e entre as suas singularidades estaria o fato de produzir mapas que expressam uma perspectiva baseada não em narrativas contínuas, mas antes na fragmentação própria do modo de vida do qual a disciplina cartográfica e o técnico em cartografia pertencem. Essa característica, porém, não diz respeito a uma descontinuidade em relação ao espaço representado, mas antes a outro tipo de relação estabelecida, como no caso do uso do GPS, onde essas perspectivas convivem e se complementam para orientar seu usuário. Há tanto a perspectiva de um sujeito na trajetória, no modo trilhas, quanto uma visão estruturada e externa do espaço como plano de fundo do aparelho.

É notória a disposição e a perspectiva eurocêntrica dos mapas com os quais nos acostumamos a estudar e trabalhar a partir da educação formal. Junto com eles, e em certa medida reproduzindo-os, incorporamos e utilizamos certas noções espaciais, associadas a um certo modo de conceber tanto o espaço físico como as relações dadas sobre ele. Muitas vezes esses mapas são os meios pelos quais nos defrontamos com territórios e universos que não conhecemos diretamente, e apontam, de algum modo, para a maneira pela qual imaginamos esses mesmos territórios quando somos nós mesmos os autores desses mapas.

O que aconteceria então se pudéssemos contemplar o espaço e a socialidade suposta em nosso território da perspectiva de outra cartografia, de outro registro grafado relacionado ao espaço que não o eurocêntrico? Ou, como quer Ingold (2000), relacionado a outra, que não a nossa própria, relação organismo-ambiente. Ou, segundo Bateson (1979), a partir de outro método de percepção, ou ainda, segundo Marilyn Strathern (2004), relacionada a outra prática de conhecimento. Ou seja, qual perspectiva outros, que não nós da “sociedade dos cartógrafos”, considerariam para ordenar o território sobre o qual nós possuímos um conhecimento cotidiano?

Em meu caso específico, os “outros” são os moradores de parte do rio Bagé, localizados no extremo oeste do estado do Acre e, atualmente, dentro dos limites da Reserva Extrativista do Alto Juruá. Nesse caso, portanto, a pergunta formulou-se de maneira específica: o que podem dizer os mapas bagé-centrados, ou, melhor dizendo, que tipo de coisas se pode dizer, do ponto de vista antropológico, a partir de mapas bagé-centrados? Mais do que isso, quais as implicações analíticas de desconsiderar momentaneamente a perspectiva de uma cartografia legitimada e hegemônica dos mapas presentes nas bibliotecas ou nas políticas governamentais e olhar tanto para o rio Bagé quanto para o seu entorno (considerado na amplitude de escala que se queira, inclusive de um mapa-múndi), tendo como ponto de partida mapas e idéias sobre o universo produzidos por seus próprios moradores? Numa “perspectiva seringueira”, o rio Bagé localiza-se no Alto do grande lombo da Terra, onde nascem o rio Juruá e outros grandes rios.

Considerar outros mapeamentos que não somente os produzidos pelas instituições governamentais e agentes externos à vida local possui, além do interesse da multiplicação etnográfica, uma justificativa político-pragmática bem clara e já assinalada anteriormente, quando aponte para o caráter interessado dos mapas na atualidade e na história da cartografia. Mapear, cartografar, colocar sobre o papel ou em um banco de dados informações sobre a localização espacial da vida social significa exercer domínio sobre o território.

Mapas e Poder

Historicamente, os mapas, assim como a escrita, foram utilizados para exercer poder, definir limites, documentar expansões e propriedades territoriais. Os mapas são, assim, espaços de disputas políticas e, cada vez com mais frequência, têm sido invadidos e utilizados por minorias que lutam pelo direito a

terra⁷.

No caso do Alto Juruá, mapas produzidos pelo movimento organizado dos seringueiros e por seus assessores foram fundamentais para a luta política que originou a Reserva Extrativista do Alto Juruá⁸. Na década de 1970 existiam mapas hidrográficos e imagens de radar (fotos de 10.000 m de altura) da região do Alto Juruá produzidos pelo DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral), na escala de 1:250.000, e pelo projeto RADAM Brasil (acompanhados de uma pasta de mapas temáticos na escala de 1:1000.000), que teve por objetivo mapear os recursos naturais do território brasileiro. Até porque tinham como objetivo o mapeamento de recursos minerais, as cartas do DNPM (tanto as publicadas em folhas à parte na escala 1:250.000 como os mapas temáticos na escala 1:1000.000) não registravam ocupação humana nenhuma na região. Sobre o rio Tejo havia quatro pontos de amostragem (para solos e provavelmente para composição florestal), um deles na Foz do Bagé.

Os primeiros mapas que (a) atribuíram os topônimos corretos e atualizados para os afluentes do rio Tejo acima do rio Bagé e (b) inseriram barracões e colocações nesses mapas depois do período de auge dos seringais⁹ foram feitos em 1983 por Mauro William Barbosa de Almeida como parte do trabalho de campo para sua tese de doutorado. O método foi uma combinação do conhecimento local com cartografia manual. Acompanhado de um morador-piloto de canoa, o antropólogo registrava numa folha quadriculada o trajeto do curso d'água, assinalando a orientação da proa por meio de bússola a cada 5 minutos (rio Juruá) ou a cada 1 minuto (rio Tejo). O morador nomeava os afluentes, que eram então registrados nesses croquis numa escala aproximada. O resultado era transportado para o mapa (sem topônimos) na escala 1:250.000.

Anos depois, como parte da intervenção política do CNS no Alto Juruá – com Antonio Batista de Macedo como coordenador regional, subordinado à sede nacional em Rio Branco –, surgiu em fevereiro de 1988 a proposta da Reserva Extrativista da Bacia do Rio Tejo¹⁰. Como base cartográfica

⁷ Ver também, para outras regiões, o trabalho de Alfredo Wagner Berno de Almeida e do Instituto Sócio Ambiental (<http://www.socioambiental.org/>), entre outros, como exemplo dessa consideração.

⁸ As informações aqui mencionadas foram repassadas pelo Prof. Mauro Wiliam Barbosa de Almeida, um dos protagonistas dessa história, em comunicação pessoal.

⁹ Ver, por exemplo, mapas e descrições presentes nos artigos de Castelo Branco Sobrinho (1922, 1930, 1958,1962), que apresentam os seringais do Alto Juruá no início do século XX.

¹⁰ Em julho de 1988 esse proposta formalizou-se em um projeto, elaborado conjuntamente por Mauro Almeida, e Adir Gianinni (então atuando junto ao governo do Estado do Acre). Em 1989, após o assassinato de Chico Mendes, esse projeto deu origem ao financiamento da implantação de um sistema comercial de alternativa ao barracão (projeto **“Desenvolvimento Econômico Comunitário - Reserva Extrativista da Bacia do Rio Tejo, Alto Juruá, desenvolvido entre 1989 e 1990**), baseado na Foz do Juruá e com sub-sedes na Foz do Bagé e oito outros locais no rio Tejo. Durante esse ano, foi realizada a proposta de criação da Reserva Extrativista do Alto Juruá, com intermediação técnica da EMBRAPA-IMAGENS SATÉLITE, sediada em Campinas (projeto **“Implementação da Reserva Extrativista do Alto Juruá”**).

para a implementação da Reserva Extrativista do Alto Juruá em 1990 foi utilizado um mapa da região na escala de 1:250.000, desenhado por Mauro Almeida (sobre a carta do DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral), recebendo formato cartográfico com a ajuda de Alicia Rolla, então no CEDI (depois ISA).

Nesse mapa, com uso de uma imagem de satélite (LANDSAT/TM Thematic Mapper) na escala 1:100.000, foi feita a localização das colocações da atual reserva¹¹, a pedido de Antonio Batista de Macedo, liderança do movimento, como uma das condições para a regularização da recém-criada reserva junto ao governo federal. Para produzir os mapas, foram formadas nove equipes de campo, cada uma com uma canoa com um residente-piloto. Os pesquisadores das canoas eram de várias instituições. Cada grupo tinha instruções específicas para produzir um croqui "participativo", situando a colocação nos rios e afluentes e descrevendo verbalmente essa situação.

De volta ao CEDI, Mauro Almeida e Alicia Rolla digitalizaram as informações dos croquis com um software apropriado para a informatização de Sistemas de Informação Geográfica (Arc-View, o primeiro uso desse software pelo futuro ISA), usando como informação o mapeamento de topônimos feito em 1983 por Mauro Almeida e os dados do levantamento para situar as colocações e moradores individuais. O resultado foi um banco de dados contendo informações socioeconômicas e cadastrais para 857 residências, todas geo-referenciadas numa base cartográfica realizada por Alicia Rolla, do CEDI, com base em imagens do Projeto Radambrasil (na escala de 1:250.000). Eram quatro cartas (para poder cobrir toda a área da reserva na escala de 1:250.000), onde estavam assinalados todos os residentes (cerca de 95% dos residentes de fato), com a precisão razoável para colocações (não para casas individuais). Cada carta estava acompanhada de uma listagem dos residentes cadastrados. Esse foi o "documento" inicial dos moradores da futura reserva. Nesse caso, os mapas foram elaborados com informações de diversas fontes e pesquisas, mas assumiram um formato em acordo com as regras da disciplina cartográfica, pois o objetivo era legitimar uma documentação de ocupação do território.

Neste trabalho, também considerei os limites e espacialidades constituídos pelas fronteiras nacionais, pelas ações governamentais em diversos níveis, pela relevância ambiental da região; mas me interessam sobretudo os mapas constituídos a partir da perspectiva e das ações da população local, tanto no caso de mapas no formato cartográfico, produzidos em suas lutas pelo direito à terra, como no caso descrito acima dos mapas feitos para a invenção da Reserva Extrativista do Alto Juruá, como, e

¹¹ Foi desenvolvido o projeto **Mapeamento da Reserva Extrativista do Alto Juruá**, também entre os anos de 1990 e 1991, elaborado por Mauro W. B. de Almeida, com Alicia Rolla no laboratório do CEDI em São Paulo, por gentileza de C. A. Ricardo.

especialmente, os mapas que apontam para as percepções, usos e conceitos relacionados ao espaço dos moradores do rio Bagé.

Orientação Espacial, Percepção e Mapeamento

Como assinaléi anteriormente, Tim Ingold, em uma abordagem baseada na experiência sensório-motora e na concepção de um sujeito indissociável de sua experiência, argumenta contra a idéia da existência de mapas cognitivos ou mapas mentais, especialmente em populações que não se utilizam de mapas gráficos. Sua argumentação parte da premissa de que quando pessoas dessas populações se orientam espacialmente utilizam um conjunto de experiências, acumuladas quando percorrem determinados trajetos e que se configuram mais em um conjunto contínuo de memórias de sensações. Nesse sentido, o deslocamento e a orientação correspondem a constantes ajustes, e não a uma consulta a um mapa predefinido, grafado ou mental.

Uma idéia que pode ser útil na compreensão do deslocamento como ajuste constante da orientação é a de retroalimentação (*feedback*), trazida da cibernética (teoria de controle de sistemas)¹². Ingold não explicita a relação de suas proposições com essa noção, mas é utilizando noções análogas, respectivamente, às de sistemas fechados, que não sofrem interferências do meio, e de sistemas cibernéticos, ou baseados na retroalimentação (Almeida, 2005a), que o autor diferencia as idéias de *navigation* e *wayfind*. *Navigation* é o termo que ele utiliza para definir uma orientação baseada em mapas predefinidos, apontando que somente casos muito específicos de orientação espacial poderiam ser descritos com esse termo. Já o termo *wayfind* seria aplicado ao modo como nos orientamos espacialmente na extrema maioria das situações cotidianas. Nesse caso a orientação é baseada num ajuste fino constante, alimentado e regulado pela experiência anterior e pelas informações adquiridas durante o deslocamento. Nota-se novamente que há também uma questão da perspectiva de quem se

¹² Para uma definição de feedback em cibernética, ver Ashby (1970: 62-65) Na fisiologia o termo é muito usado, por exemplo, nos sistemas endócrinos. Para melhor compreensão de sistemas que funcionam a partir da retroalimentação podemos citar alguns exemplos simples. O primeiro refere-se ao conjunto formado pelo termostato, pelo motor e pela caixa isolante na manutenção de uma faixa de temperatura de um refrigerador. O termostato liga e desliga o motor de refrigeração conforme a temperatura da caixa térmica varia. Como o isolamento da caixa térmica não é total e há um constante abrir e fechar da porta inserindo produtos a serem refrigerados, a temperatura interna do sistema tende a aumentar. O termostato está regulado para ligar o motor da geladeira quando a temperatura da caixa térmica atinge um certo máximo. A partir de então o motor resfria o interior da caixa térmica até uma temperatura mínima quando o motor é novamente desligado. O sistema funciona de tal maneira que o motor da geladeira liga e desliga constantemente para manter a temperatura entre a mínima e máxima estabelecidas na regulação do termostato. Não há, portanto, nesse tipo de sistema, uma temperatura preestabelecida a ser atingida, mas um eterno ajustar do sistema respondendo às leituras de temperatura do termostato de modo que a temperatura sempre esteja numa faixa. Esse tipo de funcionamento é essencial num refrigerador, já que a caixa térmica não é completamente isolada e o sistema recebe novas “entradas” a todo momento. Ou seja, em sistemas em que as “entradas” não estão preestabelecidas, em constante relação com o meio, não há a possibilidade de se tentar atingir uma meta sem um eterno ajuste. Outro exemplo de retroalimentação, mais orgânico e próximo da idéia de movimento, e utilizado por Bateson (1986) é o equilíbrio de um trapezista sobre uma corda. Ao caminhar ele mantém o equilíbrio por meio de sucessivos e constantes ajustes de posicionamento do corpo.

desloca. No caso da idéia de *navigation*, o sujeito que se desloca tem uma perspectiva deslocada da trajetória, enquanto que associada à idéia de *wayfind* há novamente a perspectiva de um sujeito na trajetória. Ingold faz referência direta às idéias de James Jerome Gibson¹³, da psicologia, e de Maurice Merleau-Ponty¹⁴ para justificar sua abordagem da experiência do deslocamento e da orientação com ênfase na idéia de *wayfind*. Já a idéia de que a percepção e o conhecimento do ambiente são um processo de revelação e não de reflexão advém de uma diferenciação entre as obras de Lévi-Strauss e Bateson¹⁵, claramente se posicionando em concordância com o último.

Talvez seja conveniente ressaltar nesse momento mais alguns aspectos da abordagem que Ingold está propondo em seu trabalho. Sua pretensão geral, nada insignificante, é construir as bases conceituais de uma abordagem antropológica que possa romper com duas das principais noções sobre as quais o “pensamento ocidental foi construído”, quais sejam: humanidade e natureza (Ingold, 2000, p. 1). Deriva, segundo ele, de tal dicotomia a divisão histórica da antropologia em duas disciplinas: a antropologia social e a antropologia física. A primeira se ocuparia do homem em sua vida sociocultural, enquanto caberia à segunda a abordagem do homem como organismo, como ser biológico em suas interações comportamentais com outros da mesma espécie. O desafio a que ele se propôs foi o de tratar o homem simultaneamente como sujeito social e organismo, sem partir dessa dicotomia. Para isso, um primeiro passo foi recolocar a questão da relação organismo-ambiente a partir de concepções muito específicas de certos autores a respeito de percepção e experiência dos sujeitos.

James Gibson, conhecido por sua posição crítica com relação ao behaviorismo na psicologia, foi uma das bases para esse seu posicionamento. Em Gibson, Ingold encontrou uma fundamentação para a exploração dos sentidos e da percepção em termos diferentes da tradicional psicologia cognitiva e do comportamento, numa concepção que se aproximava de proposições de Bateson.

“Perception, Gibson argued, is not the achievement of a mind in a body, but of the organism as a whole in its environment, and is tantamount to the organism’s own exploratory movement through the world. If mind is in anywhere, then, it is not inside the

¹³ “Thus the environment one sees is neither ‘seen-at-this-moment’ nor ‘seen-from-this-point’. On the contrary, ‘what one perceives is an environment that surrounds one, that is every-where equally clear, that is in-the-round or solid, and that is all-of-a-piece’” (Ingold, 2000, p. 226).

¹⁴ “The form of the house is progressively disclosed as I move around and about, and in and out, not as the sum of a very large number of images, arrayed in memory like frames on a reel of film, but as an? envelope of a continually changing perspectival structure. Observation, Merleau-Ponty claims, consists not in having a fixed point of view on the object, but ‘in varying the point of view while keeping the? object fixed’ Thus, the house is not seen from somewhere but from nowhere – or rather from everywhere” (Ingold, 2000, p. 226).

¹⁵ “Whereas Lévi-Strauss often writes as though the world were sending coded messages to the brain, which it then recovers through an operation of decoding, for Bateson the world opens out to the mind through a process of revelation” (Ingold, 2000, p. 18).

head' rather than 'out there' in the world. To the contrary, it is immanent in the network of sensory pathways that are set up by virtue of the perceiver's immersion in his or her environment” (Ingold, 2000, v p.3.).

Já com relação à biologia, Ingold conclui que é importante romper com a definição corrente de organismo, que lhe sugere certa incompatibilidade entre a pessoa enquanto sujeito de sua trajetória social, conforme tratada por escolas da antropologia, e a idéia de organismo como refém de um dado genético tratado pela biologia.

“I now realize that the obstacle that had prevented me from seeing it¹⁶ was a certain conception of organism, one that is built into mainstream theory in both evolutionary and environmental biology. According to this conception, every organism is a discrete, bounded entity, a ‘living thing’, one of a population of such things, and relating to other organisms in its environment along lines of external contact that leave its basic, internally specific nature unaffected” (Ingold, 2000, p3).

Aí, parece-me, há uma questão fundamental, como ele mesmo aponta. Tanto a biologia quanto as ciências humanas, em suas proposições mais conhecidas, partem do pressuposto de uma descontinuidade entre o indivíduo e seu ambiente: na medida em que somente o primeiro altera o segundo, o indivíduo é sujeito em relação ao ambiente. Mesmo nas argumentações que apontam para o determinismo ambiental, este diz respeito ao comportamento dos indivíduos, suas ações para a adaptação, e, no que diz respeito à evolução das espécies, só há esse tipo de relação no que diz respeito às espécies considerando várias gerações. Em nenhuma dos paradigmas vigentes considera-se a alteração da espécie durante a existência de um indivíduo. Com raras exceções “vencidas”, como, de alguma maneira, Lamarck na biologia e Tarde nas ciências humanas, os pressupostos da similaridade entre os corpos numa mesma espécie e da inviolabilidade dos corpos, em uma mesma geração, prevalecem. Atualmente surgem abordagens neolamarckistas na biologia e neotardeanas nas ciências sociais, que em alguma medida apontam para outra direção. O próprio Ingold lembra que esse rompimento com a idéia mecanicista em relação ao organismo não lhe é própria. Autores da biologia já tratam o organismo não como um resultado simples de uma receita preestabelecida, sujeito às provações do meio, mas muito mais como um sujeito em desenvolvimento ao longo da vida em suas interações com o ambiente.

“The characteristics of organisms, they argue, are not so much expressed as generated in the course of development, arising as emergent properties of the fields of relationship set up through their presence and activity within a particular environment” (Ingold, 2000, p.4),

Ingold se utiliza dessas influências principais, além de Bateson, para propor uma abordagem antropológica que considera o sujeito e seu ambiente – ele chama de relação organismo-ambiente – como uma continuidade indivisível. O foco na experiência dos sujeitos-organismos no mundo ganha destaque em relação a um sujeito que antes codificaria o mundo, e a relação estabelecida entre sujeito e

¹⁶ Aqui ele se refere à percepção de que poderia tratar o ser humano ao mesmo tempo como sujeito e organismo.

ambiente passa a ser o objeto privilegiado de análise. Para isso ele constrói diversos conceitos que, integrados em uma teoria para a abordagem antropológica, se configuram em uma perspectiva ecológica em relação ao social. De Bateson e de Merleau-Ponty, Ingold traz a idéia de um sujeito que pensa o que está ao seu redor a partir de uma perspectiva situada na experiência no mundo, em oposição a um sujeito que intelectualmente codifica o mundo, perspectiva que, entre outros, ele atribui a Lévi-Strauss, na qual o mundo é conhecido pelo sujeito a partir da mediação de signos, que em seu conjunto constituiriam um sistema com sentido próprio.

Otávio Velho, em um artigo bibliográfico de 2001, trata especificamente da proposta de Ingold e, ao mesmo tempo, relaciona as proposições de Ingold com o trabalho *Steps to an Ecology of Mind* de Gregory Bateson. Velho considera que esses dois livros representam passos na constituição de um novo “paradigma ecológico”.

“De Bateson a Ingold, para além de importantes diferenças, percorre-se uma linha comum. Mas Ingold absorve, ainda, outras influências, como a de Maurice Merleau-Ponty. A fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, deslocando o foco de análise de um ser abstrato que dá sentido ao mundo para um ser-no-mundo (e, ao contrário de outros filósofos, com profusão de exemplos concretos retirados da psicologia da Gestalt), é fundamental no desenvolvimento do pensamento de Ingold. Também o é o reencontro com a psicologia por via de sua vertente “ecológica”. A ecologia — e com ela o holismo — é na verdade uma referência chave desde Bateson. Faz parte da discussão de outra polaridade, entre sujeito e objeto. Com a ajuda da vertente fenomenológica de Merleau-Ponty (e das noções de ser e habitar o mundo), a ecologia de fato parece propícia para um deslocamento do sujeito cartesiano e, com ele, da série de oposições que inclui aquela entre natureza e cultura. Ingold chega a falar em um novo “paradigma ecológico”. Ecos de Espinosa, além de Heidegger.”

A crítica ao mecanicismo de Darwin na biologia é, no entanto, anterior ao momento atual e remonta a seus contemporâneos. Jakob von Uexküll questionou a concepção dos organismos vivos presente em Darwin (Von Uexküll) Com sua abordagem, fundou o campo da etologia e influenciou a constituição do campo da biossemiótica (Von Uexküll, 2004) muitos anos depois de sua morte. Jakob Von Uexküll “entendia o processo vital como um sistema coerente em que sujeito e objeto se definem como elementos inter-relacionados em um todo maior. Ele rejeitava tanto o objetivismo positivista quanto o subjetivismo idealista, criticando-os por serem metafísicos.”(Uexküll, 2004, p. 21). Ele forjou o conceito de *Umwelt* para tratar do “segmento ambiental de um organismo” (*idem*, p 22). Segundo suas proposições, cada forma de vida animal, cada espécie animal e, em última análise, cada indivíduo animal possui um *Umwelt* próprio. O foco de Uexküll nas especificidades semióticas de cada espécie animal o leva a uma argumentação que deriva dessa primeira, que aponta para a especificidade do tempo e do espaço em que vive cada espécie animal. Para entender a organização e o desenvolvimento da vida em suas diversas formas seria necessário estudar os diferentes mundos de significados de cada espécie. Mas como, de imediato, é impossível perceber, significar e agir como outro organismo, já que os humanos não são portadores dos mesmos aparatos receptores e efetores de outros organismos, os

biólogos humanos devem se limitar a explorar o universo sógnico de cada espécie por meio da análise do comportamento e dos órgãos perceptivos de cada animal. Não nos estenderemos mais nas proposições de Uexküll no momento, já que procuramos destacar as idéias básicas que mais nos pareciam importantes para relacionar com nossa proposta. Ou seja, tomando a percepção como foco, e a percepção como componente de um processo semiótico, Uexküll dá pistas sobre uma abordagem possível dos mundos próprios que podem ser produzidos por diferentes modos de percepção. Em suas noções básicas, e transportado como imagem ou metáfora para outro campo, o da antropologia social, o *Umwelt* de Uexküll pode ser bem sugestivo nesse sentido se tomarmos não as variações entre espécies, mas entre modos de vida humanos para pensar uma variedade de *Umwelten* possíveis. Há certamente aqui embutida uma sugestão de incomensurabilidade entre universos; trataremos disso mais adiante.

Onde estão os desenhos dos seringueiros nessa discussão que enveredou por possíveis leituras semióticas? Tentei de alguma maneira cercar uma questão aparentemente mais direta da etnografia a que nos propusemos: o que expressariam os desenhos dos seringueiros? Expressariam, nessa última perspectiva, *Umwelten* específicos de organismos particulares (organismos no sentido de portadores de possibilidades específicas de percepção)?

Voltemos ao desenvolvimento das idéias gerais de Ingold em sua abordagem ecológica destacando sua tentativa de utilização do par organismo-ambiente de uma maneira mais sinérgica. Além dessa ênfase, ele recoloca a noção de ambiente, não a reduzindo ao ambiente natural, mas enfatizando a relação de constante produção na interação com o sujeito-organismo e não seu caráter natural ou artificial. Assim, uma casa seria um ambiente na medida em que está habitada.

Essas idéias que procuro construir com base em Ingold, Uexküll e meu campo sobre o espaço convergem para uma espécie de axioma: nesse tipo de abordagem, uma casa não é ambiente se não estiver em relação com um sujeito e, dependendo do sujeito com o qual ela estiver em relação, será um ambiente específico. Essa relação, para que se torne uma relação do tipo organismo-ambiente, necessita ter certa intensidade de experiência. Do mesmo modo, um sujeito só se torna um sujeito específico na medida em que se relaciona com uma intensidade mínima com algo de modo a torná-lo seu ambiente. Exemplos simples dessa confusão abstrata: um homem, um toca-discos e uma pilha de discos de vinil não conformam necessariamente uma relação do tipo organismo-ambiente. No entanto, um DJ, um toca-discos e uma pilha de discos de vinil conformam uma relação organismo-ambiente na medida que a intensidade de relação dada pela experiência entre ambos é tal que implica uma relação de conhecimento. Os discos de vinil deixam de ser uma pilha para se tornarem possíveis seqüências de

músicas. Do mesmo modo, a floresta em si não é um ambiente, mas para um caçador experimentado ou para um animal da mata a relação de conhecimento estabelecida com a floresta é de tal intensidade que a floresta é lida e com ela eles interagem. Da mesma forma, um computador e um hacker estabelecem uma relação de conhecimento baseada na experiência de tal intensidade que hacker e computador interagem e estabelecem uma relação organismo-ambiente, onde muitas vezes é difícil e mesmo aleatório procurar definir quem é o organismo e quem é o ambiente. Ingold denomina o que estou chamo aqui de intensidade de relação de habilidade (*skill*)¹⁷.

Ingold procura finalizar a proposta de sua perspectiva, que denomina perspectiva do morador (*dwelling perspective*) em torno de algumas idéias principais derivadas de sua abordagem ecológica: (1) propõe uma abordagem que privilegie o estudo do que ele chama de *skills* como substituto do que nós, antropólogos, nos acostumamos a denominar variação cultural, já que essas habilidades desenvolvidas ao longo da vida corresponderiam em alguma medida à relação organismo-ambiente; (2) argumenta que essas habilidades, segundo o modo como ele as define, não são passadas de geração em geração, mas antes reconstruídas ao longo da experiência de vida, novamente se configurando como a própria relação organismo-ambiente; e (3) o estudo dessas habilidades demanda uma nova perspectiva sobre o sujeito, que o recoloca numa interação constante com aquilo que o cerca. A esta perspectiva o autor denomina perspectiva do morador.

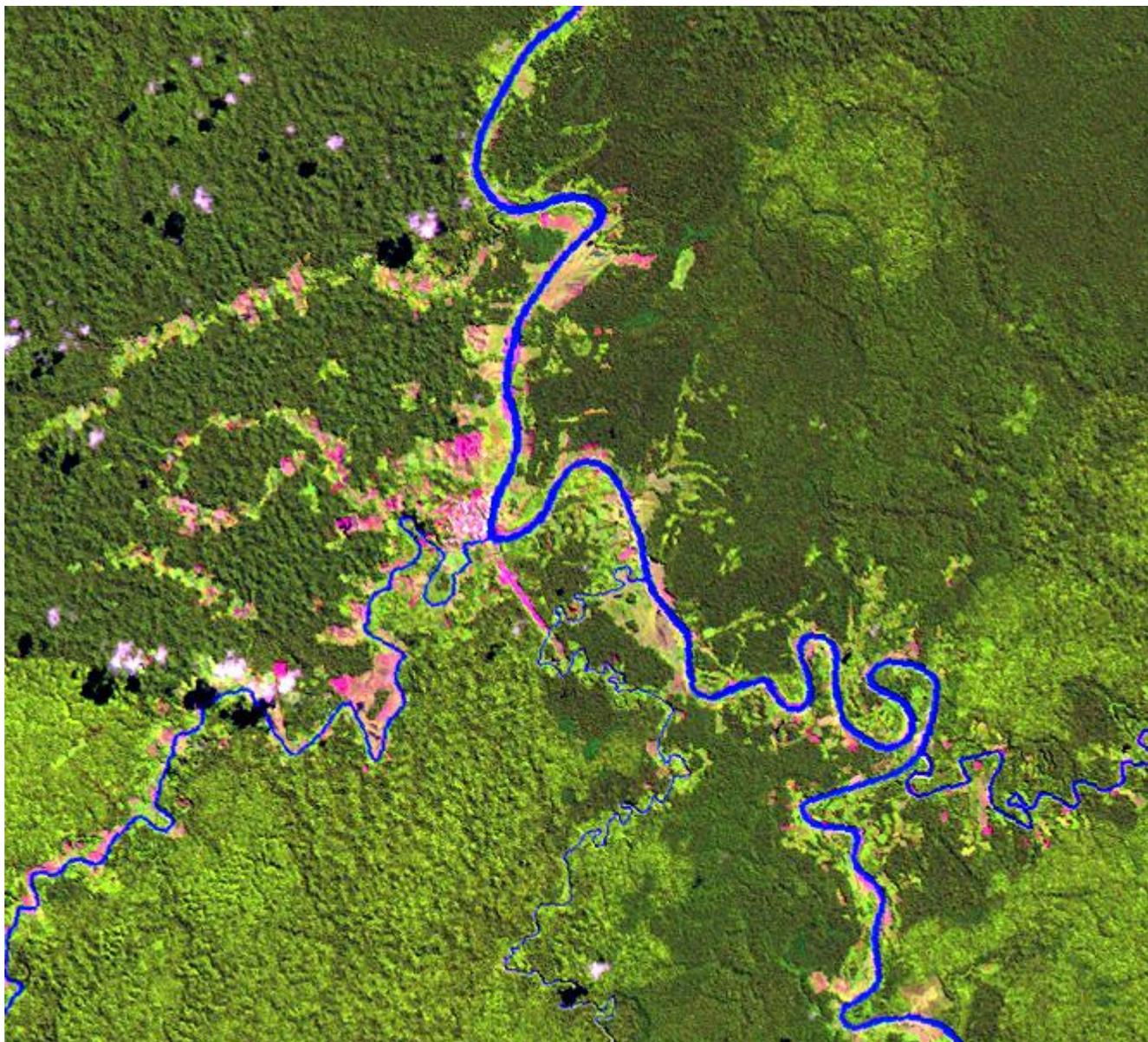
Tomar os mapeamentos dos moradores do rio Bagé como expressão de uma relação organismo-ambiente particular significa, tendo em vista minha interpretação da proposta de Ingold, partir do pressuposto de que essas pessoas possuem uma percepção particular de seu espaço; na verdade, que percebem diferentemente tudo ao redor. Somar essa perspectiva à leitura que fizemos do *Umwelt* de Jakob von Uexküll sugere que as habilidades perceptivas particulares desenvolvidas pelos moradores do Rio Bagé apontam para um universo próprio, uma espacialidade própria. Novamente nos defrontamos com o problema da incomensurabilidade, não somente dos universos, mas agora também dos organismos.

Para tornar mais claro esse raciocínio talvez seja suficiente um exemplo quase literal. Durante um período que estive em campo entre os moradores do Alto Juruá carreguei comigo uma imagem de satélite de uma região conhecida por todos: as voltas do rio Juruá que conectam a sede do município de

¹⁷ Esses exemplos do DJ e do Hacker são resultado de conversas com Pedro Ferreira e Chico Caminati e que trabalham respectivamente com DJs e Hackers. Conversando nós pensamos nas analogias possíveis entre caçadores e esses dois tipos de sujeitos.

Marechal Thaumaturgo e a Foz do Rio Tejo, onde fica a sede da Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá. Um pedaço de uma imagem de satélite como essa é uma figura estranha para quem não está acostumado a sua leitura, pois não é propriamente uma foto com elementos distinguíveis, mas um conjunto de pixels em uma escala de cores. Quando não se sabe do que se trata, nem mesmo que é uma imagem de satélite, fica difícil mesmo relacioná-la de imediato a um rio e uma mata circundante, como pode ser visto na própria imagem logo abaixo. Pois bem, eu mostrava a imagem para os moradores e perguntava literalmente “Isso é uma foto de quê?”. A reação quase sempre era a mesma. Principiava com um estranhamento total e, na medida em que iam manipulando a folha, passavam a virá-la como se estivessem navegando no curso do rio. Nesse momento, havia um súbito reconhecimento e a resposta correta vinha logo em seguida. Ou seja, quando refazia a experiência, a pessoa reconhecia a seqüência de proporções dos tamanhos das voltas do rio e ocorria aí a revelação de que se tratava de uma imagem de um espaço físico e (mais especificamente) de um espaço físico conhecido.

Imagem 1 Trecho do rio Juruá entre a Boca do Rio Amônia e a Boca do Rio Tejo



(Imagem CBERs)

Essa experiência aponta para uma forma de orientação bem específica. Ingold utiliza termos e conceitos gerais para tratar de qualquer conhecimento fino sobre o espaço físico que se habita. Quando sujeitos possuem uma experiência em determinado espaço físico que lhes permite um reconhecimento e uma razoável orientação espacial, o espaço em questão passa a ser definido em relação ao sujeito, segundo Ingold, como uma região (*region*). Uma definição conceitual que, como se vê, depende inteiramente da relação anteriormente estabelecida entre sujeito-organismo e ambiente. Os

conhecimentos, não reduzidos a algo estritamente mental, tornam-se a um só tempo habilidades¹⁸. Essa imagem faz parte de uma proposta de publicação desenvolvida por Bruce Nelson como um dos produtos de um projeto de pesquisa na região. Essa publicação seria uma ferramenta para utilizar os conhecimentos e percepções dos moradores na interpretação de imagens de satélite.¹⁹

Em meu mestrado (Postigo, 2003), tratei dos usos e significados atribuídos à escrita entre os moradores do Alto Juruá. Observei que para moradores que aprenderam a escrever sem freqüentar o ensino formal a linguagem escrita configurava-se como uma transcrição da linguagem oral e apresentava, assim, por exemplo, a ausência de pontuação, entre outros marcadores próprios da norma culta. Ao mesmo tempo, as histórias e marcadores da linguagem oral encontravam-se presentes. No caso dos mapas observamos certa semelhança com o caso da linguagem escrita. Mapeamentos produzidos por moradores não familiarizados com a linguagem cartográfica podem ser interpretados como transcrições gráficas de trajetórias percorridas. Já apontamos isso anteriormente. Mas cabe chamar a atenção aqui ao caráter singular da experiência espacial dos moradores do rio Bagé, que, como indico aos poucos, corresponde a habilidades particulares.

Tratemos agora de alguns aspectos mais evidentes dessa relação particular com o espaço expressa nos mapeamentos desenhados pelos moradores.

Escala

A reflexão sobre os mapeamentos dos moradores da Bacia do Rio Bagé, em seu início, tem a ver com o problema de relacionar modelos espaciais oficiais e feitos com técnicas e regras da disciplina cartográfica (mapas em escala e com coordenadas geográficas) e desenhos dos moradores do Bagé, que também têm a ambição de representar o mundo. Um exemplo do problema: não seria possível utilizar o par ‘modelos globais’ e ‘modelos locais’, para expressar a diferença entre os mapas geo-referenciados e os mapas feitos pelos moradores do Bagé. Isso porque em ambos os casos se trata tanto de modelos locais como de modelos globais, dependendo da escala em que nos colocamos.

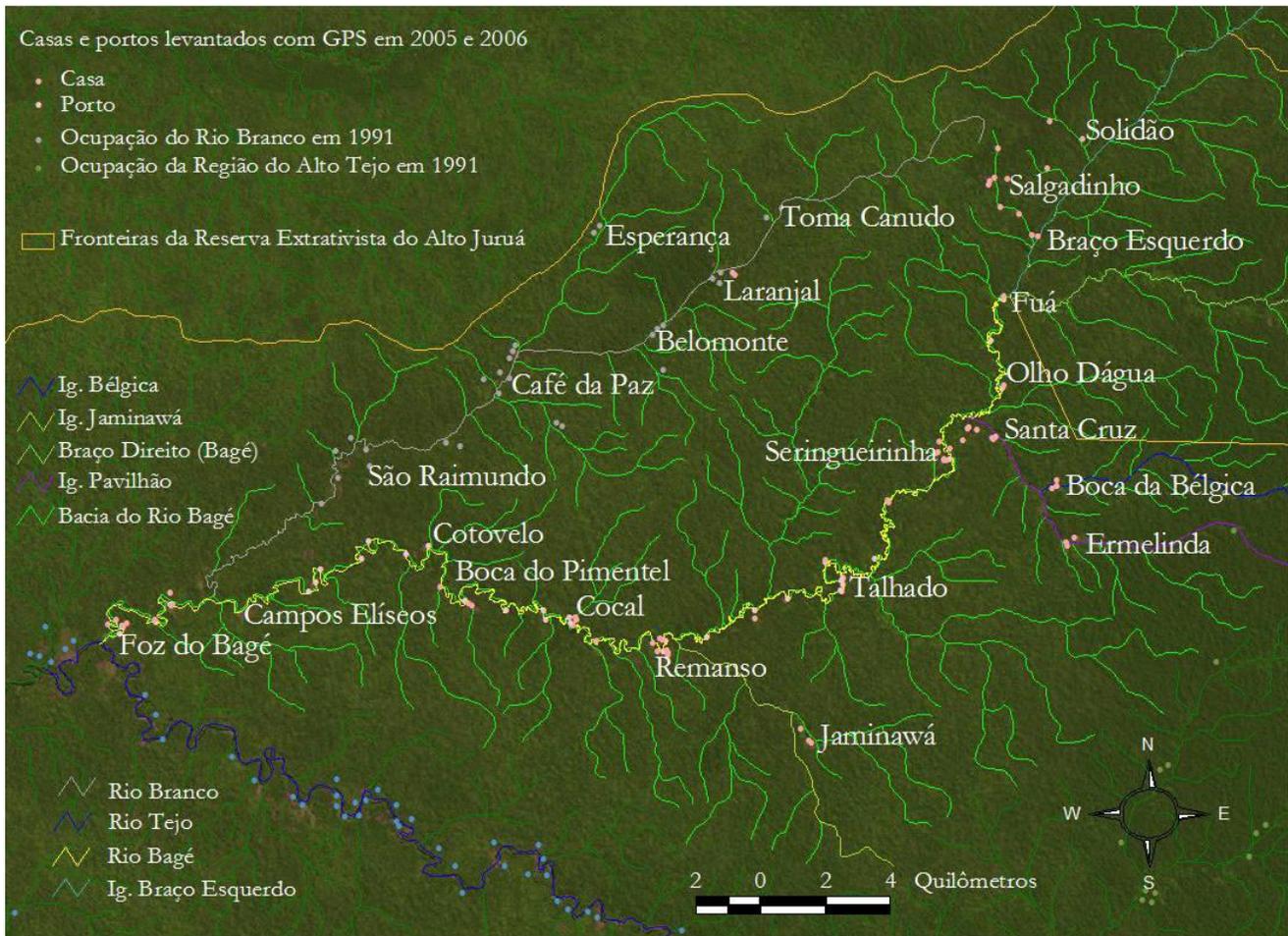
¹⁸ “*The first is that much if not all of what we are accustomed to call cultural variation in fact consists in variations of skills. By skills I do not mean techniques of the body, but capabilities of action and perception of the whole organic being (indissolubly mind and body) situated in a richly structured environment*” (Ingold, 2000, p.5).

¹⁹ Trata-se do projeto desenvolvido entre os anos de 2000-2003, denominado “Pesquisa e Monitoramento Participativos em Áreas de Conservação Gerenciadas por Populações Tradicionais”. Esse projeto, executado pela ASAREAJ, foi financiado pela FINEP com recursos da CEE. Foi coordenado por Mauro Wiliam Barbosa de Almeida e tinha como objetivo a formação de cerca de 50 moradores como pesquisadores locais.

Escalas²⁰ aparecem à primeira vista como regras de conversão entre uma “representação do espaço e o espaço real”. Por exemplo, uma escala do tipo 1:1.000.000 (um para um milhão) significa que cada metro de *representação* corresponde a um milhão de metros (mil vezes mil metros, ou mil quilômetros) na *realidade*. Ou ainda: para cada centímetro *representado no mapa* corresponde na *realidade* um milhão de centímetros, ou dez quilômetros. A linguagem da escala, nesse sentido, remete a razões matemáticas e a dados referenciados por modelos da Terra (que convertem a superfície esférica em áreas planas). Mas a noção de escala tem ainda um sentido relacionado com o grau de resolução, ou ainda de detalhe. Nesse sentido, dizer que um mapa está em ‘grande escala’ significa dizer que ele tem uma alta capacidade de informar sobre detalhes. Nas convenções da cartografia, quanto menor o número da escala, maior a nitidez ou o grão. Assim, um mapa do rio Bagé, desenhado em uma folha de papel do tamanho A4, em uma escala de um 1:30.000, abrange pouco mais de uma colocação. A escala de 1:30.000 é a “escala da colocação”. Mas na escala de 1:170.000 a mesma folha de papel A4 abrange toda a bacia do rio Bagé. O mapa na folha de papel A4 na escala maior 1:30.000 nos dá mais detalhes de uma área menor, enquanto um mapa na folha de papel A4 na escala menor de 1:170.000 abrange uma área maior, mas com menos detalhes. Isso significa, por exemplo, que o mesmo trecho de rio no mapa na escala 1:30.000 terá muito mais curvas do que um mapa na escala 1:170.000. Deve-se, contudo, considerar aí o problema da relação entre o mapa e o universo empírico. O que os cartógrafos estão dizendo quando afirmam a correspondência entre um centímetro no mapa e trinta mil centímetros no universo “real”? Estão afirmando que um segmento de reta ideal medindo um centímetro no mapa, se desenhado em um universo plano ideal no idealizado mundo real, corresponderia a um segmento de reta ideal de trinta mil centímetros. Não seria possível, por exemplo, fazer uma correspondência entre a dimensão “real” de uma curva do rio numa escala diferente de 1:1, já que em qualquer escala diferente dessa perdem-se detalhes em relação ao “real”.

²⁰ Sobre questões de escala, ver David Harvey (1992) e Monmonier (1996).

Mapa 6 O Rio Bagé: a escala de 1 para 170.000 com imagem de satélite de fundo



O mapa acima, por exemplo, foi feito em uma escala de 1:170.000 e abrange toda a bacia do Rio Bagé, que está destacada em verde de maior contraste.

Devemos notar que é de certo modo ilusória a idéia de escala ‘absoluta’. Esse fato é exemplificado pelo mapa acima. Após ser criado na escala de 1:170.000, o mapa todo foi reduzido proporcionalmente para caber em meia página. Com isso, a escala, enquanto regra de conversão entre representação e Terra, perdeu o sentido, já que um centímetro não equivale mais a 170000 centímetros no universo empírico que ele representa. Contudo, permanece o segundo sentido acima, pois os detalhes que estavam incluídos no mapa inicial de 1 para 170.000 continuam a ser os mesmos detalhes que aparecerão se este mapa for impresso com duas vezes o tamanho, ou com metade do tamanho – com diferenças na nitidez da imagem, mas não nas informações ali contidas. Por exemplo: se não vemos uma casa na escala de 170.000 original, por mais que esse mapa seja ampliado, continuaremos a não ver uma casa.

Para os mapas e mapeamentos apresentados ao longo do trabalho foram utilizadas diversas fontes de dados, dispostos segundo uma referência global padronizada de planificação de toda a superfície

terrestre. O mapa acima, por exemplo, está sobreposto a uma composição de imagens do satélite LANDSAT obtidas em 2001. A base hidrográfica do mapa é um desenho feito manualmente sobre uma imagem de radar, obtida em sobrevôo (Radambrasil) e associada a um trajeto registrado por aparelho GPS do rio Bagé, feito durante o trabalho de campo. Eu, posteriormente, com o auxílio de dois programas de computador de geo-referenciamento de dados espaciais, retifiquei os traçados anteriormente feitos dos igarapés, de modo que desaguassem no trajeto registrado com GPS do rio Bagé. A resolução das imagens LANDSAT é a seguinte: cada quadrado de 30 metros por 30 metros é representado por um ponto ou pixel (a rigor, por um quadradinho cuja cor pode assumir 256 tons de cinza correspondente à 'intensidade do reflexo luminoso' para um certo tipo de luz). Isso significa na prática que a resolução da imagem ignora, por exemplo, qualquer sinuosidade do rio dentro de um intervalo de 30 metros.

Portanto, os igarapés que, na imagem, deságuam no rio Bagé foram desenhados sobre uma imagem de relevo feita com auxílio de radar na década de 1970 durante o projeto Radam, que tinha o intuito de mapear a ocorrência de minério passível de exploração em toda a região amazônica, conforme descrevemos anteriormente. O desenho do leito dos igarapés foi feito sobre essas imagens no final da década de 1980 e começo de 1990, como parte de um projeto de apoio à implementação da Reserva Extrativista por assessores e organizações não governamentais a pedido do movimento organizado dos seringueiros em Associação local e por meio da atuação da regional do Conselho Nacional dos Seringueiros no vale do Juruá. Os nomes dos igarapés da bacia foram associados aos desenhos das curvas dos igarapés feitas sobre as imagens de radar, a partir de trabalho de campo de Mauro Almeida de 1983, quando ele, utilizando um relógio e uma bússola e os conhecimentos de moradores pilotos, percorreu os rios da região numa embarcação nomeando os igarapés em suas bocas. As referências e maiores detalhes sobre a história dos mapas da Reserva Extrativista do Alto Juruá encontram-se acima; no entanto, nesse momento, destaco as diversas formas pelas quais se produzem as informações que compõem um mapa para dar uma idéia de como e quão construído é esse objeto gráfico que associamos ao espaço, além dos diversos níveis de detalhamento e de informação aí utilizadas. Vemos pequenas bolinhas no mapa. Parte delas também são fruto, como também detalhamos anteriormente, da interpretação de imagens de satélite associadas posteriormente a croquis de trabalho e coordenadas obtidas com GPS em diferentes momentos e respondendo a diferentes demandas. As coordenadas geográficas registradas pelos receptores tipo GPS, alguns pontos destacados no mapa e a trajetória do rio Bagé, feita em trabalho de campo de 2005, são também dados produzidos com certa complexidade. Basta dizer que numa leitura de coordenadas de um ponto no GPS estão envolvidos cálculos

matemáticos complexos, informações oriundas de diversos satélites e modelos planos da terra. Os trajetos registrados de um rio como o Bagé são o resultado da união de pontos registrados pelo GPS com um certo intervalo de tempo entre um registro e outro. A calha do rio Bagé e as residências e portos representados por pontos foram levantados em meu trabalho de campo realizado junto com Raimundo Farias Ramos e Antônio Barbosa de Melo utilizando aparelho GPS. Os pontos assim obtidos incluem um erro médio entre cinco e quinze metros para a localização de cada ponto, conforme o manual do aparelho. Cada uma das residências geo-referenciadas em campo possui informações associadas sobre a moradia e, além disso, em uma escala de menor abrangência, boa parte das residências possui também seus roçados, estradas de seringa e áreas de caçada geo-referenciados.

Os mapeamentos desenhados pelos moradores, para utilizar uma tradução possível de *mapping* de Ingold (2000), dos quais trataremos agora, não têm uma referência a medidas absolutas, nem a uma projeção específica da superfície terrestre tomada como referência absoluta. Mesmo assim, aplicamos também nesse caso a noção de uma escala com a seguinte justificativa: eles abrangem um território e possuem um nível de detalhamento (resolução) aproximadamente equivalente a mapas feitos utilizando a idéia de escala numérica cartográfica. Um ‘sem medidas absolutas’ é como um mapa feito de borracha numa certa escala: nele, os detalhes não estão relacionados uns aos outros a partir de distâncias que podem ser medidas e proporcionais ao mundo físico real, mas as relações entre os elementos se mantêm, há a manutenção de suas características topológicas (Almeida, 2005). O importante a ressaltar, assim, é que a estrutura hierárquica de rios se mantém constante. Nesse sentido, estabelecem uma relação de continuidade topológica com os mapas de cartógrafos, ou com mapas produzidos com auxílio de aparelho receptor GPS, porque, por exemplo, se um mapa representa duas bocas de rio, uma acima e outra abaixo de um ponto, um mapeamento desenhado pelos moradores preservará essa ordem; e se duas casas se localizam em dois igarapés distintos que se juntam em seguida, essa característica continuará válida tanto no mapa feito por cartógrafos quanto no mapa feito por moradores. Essa importante propriedade de invariância topológica explica por que razão seringueiros-índios são capazes de transitar sem dificuldades em mapas de cartógrafos que apresentam as mesmas referências espaciais, assim como nós somos capazes de utilizar os mapas deles para navegarmos e para encontrarmos o caminho – embora os mapas de seringueiros ignorem distâncias absolutas e ignorem direções como Norte e Sul. Podemos concluir de maneira mais geral que há pontos de convergência entre modos de perceber de cartógrafos e de moradores do rio Bagé.

Mas o que há de particular com relação aos desenhos dos moradores do rio Bagé?

Em primeiro lugar, cabe destacar que os desenhos que os moradores produziram em folha de papel durante o tempo que estivemos em campo não utilizam as regras, os conceitos e as determinações da disciplina cartográfica. Além disso, os moradores foram solicitados a desenhar onde vivem e, alguns deles, a desenhar regiões para além daquelas onde cotidianamente transitam, por vezes mobilizando aí somente sua imaginação e as informações que tinham sobre esses lugares. Em nosso trabalho de campo, produzimos também esses mapas geo-referenciados com auxílio de GPS e não seguimos à risca as normas e técnicas cartográficas, mas o geo-referenciamento em si é a utilização de um preceito histórico da disciplina cartográfica, qual seja, um referencial espacial terrestre para os elementos dispostos nos mapas, latitude e longitude. Por um lado, foram considerados os referenciais locais no que diz respeito aos limites e à disposição dos elementos espaciais, que elementos espaciais considerar, etc.; contudo, esses elementos foram dispostos graficamente segundo referenciais globais.

Os mapas produzidos a partir de dados coletados com GPS, e, portanto, a partir de um referencial global, tratam necessariamente de um espaço que pode ser medido e procuram estabelecer uma relação entre as dimensões desenhadas nos mapas e as dimensões mensuráveis no universo físico, a escala. Quando se utiliza um GPS para fazer um mapa, parte-se do princípio de que as dimensões são o conteúdo mesmo ou o mais importante a se destacar do universo físico. Harvey (1992) trata desse tipo de visão da cartografia como instrumento de mensuração e delimitação do território em áreas como sendo típico de um período histórico em que a terra e os limites territoriais passam a ocupar um lugar importante na vida social. A utilização do aparelho receptor GPS em uma escala mais ampla também aponta para uma necessidade da sociedade hegemônica atual de localizar espacialmente informações segundo um referencial global.

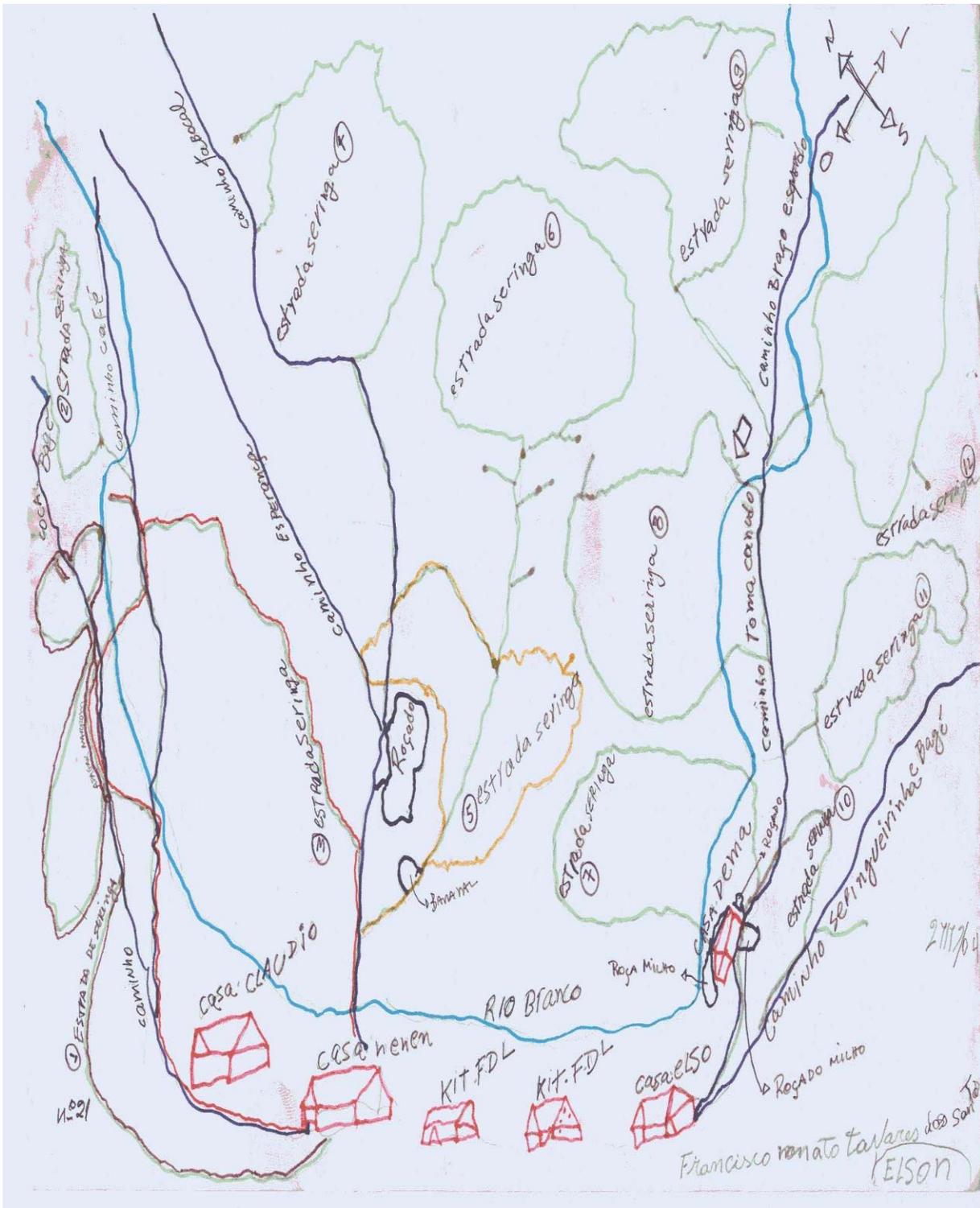
No caso dos desenhos dos seringueiros, fica evidente uma preocupação maior com a localização relativa entre os elementos, uma valorização maior das relações entre elementos e uma menor preocupação com as dimensões. No modo de vida local, valorizam-se mais as relações entre rios e entre casas, por exemplo, do que as distâncias que devem ser percorridas entre eles no dia a dia dos moradores.

Apenas enunciei exemplos gerais para mostrar que a análise desses mapas e desses desenhos não aponta somente para aspectos do espaço físico, mas pode nos revelar também muito sobre o modo de pensar de seus autores e sobre suas relações com o mundo que os cerca.

Observados em seu conjunto de cerca de cinquenta desenhos fica evidente que homens, mulheres e crianças utilizam escalas diferenciadas em seus mapeamentos. Homens adultos na extrema maioria dos

casos, na verdade sempre que não há uma solicitação específica, desenham em uma escala de abrangência que abarca bacias hidrográficas inteiras, enquanto crianças e mulheres desenham as proximidades de sua casa com uma escala de abrangência máxima das casas vizinhas e mínima do interior da própria residência. Outro aspecto a destacar é a presença constante da estrutura hidrográfica em qualquer escala, apontando para a importância desse referencial para os moradores. Contudo, não se trata somente de sua importância como um referencial para deslocamento, senão como referencial de estruturação do universo conhecido e imaginado como um todo. Assim, a noção segundo a qual, na medida em que descemos os rios, as cidades em suas margens vão ficando cada vez maiores, assim como certos conhecimentos (Carneiro da Cunha, 1998), é constante nos desenhos, especialmente naqueles que procuram representar o mundo não percorrido, mas imaginado. Concluindo, a escala não se configura somente uma constatação física, mas, como parte da experiência cotidiana e histórica, apresenta-se na imagem das bacias hidrográficas como elemento para pensar as relações e o universo não conhecido diretamente.

Mapa 7 A escala da colocação Laranjal

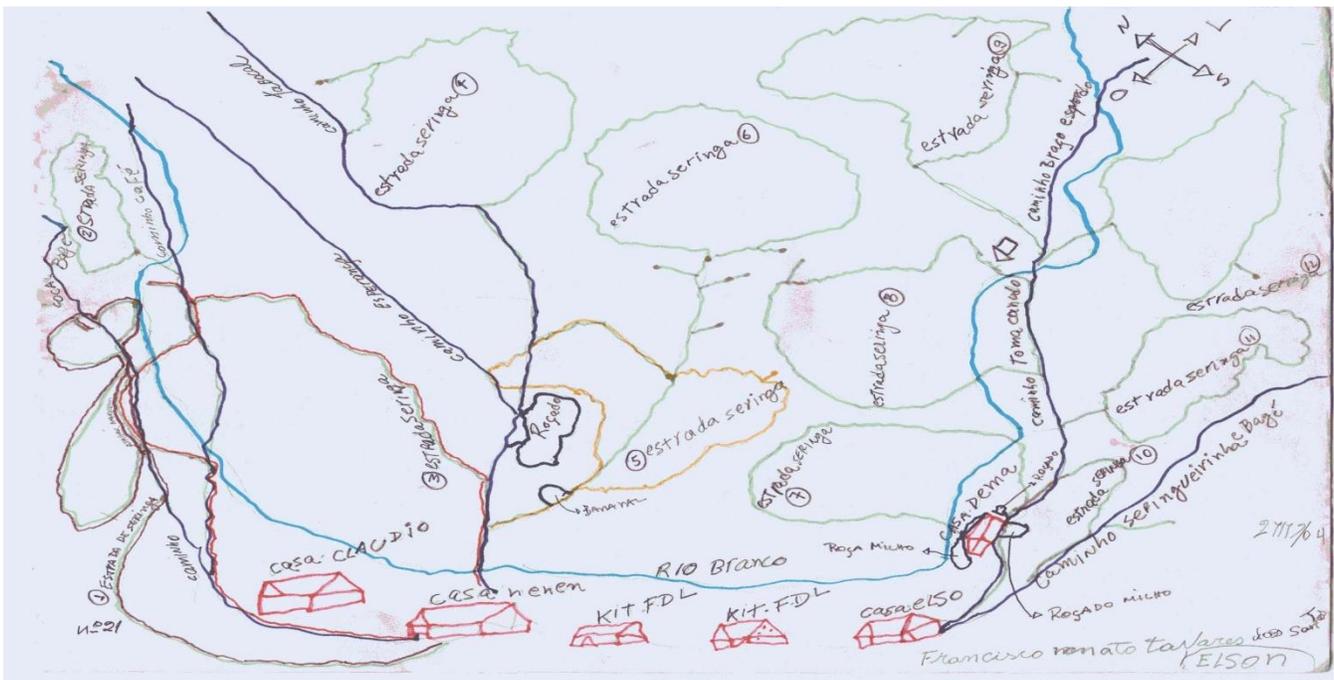


O mapa da colocação Laranjal mostra estradas de seringa, caminhos na mata, roçados, casas de moradores e o rio Branco, afluente do rio Bagé (Francisco Nonato Tavares dos Santos, conhecido por Élson).

O Laranjal, apresentado no desenho de um de seus moradores, é um centro. Isso significa que não está

à beira de um igarapé navegável. O mapeamento acima ilustra algumas das características já comentadas. Seu autor é Francisco Élson, morador da colação Laranjal nas cabeceiras do Rio Branco, afluente do rio Bagé. Ele não possui uma escala absoluta – não está desenhado segundo referências globais como latitude e longitude. Não há, portanto, como saber a localização das estradas de seringa ou das casas nessas referências globais; mas é possível encontrar essas estradas – do mesmo modo como podemos encontrar a casa de um amigo a partir de um *croqui* desenhado a mão livre. O mapeamento de Élson tampouco possui uma escala para conversão, de modo que seria impossível calcular o perímetro das estradas de seringa, por exemplo – mas lembremos o fato de que, conforme a escala absoluta de um mapa, o detalhe de uma estrada de seringa seria alterado, e, portanto, o perímetro medido no mapa também mudaria

Mapa 8 O mesmo mapa anterior de Élson, porém comprimido verticalmente.



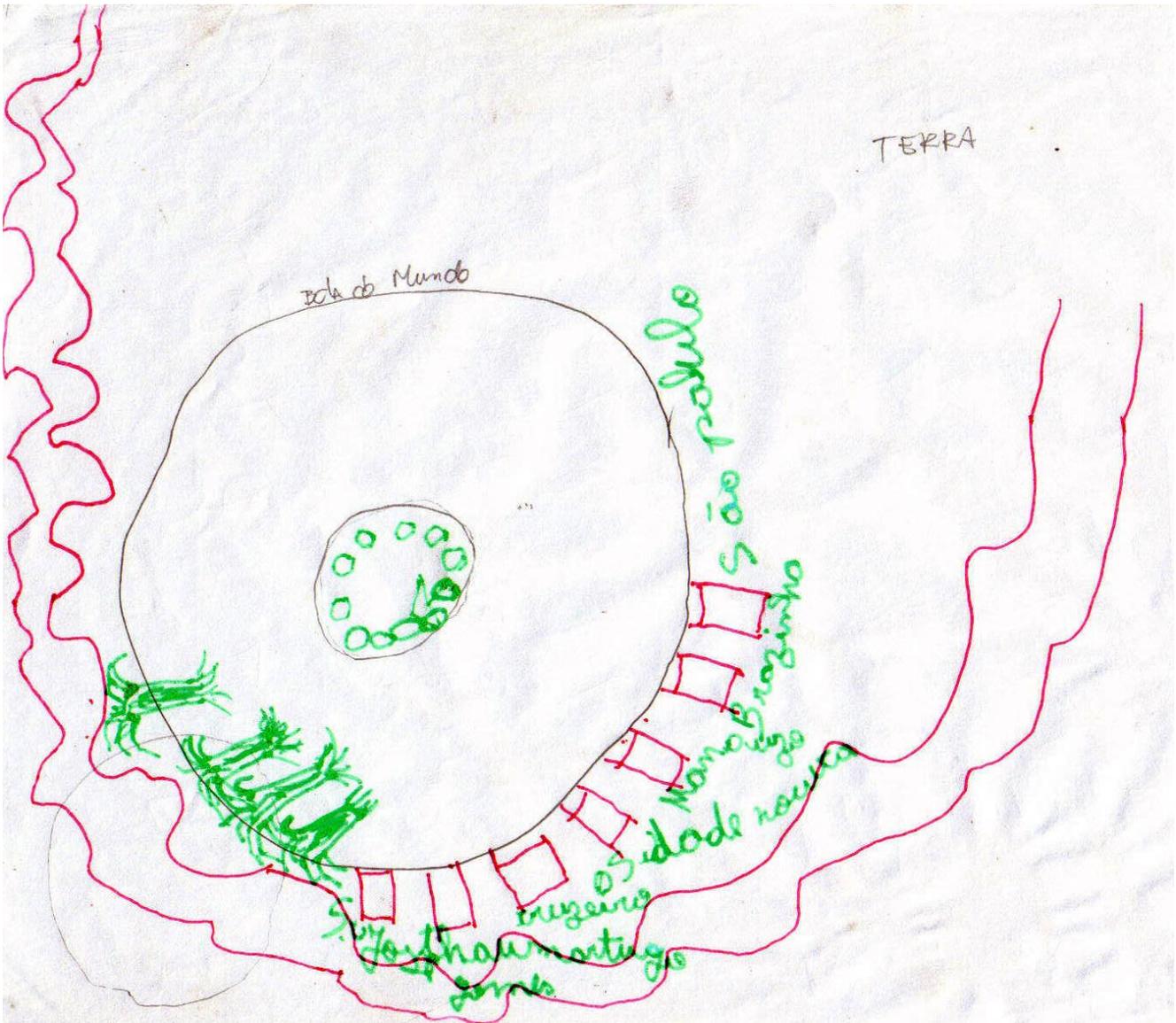
No mapa de Élson as relações entre os elementos se mantêm

No entanto, nessa escala, no sentido de grau de resolução, é possível perceber o espaço social dentro da floresta, imperceptível em uma imagem de satélite. Mais do que isso, trata-se de um mapeamento feito a partir do ponto de vista de quem transita por esses caminhos, o ponto de vista de seu morador. Lembremos que, nas imagens de satélite LANDSAT, uma área de trinta metros por trinta metros aparece representada por um único ponto, cuja única propriedade é a intensidade da cor. Para um morador, naturalmente, essa pode ser a dimensão de um roçado inteiro.

Eu e meus companheiros de pesquisa, Roxo e Caboré, ‘geo-referenciamos’ os objetos espacializados

pelo mapeamento de Élson, traduzindo-o em um ‘mapa global’. Dessa forma, os roçados, as estradas de seringa, as casas, as oficinas para fabricar lâminas de borracha defumada, os caminhos de floresta foram transportados do mapa ‘relativo’ de Élson para o mapa ‘absoluto’. Com isso, atribuímos um novo grau de resolução ao mapa ‘absoluto’ – isto é, uma nova quantidade de informação. O resultado é um mapa híbrido – em que o mapa absoluto, grosseiro em sua capacidade de representar, mas ilusoriamente preciso em sua capacidade de medir linhas retas (desde que sem curvas sinuosas!), foi preenchido com detalhes concretos da experiência de um morador – cujo mapa foi feito de cabeça e, portanto, corresponde a uma representação interiorizada do território. Ingold diria que mapeamentos como esse de Élson representam sua região (*region*), o ambiente por ele intensamente percorrido e sobre o qual possui um conhecimento proporcional a sua experiência.

Mapa 9 A Bola do Mundo



O mapa apresenta a Bola do Mundo com a localização das cidades sobre as quais José Elias ouviu falar e sabe que existe por conhecimento indireto (ele não esteve em todas essas cidades). (Francisco Elias, 2005).

O mapeamento de Zé Elias mostra a Terra como uma circunferência, a “bola do mundo”, segundo ele, margeada por um rio que conduz a todas as cidades que ele conhece, na seguinte ordem: Marechal Thaumaturgo, Cruzeiro do Sul, Manaus, Brasília e São Paulo, descendo sempre o rio. No centro da Bola do Mundo está o lugar onde ele vive, cercado por outra circunferência que indica o divisor de águas mais alto, onde nascem todos os rios. Note-se que José Elias, nesse mapeamento, organizou as informações de sua experiência direta, com a idéia “quanto mais descemos os rios, maiores vão ficando as cidades” com informações externas, do tipo “a Terra é redonda”, comentário que segundo ele está acostumado a ouvir de gente “de fora e de professores”, mas que acabam por não ser conflitantes com

seu modo de perceber e pensar o universo físico.

Diferente do mapeamento anterior de Élson, o mapa de Zé Elias contém elementos de um universo não experimentado diretamente, mas que ao mesmo tempo é ordenado segundo a experiência com relação aos rios, mas também com informações de “outras fontes” que lhe parecem suficientemente legítimas e passíveis de conviverem com sua experiência e conhecimento. Assim, a afirmação “a Terra é redonda” é perfeitamente coerente com a idéia de um formato cônico sobre uma superfície plana de água, ou uma ilha cônica. No topo dessa ilha estariam as cabeceiras dos rios e as localidades mais isoladas da mata, como sua própria casa.

Essa diferença entre o mapeamento de Zé Elias e o de Élson não nos permite, portanto, reduzir a experiência espacial dos moradores à escala local, ou, dito de outra maneira, não é porque nossa abordagem, concordando até certo ponto com Ingold, firma-se na experiência que limitamos a experiência ao registro de algo sensível. Insistimos que, do ponto de vista de Ingold que também adotamos, percepção e experiência são antes de tudo modos de conhecer e, nesse sentido, não há nenhuma incompatibilidade entre experiência e pensamento e experiência e formulação de teorias a respeito de universos não diretamente experimentados. Em suma, uma teoria do que existe é indissociável do modo de conhecer do qual faz parte. Dito ainda de outro modo, e me referindo aqui a Almeida (2005b):

“Os modos de experiência são tão variáveis quanto o são os sistemas de objetos, mas isso se aplica em primeiro lugar a nossa própria experiência e a nossas próprias cosmologias. Pois ontologias radicalmente diferentes existem lado a lado, imbricam-se em seu uso: um funcionário do INPA pode ser alquimista pela manhã e físico newtoniano à tarde para planejar trajetória de satélites, além de relativista de madrugada, para corrigir sinais do GPS. Com efeito, “jamais fomos modernos”, e não há razão para tratar xamãs, curadores camponeses, acupunturistas e médicos assimetricamente.

O que não significa, evidentemente, duvidar da racionalidade humana, pois a razão é precisamente a capacidade para desmontar e remontar as ontologias, bem como de transitar entre elas. Lévi-Strauss (1962) já afirmava que a razão dialética consiste na capacidade de ‘transpor abismos’ entre os continentes da razão analítica”

A Terra vista do Alto Juruá de Zé Elias e de outros moradores se configura assim também em um terreno gráfico de disputas ontológicas. Os mapas produzidos segundo o padrão cartográfico global, por mim mesmo e por meus companheiros de trabalho de campo (com o auxílio do aparelho GPS, dos programas de banco de dados geo-referenciados digitais e das imagens de satélite), bem como os mapas produzidos historicamente por diversos outros atores (Estado, seringalistas, pesquisadores, etc.) são, nessa medida, contrapostos, ao longo do texto, aos mapas desenhados pelos moradores.

Ilustramos agora outro uso da noção de escala, a idéia de encaixamento de escalas distintas. Em um capítulo mais adiante focalizamos a atenção em escalas de máximo detalhamento ou resolução, e de extensão espacial mínima. Trata-se de mapeamentos na escala correspondente à da vida doméstica: o

microcosmo das casas, portos, quintais. Correspondem à espacialidade e à socialidade local. É importante, porém, lembrar que esses são mapeamentos onde a noção de distância não é absoluta: assim, ‘próximo’ é o que os moradores compreendem como próximo. Não significa, pois, um raio de poucos metros ao redor da casa, mas, sobretudo, a socialidade mais intensa que podemos, por convenção arbitrária, denominar de local. Os alimentos e seus trajetos até as residências cartografam na realidade concreta essa espacialidade e, por isso, são os objetos do segundo capítulo. Como é fácil notar pelo desenho de Élfon, e de todos os outros moradores que o fizeram, a pequena extensão (absoluta) não significa uma pequena complexidade, mas, ao contrário, permite captar em grande resolução a intensidade da socialidade. Os desenhos das crianças e das mulheres são especialmente representativos dessa espacialidade local, conforme veremos no segundo capítulo.

Consideremos agora mapeamentos de percursos de caçada. Eles exigem que a visão ideal seja removida para longe da casa – assim como faz o caçador. A extensão agora abrangida permanece conectada à extensão do mapa da escala da casa – por intermédio do caçador. A conexão entre as duas escalas corresponde aos trajetos entre casas. A cartografia nessa nova escala é a dos trajetos da carne da mata. Em parte essa escala se sobrepõe à anterior. Os grupos de vizinhança e o trajeto da carne da caça, quando vizinhada, correspondem em parte aos caminhos entre as casas

Se cada vez mais ampliarmos o campo de visão, teremos outros trajetos cartografando as demais dimensões e escalas do mundo vivido pelos moradores. A seqüência de capítulos foi pensada dessa maneira, como uma seqüência de escalas de abrangência cada vez maior.

Conclusões

Os desenhos dos moradores do rio Bagé que utilizo neste trabalho expressam, sobretudo, um modo de perceber, uma relação de conhecimento com o ambiente relativo a essa sociedade que se formou a partir da constituição dos seringais nessa região do Acre. Procurei apontar que nosso foco está no que Ingold chamou de relação organismo-ambiente. Também me aproximei das idéias de Uexküll para pensar o processo semiótico envolvido nessa relação. Além disso, apontamos que tais relações entre sujeito e meio não são incomensuráveis em relação a outras possíveis. Na verdade a relação com outros modos de perceber faz parte da dinâmica desses processos de construção de mundos e de sujeitos específicos, conforme nossa interpretação do argumento de Mauro Almeida, quando a propósito utiliza o termo “modo de experiência”. Nesse sentido há um convívio pragmático e construtivo entre modos de experiência. Por fim, apontamos que no caso específico dos desenhos dos moradores do rio Bagé já

podemos destacar a particularidade do uso das escalas, que por sua vez apontam para diferentes modos de percepção entre homens e mulheres e para o fato de que há uma lógica fractal no modo de conceber o espaço mesmo imaginado, originado da experiência histórica dos seringueiros.

Nos próximos capítulos utilizaremos as escalas adotadas pelos moradores para tratar de seu modo de vida e relação com o meio. A exceção é o próximo capítulo, onde abordaremos várias experiências individuais em uma mesma viagem acentuando as diferenças possíveis entre modos de percepção subjetivos.

CAPÍTULO II - TRABALHOS DE CAMPO

“Sempre se considerando humano, o etnógrafo procura conhecer e julgar o homem de um ponto de vista elevado e distante o suficiente para abstrai-lo das contingências próprias a esta sociedade ou àquela civilização. Suas condições de vida e de trabalho o isolam fisicamente de seu grupo por longos períodos; pela brutalidade das mudanças a que se expõe, ele adquire uma espécie de desarraigamento crônico: nunca mais se sentirá em casa, em lugar nenhum, permanecerá psicologicamente mutilado.” (LÉVI-STRAUSS, 1996, p.53)

Introdução

Neste capítulo trataremos de três viajantes, cada um deslocado a sua maneira de sua perspectiva habitual, em uma viagem para trabalho de campo. Cada um dos três viajantes carregou consigo um caderno onde registrou a seu modo os dias dessa viagem. O objetivo da viagem era (re)conhecer (seja lá o que isso significa) o rio Bagé e a vida de seus moradores. Os três viajantes são amigos e viajaram juntos em uma mesma canoa.

Talvez a epígrafe acima soe exageradamente trágica ao tratar do deslocamento empreendido pelo antropólogo quando submetido a uma idealizada situação de campo. Entretanto, a passagem chama atenção para a experiência do deslocamento empreendido pelo antropólogo e suas conseqüências.

Apesar da consideração de Lévi-Strauss, ao menos em parte dos clássicos da disciplina, não se espera, no entanto, que esse desenraizamento crônico imposto ao antropólogo se estenda também ao seu trabalho. Numa situação romantizada pelos exemplos de nossos mitos fundadores, o antropólogo, quase sempre sozinho (talvez preferencialmente sozinho), procura mergulhar em um mundo com o qual não compartilha valores, regras, gestos, dietas, idiomas, habilidades. A proposta, diz a tradição da disciplina de Malinowski, é a observação participante, o que significa em alguma medida a experiência direta da ação cotidiana na comunidade que se deseja descrever e compreender. Espera-se, contudo, que o deslocamento dure apenas um momento e seja realizado de forma controlada, como experimento, para que possa, quando passe à etnografia, alcançar o distanciamento necessário à análise objetiva.

A brutalidade das mudanças a que se submete o antropólogo e seu conseqüente desenraizamento crônico permitem o retorno a uma perspectiva anterior, ou permitem a manutenção de alguma perspectiva? Em outras palavras: em que medida uma experiência profunda de deslocamento afeta a percepção? Seria possível retornar a uma perspectiva anterior à experiência? A perspectiva antropológica não sofreria ação da experiência etnográfica? Por fim, como o próprio Lévi-Strauss aponta, o problema mais ambicioso nesse tipo de questão é o de elucidar a relação entre o sensível e o

racional.

Primeiro é necessário evidenciar que não estamos aqui tratando da objetividade no trabalho etnográfico, ou questionando a possibilidade de uma construção objetiva de conhecimento a partir da etnografia. Não parece evidente a correlação entre a experiência subjetiva inerente ao trabalho de campo e a possibilidade de objetividade no trabalho etnográfico. Conforme demonstrou Almeida (2003), as “marcas” da experiência subjetiva do antropólogo podem ser objetivamente registradas, em princípio por inscrições objetivas no próprio corpo do antropólogo, e “o acúmulo das etnografias cria a objetividade como trans-subjetividade. O kula é objetivo quanto mais proliferam as versões pessoais sobre ele.” (p. 21). A “prova” da objetividade da etnografia, da qualidade crítica/científica de seu conhecimento, estaria no fato de que estando registrados os caminhos percorridos pelo etnógrafo e seus métodos, tal caminho (a experiência e a observação) poderia ser refeito por qualquer outra pessoa. Porém, como o próprio Almeida ressalta, afirmar “que a etnografia é objetiva não significa que há de um lado um etnógrafo neutro e distante, e de outro um conjunto de coisas indiferentes ao observador” (Almeida, 2003).

Em segundo lugar, utilizamos elementos de algumas abordagens da antropologia sobre o trabalho de campo etnográfico para tratar da questão dos deslocamentos e de suas conseqüências subjetivas, assim como da relação entre o sensível e o racional. Os termos destacados são: perspectiva, naturalização, deslocamento e experiência. Trataremos de forma breve de alguns autores e abordagens da antropologia para que sirvam não como método, mas como analogias, para pensarmos nas especificidades de nosso trabalho de campo, do qual trataremos logo a seguir.

Malinowski inventa a observação participante. Segundo seu método, é necessário ao antropólogo um profundo conhecimento da teoria antropológica. Munido de tal conhecimento, o antropólogo vai realizar seu trabalho de campo de modo a controlar e objetivar essa experiência. O deslocamento não implica uma alteração da perspectiva do antropólogo, localizada em sua própria sociedade. A experiência do trabalho de campo também não implica uma desnaturalização de sua própria sociedade, de modo que para Malinowski a experiência de campo é controlada inteiramente pelo método e pela disciplina antropológica. A perspectiva antropológica, assim como o sujeito submetido ao deslocamento do trabalho de campo, se mantêm inalterados após a experiência. Aparentemente, há uma possibilidade de isolamento entre a experiência sensível e a razão.

Na perspectiva de Lévi-Strauss há a presença da idéia de uma razão humana comum que garante a perspectiva etnográfica independentemente da sociedade ou grupo social sobre o qual se debruça. Esta

perspectiva é deslocada tanto da sociedade da qual provém o antropólogo quanto de outras quaisquer, localizada na possibilidade de conhecer da razão humana e de conhecer as bases da própria razão humana – “(...) compreender consiste em reduzir um tipo de realidade a outro; que a realidade verdadeira nunca é a mais patente; e que a natureza do verdadeiro já transparece no zelo que este emprega em se ocultar” (LÉVI-STRAUSS, 1996). Portanto, sua perspectiva antropológica, assim como no caso de Malinowski, não seria alterada pelo deslocamento, permanece deslocada, distanciada, situada numa razão humana comum às diversas sociedades e objetivada pela disciplina e práticas da antropologia. Mas quando o etnógrafo se submete à experiência do deslocamento, diz Lévi-Strauss, ele se submete a mudanças brutais que lhe causam um desenraizamento crônico que não lhe permitirá sentir-se em casa em lugar nenhum. Essa colocação de Lévi-Strauss sugere que, embora a perspectiva antropológica do etnógrafo não seja alterada pela experiência e se encontre segura no distanciamento possibilitado pela razão humana comum, o antropólogo como ser humano terá sofrido tal alteração sensível e subjetiva que não lhe será mais possível naturalizar a experiência da vida em sua própria sociedade assim como em nenhuma outra. A impressão é que houve uma alteração inevitável em sua forma de experimentar o mundo que lhe impede de naturalizar qualquer experiência social. O racional e o sensível se separam e não coincidem com relação aos resultados da experiência de deslocamento. O olhar distanciado não se perde, ao passo que o homem antropólogo está condenado pela experiência subjetiva a que se expôs a não naturalizar mais a experiência de estar em sua sociedade. Tudo se passa como se a perspectiva fosse isolada da experiência subjetiva.

Favret-Saada critica o que julga ser o posicionamento mais usual das etnografias, onde “(...) em geral, os autores ignoram ou negam seu lugar na experiência humana”. (Favret-Saada, 2005, p. 155), e a “antropologia acha-se acantonada no estudo dos aspectos intelectuais da experiência humana”. Em seu estudo sobre a feitiçaria entre camponeses europeus, Favret-Saada optou por um posicionamento pouco usual no trabalho de campo: “não pude fazer outra coisa a não ser aceitar deixar-me afetar pela feitiçaria”. Observar deste ponto de vista não lhe forneceu uma perspectiva melhor do que seria a perspectiva dos nativos sobre a feitiçaria, mas, sobretudo, foi possível considerar que alcançou uma perspectiva subjetiva sobre o fenômeno da feitiçaria. Em suas palavras: “Afirmo, ao contrário, que ocupar tal lugar no sistema da feitiçaria não me informa nada sobre os afetos do outro; ocupar tal lugar afeta-me, quer dizer, mobiliza ou modifica meu próprio estoque de imagens, sem contudo instruir-me sobre aquele dos meus parceiros”. Adiante ela salienta: “Experimentando as intensidades ligadas a tal lugar, descobre-se, aliás, que cada um apresenta uma espécie particular de objetividade: ali só pode acontecer uma certa ordem de eventos, não se pode ser afetado senão de um certo modo”. O

deslocamento ao qual ela se entrega não lhe permite uma outra perspectiva objetiva, mas uma condição subjetiva inerente a uma experiência de deslocamento. Favret-Saada também descreve os riscos relacionados a sua proposta. Trata-se da possibilidade de ver “seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontecer alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perder? em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível” (*idem, ibidem*, p.160). Para retornar a nossas palavras-chave, para Favret-Saada, o antropólogo de alguma maneira naturaliza a experiência do grupo social que está estudando, seu deslocamento pressupõe uma alteração ao mesmo tempo racional e sensível, conquanto se mantenha minimamente um projeto de conhecimento. Sua perspectiva é subjetiva, mas mantém a possibilidade de uma objetivação das informações resultantes da experiência. A própria experiência é objeto de reflexão.

Para Roy Wagner, o antropólogo inventa culturas, tanto a sua própria como a de outros grupos sociais, e as utiliza como instrumentos para pensar a alteridade e, de modo desnaturalizado, sua própria sociedade. Sempre que o antropólogo trata de uma sociedade qualquer ele o faz partindo de sua própria cultura. Nesse sentido, o antropólogo em seu trabalho possui sempre uma objetividade relativa. Diferente de Lévi-Strauss, ele elabora conhecimento sobre outras sociedades a partir de uma perspectiva localizada em sua própria. Ao mesmo tempo, o antropólogo parte do pressuposto da diversidade cultural, segundo o qual cada sociedade possui uma cultura própria; além disso, cada uma dessas culturas encontra-se, uma em relação às outras, em pé de igualdade. Trata-se nesse caso do pressuposto da relatividade, também, segundo Wagner, compartilhado entre os antropólogos. Antropólogos, portanto, experimentam seu objeto de estudo a partir de seu próprio mundo de significados e elaboram uma compreensão desse seu objeto para componentes de seu próprio grupo social nos termos e significados compartilhados com eles. Roy Wagner defende que se deve tentar ir mais longe do que isso: segundo ele, “uma antropologia que nunca deixa as fronteiras de suas próprias convenções, que desdenha de investir sua imaginação em um mundo de experiências, parece mais com ideologia do que com ciência”. De modo que se essa elaboração de uma cultura, essa invenção, não estiver associada a uma experiência, a um deslocamento de fato, a uma vivência mais do que a uma observação, essa elaboração não passará de uma fantasia livre. Roy Wagner localiza especialmente na experiência do trabalho de campo a possibilidade do choque cultural e, com ele, a possibilidade de alteração do ponto de vista que permita ao antropólogo olhar para sua própria sociedade a partir de outra perspectiva. Nesse ponto de sua experiência ele não mais naturaliza sua sociedade nem a do outro, fica como que pertencendo a nenhuma, pois mantém esse jogo de objetivação de ambas na forma de culturas. Portanto, para Roy Wagner, a experiência etnográfica é uma experiência de deslocamento

de perspectiva, de contraste e de desnaturalização.

We might actually say that an anthropologist "invents" the culture he believes himself to be studying, that the relation is more "real" for being his particular acts and experiences than the things it "relates." Yet this explanation is only justified if we understand the invention to take place objectively, along the lines of observing and learning, and not as a kind of free fantasy. In experiencing a new culture, the fieldworker comes to realize new potentialities and possibilities for the living of life, and may in fact undergo a personality change himself. The subject culture becomes "visible," and then "believable" to him, he apprehends it first as a distinct entity, a way of doing things, and then secondly as a way in which he could be doing things. Thus he comprehends for the first time, through the intimacy of his own mistakes and triumphs, what anthropologists speak of when they use the word "culture." Before this he had no culture, as we might say, since the culture in which one grows up is never really "visible" — it is taken for granted, and its assumptions are felt to be self-evident. It is only through "invention" of this kind that the abstract significance of culture (and of many another concept) can be grasped, and only through the experienced contrast that his own culture becomes "visible." In the act of inventing another culture, the anthropologist invents his own, and in fact he reinvents the notion of culture itself. (Wagner, 1981, pp. 12-13)

O trabalho de campo é um encontro também prático com a alteridade, e na maior parte das vezes difícil nesse aspecto para o antropólogo. Wagner diz que, como pessoa, o antropólogo quando inicia seu trabalho de campo precisa “começar do zero”. Para Wagner, na situação de choque cultural à qual se sujeita o antropólogo em seu trabalho de campo, ele perde as referências de sua própria cultura, o que significa perder por algum tempo sua própria noção de pessoa. Com a crença na existência de algo que se possa chamar de cultura nativa, o antropólogo procura construir seu conhecimento para viver com eles, para aprender sua cultura. O que Wagner enfatiza é que essa aquisição de conhecimento na vida social não se dá como para uma criança, mas sobre e com a persistência de perspectivas de sua própria cultura.

The peculiar situation of the anthropological fieldworker, participating simultaneously in two distinct worlds of meaning and action, requires that he relate to his research subjects as an "outsider," trying to "learn" and penetrate their way of life, while relating to his own culture as a kind of metaphorical "native." To both groups he is a professional stranger, a person who holds himself aloof from their lives in order to gain perspective (Wagner, 1981, p.17).

Portanto, para Wagner, durante o trabalho de campo antropológico há uma alteração de perspectiva que objetiva a existência de algo como uma cultura nativa. O estranhamento e o esforço de tentar adquirir referências dessa cultura fazem com que o antropólogo invente essa cultura como perspectiva adquirida sobre a já existente de sua própria sociedade. Nessa condição há também um desenraizamento do antropólogo que é visto de maneira destacada em ambas as sociedades – em sua perspectiva se destacam, tomam relevo, não só a cultura do nativo que ele inventou, mas agora também a sua própria.

Mauro Almeida argumenta que uma consequência do trabalho de campo para o antropólogo é uma alteração em seu próprio corpo, em termos de aquisição de um novo *habitus* (Almeida, 2003).

“O etnógrafo que aprende uma língua estranha tornou-se possuidor de um habitus. Quando ele aprende a tocar um instrumento que não era familiar, a comportar-se na vida social corrente, a entender e apreciar mitos, a dialogar nos termos locais – ele também adquiriu um novo habitus. A virtude é habitus. A beleza é habitus. (Almeida, 2003, p.22)

Durante o trabalho de campo, *habitus* próprios do grupo social pesquisado seriam incorporados pelo antropólogo e, nesse sentido, o próprio corpo do antropólogo seria alterado pela experiência da observação participante.

“Esse corpo é modificado ao longo da demorada experiência de observação participante. Essa modificação é uma inscrição objetiva, ou melhor dizendo, é um rearranjo das partes do corpo – um rearranjo permanente”. (Almeida, 2003, p.21)

Não obstante a aquisição de novos e diferentes *habitus* pelo antropólogo, o seu próprio *habitus* de antropólogo lhe é permanente e, assim como no caso do xamã e de seu próprio *habitus* xamânico, que passa de um corpo humano para um corpo onça, esse seu *habitus antropológico* tem a particularidade e especificidade de lhe permitir transitar entre diferentes *habitus* e ao mesmo tempo manter sua “perspectiva antropológica”. Almeida (2003) ressalta a impossibilidade de existência de um antropólogo imune à experiência subjetiva do trabalho de campo – e, por fim, aponta para o caráter objetivo e concreto das alterações no próprio corpo do antropólogo – destacando que a experiência subjetiva do antropólogo em seu trabalho de campo não prejudicaria uma “perspectiva antropológica”, pois esta, ela própria um *habitus* do corpo do antropólogo, conviveria com outros tantos *habitus* sem que entrassem em contradição ou necessariamente se alterassem mutuamente. Na abordagem de Almeida, apesar da importância da experiência sensível, há claramente uma distinção entre razão e sensível, e os *habitus* do corpo não significam uma alteração na razão, que, assim como em Lévi-Strauss, é compartilhada por todos os seres humanos e permite o diálogo entre as diferenças e a concordância pragmática.

Como apontamos rapidamente aqui, o deslocamento relacionado ao trabalho de campo antropológico causa tanto ao antropólogo, quanto a qualquer outro, conseqüências que extrapolam as formulações descritivas e analíticas. Além da reflexão consciente sobre a diferença, o deslocamento inscreve-se como uma experiência sensível, cujos detalhes e particularidades escapam mesmo ao olhar mais conscientemente preparado para retê-lo, e transforma o sujeito que se propõe a observar. Se do ponto de vista de alguns autores alguma perspectiva pode ser preservada após a experiência de campo intensa, não é possível preservar o sujeito como um todo.

O desenraizamento, os novos *habitus*, sugerem que a experiência de deslocamento a que antropólogos se sujeitam, mas não só eles, produz um organismo alterado, um novo sujeito. Este novo sujeito não se relacionaria com o próprio meio da mesma maneira que antes do deslocamento, pois a experiência alterou mesmo seu modo de interação e sua percepção, e não somente sua forma de pensar sobre o mundo. Ou melhor, as duas alterações podem bem ser uma só, sob um certo ponto de vista, sob o ponto de vista de meus amigos seringueiros inclusive.

Partimos em nosso trabalho de um pressuposto que, creio, compartilhamos com os moradores do rio Bagé, segundo o qual o observador, para ter a chance de observar (perceber) certas coisas, precisa de uma determinada condição subjetiva dada pela experiência. Como veremos adiante, Jakob von Uexküll

no começo do século XX desenvolve uma teoria e uma metodologia, dentro do campo do estudo dos comportamentos animais, que procura dar conta desse processo constante de reelaboração de um mundo próprio subjetivo (*Umwelt*), numa perspectiva em que organismo e ambiente conformam um só sistema.

Desse ponto de vista, aquilo que existe para um sujeito não existe a priori, mas é composto por seu universo de interações, que, por sua vez, depende de sua experiência. Já que nem todos os sujeitos estariam de antemão capacitados a perceber tudo o que existe, é preciso calibrar na experiência suas possibilidades de percepção. E para que sujeitos diferentes percebam objetos, situações e sentimentos semelhantes, é necessário que compartilhem experiências subjetivas, de modo que uma objetividade é possível na medida em que compartilhamos aspectos de nossa experiência subjetiva. Ou, de outro modo, um universo existe objetivamente não de antemão, mas na medida em que é compartilhado entre subjetividades em uma experiência comum. Ao contrário de um postulado de sujeito neutro de nossa ciência tradicional, a experiência dos seringueiros aponta para uma abordagem onde um universo que não preexiste em relação à experiência e cuja existência não é independente do observador.

Um exemplo desse tipo de raciocínio nos foi apresentado por Antônio Barbosa de Melo, conhecido por Roxo, que foi meu companheiro de viagem junto com Raimundo Farias Ramos, conhecido por Caboré. Roxo cresceu cortando seringa em uma colocação no Alto Juruá relativamente próxima às terras do rio Bagé. Roxo esteve visitando minha casa e a Universidade de Campinas há alguns anos. Nessa visita ele conduziu uma palestra para alunos da graduação em ciências sociais nessa universidade. Tratava-se de uma disciplina do professor Mauro Almeida, de quem Roxo é velho conhecido e amigo. Roxo tratou da vida na floresta e a certa altura uma colega que hoje está no mestrado em antropologia social na mesma universidade lhe perguntou se ele, Roxo, acreditava em Caipora. Caipora é um ser da floresta que, entre os moradores do Alto Juruá, é responsável por cuidar dos animais da mata, especialmente daqueles que eles classificam como caça. Esse ser assume várias formas e com ele os caçadores fazem acordos e negócios para obterem sucesso em suas caçadas. Roxo começou a sua resposta falando da biblioteca da Universidade que ele havia há pouco visitado. Naquele momento não entendia bem onde ele queria chegar com aquela conversa, mas aos poucos seu argumento foi ficando claro. Roxo ficara surpreso com a quantidade de livros que existiam na biblioteca, nunca imaginara tantos. Considerou que nem passando toda a sua vida entre os livros da biblioteca teria condições de ler todos eles ou mesmo uma pequena parte dos que estavam disponíveis. Também observou que uma pessoa poderia passar a vida dentro da biblioteca e não encontrar o livro que desejaria ler. Pois bem, a biblioteca lhe pareceu uma metáfora suficiente para tratar da floresta e da existência do Caipora. A floresta, dizia ele, era como

uma biblioteca daquelas. Um sujeito poderia passar a vida dentro dela sem conhecer todos os livros que ali existiam e, se quisesse encontrar um livro em particular, seria necessário ter uma experiência considerável entre suas estantes de modo a perceber as diferenças e possíveis classificações entre os livros. De modo que, Roxo considerou, o Caipora existe, mas não são todos que podem vê-lo; ele próprio nunca o tinha encontrado, mas outros caçadores, inclusive um irmão seu, já o encontrara e teria feito negócios com ele. Em suma: não bastaria estar na floresta para ver o Caipora, apenas alguns observadores em particular teriam essa possibilidade. Seria fundamental que o observador tivesse um estreito conhecimento e uma intensa e particular experiência com a floresta para cogitar encontrá-lo, e mesmo assim o Caipora só aparecia para quem desejasse. Não se tratava de uma questão de existência, mas de experiência.

Começamos esse capítulo tratando das conseqüências subjetivas da experiência de deslocamento empreendida pelo antropólogo em uma situação idealizada de campo. Consideramos que há propostas dentro da disciplina antropológica interessadas em considerar essas conseqüências como elemento da etnografia. Apontamos também que, em certa perspectiva, os moradores do Alto Juruá consideram, ou pelo menos nós elaboramos que eles consideram, que a possibilidade de percepção não é dada igualmente aos observadores de antemão como princípio, mas é associada diretamente às suas experiências.

Neste capítulo também tratamos de viagens, de deslocamentos físicos que implicam outros. Nos sujeitamos e propusemos a sujeição de dois amigos a um experimento:

Em princípio um deslocamento físico, uma viagem pelo rio Bagé, visitando as casas de seus moradores. A idéia era fazer um trabalho de campo em três pessoas. Eu, Raimundo Farias Ramos e Antônio Barbosa de Melo. Viajaríamos de canoa e a pé pela bacia do rio Bagé, conhecendo e registrando aspectos da vida de seus moradores e, tanto quanto possível, espacializando e geo-referenciando a ocupação do território e seu uso com auxílio de aparelho receptor GPS. Cada um dos viajantes levaria consigo um diário onde registraria a viagem e suas impressões pessoais sobre ela e sobre os acontecimentos e situações vivenciados.

Meus dois colegas, seringueiros de criação, fariam comigo uma pesquisa, essa foi a proposta. Visitaríamos os moradores do rio Bagé como pesquisadores, seja lá o que isso significou para eles no momento em que lhes propus. Esperava algo simples, registros escritos, três perspectivas pessoais diferentes sobre uma mesma viagem, diários que expressassem como a mesma viagem foi registrada por cada um dos três viajantes e possíveis diferenças entre os modos de conhecer de cada um dos três.

Além dessa viagem ao rio Bagé, um de meus companheiros viajou comigo para Campinas, no interior do estado de São Paulo, acompanhado de mais um amigo seringueiro morador do rio Bagé. Também solicitei aos dois que registrassem por escrito suas impressões dessa outra viagem. A seguir, neste capítulo, trataremos dessas viagens e dos registros feitos em diários por essas pessoas.

Não se trata aqui tão-somente de apresentar ao leitor a situação de campo. Isso acaba acontecendo, mas também procuramos evidenciar a operação de modos de conhecimento subjetivos. A ressalva aqui é apontar algumas limitações de se fazer isso utilizando os diários de viagem de meus colegas e minhas observações e comentários. Somente eu tive acesso aos diários de todos, mais por questão de tempo do que por uma metodologia ou regra, e somente eu, pelos mesmos motivos, comento os diários de todos, embora durante as viagens conversássemos abertamente sobre os registros e impressões de cada um. Também funcionei como uma espécie de orientador quando surgiam dúvidas sobre o que anotar e como, mas minha orientação básica era sempre a mesma, de liberdade total nas anotações, que elas fossem descritivas e detalhadas sobre acontecimentos concretos, mas que também registrassem opiniões e idéias que surgissem, relacionadas ou não aos acontecimentos.

Como pano de fundo dessa idéia está a proposta de abordagem antropológica de Tim Ingold (2000), com o foco na experiência e na continuidade entre organismo e ambiente e sua aproximação e paralelo possível com uma teoria dos moradores sobre o deslocamento físico. Como tratarei logo à frente, os moradores utilizam o par de termos brabo e manso para designar uma adaptação relativa do sujeito ao ambiente em que está inserido, o que implica aquisição de conhecimento não somente intelectual, mas também físico-sensorial. Segundo o sentido presente nesses termos, podemos dizer que durante a viagem pelo rio Bagé meus colegas foram amansando sua brabeza na ciência da pesquisa e eu, amansando minha brabeza em ciências da mata e do seringal. Já na viagem para Campinas, no interior de São Paulo, meus colegas foram amansando na cidade e na universidade. Nos termos de Ingold, novas habilidades foram sendo incorporadas, conformando uma nova relação organismo-ambiente.

São, portanto, dois os objetivos centrais deste capítulo: (1) explorar a experiência e o deslocamento como categoria nativa de compreensão do ordenamento do mundo e de seus sujeitos; e (2) analisar a experiência de uma viagem e o ponto de vista de diferentes experiências subjetivas.

O Brabo e o Manso

Numa viagem às colocações e comunidades da Reserva Extrativista do Alto Juruá e do rio Bagé, a incompatibilidade das técnicas corporais para as tarefas mais ordinárias e cotidianas me lembrava a todo instante que eu não era dali. De fato, seres urbanos como eu não reconhecem as ações mais banais do dia-dia da floresta. Esse tipo de sensação, talvez não consciente em princípio, acumulada durante meses, nos reafirma a cada instante nosso deslocamento, que se expressa tanto em uma contingência física quanto em hábitos incorporados. Para quase todas as ações temos que nos recolocar, nos lembrar de onde não estamos e pensar em como proceder onde agora estamos. Desde os procedimentos mais elementares – para a água, o banho, o banheiro – até as regras mais elaboradas de etiqueta e convívio social.

Um exemplo que evidencia essa situação é uma caminhada na mata e as dificuldades que essa atividade me apresenta. Não me refiro à orientação espacial. Minha dificuldade é anterior. Sempre achei complicado simplesmente me manter em dois pés, caminhando com uma velocidade razoável. Principalmente nas primeiras viagens a sensação é de incapacidade física total, os tombos são constantes. Enquanto meus colegas nativos praticamente não sujam os pés descalços, meu calçado ficava inteiramente enlameado, molhado e muitas vezes rasgado. Mulheres, crianças e pessoas idosas caminham com dignidade, deslocando-se nos estreitos caminhos na mata como se estivessem passeando em uma grande e espaçosa calçada; enquanto isso eu, tentando acompanhá-los, me arrasto, rasgando-me nos cipós e espinhos, fazendo um estardalhaço de folhas e galhos.

Normalmente essas caminhadas nas trilhas da floresta, que interligam as casas dos moradores, incluem atravessar pontes sobre igarapés, tarefa à qual nunca me adaptei, embora tenha melhorado um pouco nos últimos anos. O que eles chamam de pontes são troncos de largura variável, quase sempre estreitos, com cerca de 15 centímetros de diâmetro, onde mal cabe um pé de cada vez, atravessando o vão dos igarapés e de grotas. Nesses momentos sinto-me completamente inútil. Os moradores me chamam de brabo. Nessas situações o sotaque estrangeiro se manifesta tanto no falar quanto no caminhar. Na maioria das vezes não é possível transpor esses obstáculos sozinho. Enquanto senhoras carregadas de carga param no meio desses troncos, muitas vezes a uma boa altura da água ou de paus caídos, e gritam chamando os filhos atrasados no caminho como se estivessem no sofá de casa, eu, na melhor das hipóteses, utilizo-me de apoios preparados por meus companheiros de caminhada para atravessar os igarapés. Quando é possível, prefiro descer o barranco e atravessar o vão pelo fundo, enquanto meus

companheiros riem na margem oposta. Por diversas vezes fui resgatado depois de cair dentro dos igarapés ao tentar atravessar as pontes.

Não se trata aqui de chamar a atenção para o exótico e o cômico da situação, mas para o tipo de conhecimento requerido e desenvolvido pelos moradores com relação ao meio em que vivem. Trata-se, nesse caso, de um conhecimento corporal associado ao deslocamento cotidiano, incorporado e desenvolvido na experiência. Também é um exemplo bom para tratar dos sentidos locais atribuídos aos termos brabo e manso. Quando caminho na mata junto com os moradores eles rapidamente me classificam como brabo, assim como quando entro desajeitadamente numa canoa sou chamado de brabo. Quando alguém não reconhece pelo sabor ou aspecto a que animal pertencia um certo pedaço de carne já preparada para a refeição, também nesse caso a pessoa é classificada pelos moradores como braba. Manso, por sua vez, é aquele que sabe caminhar na mata, que conduz bem um motor na popa de uma canoa, sabe como se comportar durante uma refeição ou uma caçada, mas também aquele que utiliza bem um computador na condição de “pesquisador”.

Observando esses exemplos, os termos adaptados e não adaptados poderiam traduzir respectivamente manso e brabo. Contudo creio que não guardam entre si exatamente os mesmos sentidos e usos porque, tomados em um contexto local mais geral, parecem partir de pressupostos diferentes sobre a relação entre sujeito e ambiente. O termo adaptação, em um de seus sentidos correntes, diz respeito a uma adequação do sujeito a seu meio por meio de um aprendizado consciente ou não, como nos casos acima citados. Assim, um sujeito aprende a utilizar um motor para deslocar uma canoa, ou aprende a utilizar um computador ou mesmo andar na mata sem sofrer acidentes ou contratempos. Nesses casos o ambiente ou o instrumento são objetos de conhecimento que o sujeito procura pela experiência aprender a utilizar e/ou conhecer. Frequentemente, ou talvez aparentemente, os termos brabo e manso são utilizados pelos moradores expressando esse mesmo tipo de idéia, uma adequação a uma certa situação e/ou um aprendizado por meio da experiência. No entanto, tenho a impressão de que os termos brabo e manso possuem outros sentidos e usos diferentes, e, como dissemos anteriormente, em relação com o contexto local mais geral exprimem também algo sobre os pressupostos locais que dizem respeito à relação entre sujeito e ambiente.

Quando perguntei diretamente a alguns moradores o sentido do termo brabo, me responderam que o mesmo estaria relacionado de alguma maneira à idéia de solidão, ao sentimento de isolamento, ou mesmo de desconexão. “Brabo é quando uma pessoa vive na mata e não tem mais ninguém perto dele, ele está sozinho. Chega uma hora que ele vê outra pessoa e corre com medo, não quer ver ninguém.

Quando nós vamos caçar e avistamos um bicho que corre com muito medo, ele é muito brabo. E tem muito bicho na mata que não é brabo, porque quando ele nos vê, nós podemos chegar perto dele.”

Me arrisco, com base nos usos que presenciei e nas respostas que me deram, em associar o uso local dos termos brabo e manso à idéia de pertencer com plenitude, ou de compartilhar o conhecimento necessário para estar ali naquela situação, ou mesmo a idéia de um sujeito, humano ou não, estar em relação com o que o circunda. Portanto, nesse sentido o termo brabo é utilizado para designar um sujeito que não se encontra em relação com a situação ou com o meio ao seu redor, partindo do princípio de que é necessário conhecimento para estar em relação com a situação ou ambiente. Em oposição, manso designa um sujeito que conhece e pratica as regras de convívio – que pode incluir, por exemplo, o modo de caminhar na floresta (nesse mesmo sentido, portanto, conhecimentos e regras de convívio não se diferenciam). Colocado nesses termos, o par de oposição brabo e manso se refere muito mais a um conjunto de regras de convívio apreendidas e praticadas pelo corpo do que à incorporação mecânica de uma modo de agir.

Os termos brabo e manso também são associados aos trabalhadores que chegavam do Nordeste para trabalhar no seringa²¹. Os trabalhadores recém chegados do nordeste brasileiro, que nada conheciam do trabalho da seringa e da vida na floresta, eram chamados pelos veteranos de brabos. Até hoje são comuns as piadas sobre brabos. Em uma das mais conhecidas um brabo chama um veterano (manso) para almoçar um nambu, mas quando o veterano experimenta o cozido percebe que o brabo havia matado um urubu pensando que era nambu. As piadas sobre brabos envolvem sempre um desconhecimento do ambiente e /ou das regras de etiqueta.

Nas regras de classificação de outros seres também são utilizados os termos brabo e manso para uma divisão mais geral, quase uma homologia, entre os universos dos humanos e o universo da floresta. Assim, numa regra mais geral, para todo ser vivo manso, aqui significando do universo dos moradores, existe um brabo, aqui significando da mata. As cabras e bodes são a versão mansa dos veados, e esses, por sua vez, são a versão braba das cabras e bodes; os queixadas e porcos do mato são a versão braba dos porcos de casa. Do mesmo modo, as galinhas estão para as nambus, e assim por diante. Numa cosmologia local, Deus é o criador de todos os seres, e os homens são os responsáveis pelos animais mansos, enquanto o Caipora é o responsável pelos animais da mata. Este último cuida dos porcos e veados, assim como os homens cuidam dos porcos de casa e das cabras. Com relação às plantas

²¹ Ver mais sobre os usos locais dos termos brabo e manso em Almeida(1993), Wolff(1999), Pantoja (2004), Postigo (2003) e Dias (2004).

também ocorre o mesmo: para cada variedade doméstica (mansa) de cultivos há uma homóloga na mata. Índios também podem ser brabos ou mansos, de acordo com o conhecimento e convívio com as regras de convívio dos seringueiros. Em todos os casos, animais, plantas, índios, pesquisadores podem se submeter a um processo de amansamento. Viagens e deslocamentos geográficos podem se converter em processos de amansamento.

Os Brabos e os Mansos das Viagens

Antônio Barbosa de Melo, o Roxo, e Raimundo Farias Ramos, o Caboré, me acompanharam nas duas viagens que fiz ao rio Bagé durante as pesquisas para esse trabalho. Roxo nasceu e se criou seringueiro no Alto rio Tejo e Caboré no rio Bagé. Depois, o mesmo Caboré e Raimundo Costa Lima, o Nonato, dois amigos seringueiros que já passam dos cinquenta e cinco anos, criados no rio Bagé, estiveram em minha casa por cerca de um mês. Acompanharam-me quando retornei de uma das duas últimas viagens ao Bagé. Caboré já havia viajado para além de Cruzeiro do Sul. Uma viagem a São Paulo para ele não chegava a ser uma novidade completa. Nonato, contudo, ficou extremamente impressionado. Suas impressões e nossos diálogos a respeito disso funcionaram como uma espécie de avesso de minha “brabeza em campo”.

Estendo-me um pouco nos comentários sobre minha amizade com os dois colegas de pesquisa de campo. Minha intenção também é reforçar uma impressão que tenho sobre o modo como os eventos e situações são encaminhados. Procuro com isso esvaziar qualquer impressão de orientações previamente planejadas, mesmo para a pesquisa, e realçar a complexidade e o caráter autopoietico dos processos e eventos sociais, quaisquer que sejam eles. São irreduzíveis, portanto, a análises distanciadas e desvinculadas das trajetórias dos sujeitos reais, antropólogos ou seringueiros. Acho que as linhas sobre meu envolvimento com meus dois colegas de pesquisa até chegarmos a um trabalho conjunto, além de informações sobre o envolvimento de pesquisadores na região do Alto Juruá nos últimos vinte anos, são exemplos desse tipo de perspectiva.

As duas últimas viagens de campo que realizei deram justamente essa sensação. São onze anos de convívio e relacionamento²². Mas, como já disse, não citei o termo deslocamento unicamente para me

²² Fiz a primeira viagem à região entre janeiro e fevereiro de 1998. Visitei boa parte da Reserva Extrativista do Alto Juruá (ver mapas 3 e 4). Estive na casa de moradores no próprio rio Juruá, no rio Tejo, no Caipora, no Breu, no Arara e no Bagé. Na segunda viagem, no ano seguinte, concentrei-me mais na região do rio Tejo e de seu afluente Bagé, também por um período de dois meses. Nas viagens seguintes concentrei-me na bacia do rio Tejo e principalmente em seu afluente, o rio Bagé. Foram mais duas viagens de dois meses durante o mestrado, entre 2000 e 2002, e depois mais duas viagens somente

referir a mim mesmo. Tive companheiros de pesquisa “nativos”, tanto no rio Bagé quanto visitando minha casa. Nesse último caso pude acompanhar uma espécie de caminho inverso. Afirmo, durante o trabalho, que uma categoria local importante para os moradores da região, que diz respeito ao deslocamento espacial, é mobilizada a partir dos termos ciência, brabo e manso. O termo ciência, em seu uso local, diz respeito ao deslocamento geográfico e seu papel na aquisição de conhecimentos indexados a outras localidades. Veremos nesse capítulo que as andanças de meus amigos por outras regiões do Brasil significaram acúmulos de ciência, conhecimentos atrelados a determinados lugares, que contribuíram para repensar suas concepções sobre o mundo, sempre amparados e com base na experiência local. Roxo, por exemplo, refaz suas considerações sobre o formato do planeta, enquanto Caboré busca recolocar suas referências espaciais quando se depara com a serra do mar. Nonato, por sua vez, reflete sobre as diferenças na organização doméstica entre as grandes cidades e o seringal, mas essa sua reflexão ficará para a conclusão do trabalho, onde se encaixa de maneira mais apropriada.

Procuo agora apresentar minha relação com meus dois companheiros como forma de situar o leitor na leitura dos diários deles próprios, e, em segundo lugar, para enfatizar a conexão da análise dos diários desses meus amigos com certas categorias locais que tratam do deslocamento espacial e de suas conseqüências para os indivíduos que o empreendem, vale dizer, as categorias locais de brabo, de manso e de ciência.

Pesquisadores Locais

Os dados, informações e experiências a que me refiro no trabalho foram em grande parte recolhidos ao longo dos oito anos em que visitei, com uma regularidade quase anual, a região da bacia do rio Bagé. Essas visitas duraram de um a três meses. Considerando todas as estadias desse período de oito anos, estive quase um ano entre os moradores do rio Bagé. Embora tenha passado a maior parte de meu tempo nas terras banhadas pelo Bagé e seus afluentes, também estive em outras localidades da Reserva Extrativista do Alto Juruá, na sede municipal de Marechal Thaumaturgo e na cidade de Cruzeiro do Sul.

Todas as visitas aos moradores do Bagé entre os anos de 1998 e 2006 ocorreram em contextos em que eu tinha minhas próprias questões de pesquisa (entre 1998 e 1999 fiz minha iniciação científica e graduei-me, entre 2000 e 2003 fazia meu mestrado em antropologia social, e, finalmente, a partir de

ao Bagé, com visitas rápidas a outras localidades do Tejo, entre os anos de 2004 e 2006. Essas duas viagens totalizaram cinco meses.

março de 2003 ingressei no doutorado, onde desenvolvi a atual pesquisa). Ao mesmo tempo, em todas essas oportunidades de permanência na região, também participei como membro da equipe de pesquisa do professor Mauro Almeida, do IFCH/UNICAMP, que já atuava na região como pesquisador e assessor (de seringueiros e povos indígenas) desde a década de oitenta. Entre as principais atividades que desenvolvíamos em campo, como membro dos projetos desenvolvidos pelo prof. Mauro, estava a participação na formação de um grupo de pesquisadores locais da Reserva Extrativista do Alto Juruá, denominados e conhecidos por monitores sócio-ambientais da REAJ.

O grupo de monitores sócio-ambientais da REAJ foi um de meus principais objetos de pesquisa durante o mestrado. Tratei deles com detalhes em minha dissertação (Postigo, 2003). Ele é constituído de moradores (homens, mulheres e jovens) das mais diversas localidades da REAJ, que praticam o registro diário de informações relacionadas à qualidade de vida e ao ambiente em sua localidade. A capacitação de moradores como pesquisadores locais na REAJ surgiu de maneira um tanto quanto casual e, em seu princípio, seguiu uma lógica dada pelas relações de amizade e proximidade entre pesquisadores acadêmicos e moradores. A história, em detalhes, é em parte contada em meu trabalho de mestrado, mas é necessário ressaltar aqui alguns aspectos essenciais para a compreensão de algumas características de meu trabalho de campo.

Depois de uma atuação importante no processo de criação e implementação da Reserva Extrativista do Alto Juruá, como assessor de lideranças locais e do movimento dos seringueiros acreanos como um todo²³, a partir do começo da década de noventa, com a REAJ já criada, o prof. Mauro Almeida passa a

²³ Acredito, e espero, que ainda será escrita por uma ou mais mãos (as de seus protagonistas) a história de criação da primeira Reserva Extrativista, a Reserva Extrativista do Alto Juruá. Em seus detalhes ela é muito complexa e rica e demonstra como são amplas as redes e os processos envolvidos em uma invenção social como essa. Porém, de imediato, para os interesses deste trabalho, é fundamental destacar os projetos aplicados e de pesquisa que Mauro Almeida escreveu e assessorou nos anos oitenta e início dos anos 1990 com o objetivo de apoiar os movimentos sociais que se constituíam no Acre naquele momento. É de 1987 o projeto “Projeto Ação Amazônica do Conselho Nacional dos Seringueiros”, elaborado por Mauro Almeida, Osmarino Amâncio Rodrigues e Raimundo de Barros (CNS), com recursos do FASE. Em 1987, CNS, Mauro Almeida e Mary Allegretti redigiram o projeto “Fortalecimento do Conselho Nacional dos Seringueiros”, que foi desenvolvido entre os anos de 1988 e 1989 sob coordenação do mesmo Mauro Almeida. Os recursos foram fornecidos pela CEBEMO (Organização Central de Financiamento de Programas de Desenvolvimento) com intermediação do CEDI. O objetivo era amparar as atividades de organização do Conselho Nacional dos Seringueiros. Entre os anos de 1988 e 1990, por meio de quatro projetos diferentes são conseguidos os recursos necessários para a criação, implementação legal e concreta da Reserva Extrativista do Alto Juruá e sua autogestão pelo movimento organizado dos seringueiros, primeiro por meio de uma cooperativa e pela regional do CNS e depois pela ASAREAJ, sempre encabeçadas por Chico Ginú e Antônio Macedo com a assessoria de Mauro Almeida. Foram os seguintes projetos: “Desenvolvimento Econômico Comunitário - Reserva Extrativista da Bacia do Rio Tejo - Alto Juruá”. Projeto de 1988 de autoria de Antônio Luiz Batista de Macêdo (CNS – Regional do Vale do Juruá), Mauro Almeida e Adir Gianinni (SEPLAN-Acre), que contou com recursos do Banco Econômico de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e teve o objetivo de implementar de fato a primeira Reserva Extrativista, pois com esses recursos foram formadas as cantinas de mercadorias da Cooperativa dos Seringueiros e Agricultores da bacia do rio Tejo, que possibilitou aos trabalhadores e suas famílias se livrarem da dependência das

atuar com uma equipe cada vez mais ampla, compreendendo colegas professores da Unicamp e de outras universidades e alunos, na implementação da Reserva Extrativista do Alto Juruá, então recém criada formalmente por decreto presidencial. Nesse período a presença de pesquisadores acadêmicos na Reserva passou a ser cada vez maior e mais freqüente. Os primeiros pesquisadores locais, monitores, começaram a preencher diários por sugestões dadas nesse convívio. Tanto o prof. Mauro quanto o monitor Antônio Barbosa de Melo narram a situação que parece ter originado a idéia da constituição de um grupo local de pesquisadores. Segundo ambos, em certa ocasião Mauro Almeida, no início dos anos noventa, visitava em companhia de Chico Ginu – o sindicalista Francisco Barbosa de Melo – a colocação Igarapé dos Porcos, em um afluente do Igarapé Manteiga, que desemboca no Riozinho, por sua vez um afluente do rio Tejo de importância comparável ao do Bagé. Nessa época essa era a residência de Chico e de um de seus irmãos mais novos, o Roxo, ou Antônio Barbosa de Melo. Na presença de Roxo, Chico Ginu aproveitou a ocasião para mostrar a Mauro os cadernos em que Roxo registrava informações sobre sua produção de borracha, em uma linguagem escrita incompreensível para Mauro.

Roxo e Mauro hoje brincam com essa lembrança, principalmente com relação à escrita inventada por Roxo, que nunca havia ido à escola e teria aprendido a escrever por conta própria, com alguma orientação de Chico Ginu, sendo que ele próprio nunca havia freqüentado escolas e havia aprendido a ler e escrever com a ajuda da esposa. Mauro incentivou a continuidade das anotações, tratando a

mercadorias dos padrões e organizar seu movimento e a autogestão do território. Em 1990, também com recursos do BNDES, foi desenvolvido o projeto “Desenvolvimento Econômico Comunitário, Reserva Extrativista do Alto Juruá e Áreas Vizinhas”, de autoria de Mauro Almeida, Antônio Luiz Batista de Macedo (CNS), Terri Vale de Aquino (CPI - Acre) e Osair Sales (Siã Kaxinawá) da Associação dos Índios Kaxinawá do Jordão. Após a publicação do decreto que reconhecia a criação da Reserva Extrativista do Alto Juruá, datado de 23 de janeiro, havia um prazo de dois anos para a tomada de providências no sentido de implementar a Reserva, sem as quais o decreto seria anulado. Entre essas providências estavam a realização de um cadastro dos moradores, a elaboração de um Plano de Uso e de um Relatório Sócio-Econômico. O Ibama, responsável, segundo o decreto, pela co-gestão da Reserva, não se manifestou, mas as lideranças políticas do movimento organizado dos moradores se mobilizaram e, assim, o projeto “Implementação da Reserva Extrativista do Vale do Juruá”, de autoria de Antônio L. Batista de Macedo, Mauro Almeida e Chico Ginú, realizou o primeiro Cadastro de Residentes da REAJ, elaborou com a ampla participação da comunidade o Plano de Uso da Reserva Extrativista do Alto Juruá e produziu um Relatório Sócio-Econômico da REAJ. Esse projeto foi executado pela Associação dos Seringueiros e Agricultores da Bacia do Rio Tejo (Francisco Barbosa de Melo) e pelo CNS (Cruzeiro do Sul) com a participação do CEDI (ISA) e com recursos provenientes de convênio entre o IBAMA-CNS/Regional do Vale do Juruá, tendo como coordenador Mauro W. B. Almeida. Também era exigida para a consolidação da Reserva Extrativista do Alto Juruá a elaboração de um conjunto de mapas temáticos sobre a recém criada Reserva e seus limites. Para esse propósito também foi redigido e coordenado por Mauro Almeida um projeto denominado “Mapeamento da Reserva Extrativista do Alto Juruá”. O resultado desse projeto foi um conjunto de mapas digitalizados apoiados em imagem de satélite e em pesquisa de campo. Os executores desses projetos também foram a ASAREAJ, presidida por Chico Ginu e o CNS (na época encabeçado por Antônio Luís Bispo de Macedo em Cruzeiro do Sul). O Intervente técnico foi o CEDI /ISA, sob a coordenação de Alcília Rolla, e os recursos foram oriundos de convênio entre o CNS/IBAMA e CEDI.

atividade como pesquisa. Segundo Mauro Almeida, o próprio Chico Ginu, em 1988, teve um pequeno auxílio da Fundação de Apoio à Pesquisa da Unicamp, na época FAEP, para dar continuidade às anotações que fazia como parte de suas atividades sindicais, tendo ganho um crachá que o identificava como pesquisador²⁴. Ainda segundo Mauro, quando Chico o apresentou a Roxo e lhe mostrou o caderno de seu irmão mais novo, Roxo disse que gostaria de ser pesquisador como seu irmão Chico. Mais adiante, em uma das reuniões com a equipe de pesquisa, formada por estudantes da UNICAMP e da USP que residiram de 1994 a 1995 na Reserva por seis meses, Mauro sugeriu que cada um incentivasse atividades semelhantes nos seus locais de pesquisa – os pesquisadores-estudantes residiam em diferentes colocações. Começou assim a se constituir um grupo de pesquisadores locais.

Junto com essas relações de amizade e de trocas de conhecimento há uma perspectiva que confere a diferentes formas de conhecimento um status similar e prevê a possibilidade de um trabalho comum. Essas idéias estão presentes de forma mais explícita nos projetos de pesquisa coordenados, elaborados e desenvolvidos por Mauro Almeida na Reserva Extrativista do Alto Juruá a partir dos anos 90²⁵, cujos objetivos passavam pela (1) gestão da Reserva por seus moradores; (2) a elaboração de conhecimentos colaborativos entre pesquisadores acadêmicos tradicionais e pesquisadores e moradores da própria

²⁴ O projeto em questão denominava-se “Seringueiros sindicalizados na Bacia do Rio Tejo, Alto Juruá” (1987-88). Foi coordenado por Mauro William Barbosa de Almeida e incluía o levantamento com o sindicalista Francisco B. de Melo da situação dos trabalhadores seringueiros do rio Tejo, submetidos ao regime dos patrões seringalistas. Os recursos foram fornecidos pela FAEP – Unicamp.

²⁵ Após a implementação da Reserva Extrativista do Alto Juruá, Mauro Almeida passou a elaborar e desenvolver projetos visando apoiar a gestão da Reserva com pesquisa, acompanhamento e apoio dos processos de gestão local participativa e a criação de um corpo de pesquisadores locais entre os próprios moradores vinculados à criação experimental de um método de monitoramento da qualidade de vida e ambiente que pudesse ser comparável às metodologias científicas já existentes para esse tipo de atividades. É a partir desses projetos que a figura dos *pesquisadores* e do *Projeto de Pesquisa* se tornam presentes e reconhecidas pelos moradores da Reserva em seu cotidiano. Foram elaborados e desenvolvidos os seguintes projetos: “Moradores Tradicionais São Capazes de Administrar Áreas de Conservação? Um Experimento na Reserva Extrativista do Alto Juruá”, com a coordenação de Manuela Carneiro da Cunha, Mauro W. Barbosa de Almeida e Keith S. Brown Jr, com financiamento da Fundação McArthur durante o período de 1993 a 1996. Segundo Mauro Almeida, um dos produtos mais importantes desse projeto foi a formação do grupo de monitores socioambientais da Reserva Extrativista do Alto Juruá, constituído de moradores voluntários que registravam diariamente em cadernos informações sobre a qualidade de vida e do ambiente na Reserva Extrativistas do Alto Juruá. Durante esse projeto diversos alunos de graduação, 4 de ciências sociais, 2 da biologia e 1 da economia viveram junto com os moradores separadamente durante seis meses, realizando pesquisa de campo. Foi também durante esse projeto que foi elaborada a Enciclopédia da Floresta (Cunha e Almeida, 2002). A partir de 1997 outro projeto passa a ser desenvolvido, denominado Economias Domésticas e Usos da Floresta: Um Estudo de Caso na Reserva Extrativista do Alto Juruá. Também nesse projeto foram desenvolvidas atividades de capacitação dos monitores socioambientais. Esse projeto foi financiado pelo CIFOR e teve duração até 1999. Entre os anos de 2000 e 2004 um novo projeto, também de autoria e coordenação de Mauro Almeida, passa a ser desenvolvido na Reserva Extrativista do Alto Juruá. Financiado pela Comunidade Européia através da FINEP, o projeto Pesquisa e Monitoramento Participativos em Áreas de Conservação Gerenciadas por Populações Tradicionais foi executado pela ASAREAJ. Um aspecto essencial do projeto foi a maior formalização das atividades dos monitores socioambientais, que inclusive passaram a receber bolsas de estudo. Eram cerca de cinquenta moradores diretamente envolvidos. Um dos produtos foi uma série de publicações com material dos diários dos monitores.

Reserva Extrativista; (3) a construção experimental de um método de monitoramento socioambiental protagonizado por moradores que pudesse ter resultados comparáveis e mesmo calibrados por métodos da ciência tradicional; e (4) a formação de um grupo de pesquisadores-moradores que pudesse produzir informação com níveis de qualidade comparáveis aos dos cientistas de campo tradicionais.

A proximidade inicial com alguns poucos moradores, a coordenação e as perspectivas de Mauro Almeida de um trabalho contínuo de pesquisa e formação com os pesquisadores transformaram-se, ao longo dos anos, em projetos comuns com o objetivo mais específico de construir com moradores métodos para avaliar o desenvolvimento da qualidade de vida e do ambiente na Reserva Extrativista do Alto Juruá. Foi nesse contexto que se consolidou o grupo de monitores socioambientais da Reserva Extrativista do Alto Juruá, como resultado de trabalhos e experiências propostas desde 1993.

Em 1998, quando comecei a participar dessa equipe de pesquisadores nos confins do Acre, a relação entre *pesquisadores* e moradores já estava estabelecida e muitos moradores já atuavam como monitores socioambientais desde 1993, como é o caso de Roxo. Os monitores eram moradores que, voluntariamente, a partir de contato com pesquisadores, passavam a registrar informações sobre a qualidade de vida e o ambiente diariamente em cadernos fornecidos pelos pesquisadores. Os pesquisadores que os orientavam no *trabalho de pesquisa* passavam informações sobre o que anotar e como anotar a cada dia e “corrigiam” a linguagem escrita dos moradores. Essas “aulas” de português e de diários de pesquisa eram dadas em visitas às casas dos monitores pelos pesquisadores. Muitos moradores se interessavam pela *pesquisa* porque gostavam das visitas dos pesquisadores, porque gostavam de aprender coisas novas e melhorar a linguagem escrita, ou simplesmente porque gostavam da atividade. Muitas vezes todas essas coisas juntas e mais algumas (Postigo, 2003). Integrantes da equipe de *pesquisa*, por sua vez, tinham a incumbência de visitar os monitores socioambientais durante suas visitas a campo, além de organizar capacitações que reuniam todo o grupo de monitores para capacitações mais específicas. Visitavam os monitores, ficando em suas casas muitas vezes por mais de um dia durante uma visita. Nesse convívio e no trabalho com os diários desenvolviam relações de amizade. Minha primeira visita à Reserva Extrativista do Alto Juruá se dá nesse contexto e como *pesquisador*. Ou seja, minha primeira atividade de campo consistia em auxiliar minha companheiras de equipe do *Projeto de Pesquisa*, Eliza Costa e Marisa Gesteira, na realização de uma capacitação para os monitores e nas visitas individuais aos monitores de toda a Reserva. Nesse momento, as atividades com os monitores faziam parte de um projeto coordenado por Mauro Almeida e financiado pelo CIFOR em uma parceria com a Unicamp. O projeto chamava-se Economias Domésticas e Usos da Floresta: Um Estudo de Caso na Reserva Extrativista do Alto Juruá, e minha atuação nele estava mais diretamente

associada com o trabalho com os diários dos monitores em Campinas, na Unicamp, na organização das informações e digitação dos dados e em campo com o trabalho de capacitação do grupo, com as visitas individuais e os treinamentos coletivos, sob a orientação direta de Eliza Costa, então veterana da equipe de Mauro. Ao mesmo tempo, e aproveitando esses “trabalhos de campo” que duravam cerca de dois meses, coincidindo com as férias do curso de graduação na Unicamp, eu desenvolvia também, sob orientação de Mauro, um projeto de iniciação científica, não por acaso, sobre a importância da qualificação na educação formal de alguns moradores para a autogestão da Reserva Extrativista do Alto Juruá.

Participar da equipe de Mauro Almeida na Reserva Extrativista do Alto Juruá significava, portanto, fazer parte de uma forma de pesquisa cooperativa que já acontecia na prática, como resultado do convívio entre pesquisadores e moradores na formação do grupo de monitores socioambientais. Em campo esse hábito de pesquisa cooperativa já estava instituído e cultivado pelo prof. Mauro e seus alunos e alunas. Portanto, quando ingressei na equipe, a pesquisa cooperativa, que incluía necessariamente uma relação estreita e de reciprocidade para com os moradores, e especialmente com os monitores socioambientais, condicionou algumas características de meu trabalho de campo e de minha atuação na região.

Em todas as viagens de campo que fiz, de 1998 até hoje, sempre participei de alguma forma de atividade com os monitores, ou treinamentos coletivos em alguma localidade ou visitas individuais aos monitores socioambientais. Nessa situação o cronograma de atividades da pesquisa de campo sempre esteve vinculado às atividades do *Projeto de Pesquisa*, denominação mais geral à qual todos nós, pesquisadores acadêmicos trazidos pelo prof. Mauro, somos associados. “Ele faz parte do grupo da pesquisa” ou “Ele é do Projeto de Pesquisa”, dizem.

A participação no *Projeto de Pesquisa*, e meu envolvimento com ele, fez com que minhas atividades de campo sempre incluíssem a visita a muitas casas, muitas vezes em diversos rios, e em curto espaço de tempo. Era necessário visitar individualmente cada um dos monitores para corrigir cadernos, orientar trabalhos, dar lições de escrita. Não era possível, portanto, passar muito tempo na casa de um morador, e as famílias visitadas em geral possuíam algum componente envolvido no monitoramento. O máximo que consegui permanecer em uma mesma localidade durante uma viagem foram duas semanas. As seis viagens que realizei duraram em média dois meses. Nas últimas delas, já referentes ao doutorado, foi quando permaneci mais no rio Bagé. Entre 2004 e 2005, durante a primeira viagem relacionada a essa pesquisa sobre a espacialidade local, passei os dois meses e meio de viagem no Bagé e duas semanas

em Marechal Thaumaturgo, a cerca de quatro horas de canoa da boca do Bagé.

Essas particularidades, contudo, não se apresentaram como limitações ou problemas. Como outras situações possíveis, possuía suas vantagens e desvantagens. Se não pude permanecer longos períodos junto a uma só família ou localidade, consegui, acho eu, uma visão do rio como um todo. Não só no que diz respeito a delimitações conhecidas da geografia tradicional, no caso, por exemplo, da Bacia do rio Bagé, como também foi possível compreender categorias e referências espaciais locais mais amplas do que aquelas contidas nos limites e entornos da vida de algumas residências. É o caso, por exemplo, da noção territorialmente correspondente, mas conceitualmente diferente, de bacia. Se na geografia tradicional e ocidental ela corresponde às terras banhadas por um rio e seus afluentes, para os moradores da região ela abarca, além desse significado abstrato, diversas conotações mobilizadas na vida cotidiana e conceitos e referências para pensar a respeito de outras localidades, conhecidas ou desconhecidas.

Do ponto de vista local, há uma subdivisão “rio Bagé” ou “águas do Bagé” que possui raízes históricas, amparadas no modo de organização dos seringais, mas também associada a uma importante categoria espacial local: as águas e terras de divisor. Embora não apareçam explicitamente em mapas tradicionais e oficiais (produzidos por órgãos governamentais, por exemplo) com a mesma frequência que fronteiras políticas institucionais como os próprios limites da Reserva Extrativista²⁶, os vales e terras de divisor são referências espaciais cotidianamente mobilizadas, tanto para a orientação em caçadas e outros trajetos, quanto para estabelecer limites entre áreas de uso das famílias. As matas de caça, por exemplo, são basicamente definidas por uma bacia. A Mata da Bélgica corresponde ao território banhado pelo próprio igarapé Bélgica e seus afluentes e é utilizada por um grupo limitado de caçadores de diversas famílias. As fronteiras entre moradores do Tejo e do Bagé, a leste da boca do Bagé, são definidas pelo divisor de águas ali localizado.

Minhas condições particulares de trabalho de campo também me possibilitaram percorrer praticamente toda a bacia e compreender melhor a disposição das grandes famílias e o modo de uso e delimitação do espaço entre elas. Foi possível perceber as dinâmicas políticas mais gerais, que em determinada escala relacionam todos os moradores da bacia entre si, definindo não só uma unidade física, mas também política e identitária. Do ponto de vista da compreensão histórica e dos condicionantes ecológicos da

²⁶ Embora tenham sido claramente consideradas na definição dos limites da REAJ e mesmo do estado do Acre, para citar dois exemplos próximos, as bacias não são os limites, mesmo porque, no uso que fazem os moradores dessas categorias, não cabem pontos nem retas. As terras de divisor são limites, mas não limites lineares nem precisos. Essa definição um tanto quanto esfumada dos limites e fronteiras é efetivamente uma marca da espacialidade dos moradores da região.

ocupação, viajar por toda a bacia do Bagé e visitar diversas localidades foi essencial. Grandes áreas despovoadas se explicavam em parte pela presença de uma vegetação e conformação de relevo e solo mais hostis, mas também por conflitos entre famílias vizinhas e a utilização do território hostil não como um acidente arbitrário, mas como uma fronteira escolhida justamente para manter uma distância entre grupos não aliados. Outra vantagem importante foi a possibilidade da comparação entre modos distintos de ocupação do território entre cabeceiras e centros com relação às margens e à boca. Todos esses tipos de referência ganharam sentido mais claro e concreto com uma situação itinerante de pesquisa.

Desde 1998, nesse trabalho itinerante de visita às moradias dos monitores socioambientais espalhados pela Reserva, visitei praticamente todos os cinquenta monitores da Reserva Extrativista que vivem em diferentes localidades, muitas vezes bem distantes umas das outras, a dias de caminhada na floresta ou dias de viagem de canoa a motor. Ficando muitas vezes vários dias nas casas dessas pessoas, com alguns estabeleci laços mais estreitos de amizade. Foi assim que, durante anos de visitas como *pesquisador*, construí com Roxo e Caboré um convívio mais estreito, tanto em relação à *pesquisa* quanto com relação à amizade. As duas coisas sempre caminharam juntas.

Roxo

Antônio Barbosa de Melo, o Roxo, é um dos primeiros monitores da Reserva Extrativista do Alto Juruá. Segundo ele próprio, como contei acima, o prof. Mauro teria se baseado no seu caso para criar o trabalho dos diários. Roxo é o caçula de seu Ginú e Dona Esmeralda, é irmão de Chico Ginu, líder sindical da região que junto com Antônio Macedo lutou pelos direitos trabalhistas e de uso da terra dos seringueiros da região. Mauro é muito próximo de Chico Ginú desde os anos oitenta, quando, ao lado de Macedo, atuaram no movimento pela criação da Reserva Extrativista do Alto Juruá e pelos direitos dos seringueiros frente aos patrões dos seringais²⁷. Ainda segundo Roxo, em uma das visitas de Mauro Almeida à casa de seus pais no Igarapé Pão, que pertence às águas do Tejo acima da Restauração (Roxo ainda era solteiro e morava com seus pais), Mauro reparou em umas anotações de Roxo sobre sua produção de borracha. Na verdade eram tentativas de anotações, pois Roxo não sabia ler nem escrever. Intrigado com aqueles “rabiscos”, Mauro perguntou a Chico Ginu do que se tratava, e este lhe respondeu quais eram as intenções de Roxo. Conversando com Roxo, este lhe explicou e traduziu

²⁷ Segundo o próprio prof. Mauro, Chico Ginu orgulha-se de ter uma ‘carteirinha de pesquisador’ desde 1989 (em projeto apoiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa da Unicamp), quando sua atividade de pesquisa consistia em levantamento de associados ao sindicato e de seus grupos domésticos.

algumas coisas que estavam escritas. Mauro disse-lhe que as anotações sobre a borracha eram também um tipo de pesquisa²⁸

Roxo e outros membros da equipe do *projeto de pesquisa* também me contaram que ele, Roxo, participou de viagens com os pesquisadores por toda a Reserva. Quando essas viagens eram mais frequentes e com um número maior de pesquisadores acadêmicos, Roxo foi um dos moradores que, além de acompanhar o grupo de *pesquisadores* como um todo, guiou alguns deles em suas viagens individuais pela Reserva. Nessas viagens ele se aproximou mais da *pesquisa* e dos *pesquisadores* estrangeiros. Isso ocorreu entre 1994 e 1995.

Conheci Roxo uns quatro anos depois dessas suas viagens com os pesquisadores, em 1998. Ele fazia diários de monitoramento e recebia a visita de pesquisadoras como Eliza Costa, com quem fui pela primeira vez para a Reserva. Nessa viagem, eu e Eliza nos dividimos em duas canoas para visitar os monitores. Um dos monitores que visitei foi Roxo, que morava com sua esposa no centro do Mato Grosso, próximo à Foz do Rio Tejo. Fiz amizade com ele nessa viagem. Ele era recém-casado e criava dois filhos com sua esposa Marinalva. Ainda o visitei em 1999 e 2000 na mesma colocação. Em 2001 seu filho adoeceu de leucemia. Nessa época já éramos compadres, e sempre que ele ia até Cruzeiro do Sul telefonava para Campinas para conversar comigo. Quando seu filho Ronaldo adoeceu, teve que ir com a mãe para Goiânia, onde permaneceram durante longos períodos. Roxo, obviamente, ficou muito preocupado, vendeu ou abandonou quase todas as suas coisas na Foz do Tejo e mudou-se para a cidade de Cruzeiro do Sul, para junto de seus pais ‘aposentados’, que haviam se instalado na cidade havia pouco tempo. Como Roxo estava só com seus outros filhos pequenos, cuja mãe Marinalva acompanhava o filho Ronaldo em Goiânia, os pais aposentados poderiam ajudá-lo a cuidar das crianças enquanto durasse o tratamento de Ronaldo. Roxo tinha que trabalhar como diarista em Cruzeiro do Sul para mandar dinheiro para sua esposa em Goiânia – um trabalho mal-remunerado, esporádico e distante. Isso era um grande contraste com seu trabalho autônomo de agricultor, caçador, pescador e seringueiro no rio Tejo. Roxo sofreu muito com a distância de seu filho e de sua esposa e com a vida em Cruzeiro do Sul nestas condições. Na cidade “tudo é do comprado”, como diz ele, e, por conta disso ele tinha que arrumar diversos pequenos serviços para conseguir enviar dinheiro para a esposa em Goiânia e para seu próprio sustento. Nessas condições, estreitaram-se os laços de solidariedade com

²⁸ Na versão desse evento contada pelo prof. Mauro, foi Chico Ginu quem apresentou seu irmão Roxo ao prof. Mauro, mostrando-lhe as folhas de papel almaço em que Roxo procurava, com uma orientação preliminar do próprio Ginu, fazer pesquisa, à maneira de seu irmão. O prof. Mauro não conseguia ler o texto de Roxo, sendo que a própria caligrafia de Ginu (que nunca havia frequentado a escola) era muito difícil de decifrar, mas estimulou Roxo a continuar e forneceu-lhe caderno e caneta para isso. A partir desse exemplo é que teria, em 1994, surgido a idéia de estimular os demais membros da equipe a ver nos moradores potenciais pesquisadores.

Roxo, já que sempre procuramos retribuir a atenção e gentileza com que Roxo sempre nos havia tratado na Reserva²⁹. Roxo não se esquecia de sua experiência como pesquisador-monitor do *projeto de pesquisa* e sempre alimentava a esperança e a vontade de trabalhar como *pesquisador*³⁰.

Entre os anos de 2000 e 2003 Mauro Almeida coordenava o projeto *Pesquisa e Monitoramento Participativos em Áreas de Conservação Gerenciadas por Populações Tradicionais*, no qual Roxo desempenhava o papel de coordenador de campo da equipe de monitores socioambientais. Nessa função ele visitava os monitores junto com Caboré para avaliar como iam os trabalhos nos diários de seus colegas e repassar informações sobre o andamento do projeto. No encerramento desse projeto foi possível organizar uma viagem de um pequeno grupo de monitores até Campinas, numa espécie de viagem de campo ao contrário, sempre reivindicada pelo grupo; afinal, diziam eles, nós sempre viajavamos para lá para ver como eles viviam e eles, também pesquisadores, não tinham ainda tido a oportunidade de pesquisar como nós vivíamos na cidade grande. Sete monitores passaram algumas semanas em uma residência próxima ao campus, acompanhados por alunos, visitando nossas casas, apresentando aulas na Unicamp, visitando o espaço do Instituto de Biologia e suas coleções, assim como o espaço do Instituto de Ciências Humanas e seus acervos. Assim, podiam ver o destino de objetos que ‘pesquisavam’ na floresta e experimentar um período vivendo na cidade.

Roxo foi um dos monitores escolhidos para fazer a viagem. Como seu filho estava doente em Goiânia e eu era coordenador dessa atividade, juntamente com Eliza Costa, prorroguei a data de sua passagem de volta para que ele pudesse ir até Goiânia visitá-lo. Fazia mais de um ano que ele não via sua esposa e seu filho Ronaldo, em tratamento da leucemia em Goiânia. Ir até Goiânia a partir de Campinas me parecia mais barato e mais fácil do que a partir da Reserva Extrativista.

Naquela época o congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes) seria em Goiânia e eu procurava um meio de conseguir uma passagem para mim e para Roxo até lá, para que ele pudesse visitar seu filho. Consegui a passagem em um ônibus que levava representantes do PC do B para o congresso junto a um amigo que era assessor de um vereador do PC do B em Americana. Ele convenceu seu grupo político a fornecer as passagens inventando que Roxo era membro importante do Conselho

²⁹ Meu orientador, ao ler essa passagem, observou que durante vários anos, quando morava na floresta, Roxo recusava-se a estabelecer uma remuneração monetária por suas atividades de guia e auxiliar da equipe de pesquisa. Esse comportamento era bem consistente com o padrão então corrente nas relações sociais nos seringais, onde o dinheiro circulava pouco e as relações de reciprocidade acumuladas eram o maior capital.

³⁰ Roxo foi um dos monitores que mais fortemente “vestiu a camisa” de *pesquisador*. Ele elaborou inclusive certos rituais de *pesquisador*. Isso incluía uma mesa de trabalho, talvez a única de toda a região, onde ele escrevia seus diários utilizando um paletó, extremamente inadequado para o clima da região, que havia pertencido a um pesquisador acadêmico. Roxo também se preocupava em elaborar e registrar os conhecimentos locais sobre a floresta em linguagem escrita e em discuti-los com os pesquisadores que vinham de fora. Mais detalhes sobre a relação de Roxo com a pesquisa estão em minha dissertação de mestrado.

Nacional dos Seringueiros e estava com um filho muito doente em Goiânia. Roxo nunca tinha ido até Goiânia. Acho que antes dessa viagem nunca tinha passado de Cruzeiro do Sul. Ficamos ainda mais próximos. Desde então continuei acompanhando de perto, junto com prof. Mauro Almeida, o tratamento de seu filho em Goiânia, e sempre conversamos por telefone. Atualmente, Roxo participa da coordenação em campo do mais novo *Projeto de Pesquisa*, coordenado pela profa. Mariana Pantoja Franco, da Universidade Federal do Acre, ex-orientanda de Mauro Almeida que participou dos diversos projetos de Mauro na Reserva Extrativista desde sua criação. Tornou-se assessora da ASAREAJ durante algum tempo e fez seu doutorado sob orientação de Mauro a respeito da história de uma família de seringueiros da região do rio Tejo. O Projeto em questão, coordenado em parceria entre Mariana e Mauro, denomina-se *Desenvolvimento de Métodos de Pesquisa e Monitoramento dos Ecossistemas e da Qualidade de Vida na Reserva Extrativista do Alto Juruá*, e trata da continuidade do estabelecimento da metodologia do monitoramento participativo da qualidade de vida e ambiente na Reserva.

No ano de 2003, quando prestei o doutorado, fiz um pequeno projeto buscando financiamento adicional para produzir um ‘Atlas Geográfico e Histórico do Rio Bagé’. Esse financiamento foi obtido junto a uma instituição holandesa – International Institute of Social History (SEPHIS). Nessa época, Roxo estava enfrentando a difícil situação com seu filho e impossibilitado também financeiramente de ir à Reserva ou trabalhar com seus diários, pois tinha que se dedicar a pequenos trabalhos em troca de diárias em Cruzeiro do Sul. Minha intenção era produzir esse livro, estreitamente relacionado ao meu próprio projeto acadêmico, em companhia de Roxo. Assim, Roxo, como piloto de canoa, poderia receber diárias e ao mesmo tempo voltar a trabalhar com pesquisa como ele tanto gostava de fazer, atividade que havia interrompido pela necessidade de residir em Cruzeiro do Sul para manter contato com o filho doente e a esposa em Goiânia. Ao mesmo tempo, como piloto de embarcação, seringueiro, pesquisador e caçador, Roxo seria um grande parceiro para as atividades de campo.

Nessa nova fase da colaboração com Roxo, eu já esperava bem mais dele do que uma simples atuação como piloto; pensava que ele poderia atuar diretamente na pesquisa, em sua própria pesquisa. Parecia interessante pensar em um diário de campo, objeto antropológico, apropriado por meu amigo nativo. Roxo tinha a experiência dos diários mais específicos do trabalho de monitoramento socioambiental, onde ele registrava, por exemplo, em seus diários de caça, informações detalhadas sobre as caçadas que realizava; em seu diário de alimentação anotava a composição diária da dieta de sua família e a origem de cada elemento da dieta, e assim para outros assuntos referentes a sua qualidade de vida e à qualidade do ambiente em que vivia. Agora eu esperava que Roxo pudesse fazer um diário de nossa viagem e, ao

mesmo tempo, aprendesse um outro tipo de pesquisa, não se tornando um antropólogo, mas incorporando a sua formação algumas práticas de nossa disciplina, como o diário de campo.

Caboré

Caboré também foi outro “acidente” feliz da pesquisa de campo. Conheci Raimundo Farias Ramos junto com o Bagé em 1998. Na mesma viagem em que estive na casa de Roxo também visitei Raimundo Caboré em sua colocação Floresta, na Boca do Pavilhão. Lembro que em fevereiro de 1998 mesmo os destemidos e hábeis pilotos do projeto de pesquisa, Tita e Edir, cada um com sua canoa e seu motor Montgomery de 12 HP, não queriam subir o Bagé até suas cabeceiras para visitar o monitor Raimundo Caboré, que morava acima da Seringueirinha, a mais de oito horas Bagé acima³¹. Na cheia de fevereiro o Bagé acima do Talhado fica “dentro da mata”, como dizem os moradores. Dependendo da cheia, e naquele ano era grande, não se sabe onde é rio e onde é floresta. Mesmo pilotos experientes poderiam se perder na mata inundada procurando a calha do rio.

No fim das contas subi com Tita e não nos perdemos porque levamos um morador do Bagé conosco como proeiro. Cheguei até a casa desse senhor Caboré para trabalhar com ele e seus diários. Caboré já era um senhor com mais de cinquenta anos, dez filhos e muitos netos. Morava cercado por seus filhos e netos em colocações próximas. Morava logo na boca do Pavilhão, um afluente importante, mas muito estreito do Rio Bagé que naquele trecho já é ele próprio muito estreito. Caboré trabalhou a vida toda como seringueiro, desde muito novo, porque sua mãe, a matriarca Nazaré, separou-se de seu marido muito cedo e seus filhos homens tiveram que se dedicar à seringa mais cedo que de costume. Sempre morou no Alto Bagé, primeiro em colocações ainda mais distantes onde hoje é uma terra indígena.

O capricho, um perfeccionismo que beira o exagero, pelo qual era conhecido com relação à borracha que fabricava, à farinha que torrava, aos cuidados na hora de fazer uma caçada ou pescaria ou mesmo escolher um lugar adequado para assentar uma casa, eram encontrados também em seus diários. Seus diários eram tão incríveis quanto sua dedicação a eles. Caboré escrevia e estudava sozinho por gosto, todos os domingos. Na falta de material escrito desconhecido, lia o próprio dicionário que os pesquisadores haviam lhe dado. Em seu isolamento do universo letrado escreveu, além dos diários

³¹ Enquanto o Tejo é um *igarapé* – de fundo arenoso ou rochoso e calha ampla, com a floresta nas margens bem delimitada do curso do próprio rio –, o Bagé é um *paraná*. O *paraná* é um curso de água com calha argilosa e pouco diferenciada na várzea que o acompanha, em meio a uma vegetação peculiar de *campina*, que avança sobre as margens da água e por vezes se encontra formando uma barreira de espinhos. Na cheia, a água do *paraná* inunda toda a *campina*, tornando o trajeto um labirinto onde é quase impossível distinguir o verdadeiro curso do rio da mata rasteira e alagada, formada de vegetação densa e cheia de espinhos.

sobre caça que solicitávamos, poesias, diários de seu cotidiano, reflexões. Sempre com um jeito calmo, contemplativo e perfeccionista, Caboré nessa ocasião me recebeu alguns dias em sua casa. Fez questão que eu ficasse com ele e lesse todos os seus escritos, lhe ajudasse com possíveis “erros” de português e o orientasse para “melhorar” seu trabalho com os diários. Sempre de forma lenta, meticulosa e extremamente perfeccionista. Para mim ele se converteu em uma espécie de monitor ideal, um literato e filósofo da floresta além de grande amigo. Caboré morava com sua extensa família. Alguns filhos já casados e sua mãe, agora minha comadre, Dona Nazaré, moravam nas imediações. Assim como no caso de Roxo, pela amizade e pela qualidade e quantidade de trabalho que eles produziam em seus cadernos, eu passava diversos dias em suas casas nas visitas que fazia. Fazíamos diversas atividades juntos ligadas ao cotidiano das colocações e conversávamos muito sobre os mais diversos assuntos. Como eu também era visto como uma espécie de professor, conversávamos sobre interesses e dúvidas deles sobre coisas como a gravidade, as cidades, a eletricidade e a combustão, sobre os animais de outros lugares, os aviões e os modos de vida fora da Reserva. Andávamos na mata e conversávamos sobre as ciências de caça, de pesca, da mata, sobre a história local.

Caboré também deixou a Reserva recentemente. Está morando em Cruzeiro do Sul, pois foi contemplado com um lote do Incra em um ramal da BR. Caboré, nascido em 1947, já tem mais de cinquenta anos e resolveu morar em Cruzeiro para que suas filhas continuassem a estudar. Em 2003 publicamos seu livro de poesias intitulado Histórias de um Matuto da Floresta (Ramos, 2003), por meio do qual ficou ainda mais conhecido na Reserva e fora dela. Junto com Mauro, viajou para apresentar o trabalho dos monitores e os resultados de projetos em regiões do Brasil ainda desconhecidas para ele.

Quando fiz minha viagem a campo em outubro de 2004 tentei encontrá-lo em Cruzeiro do Sul, mas não consegui. Ele seria o guia e diplomata perfeito para uma visita às colocações do Bagé. Foi lá que cresceu e criou seus filhos. Deixei recados com várias pessoas, mas tivemos, eu e Roxo, que subir o rio Juruá para a Reserva sem mesmo encontrá-lo. Permaneci em Thaumaturgo por duas semanas no começo da viagem. Lá encontrei seus filhos, que conseguiram contatá-lo e combinei que iria esperá-lo para subir o Bagé. Foi dessa maneira que nossa equipe se formou.

A viagem

Eu tinha o objetivo de fazer minha pesquisa de campo de doutorado, relacionada aos usos e idéias locais sobre o espaço físico. Por outro lado, tinha a expectativa de fazer um trabalho de pesquisa colaborativo com meus dois amigos, que teria como resultado final uma publicação em forma de atlas

histórico, relacionada à história de ocupação do território da Bacia do rio Bagé nos últimos anos. Além disso, tinha a expectativa de continuar colaborando para a formação de meus amigos em atividades de pesquisa. Essas eram as idéias iniciais, expectativas, mas não tinha muito claro como isso se daria na prática. Tinha também a idéia de geo-referenciar a vida social com auxílio de um aparelho receptor GPS, tentando apontar bem concretamente como os moradores usavam o território em suas diversas atividades, como era feito o uso da floresta pelos seringueiros. Até por falta de idéias mais concretas, resolvi decidir como faríamos tudo isso na primeira oportunidade em que reuníssemos toda a equipe. Já tinha uma proposta de deslocar o trabalho mais específico de espacialização da vida social para eles dois e ficar eu mesmo encarregado de tratar da história, das redes de parentesco e vizinhança, das concepções locais de espaço e das formas de organização da vida social. A “observação participante” seria da rotina de um grupo bem eclético de pesquisa. Também resolvemos que cada qual teria seu diário, e que deveríamos ter anotações mínimas diárias sobre os fatos ocorridos, mas também gostaria que eles anotassem suas sensações e pensamentos durante a viagem. Como veremos, os diários em princípio se confundiam um pouco com os diários de monitoramento já praticados por eles, mas depois foram tomando formas diferentes.

Transcrevi os diários de Roxo e Caboré. Como era de se esperar, são bem distintos e expressam, além de reflexões, percepções e interesses pessoais, algo sobre as referências espaciais, os modos de classificação e organização do trajeto da viagem. Nesse sentido deixam de ser anotações de campo, como as praticadas pelos antropólogos, e passam a ser objetos de análise. Objetos que apontam para um modo de conhecer distinto daquele do antropólogo e da sociedade da qual faz parte. Outra observação a destacar é que são dados brutos. Os antropólogos utilizam seus diários como base para a produção etnográfica. Utilizo aqui os diários de campo de Caboré e Roxo de uma maneira, considerado esse primeiro sentido dos diários, um tanto quanto desleal. Suas anotações são públicas, e sujeitas elas próprias à análise, quando, no exercício da antropologia, as anotações seriam privadas e utilizadas para produzir um texto etnográfico, publicável ou não, sobre sua experiência. Não discuto aqui a possibilidade mesma de um dos dois produzir uma etnografia no sentido estrito, um trabalho escrito, em geral fruto de um trabalho de campo informado pela disciplina antropológica. Somente chamo a atenção para o fato de que as anotações de campo, os diários, foram utilizados por mim na íntegra, sem a chance de uma revisão, elaboração ou mesmo análise por parte de seus autores.

Se por um lado os diários de Roxo e Caboré apontam para suas percepções durante a viagem ao Bagé, eles são, ao mesmo tempo, duas descrições da própria viagem, tornando-a muito mais concreta para o leitor. Nossa equipe fez duas visitas aos moradores do Bagé. A primeira foi realizada entre os dias 26 de

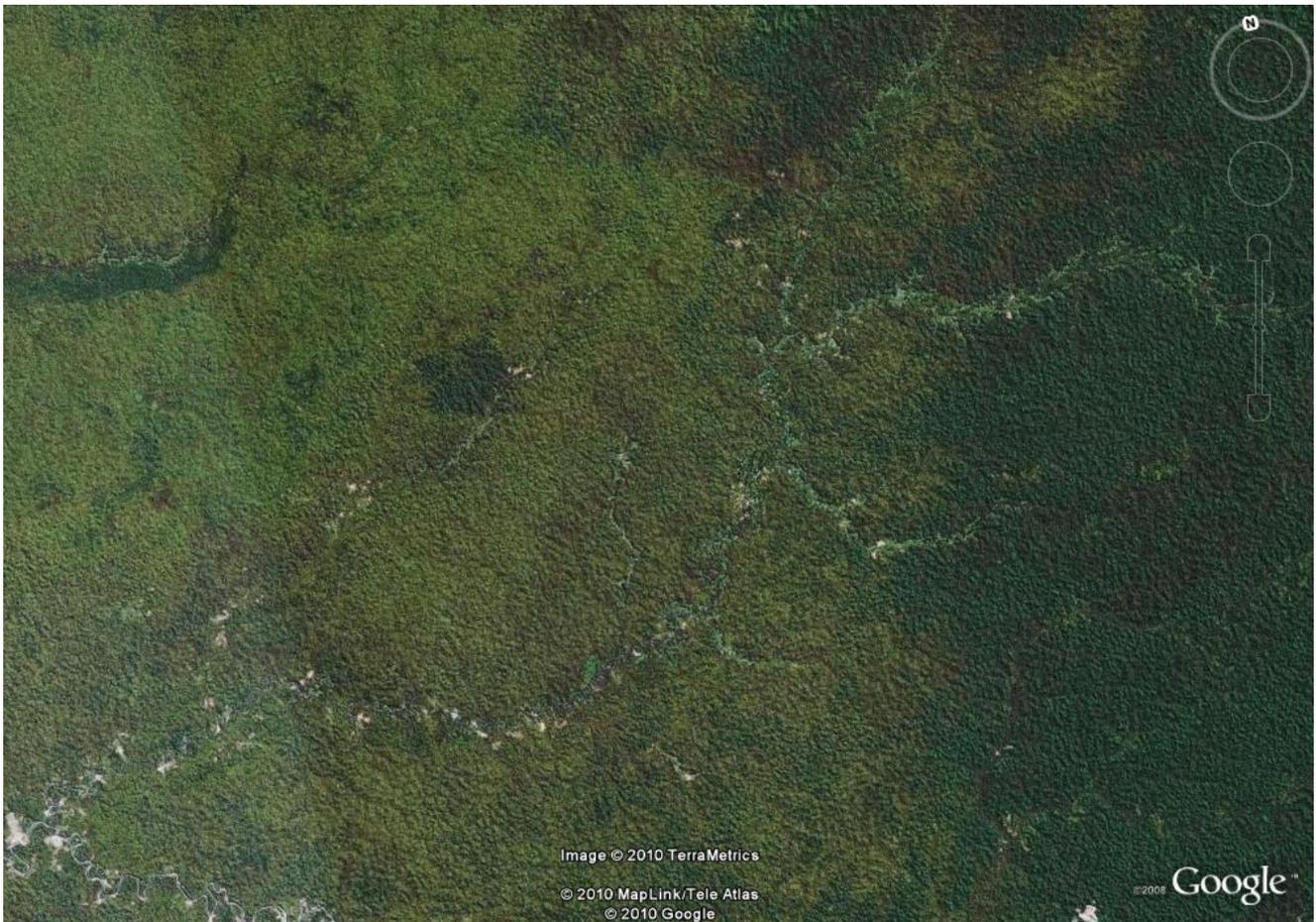
outubro de 2004 e 26 de janeiro de 2005. A segunda pesquisa de campo ocorreu entre os meses de janeiro e fevereiro de 2006.

No final do mês de outubro de 2004, em Cruzeiro do Sul, às margens do rio Juruá, eu e Roxo realizamos os preparativos finais para o primeiro trabalho de campo. Adquirimos suprimentos, preparamos motor e canoa, compramos combustível e realizamos reuniões com representantes do Ibama e da ASAREAJ para explicarmos os objetivos da pesquisa e solicitarmos as autorizações necessárias para trabalhar na área. Até esse momento não contávamos com a presença de Raimundo Farias Ramos. Ele seria incorporado à equipe mais tarde, ao final do primeiro mês de viagem. Resumidamente, nosso plano inicial já era nesse momento visitar o maior número possível de famílias, levantando informações sobre os usos atuais do território, a disposição espacial dos moradores, a história de suas famílias e da ocupação recente do território da bacia do rio Bagé.

Hoje, existem aproximadamente uma centena de famílias na Bacia do Bagé, mas os moradores encontram-se dispersos por uma grande área de floresta com uma concentração maior à beira do rio. Essa concentração maior, no entanto, não significa a existência de grandes aglomerações. Pode-se percorrer extensos trechos do rio sem avistar nenhuma casa, e as maiores aglomerações de casas em um mesmo campo aberto e contínuo não ultrapassam o número de seis residências. O mais comum são casas separadas umas das outras por trechos de floresta ou pelas curvas dos rios. Caminhos nas matas permitem percorrer a pé as distâncias entre todas as residências. É muito comum, quase uma regra, que os vizinhos sejam em sua maioria parentes próximos, filhos, filhas, irmãs, irmãos e pais.

Visto de cima, de um satélite ou mesmo de um avião, a parte da bacia do rio Bagé localizada dentro dos limites da Reserva Extrativista do Alto Juruá configura-se como uma grande mancha verde cortada pelo rio Bagé e marcada por diversas pequenas clareiras, que correspondem aos campos, aos terreiros das casas e aos roçados. Nessa escala, em que se pode ver toda a bacia, não é possível enxergar uma infinidade de igarapés e pequenos rios afluentes do Bagé. Também não é possível ver centenas de caminhos nas matas, que interligam as casas com os roçados, as casas com suas vizinhas, as casas com seus portos, etc., assim como também não é possível enxergar as centenas de estradas de seringa, que conectam cada uma das casas às centenas de árvores espalhadas na mata. O que os moradores denominam caminhos, portanto, são percursos estreitos no meio da mata, onde só é possível andar enfileirados, uns atrás dos outros.

Imagem 2 A região do rio Bagé “do ponto de vista do Google Earth”.



As famílias do Bagé estavam, em sua maioria, organizadas em várias comunidades, definidas pela proximidade, afinidade e parentesco. A classificação das famílias em comunidades é um fato relativamente recente, estimulado pela prefeitura e pelos órgãos governamentais, cujo intuito é facilitar e organizar a implementação de políticas públicas. No entanto, a definição das comunidades seguiu uma distribuição espacial anterior, definida localmente, baseada na afinidade e no parentesco, que acabam por resultar em uma proximidade geográfica. Na localidade mais populosa da comunidade Remanso, por exemplo, talvez o maior agrupamento do Bagé, existem quatro residências em um mesmo campo aberto e mais algumas nos arredores. Praticamente todas as famílias que compõem a comunidade possuem filhos, netos ou bisnetos da viúva Dona Maroca e de seu falecido marido, seu Antônio Gomes. Os descendentes de seu Antônio e dona Maroca já estavam distribuídos dessa maneira antes da necessidade de definição institucional das agora chamadas comunidades. Antes de comunidade do Remanso, esse trecho do Bagé era a colocação Remanso, terra dos Gomes.

No último dia de outubro de 2004, começamos a subir o rio Juruá em direção à Reserva Extrativista do

Alto Juruá. A viagem, feita com a canoa de Antônio Barbosa de Melo, levou três dias. Carregávamos, além de nossa bagagem pessoal e das provisões, os equipamentos necessários à pesquisa e ao mapeamento: uma caixa térmica vermelha, impermeável e preparada para flutuar, contendo os equipamentos eletrônicos –notebook, receptor GPS, baterias, carregadores, máquinas fotográficas, um estabilizador, gravador portátil, fitas, filmes, bússola, etc. Carregávamos também uma boa quantidade de óleo diesel, pois a única maneira de carregar as baterias dos equipamentos seria utilizando os geradores movidos a diesel existentes em apenas três localidades do rio Bagé.

Entre o porto em Cruzeiro do Sul e a Foz do Rio Tejo percorremos 288 km. Nesse trecho o Juruá é extremamente tortuoso. Em linha reta, os mesmos 288 km representam pouco mais de 100 km. A velocidade média da canoa esteve em torno de 25 km/h. Isso significa que Roxo conduziu a canoa por uma sucessão interminável e monótona de curvas por mais de uma dezena de horas por dia. Entre a foz do Tejo e a do Bagé seriam mais quatro horas.

Após três dias estávamos na Reserva Extrativista do Alto Juruá e em quatro na Foz do Rio Bagé. Passamos alguns dias na sede do município de Marechal Thaumaturgo e as primeiras semanas na região do Baixo Rio Bagé, onde nos hospedamos na casa de Nonato. Em sua casa, fizemos os primeiros testes do equipamento e da metodologia em situação de campo. Mapeamos os roçados de Nonato utilizando o receptor GPS, andamos com ele e com seus filhos pela mata em direção à casa de seus vizinhos mais próximos.

Durante esses meses, percorremos cerca de 75 km do rio Bagé utilizando a canoa, o que corresponde ao trecho entre a boca desse rio e a do Braço Esquerdo. Também nesse caso, as curvas aumentam as distâncias entre os dois pontos. A distância entre a foz do Bagé e a do Braço Esquerdo é de aproximadamente 30 km, menos de duas vezes a medida do curso do rio. Partes das visitas também foram feitas a pé pelos caminhos que levavam às casas mais distantes da beira do rio Bagé.

Nonato é seringueiro e criou todos seus filhos com esta atividade. Embora não tenha nascido no rio Bagé, mora na colocação Boca do Bagé há muito tempo. Já nos conhecíamos há alguns anos, e ele rapidamente compreendeu e apoiou nossas intenções com a pesquisa. Nonato desenhou vários mapas com as casas dos atuais moradores do rio Bagé. Esses mapas e as sugestões de Nonato nos ajudaram a planejar em detalhes todo o restante da viagem. O mapa mais recente da distribuição das famílias de que dispúnhamos até então tinha sido feito em 2001 por Antônio Grajaú, também veterano morador do Bagé que vive em uma colocação mais acima, na boca do Igarapé Pimentel. Além de mapas sobre os atuais moradores, Nonato desenhou mapas de outros períodos do Rio Bagé, mostrando, por exemplo, as

colocações e os moradores no ano de 1967, época em que se mudou com sua família para o rio Bagé.

Nas duas semanas que passamos na casa de Nonato, fizemos diversos testes com relação ao uso do receptor GPS dentro da mata. Como já esperávamos, o sinal do GPS ficava muito fraco em determinados trechos dos caminhos onde a mata era mais fechada. Mesmo assim, a recepção do sinal foi suficiente para levantar estradas de seringa e áreas de caçada.

Nesse período também organizamos a distribuição do trabalho entre os membros da equipe. Nessas primeiras semanas, Roxo aprendeu a utilizar o GPS e interessou-se especificamente em trabalhar com os levantamentos dos roçados. Desenvolveu uma pesquisa sobre os espaços utilizados pelos moradores para a sua produção agrícola. Para cada roçado que mapeou, anotou informações em um diário, que incluíam culturas e quantidades cultivadas, anos de utilização e método de plantio.

A partir do final do primeiro mês, Raimundo Farias Ramos, Caboré, incorporou-se à equipe e passou a trabalhar com Roxo na pesquisa sobre a produção agrícola. Caboré foi nosso guia no rio Bagé e planejou a ordem das visitas de acordo com suas experiências. Em seu diário, registrou detalhadamente as atividades realizadas pela equipe de pesquisa e mostrou-se preocupado em descrever os meios de vida dos moradores e as dificuldades encontradas para a sobrevivência naquela área. Anotou o cardápio de nossas refeições em cada uma das casas visitadas e a origem dos alimentos que eram servidos à mesa, com o intuito de descrever e analisar as diferenças entre a qualidade e diversidade da alimentação entre as várias localidades. Outro tema intensamente explorado por Caboré em seu diário dizia respeito à quantidade e diversidade de atividades a que se dedicam os moradores para garantir sua subsistência. Caboré também relatou as distâncias e dificuldades de transporte na região, as condições de escoamento da produção agrícola e extrativa e a falta de mercado para os produtos produzidos pelos seringueiros.

A família de Caboré é extensa e concentra-se na região do Alto Rio Bagé, na fronteira com a área indígena. Seus tios ainda vivos naquela época, Zé Farias, Dona Zefa e Etelvino, junto com sua mãe, Dona Nazaré, estavam entre os moradores veteranos da região. Além de outros antigos moradores, entrevistamos esses quatro familiares de Caboré. No tempo em que os seringalistas dominavam a região, seu Etelvino e seu Zé Farias abriram diversas colocações na floresta e trabalharam como pequenos comerciantes locais, desafiando, desta maneira, o monopólio comercial estabelecido na região pelos patrões, os seringalistas. Seu Zé Farias contribuiu para a pesquisa elaborando mapas da época. Mais do que Roxo, que foi morador do rio Tejo, a presença de Caboré na equipe, como representante da comunidade local, contribuiu para esmorecer quaisquer desconfianças e resistências

prévias ao trabalho. Além disso, fizemos entrevistas com os moradores sobre a história das famílias e registramos em diagramas as redes de parentesco e de vizinhança nas casas que visitamos.

Realizamos alguns levantamentos de estradas de seringa e de acompanhamento de caçadas. Na Boca da Bélgica, Raimundo Farias Ramos organizou com o morador Pedro Côco uma expedição de caçada. Nessa oportunidade, pernoitamos na mata e acompanhamos uma caçada mais longa. Nosso intuito era mapear todo o caminho percorrido e tentar compreender melhor a atividade de caça: qual a distância que um caçador percorre na mata, quais seus métodos para procurar os animais, etc. No Braço Esquerdo, Roxo acompanhou Zé Ceará durante sua caçada. Utilizando o GPS, em seu diário Roxo anotou observações sobre diversos pontos do trajeto, onde descreve, segundo as categorias locais, os tipos de vegetação encontrados no percurso.

Esse tipo de levantamento feito por Roxo e Zé Ceará aponta para a diversidade de categorias locais utilizadas pelos moradores para classificar uma paisagem que, de outro ponto de vista e desenhada segundo outra escala, seria representada de maneira muito mais homogênea. Em quase 5 km de percurso dentro da mata, os dois encontraram quinze diferentes tipos de classificações para a mata. Roxo interessou-se também em levantar esse tipo de conhecimento durante os percursos que fizemos daí em diante.

Em algumas localidades permanecemos mais tempo, mas, de forma geral, permanecíamos dois dias em cada casa. Tentamos fazer registros fotográficos de todos os moradores e de todas as localidades, trabalho que dividi com Antônio Barbosa de Melo. Na maioria das comunidades, até por solicitação nossa, os moradores acompanhavam e realizavam os levantamentos com o GPS. Visitamos mais de cinquenta famílias. Contudo, não conseguimos visitar as famílias que moram no Baixo Rio Bagé, nem aquelas que vivem na bacia do rio Branco.

Abaixo transcrevi os diários de viagem de Roxo e Caboré. Roxo produziu ainda mais dois cadernos somente com informações sobre os roçados. Em ambos os diários, tanto Roxo como Caboré registram o dia-a-dia da pesquisa, mas também anotam impressões sobre a viagem e comentários sobre a vida das pessoas no rio Bagé.

As anotações dos diários, conforme transcritas por mim, estão em itálico.

Diário de viagem de Antônio Barbosa de Melo, Roxo

31/10/2004

Dia 31 do mês de outubro de 2004 Antônio estava viajando para o Rio Bagé com Augusto. Saímos de Cruzeiro às 8:30h da manhã dormindo em Porto Valter. Chegamos em Porto Valter às cinco e meia da tarde. Dormiram na casa de seu João. Comeram carne de queixada. Augusto dormiu na casa de seu João e eu dormi no barco, no batelão, para tomar conta da bagagem. Quando eu terminei de ajeitar a bagagem fui comer uma sardinha. Quando abri a sardinha vi que estava podre joguei no mato e comi bolacha.(Melo, 2005)

Embora acordados em relação ao nosso status comum de pesquisadores, na prática as coisas não se davam exatamente dessa maneira. Roxo acumulava o cargo de piloto de embarcação enquanto eu detinha o status de estrangeiro e dono dos recursos. Esse tipo de situação era sempre um pouco delicada. Em determinados momentos a disparidade nas habilidades locais entre nós deixava claro que se tratava de uma contingência prática, em outras houve um certo mal estar, tanto de minha parte, que dependia de Roxo, quanto, acredito, de Roxo, que ficava com grande parte dos trabalhos que exigiam destreza física e habilidades locais.

01/11/2004

Primeiro de novembro de 2004. O dia amanheceu, eu peguei a bagagem e coloquei na canoa para viajarmos. Quando estávamos de saída a chuva caiu e choveu o dia todo. Dormimos novamente em Porto Valter.(Melo, 2005)

Ações triviais não são suficientes para sustentar uma argumentação que pretende estabelecer diferenças epistemológicas entre indivíduos de experiências sociais distintas, mas pelo menos apontam para isso. Essas ações assinalavam o tempo todo a diferença entre o pesquisador brabo (eu) e o pesquisador manso (Roxo) em relação à *vida do seringal*, que é o nome pelo qual eles próprios designam a vida que se leva entre os moradores da Reserva. Mais do que uma questão de status e divisão de trabalho, muitas vezes eu era impedido de carregar as bagagens porque o “porto era muito ruim” e eu poderia deixar a carga cair no caminho até o barco, ou mesmo enlamear a canoa. Apesar de me oferecer para ajudar ou mesmo começar a ajudar, Roxo insistia e solicitava a um menino ou rapaz que ajudasse a carregar a bagagem. Discutíamos sobre isso e eu insistia que precisava da experiência para me adaptar; para Roxo era mais do que uma questão de tempo para adaptação. De meu ponto de vista eu não estava habituado, do ponto de vista de Roxo eu não era dali. A meu ver, há uma diferença sutil, mas importante presente nessa discussão. Para Roxo meu corpo é essencialmente diferente, visto que não nasci e não fui criado ali; não tive, portanto, uma intensidade de experiência suficiente para conformar meu corpo na mesma medida que o dele. Um índio brabo, por exemplo, não possui o mesmo corpo, como organismo, que um branco, nem mesmo o mesmo corpo de um índio manso. Suas possibilidades de doença, de alimentação, de sentir frio ou calor e de falar são distintas das dos brancos. Os seringueiros, por sua vez, são distintos dos pesquisadores de São Paulo. Só caçadores podem ver ou perceber os indícios do

Caipora e somente certas pessoas tornam-se curadas de cobra³². Em suma, há uma variabilidade intra-específica construída ao longo da vida e das experiências.

Meus companheiros distinguem entre seres humanos e outros seres; contudo, dentro da categoria humanos cabe uma série de subdivisões. Uma característica fundamental da classificação local também é a possibilidade de transposição, ao menos parcial, de um mesmo indivíduo durante sua existência para outras categorias. Assim, um seringueiro pode ficar “brabo” até um ponto em que se torne índio; um índio pode amansar até tornar-se cristão. No Braço Esquerdo, região do rio Bagé que faz divisa com a terra indígena jaminawa-arara, um rapaz adolescente começou a agir de modo estranho. Ficava várias horas do dia calado. Não queria comer, não queria ir à escola. Um certo dia, quando sua mãe foi pegar lenha no aceiro do terreiro, o rapaz saiu gritando nu em direção à mata. A mãe foi logo procurar o pai, que estava no roçado, para sair em busca do filho. Os pais mobilizaram outros vizinhos e procuraram o rapaz por várias matas, seguiram seu rastro até não conseguir mais. Foram encontrar o rapaz muitas horas depois, caído numa estrada de seringa, com um pó branco escorrendo do canto da boca. Depois de recuperar a consciência o rapaz contou que estivera em um lugar muito bonito, que um homem o tinha chamado para lá quando ele estava em casa. Nesse lugar havia muita fartura e as pessoas andavam nuas. Ele dançou e participou de festas. A mãe me contou essa história com muita preocupação, porque tempos depois o mesmo rapaz teria fugido de casa e ido morar com os índios na terra indígena.

2/11/2004

Dia dois de novembro de 2004 às 8:30h da manhã viajamos para Marechal Thaumaturgo, chegando em Thaumaturgo às 5:30h da tarde. Dormimos na casa de Josefa, minha irmã. (Melo, 2005)

A hospedagem na casa de parentes e conhecidos durante a viagem é praticamente uma regra. Quando, durante a viagem de canoa pelo rio Juruá, entre Cruzeiro do Sul e Marechal Thaumaturgo, anoitece antes de encontrarmos a casa de algum conhecido, encostamos no primeiro porto com o qual nos deparamos. Nunca se cobra qualquer pagamento por esse tipo de hospedagem. Em Marechal Thaumaturgo nos hospedamos na casa da irmã de Roxo, Josefa, e depois na casa de um genro e uma filha de Nonato na foz do Bagé. Todos possuem essas redes de hospedagem e auxílio ao longo do rio e, inclusive, nas cidades de Cruzeiro do Sul e Marechal Thaumaturgo. Tanto Roxo quanto Caboré moram em bairros relativamente novos em Cruzeiro do Sul, são vizinhos de outros parentes e antigos vizinhos dos seringais, mantendo muitas vezes a mesma rede de vizinhança de quando moravam no Alto.

³² Não se trata aqui de maneira nenhuma da noção de *habitus* de Pierre Bourdieu (2005), segundo a qual o indivíduo incorpora certas técnicas corporais. Na epistemologia local não são técnicas adquiridas, mas o que se dá são alterações corpóreas fruto de determinada relação com o meio.

3/11/2004

Sáimos de Thaumaturgo às 9:00h da manhã.

10/11/2004

Antônio Barbosa de Melo (Roxo), 29 anos.

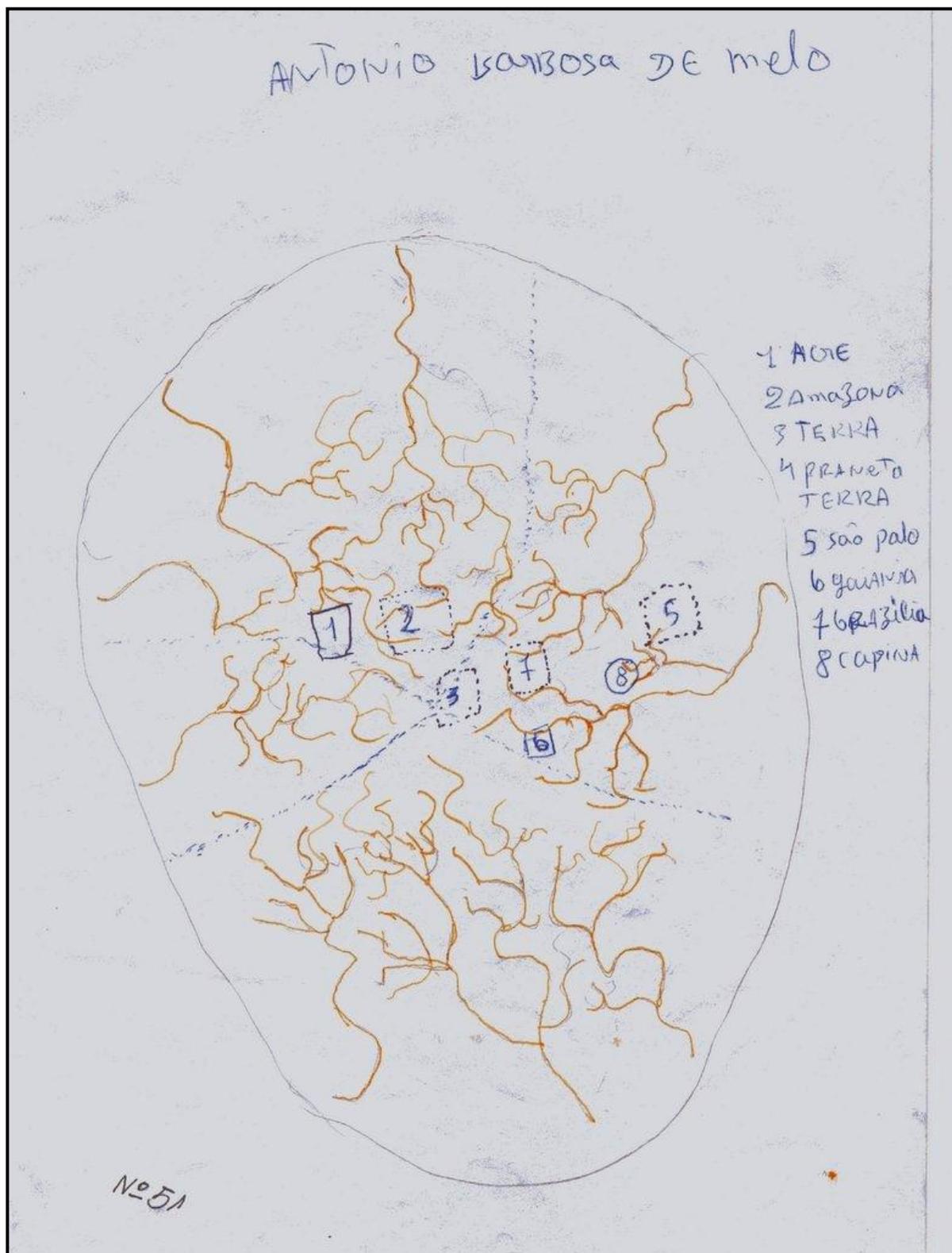
A Terra pode ser um pião. Em todas as partes do mundo, em todos os lugares do planeta, a água corre para a o lugar mais baixo. O sol fica em volta da Terra, a lua também.

Às 10h da manhã chegamos na foz do Tejo. Dormimos na casa da Maria do Nonato.

(Melo, 2005)

Abaixo está o mapa que Roxo desenhou em seu diário após a anotação do dia dez de novembro de 2004. Lembro que nesse dia conversávamos sobre a disposição das localidades no planeta Terra e seu formato. Roxo expunha suas conclusões, resultado de observações que havia feito da posição e movimentação do sol durante suas viagens para Campinas, Brasília, Goiânia e São Paulo. Lembro que realizamos a maioria dessas viagens juntos. Levou em consideração também a proximidade de cada uma dessas localidades com o mar e a diferença de fuso horário entre o Acre e São Paulo e demais localidades. O calor e o frio, a diferença de clima entre as diversas localidades também foi estudada por Roxo. Também considerou a informação não verificada, mas amplamente divulgada, de que a Terra é redonda. Levando em consideração todas essas constatações e a história de trajetos da borracha e das mercadorias pelos rios, elaborou o seguinte mapa, modelo terrestre no qual são satisfeitas todas as suas observações e informações consideradas verdadeiras.

Mapa 10 A Terra Vista do Alto



(Melo, 2005)

O mapa de Roxo possui uma legenda que atribui a cada local representado no mapa um número: (1) Acre, (2) Amazonas, (3) terra, (4) planeta Terra, (5) São Paulo, (6) Goiânia, (7) Brasília e (8) Campinas. O primeiro ponto a observar – discuti com Roxo o mapa que ele fez – é que o planeta Terra é redondo, “uma bola”, conforme versão amplamente divulgada e aceita. Contudo, para Roxo, o planeta Terra, como o próprio nome diz, não inclui o mar, apenas a superfície terrestre e os rios. O planeta Terra é, portanto, uma ilha cônica plantada em um mar plano “porque toda a água corre para o lugar mais baixo, o mar”. O ponto mais alto do planeta Terra é uma terra de divisor (3), a ponta do cone de base circular. O planeta Terra cônico é formado por várias bacias hidrográficas isoladas que deságuam no mar. Brasília, Campinas, Goiânia e São Paulo pertencem à mesma bacia, sendo que Goiânia e Brasília ocupam pontos mais altos, próximos às cabeceiras. Campinas e São Paulo estão nas margens de braços de um mesmo rio principal. Amazonas e Acre estão do outro lado da terra de divisor, em uma bacia independente. O fuso horário é uma das provas utilizadas para explicar esse posicionamento. O sol nasce primeiro em São Paulo, Brasília, Campinas e Goiânia. Do ponto de vista dos acreanos ele ainda não nasceu, pois está atrás da terra do divisor (3). Sobre as outras bacias hidrográficas desenhadas por Roxo eu não tenho informações específicas, mas segundo ele são outras terras estrangeiras, que ele não conhece, mas já ouviu falar. O modelo possui algumas idéias básicas: o mundo é organizado em bacias hidrográficas e o Acre encontra-se em um dos pontos mais altos do planeta Terra. Há uma hierarquia das cidades que acompanha o curso dos rios (Brasília e Goiânia fazem parte da mesma bacia de São Paulo e Campinas, porém estão em pontos mais altos, pois são cidades menores). Outro ponto comentado por Roxo: em São Paulo e Campinas o sol passa de “banda” no céu, ou seja, ao contrário do Acre, onde o sol passa a pino ao meio dia, nessas outras cidades ele percorre o céu com uma certa inclinação com relação a um eixo perpendicular ao solo. Em parte isso explica o clima mais frio dessas cidades. Com relação à variação de temperatura, Roxo diz que as terras mais baixas, como São Paulo e Campinas, são mais frias devido também à distância do sol, enquanto as terras do Alto, como o Acre, estão mais próximas do sol e por isso possuem temperaturas médias mais elevadas.

Maria do Nonato, a que Roxo se refere acima, também é uma irmã dele. Quando Roxo ainda morava na Reserva eles eram também vizinhos. Quando comecei a visitá-lo, em 1998, Roxo morava no centro do Mato Grosso, distante uns trinta minutos da margem do Juruá, na altura da Foz do Tejo onde mora sua irmã Maria, casada com Nonato. Nesse centro existiam três casas: uma de Roxo e sua esposa Marinilda, outra de seus pais e outra de outro irmão casado. Num movimento razoavelmente comum, Roxo logo mudou-se para a margem, vizinho à casa de seu sogro, seu Meruoca. Os pais de Roxo não

demoraram a se mudar também, mas no caso deles desceram para a cidade de Cruzeiro do Sul. O velho Ginú, pai de Roxo, aposentou-se e achou mais cômodo morar na cidade, onde a proximidade com serviços de saúde e o dinheiro da aposentadoria eram maior. Quando o filho mais velho de Roxo adoeceu, mudou-se para a casa dos pais. Ronaldo, seu filho, estava com leucemia e precisava viajar sempre para o tratamento em Goiânia. As passagens e o acompanhamento pelo governo do Acre necessitavam uma permanência em Cruzeiro do Sul. Além disso, nos poucos períodos de alta, o menino necessitava certos cuidados difíceis de conseguir no seringal.

4/11/2004

Saímos às sete horas da manhã para medir o roçado do Nonato. No mesmo dia, às 3 horas e meia da tarde, saímos para a casa do Antônio Macena, jantamos carne de queixada.
(Melo, 2005)

Na casa de Nonato, na foz do Tejo, fizemos as primeiras experiências de utilização do aparelho receptor GPS para geo-referenciar os roçados. Surgiram as primeiras questões com relação aos limites de um roçado e sua organização espacial. A Foz do Tejo é uma localidade muito antiga e importante, principalmente devido a sua localização privilegiada. Está na confluência dos rios Tejo e Juruá. No Alto Juruá, acima de Porto Valter, o Tejo é com certeza o afluente mais importante do rio Juruá. Desde o período da produção da borracha e dos seringais, é a bacia mais populosa da região. Hoje, na altura da Foz do Tejo, o rio Juruá faz uma grande volta, deixando em seu interior uma espécie de península que em breve irá se transformar em ilha, com o rompimento da volta. Nessa península está a sede histórica da Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá, alguns barracões e galpões de reunião. Nesse pequeno pedaço vivem muitas famílias. Os roçados significam a posse efetiva do território, e em locais mais densamente povoados, como a foz do Tejo, isso fica mais evidente. Nesses casos a expansão do roçado significa muitas vezes uma disputa por limites territoriais.

05/11/2004

Saímos para a Foz do Bagé, para a casa do Nonato, às 8:00h, quando nós chegamos na Foz do Bagé comemos peixe na casa do Zé Augusto, foi o almoço. Jantamos na casa do Nonato. Ficamos na casa do Nonato até o dia 16/11/2004 quando baixamos para Thaumaturgo. Lá ficamos na casa do Zequinha em Thaumaturgo e todo dia comia: almoço, janta e café da manhã.
(Melo, 2005)

A primeira casa que visitamos ao chegarmos ao Bagé foi de José Augusto e sua esposa Maria. Eles moram na Boca do Rio, é a primeira casa para quem sobe, à margem direita. Zé Augusto é filho de dona Maria Santa que, nessa época, morava no mesmo local que o casal. Da casa de Zé Augusto seguimos para a casa de Nonato, do outro lado do rio Bagé, depois de uma curva. Zé Augusto e Nonato são irmãos, mas não mantêm uma relação muito próxima. Nonato, Raimundo Costa Lima, hospedou-nos no início da viagem durante dez dias. Junto com ele terminamos os testes com o material e nossa

metodologia de geo-referenciamento. Nonato e sua esposa, Dona Louza, criaram mais de dez filhos. Cerca de metade deles ainda são menores e vivem com os pais. Quando conheci Nonato, também em 1998, apenas um de seus filhos era casado e morava em Cruzeiro do Sul. O terreiro ao redor da casa de paxiúba era pequeno e ele se dedicava à seringa e ao gerenciamento da cantina da Asareaj.

O casamento dos filhos muda completamente a dinâmica de ocupação e confere à família não uma dissolução da casa, mas sua expansão física. Em minha última visita, vários de seus filhos já estavam casados. Duas das moças casaram e foram morar em Thaumaturgo, onde estudavam o segundo grau e seus maridos trabalhavam. Três rapazes também casaram. Um deles casou com uma professora de Porto Valter, cidade vizinha descendo o Juruá, e durante algum tempo morou com sua esposa próximo a seu pai. Depois se mudaram para Marechal Thaumaturgo em uma casa própria, construída na mesma rua de sua irmã, casada com Zequinha. Uma das filhas recém casadas, que estava em Thaumaturgo com seu marido, está voltando para ocupar a casa deixada por seu irmão, que se mudou com a esposa professora para Thaumaturgo. Os dois outros filhos casados moram em casas construídas no campo que se expandiu ao redor da casa do pai; cada um deles ocupa uma das pontas do campo onde agora a família cria gado. O trabalho na roça e na casa de farinha é feito coletivamente, e a produção anual de farinha é a grande fonte de renda familiar.

25/11/2004

Augusto, Antônio e Raimundo Caboré saíram para o Rio Bagé. Saíram da foz do rio Bagé às 11:00h da manhã subindo o Bagé. Quando foi no mesmo dia, subindo de canoa, chegamos na comunidade Cocal, às duas horas da tarde, na casa de Dona Josefa, uma senhora de 68 anos, veterana neste lugar. Quando chegamos na casa dela dormimos e jantamos carne de galinha e carne de queixada cozida, com feijão, macarrão, banana e farinha.

Comeram 5 pessoas: 3 visitantes e 2 pessoas da casa. À noite, oito horas, a Dona Zefa falou que a onça tinha pego um homem para comer.

26/11/2004

Ficamos na casa da Dona Josefa. Passamos o dia aí. Medimos o campo e medimos os roçados de roça e roçado de banana desta casa. Comemos carne de galinha e carne de queixada. Tudo cozido com farinha. Comemos macaxeira no almoço e no quebra jejum e na janta, com 6 pessoas com visitas.

(Melo, 2005)

27/11/2004

Antônio, Augusto e Raimundo Caboré saíram do Cocal às doze horas da tarde para a comunidade Seringueirinha subindo o rio Bagé. Chegamos na Seringueirinha às quatro horas da tarde. O rio estava alagado de muita água e as voltas muito fechadas. O rio estava muito apertado de árvores e paus na beira do rio Bagé e muito fechado e tem campina grande e fechada neste rio.

(Melo, 2005)

Acima Roxo faz uma descrição do percurso. Ele foi o piloto da canoa de nossa viagem. Nesse tipo de embarcação na qual subimos o Bagé o motor fica na popa. O motor utilizado é conhecido como rabeta. É o único tipo de motor que consegue subir os rios rasos. Na verdade é um motor a gasolina, variando entre 5 e 13 cavalos de potência. Nesse motor é adaptada a rabeta, um cano de cerca de dois metros em

cuja extremidade é colocada uma pequena hélice (palheta) guardada por dois protetores metálicos. Na base onde o motor é fixado à popa da canoa há um eixo móvel e um timão, que permitem ao piloto mover a rabeta tanto para os lados, alterando a direção da embarcação, quanto verticalmente, impedindo que a hélice colida com uma pedra ou pedaço de pau que possa danificá-la. O piloto normalmente fica em pé ou agachado controlando o timão.

No Bagé as “voltas muito fechadas” deram muito trabalho a Roxo. A alagação relatada por ele tornava o rio uma espécie de labirinto. Só os moradores conseguem saber onde passa o leito do rio porque toda a mata está alagada e ele é muito estreito. Novatos na região correm o risco de se perder. As copas das árvores muito baixas exigiam que piloto e os passageiros se abaixassem e usassem os facões constantemente para abrir caminho. Outro perigo nessas situações são as cabas, espécies de vespas ou marimbondos que fazem suas casas nas copas das árvores. Com o rio alagado a canoa passa por dentro das copas e, algumas vezes, tromba com uma casa de caba. Nessas situações, a tripulação necessita se jogar na água para evitar as picadas. Por fim, Roxo se refere às campinas fechadas. Campinas são áreas alagadiças onde cresce uma vegetação não muito alta, mas extremamente fechada, um emaranhado de cipós e espinhos. O terreno é movediço, o que torna a caminhada em uma campina quase impossível. No Bagé elas ocorrem em grandes trechos, um pouco abaixo da localidade Seringueirinha e antes da boca do Braço Esquerdo. Os moradores relatam a existência de outras campinas acima da boca do Braço Esquerdo, mas estas estão dentro da área indígena.

Para Caboré esse tipo de vegetação e paisagem obviamente não foi uma surpresa, mas Roxo comentou diversas vezes comigo e com outras pessoas como ficou impressionado. Segundo ele, era um local muito feio, inóspito, difícil de navegar e de viver. No igarapé Manteiga, onde se criou, não existiam campinas e o rio possui outro formato. Realmente, as áreas de campina são desabitadas por seres humanos. Mesmo que a vegetação pudesse ser rompida, o tipo de solo alagadiço e movediço impediria a colocação de um roçado ou mesmo de uma residência.

Chegando na Seringueirinha, na casa do Ivo, às quatro horas da tarde nós comemos carne de veado cozida com farinha. Dormimos na casa do Ivo e a janta foi às sete e meia da noite. O quebra-jejum foi às sete horas da manhã.

José Faria falou que deixou a terra para viver em Cruzeiro do Sul. Ele deu a terra para todo mundo quando deixou.

Para seu Zé Farias, o seringal tinha direito de receber a renda, porque o patrão comprava o seringal e queria descontar o dinheiro que pagou por ele.

Dona Nazaré falou que é boa a casa que tem cobertura de palha, pois o filho dela comeu carne de porco de casa e fez mal, então ela fez o chá da biqueira da casa para ele beber. O chá é feito da palha de três cantos da casa.

(Melo, 2005)

Ivo é filho de Caboré. Nessa ocasião ele estava vivendo na localidade em que havia morado seu pai, chamada Floresta. Comparando com o tempo em que visitava Caboré e sua família nesse mesmo local, fica evidente como o modo de ocupação mudou em menos de dez anos. A casa de Caboré era quase no mesmo local onde hoje está a casa de Ivo, seu filho; um pouco mais próxima da beira do igarapé Pavilhão, uns trinta metros. O porto é o mesmo e o que restou da antiga casa de Caboré, a estrutura e parte da cobertura de palha, serve de abrigo para o gado de Ivo. Há um grande campo onde antes era mata. Caboré não criava bois e o terreiro era bem pequeno, com alguma criação de galinha e de patos. Hoje Ivo investe em seu campo e na criação de gado com o salário que ele e sua esposa, Xéu, recebem como professores da rede municipal de ensino. A casa é de madeira serrada e coberta com alumínio e os móveis são comprados na cidade. O salário altera também as relações com os vizinhos, muitos dos quais recebem de Ivo diárias para trabalhar em seu campo e em sua agricultura. Como registra Roxo, Ivo não pensa em cortar e imagino que parte das estradas foram derrubadas na abertura do campo de gado.

Depois de pernoitarmos na casa de Ivo e Xéu fomos a pé, pelo caminho, para a casa de dona Nazaré. No final de 2004 a casa de Caboclo, outro filho de Caboré, ficava em uma das extremidades do campo de Ivo. Caboclo também tinha uma renda como piloto do recreio, a canoa que faz o transporte das crianças para a escola e da escola para casa. No caminho para a casa de dona Nazaré ainda passamos pela boca do caminho para a casa de Antônio Fino e pelos roçados de Ivo e Zé do Caboré, outro filho de seu Caboré. São vinte minutos de caminhada. Em 2004 o campo de Ivo já avançava muito em direção à casa de dona Nazaré, e parte do caminho era feito dentro dele.

No mesmo terreiro de Dona Nazaré, mãe de Caboré, estava a casa de seu neto Zé do Caboré. Zé é serrador. Possui uma motosserra e presta serviços para os outros moradores da região. Nessa época estava com muito serviço, derrubando árvores, serrando tábuas e fazendo casas para muitos moradores. Um projeto de financiamento habitacional para os moradores da Reserva acabara de ser aprovado, e parte dos recursos poderiam ser utilizados para pagar diárias de serrador. Nessa época, Zé e sua esposa Dina viviam em uma pequena casa no mesmo terreiro de Dona Nazaré, mas com a quantidade de trabalho que Zé estava fazendo, ele planejava mudar para outra localidade e construir uma casa grande, de madeira serrada e coberta com alumínio.

Roxo também comenta sobre seu Zé Farias, um dos veteranos do rio Bagé e da família Farias, irmão de dona Nazaré e tio de Caboré. Seu Zé Farias possui residência em Cruzeiro do Sul, mas aparentemente não gosta muito de ficar por lá. Está sempre na casa dos parentes no Bagé e se hospeda na casa de Zé

do Caboré. Roxo comenta sobre uma conversa que tivemos com seu Zé Farias sobre sua mudança e a propriedade na região. Foi nessa conversa que seu Zé Farias deu razão à cobrança de renda por parte dos patrões. Segundo ele, em algum momento os patrões pagaram pelos seringais, e a renda paga pelos seringueiros seria uma forma de restituir esse gasto. Mas quando perguntei sobre o primeiro proprietário, seu Zé Farias refletiu que ninguém teria direito de vender, somente se tivesse “um recibo de Deus”. Para ele as pessoas poderiam vender aquilo que fosse fruto de seu próprio trabalho. Assim, parecia-lhe inapropriado vender carne de caça ou um pau da mata, ou mesmo um pedaço de mata. Um terreiro, uma casa, uma criação, ao contrário, poderiam ser vendidos ou doados, assim como quaisquer outras benfeitorias de uma colocação. As estradas de seringa são um caso à parte. Elas pertencem ao seringueiro, podem ser passadas para seus filhos, mas a idéia de vendê-las soa estranho para pessoas como José Farias, e, na verdade, esse tipo de negociação não se pratica. Quando uma família abandona uma colocação ou mesmo negocia suas benfeitorias para uma próxima, nunca põe preço nas estradas.

No trecho anterior, Roxo também chama a atenção para a preferência de dona Nazaré pela cobertura de palha de sua casa. Atualmente, e principalmente depois do financiamento para a habitação, os moradores estão substituindo a cobertura de suas casas, tradicionalmente da palha de vários tipos de palheiras, pela cobertura de alumínio. A argumentação principal diz respeito à durabilidade do alumínio e à pouca sujeira. A cobertura de palha, dizem os moradores, e principalmente as mulheres, produzem uma poeira constante na casa, enquanto com o alumínio a casa ficaria mais limpa. É perceptível, porém, uma diferença de status entre as duas coberturas. As casas cobertas com palha são associadas à pobreza e ao atraso. Dona Nazaré é uma das pessoas que defendem a utilização da palha. Acha que a casa fica mais fresca e menos barulhenta com as chuvas do que a casa coberta com alumínio. Além disso, Dona Nazaré utiliza a água que escorre das extremidades da cobertura de palha durante as chuvas para produzir um remédio caseiro.

28/11/2004

Às oito horas da manhã estávamos na casa de Ivo, na colocação Seringueirinha. O senhor Maurício Praxedes está comprando borracha. Ivo está falando que volta para a borracha de 7 ou 8 reais o quilo. Porque ele se criou nessa colocação como seringueiro, e seu pai criou todos seus filhos na seringa. E, hoje, sem a seringa, a mata está sendo derrubada. A mata da Reserva Extrativista do Alto Juruá. Um quilo de pólvora custa 60 quilos de borracha. A borracha vale muito pouco.

(Melo, 2005)

Roxo afirma que a casa do Ivo fica na colocação Seringueirinha. O que é uma colocação? Como se define um local? São perguntas para as quais não existem respostas exatas. Há, obviamente, uma localização relacional que depende do local onde se está e com quem se está comunicando. Contudo, quando tentava definir uma colocação com meus amigos e com os moradores, as coisas ficavam mais

complicadas. Algumas idéias são compartilhadas: (1) uma colocação possui estradas de seringa; (2) uma colocação não se resume às suas estradas de seringa.

Quando uma pessoa diz que mora em certo local há muitos anos, ela não quer dizer necessariamente na mesma casa ou no mesmo local onde está assentada sua casa atualmente. Significa, sobretudo, um espaço de uso, um local mais ou menos definido pela proximidade de algumas capoeiras nas quais ele já teve roçados, mais ou menos por algumas estradas ou trechos de estradas de seringa que já cortou, mais ou menos pelo histórico de localização de suas residências, mais ou menos pelas matas de caça que ele utiliza. Resumindo: o local, o seu local, refere-se não a um ponto de coordenadas definíveis, estático, mas, se fosse possível traçá-lo, ao conjunto de suas trajetórias e usos. Quando um morador do Bagé diz “eu vivo aqui há muito tempo”, ele está dizendo: eu percorro e uso intensamente essa região há muito tempo, de modo que meus vizinhos já reconhecem meu espaço, pois compartilharam comigo meus trajetos.

29/11/2004

Dia vinte e nove de novembro, às quatro horas da tarde, saímos da casa do Ivo para a casa do Dédi. Quando estávamos chegando a chuva vinha caindo. Não tinha canoa, a canoa estava do outro lado do rio, no seco. O Augusto nadou e atravessou o rio Bagé para pegar. Dormimos na casa do Dédi e comemos carne de galinha cozida com farinha, arroz e verdura. À noite Augusto tocou piano mais o Dédi. (Melo, 2005)

O trajeto entre a casa do Ivo e do Dédi é feito a pé por um caminho na mata. Em parte esse caminho correspondia a uma estrada de seringa cortada pelo Miria, filho do velho Nêgo, que também mora na Seringueirinha. Além do caminho na mata, é necessário atravessar o rio Bagé para chegar à casa onde morava o Dédi nessa época. Dédi é filho de Marinê, que vive ainda abaixo da colocação Lago Grande, onde na época morava outro filho de Caboré, Manuel. Dédi e sua esposa Marinalva estavam em uma situação difícil nessa época. Ele estava trabalhando de cantineiro para a Associação, na cantina da Seringueirinha. No local conhecido como sede da Seringueirinha, ou somente Seringueirinha, havia um posto de saúde desativado; uma escola em funcionamento, onde lecionava o casal Ivo e Xéu; a cantina da Associação; um gerador a diesel e um local para a televisão. De certa maneira Dédi e Marinalva não pertenciam ao local; a meu ver eram tratados respeitosamente, mas ficava clara a situação incômoda. Dédi foi colocado como cantineiro pelo presidente e pelo diretor de produção da Associação à revelia dos moradores da Seringueirinha. Alguns fatos recentes agravavam a situação de Dédi. Não havia mercadoria na cantina e os seringueiros não conseguiam vender a borracha para a Associação.

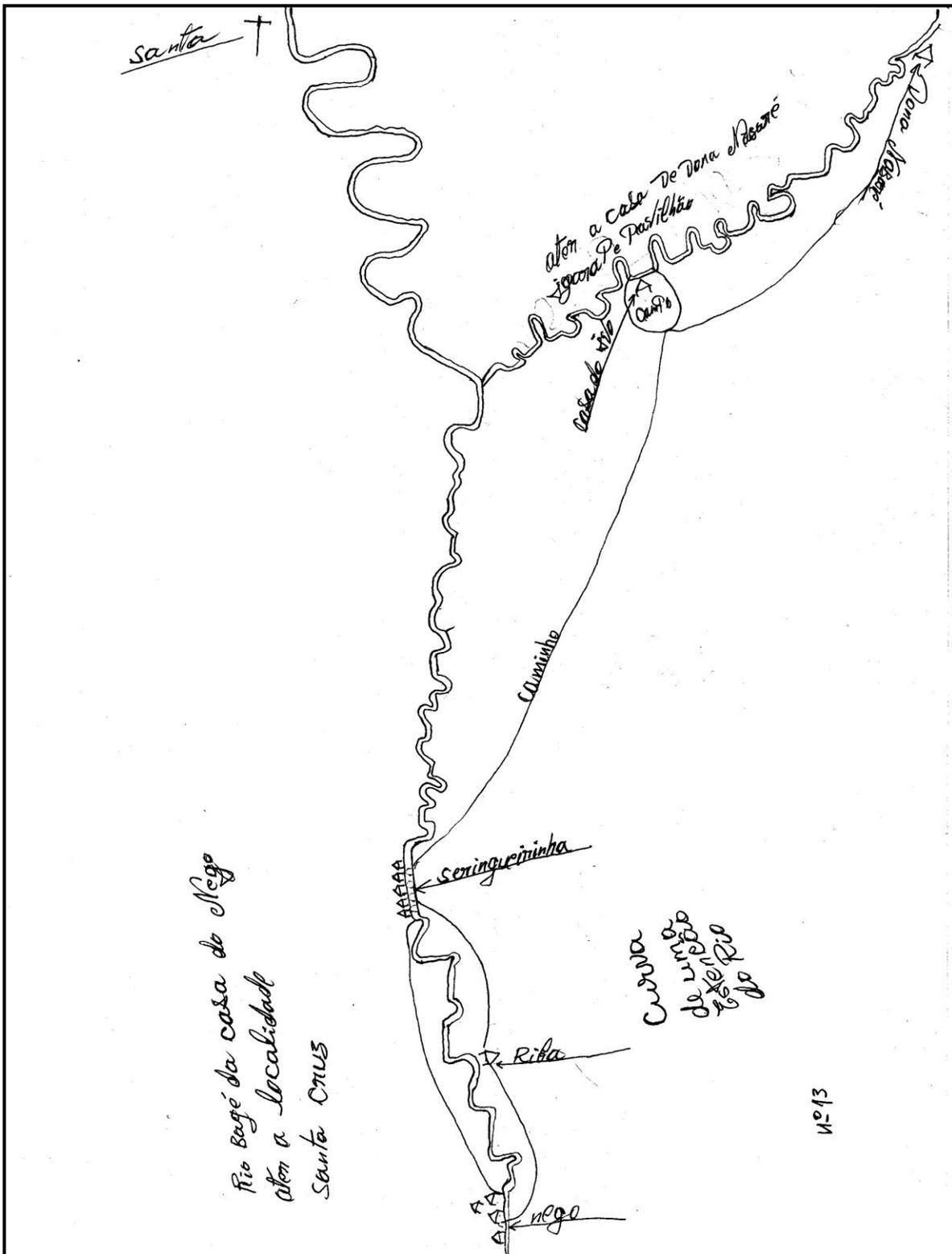
30/11/2004

Amanheceu chovendo e tomamos café da manhã. Saímos da casa do Dédi e dormimos na casa do Júlio. Comemos milho, pamonha e curau. Carne de porco e carne de macaco guariba, tudo cozido com farinha, almoçamos e jantamos isso.

01/12/2004

Passamos na casa do Júlio. Às sete horas da manhã na casa do Júlio, conhecido por Côco, tinha duas crianças para quebrar o jejum, uma de três anos e outra de sete. Passou um bando de macacos, aí os meninos disseram: “lá vem os macacos, mamãe os macaquinhos bonitinhos”.
(Melo, 2005)

Mapa 11 Rio Bagé da casa do Nêgo até a localidade Santa Cruz

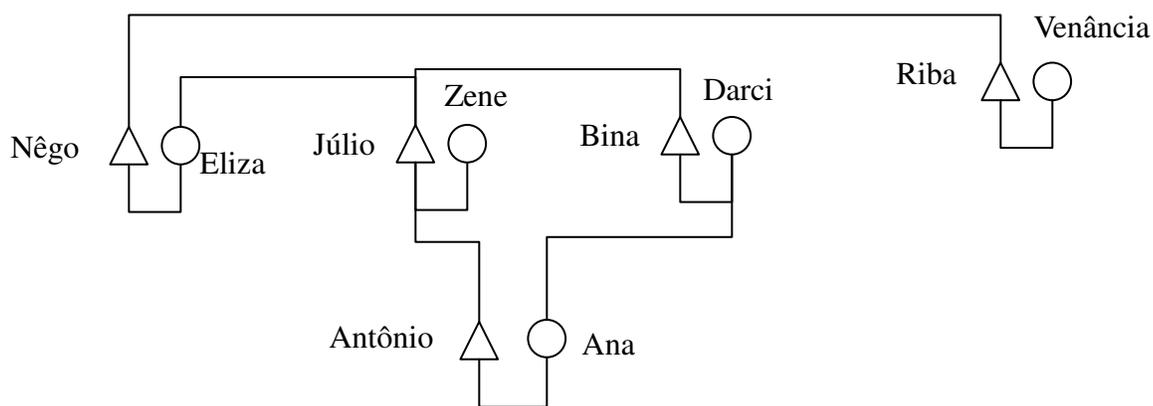


(Raimundo Farias Ramos, 2005)

Nesse desenho, Caboré esmerou-se em representar graficamente todas as curvas do rio em sua

proporção real. A primeira casa apontada é de Nêgo, mas junto estão mais três casas desenhadas na margem direita do Bagé. A casa de Júlio Côco e Zene, de João Bina e de Antônio da Zene. Nêgo é casado com Eliza, irmã de João Bina e de Júlio Côco. Acima um pouco está Riba, irmão de Nêgo, casado com Venância, irmã de Caboré. A partir da Boca do Pavilhão está a família de Farias, com exceção de Venância, casada com Riba, que também é da família de Farias, filha de dona Nazaré. No local indicado pela seta Seringueirinha estão as casas da Asareaj e a moradia do cantineiro Dédi. Santa Cruz foi indicado por Caboré como sendo o local da residência original de sua família. Posteriormente Dona Nazaré mudou-se para dentro do igarapé Pavilhão, mas quando lhe perguntei o nome do local onde ela mora, disse: “É a mesma Santa Cruz, só que nós colocamos a casa mais para cá”. Em 2005, um ano depois da primeira viagem, Caboclo, outro filho de Caboré, que no ano anterior morava com sua esposa e filhos no mesmo campo de Ivo, mudou sua casa para um local próximo do local indicado por Caboré como Santa Cruz no mapa. Zé, outro filho de Caboré, também no mesmo ano mudou sua casa para a margem do Bagé, saindo do campo de sua avó Nazaré, mas mantendo-se na região dos Farias. Ribamar também se aproximou mais da Boca do Pavilhão e Antônio Fino, casado com uma filha de Ribamar, mudou-se para uma localidade mais abaixo no rio. O local em que ele estava era constantemente reclamado por Ivo. Como se vê, a localização das casas muda constantemente.

No diagrama abaixo podemos observar os vínculos de casamento e filiação por parte dos moradores mapeados por Caboré, da casa de Nêgo até a casa de Riba em 2004. Quando retornei a Marechal Thaumaturgo recentemente em junho de 2007 as famílias Bina e Antônio haviam se mudado para a sede municipal.



02/12/2004

Passamos na casa do Júlio. À tarde fomos para a casa de Dona Nazaré, andando a pé nos caminhos.

07/12/2004

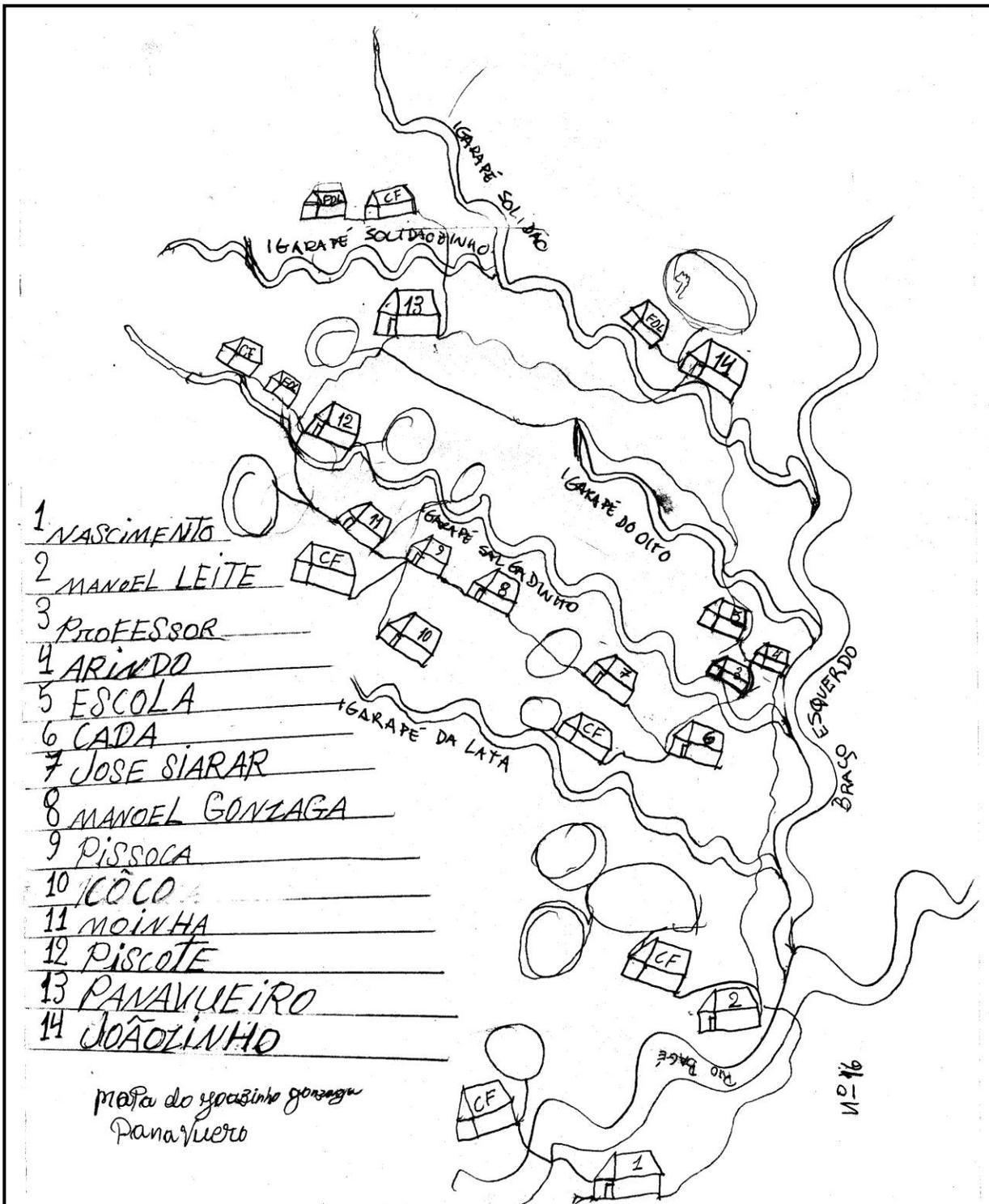
Antônio, Augusto e Raimundo Caboré saíram da Seringueirinha subindo o Bagé para o Braço Esquerdo, colocação Solidão. Chegamos na colocação do Manuel Leite. Chegando na casa do Manuel Leite ele estava fazendo farinha, puxando roça.

Estava puxando com o motor do Antonio Siqueira, que mora na Área Indígena. Seu Valdirzinho nos chamou para moer cana, para beber garapa. Pegamos o caminho a pé, achamos roça na metade do caminho. Havia ainda o roçado do João Gonzaga, a cerca de uma hora e meia de caminho, na pernada. Fomos para a casa do João Gonzaga e chegamos às 5 horas da tarde. Da Seringueirinha para a Boca do Braço Esquerdo, que é o igarapé. Fomos de canoa. Deixamos a canoa e seguimos a pé para a colocação Solidão. Chegamos e comemos carne de queixada com farinha. (Melo, 2005)

Normalmente as distâncias são medidas em tempo de percurso, com o cuidado de especificar o meio, de canoa ou a pé. O percurso entre a Seringueirinha e a Boca do Braço Esquerdo fizemos de canoa; dali em diante seguimos a pé devido à impossibilidade de a canoa entrar no igarapé Braço Esquerdo, muito estreito, raso e coberto pela vegetação. A margem esquerda do Braço Esquerdo pertence à Área Indígena Jaminawa Arara e a margem direita à Reserva Extrativista. Na época de nossa visita, 2004, existiam quatorze casas pertencentes à comunidade Braço Esquerdo, representadas abaixo em um mapa feito por João Gonzaga, também conhecido por Panavoeiro, e seu genro Joãozinho. As circunferências indicam os roçados, a sigla CF assinala as casas de farinha e a sigla FDL indica as construções especialmente utilizadas para a confecção dessa borracha (Folha de Defumação Líquida). Existiam três instalações para a produção de FDL no Braço Esquerdo: uma com Joãozinho, outra com João Gonzaga, o Panavoeiro, e outra com José Maria Piscote. As casas de farinha indicam um certo grau de agrupamento e aliança entre os moradores. João Gonzaga vivia à beira do igarapé Solidão com sua filha Marlene e seu genro Lô, pois há alguns anos ele é viúvo. Ainda às margens do Solidão estava sua outra filha Goreti, casada com Joãozinho. No ano seguinte João Gonzaga, Lô e Marlene se mudariam para um local mais próximo da margem do Bagé, abaixo da boca do Salgadinho. Joãozinho e Goreti permaneceriam às margens do Solidão por pelo menos mais um ano. À margem do Salgadinho encontra-se o segundo grande grupo familiar ao redor do casal Manuel Gonzaga e Nazaré. Em 2004 funcionava uma escola no Braço Esquerdo, próxima à Boca do Salgadinho.

Na Boca do Braço Esquerdo moravam Manuel Leite, sua esposa Maria e seus filhos.

Mapa 12 Comunidade Braço Esquerdo



- 1 NASCIMENTO
- 2 MANOEL LEITE
- 3 PROFESSOR
- 4 ARIANDO
- 5 ESCOLA
- 6 CADA
- 7 JOSE SIARAR
- 8 MANOEL GONZAGA
- 9 PISSOCA
- 10 CÔCO
- 11 MOINHA
- 12 PISCOTE
- 13 PANAVUEIRO
- 14 JOÃOZINHO

mapa do yacisinho gonzaga
Panavueiro

(João Gonzaga, 2005)

08/12/2004

Quebra-jejum foi ovo com café, farinha e banana, e almoço, ovo também.

14/12/2004

Augusto, Antônio do Eliodoro e Roxo saíram da Seringueira para Braço Esquerdo novamente porque todas as fotos tiradas estragaram. Saíram da Dona Nazaré, foram para a casa do Eliodoro. Dormimos, jantamos peixe com farinha.

15/12/2004

Antonio do Eliodoro e Roxo saíram para a estrada fazendo mapa com GPS. Saíram às 10:20 e chegaram às 14:50h. No mesmo dia à tarde fomos para a casa do Manuel Leite. Comemos pato na janta.

16/12/2004

Saíram para a casa do Manuel Gonzaga. Chegamos na casa do Manoel Gonzaga, dormimos e almoçamos carne de porco e queixada, e carne de galinha na janta. Todo mundo comeu bem. Comeram 8 pessoas adultas e crianças. Foi carne assada e cozinhada.

23/12/2004

Antonio Barbosa de Melo (Roxo), pensando na Reserva Extrativista do Alto Juruá. O que é a Reserva para todos os que estão morador nela, seringueiros e agricultores? A norma bonita de viver, que há 200 anos ou 100 anos (o Augusto falou em 100 anos) que moramos neste lugar, criamos filhos e netos, mas todo mundo está vivendo com conforto e paz, comida e bebida. Mas mesmo assim está faltando alguma coisa para todos que estão morando neste lugar: é o preço para a borracha e o preço para a agricultura. Porque o meu pai me criou e também criou 12 filhos cortando seringa, e mais outros pais também, que fizeram este mesmo trabalho a vida toda, e aí hoje, com 100 anos a 200 anos ou mesmo há 300 anos que mora gente neste lugar, e a mata ainda continua em pé. Porque para o filho das pessoas que chegaram pela primeira vez neste lugar, que abriram as colocações para morar, as estradas estão do mesmo jeito, e estão plantando nas mesmas capoeiras, aí estão cuidando dos lugares, que vão servir para netos e bisnetos, porque todo mundo que mora neste lugar, economiza o lugar que vive. Sabe que derrubar neste lugar bonito de conforto e sossego está destruindo a vida dos filhos e dos netos. Eu me lembro, quando nasci e comecei a trabalhar com 8 anos de idade não existia o meio ambiente. Todo mundo que vivia nesta Reserva Extrativista do Alto Juruá só tinha uma dificuldade antes de começar a Reserva, porque era no tempo dos patrões, porque ninguém tinha a liberdade de viver do jeito que estamos vivendo hoje. A mata toda em pé, com carne para comer. Carne de porco, carne de veado e peixe. Mas todo tipo de bicho anda para a mata, e ainda tem as estradas de seringa.

Hoje tenho 29 anos e ainda moro nesta Reserva, e todo mundo mora neste lugar.

27/12/2004

8:45h Raimundo Caboré, Bebé, Coco, Antonio Barbosa de Melo (Roxo), Augusto Postigo saíram para caçar para a mata da Bélgica, e aí dormimos na mata. Aí Coco e Bebé caçaram para a mesma mata. Mataram: porco, jacu, nambu, cutiara. Nós ficamos fazendo tapiri, que é um acampamento, e passamos a noite na mata.

28/12/2004

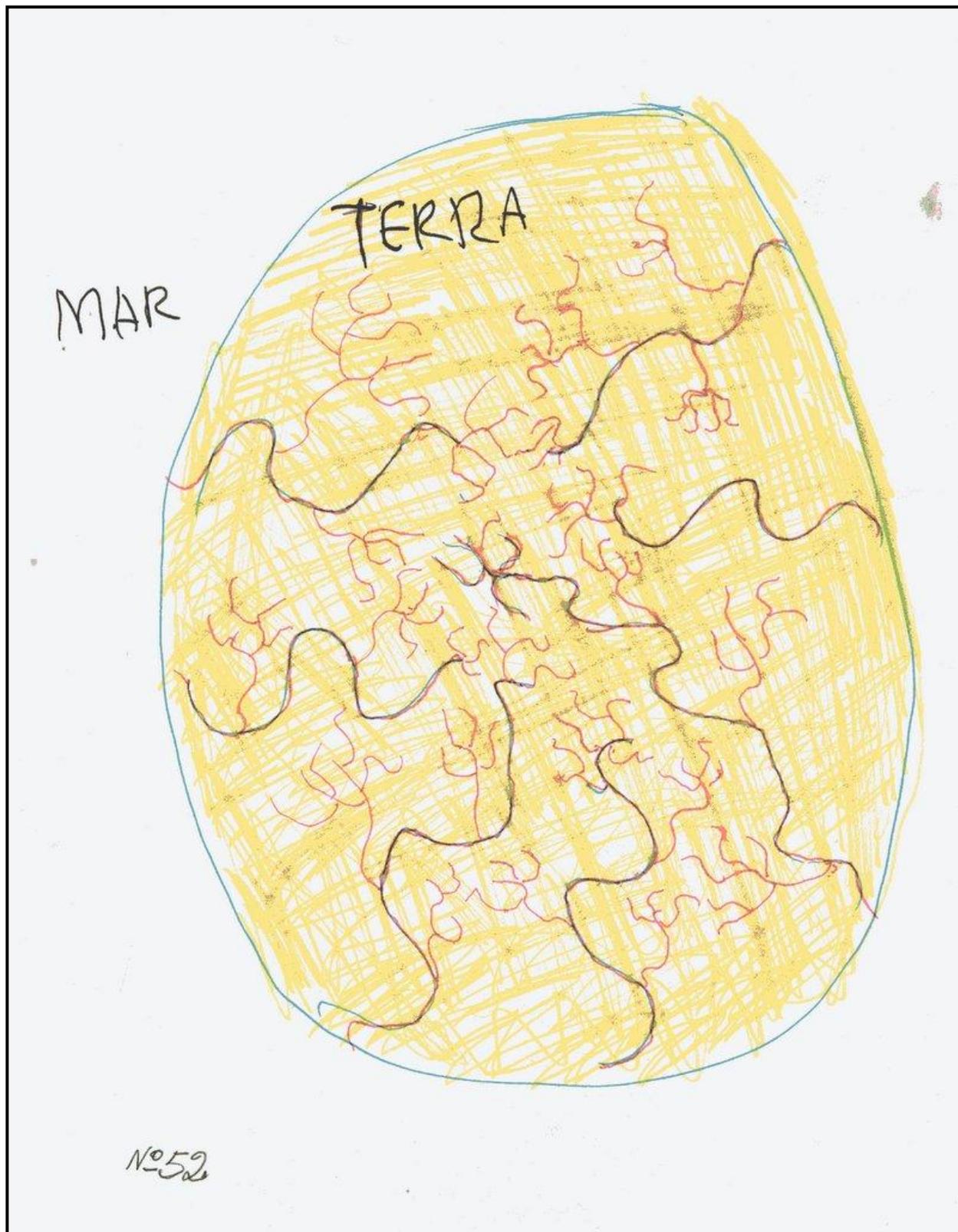
Todo mundo indo para a mata caçar com toda a bagagem. Vimos nambu, paca, rastro de porco e veado, e o Bebé matou um tucano. Às 2 horas da tarde chegamos na casa de dona Ermelinda. Passamos o dia na mata e uma noite. Comemos carne caçada com farinha, e deixamos o acampamento em pé, que foi a casa feita.

30/12/2004

Antonio Barbosa de Melo (Roxo), 29 anos, nascido dia 19/03/76, escrevendo o mapa da Terra, que é o planeta. Todo país do mundo está em cima da Terra. O Acre está em cima da Terra, no lugar mais alto, a metade da Terra. É mais quente em Manaus. E São Paulo, Goiânia e outros países do mundo são frios porque são mais baixos. O mais baixo pode ser quase no pé da Terra.

(Melo, 2005)

Mapa 13 A Terra Vista do Alto II



Nº 52

(Antônio Barbosa de Melo, 2005)

Eu e Roxo conversamos muito sobre o formato do planeta Terra. Suas observações e viagens confirmavam a possibilidade de seu modelo. A informação de que a Terra é redonda, por exemplo, não entra em contradição com seu modelo cônico de base circular. Pedi a ele que desenhasse claramente onde se situava o mar em seu modelo. Inclusive o nome do planeta reforça sua perspectiva do cone. O Alto Juruá está no ponto mais alto da Terra, na terra de divisor de todas as águas, de todas as bacias. O Juruá, segundo o que conta o pai de Roxo, nasce em uma palmeira, do tronco de uma paxiúba. O modelo é testado nas diversas viagens que Roxo faz pelo Brasil e a sua validade se confirma. Veremos que se trata de um modelo muito presente entre os moradores do Rio Juruá, e que esse modelo é ao mesmo tempo geofísico e cosmológico, trata tanto do formato do planeta quanto das relações que se dão nele.

Diário de viagem de Raimundo Farias Ramos (Caboré)

22/11/2004 a 24/11/2004

Caboré saiu de sua casa em Cruzeiro do Sul com destino à Reserva Extrativista do Alto Juruá para encontrar o pesquisador de Campinas-SP, Augusto Postigo. Saindo do porto da cidade de Cruzeiro do Sul às cinco horas da tarde em um barco com capacidade de transportar trinta e cinco toneladas, este barco levava mercadoria e oitenta passageiros até Marechal Thaumaturgo. Viajamos a noite, o dia e a outra noite. No dia 24/11/2004 às oito horas do dia chegamos em Thaumaturgo, encontrando os amigos Augusto e Roxo. Conversamos um pouco, depois viajamos e entramos na Reserva. Pernoitamos na casa do Nonatinho.

(Ramos, 2005)

Durante o inverno da região, o período de chuvas, embarcações de grande capacidade fazem o trajeto entre Cruzeiro do Sul e Marechal Thaumaturgo levando carga, mercadorias, e passageiros. Nesse tipo de embarcação são dois dias e meio de viagem.

25/11/2004

Viajamos subindo o rio Bagé e pernoitamos na comunidade Cocal na casa de Dona Josefa Lopes da Cunha. Dona Josefa é viúva e moradora há 39 anos nesta localidade.

26/11/2004

Ficamos o dia inteiro na casa de Dona Josefa. O rancho foi carne de galinha caipira e carne de queixada. Dona Josefa, 39 anos na colocação, dá uma boa idéia de que uma colocação de seringa nunca acaba. Ficamos dois dias na casa de Dona Josefa, o rancho foi muito favorável. Dona Josefa nos tratou muito bem.

(Ramos, 2005)

Retomamos aqui a mesma viagem a partir do diário de Raimundo Caboré. Uma das preocupações de Caboré, presente em seu diário, era avaliar a qualidade de vida da população e a sustentabilidade do modo de vida seringueiro. Assim como no diário de Roxo, ele sempre fez anotações sobre as refeições que fizemos nas casas que visitamos. Conversávamos muito sobre a pesquisa e sobre as questões de meu doutorado. Expliquei que um de meus interesses era descrever os usos do território pela população, outro era entender as mudanças ocorridas nos últimos anos e a emergência das comunidades em oposição ao regime anterior das colocações (como hipótese de pesquisa). Também expliquei que há cientistas que acreditam na insustentabilidade de áreas de conservação habitadas por humanos, como é o caso da Reserva Extrativista. Disse também que nosso trabalho poderia ser uma prova do contrário, ou seja, de que certos modos de vida são em si sustentáveis em sua relação com a floresta.

Dona Josefa é tia de Caboré por parte de mãe. Zefa, como é conhecida, é viúva do irmão do pai de seu Caboré, também já falecido. Caboré chama a atenção para o fato de que dona Zefa mora na mesma colocação há mais de 39 anos. Como já chamamos a atenção anteriormente, isso não significa necessariamente a localização da casa no mesmo local. As referências da localidade são suas estradas de seringa, seus caminhos, as capoeiras antigas. Caboré também chama a atenção para o fato de que

uma colocação nunca acaba, em outras palavras, a oferta de recursos naturais se mantém com o tempo segundo um uso tradicional. Nessa medida, o exemplo de dona Josefa e de sua colocação é um argumento irrefutável em relação à sustentabilidade do modo de vida seringueiro. Como observa Caboré, dona Zefa vive há tanto tempo no mesmo local e ainda há fartura na alimentação proveniente da caça. O campo principal do Cocal incluía a casa de dona Zefa, uma escola, o Santo Cruzeiro e a casa de dois filhos casados.

27/11/2004

Saímos da comunidade Cocal subindo o rio Bagé, pernoitamos na localidade Seringueirinha, casa do Ivo.

28/11/2004

Ainda na casa do Ivo com as atividades de andar nos roçados e campos. Conversando com os moradores encontramos notas de compra de mercadorias, pagamento com borracha e vimos que hoje em 2004 a borracha tem mais valor que naquele tempo. A produção de borracha era bem maior.

(Ramos, 2005)

Na casa do filho de Caboré encontramos algumas notas referentes ao período de implementação da Reserva Extrativista, quando as cantinas estavam em pleno funcionamento e a Asareaj comprava toda a borracha produzida pelos seringueiros e conseguia suprir as diversas localidades com mercadoria. Utilizando as notas daquele período, início dos anos noventa, e o preço da borracha e dos produtos em 2004, época de nosso trabalho de campo, chegamos à conclusão de que um quilograma de borracha em 2004 teria um poder de compra maior do que no período de implementação da Asareaj. Mesmo assim a produção da borracha naquele período era bem maior que em 2004. Para Caboré isso demonstra que a produção de borracha pelos seringueiros não depende unicamente do preço praticado, mas deve também levar em consideração o transporte e a comercialização da produção, bem como o provisionamento das cantinas com mercadoria. Nos primeiros anos da Reserva Extrativista, a Asareaj conseguia manter cantinas com mercadorias em diversas localidades da Reserva e a borracha era a moeda de troca. Em suma, deve-se considerar a distribuição espacial dos moradores, e no limite das seringueiras, em uma política de valorização da borracha. A questão das distâncias e do isolamento em relação a certos recursos e serviços também é evidenciada a seguir.

29/11/2004

Ainda na localidade Seringueirinha, Rio Bagé, nesta localidade encontramos uma pessoa mordida de cobra surucucu e encontramos criança com diarreia. Esta comunidade fica distante 1 dia de viagem para Marechal Thaumaturgo, onde se encontra atendimento de saúde. O transporte é feito pelos próprios moradores. Em muitos momentos não encontramos combustível para abastecer o motor.

(Ramos, 2005)

Chegamos de canoa na Seringueirinha. Antes paramos no Lago Grande, onde morava Manuel Pita, também filho de Caboré. Manuel avisou que Dina, esposa de José do Caboré, tinha sido picada por uma surucucu. Caboré e Manuel preocuparam-se com nossa visita à casa de dona Nazaré, onde Dina estava

de repouso depois da picada da cobra. Quando uma pessoa é picada de cobra ela deve ficar em isolamento e não pode ter contato visual com pessoas estranhas ou com as quais ela não tem convívio cotidiano. Avaliaram que não seria muito conveniente seguirmos até a casa de dona Nazaré naquele mesmo dia. Eu representava perigo para a vida de Dina. Roxo é rezador, portanto, mesmo sendo desconhecido para ela, eles consideraram que não haveria problemas. Caboré é da família e sogro de Dina, por isso também não haveria problemas, não afetaria o quadro de Dina. Eu, além de não ser morador, nunca havia sido picado de cobra. Todos os cuidados deveriam ser tomados para evitar que o veneno passasse a fazer efeito. Se por acaso ela me visse, o veneno seria fatal. Caso contrário ela ainda teria chances de se curar. Caboré também chama a atenção para a distância dos serviços de saúde pública e para as dificuldades de conseguir combustível para viagens de emergência.

30/11/2004

Augusto, Roxo e Caboré, ainda na comunidade Seringueirinha, com as atividades de pesquisa de campo. O dia amanheceu chuvoso, isto interrompeu as atividades dos moradores; seja o corte da seringa, o trabalho do roçado, a caçada, ou pesca.

Este dia pode trazer fome, pois é ruim de procurar o rancho. Farinha de mandioca, arroz e feijão o seringueiro não considera rancho. Faltando a carne ou o peixe.

Eu, Raimundo Farias Ramos, o Caboré, estou na casa de dona Nazaré. Augusto e Roxo estão na casa de outros vizinhos. Aqui na casa de Dona Nazaré, ela recebeu um quarto de veado e uma banda de tatu. Peso do veado 8 kg, peso do tatu, 4 kg. Vizinhança do Côco da Pitu.

(Ramos, 2005)

Dona Nazaré é mãe de Caboré. Dividia sua casa com seu filho Manuel Adelino, de cerca de 50 anos, e duas de suas netas, filhas de Manuel Adelino e sua falecida esposa. Assim como sua irmã Josefa, da colocação Cocal, Dona Nazaré é viúva e está próxima dos oitenta anos. Dona Nazaré é aposentada e Manuel Adelino vive do comércio de mercadorias que traz da cidade. Ele as troca por borracha e dinheiro. Para os moradores da redondeza a presença de Manuel é muito importante, pois conseguem comprar mercadorias como sal, açúcar, pólvora e mesmo alguns remédios básicos a troco de borracha, que podem produzir a qualquer momento. Também não precisam ir até a cidade para pequenas compras. Manuel possui seu próprio roçado, mas não gosta de caçar, pescar ou cortar seringa. Dona Nazaré vive rodeada de filhos, netos e vizinhos que lhe enviam carne de caça da vizinhança. Côco da Pitu, a pessoa citada, é casado com sua filha Maria José e morava próximo a sua mãe, Dona Pitu, na boca do Igarapé Bélgica, um afluente do Pavilhão, onde mora dona Nazaré. Nas últimas viagens que fiz ao rio Bagé, Dona Pitu havia se mudado para o rio Juruá, próximo à sede municipal de Marechal Thaumaturgo, e Côco e Maria José para o terreiro, numa casa ao lado da casa de Dona Nazaré. As relações de vizinhança serão tratadas mais adiante. Nesse momento é suficiente dizer que se trata de uma relação de reciprocidade de carne de caça entre famílias.

01/12/2004

Dona Nazaré recebeu um quarto de porco caititu, dois quatipurus e dois quartos de cotia. Peso do porco, 4 kg, quatipuru 2 kg, cotia 2 kg. Dona Nazaré é viúva e o rancho de sua casa vem mais da vizinhança. Esta vizinhança do dia 1/12 veio do Eliodoro.

Augusto, Roxo e Caboré, ainda na comunidade da Seringueirinha. As atividades de trabalho foram na casa do Côco da Zene e do Nêgo da Eliza. Fomos à casa de farinha ver o povo fabricando farinha de mandioca. Esta farinha é muito útil na mesa do seringueiro, ou em todo o território do Acre. Também visitamos os roçados com plantio de mandioca, milho e arroz.

02/12/2004

Augusto, Roxo e Caboré na casa de Dona Nazaré. Dona Nazaré recebeu um quarto de porco caititu vindo do vizinho. Peso do porco, 4 kg, vizinhança do Toni Fino. Este lugar, dona Nazaré mora há mais de 40 anos. Hoje esta colocação não está como era antes, mais ou menos pela década de 62. Este lugar era muito farto de caça e de peixe, mas neste tempo tinha distância de uma colocação para outra. E hoje o povo está mais agrupado porque aumentou o número de famílias e as colocações das cabeceiras dos igarapés estão abandonadas. Agora, para as cabeceiras dos igarapés a fartura de caça é muito grande. (Ramos, 2005)

Como já havia chamado a atenção, uma das preocupações de Caboré na viagem era demonstrar a sustentabilidade do modo de vida das famílias na Reserva, em especial no rio Bagé. Ele aponta para um dos processos que vêm ocorrendo nos últimos anos: com o descrédito crescente da borracha e o abandono das estradas de seringa, as pessoas estão se mudando cada vez mais para as margens dos rios e igarapés principais e deixando os centros. Nesse processo há um aumento da concentração populacional e a ocorrência de alguns problemas em decorrência desse fato.

Novamente Caboré registra a vizinhança recebida por dona Nazaré no período em que ele estava por lá. Nesses últimos dias ela recebeu em sua casa carne vizinhada de Tone Fino, seu neto casado com sua neta, de seu filho Eliodoro, e de Côco da Pitu, casado com sua filha Maria José. Na casa de Dona Nazaré ninguém caça e são poucos os moradores fixos, ela e seu filho Manuel. Ela redistribui carne que recebe. Seu filho Eliodoro, por exemplo, vizinha somente com ela e às vezes com dona Pitu, mas quando dona Nazaré recebe carne de Eliodoro, vizinha com Zé do Caboré, com Ivo, com Tone Fino e com Côco, conforme a quantidade de carne que recebeu. Quando as pessoas vizinham a carne com Dona Nazaré, já sabem que ela redistribuirá essa carne, tanto assim que vizinham uma quantidade mais do que suficiente para o consumo de sua casa; contudo, não vizinham diretamente: a carne sempre passa por ela, que a redistribui. Há aí um ato de confiança, já que do tratamento dado à carne depende a felicidade do caçador. Trataremos desse importante fato mais adiante.

05/12/2004

Ainda na Comunidade Seringueirinha. Augusto amanheceu adoentado, ficamos o dia na casa do Ivo.

06/12/2004

Ainda na casa do Ivo. Augusto ainda recuperando. Caboré e Roxo foram pescar de anzol no igarapé do Chagas. Pegamos 2,5 kg de peixe. Também o João, morador desta localidade, foi caçar. Saiu às 7h do dia e voltou 10:45h. Animal caçado: 2 porcos caititu. A vizinhança foi com 4 moradores. Vizinhos: Dona Nazaré ganhou uma banda pesando 7 kg. Aqui estamos na Reserva Extrativista do Alto Juruá,

comunidade Seringueirinha, com distância de um dia de viagem para a sede central do município de Marechal Thaumaturgo, com mais 3 dias de viagem para chegar na cidade de Cruzeiro do Sul. Isto em um barco que tem um mínimo de conforto e segurança. Em um barco pequeno, no sol, devemos gastar um dia e meio de viagem.

07/12/2004

Saímos da comunidade Seringueirinha subindo o rio Bagé chegando na comunidade Braço Esquerdo na casa do monitor João Eugênio do Amorim, o João Gonzaga. Encontramos Gonzaga no caminho, trabalhando no roçado. João falou que nesse roçado vai construir uma casa, esta casa é de um crédito moradia, projeto do Incra. Mais de trezentas famílias na Reserva Extrativista do Alto Juruá foram beneficiadas com esse crédito.

(Ramos, 2005)

Caboré está claramente preocupado em apresentar dados quantitativos relacionados à alimentação e à oferta de caça e pesca na região. Nos diários de caça e pesca que Caboré fazia quando era monitor socioambiental essas informações eram anotadas com o intuito de avaliar e monitorar a qualidade de vida e do ambiente nas colocações. Pode-se, portanto, atribuir essa preocupação de Caboré a sua experiência como monitor. Caboré também sempre encarou seu trabalho com os diários como uma forma de comunicação, explicitamente, de “contar às pessoas de fora como é a vida no seringal”. Nossa conversa, em que eu conto sobre pessoas que vivem na cidade e que não imaginam como é a vida no seringal, também pareceu surpreendê-lo e motivá-lo a fazer esse tipo de anotação. Principalmente o fato de eu comentar sobre pessoas da cidade que entendiam que uma área de conservação deveria ter habitantes humanos. Para Caboré isso foi um pouco impressionante. Sua pergunta para mim foi: “Como viveriam as pessoas que não tinham salário se não fosse como seringueiros na floresta?”

João Gonzaga, também monitor socioambiental e morador da Reserva no ponto mais alto do rio Bagé, estava planejando sua saída da margem do Solidão. O crédito para construir moradia concedido pelo governo em 2004 para alguns moradores foi o empurrão que faltava. João Gonzaga, viúvo e com as duas filhas casadas, morava só às margens do Igarapé Solidão. A primeira providência de João para se mudar foi colocar um roçado no local para onde planejava se mudar. Nesse caso, uma localidade nova, próxima à escola do Braço Esquerdo. A nova casa seria assentada dentro desse novo roçado. Com o tempo os roçados vão se afastando da casa na medida em que os solos mais próximos vão ficando mais fracos para o plantio, de modo que em localidades onde as casas estão situadas no mesmo lugar há muitos anos os roçados ficam mais distantes.

8/12/2004

Augusto, Caboré e Roxo na casa do Gonzaga. As atividades do dia: Caboré e Roxo deram uma caminhada na mata juntamente com o seringueiro José Ceará, percorrendo uma área de caçada. A mata do Solidão. Esta área faz fronteira com a Mata do Riozinho Cruzeiro do Vale. Caçador do Solidão reclama que esta área está sendo prejudicada por caçador do Riozinho do Cruzeiro do Vale.

(Ramos, 2005)

O Braço Esquerdo é uma região de fronteira da Reserva Extrativista e de um importante divisor de águas, *terra de divisor*, como chamam os moradores. Próximas às suas cabeceiras estão localizadas as terras que dividem as águas do Bagé em relação às do Riozinho Cruzeiro do Vale e às do rio Liberdade e de afluentes da margem esquerda do rio Tarauacá. O Riozinho Cruzeiro do Vale deságua no rio Juruá, onde está localizada a sede do município de Porto Valter. Como não é uma área de proteção, freqüentemente caçadores profissionais da cidade de Porto Valter invadem as cabeceiras e mesmo as terras do Braço Esquerdo para caçar em grandes quantidades e depois vender na cidade. A família de Gonzaga, descendente do velho Luiz Gonzaga, ocupa boa parte do Braço Esquerdo, mas alguns também se casaram e foram em parte morar no riozinho Cruzeiro do Vale. O trânsito entre essas famílias e essas diferentes bacias hidrográficas é, portanto, intenso. Freqüentemente João Gonzaga visita seus parentes em festas e reuniões.

As terras de divisor, ou as terras de divisão, são referências espaciais fundamentais para os moradores do rio Bagé, em especial para os caçadores. As terras do divisor são os limites geofísicos naturais considerados pelos moradores para subdividir a floresta em matas e para se localizar dentro dela. Há aí uma estruturação fractal e relativa do espaço. Podem ser tomadas as águas do Bagé e as terras do Bagé para se contrapor às águas e terras do Tejo, do Cruzeiro do vale ou do Tarauacá – redes hidrográficas e trechos de floresta de tributários diretos e indiretos do Juruá, por exemplo, ou trechos de terra e de rio habitados por muitas famílias. Mas também é possível dividir as águas e terras do Bagé em águas e terras de seus tributários diretos, e assim por diante, até a escala dos igarapés que não têm tributários. No sentido contrário, até a escala planetária, há também um conjunto de redes hidrográficas e as terras a elas associadas, como vimos no mapa de Roxo. Se o mapa de Roxo fosse uma maquete teríamos a compreensão visual dessas águas e terras de divisor. As colocações não possuem fronteiras linearmente definidas, mas muitas vezes compreendem matas de caça, que em geral são utilizadas por mais de uma família e/ou colocação. As matas de caça correspondem a igarapés e aos trechos de floresta compreendidos por sua bacia hidrográfica. Costuma-se dizer: “vamos caçar para a mata do igarapé Solidão” ou “já estamos nas águas do Bagé” quando deixamos as terras banhadas pelo Tejo e seus afluentes, por exemplo, e entramos no trecho de floresta banhado pelo Bagé e seus afluentes.

Nesse caso, como quase sempre, as matas são divididas conforme as águas que o banham, em pequenas bacias. Caboré distinguiu, nesse caso, a mata do Solidão da mata do riozinho Cruzeiro do Vale. Caboré também comenta sobre a invasão. Fica evidente que a fronteira é dada pela bacia hidrográfica, já que os invasores deixaram a mata do riozinho para invadir as matas do Solidão, que nesse caso coincidem com as fronteiras da Reserva Extrativista.

09/12/2004

Caboré, Augusto e Roxo ainda na casa de João Gonzaga. As atividades do dia: Caboré e Roxo mapeando os roçados. Augusto trabalhou nas entrevistas ouvindo as histórias de parentesco e como se misturam as famílias e como se espalham. As migrações também ocorrem. Pessoas da mesma família se espalham em várias localidades, por exemplo, pessoas do rio Bagé com uma grande família podem se encontrar no rio Tejo, no rio Tarauacá, no rio Liberdade, no rio Cruzeiro do Vale. Saindo um pouco fora do assunto registrando as atividades do dono da casa: neste mesmo dia o Lô foi fazer uma caçada. Saiu às sete horas do dia e voltou às doze horas e trinta minutos. Animal caçado: um tatu de grota que pesou uma média de oito quilos.

10/12/2004

*Saindo da casa do João Gonzaga, do Lô e da Marlene, esposa do Lô. A caminhada foi até a casa do seringueiro Manuel Gonzaga. Durante a tarde visitamos os roçados mapeando com o GPS. Encontramos roçados de roça madura em ponto de fazer farinha, roçado de arroz e de milho novo, mandioca nova também, bananeiras com cacho e cana em ponto de produzir açúcar. À noite jantamos carne de caça. Ainda conversamos um pouco com Manuel Gonzaga. Ele falou sobre a dificuldade para fazer farinha. Ainda mói mandioca em uma roda manual.
(Ramos, 2005)*

Enquanto Roxo e Caboré se especializavam na atividade de mapeamento e descrição dos roçados, bem como espacialização dos caminhos e trajetos de caçada, eu trabalhava em momentos mais específicos na elaboração das genealogias das famílias. Fiz genealogias especializadas, utilizando cores e legendas para identificar onde os familiares estavam morando naquele momento. Com essa atividade visualizávamos a migração das famílias e sua distribuição espacial ao longo dos anos. Caboré prestava muita atenção a essa metodologia e posteriormente produziu uma genealogia em outro formato. A principal lição a ser retirada das genealogias para ele era como um casal se multiplicava em um número muito grande de filhos e netos que iam se espalhando pelo mundo. Migrações ocorrem para diversas outras bacias, como exemplifica Caboré. As genealogias feitas com os moradores também evidenciavam os casamentos entre famílias – família entendida, nesse caso, como pais e filhos.

Manuel Gonzaga e sua família estão nas terras do Salgadinho. Manuel é irmão de João Gonzaga, que havíamos visitado anteriormente, e um agricultor com técnicas diferentes dos demais, especialmente no que diz respeito à distribuição das plantas em seus roçados. Os pés de macaxeira, como os de milho, encontram-se cuidadosamente enfileirados e guardam a mesma distância uns dos outros. É uma visão diferente e até surpreendente diante de todos os outros roçados que visitamos, com as covas e os pés distribuídos de forma mais aleatória e com distância não tão rígidas entre um pé e outro. Nos roçados de Manuel Gonzaga e Nazaré também não existem tocos de pau, nem troncos caídos em meio à plantação, ao contrário dos outros roçados do rio Bagé. Foi o único local onde vimos alguém utilizando uma roda manual para puxar roça. Hoje esse trabalho é feito com a utilização de um motor associado à bola, uma espécie de ralador de metal envolto em um cilindro de madeira giratório, o qual possui uma polia que se liga ao motor por meio de uma correia. No caso de Manuel Gonzaga, ele

utilizava uma grande roda de madeira presa por um eixo e colocada verticalmente. A força manual nas manivelas e a inércia do movimento da roda em torno de seu eixo faziam com que a *bola* girasse a uma grande velocidade para *puxar* a macaxeira. Nesse sistema são necessárias pelo menos duas pessoas para *puxar* a mandioca, enquanto no mecanismo que funciona com o motor estacionário uma pessoa é capaz de realizar o trabalho sozinha.

11/12/2004

Saímos da casa do Manuel Gonzaga e visitamos a colocação ou moradia. Porque uma colocação pode ter três ou quatro moradias. Uma colocação com doze estradas de seringa pode ter quatro moradores. Isto tocando três estradas cada morador. Se a colocação só tem três estradas de seringa só pode ter um seringueiro, a não ser com um ajudante ou meeiro. A caminhada do dia 11 de dezembro de 2004 foi até a casa do Ivo, já na comunidade Seringueirinha. Fizemos uma caminhada corrida, ainda mapeamos os roçados do Zé Ceará e do Cada. Também pequenas entrevistas contando um pouco das histórias de suas vidas. Augusto também falava de seu trabalho para cada morador. Isto porque os moradores não entendiam bem o seu trabalho.

(Ramos, 2005)

Para Caboré, conforme explicitado acima, a referência principal para definir uma colocação são suas estradas de seringa. A colocação é uma área de uso mais ou menos delimitada por suas estradas de seringa, com o detalhe que a boca das estradas de seringa de uma mesma colocação se encontram próximas. Na avaliação de Caboré, dependendo do número de estradas de seringa, uma colocação pode comportar até quatro seringueiros. Caboré também afirma que três estradas de seringa só comportam um seringueiro. Só faria sentido dividir uma colocação com apenas três estradas de seringa com um meeiro, cuja produção seria metade do seringueiro dono da estrada, ou com um ajudante, quase sempre um filho menor que contribuísse com trabalho para explorar essa estrada.

Uma parte importante de nossas visitas a cada casa de família consistia em tentar explicar o trabalho que fazíamos. Na verdade, explicar os dois trabalhos que fazíamos: a minha pesquisa para o doutorado e o Atlas em parceria com Roxo e Caboré. Explicar a pesquisa de doutorado envolvia dizer que era um estudo sobre o modo de vida deles que serviria para minha formação na universidade. Difícil esse tipo de explicação, porque significava explicar o que é uma universidade, que existem pessoas que estudam muitos anos e que se especializam em estudar a vida de diferentes grupos sociais. Muitas vezes me via tentando explicar o que seria uma banca de doutorado. Acho que era uma das boas explicações. Uma espécie de teste com a presença de professores experientes que avaliariam meu trabalho dava um ar de importância ao que eu estava fazendo. Já sobre o Atlas, explicávamos que se trataria de um livro que falaria da vida das famílias do Bagé para ser usado nas escolas, para as crianças aprenderem também histórias do lugar onde elas moravam, além de documentar a ocupação do território. Essa segunda explicação normalmente lhes interessava mais. Mas, como diz Caboré, por se tratar de uma realidade

muito distante, acho que era difícil para os moradores ficarem satisfeitos com as explicações, embora agradecessem e solicitassem que eu explicasse.

13/12/2004

Eu, Caboré, estava na casa de Dona Nazaré, Augusto e Roxo estavam na casa de Dona Eliza. Treze de dezembro aqui na região é considerado um dia santo. Aqui na casa de Dona Nazaré é dia de rezar o terço e pagar promessa. Quem tem problema na vista faz promessa com santa Luzia.

14/12/2004

Augusto e Roxo retornaram ao Braço Esquerdo, pernoitando na casa de seu Eliodoro.

15/12/2004

Estou na casa de Dona Nazaré. Fui pescar de anzol, pequei pouco peixe. O igarapé estava com a água limpa e assim não é bom de pescar. Aqui estou no centro da comunidade Seringueirinha, onde estão agrupadas onze casas de família, uma escola, um posto de saúde, construído em 1991, uma fonia e um grupo gerador. Digo centro da comunidade porque esta comunidade começa na localidade Cachoeira, subindo o rio Bagé, e vai até a localidade Cassiri já próximo à área indígena.

(Ramos, 2005)

Por pressão da prefeitura municipal e das políticas públicas em geral, as famílias devem fazer parte de uma comunidade. Trata-se de uma ferramenta administrativa. As benfeitorias públicas, por exemplo, são destinadas às comunidades e não a famílias específicas. A cada comunidade, por exemplo, é destinada uma escola e/ou um gerador de energia. Em tese, quem não fizer parte de uma comunidade terá acesso mais restrito às políticas e benfeitorias públicas. Não é exigido dos membros de uma comunidade que morem agrupados; porém, indiretamente existe uma pressão para a aglomeração. Quando a prefeitura escolhe um local na comunidade para colocar um gerador de energia, por exemplo, está incentivando a aglomeração das pessoas naquele local. Ouvi também as pessoas comentarem que essa pressão é feita diretamente. A condição para a instalação de uma escola em um local pode ser a quantidade de pessoas ali aglomeradas. Assim, os aliados do prefeito e as grandes famílias aglomeradas acabam tendo preferência no momento de se escolher um local para instalar um gerador ou uma escola.

Quando Caboré afirma que a comunidade Seringueirinha agrupa onze casas, ele inclui aí construções como a escola e a cantina. No trecho abaixo mostra que esse agrupamento é político e não necessariamente relacionado às distâncias físicas.

16/12/2004

Augusto e Roxo de retorno para a Comunidade Braço Esquerdo. Eu, Caboré, estou na casa de Dona Nazaré. Fui pescar de anzol. Peixes pescados: trinta caras. Cara é um peixe pequeno encontrado nos igarapés, lagos e igapós. Muito abundantes nos igarapés de água preta.

Falando da comunidade e das onze casas: a iluminação não vai para todas as onze casas, porque é assim: a casa do Nêgo fica dois minutos distante da casa do Côco, cinco minutos para a casa de João Bina. Três minutos para a casa da filha do João Bina. Seis minutos para a casa do Dédi, onde é assentada a escola e a cantina. Dez minutos para a casa do Caboclo. Quatro minutos para a casa do Ivo. Cinco minutos para a casa do Antônio Fino. E doze minutos para a casa do Zé do Caboré e dois minutos para a casa de Dona Nazaré. Assim, é considerado vizinhança, não para dividir da carne de uma caça, mas em um trabalho ou em um caso de doença todos estão prontos para ajudar. Estas condições de vida

semelhante vai à outras comunidades com as mesmas características. Observação: a casa do Riba fica na metade da extensão da casa do Dédi para a casa do Caboclo.
(Ramos, 2005)

Nesse como em outros trechos Caboré mostra sua preocupação em explicar para os leitores que não compartilham o mesmo ambiente alguns elementos locais, por exemplo falando dos peixes que pescou. Nota-se essa preocupação com o leitor deslocado o tempo todo no diário de Caboré, até no que diz respeito ao português empregado em sua escrita, ele é mais preocupado do que Roxo em escrever segundo a norma culta. Roxo, ao contrário, não se preocupa com a letra, com a organização do texto mesmo quando eu solicitava que tomasse cuidado com a caligrafia para que pudéssemos entender depois. Brincávamos que ele escreve em outra língua, o roxês, e que eu sou um de seus tradutores.

A iluminação elétrica nessa época, ou seja, a rede de fios conectados ao gerador, chegava apenas à casa do Dédi, à escola e à cantina. É interessante como Caboré descreve as distâncias não em relação a um ponto fixo, mas como em uma caminhada percorrendo as trilhas conectando as casas. Portanto, Caboré começa sua caminhada na casa do velho Nêgo e dona Eliza. Da casa de Nêgo ele vai para a casa de Côco da Zene, irmão de Eliza, dois minutos caminhando, pois são casas muito próximas, praticamente em um mesmo terreiro contínuo. Da casa de Côco da Zene para a casa de João Bina são mais cinco minutos. Da casa de João Bina para a casa de sua filha são mais três minutos, e assim por diante. As distâncias se referem ao percurso entre duas casas e não à distância em relação a alguma casa específica.

Caboré marca a distinção entre esse tipo de vizinhança física, pela proximidade, e a vizinhança de carne de caça. Ao mesmo tempo, reforça que essa vizinhança física também ganha seu sentido talvez mais importante em momentos de necessidade de quaisquer de uma das famílias. Vale ressaltar que as casas e famílias citadas por Caboré formam diferentes grupos de vizinhança de carne de caça, uma relação que exige um grau mais elevado de confiança e proximidade.

De fora, nós podemos perceber que este lugar não está muito bom de rancho, mas toda a comunidade fica caçando por perto ou pescando. Assim, a caça e o peixe vão se afugentando. Nesta localidade devemos encontrar doze caçadores. Nêgo, Côco, Miria, João Bina, Tonho da Zene, Dédi, Riba, Caboclo, Ivo, Tonho Fino, João e Zé do Caboré.
(Ramos, 2005)

Nesse desenho, Caboré indica todos os moradores e seus respectivos roçados acima da boca do igarapé Maloca, na linha do Bagé e de seus afluentes Pavilhão e Braço Esquerdo, às margens do igarapé Bélgica, afluente do Pavilhão, e mesmo em um centro nas margens do rio Branco, o Laranjal. Aponta ainda duas *colocações perdidas* nas margens do igarapé Maloca, também afluente do rio Bagé. *Colocações perdidas* porque suas estradas de seringa não estavam mais sendo utilizadas por seringueiros e não moravam mais famílias ali. Essas colocações eram dois *centros* do Igarapé Maloca. São considerados *centros* porque não ficavam às margens de igarapés navegáveis e para alcançar tais lugares é preciso se deslocar a pé pelos caminhos na mata. Caboré utiliza símbolos no desenho de uma maneira singular. Setas são ao mesmo tempo utilizadas para representar caminhos ligando as casas dos moradores e seus respectivos roçados e como apontadores para nomear os donos das casas, os chefes de família. Caboré também faz referência no desenho aos roçados de cada família. Os roçados, como veremos, são fundamentais para indicar a ocupação do território.

18/12/2004

Augusto e Roxo ainda para a comunidade do Braço Esquerdo.

19/12/2004

Augusto e Roxo chegando da comunidade Braço Esquerdo. O dia foi com muita chuva, a tarde Augusto, Roxo e Caboré seguiram viagem para o centro do Laranjal, na companhia do seringueiro Elson. A distância de duas horas de viagem. O caminho em muitas partes estava tomado pelas águas. Chegamos às cinco horas e meia da tarde na referida localidade. Pernoitamos na casa do amigo Elson. A noite jantamos jabuti com arroz, feijão e farinha de mandioca. Nesta referida colocação Laranjal moram quatro moradores: Dona Maria Tavares dos Santos, viúva aposentada e quatro filhos casados, todos seringueiros morando na mesma colocação. Dona Maria, mais conhecida por Nenê do Geraldo, conta que chegou nesta colocação em 61 na companhia de seu esposo. Dona Nenê conta que depois do falecimento de seu esposo fez uma saída, juntamente com seus filhos para morar na margem do rio Juruá, mas não se deu, e resolveu voltar para a mesma colocação. Hoje é 20 de dezembro de 2004. Dona Nenê conta que está contente nessa mesma colocação pois tem tudo para ela e seus quatro filhos com relação ao que é oferecido pela natureza. Terra para fazer os seus roçados, caça, peixe, seringa para produzir borracha, madeira para construir suas casas e isto é uma boa prova de que uma colocação de seringa nunca vai deixar o seringueiro sem condições de trabalhar.

(Ramos, 2005)

Tive a mesma impressão que Caboré. Contudo, quando retornei a Thaumaturgo em julho de 2007, fiquei sabendo que dona Nenê e dois de seus filhos tinham deixado o centro do Laranjal. Dona Nenê e Edmar, um deles, se mudaram para a margem do Bagé, próximo ao Cocal, onde já morava Quima, também filho de dona Nenê e casado com uma filha de dona Zefa. Cláudio, outro dos filhos de dona Nenê, mudou-se para Thaumaturgo e estava vivendo de diárias na olaria da cidade. Apenas as famílias de Elson e Dema permaneciam no Laranjal. Na época em que estive no Laranjal todos cortavam seringa todos os dias da semana, mas ao final do ano, soube posteriormente, não tiveram compradores para a borracha que produziram. Viviam com grande fartura de caça, mas o local era inapropriado para viver da comercialização da agricultura, já que toda a produção deveria ser carregada nas costas até a

margem do rio Bagé. Também tinham dificuldades para as crianças estudarem, já que a escola mais próxima estava a duas horas de caminhada.

21/12/2004

Augusto, Roxo e Caboré estão na casa de Dona Nenê, colocação Laranjal, no meio do Igarapé Rio Branco, afluente do Paraná Bagé. As atividades do dia: Augusto acompanhando o seringueiro Elson fazendo o mapa de sua colocação. Fomos até o roçado. Pegamos milho verde, foram feitas pamonha e canjica. Dois seringueiros foram caçar. Cláudio pegou um porco caititu, Elson não pegou nada, ainda viu porco caititu na madrugada do dia 22. Edmar foi ao roçado na madrugada e pegou duas pacas, as duas pesaram dezesseis quilos com fato e osso.

22/12/2004

Caboré e Roxo mapearam os roçados de 2003 e 2004. Encontraram nos roçados mandioca mulatinha, cana de açúcar, mamão e bananeiras de diversas qualidades, milho, arroz e os roçados sempre em área de capoeira. Augusto ficou fazendo entrevistas sobre o parentesco. Nesta colocação a atividade dos moradores é a produção de borracha FDL. Hoje os seringueiros estão vendendo essa borracha por dois reais e noventa centavos o quilograma.

(Ramos, 2005)

A fartura no centro do Laranjal é muito evidente. Caboré descreve essa fartura tanto no que diz respeito à facilidade de obter carne de caça quanto à produção agrícola. A fartura de caça se deve em grande parte à distância que moram de outros vizinhos. Os quatro irmãos são muito trabalhadores e seus roçados eram muito fartos e diversos em seus cultivos. Lembro-me que disseram que antes de nossa visita, nunca alguém de fora do Bagé teria ido até lá visitá-los pela dificuldade do caminho na mata. Quando confirmamos que iríamos ainda à casa de dona Josefa, às margens do Bagé, os irmãos do Laranjal passaram alguns dias de trabalho pesado limpando o caminho que estava cerrado. Abriram a picada com uma boa largura para que pudéssemos caminhar sem problemas.

Caboré ainda ressalta que encontraram roçados “sempre em área de capoeira”. No manejo do solo tradicional, os moradores abrem novas áreas de cultivo em vegetação de mata virgem, ou seja, em áreas que ainda não teriam sido utilizadas pelo homem para cultivo, ou reutilizam áreas que anteriormente já teriam sido utilizadas para roçados e onde a vegetação nativa novamente passou a crescer, as capoeiras. As capoeiras são classificadas de acordo com o número de anos que estão abandonadas pelo cultivo. Assim, capoeiras de mais de dez anos já possuem árvores crescidas e capoeiras de mais de cinquenta anos são muitas vezes difíceis de diferenciar de áreas de mata virgem. Os moradores costumam utilizar uma mesma área por três anos pelo menos antes de deixá-la encapoeirar e mudar para uma nova área. Depois de três anos de uso consecutivo o solo já está desgastado para novos cultivos. Alguns seringueiros preferem brocar e abrir novos roçados sempre em áreas de mata bruta, mas em localidades onde se vive há muito tempo essas áreas vão ficando cada vez mais distantes da localização da casa. Nesses casos as próprias casas podem ser mudadas de lugar.

Quando estivemos no Laranjal, todos os irmãos se dedicavam à produção de borracha do tipo FDL

(Folha de Defumação Líquida). Trabalhavam na produção seis dias por semana. Para um centro a borracha a um preço razoável é um produto interessante. Como todos os produtos para serem comercializados precisam ser carregados nas costas, a borracha torna-se interessante na medida em que o preço pago por quilograma seja maior do que o preço pago pelo equivalente em peso dos produtos agrícolas. A grande justificativa para a permanência em um centro, longe da margem, é a exploração de suas estradas de seringa, que não podem ser deslocadas para qualquer outro lugar como os roçados e a produção agrícola.

23/12/2004

Ainda estamos na colocação Laranjal, na casa de dona Maria Tavares dos Santos, conhecida por Dona Nenê. Na madrugada o seringueiro Edmar foi ao roçado e pegou duas pacas, uma adulta e uma menor, uma pesando dez quilos e a outra pesou sete quilos. Observação: 23/12/2004. A diretoria da Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá passou um aviso para todos os seringueiros da Reserva: o quilograma da borracha tipo FDL passa a custar três reais e setenta centavos. Em maio de 1998 um quilo de borracha CVP custava cinquenta centavos o quilo. Hoje é dia 23 de dezembro de 2004, estamos na colocação Laranjal onde trabalham quatro seringueiros. Hoje temos de rancho nesta colocação carne de paca, carne de porco, caititu e jabuti. Dos quatro seringueiros um foi tirar seringa e três foram para o roçado cortar cana para fabricar açúcar gramixó ou regional. Esta colocação fica a duas horas de distância para as margens do rio Bagé. Os seringueiros reclamam de transportar seus produtos nas costas. Este problema vem acompanhando os seringueiros da região há muito tempo.

24/12/2004

Augusto, Roxo e Caboré saíram do centro do Laranjal às dez horas e trinta minutos da manhã, chegando na localidade Seringueirinha às duas e quarenta e cinco da tarde. A pesquisa de campo no centro do Laranjal foi muito boa, seringueiros mostrando suas atividades, cortando seringa, fazendo caçada, indo ao roçado, colhendo seus legumes: milho, mandioca, mamão, cana-de-açúcar. Também visitamos os roçados de 2003 e de 2004. Todos esses seringueiros têm esse roçado contendo a roça de mandioca madura e verde (a mesma coisa que nova). Milho novo e arroz, cana, bananeira, mamoeiro e etc. O rancho no centro do Laranjal foi favorável, a melhor comida foi paca no leite de côco, leite do côco da mata. Seringueiro se sente feliz com visita de outras pessoas nas suas colocações. Observo que os seringueiros da Reserva querem encontrar lideranças honestas e que tenham boa administração para se sentir mais seguros. Isso mostra que hoje todos os seringueiros entendem de um movimento participativo. Observo que os recursos naturais estão bem gerenciados com o modo de caçar, de pescar, de abrir seus roçados e de cortar árvores no meio da floresta quando necessário.

25/12/2004

Augusto e Roxo chegaram na casa de Dona Pitu. Vinte e cinco de dezembro é um dia de grande comemoração para toda a humanidade. Já é uma tradição das pessoas se reunirem para comemorar o dia de Natal. Eu já tenho assistido esse festejo em várias localidades. Por exemplo, neste ano de 2004 na comunidade Seringueirinha o festejo foi na casa de Dona Maria Rodrigues da Silva, conhecida por Pitu. Dezenas de pessoas se reuniram para comemorar, vindo gente de várias localidades. A comunidade Seringueirinha no rio Bagé. Para este festejo chegou gente do rio Bagé, do rio Tejo, do rio Dourado, do Juruá e da Área Indígena. Dona Pitu preparou um banquete comemorando dia 25 de dezembro, dia de Natal.

26/12/2004

Augusto e Roxo na casa de Dona Pitu. As atividades do dia: Roxo mapeou os roçados e Augusto fez as entrevistas.

28/12/2004

A atividade foi uma caminhada de duas horas na companhia de três seringueiros: Pedro Rodrigues, Antônio de Oliveira e Zé Bebê. A caminhada foi em direção leste, chegando na colocação denominada

Bélgica. Seis anos de abandonada. Pernoitamos nesta colocação. Caminho cerrado, atoleiro, subida de ladeira, igarapé sem ponte, balseiro, arrodeio, árvores amontanhosas derrubadas pelo vento, dificuldade de atravessar por cima, formiga ferrando, caminho continua, chegamos no lugar destinado às duas horas da tarde. Fizemos um tapiri e cobrimos com palha de aricuri. Aguardamos a chegada de dois seringueiros que estavam caçando. Um chegou às quatro da tarde, pegou um porco caítitu, o outro chegou às cinco horas da tarde e caçou um jacu. Acendemos o fogo com lenha de ingazeira e jantamos carne assada na brasa. Às seis horas da tarde o seringueiro Pedro Rodrigues pegou uma nambu no puleiro. Seringueiros caçadores. Armamos as redes e a mão de força do tapiri caiu. Colocamos outra. A chuva ainda caiu de leve, mas Deus é bom e o tempo estiou. Ficamos deitados, o sono não chegava, a lua saiu e a mata ficou mais clara. Madrugada chegou, dormimos um pouco.
(Ramos, 2005)

Marcamos para o dia 28 de dezembro de 2004 uma caçada. Para mim a narrativa de Caboré sobre nossa expedição de caça é extremamente significativa e interessante. Um ponto importante é que sua narrativa corrobora e expressa literariamente uma impressão geral sobre uma importante fronteira espacial não tão óbvia para quem não é nativo. Durante uma caçada fica muito clara a distinção e a intensidade da marcação da fronteira entre a mata e o espaço dos seringueiros: entre o pisado e o absoluto, termos também utilizados localmente para distinguir esses dois universos. A distância não se dá obviamente em termos físicos, pois a floresta está por todos os lados. A fronteira é marcada pela distinção entre universos, como se fossem dimensões diferentes compartilhando um mesmo espaço físico. Na mata existem certos seres, certas relações e certas regras, completamente distintas, e marcadamente distintas, das existentes no universo do pisado, do seringueiro, no domínio do cristão.

Considero, principalmente depois de uma caçada, que, cosmologicamente, a mata é um universo tão distinto e distante do universo local quanto uma grande cidade ou um país estrangeiro. Esse é um ponto fundamental a ser destacado. Nós, eu, Caboré e Roxo não saímos do domínio do pisado, não deixamos o caminho. Apesar de o caminho estar cerrado, com muitas formigas, a colocação abandonada, chegamos à colocação sem deixar o caminho. O estilo de descrição de Caboré é também extremamente baseado nas sensações. Ele refaz o caminho, “Caminho cerrado, atoleiro, subida de ladeira, igarapé sem ponte, balseiro, arrodeio, árvores amontanhosas derrubadas pelo vento, dificuldade de atravessar por cima, formiga ferrando, caminho continua, chegamos no lugar destinado às duas horas da tarde”.

Já os caçadores chegaram da mata. Saíram, deixaram o caminho e retornaram. Nós os estávamos aguardando, sem entrar na mata. Apesar de acompanhá-los enquanto estavam no caminho, ele nos deixou para entrar na mata. Estávamos nós cercados de mata, mas não estávamos na mata. Tanto assim que somente no dia seguinte, como veremos na continuidade da narrativa de Caboré, entramos na área de caça, na mata. Saímos do caminho, deixamos o pisado para entrar no absoluto.

29/12/2004

Dia vinte e nove chegou, arrumamos as mochilas, quebramos o jejum com carne assada na brasa e farinha de mandioca. A atividade do dia foi visitar uma área de caçada juntamente com os seringueiros, andamos por mata que não tem taboca, restinga, como chamam os seringueiros, mata desentrançada, uma boa visão, ladeiras altas, árvores de diversas espécies. No pé da ladeira a toca da paca, o barreiro visitado por vários tipos de animais, no alto da ladeira o ninho da nambu, a árvore dourada, tiramos o rumo do caminho que liga à casa de morada. À tarde chegamos na casa de Dona Ermelinda. Comemos banana prata e jantamos carne de porco caititu. Muito enfadados, dormimos bastante. Na boca da noite ouvimos as mensagens transmitidas pela rádio Verdes Florestas localizada na cidade de Cruzeiro do Sul. (Ramos, 2005)

Deixar o caminho e entrar na mata é uma decisão deliberada, não há continuidade com o caminho. Decide-se. Alguém, o mais experiente daquela região, sugere. Todos param com a conversa alta. O caminhar não é só mais difícil, mas mais cuidadoso, e porque não dizer mais respeitoso. Terminam as brincadeiras, todos andam menos eretos, mesmo na mata aberta da restinga. Côco escolheu uma mata muito bonita, a restinga. Não há taboca, nem muita vegetação baixa. Há muitas terras, árvores grandes e espaçadas. Lembro-me bem de uma grande árvore vermelha onde havia um ninho de nambu. Durante um tempo estivemos andando sem rumo certo, no instinto dos caçadores, nos rastros dos animais, nos cheiros que eles sentem, perto dos pés de comida, dos barreiros. Tiraram o rumo pelo sol e pelas águas. Voltamos até um caminho, voltamos a prestar atenção só no pisado. A visão voltou a ser mais importante, os caçadores voltaram a ser seringueiros. A noção de que há uma fronteira que distingue mundos, que define pertencimentos, que estabelece regras, formas de comportamento e ciências no que parecia uma continuidade, uma gradação, é fundamental e percebido com o tempo, com a experiência. Tudo se passa, ou pelo menos se passou, como se de um momento para o outro, ou pelo menos durante alguns instantes, essa fronteira ficasse clara, como se ela sempre estivesse ali e fosse óbvia, mas, por algum motivo obscuro, não fosse possível distingui-la. Na situação de caçada, pela experiência da caçada com meus companheiros, algo passou a ser percebido. Para a descrição não ficar completamente esotérica e voltarmos às discussões iniciais do capítulo podemos tentar colocá-la em outros termos. Qual a relação entre o que é possível perceber e a experiência acumulada e o modo de racionalizar essa experiência?

30/12/2004

Ficamos na casa de Dona Ermelinda, viúva, em sua companhia dois filhos solteiros. Ao seu lado duas casas e outros dois filhos casados, todos seringueiros. O dia foi todo com chuva, não deu para fazermos as atividades de mapear os roçados. À tarde ainda tentamos, mas a chuva não deixou. Moemos cana de açúcar na engenhoca manual, tomamos garapa como conhece o seringueiro. Os donos da casa também não praticaram nenhuma atividade por causa da chuva. Augusto ainda entrevistou sobre parentesco. Dona Ermelinda falou das histórias de sua vida, de como as famílias se espalham, e se dividem em outros grupos em localidades diferentes. Em pouco tempo as famílias se multiplicam e se espalham.

31/12/2004

Augusto, Roxo e Caboré na casa de Dona Ermelinda. Com as atividades de mapear os roçados e campos. Neste levantamento vimos muitas plantações nas colocações, muita mandioca em ponto de fazer farinha, a dificuldade é a desorganização das casas de farinha. Um produto bastante vendido na região além da

borracha. Uma observação: uma das maiores dificuldades dos trabalhadores nessa região em todas as colocações centrais é o transporte de produtos como borracha, farinha, feijão e outros, que é transportado nas costas dos moradores. Ainda no dia 31 saímos da casa de dona Ermelinda, parte do caminho estava tomado pelas águas do igarapé Pavilhão. Chegamos na casa de Dona Nazaré onde passamos o ano novo. Jantamos pato com arroz.

01/01/2005

Ficamos até o meio dia na casa de Dona Nazaré, o almoço foi carne de paca. Augusto e Roxo foram até a localidade Seringueirinha, pernoitaram na casa do seringueiro João Bina. Eu, Caboré, na casa de Dona Nazaré.

02/01/2005

Ainda na localidade Seringueirinha às quatro horas da tarde viajamos até a localidade Lago Grande, na casa de Manuel Silva Ramos. Pernoitamos e jantamos carne de veado e capivara, feijão e farinha de mandioca, carne cozida e carne assada na brasa.

03/01/2005

Atividades: Mapeamento dos roçados do Manuel. Augusto explicou o trabalho e depois do almoço de peixe cozido viajamos até a comunidade Talhado na casa do senhor Assis Tragino. Seu Assis Tragino, aposentado, 77 anos. Augusto ainda explicou sobre o trabalho. Seu Assis contou um pouco de suas histórias gravando. Pernoitamos na casa de seu Assis, jantamos carne de jabuti com mandioca.

04/01/2005

Ficamos na casa de seu Assis Tragino. As atividades dos donos da colocação: Antônio e sua mulher foram trabalhar em farinha, Totó, Marcílio e Itamar foram caçar. Augusto, Roxo e Caboré com as atividades de mapear os roçados em campo. Visitamos a casa de seu Demar, vindo da cidade de Cruzeiro do Sul. O mesmo mora há dois anos na Reserva. O levantamento dos roçados foi muito interessante, encontramos várias qualidades de mandioca, sendo mulatinha, curimê, surubim e amarelinha. Também observamos a mão de obra para produzir a farinha de mandioca. No final da tarde os caçadores chegaram. Só o seringueiro caçador Itamar pegou um veado. A vizinhança estava sem rancho, mas o veado que o Itamar pegou favoreceu porque teve vizinhança. Um estilo que acompanha os povos da floresta, principalmente os seringueiros. Esta atividade de caçada para o seringueiro é de maior utilidade. Também a pesca, mas a pesca vem mais no período de verão. As fontes principais de sua sobrevivência são a pesca, a caça, a seringa e roça. A maior produção de borracha vem das colocações centrais, embora tenha uma grande dificuldade de transporte.

(Ramos, 2005)

Seu Assis Tragino hoje é falecido. Ao redor de sua casa no Talhado, no mesmo campo, moravam os filhos Antônio e Totó. Itamar é filho do também falecido João Grajaú e mora com a filha do primeiro casamento de seu Tragino um pouco abaixo. Marcílio é filho do primeiro casamento de dona Bahiana. Notei em diversos locais, inclusive no Talhado, que os filhos de outros casamentos são em geral criados pelos avôs e avós e depois de casados suas casas não são tão próximas da de seu pai ou sua mãe quanto as casas dos filhos casados do casamento atual. De certa maneira ficam em segundo plano no tratamento e na proximidade.

05/01/2005

Saímos da casa de seu Assis Tragino, chegando até a casa de seu Pedro Grajaú, no centro do Jaminawá, onde eu, Raimundo Farias Ramos, o Caboré, que desde o dia vinte 24 de novembro de 2004 fazia parte da equipe de pesquisa com um trabalho de campo, equipe colecionada por Augusto, Roxo e Caboré. No dia 6 de janeiro de 2005 tive que largar, deixando os mesmos com uma tarefa de trabalho por mais onze dias, finalizando uma primeira etapa de pesquisa de campo na Reserva Extrativista do Alto Juruá, todo o trabalho no rio Bagé. Assina: Raimundo Farias Ramos, membro da equipe.

(Ramos, 2005)

Os núcleos familiares, ou casas expandidas, para utilizar um termo anteriormente empregado por Almeida (1993), repetem-se por todo o Bagé e, na atual conjuntura acabam quase sempre correspondendo às comunidades, conglomerados políticos espaciais institucionalizados por ações governamentais externas. Quando Caboré, ou eu mesmo, diz “chegamos à casa de seu Pedro Grajaú, ou deixamos a casa de seu Tragino, ou dona Nazaré”, na verdade ele está, ou nós estamos, nos referindo a um conjunto de residências, em geral dois ou três filhos casados em torno dos pais ou de uma mãe viúva. Em geral são os filhos homens, ou parte deles, que ficam ao redor dos pais. Vejamos alguns exemplos no Bagé. No Salgadinho estão os filhos de seu Manuel Gonzaga ao seu redor, três deles já casados. No Pavilhão estavam dois filhos casados ao redor de dona Ermelinda. Mais abaixo um pouco, na Boca da Bélgica, estavam a viúva dona Pitu e seus dois filhos casados ao redor, Côco e Nêgo. Próximo à Boca do Pavilhão, a viúva dona Nazaré com quatro netos e um filho casado em seu entorno. O mesmo depois com a viúva de seu Tragino, dona Bahiana, depois com dona Josefa no Cocal, Pedro Grajaú no Jaminawá, dona Nenê no Laranjal, dona Maroca no Remanso, Nonatinho na Foz do Bagé. Entre esses núcleos, além do parentesco, dos casamentos entre primos e do compadrio, existem relações permanentes e em constante manutenção, ligadas, por exemplo, à vizinhança de carne.

Conclusões de Raimundo Farias Ramos, Caboré

Dando continuidade às observações depois de 43 dias de trabalho acompanhando uma pesquisa de campo com o pesquisador Augusto Postigo. Mostrando um pouco de nossas vidas, acompanhando lutas e dificuldades.

Veja, eu, Raimundo Farias Ramos, o Caboré, no dia 6/1/2005 estava na casa do seringueiro Pedro Grajaú. Um centro no Médio Rio Bagé. Viajei uma hora e 30 minutos de pés para chegar na margem do rio Bagé, o meu destino de viagem era até cidade de Cruzeiro do Sul no Acre. Já tendo combinado com um seringueiro que estava indo até Marechal Thaumaturgo. A dificuldade que tive foi a canoa, ela ia muito carregada. Falamos com outro seringueiro que também estava indo para Thaumaturgo para levar uma parte da carga. Pagamos com combustível. Nas cabeceiras dos rios os barcos são muito pequenos e fica difícil quando você está na margem do Rio para conseguir uma passagem, mas viajamos das 11 horas do dia até as 5 da tarde. Nós chegamos em Thaumaturgo, pernoitamos pouco menos de uma hora distante. No 7/1/2005 não teve passagem de Thaumaturgo para Cruzeiro do Sul. No 8/1/2005 também não teve. Tive que ficar 2 dias em Thaumaturgo, primeira cidade à margem esquerda descendo o Rio Juruá. Minha despesa durante 2 dias: 40 reais. No dia 9/1/2005 saindo de Thaumaturgo às 7 horas e 30 minutos do dia, chegando em Cruzeiro do Sul às 4 horas da tarde do dia 10/1/2005. Paguei 25 reais para o senhor Tuga por conta da passagem.

Em primeiro lugar faço uma avaliação de um trabalho de uma pesquisa de campo, feita por Augusto, Roxo e Caboré nas comunidades do Rio Bagé. Para que fizesse parte do acompanhamento deste Trabalho, o meu tempo disponível foi 49 dias de trabalho. Não todos para as atividades, mas correspondendo com o deslocamento para conferir quantas horas de trabalho só reunido à equipe. Enquanto isso, cada um faz suas avaliações usando seus conhecimentos gerais.

Para mim, aquilo que mais enriqueceu o Trabalho foi visitar as colocações com moradores seringueiros e colocações abandonadas. Esta pesquisa deve dar informações importantes sobre a qualidade de vida das pessoas desta região ou lugar, mesmo com a multiplicação das famílias. Um exemplo: em janeiro de 1948 a família de meu pai era muito pequena. Daí, aos 27 dias do mês de junho do mesmo ano eu nasci, depois

nasceram mais 7 irmãos para completar 8 comigo, 3 homens e 5 mulheres. Com estas ocorrências formou-se uma família contando 10 pessoas na casa de meu pai. Depois disso, essa irmandade casou. Hoje, 12 de fevereiro de 2005, meu pai já não conta mais porque chegou a falecer a primeiro de julho de 1988, mas minha mãe, que graças a Deus ainda é viva, conta 8 filhos 73 netos 63 bisnetos. Chegando a falecer 5 netos e 3 bisnetos observando como se multiplicam as famílias em tão pouco tempo.

Mesmo assim, com uma pesquisa de campo feita com o pesquisador de Campinas, São Paulo, Augusto Postigo e seus amigos Roxo e Caboré, vimos que as famílias têm sossego, terra para trabalhar, espaço para morar, água, madeira para construir suas casas, caça na mata. Podemos ver uma diferença no empobrecimento de peixes nos afluentes do rio Juruá. Isto contam os Moradores, não está como antes. Com uma pesquisa de campo no Rio Bagé, podemos observar um pouco da vida que tradicionalmente os seringueiros vêm acompanhando. Através de seus trabalhos, vimos que os seringueiros sabem muito bem conservar seu ambiente. Muitos roçados são feitos em áreas de capoeira. Isso mostra que os seringueiros vivem em harmonia com a natureza, encontrando tudo em sua volta. Também encontramos a seringa nativa, um recurso que antes foi a sobrevivência do homem que mora no meio da floresta, mas com a queda do preço da borracha, muitos homens seringueiros se adaptaram a outros trabalhos ligados à terra. Uma grande maioria está sobrevivendo dos produtos agrícolas. A observação é de que a maior produção de borracha vem das colocações centrais. Isto porque é um produto que pode ser transportado fora de embalagem. No caso dos moradores da margem dos rios, seus produtos são o feijão, o arroz, a farinha de mandioca, o tabaco, o milho, o açúcar, a galinha, o pato, o porco. Alguns seringueiros produzem borracha em pequena quantidade, mas o mais produzido é a farinha de mandioca. Também é a principal mistura com carne ou peixe nas refeições dos seringueiros. Na pesquisa de campo visitamos várias colocações. Conversamos com vários moradores que há mais de 30 anos moram na mesma colocação. Mesmo cansado, mas vive contente com a segurança que tem ao fazer seus roçados, suas casas, suas caçadas, sua pesca.

Este capítulo teve alguns objetivos principais:

O primeiro foi inserir o leitor em campo por meio da experiência da viagem pelo rio Bagé narrada de pelo menos dois pontos de vista distintos. O meu ponto de vista apresentou-se de maneira complementar aos diários, informando aspectos da espacialidade e do modo de vida local na medida em que os assuntos e temas eram dispostos ou incitados pelos diários de meus companheiros.

O segundo interesse do capítulo foi apresentar as noções nativas de brabo e manso e de ciência por meio de exemplos de situações ocorridas em campo e pelo próprio estilo da narrativa. O modo como eu sou apresentado nos textos revela um pouco essa percepção, assim como reflexões de Roxo sobre o formato do planeta Terra. Os diários apontam, portanto, não somente para acontecimentos, mas também para um modo de conhecer o mundo diverso, onde a experiência física ganha destaque e a reflexão se baseia em uma epistemologia na qual o conhecimento é prática e deslocamento. Isso pode ser observado no estilo de Caboré ao descrever a caçada tanto quanto na consistência que as conclusões ganham na medida em que se faz pesquisa de campo, termo com o qual ele passou a classificar seu deslocamento pelo rio.

Na antropologia a relação entre o sensível e o racional é um tema de debate, assim como as conseqüências da experiência etnográfica para o antropólogo e sua perspectiva. Para os moradores do

rio Bagé, os termos *brabo* e *manso* estão relacionados à qualidade e intensidade da relação estabelecida entre o sujeito e o meio em que se encontra, entendendo que esse meio inclui quaisquer relações, inclusive sociais. Nesse sentido, se relacionar e conhecer são idéias que se aproximam e se confundem, *brabo* pode indicar ignorância e isolamento e *manso* o contrário disso. Da mesma forma, *ciências* são necessárias para amansar, e *ciências* incluem técnicas, mas também modos à mesa, por exemplo. Ciências são adquiridas em grande parte pela experiência e reconfiguram os corpos. Há corpos de seringueiros, corpos de pesquisadores, corpos de índios brabos. Não são exatamente *habitus*, pois não são somente técnicas adquiridas, mas possibilidades. Um corpo de seringueiro não adoece como um corpo de pesquisador, e um corpo de alguém curado de cobra não reage ao veneno das serpentes da mesma forma que outros corpos. Também não é dado a perceber os mesmos seres e objetos a corpos diferentes. O Caipora não é visto por qualquer corpo, e assim por diante. Um corpo é capaz de perceber coisas que outros não são, de modo que não compartilham e experimentam exatamente o “mesmo mundo”.

Neste capítulo também apontamos que a mata, o *absoluto*, conforma um universo distinto em relação ao universo do *pisado*. Em consonância com as idéias anteriores, a um universo corresponde um conjunto de *ciências* específico, e um *manso* em um universo pode ser *brabo* em outro. Por fim, algumas pessoas, como os caçadores para o caso das matas, possuem a ciência necessária para se comportar de modo adequado na mata e, desse modo, experimentar esse deslocamento em uma intensidade de relação maior que outras pessoas.

CAPÍTULO III – A CASA

“Só por excessiva leviandade alimentamos a ilusão de as correlações do sujeito, outro que não nós, com as coisas de seu mundo-próprio existirem no mesmo espaço e no mesmo tempo que as que nos ligam às coisas de nosso próprio mundo humano. Esta ilusão é alimentada pela suposição da existência de um mundo único em que todos os seres vivos estão encerrados. Daí a convicção geralmente aceita, de que deve existir um único espaço e um único tempo para todos os seres vivos.” (Uexküll, s.d.A, pp. 32-33)

Introdução

Marcel Mauss, em seu clássico trabalho sobre os esquimós, descreveu e analisou o que definiu como a morfologia social desse povo e mostrou a relação de tal morfologia com sua organização social (Mauss, 2003). Mauss chama a atenção para a existência de uma variação sazonal na espacialização da vida social. A partir de dados de campo de diversos pesquisadores, demonstra que durante o inverno a sociedade esquimó enfatiza a vida doméstica, no núcleo familiar mais restrito, enquanto durante o verão são as relações entre os diversos grupos que estão entre as preocupações centrais da comunidade. Para demonstrar a existência desse tipo de dinâmica sazonal, Mauss procura descrever a morfologia social de tais populações não só em diferentes épocas do ano, mas também em diferentes escalas geográficas. Desde as subdivisões dentro da própria residência familiar, o iglu, até uma escala mais ampla, que compreende os acampamentos, as migrações sazonais.

Evans-Pritchard também aborda diversas escalas da vida social dos Nuer do norte da África (Evans-Pritchard, 1978). Descreve a espacialização da vida social Nuer, que possui também uma variação sazonal. Uma das diferenças de abordagem entre Evans-Pritchard, com relação aos Nuer, e o antropólogo francês, com relação aos esquimós, foi, por um lado, a consideração por parte do primeiro de categorias espaciais dos próprios Nuer e, por outro, a construção de categorias analíticas para tratar da relação entre a espacialidade e a organização social nuer pelo próprio antropólogo. Evans-Pritchard descreve as diversas categorias socioespaciais nuer e apresenta inclusive um desenho nuer que sintetiza a um só tempo as relações clânicas e sua disposição espacial. No que diz respeito a categorias analíticas relacionadas ao espaço, Evans-Pritchard elabora e utiliza por exemplo as idéias de distância estrutural e

distância ecológica³³. As categorias espaciais nuer, abordadas por Evans-Pritchard, enfatizam subdivisões políticas, pois interessava a ele compreender justamente a continuidade e relatividade política, de alianças e conflitos, que permitiam aos Nuer estender seus domínios por espaços tão amplos, sem um Estado ou qualquer outra instituição central. No caso dos Nuer, as linhagens e o histórico de alianças ancestrais conferiam certa unidade em uma escala em que as pessoas e grupos encontravam-se distanciados e mesmo isolados fisicamente. Daí a construção das ferramentas analíticas – distância ecológica e distância estrutural – para tratar do que ele observou em campo entre as diversas escalas da vida social.

No caso de nosso trabalho, a espacialização da vida social dos moradores do rio Bagé, também utilizaremos diferentes escalas da morfologia social como objetos de análise e como base para a organização da redação etnográfica. Partiremos do estudo da vida social na escala da moradia e das relações e atividades diretamente a ela conectadas. Nos capítulos subseqüentes iremos ampliando gradativamente essa escala até compreender redes comerciais e de informação mais extensas, às quais estão conectados os moradores e suas redes familiares. O termo casa, como o utilizamos aqui, se refere muito mais a um ponto de uma rede do que a uma construção ou residência familiar. Os desenhos dos moradores sugerem esse uso do termo, como veremos a seguir.

A gradação entre as diversas escalas utilizadas nesse trabalho segue uma observação do conjunto de desenhos que recolhi entre os moradores. Nos desenhos produzidos, notamos que as mulheres e crianças geralmente se fixavam mais em determinados elementos, fronteiras e escalas, enquanto homens adultos em outras. Os desenhos de mulheres e crianças foram feitos em uma escala em que a casa e as relações e atividades em seu entorno ganham destaque. Nesses casos, o elemento central é a casa e os elementos complementares são os caminhos que chegam até ela, o terreiro, o roçado, o porto e os vizinhos mais próximos. Os desenhos expressam, assim, diferenças no cotidiano da vida social que dizem respeito ao gênero e às faixas etárias, já que a todos indistintamente foi solicitado que desenhassem o “lugar onde vivem”. O fato de os mapeamentos de mulheres e crianças focalizarem essa escala em que a vida social é mais intensa exprime também certas relações e interações com os

³³ Não é necessário aqui reproduzir o diagrama de categorias socioespaciais dos Nuer desenhado por Evans-Pritchard (1978: 127). Nele se apresentam as diversas escalas da vida social do ponto de vista nuer: a choupana, a casa (definida basicamente por um fogão), a aldeola, a aldeia/acampamento de gado, as seções tribais (das terciárias às primárias), até a escala governamental que abarca todas as outras. Evans-Pritchard, no entanto, assinala que apenas a descrição física da disposição dessas escalas e elementos não seria suficiente para a compreensão da organização social e política da sociedade nuer: “Seria possível medir a distância física entre choupana e choupana, aldeia e aldeia, área tribal e área tribal, assim por diante, e a área ocupada por cada uma. Isso nos forneceria uma relação de medidas espaciais apenas em termos físicos. Em si mesma ela teria uma significação muito limitada” (Evans-Pritchard, 1978:122).

diversos sujeitos e o espaço ao redor.

Umwelt ou Mundo-Próprio

Jakob von Uexküll, biólogo pioneiro da ciência do comportamento dos seres vivos, utilizou o termo *Umwelt* para designar o conjunto dos elementos distinguidos (perceber/conhecer/significar) e acionados por um organismo. Para ele, o *Umwelt* de cada ser vivo seria constituído por seu mundo perceptível (*Merkwelt*) e por seu mundo de efeitos ou ações (*Wirkungswelt*)³⁴. A idéia é que cada espécie animal percebe, significa e atua sobre determinada parcela do universo de possibilidades existentes e tal parcela do universo é determinada por sua experiência de vida e seus órgãos dos sentidos. A elaboração de cada mundo próprio de cada ser vivo é processual e contínua como em um sistema aberto³⁵, e ocorre no transcorrer da existência de cada indivíduo. Assim considerado, o mundo próprio de cada ser vivo é a relação entre um sujeito interpretante e atuante e o que Uexküll chama de mundo concreto. Assim, como processo e relação, são constituídos os diversos *Umwelten*.

A proposta de Uexküll para a biologia guarda analogias possíveis com a antropologia. Na concepção de Uexküll, caberia aos biólogos estudar e desvendar os mundos próprios das diferentes espécies animais. A partir do estudo dos comportamentos e dos funcionamentos dos órgãos dos sentidos das diferentes espécies seria possível ao biólogo caracterizar os diferentes mundos próprios correspondentes a cada espécie animal. Outros humanos que não os biólogos e os outros animais teriam conhecimento apenas sobre seu mundo próprio correspondente, e mesmo assim de forma naturalizada, ou seja, alienados do conhecimento biológico, esses outros que não os biólogos não vislumbrariam a possibilidade de outros

³⁴ Em *Dos Animais e dos Homens*, Uexküll salienta, opondo-se a uma concepção maquinaica dos seres vivos: “Quem, porém, ainda considera que os nossos órgãos dos sentidos servem para o nosso assinalar, e os nossos órgãos do movimento servem para o nosso actuar, verá nos animais, não apenas um sistema mecânico, mas discernirá também o maquinista que se aloja nos órgãos, como nós próprios no nosso corpo.”(21). Nessa edição portuguesa, *Umwelt* é traduzido como mundo-próprio, que considero mais apropriada do que mundo circundante, como está na tradução para o espanhol, em “Ideas para una concepción biológica del mundo”. Na edição brasileira de *A Biologia* (Uexküll, s.d.B), outra obra de Uexküll, o mesmo termo é traduzido como “ambiente subjetivo”. Ainda em *Dos Animais e dos Homens*, Uexküll define a composição do mundo-próprio/*Umwelt* de um ser vivo: “Então considerará os animais, não já como meros objetos, mas como sujeitos, cuja atividade essencial consiste em assinalar e actuar. Com o fazê-lo abre-se já a porta que conduz aos mundos-próprios animais, porque tudo aquilo que um sujeito assinala passa a ser o seu mundo de percepção [*Merkwelt*], e o que ele realiza, o seu mundo-de-ação [*Wirkwelt*]. Mundo-de-percepção e mundo-de-ação constituem uma unidade íntegra – o mundo-próprio do sujeito”.(Uexküll, s.d.A, p.21)

³⁵ “Así considerada, la vida toda nos aparece como un constante flujo; las formas de los órganos se disipan ante lo único que se mantiene firme: la facultad reguladora. La facultad reguladora no sólo forma los órganos durante a evolución, sino que sigue formándolos también durante toda la vida. (...) Lo esencial en el animal no es su forma, sino la transformación; no la estructura, sino el proceso vital. “*El animal es un puro proceso*”(Uexküll, 1951., p. 21)

mundos que não o seu próprio³⁶.

De forma crítica, Viveiros de Castro (2002) sintetiza a prática corriqueira da antropologia como a construção de discursos sobre o que se convencionou chamar de cultura. Essa acepção parte do pressuposto, aponta Viveiros de Castro, de que seres humanos são naturalmente (biologicamente) semelhantes, e se diferenciam culturalmente. Outro pressuposto da prática antropológica convencional seria aquele segundo o qual a maioria dos seres humanos encontrar-se-ia encerrado em sua própria cultura, de modo a naturalizá-la e não percebê-la como uma entre outras possibilidades equivalentes. Nessa mesma acepção, os antropólogos teriam uma relação diferenciada com as culturas de modo a desnaturalizá-las³⁷. Assim, em ambos os casos, tanto no sentido dado por Viveiros de Castro à relação dos antropólogos com o objeto cultura quanto nas proposições de Uexküll, que dizem respeito à relação do biólogo com o objeto mundo próprio de cada espécie, somente alguns sujeitos humanos, antropólogos e biólogos respectivamente, teriam a competência necessária para desnaturalizar a cultura de cada sociedade e os mundos próprios de cada espécie animal. Em outros termos, para os antropólogos convencionais de Viveiros de Castro, os diversos grupos humanos encontram-se inconscientemente encerrados em suas respectivas próprias culturas, enquanto para Uexküll as diversas espécies animais encontram-se encerradas em seus mundos próprios. Há aí uma certa simplificação, na medida em que essa antropologia convencional é ela própria um arbítrio idealizado de Viveiros de Castro e na medida em que Uexküll considera intersecções entre os mundos próprios de diversas espécies³⁸.

³⁶ “Os animais atribuem ao seu respectivo ambiente subjetivo o mesmo caráter objetivo e material que nós atribuímos ao nosso mundo subjetivo. Da mesma forma que não percebemos o ambiente subjetivo dos animais, estes não podem penetrar em nosso mundo subjetivo, pois os sinais sensoriais humanos diferem dos animais. Todo mundo subjetivo é, segundo Kant, um fenômeno. A consequência lógica dessa concepção é que existem tantos ambientes subjetivos quanto são os seres vivos, não sendo o nosso mundo subjetivo mais real ou objetivo do que o dos animais”(Uexküll, s.d.A, p. 115).

³⁷ A alteridade discursiva se apóia, está claro, em um pressuposto de semelhança. O antropólogo e o nativo são entidades de mesma espécie e condição: são ambos humanos, e estão ambos instalados em suas culturas respectivas, que podem, eventualmente, ser a mesma. Mas é aqui que o jogo começa a ficar interessante, ou melhor, estranho. Ainda quando antropólogo e nativo compartilham a mesma cultura, a relação de sentido entre os dois discursos diferencia tal comunidade: a relação do antropólogo com sua cultura e a do nativo com a dele não é exatamente a mesma. O que faz do nativo um nativo é a pressuposição, por parte do antropólogo, de que a relação do primeiro com sua cultura é natural, isto é, intrínseca e espontânea, e, se possível, não reflexiva; melhor ainda se for inconsciente. O nativo exprime sua cultura em seu discurso; o antropólogo também, mas, se ele pretende ser outra coisa que um nativo, deve poder exprimir sua cultura culturalmente, isto é, reflexiva, condicional e conscientemente. Sua cultura se acha contida, nas duas acepções da palavra, na relação de sentido que seu discurso estabelece com o discurso do nativo. Já o discurso do nativo, este está contido univocamente, encerrado em sua própria cultura. O antropólogo usa necessariamente sua cultura; o nativo é suficientemente usado pela sua”(Viveiros de Castro, 2002, p.114).

³⁸ Sobre isso, Uexküll salienta: “Quando um corpo é objeto da ação de dois sujeitos diversos e se integra, assim, em dois ambientes subjetivos [mundos próprios] diferentes, agem sobre o organismo caracteres objetivos também diversos, e os caracteres subjetivos que o animal empresta a esses objetos, nos seus respectivos ambientes [mundos próprios], diferem

Para Uexküll, em princípio, a variedade de mundos próprios corresponde à variedade de espécies existentes, na medida em que cada espécie é portadora de um conjunto de órgãos sensomotores diferenciados³⁹. No entanto, embora o próprio Uexküll chame a atenção para a determinação biológica dos mundos próprios, que dependem sobretudo da natureza dos órgãos sensomotores de cada espécie, ele próprio aponta para a experiência subjetiva (correspondente ao que chamou de *Innenwelt*, ou mundo interno) como determinante último da constituição de um mundo próprio. A existência de determinados órgão sensomotores não define por si só o mundo próprio de um sujeito. O mundo próprio de um organismo é definido na interação entre organismo e ambiente durante sua existência. Ou seja, em última instância, o mundo próprio de cada indivíduo é uma determinação de sua experiência subjetiva. A partir dessa última consideração pode-se delimitar a existência de diferentes mundos próprios dentro de uma mesma espécie, no caso, por exemplo, de diferentes grupos de uma mesma espécie viverem em ambientes diferentes. O próprio Uexküll dá exemplos dessa variedade de mundos próprios com relação à espécie humana.

Do ponto de vista dos conceitos e idéias de Uexküll, podemos pensar os desenhos dos moradores não como uma representação do mundo, idéia recorrente quando se fala em cartografia, mas como uma visão de um mundo compartilhado apenas em parte com outros que não os próprios moradores. No sentido expresso por Uexküll, os moradores desenharam seu mundo próprio. Em outro nível de análise dos desenhos, mulheres, crianças e adultos moradores do rio Bagé também não compartilham os mesmos mundos, e assim seus desenhos desses mundos são bastante diferentes entre si. As imagens e proposições de Uexküll, especialmente em relação ao caráter processual de determinação dos mundos próprios, sugerem uma fronteira difusa entre a esfera das ciências biológicas e sociais, assim como entre a esfera do racional e do sensível, aproximando-se das pretensões da abordagem de Ingold e da possibilidade de formulação de uma intangível teoria seringueira, segundo a qual a proximidade entre os seres humanos não é um dado de uma suposta similaridade entre seus corpos, mas resultado, em última instância, de experiências de vida similares.

Em *Dos animais e dos homens*, Uexküll utiliza um exemplo que remete a minha própria experiência

fundamentalmente”(Uexküll, s.d.B, p. 134).

³⁹ “Os caracteres constituídos pelos nossos sinais sensoriais são os únicos que podemos perceber espontaneamente. Os sinais sensoriais dos outros indivíduos e dos outros animais permanecem, no entanto, imperceptíveis para nós. Existem, contudo, e, materializados, formam o ambiente subjetivo dos organismos, que não é menos real que o nosso próprio mundo subjetivo.”(A Biologia, 114)

com os moradores do Bagé e com meus dois colegas de viagem, especialmente quando nos deslocávamos pelos caminhos na mata entre as casas dos moradores e durante nossas experiências em caçadas. Uexküll afirma que “[a] melhor maneira de nos convenceremos da variedade de mundos-próprios dos homens é seguir um guia num caminho que desconhecemos. O guia segue com segurança um caminho que nós próprios não discernimos” (Uexküll, s.d.A, p. 77). Seguindo esse raciocínio, um indivíduo de experiência predominantemente urbana e um morador do rio Bagé, consideradas as pressuposições de experiência de vida que freqüentemente são atribuídas a essas denominações, ao percorrerem juntos um mesmo trajeto nas matas do rio Bagé, teriam diferentes experiências sensoriais, percorreriam diferentes *Unwelten*. De fato, a minha experiência de caminhar com os moradores do rio Bagé pelos caminhos da floresta sugere que não estamos partilhando a mesma experiência visual, sonora, física. Os desenhos dos moradores e os padrões que podemos encontrar neles também.



Figura 1 O carvalho e a raposa



Figura 2 O carvalho e a menina



Figura 3 O carvalho e a coruja

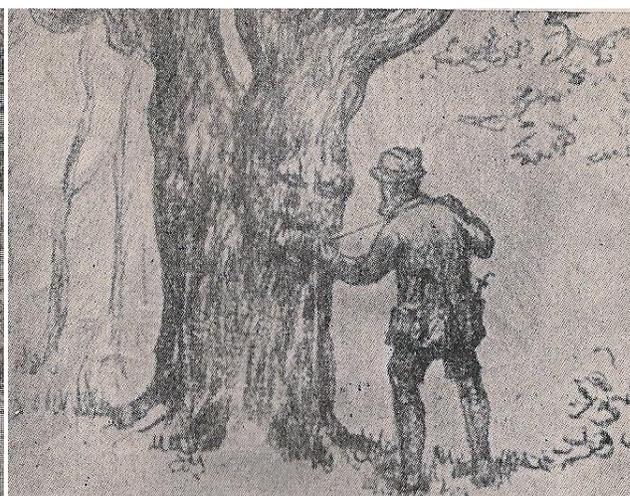


Figura 4 O carvalho e o outeiro

(Fonte: Uexküll, s.d.A)

Assim, atentando para o fato de que entre os moradores do rio Bagé as mulheres e crianças experimentam um cotidiano diferente do vivido pelos homens adultos, consideramos que dentro de um modo de vida existem diferentes *Umwelten*. Nesse sentido, junto com a descrição das atividades e relações cotidianamente experimentadas, os desenhos relacionados ao local onde vivem produzidos por mulheres e crianças sinalizam em direção a tal *Umwelt*. O espaço, assim pensado, apresenta-se como o universo de possibilidades de organização dos *Umwelten* de cada experiência humana e de cada experiência animal, colecionado pela limitação dos órgãos dos sentidos, mas também pela diferença da

experiência de vida e dos conhecimentos a ela associados dentro de uma determinada sociedade⁴⁰.

Acrescento a essa problematização e utilização do conceito de *Umwelt* de Uexküll considerações de Ingold sobre a idéia de ambiente que podem ser complementares para pensar, afinal, quais são os conteúdos presentes nos desenhos dos moradores. O primeiro ponto diz respeito ao caráter relacional do conceito de ambiente para Ingold. Nos termos de Ingold, organismo e ambiente não podem ser pensados isoladamente: trata-se de um par que deve ser pensado sempre em relação. Além disso, na abordagem de Ingold, assim como para Uexküll, ambiente não é algo dado ou pronto, mas alguma coisa em eterna mudança, mais facilmente compreendido como processo. Por fim, ambiente não deve ser confundido com natureza, pois a própria noção de natureza para ele é problemática já que só é possível conceber e distinguir a natureza na medida em que seja possível pensar algo que se distinga dela, que não pertença a ela. Para Ingold, também não faz sentido a distinção comum entre natural e artificial, já que o par organismo-ambiente é um processo em eterna construção mútua: uma casa faz tanto parte do ambiente quanto uma árvore, já que para ele:

“Buildings, like other environmental structures, are never complete but continually under construction, and have life-histories of involvement with both their human and non-human inhabitants” (Ingold, 2000, p. 154).

Ingold procura, utilizando o par *building* e *dwelling*, desnaturalizar a noção recorrente sobre objetos artificiais. Tal noção concebe como artificial tudo aquilo que possui um projeto humano para ser materializado. Contudo, como ele procura demonstrar, objetos “projetados”, assim como objetos “naturais”, estão em eterna construção e alteração. Uma casa, por exemplo, depois de construída, está a todo momento sendo alterada por seus moradores, de modo que o que permanece no tempo é seu significado, não sua forma. (Ingold, 2000, pp. 176-177). De modo que a perenidade da casa é mais uma questão de intervalo de tempo de observação do que de natureza mesma da casa. Por outro lado, ele utiliza o exemplo de uma árvore que é utilizada como moradia por diversos animais para demonstrar que também a árvore está sujeita a diversos projetos de outros seres no decurso de sua existência, sendo constantemente alterada ao longo da vida por esses sujeitos. Como as ilustrações de Uexküll acima

⁴⁰ “Cuanto más avanzamos en el conocimiento de los animales y de sus mundos circundantes, tanto más se nos impone a cuestión de cómo es el mundo que nos rodea a nosotros mismos. Acaso aun siendo tanto más rico y diverso que el mundo circundante de los animales, ¿no será el extremo de riqueza y hermosura? ¿Estaremos también nosotros limitados y encerrados por nuestro mundo circundante, como los animales por los suyos, que apenas contienen un reflejo de la riqueza del mundo que nosotros vemos extendida alrededor de los animales? ¿Y si esto es así, ¿hay algún indicio de la existencia de un mundo más alto, mayor, más rico del cual nosotros estamos exceptuados porque nuestros órganos de los sentidos y nuestro cerebro están tan pobremente contruídos? Ciertamente hay esse indicio?”(Uexküll, 1951, p.38).

apontam, os significados atribuídos à árvore também se diferenciam. Esses pressupostos conceituais fazem parte da abordagem antropológica que Ingold propõe e denomina *dwelling perspective*⁴¹.

O que são então os mapeamentos dessas mulheres e crianças? A questão gera mais questões que respostas, mas as abordagens de Uexküll e Ingold parecem interessantes para pensar. A idéia de *Umwelt* sinaliza para o foco na experiência, na continuidade entre percepção e razão e na multiplicidade de mundos significativos. A perspectiva do morador de Ingold reforça essa possibilidade de abordagem dos desenhos e enfatiza a intensidade da relação entre organismo e ambiente e a constituição das regiões, espaços de relação intensa, de conhecimento profundo e próprio onde é possível grafar uma matriz de movimentos dos sujeitos em questão (Ingold, 2000, p. 219). Mulheres e crianças, portanto, se relacionam e interagem mais intensamente com elementos do espaço limitado por essa escala. Assim, é nesse conjunto que definimos seu *ambiente*, conforme definição de Ingold, ou seu *Umwelt*, conforme definição de Uexküll. Essas diferenças são evidentemente resultado de diferentes interações dadas pelos papéis e expectativas sociais. Os elementos espaciais desenhados divergiam tanto quanto as escalas.

O formato deste capítulo é uma combinação de texto contínuo e de comentários aos desenhos dos moradores do Bagé. Essa estratégia de apresentação foi o resultado mais satisfatório entre diversas tentativas de fazer com que: 1) minha própria análise tivesse continuidade própria, mas convivesse com os mapeamentos do espaço feitas pelos moradores; 2) os mapeamentos dos moradores não aparecessem como simples ilustrações do texto, mas ressoassem como comentário ou contraponto ao texto; 3) os mapeamentos dos moradores pudessem ter um lugar paralelo ao texto, como lugar de reflexão que procuro comentar. Dessa forma, meus comentários são respostas a provocações constituídas pelas imagens. Como na maioria dos diálogos, pode haver mais dissenso do que consenso. Em suma, o formato do capítulo compreende dois tipos de texto, que podem ser lidos separadamente: um mais descritivo, vinculado a minha observação da vida doméstica cotidiana, e outro mais interpretativo, vinculado aos mapeamentos do espaço doméstico feitos pelos moradores.

⁴¹ “By this [dwelling perspective] I mean a perspective that treats the immersion of the organism-person in an environment or lifeworld as an inescapable condition of existence. From this perspective, the world continually comes into being around the inhabitant, and its manifold constituents take on significance through their incorporation into a regular pattern of life activity” (Ingold, 2000).

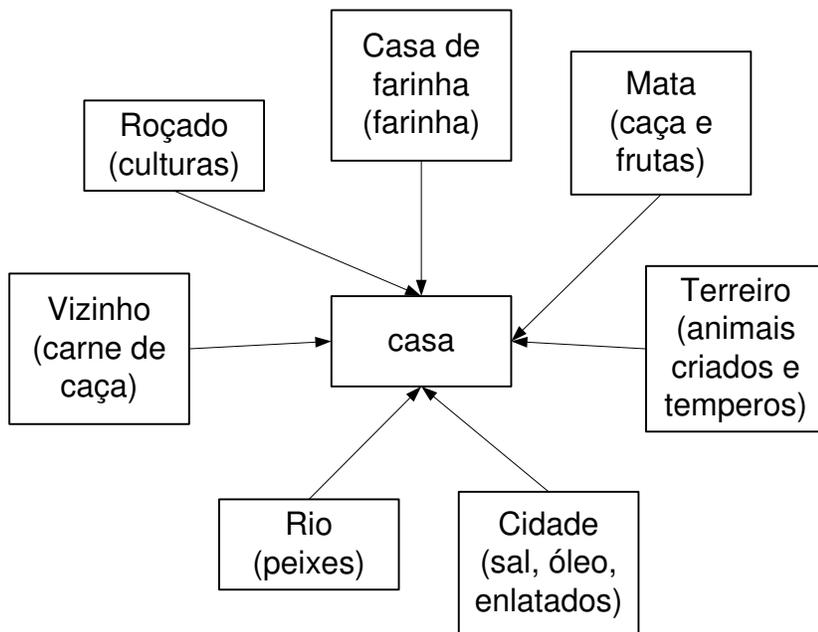
A casa como vértice de atividades e fluxos

O ponto de partida para a definição desse nível ou dimensão da espacialidade local é considerar a residência como vértice de uma rede, um ponto espacial e socialmente localizável, onde convergem certas relações, materializadas em circuitos definidos pelos trajetos de elementos da dieta que entram e saem da casa.

Obviamente não são somente os circuitos relacionados à dieta que ocorrem nessa escala e definem esse espaço. Há uma infinidade de outras atividades, trajetos, circuitos e elementos espaciais: os caminhos associados aos banhos e lavagem de roupas e utensílios, que marcam o trajeto entre a casa e o porto, os percursos associados aos trabalhos de limpeza da casa, o caminho até a escola, os espaços relacionados às brincadeiras, os trajetos percorridos para os encontros de final de semana entre vizinhos, amigos e namorados. Porém, ao tomarmos como foco de nossa descrição e análise os circuitos, trajetos e fluxos associados direta e indiretamente à alimentação, sobrepomos boa parte dessas outras espacialidades, em seus elementos e trajetos. Não damos conta das relações e atividades de toda a vida social nessa escala, nem isso seria nossa pretensão, mas encontramos um conjunto de linhas e pontos, de continuidades e de fronteiras que contêm, e compreendem concretamente, as linhas e pontos que podem fazer parte desses outros circuitos e atividades da vida social. Os caminhos entre vizinhos utilizados para as visitas e conversas de final de semana também são os mesmos utilizados para vizinhar carne entre aqueles que mantêm uma relação de reciprocidade desse tipo.

Ao focar nesse momento os circuitos e trajetos dos elementos da dieta, também não pretendemos indicar a existência de alguma consideração nativa sobre a centralidade da alimentação em seu modo de pensar sobre sua própria vida, embora em muitas ocasiões essa idéia possa fazer sentido. Como já afirmamos anteriormente, o foco nos circuitos e elementos direta e indiretamente associados à alimentação é derivado da percepção de que estes nos pareceram mais abrangentes, em termos da variedade dos circuitos, elementos e relações que podem ser assinaladas, bem como da frequência com que esses circuitos são percorridos no dia-a-dia da vida local. Por outro lado, os circuitos relacionados à produção da refeição nos conectam facilmente a outras escalas da espacialidade local. A carne de caça atravessa a fronteira da mata para chegar até a refeição do seringueiro, assim como a carne em conserva sobe das cidades pelos rios com o mesmo destino, e assim por diante. Finalmente, a maior parte do tempo e das atividades dos moradores está relacionada à produção da alimentação da família.

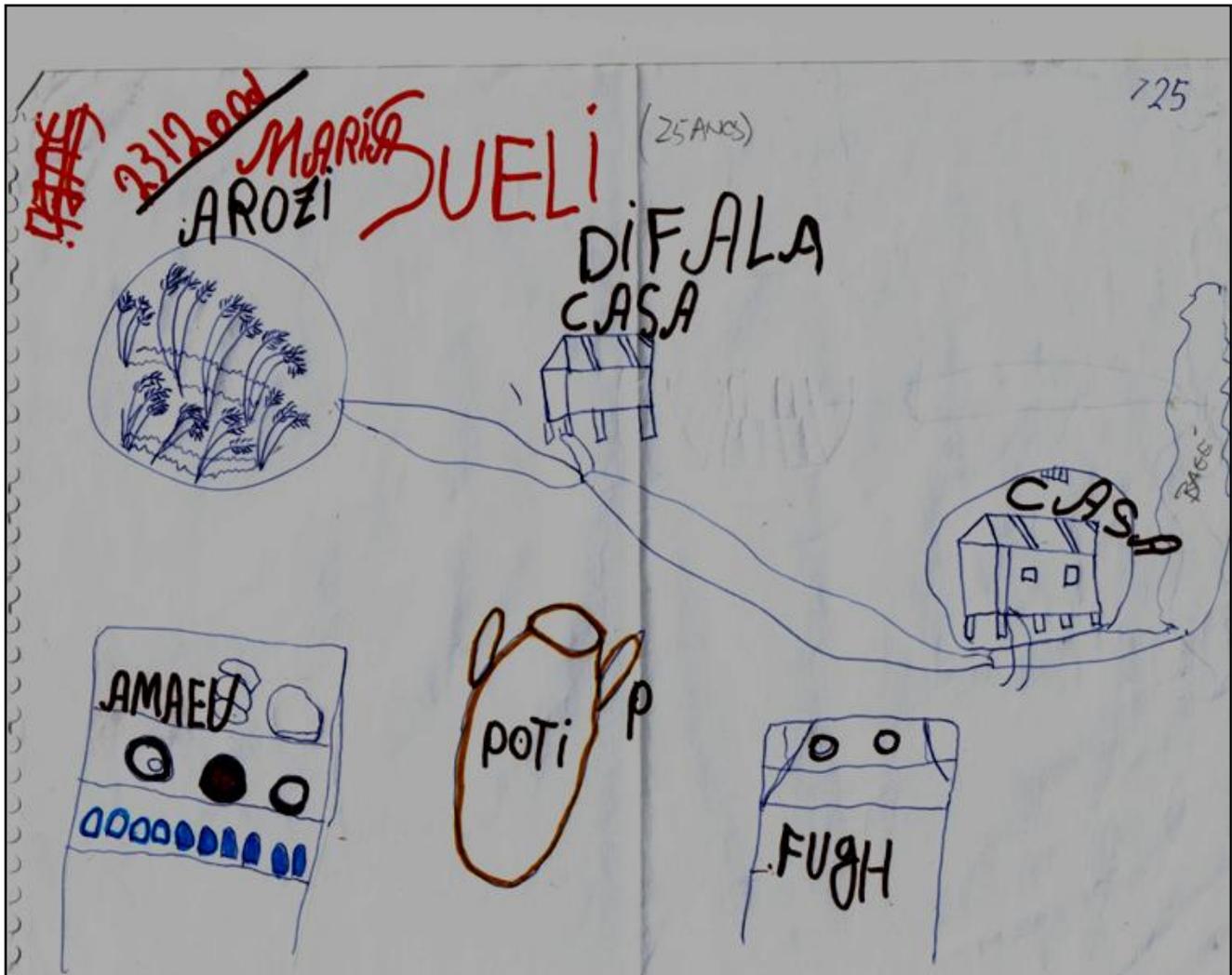
Imagem 3 A casa como vértice.



É possível afirmar, sem medo de reduzir a análise a algum tipo de funcionalismo, que o trabalho social se organiza em grande medida visando a uma alimentação satisfatória. O que é diferente, vale a pena repetir, de considerarmos a dieta o ponto central da vida social⁴². Isso tampouco significa que as pessoas dediquem seu tempo à luta diária pela obtenção do mínimo necessário para garantir a existência. Mas significa, sim, que a maior parte do tempo dos moradores adultos parece estar voltada, em um dia típico, para a obtenção dos componentes direta ou indiretamente associados a uma determinada concepção do que seja a satisfação alimentar. Em consequência, os caminhos e espaços por onde as pessoas transitam na realização dessas atividades são os de maior permanência em termos de tempo, tanto absoluto quanto relativo, e os mais repetidamente percorridos e visitados. São também amplamente representados nos mapeamentos desenhados, especialmente por mulheres e crianças.

⁴² Em determinados contextos e pesquisas, a dieta foi tanto o objeto privilegiado do antropólogo quanto, conclusão do antropólogo, o objeto central da vida dos nativos, não somente no que dizia respeito ao fato inexorável de que dela depende a sobrevivência física da população, mas também no que diz respeito aos assuntos centrais das conversas e episódios da vida social. Um exemplo desse tipo de abordagem é o trabalho de Audrey Richards (1939), *Land, Labour and Diet in Northern Rhodesia: an economic study of Bemba Tribe*. Sobre a escolha do tema de sua investigação e de sua abordagem, a autora afirma o seguinte “In both [field trips] I was engaged on a purely anthropological investigation, but since the agriculture is the chief economic activity of the Bemba, and gardening and food their principal topics of talk, it was natural that I should have found myself constantly considering the question of the people’s food supply.” (Richards, 1939, p. 10)

Mapa 15 Mapa de Maria Sueli mostrando “onde ela vive”

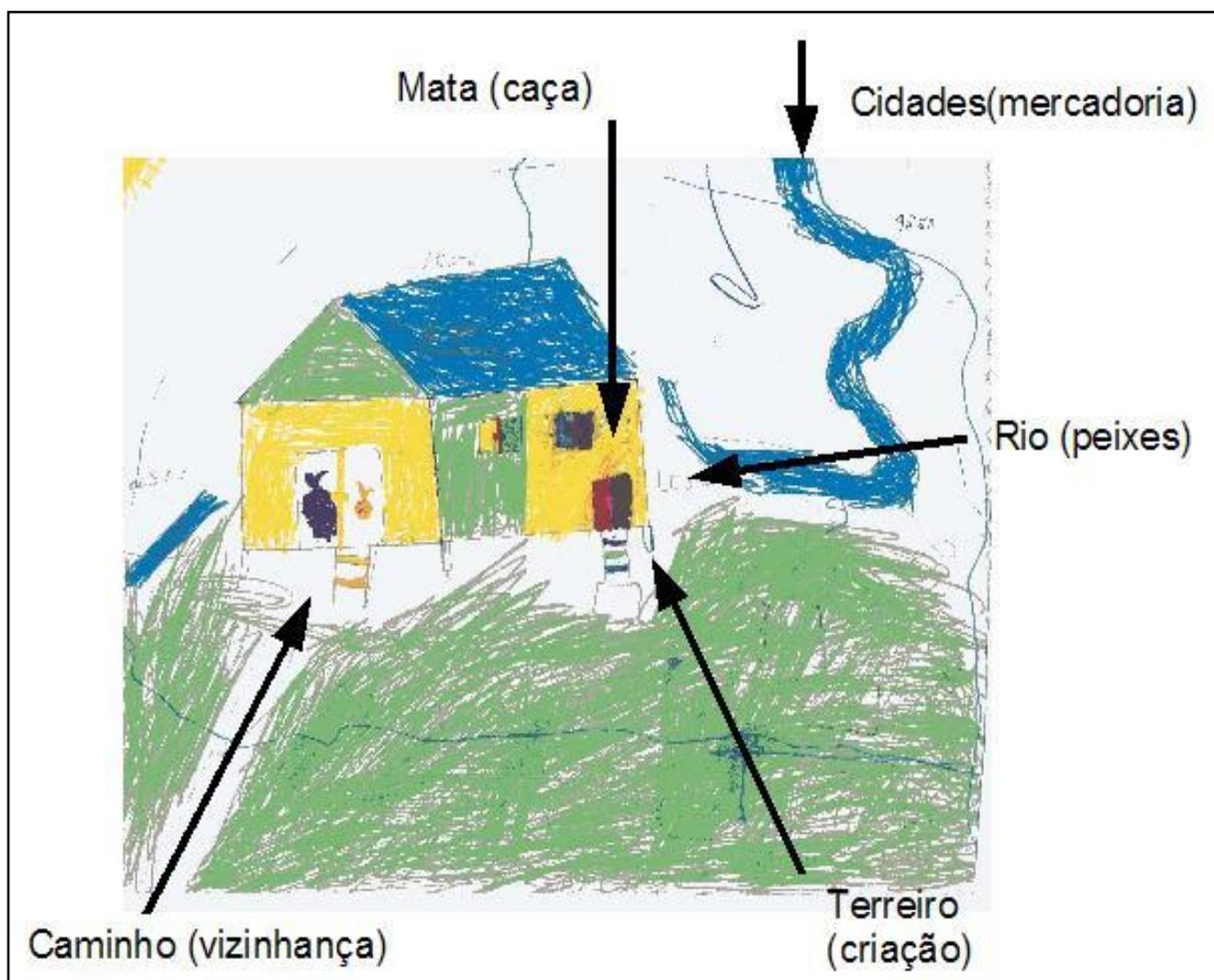


(Maria Sueli, 2006)

No desenho acima, de Maria Sueli, 25 anos, dona de casa, estão desenhados, além da casa, a casa de farinha, o roçado de roça e arroz. Também estão desenhados os objetos principais da cozinha: o armário, o pote e o fogão; e os caminhos que conectam o porto do Bagé à casa e a casa ao roçado. Esse desenho sintetiza bem a região da mulher, nos termos de Ingold, a matriz de trajetos mais intensamente percorridos por ela em seu dia-dia, bem como a escala dessa região, que inclui o interior da casa e os elementos da cozinha. Já na perspectiva de Uexküll, correspondem ao Umwelt das mulheres. Uma característica que aparecerá na extrema maioria dos desenhos é a conectividade total entre os elementos. Afora os elementos internos da cozinha (que aparecem com uma espécie de zoom, de escala dentro da escala) a casa está cercada, dela sai um pequeno caminho que a conecta ao caminho até a casa de farinha e desta a outro caminho até a roça de arroz. Essa ênfase em cercar os elementos e

conectá-los entre si por meio dos caminhos é quase uma obsessão nos desenhos dos moradores e aponta novamente para a idéia de mapeamento (mapping) em oposição ao fazer mapas (mapmaking) do qual trata Ingold (2000). Os mapeamentos apontam para histórias de trajetos percorridos. O mapa de onde Sueli vive extingue diferenças de escala entre o pote da cozinha, o fogão e o roçado: todos fazem parte do universo feminino.

Mapa 16 Casa e seu entorno



Desenhados por Elson, Francisco Nonato Tavares dos Santos (2005). Alterado por mim.

No desenho de Élson no centro está a casa, desenhada com as duas portas que sempre possui. Há sempre uma porta da sala para o terreiro e uma da cozinha para o terreiro. Dentro da casa a planta geral é muitas vezes repetida. A sala é conectada à cozinha por um corredor, no meio do qual há uma porta para o quarto, que é completamente fechado para fora, sem janelas. No quarto dormem as crianças menores e os pais, enquanto na sala podem dormir filhos mais velhos, homens e visitas. Na cozinha

normalmente dormem as visitas femininas e moças mais velhas. Distingue-se no desenho a porta da cozinha pelas frutas representadas na porta e pelo caminho que atravessa o terreiro e vai até a escada que dá acesso a sua porta. Pelo caminho chega a carne vizinhada, e o caminho também conecta a cozinha à mata de caçada. É pela porta da cozinha que o caçador entrega o fruto de sua caçada à mulher responsável por tratar da carne e cozinhá-la. Elson também representa em seu desenho a porta da sala por onde entram as visitas. Pelo rio, também representado, percorrem-se distâncias maiores, levando às cidades e ao mercado, além do peixe e do marisco. No terreiro e no campo em frente de casa a família possui suas criações. O terreiro é a área menor em torno da casa, enquanto o campo é uma área aberta maior onde se cultiva o pasto para a criação de bois e vacas.

O desenho foi feito em resposta à solicitação de que desenhassem “o mapa de onde vivem”. Apesar de rodeados por todos os lados de mata, e embora a mata seja o único horizonte visível da casa, de onde retiram boa parte dos meios de vida, no desenho de Elson a mata não é desenhada e nem ao menos indicada como fronteira. A mata, em vez de um pano de fundo, paisagem ou cenário geral, é marcada por sua ausência: é algo negado na imagem de ‘onde vivem’: embora presente e central na atividade cotidiana, não é o local ‘onde vivem’. Pode-se argumentar que o céu também não aparece nos desenhos. Mas com o céu não se estabelece uma relação de forma tão concreta e cotidiana quanto com a mata. A mata, insisto, não aparece como paisagem ou pano de fundo. A linha que demarca o campo deixa supor que no seu exterior há a mata: mas a mata ela mesma não é representada, apenas a fronteira do campo.

Em diversas ocasiões perguntei aos moradores por que retiravam toda e qualquer árvore do campo, e mesmo do terreiro, sem deixar sequer uma para sombra. Alguns alegavam o perigo de queda das árvores sobre as casas durante as tempestades. Essa justificativa explica apenas em parte a verdadeira obstinação em separar a mata do “lugar onde vivem”. Muitos argumentavam que a razão era distinguir bem onde é a mata e onde é o lugar onde vivem.

A ausência da mata como padrão geral dos desenhos marca a informação de que eles não vivem na mata. Pode-se viver percorrendo os rios; no terreiro, na casa e na casa dos outros, e mesmo andando nos caminhos. Mas não se vive na mata; ela está separada do lugar de viver. Que eles não vivem na mata é fato e é evidente. O que não é tão evidente é a distância que o lugar onde vivem guarda da mata, fato que procuram reafirmar, talvez simplesmente expor.

As setas colocadas sobre o desenho servem para apontar os fluxos de provisões e seus caminhos. As extremidades com a seta indicam a casa, mais especificamente a porta da cozinha, que fica atrás da

casa e por onde entram os alimentos. No outro extremo as informações indicam a origem e o que flui em direção à porta da cozinha.

Numa rotina bem costumeira, em uma casa composta por um casal e seus filhos, variando de adolescentes a pequenas crianças, a família levanta muito cedo. Se não for muito idoso, o pai se dedicará a uma ou mais das seguintes possibilidades: caça, trabalho no roçado, fabricação de farinha, corte de seringa. As mesmas atividades podem ser atribuídas a filhos homens já adolescentes. Aos meninos mais novos, mas já independentes, cabe muitas vezes ajudar a mãe em atividades como: buscar água no rio ou na cacimba; ajudar na limpeza da casa e do terreiro; levar carne para um vizinho próximo; ajudar com a manutenção do roçado; cuidar de uma criança bem novinha; ir para a escola; fazer a lição de casa; dar de comer aos bichos do terreiro; ajudar na casa de farinha e brincar. A mãe e as filhas mais velhas são responsáveis diariamente pelo asseio do lar, pelo cuidado com as crianças mais novas, pelo canteiro de temperos e remédios, pelas refeições, por lavar a roupa de toda a família e também pelo trabalho no roçado, senão pela derrubada, mas certamente pela plantação, manutenção da roça e feitura de farinha. Também é de responsabilidade da mulher e de meninos e meninas mais novos a alimentação dos animais do terreiro, embora em muitas casas os homens, quando voltam do roçado, tragam mandioca ou outros cultivo que servirão de alimentação para porcos, galinhas, gado e outros animais de criação. As galinhas, porcos e cachorros, estes dois últimos criados apenas por alguns moradores, alimentam-se também de restos de comida da casa.

Especialmente, poderíamos resumir e generalizar as atividades mais corriqueiras e comuns da seguinte maneira, tendo em vista a distribuição do tempo de trabalho entre sexo e faixa etária. Os homens adultos da casa dividem a maior parte de seu tempo ativo (considerado por eles próprios trabalho) entre os seguintes espaços: mata (caçando), roça (implementação, cultivo, manutenção e colheita), estrada de seringa (manutenção, corte e colheita) e casa de farinha (puxando roça na boladeira, descascando, prensando, torrando, carregando as sacas). As mulheres adultas, por sua vez, dividem seu tempo entre os seguintes espaços: cozinha (cozinhando), porto e/ou cacimba (pegando água, lavando roupa, lavando panelas e utensílios), roçados (implementação, cultivo, manutenção e colheita), terreiro (cuidando da criação, limpando, cuidando dos canteiros), casa (limpando, cuidando das crianças pequenas) e casa de farinha (descascando, lavando, cozinhando, fazendo subprodutos, carregando água). Aos meninos e meninas mais novos, mas que não são mais considerados crianças de colo, totalmente dependentes de adultos e outras crianças, são delegadas atividades durante todo o dia, em geral pela mãe e pelos irmãos mais velhos. Especialmente poderiam ser assim divididas: porto e/ou cacimba (buscar água no porto ou na cacimba), casa (enxotar os animais do terreiro de casa, “pastorar” os irmãozinhos, passar pano na

casa), caminhos (levar carne para outras casas do grupo de vizinhança, levar recados e bilhetes, carregar todo tipo de pequenas coisas para lá e para cá), roçado (contribuir com a manutenção, limpeza), casa de farinha (ajudar na farinhada em atividades como buscar água, lavar e descascar).

O que é um lugar, um endereço?

Se definimos a casa como um vértice de relações, como se define então um local, um endereço, um ponto ao qual as pessoas fazem referência quando dizem onde vivem? A casa em si, a construção, não é uma referência física tão importante quanto, por exemplo, uma junção entre dois rios, a boca de um igarapé. De fato, as pessoas mudam inúmeras vezes de casa e de local da casa, mas mudam poucas vezes, ou menos, de um lugar, marcado muitas vezes por um ponto na margem no Bagé, muitas vezes na boca de algum afluente. Assim, João Gonzaga morou boa parte de sua vida às margens do Solidão, afluente do Braço Esquerdo, mas poucos anos na mesma casa e no mesmo ponto geográfico; contudo, se perguntamos a João onde ele morou, responderá: “sempre no mesmo canto”. João se refere às proximidades da margem do Solidão, que inclui sua casa, onde quer que ela esteja por ali, mas também seus roçados, as mesmas estradas de seringa, as mesmas capoeiras, as mesmas águas e cacimbas, as mesmas áreas de caça. O mesmo local, portanto, significa algo muito diferente da mesma posição da casa e inclui uma diversidade de espaços que se utilizam cotidianamente.

Raramente encontrei uma pessoa mais idosa que tivesse morado a vida toda em um mesmo local; geralmente alteram pelo menos a localização da residência para um ponto um pouco mais acima do rio, mais abaixo, mais ao centro ou mais à margem. Um canto novo qualquer. Uma das explicações mais comuns dadas pelos próprios moradores para isso é a distância que os roçados vão tomando na medida em que os solos das áreas mais próximas das casas vão se esgotando, ficando mais fracos. A localização dos roçados vai se alterando e muitas vezes a própria localização da casa de farinha.

Por vezes essas alterações na localização dos roçados coincidem, ou mesmo são planejadas para coincidir, com a necessidade de construção de uma nova casa, pois a atual está velha, desgastada ou mesmo pequena para uma família em expansão. Pode-se afirmar que há uma facilidade, em termos de custos e tempo de trabalho, que envolve a construção de uma residência, se comparada com outros contextos. Os próprios moradores admitem essa relativa facilidade.

Discutiremos esses pontos mais à frente, mas, aparentemente, os motivos de fixação das pessoas em determinados lugares, passa muito mais pela propriedade das estradas de seringa, essas sim fixas e transmissíveis como herança e bem familiar, do que pela posse de roçados, residências e outras

benfeitorias, por assim dizer, reproduzíveis em qualquer “canto” e que com o tempo se “acabam”. As próprias relações sociais fundamentais entre casas, como a vizinhança, são possíveis de serem reproduzidas em outras localidades e, dependendo da situação, relações de parentescos são inteiramente transplantadas para outras localidades. Uma *parentagem* espalhada por diversas regiões seguramente facilita projetos de mudanças, intensificando-os na medida em que os seus potenciais futuros vizinhos são parentes.

Numa das vezes em que estive no Bagé, havia um conflito entre os moradores. Um senhor havia se mudado para uma localidade com o consentimento da moradora anterior; contudo, depois que ele já estava morando na casa que já estava lá, a moradora anterior, que havia consentido que ele ali morasse, passou a reclamar que os filhos desse senhor retiravam as frutas das fruteiras do terreiro. O homem ficava em uma situação difícil e pensava em se mudar novamente, mas ao mesmo tempo se sentia no direito de usufruir dos pés de fruta que estavam ao redor de sua casa. Pensou logo em construir outra casa em outra localidade, mas quando começaram as reclamações da antiga moradora ele já havia colocado seus roçados na proximidade. Assim, mais que abandonar a casa ou as fruteiras, o que o incomodava era deixar os roçados para trás. Em parte, essas observações de campo explicam porque as pessoas não investem tanto em fruteiras em seus terreiros, já que os locais de construção das casas variam muito de tempos em tempos, mas indicam, sobretudo, que a referência principal do local de moradia não é a casa enquanto construção, mas as áreas de uso.

Essa característica complica qualquer levantamento geo-referenciado dos moradores que leve em consideração a casa como elemento espacial. Uma preocupação que tivemos inicialmente em nosso trabalho foi levantar os pontos de localização das casas para endereçar os moradores; contudo, ficou evidente que fazia muito mais sentido geo-referenciar roçados, capoeiras, estradas de seringa e caminhos se nosso intuito fosse apontar para a localização dos moradores. As casas no rio Bagé são móveis. Em questão de semanas pais, alguns filhos e mesmo vizinhos levantam uma casa com matéria-prima exclusivamente retirada da floresta, com exceção dos pregos. Atualmente talvez essa mobilidade se altere um pouco devido ao emprego de novos materiais, como alumínio para a cobertura e mesmo tinta para as madeiras que fazem as paredes, mas mesmo assim esses materiais podem ser reutilizados em novas localizações. Em comunidades maiores os espaços são mais disputados, o que favorece a maior permanência das moradias em um mesmo local. Nota-se nesses casos que há um novo padrão de uso de espaço se instalando. As colocações, como padrão de uso do espaço, passam a conviver com as comunidades. Nas colocações as áreas de uso incluem: roçados, que vão mudando de lugar ao longo dos anos; estradas de seringa, espalhadas em áreas com cerca de trezentos hectares de floresta de

acordo com a disposição natural das seringueiras; áreas de caçada, que muitas vezes são compartilhadas com moradores de outras colocações; casa de farinha, portos, terreiro, residência, campo de criação. As comunidades maiores concentram as residências em uma única e contínua área aberta, os roçados de diferentes famílias estão mais próximos uns dos outros, nos terreiros são necessárias cercas, pois estão próximos dos terreiros dos vizinhos, e as áreas de caça são compartilhadas.

A dieta

O cardápio básico da refeição local é constituído por três elementos: o caldo, a mistura e a farinha. Considera-se desejável que ocorram três refeições diárias nesse formato: o “quebra-jejum”, o almoço e a janta. O caldo, produzido a partir do cozimento da mistura em uma quantidade considerável de água, é relativamente ralo; o tempo de cozimento e a quantidade de água são tais que sua consistência continua, após o cozimento, próxima à da água. A mistura, cozida nesse caldo, é geralmente carne ou peixe. A farinha de mandioca é misturada ao caldo para fazer o pirão. Ela é fabricada na casa de farinha, em um longo processo artesanal. A mandioca ou macaxeira, depois de arrancada, é descascada, lavada, ralada, prensada para extrair o excesso de água e, finalmente, torrada num forno. Portanto, quando é servida à mesa, a farinha não está mais crua.

Também podemos dividir a refeição mais comum em três momentos, relativos à ordem e forma segundo a qual os elementos são servidos e consumidos. Segundo as regras de etiqueta e de costume, primeiro é servido o caldo no prato; experimenta-se e mesmo toma-se todo ou parte desse caldo. Em seguida, acrescenta-se, conforme a necessidade, um pouco mais de caldo e mistura-se a farinha para fazer um pirão no próprio prato. Por fim, de um prato onde a mistura foi previamente separada, ou mesmo da própria panela em que foi cozida, serve-se a mistura. O caldo é sempre servido pela mulher da casa. Se alguém desejar um pouco mais deve passar o prato a ela, mas normalmente a própria dona da casa repara em seu prato e lhe oferece um pouco mais de caldo, ou seu marido faz esse papel. Já a farinha é adicionada pelo próprio comensal a partir de um vaso, um recipiente que fica à disposição de todos. Essas etapas não possuem uma separação de tempo muito clara entre elas, um intervalo entre uma e outra, mas a ordem é, via de regra, obedecida.

No preparo do caldo é importante observar tanto a proporção entre a água e a mistura que será cozida dentro dela quanto o tempo de cozimento. Essa questão é fundamental, pois o caldo deve ser suficientemente ralo para que se possa tomá-lo e para que se possa fazer o pirão com a mistura da

farinha de mandioca torrada. Além disso, os pedaços da mistura devem se manter inteiros e não podem se desmanchar dentro da panela durante o cozimento. Isso inviabilizaria tanto o caldo, pois ele engrossaria por demais, quanto a distribuição dos pedaços da forma que é tradicionalmente feita e apreciada.

O tempero do caldo é feito à base de óleo vegetal e sal, em geral acrescentado à panela junto com a água e a mistura antes de começar o cozimento. Outros temperos e condimentos são variáveis conforme o gosto e as possibilidades das cozinheiras e são acrescentados à panela no início do cozimento junto com os demais ingredientes. São em geral pequenas pimentas de cheiro e alguns temperos verdes cultivados nos canteiros suspensos do terreiro. Hoje, a maioria das casas que visitamos e que podemos observar utilizavam panelas de pressão para fazer o cozido, de modo que os temperos são colocados junto com os outros ingredientes antes de fechar a panela.

Embora esse tipo de preparado, o cozido da mistura na água, seja repetido em praticamente todas as três refeições diárias, assim como a forma de servir, ele ganha uma variedade incrível dados os diferentes tipos de misturas que são colocados para cozinhar na água. As carnes de caça, vindas da mata, são por si só muito diversas. Veado, caititu, queixada, pacas, cotias, tatus, jabutis, diversas qualidades de macacos, de aves e de outros animaizinhos compõem o espectro de animais da mata, entre a infinidade existente, cuja carne pode ser convertida em misturas. Os peixes, igualmente, possuem uma variedade muito grande de tipos. São mais comuns nas refeições durante o verão, quando há estiagem e os rios encontram-se mais secos e a pesca é, por isso mesmo, facilitada. Ainda existem as carnes de animais do terreiro: galinhas, patos, porcos e mesmo bois.

Embora o caldo, o pirão e a mistura sejam as três refeições principais, quebra-jejum, almoço e jantar, a dieta inclui uma variedade de outros alimentos. Das próprias refeições principais ainda podem fazer parte outros ingredientes e outros pratos. Provenientes do mercado e da cidade existem também algumas misturas: o macarrão e os enlatados são as mais comuns; contudo, nunca as vi serem utilizadas segundo o mesmo preparo. O macarrão é cozido e adicionado com um pouco de óleo depois; os enlatados em geral são apenas abertos e aquecidos quando não há outra mistura.

Outros componentes fazem parte da dieta, não necessariamente durante as refeições principais e não necessariamente consumidos no espaço da cozinha e mesmo da casa. É o caso das frutas dos caminhos, da mata, dos terreiros e dos roçados, que são tanto trazidas para casa quanto consumidas nos caminhos e onde são encontradas. Aí também há uma variedade incrível, e embora os moradores não as considerem como alimento de gente, são consumidas com certa constância, mas sem nenhuma

formalidade ou momento especial. Os meninos e meninas as apanham durante as brincadeiras e quando percorrem os caminhos entre as casas; os homens enquanto caçam ou se deslocam por qualquer motivo e quando estão nos roçados. Em geral mantêm fruteiras das mais diversas: quase todos possuem bananeiras de diversas qualidades e mamoeiros. Embora não geralmente de forma intensiva ou com o intuito de produzir excedentes para comercialização, alguns cultivam fruteiras que demoram mais para produzir frutos, como mangas, abacates, graviola, biribá e outras.

Os “vinhos” da floresta, existentes em determinadas épocas do ano, são extremamente comuns nas refeições ou mesmo de modo disperso em outros momentos do dia, e muito apreciados pelos moradores. Destacam-se os vinhos produzidos dos cocos de cacho de algumas palheiras como o açai, a bacaba e o patoá. São retirados, cozidos e ralados com ajuda de uma peneira de metal ou de um ralador feito para isso. Depois disso, o sumo peneirado a ele é adicionada água. Serve-se com farinha e açúcar branco, refinado e industrializado.

Nos roçados também cultivam o milho, com o qual fazem canjica, pamonha e milho assado. A canjica, que até onde compreendi corresponde ao curau no estado de São Paulo, nomenclatura que eles desconhecem, é feita a partir de milho ralado e cozido com açúcar. A pamonha é preparada ralando o milho cru; em seguida se embrulha a massa em sua palha em pequenos pacotinhos bem amarrados que são levadas ao fogo para cozinhar. Algumas pessoas, como dona Eliza, moradora de uma localidade chamada Seringueirinha, torra, mói e consome o próprio café, que cultivava em seu roçado. Mas na maioria das casas onde estivemos o café é comprado no mercado das cidades de Cruzeiro do Sul e Marechal Thaumaturgo, ou mesmo de pessoas que “lutam com mercadoria”, como Manuel Adelino, morador da comunidade Seringueirinha, que há muitos anos abastece seus vizinhos com mercadorias industrializadas provenientes da cidade, como óleo de soja, açúcar, querosene, etc.

A cana também é cultivada por muitos moradores e dela produzem melado para doces e para o consumo direto, o açúcar gramixó e o caldo de cana. Para moer a cana constroem moendas de madeira movidas manualmente. As bananas, assim como as macaxeiras, possuem uma grande variedade de qualidades, e entre as frutas é a de cultivo mais generalizado. Alguns moradores possuem bananais relativamente grandes e variados em termos de qualidades. Além do consumo direto, da banana se faz um mingau, relativamente comum pela manhã quando não há carne ou mesmo como acompanhamento de quaisquer das refeições ou como componente de uma merenda, que é a denominação dada a pequenos lanches entre as refeições principais. Algumas qualidades, como a banana grande, são cozidas com casca e servidas em pedaços, pela manhã ou em alguma merenda no meio da tarde. Mamoeiros

também são comuns nos roçados e nos quintais, assim como coqueiros e, por vezes, mangueiras. Embora não tão freqüente nas refeições dos moradores, o feijão de diversas qualidades é bastante cultivado, muitas vezes com vistas à produção de um excedente para a venda. O tabaco também é largamente cultivado; em alguns casos negocia-se o excedente, mas geralmente há um grande consumo local. O porronca, cigarro local feito desse tabaco prensado, e os cachimbos, muito comuns entre as mulheres, são os grandes consumidores de tabaco. Apesar da criação de gado ter se expandido nos últimos anos, não é tão comum o consumo de leite e seus derivados. Não conheci ninguém que produzisse queijo ou manteiga, ou mesmo consumisse leite diariamente. Pelo pouco que investiguei sobre esse assunto, somente quando as vacas estão amamentando bezerros é que o leite é utilizado pelos moradores.

Com relação aos animais da mata, os preferidos para o consumo são os mamíferos maiores, com exceção das onças e gatos do mato. A anta, que existe na bacia do Bagé apenas na área indígena, em sua porção mais alta e inacessível aos seringueiros, é uma iguaria que aparece vez ou outra na mesa de moradores que vivem nas localidades mais isoladas. O mesmo ocorre com os macacos preto e barrigudo, que assim como a anta são dos primeiros animais a desaparecerem com a proximidade humana por dois motivos principais: são muito visados pelos caçadores e, segundo os moradores, logo se afastam para muito longe quando percebem a presença humana. Pelo sabor da carne e pela quantidade de carne, os animais preferidos são os veados, o queixada, o caititu, seguidos pelas pacas, tatus, cotias, jabuti, alguns macacos como os guaribas, entre outros. Uma das distinções importantes dentro da taxonomia local é aquela que classifica parte do universo de animais conhecidos entre caça e embiara. Os elementos pertencentes a essas duas ordens classificatórias relacionados em sua totalidade correspondem aos animais apreciados e comestíveis. Trataremos dessa classificação mais adiante, mas por enquanto é suficiente dizer que as caças correspondem aos animais mais desejados e de maior porte, enquanto as embiaras correspondem aos animais de médio e pequeno porte cuja carne é considerada comestível. Embiara é uma palavra de origem tupi que significa presa, aquilo que se presta à caça. No entanto, os seringueiros distinguem, entre os animais que caçam na mata para a alimentação, entre animais “caça” e animais “embiara”.

Existe uma série de restrições alimentares entre os moradores no que diz respeito principalmente aos animais da mata. Além das onças e gatos do mato, as diversas espécies de tamanduá não são apropriadas para o consumo segundo a maioria dos moradores; portanto, não são classificados nem como caça, nem como embiara. Há reações de asco ao mencionar a possibilidade de se comer animais como gambás, ouriços e outros pequenos marsupiais e onívoros da floresta. Com relação aos

marsupiais, os moradores chegam mesmo a citar o asco como associado ao fato de que os filhotes, logo quando nascem e estão na bolsa das mães, possuem um aspecto horrível. A capivara é um animal que possui carne forte, ou com forte odor. Devido a esse fato ela é apreciada por alguns e nunca desejada por outros. Nesse caso a restrição se dá unicamente em virtude de seu sabor. Os gatos, onças e gambás representam verdadeiros tabus alimentares. Os moradores geralmente não demonstram nojo dos morcegos como no caso do gambá, mas a possibilidade de seu consumo não é considerada. Alguns moradores, como Nonato, até demonstraram um certo asco, referindo-se mesmo à carne e ao odor de animais como a onça, mas o mesmo asco não foi provocado pela idéia de comer carne de morcego, por exemplo.

Existem também restrições parciais com relação a certas carnes de animais da mata e mesmo de peixes dos rios. São ditos animais reimosos, ou cuja carne é reimosa, para definir animais cuja carne não deve ser consumida em qualquer situação e por qualquer pessoa. Raimundo Farias Ramos, por exemplo, não come carne de tatu desde pequeno, quando fez a experiência e ficou muito doente. Diz ele que a carne de tatu é reimosa para ele e para outras pessoas, porém muitas outras pessoas comem carne de tatu em situações normais. Outros animais como a paca são considerados reimosos, senão por todos, pelo menos pela grande maioria dos moradores. Assim, quando a pessoa não está bem disposta ou com alguma doença, não deve se alimentar de paca e de outras carnes ou peixes reimosos. Em casos de doença a indicação geral é restringir a alimentação à carnes de animais sem reima, carnes leves, como um caldo de galinha de casa, de nambu, galinha ou quati-puru, ou mesmo de peixe sem couro. As erupções na pele ou outros problemas na pele são bem comuns e são sempre atribuídos a dietas reimosas, a excesso de carnes com essa característica. Entre os animais de casa somente o porco é considerado reimoso. Também é completamente inconcebível o consumo de carne de cobras (classificada na taxonomia seringueira como inseto) e de anfíbios, como rãs, pererecas e sapos. A simples menção de que certas rãs são consumidas em outras partes do país lhes causava profundo nojo, assim como uma história bem conhecida de um funcionário do Ibama que gosta de carne de cobra.

Apresentei esse quadro geral sobre os componentes e origens dos alimentos na dieta local para subsidiar o que veremos a seguir⁴³. Sem essas preliminares, correria o risco de reduzir uma visão sobre a dieta aos dois componentes mais básicos da dieta, com os quais passamos a lidar mais diretamente a partir desse momento: carne e a farinha. Enfatizarei aqui a origem e o trabalho envolvido na obtenção

⁴³ Para informações mais detalhadas sobre a dieta e as atividades associadas à sua produção no Alto Juruá, ver a Enciclopédia da Floresta (Almeida e Carneiro da Cunha, 2002).

desses dois componentes da dieta. Chamarei a atenção também, daqui em diante, não mais para os possíveis componentes da dieta, mas para as considerações locais mais ou menos generalizadas sobre o que vem a ser uma dieta satisfatória. Usaremos como contraponto as considerações e observações de amigos seringueiros que foram expostos a uma dieta bem diferente de uma concepção de dieta ideal ou satisfatória. Como já apontamos anteriormente, tratamos aqui da dieta apenas como termo de circulação que nos ajuda a conceber certas escalas de uma espacialidade local, expressas em grande medida nos mapeamentos de mulheres e crianças. Não cabe, portanto, tratar de aspectos nutricionais ou de outros detalhes relacionados à dieta, mas, tão somente, daqueles que podem nos informar sobre essa espacialidade.

Cardápio ideal, restrição e abundância

Em seu trabalho sobre os Bemba, Audrey Richards aponta que, entre esse povo, uma refeição, para ser satisfatória, deveria conter dois elementos básicos: o *ubwali*, mingau grosso à base de milho, e o *umunami*, iguaria feita de vegetais, carne ou peixe. Pois bem, para os habitantes do Bagé, e pode-se dizer de todo o Alto Juruá, a refeição ideal também contém dois elementos básicos: o caldo, de peixe ou de carne, e a farinha. A combinação não representa necessariamente a melhor refeição possível, mas sem dúvida remete às noções de satisfação alimentar e de boa condição de vida. Essa consideração local a respeito da refeição é tanto observada quanto freqüentemente verbalizada ou mesmo registrada na forma escrita pelos próprios moradores.

A farinha

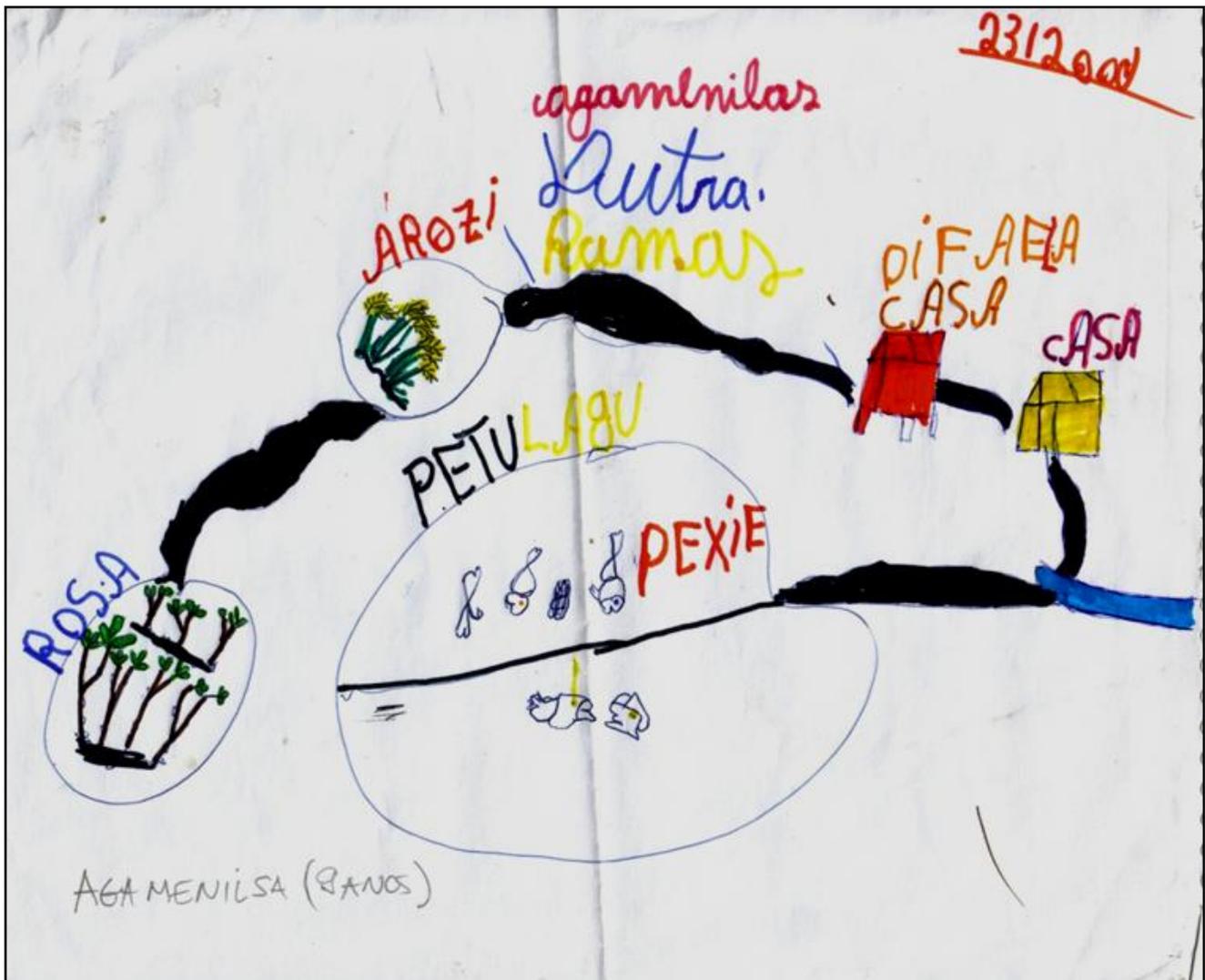
A farinha é adicionada a quase tudo. Por exemplo, os vinhos de bacaba e de açaí são consumidos com farinha. Nos caminhos ou mesmo na mata, durante uma viagem ou uma caçada, a farinha é consumida misturada com água, combinação que recebe o nome de jacuba. A farinha seca, ou preparada na forma de farofa, é levada como alimentação de viagem, misturada com pedaços de carne assada (diretamente no fogo) ou torrada no óleo. Mesmo frutas como mamão, abacate ou banana são muitas vezes acompanhadas de farinha.

O consumo de farinha em uma casa é substancial. Na casa de Nonato, na colocação Boa Vista da União, são consumidos em média 3 kg de farinha por dia, segundo cálculos que fizemos durante duas semanas consecutivas em que estivemos hospedados em sua casa. Segundo ele, o consumo anual em sua casa gira em torno de cinquenta sacas anuais. Considerando que uma saca equivaleria a aproximadamente 50kg de farinha, teríamos um consumo de 2.500 kg de farinha por ano, ou 6,8 kg de

farinha por dia. Essa diferença entre o que consumimos durante nossa estadia e a quantia que ele calculou para um ano talvez esteja relacionada ao que Nonato considera como consumo doméstico. Seus filhos casados moram ao redor de sua casa; alguns roçados são compartilhados e a farinha é feita com o trabalho coletivo. Além disso, os filhos casados e os netos de Nonato freqüentemente fazem refeições em sua casa. A farinha é o elemento que nunca falta em uma refeição. Como apontaremos com mais detalhe a seguir, uma distinção importante entre os elementos principais da dieta é que a farinha é um elemento sempre disponível porque depende somente do trabalho familiar e não inclui, como no caso da carne de caça e mesmo da pesca, a sorte do caçador ou pescador.

É possível presenciar uma refeição sem carne, mas não sem farinha. No entanto, quando as pessoas expressam insatisfação com relação ao cardápio disponível ou com relação ao local de moradia ser “bom de rancho”, a referência é sempre a ausência de carne. Não há uma diferença substantiva com relação ao custo entre carne e farinha, nem, todavia, com relação ao trabalho necessário. A consideração também não se justifica em razão do tempo investido em cada uma das atividades. Possivelmente, a produção de farinha necessita de um investimento muito maior de horas de trabalho e é uma atividade considerada muito mais cansativa e desagradável do que a caça. Apreciam a carne. Esse é um fato. Fazem questão da farinha, mas sua ausência é improvável.

Mapa 17 Lugar onde vive.



(Agamenílza Ramos, 9 anos, 2005)

Este é o primeiro desenho que aparece feito por uma criança. O padrão da conectividade total, de ausência da floresta, de roçados e cercados mantém-se claro nesse desenho. Agamenílza também apresenta o lago que dá nome à colocação e, dentro dele, os peixes, dispostos (como ocorre nos mapas de roça e de arroz) dentro de limites bem fixados. O mapa de Agamenílza mostra os roçados e seus cultivos, bem como o lago e seus peixes, conectados à casa por caminhos especialmente marcados de preto. Ele remete assim ao diagrama apresentado no início deste capítulo. Outro ponto importante deste desenho é que os caminhos possuem uma espessura. Esse tipo de representação é característico dos mapas infantis. As crianças desenharam os caminhos muito mais marcados e grossos do que os homens e mulheres adultos. Os desenhos de mulheres e crianças apontam para um sistema e uma espacialidade

doméstica que inclui sempre roçados, casa de farinha, pontos de pesca, casa e os caminhos que os interligam.

Estive em mais de cinquenta casas e em nenhuma delas deixei de encontrar farinha, e farinha produzida na própria casa. Quando um seringueiro vai mudar de casa, a primeira providência, mesmo antes de construir a casa, é colocar um roçado de roça, o mesmo que roçado de mandioca, na nova localidade. Em uma das viagens ao Braço Esquerdo, afluente do Bagé em sua porção mais alta dentro da Reserva Extrativista do Alto Juruá, encontramos seu João Gonzaga mudando-se para uma localidade mais próxima da margem, ainda na linha do Braço Esquerdo. Estava colocando um roçado na localidade em que faria sua casa, que inclusive visitamos no ano seguinte. Em 2005, dentro agora das águas do Igarapé Pavilhão, na Boca do Igarapé Bêlgica, afluente do Pavilhão, encontramos seu Antônio Oliveira na casa de sua ex-vizinha, dona Pitu. Seu Antônio Oliveira havia se mudado há alguns meses para as águas do Tejo. Passara mais de um mês fazendo farinha a partir de seu antigo roçado para carregar para sua nova casa. Na forma de farinha, ele poderia carregar sua roça consigo. O roçado que ele estava transformando em farinha para carregar para o Tejo ainda não estava maduro na época da mudança.

Atualmente os roçados do Bagé estão aumentando de tamanho, pois a farinha está se tornando cada vez mais importante como produto comercial. Além da produção para o consumo familiar, as famílias estão cada vez mais produzindo farinha também para vender.

Carne

Em seu diário de viagem, Caboré expressou suas observações com relação à qualidade de vida da população que presenciamos em nossas andanças. Nos trechos de seu diário que cito abaixo ele apresenta várias de suas concepções sobre a dieta local, assim como análises sobre os motivos de maior ou menor fartura. Rancho é um termo utilizado freqüentemente para tratar da alimentação.

Como fica óbvio no diário de Caboré, uma colocação “boa de rancho” designa um local onde a caça é farta. Nas anotações do dia 30/11/2004 ele expressa explicitamente essa idéia sobre o que constituiu uma dieta satisfatória. Nos trechos citados abaixo, Caboré também deixa evidente a importância da vizinhança, prática local que institui certa reciprocidade de carnes e peixes entre determinado grupo de moradores, para a economia local. Dona Nazaré é sua mãe. Durante nossas atividades de pesquisa, Caboré ficou algum tempo hospedado em sua casa e registrou o funcionamento desse tipo de prática do ponto de vista de uma casa tipicamente receptora, já que dona Nazaré é viúva e o único filho solteiro que vive com ela não caça. Trataremos mais detidamente da vizinhança adiante. Por ora nos interessa

observar a importância e a expectativa com relação à presença ou ausência de alguma carne ou peixe nas refeições. Os trechos do diário de Caboré abaixo selecionados são esclarecedores a esse respeito.

25/11/2004

Viajamos subindo o rio Bagé e pernoitamos na comunidade Cocal na casa de Dona Josefa Lopes da Cunha. Dona Josefa é viúva e moradora há 39 anos nesta localidade.

26/11/2004

Ficamos o dia inteiro na casa de Dona Josefa. O Rancho foi carne de galinha caipira e carne de queixada. Dona Josefa, 39 anos na colocação, dá uma boa idéia de que uma colocação de seringa nunca acaba. Ficamos dois dias na casa de Dona Josefa, o rancho foi muito favorável. Dona Josefa nos tratou muito bem.

30/11/2004

Augusto, Roxo e Caboré, ainda na comunidade Seringueirinha, com as atividades de pesquisa de campo. O dia amanheceu chuvoso, isto interrompeu as atividades dos moradores; seja o corte da seringa, o trabalho do roçado, a caçada, ou pesca.

Este dia pode trazer fome, pois é ruim de procurar o rancho. Farinha de mandioca, arroz e feijão o seringueiro não considera rancho. Faltando a carne ou o peixe.

Eu, Raimundo Farias Ramos, o Caboré, estou na casa de dona Nazaré; Augusto e Roxo estão na casa de outros vizinhos. Aqui na casa de Dona Nazaré, ela recebeu um quarto de veado e uma banda de tatu. Peso do veado 8 kg, peso do tatu, 4 kg. Vizinhança do Coco da Pitu.

01/12/2004

Dona Nazaré recebeu um quarto de porco caititu, dois quatipurus e dois quartos de cotia. Peso do porco, 4 kg, quatipuru 2 kg, cotia 2 kg. Dona Nazaré é viúva e o rancho de sua casa vem mais da vizinhança. Esta vizinhança do dia 1/12 veio do Eliodoro.

Augusto, Roxo e Caboré, ainda na comunidade da Seringueirinha. As atividades de trabalho foram na casa do Coco da Zene e do Nego da Eliza. Fomos à casa de farinha ver o povo fabricando farinha de mandioca. Esta farinha é muito útil na mesa do seringueiro, ou em todo o território do Acre. Também visitamos os roçados com plantio de mandioca, milho e arroz.

02/12/2004

Augusto, Roxo e Caboré na casa de Dona Nazaré. Dona Nazaré recebeu um quarto de porco caititu vindo do vizinho. Peso do porco, 4 kg, vizinhança do Toni Fino. Este lugar, dona Nazaré mora há mais de 40 anos. Hoje esta colocação não está como era antes, mais ou menos pela década de 62. Este lugar era muito farto de caça e de peixe, mas neste tempo tinha distância de uma colocação para outra. E hoje o povo está mais agrupado porque aumentou o número de famílias e as colocações das cabeceiras dos igarapés estão abandonadas. Agora, para as cabeceiras dos igarapés a fartura de caça é muito grande.

(...)

06/12/2004

Ainda na casa do Ivo, Augusto ainda recuperando. Caboré e Roxo foram pescar de anzol no igarapé do Chagas. Pegamos 2,5 kg de peixe. Também o João, morador desta localidade, foi caçar. Saiu às 7h do dia e voltou 10:45h. Animal caçado: 2 porcos caititu. A vizinhança foi com 4 moradores. Vizinhos: Dona Nazaré ganhou uma banda pesando 7 kg. Aqui estamos na Reserva Extrativista do Alto Juruá, comunidade Seringueirinha, com distância de um dia de viagem para a sede central do município de Marechal Thaumaturgo, com mais 3 dias de viagem para chegar na cidade de Cruzeiro do Sul. Isto em um barco que tem um mínimo de conforto e segurança. Em um barco pequeno no sol devemos gastar um dia e meio de viagem.

07/12/2004

Saímos da comunidade Seringueirinha subindo o rio Bagé chegando na comunidade Braço Esquerdo na casa do monitor João Eugênio do Amorim, o João Gonzaga. Encontramos Gonzaga no caminho, trabalhando no roçado. João falou que nesse roçado vai construir uma casa, esta casa é de um crédito moradia, projeto do Incra. Com este crédito mais de trezentas famílias na Reserva Extrativista do Alto Juruá fora beneficiadas.

(...)10/12/2004

Saindo da casa do João Gonzaga, do Lô e da Marlene, esposa do Lô. A caminhada foi até a casa do seringueiro Manuel Gonzaga, à tarde visitamos os roçados mapeando com o GPS. Encontramos roçados de roça madura em ponto de fazer farinha, roçado de arroz e de milho novo, mandioca nova também, bananeiras com cacho e cana em ponto de produzir açúcar. À noite jantamos carne de caça. Ainda conversamos um pouco com Manuel Gonzaga falando da dificuldade que tem para fazer farinha. Ainda mói mandioca em uma roda manual.

16/12/2004

Augusto e Roxo de retorno para a Comunidade Braço Esquerdo. Eu, Caboré, estou na casa de Dona Nazaré. Fui pescar de anzol. Peixes pescados: trinta caras. Cara é um peixe pequeno encontrado nos Igarapés, lagos e Igapós. Muito abundantes nos igarapés de água preta. Falando da comunidade e das onze casas: a iluminação não vai para todas as onze casas, porque é assim: a casa do Nêgo fica dois minutos distante da casa do Côco, cinco minutos para a casa de João Bina. Três minutos para a casa da filha do João Bina. Seis minutos para a casa do Dédi, onde é assentada a escola e a cantina. Dez minutos para a casa do Caboclo. Quatro minutos para a casa do Ivo. Cinco minutos para a casa do Antônio Fino. E doze minutos para a casa do Zé do Caboré e dois minutos para a casa de Dona Nazaré. Assim, é considerado vizinhança, não para dividir da carne de uma caça, mas em um trabalho ou em um caso de doença todos estão prontos para ajudar. Estas condições de vida semelhante vai a outras comunidades com as mesmas características. Observação: a casa do Riba fica na metade da extensão da casa do Dédi para a casa do Caboclo.

De fora nós podemos perceber que este lugar não está muito bom de rancho, mas toda a comunidade fica caçando por perto ou pescando. Assim, a caça e o peixe vão se afugentando. Nesta localidade devemos encontrar doze caçadores. Nêgo, Côco, Miria, João Bina, Tonho da Zene, Dédi, Riba, Caboclo, Ivo, Tonho Fino, João e Zé do Caboré.

(Ramos, 2005)

Mais reveladora do que a constância da presença da carne nas refeições, para demonstrar sua importância nas concepções locais sobre uma dieta ideal, é sua ausência. Carne é sinônimo de fartura, enquanto somente a presença de farinha é de restrição. Pejorativamente, quando tratam de uma pessoa arrogante, usam a expressão: “Não passa de um comedor de farinha”, para indicar que, apesar da pretensão, a pessoa em questão vive na pobreza. Há nesse uso certa ambigüidade, já que ser ‘comedor de farinha’ pode tanto significar miséria (no sentido de falta de carne), como pobreza (pois os ricos da cidade não comem farinha).

Devido à importância dada à visita (neste caso, do pesquisador), dona Zefa preparou um banquete para a janta. Todos os comensais estão sentados no chão de paxiúba e são servidos por Dona Zefa ao fundo (que aparece sem cabeça por falha minha). A panela de pressão (preta, ao seu lado direito) contém o cozido de galinha (do terreiro). O cozido foi servido na grande vasilha esmaltada que aparece em primeiro plano (com uma concha metálica). Entre a vasilha com o cozido de galinha e Dona Zefa está uma vasilha menor, que contém feijão do roçado. Um vaso de vidro amarelo (‘duralex’) contém macarrão (cor branca), comprado na cidade e usado apenas em dias de visita. No prato de vidro azul há uma especialidade de Dona Zefa, preparada somente em ocasiões especiais: bolinhos de carne de veado, temperados com temperos dos canteiros suspensos. O jarro em primeiro plano contém farinha

do roçado de dona Zefa, com a qual se faz o pirão. Em cima de uma lata de leite em pó vazia está a lamparina a querosene. Vê-se também uma penca de bananas. Os copos são de vidro, e também sugerem luxo. O chão é de casca de paxiúba, utilizada cada vez com menos frequência pelos moradores, que a consideram um sinal de pobreza em relação ao assoalho de "madeira serrada".

Para tratar da qualidade de vida em uma certa localidade, dizem que ela "é boa de rancho", ou que "tem muita caça", expressões que indicam fartura de animais para a caça e, conseqüentemente, uma mesa farta. Também expressam muitas vezes avaliações sobre a vizinhança para julgar a qualidade da alimentação em determinado lugar. No dizer do Bagé: "Tal lugar era muito bom de viver, tinha muita caça e boa vizinhança". A "boa vizinhança" é uma garantia a mais de que a alimentação será completada com provisões esporádicas de carne doadas por vizinhos. Vizinho e vizinhança, nos termos locais, não se referem à proximidade espacial, e sim a uma relação de recebimento, doação ou reciprocidade de certas porções de carne.

Dada a importância local da carne nas refeições em relação a outros alimentos, deparei-me com cenas surpreendentes. Uma pessoa alegava estar passando fome pelo fato de não comer carne há um ou dois dias – enquanto outros alimentos, provenientes do roçado e da mata, estavam disponíveis em abundância. Em duas casas a cena foi praticamente a mesma: o chefe da família sentado em cima de grandes sacas de farinha, cercado por cachos e cachos de banana e de outras frutas, agradecendo minha visita e, ao mesmo tempo, desculpando-se pelo fato de não dispor de "nada" para comer naquele momento. Pensei até que, nesse caso, as desculpas fossem somente regra da boa etiqueta, mas depois de várias situações semelhantes compreendi que a ausência de carne em uma casa, mesmo com a abundância de outros alimentos, é mesmo sinônimo de fome.

Muitos chefes de família ficavam visivelmente abatidos quando eu chegava em sua casa e não havia alguma carne ou peixe para comer. Ficavam mais constrangidos ainda quando eu insistia que adoraria comer somente um mamão, um coco, algumas bananas ou uma pamonha de milho. Esse tipo de observação poderia soar como um insulto, do ponto de vista do anfitrião para quem frutas e verduras são comidas para animais de terreiro ou algo para comer nos intervalos do trabalho do roçado. Era como se eu estivesse dizendo que me contentaria com comida de porcos. Meu compadre Nonato, morador da foz do Bagé, ficava extremamente envergonhado quando não havia carne para oferecer, "somente" frutas e verduras. Felizmente ele esteve em minha casa em Campinas e viu que nossa alimentação básica na cidade era radicalmente diferente do cardápio basicamente carnívoro da mata, e correspondia em grande medida ao dos animais do terreiro.

Dieta de paulista e dieta de seringueiro

Os pedaços da mistura não podem desmanchar na panela e a água secar de modo a produzir um caldo com consistência mais grossa. Esse é um princípio básico da culinária do seringal. Durante a viagem de amigos seringueiros a Campinas, no estado de São Paulo, não consegui reproduzi-lo com sucesso em minha casa, o que acabou gerando certa frustração entre meus companheiros. Antes de perceber o que os incomodava, tentei vários cardápios que incluíam feijoada e vaca atolada, mas nenhum desses lhes pareceu satisfatório. Os lanches, muito comuns nas cidades, também não os agradaram, assim como macarronadas, salgadinhos, etc. O churrasco foi a exceção em uma série de fracassos culinários. Um dos maiores problemas, fui notando com o tempo, foi a impossibilidade de seguir as etapas de uma refeição considerada completa: tomar o caldo, misturar a farinha em mais uma pratada de caldo, fazendo o pirão e, por fim, comer a mistura.

Em geral as pessoas do Bagé achavam que essa dieta baseada na carne e na farinha seria estranha para mim, pois muitos deles ouviram dizer, e vinham questionar-me a respeito, que “em São Paulo não se come farinha nem carne de caça”. Também há uma teoria local segundo a qual as pessoas que vêm de São Paulo – ou do “baixo” – se alimentam muito de verduras, e por isso não se acostumam com a dieta do seringal, baseada na carne. Para comprovar considerações desse tipo, costumavam citar casos de pesquisadores vegetarianos que os visitaram ou mesmo outras viajantes cujos hábitos alimentares eram estranhos para os padrões locais, ou seja, comiam pouco e não tinham o costume da carne e da farinha⁴⁴. Comer pouco é, sem dúvida, uma das características principais das pessoas originárias do baixo e das cidades em particular. A experiência em receber paulistas e similares em casa comprovou essa característica alimentar desse tipo de gente.

Alguns moradores haviam viajado para São Paulo e podiam confirmar que a farinha era vendida lá, pois ninguém tinha seu próprio roçado ou recebia farinha de familiares do interior, era rara e ruim, e que a carne de caça não existia. Diante desse entendimento e de minha confirmação com relação à ausência de carne de caça e de farinha na dieta de São Paulo, alguns dos meus anfitriões procuravam adicionar vegetais, alguma fruta, ou ainda macaxeira cozida para adequar o cardápio.

Quando dois amigos seringueiros estiveram em casa visitamos o Mercado Municipal de São Paulo. Diante de um açougue especializado em carnes exóticas se depararam com os preços da carne de caititu, queixada e capivara. A primeira reação foi de inconformidade. Perguntaram-me: Como podia

⁴⁴ Dona Lousa, esposa de Nonato, lembrava-se de uma visitante estrangeira “que não sabia falar” e que não comia carne. Dona Lousa lembrava-se de ter sugerido ao marido: “—Será que ela não come cutiara, uma embiara que é mais leve a carne?”.

custar tanto? Ficaram um pouco mais conformados quando lhes assegurei, sem muita convicção, que a carne ali à venda era proveniente de animais criados em cativeiro, e por isso seu preço levava em consideração não somente o lucro, mas também os custos de sua criação. Mas, nesse caso, continuaram questionando, o quilograma dessa carne deveria custar o mesmo que o quilograma da carne de boi, também resultado de criação em fazendas. Argumentei então que a escala de produção e o poder aquisitivo dos consumidores eram também fatores determinantes para a formação dos preços. Os criadores desse tipo de animais para abate necessitam, dizia eu sem muita certeza, de certas licenças ambientais que lhes acrescentam custos inexistentes para os criadores de gado, por exemplo. Além disso, em cidades como São Paulo, carnes desse tipo são consideradas exóticas e marcadores sociais de certa sofisticação e status econômico e social. Esse tipo de coisa, dizia eu com cada vez mais insegurança, valorizam o produto. Só o fato de sua venda estar restrita a locais como o Mercado Municipal de São Paulo, conhecido justamente por oferecer produtos mais sofisticados, caros e inexistentes na maioria da rede comercial, já agregava um valor adicional ao produto.

Para tentar amenizar o susto com os preços lembrei que a carne de caça em Cruzeiro do Sul também era mais cara do que a carne de boi. Concordaram, porém não era possível esse tipo de comparação. Em primeiro lugar devido ao tamanho da diferença dos preços – a diferença entre o preço da carne de caça e carne de boi em Cruzeiro do Sul é infinitamente menor que diferença em São Paulo; em segundo lugar, a carne de caça só é mais cara que a de boi na cidade de Cruzeiro do Sul porque sua comercialização é ilegal e aqueles que vendem esse tipo de carne na cidade inserem no preço de venda o risco associado à sua ilegalidade.

Ainda quando estávamos no Mercado Municipal de São Paulo, consideraram que se as pessoas do Acre resolvessem vender carne de caça para São Paulo poderiam ganhar muito dinheiro. Nesse caso, imaginamos, os custos de transporte talvez não compensassem ou mesmo inviabilizassem o negócio. Assim como a borracha, produzida pelos seringais paulistas, a carne de animais silvestres produzida no sul sempre seria oferecida por preços menores do que a carne de eventuais criações no Alto Juruá. Mas a percepção que mais os comoveu foi a clara inviabilidade para moradores da cidade com poder aquisitivo reduzido de comer carne de caça. Se não havia onde caçar, e se os preços da carne de caça e de boi eram tão absurdos, seria realmente inviável economicamente para pessoas extremamente pobres consumir esse tipo de produto. No seringal, em contrapartida, a carne de caça, além de ser mais valorizada, especialmente as carnes de certos animais como o veado, o queixada e o caititu, representa algo básico na dieta também por ser independente do mercado. Trata-se de algo negociado em termos não monetários e junto a outro universo, conforme veremos mais adiante. Nesse sentido, é acessível

mesmo para quem não dispõe de recursos financeiros e garante, nos termos do próprio Nonato, “o sustento do homem do interior”.

Quando estiveram em Campinas, na república estudantil onde eu morava, o país estava apurando os resultados do referendo que tratava do desarmamento. Os moradores da república de estudantes e as pessoas com quem eles conversavam, em geral do meio universitário, eram, via de regra, a favor do fim da comercialização de armas de fogo no país. Inicialmente esse posicionamento era incompreensível para meus dois amigos seringueiros. Nonato considerava que a aprovação de uma lei no sentido de dificultar ou mesmo impedir a posse de armas de fogo equivaleria a “matar de vez os pobres de fome”. Segundo seu ponto de vista, depois da queda do preço da borracha, esta seria a sentença de morte dos seringueiros. Indignava-o o fato de algum governo pensar em uma lei que condenasse a população mais pobre à fome, na medida em que a impossibilitaria de ter acesso ao sustento oferecido pela atividade de caça.

A experiência na república estudantil tornava cada vez mais evidentes as diferenças existentes entre as dietas e os modos de vida praticados entre as duas realidades, a do seringal e a da cidade grande, que por sua vez conduziam a reflexões e novas suposições para explicar, por exemplo, a diferença entre os corpos. Até onde pude compreender, do ponto de vista de Nonato e Caboré, a diferença entre os corpos de moradores dos seringais e de cidades como São Paulo e Campinas em grande parte explica-se pelas diferenças encontradas em seu modo de vida e em sua dieta.

Observando o corpo das mulheres, as observações eram similares sobre como esse corpo era moldado pela dieta e modo de vida. Havia, porém, indícios que contradiziam as teorias locais a respeito da alimentação em São Paulo. Na maioria das vezes esses indícios estavam relacionados às diferenças entre os corpos dos paulistas e similares e os corpos dos moradores do seringal ou do Alto, incluindo aí o raio de abrangência espacial mais recorrente entre os moradores, que em geral se estende até abaixo de Cruzeiro do Sul e inclui também outras cidades acreanas. Os paulistas, ou gente do sul, ou ainda, as pessoas que vêm de baixo, são geralmente mais gordos e mais altos, pelo menos essa é a percepção geral. São também mais “moles”. Isso significa que mesmo a gordura dos paulistas é diferenciada, não se converte necessariamente em saúde e força física. A pele também é em geral muito branca e menos afeita ao sol escaldante das viagens de canoa. Até onde percebi, esse corpo está diretamente associado ao estilo de vida e à dieta do baixo, enquanto o “corpo seringueiro” estaria associado também diretamente à dieta e à vida no Alto.

A gordura, traço associado aos paulistas, é relacionada à saúde e à boa alimentação, o que significa uma

dieta de muita carne, e a uma vida sem grandes sofrimentos e esforço físico. Mas essa concepção se chocava com o fato de que os visitantes vindos de São Paulo comiam pouca carne e pouca farinha. Para compensar, havia o fato de que pessoas de São Paulo não costumam trabalhar pesado e se alimentam com muitos produtos industrializados, que “são mais baratos” do que no sul do país: “comem muito pão, bolacha, macarrão”. Grande parte das perguntas que os moradores do Bagé me faziam dizia respeito à alimentação e aos preços das coisas em São Paulo, em especial de alimentos, motores e aparelhos eletrônicos, como rádios, relógios e televisões. Os preços na cidade são uma fixação local.

Os perigos da carne e da farinha

Metade da refeição ideal está sempre assegurada. Nunca falta farinha de mandioca. A possibilidade dessa ausência nem é considerada. Farinha é o acompanhamento para quase tudo que se come ou que se bebe, e sua presença é constante e sempre farta. A fronteira entre a residência e o roçado é apenas visual. De fato, não existe uma residência sem roçado, do mesmo modo que não existe uma residência sem cozinha ou sem fogão. Quando viajaram para São Paulo, uma das preocupações de nossos amigos seringueiros era trazer com eles a farinha.

O segundo componente da refeição, a carne, é tão esperado quanto o primeiro; porém, possui um caráter de incerteza com relação a sua presença, algo que não ocorre no caso da farinha. Os animais do terreiro não constituem um substituto imediato e óbvio para a ausência de carne de caça. Não são considerados simplesmente como equivalentes, no que diz respeito ao componente principal do caldo. O animal do terreiro é uma criação de Deus e uma propriedade e responsabilidade das famílias que o criam. O animal da mata e o peixe do rio, por sua vez, são também criações divinas, mas propriedade e responsabilidade de outros que não os humanos. Esse tipo de consideração geral se expressa de inúmeras maneiras, mas uma formulação verbal, escutada pela primeira vez por mim em 1998, proferida por uma senhora chamada Dona Aida, moradora do rio Juruá, talvez seja mais eficiente para expressá-la. Ela dizia, a respeito do tempo em que os animais eram abatidos para que suas peles fossem vendidas em Cruzeiro do Sul, que ninguém tinha direito de tirar a vida de algo que não havia criado e nem havia zelado para vender. O animal da mata não havia sido criado nem zelado pelo caçador, portanto, ele não teria direito de matar para vender, nem sua pele, nem sua carne. Por outro lado, o animal do terreiro, considerado como investimento e como propriedade verdadeira, na medida em que imbuído do trabalho da família, também não pode ser utilizado simplesmente como substituto do animal da mata na composição do caldo. Isso porque o investimento de trabalho da família possui uma

série de limitações bem conhecidas por eles próprios e, evidentemente, como administradores de um conjunto de recursos, não se pode simplesmente dispor de suas reservas sem nenhum cálculo ou planejamento.

Resumidamente, teríamos: a utilização do animal do terreiro na dieta pressupõe uma decisão que não extrapola a esfera familiar, mas exige um cálculo; já a farinha independe de cálculos, é da esfera doméstica e pode ser produzida em abundância; por fim, o animal da mata e o peixe do rio não dependem apenas da decisão do pescador ou caçador, mas de uma negociação, pois se encontram fora dos domínios, fora do território, de nosso morador.

Origem dos alimentos

Como dizem os moradores, pouca coisa no seringal “é do comprado”. Com exceção das misturas compradas no mercado e na cidade, do óleo e do sal, nenhum dos outros ingredientes da dieta é adquirido mediante a troca por valor monetário ou mesmo por borracha. Algumas vezes, quando foi morto um boi ou um porco, vi pessoas pagarem com dinheiro parte de sua carne aos seus proprietários. A carne de animais da mata é sempre vizinhada, nunca vendida, entre um grupo de trocas recíprocas previamente determinado. Os peixes, dependendo de sua quantidade, também são vizinhados. Animais do terreiro também entram nas redes de vizinhança, mas com esses percebi que há casos menos raros de venda para algum vizinho. Os aposentados e novos assalariados parecem estar alterando um pouco esse quadro. Seu Antônio de Barro, um senhor com mais de setenta anos, disse-me que já não caçava mais e vivia de aposentadoria. Nessa condição, e sem filhos homens ao seu redor, vez ou outra comprava carne de caça de um de seus vizinhos.

O roçado e, portanto, a farinha produzida a partir dele, é uma extensão da casa, na medida em que todas as casas são conectadas a pelo menos dois roçados. A farinha consumida em cada casa é de fabricação própria. Com raríssimas exceções, toda a farinha consumida em uma casa é produzida pela própria família em roçados de sua propriedade. No que diz respeito aos trabalhos nos roçados ou mesmo na farinhada, nome dado ao processo de fabricação de farinha a partir da mandioca, às vezes há participação de pessoas que não pertencem ao grupo familiar, mas nesses casos há troca de dias de trabalho ou pagamento de diárias. Componentes de diferentes residências podem trabalhar conjuntamente nas atividades do roçado ou da fabricação de farinha; contudo, todas as casas que visitamos possuíam ao menos dois roçados de roça, ou seja, de mandioca. Um “roçado novo”, onde se estava cultivando naquele ano, e um “roçado velho”, de onde se estava “arrancando” mandioca para

produzir farinha, fornecem elementos da dieta não somente para os moradores como também para os animais de criação.

Em algumas poucas situações os moradores podem ficar sem sua própria farinha durante alguns meses, quando fazem mudanças bruscas de localidade devido a algum problema ou conflito. Nesses casos, por vezes não há tempo de botar um roçado na nova colocação antecipadamente ou fazer um estoque de farinha a partir do roçado da colocação antiga. Assim, sacas de farinhas de parentes ou mesmo de vizinhos são emprestadas ou trocadas por dias de trabalho nos roçados. Mesmo assim, são casos isolados, pois a mudança de uma localidade para outra é precedida de um planejamento que na maioria dos casos inclui a colocação do roçado na nova localização meses antes da própria mudança de residência, de modo que quando a família se muda para a nova casa ela já pode arrancar parte dessa roça e fazer farinha. Além disso, no caso de mudança prevista, a família desmancha todos os roçados da antiga localidade, arranca os pés de roça, e deles faz uma provisão de farinha.

Nos roçados, além da roça de mandioca, são cultivados o milho, o feijão, o mamão, a banana, o arroz e o tabaco. A produção dos roçados é utilizada para a alimentação da família e da criação. Além disso, como já disse, com cada vez mais frequência e em quantidades cada vez maiores, parte da produção agrícola é comercializada. As frutas e outros produtos da mata de origem vegetal são extraídos conforme a necessidade e a vontade dos moradores. Assim é feito com as diversas frutas e os vinhos das palmeiras como açaí e bacaba, por exemplo. Os alimentos de origem vegetal como a farinha e as frutas provêm basicamente do cultivo e da coleta.

Já no caso da carne e da pesca, suas fontes são diversas e dependem não só do esforço, mas das condições locais e da sorte; de recursos monetários para o caso de comprá-la; de condições para sua criação no caso de animais do terreiro; e mesmo de bons vizinhos no caso de recebê-la de vizinhança. De certa maneira a carne é um recurso mais incerto do que a farinha devido à diversidade de fontes e diversidade de condições externas que devem ser observadas para obtê-la em quantidade suficiente para suprir a demanda da família. Em uma palavra, e especialmente, a farinha é um produto doméstico, enquanto a carne de caça é um produto de certa maneira importado, que precisa ser negociado com a mata.

Os caminhos da comida

Apresentado um quadro geral sobre os componentes da alimentação, a dieta considerada satisfatória e

os riscos envolvidos na obtenção do prato satisfatório cotidiano, examinaremos agora mais detidamente a espacialização dos fluxos do alimento em torno de seu principal vértice, o assoalho da cozinha, onde tradicionalmente são servidas as refeições.

Cozinha, o espaço da refeição

A cozinha é o espaço da mulher. É a mulher quem organiza as refeições e os trabalhos na cozinha. Nela há, via de regra, um jirau, pequeno trapiche de madeira na janela da cozinha, e um fogão de barro. Panelas brilhantes penduradas pelas paredes. Algumas casas já possuem fogão a gás, é um sinal de riqueza. Grandes barricas de plástico ou grandes panelas armazenam a água para cozinhar e para a limpeza. Muitas vezes são águas diferentes: principalmente quando o rio é mais próximo da cacimba ou do igarapé, há um vaso com água do rio para a limpeza e um vaso com água da cacimba ou do igarapé para beber e cozinhar. A água do rio em geral é mais barrenta, menos límpida. Algumas casas possuem um aposento menor adjunto à cozinha onde se instala o fogão de barro à lenha de modo que a fumaça não se concentre na cozinha. Quando os moradores conseguem adquirir telhas de alumínio, também símbolo de melhor situação monetária, as cozinhas ainda sim mantêm, em alguns casos, a cobertura de palha para facilitar e tornar mais barata sua substituição. Isso porque na cozinha a fumaça do fogão a lenha produz uma fuligem que escurece a cobertura, seja ela de alumínio ou palha.

Dois trabalhos são freqüentes nas proximidades da porta da cozinha: o corte de lenha e o carregamento de água. A lenha, quando em grandes quantidades, é buscada pelos homens ou adolescentes homens, enquanto a própria mulher muitas vezes se incumbem de partir os pedaços menores, já deixados pelos homens perto da cozinha. Buscar água é uma tarefa feita durante todo o dia por meninos, meninas e adolescentes de ambos os sexos. Dependendo da quantidade necessária, em dias de visita, os homens também auxiliam nessa atividade. Geralmente também existe um tambor de farinha na cozinha, sempre abastecido para o consumo diário. Próximo à porta da cozinha as mulheres mantêm, com a ajuda de filhas adolescentes, um canteiro suspenso onde cultivam a maior parte dos temperos que utilizam. Fica suspenso para evitar insetos e excesso de chuva. No piso fica a tábua de carne, na qual a mulher trata a carne e pica os condimentos para preparar os cozidos. Todo o trabalho é feito no piso, constantemente varrido por filhas mais novas. Todo o abastecimento da cozinha é feito por uma porta própria, pela qual chegam a carne de caça, a farinha, a macaxeira, os produtos do roçado, os peixes, a água e a lenha.

As mulheres na cozinha trabalham agachadas, de cócoras, numa posição em que conseguem se manter por horas tranqüilamente. As facas e utensílios utilizados na cozinha ficam dependurados nas frestas das madeiras ou paxiúba que formam as paredes. São raras as mobílias e os poucos utensílios e panelas

se espalham pelas paredes. A cozinha, por vezes, é um entra e sai de crianças, cuidadas pelas maiorzinhas, enquanto a mãe se divide entre seus afazeres e as ordens para os filhos. O chão, cheio de frestas, é varrido constantemente e os “ciscos” caem no espaço embaixo da casa, freqüentado por galinhas, patos e algumas vezes porcos que se alimentam desses resíduos da cozinha.

Quando o caçador chega com a caça pela porta da cozinha, algumas vezes já traz o animal sem o couro e sem o feto, ou senão ele mesmo, na maioria das vezes que presenciei, pendura o animal em um esteio e tira o couro do animal ali mesmo, na cozinha, para só então passar a carne do animal para sua esposa ou filha, que será responsável por ela dali em diante. Na tábua de carne, a mulher ou as mulheres desossam parte da carne e a picam em pequenos pedaços. Cuidam também da carne no jirau, principalmente dos peixes, local onde também lavam pratos, talheres e demais utensílios. A água utilizada nessas operações escorre pelo jirau para o chão; também ali porcos, patos e galinhas se alimentam. Utilizam buchas e uma caneca, ou vaso, como chamam, para jogar a água durante a lavagem.

Picada a carne e os temperos, estes são colocados na panela, em geral de pressão, para cozinhar no fogão a lenha. O fogão é mantido quase constantemente aceso e durante o dia é feito muito café, bem ralo. Algumas vezes, com visitas ou na falta de mistura, também fazem arroz, feijão, milho ou macaxeira cozida. Cabe à mulher também alimentar a criação do terreiro e manter com as meninas a casa bem limpa, passando vassoura e pano no assoalho várias vezes por dia.

A cozinha recebe água proveniente de três fontes possíveis: o rio, a cacimba e o igarapé ou olho d'água. Quando é possível, a água do rio não é a mesma utilizada para o consumo; preferencialmente se usa para isso água de um igarapé ou olho d'água e/ou de uma cacimba. Em geral são as crianças, a partir de seus sete ou oito anos, e adolescentes os responsáveis por essa atividade, muitas vezes realizada várias vezes ao dia, conforme necessário. Com uma lata, balde ou vaso grande os responsáveis transportam a água sobre a cabeça, muitas vezes de distâncias razoáveis e subindo barrancos. A água é depositada em barris e vasos maiores que ficam na cozinha, muitas vezes próximo ao jirau. A água é utilizada na limpeza da casa (água do rio preferencialmente) – após varrer passa-se um pano – para beber e preparar alimentos e para lavar utensílios no jirau, de onde escorre para o terreiro abaixo.

Na cozinha ou próxima dela, no corredor, também se costuma armazenar a farinha vinda do roçado, que, assim como a água, em geral chega pela porta da cozinha. Quem carrega a farinha, no entanto, são os homens formados que, conforme a farinhada na casa de farinha, vão enchendo as sacas para em seguida carregá-las nas costas pelo caminho até a casa. Nem toda a farinha produzida é destinada à

casa; boa parte ficará bem acondicionada nas sacas de cinquenta quilos para a venda na cidade por meio de embarcações. Nesse caso, as sacas não ficam necessariamente na cozinha ou mesmo entram por sua porta. Podem entrar pela sala, sendo acomodadas nela mesma ou em algum outro cômodo, como numa saleta entre a cozinha e a sala quando o corredor é largo o suficiente para a constituição de um espaço como esse ou em qualquer outro. Os tamanhos dos cômodos podem variar muito de casa para casa, em algumas a sala é bem menor que a cozinha ou vice-versa. A exigência para o acondicionamento das sacas de farinha é que o local seja seco e livre da chuva, ou dentro da casa. Não existem construções específicas para isso. A parte da produção de farinha destinada ao consumo varia muito conforme o tamanho da família e a produção realizada no ano. Quando os moradores visam vender muita farinha em determinado ano, e isso é cada vez mais freqüente, chega-se a produzir duzentas sacas de farinha, uma quantidade inimaginável anos atrás, quando a seringa ainda era uma importante fonte de renda. Um exemplo: em um conjunto de casas de um mesmo grupo familiar a produção de farinha é coletiva, envolvendo os moradores de mais de uma casa, o pai e seus filhos casados que moram próximos. A produção de duzentas sacas de farinha destina pelo menos meia saca de farinha para o consumo mensal por casa. No caso, eram três casas envolvidas no rateio, sendo que a casa do pai consumia mais farinha, em média 40 kg por mês ou quase 1,5 kg por dia. Isso porque além de possuir mais filhos pequenos morando com ele do que seus filhos casados, com um ou dois filhos bem pequenos cada um, os filhos casados e suas esposas almoçam e jantam muitas vezes na casa do patriarca. Assim, tanto quanto a farinha, os resultados das caçadas de qualquer uma das famílias tendiam a ser centralizados na casa dos pais para depois serem divididos entre as outras casas. Esse não é um padrão geral, varia muito conforme a localidade.

Também a partir do espaço da cozinha a mulher cria os animais do terreiro. Eles estão sempre em volta de sua porta e embaixo do jirau e da própria casa para receber os restos e a alimentação que lhes é reservada. Macaxeira, abóbora, mamão e outros cultivos do roçado e do terreiro são picados e distribuídos pela mulher e por suas ajudantes aos animais em vários momentos do dia. Diariamente são trazidos do roçado e do terreiro os elementos que compõem a dieta dos animais, distribuída a partir da porta da cozinha.

Pela porta da cozinha também se entra na casa a lenha, durante todo o dia, utilizada no fogão feito de barro nos mais diversos formatos. Como é um trabalho mais pesado, também cabe aos homens trazer grandes pedaços de madeira seca para um local próximo à porta da cozinha. Os mesmos homens ou as próprias mulheres responsáveis por cozinhar partirão a lenha em pedaços menores que alimentarão o fogão. Algumas casas possuem fogão a gás que utilizam botijões, mas mesmo quando os têm são pouco

utilizados, em parte devido à dificuldade de conseguir novos botijões, devido ao preço e ao transporte, e em parte devido ao fato de as mulheres acharem mais eficiente o fogão à lenha, embora sejam um objeto que confere certo status econômico à família e sejam elogiados por não produzirem a fumaça que toma conta da cozinha e enegrece as paredes e o teto por dentro.

Outros produtos do roçado também adentram a casa pela porta da cozinha, como a banana, o arroz, o feijão, o milho e mesmo o tabaco. São processados fora, no caso de bater o feijão e pilar o arroz, mas depois de beneficiados entram pela porta da cozinha para compor parte de algumas refeições. O mesmo ocorre com frutos da floresta, sobretudo aqueles que depois de processados na própria cozinha transformam-se nos vinhos muito apreciados pelos moradores: a bacaba, o açai e o patoá, por exemplo.

Do Porto

Os componentes da dieta local são praticamente todos provenientes do trabalho da família e de seus vizinhos. Pouca é a dependência do mercado para a composição do que vínhamos descrevendo como a dieta básica. Ainda sim, produtos do mercado urbano e industrial são cada vez mais presentes nas cozinhas das famílias.

Nas casas dos moradores que vivem próximos à Vila de Marechal Thaumaturgo e nas casas onde há alguma renda monetária, ingredientes do mercado são cada vez mais comuns nas refeições e modificam aos poucos o padrão básico do cardápio. Macarrão, bolachas, doces, conservas, sucos artificiais e manteiga são mais freqüentes na alimentação das pessoas. Nas casas de alguns aposentados e de funcionários assalariados da prefeitura, para citar alguns exemplos, são cada vez mais comuns na refeição alguns desses itens anteriormente ausentes. Das cidades as pessoas também trazem café em pó, açúcar refinado e leite em pó para complementar a dieta. Também é da mulher a incumbência de administrar esses produtos em sua cozinha.

Mapa 18 Localidade de Caboré em 2000



(Raimundo Farias Ramos, 2000)

Este é um mapa feito por Raimundo Farias Ramos de sua casa em 2000. Na época ele morava na colocação Floresta na Boca do Igarapé Pavilhão, um pouco acima da Seringueirinha. Como no mapa anterior de Élson, há uma preocupação para que todos os objetos estejam unidos por caminhos. Os caminhos e o rio estão em destaque junto com a casa. Nesse mapa ele desenhou todas as suas roças daquele ano, suas áreas de cultivo de feijão, três roçados de roça. Os roçados são contornados por uma linha bem marcada e que mantém a continuidade entre os roçados, os caminhos, a casa e o rio. Note-se que os únicos objetos “soltos” no desenho, não conectados diretamente ao caminho e em consequência a tudo mais, são as plantas de feijão e de roça; contudo, os contornos dos roçados as mantêm dentro de um espaço bem definido. Nos desenhos anteriores poderíamos tomar o contorno do roçado como o aceiro, porém, no desenho de Caboré percebemos que são realmente contornos preocupados em

delimitar as fronteiras do roçado e dos caminhos em relação à mata, pois é possível ver que a terra onde as plantas estão fixadas ocupa uma posição determinada dentro do contorno.

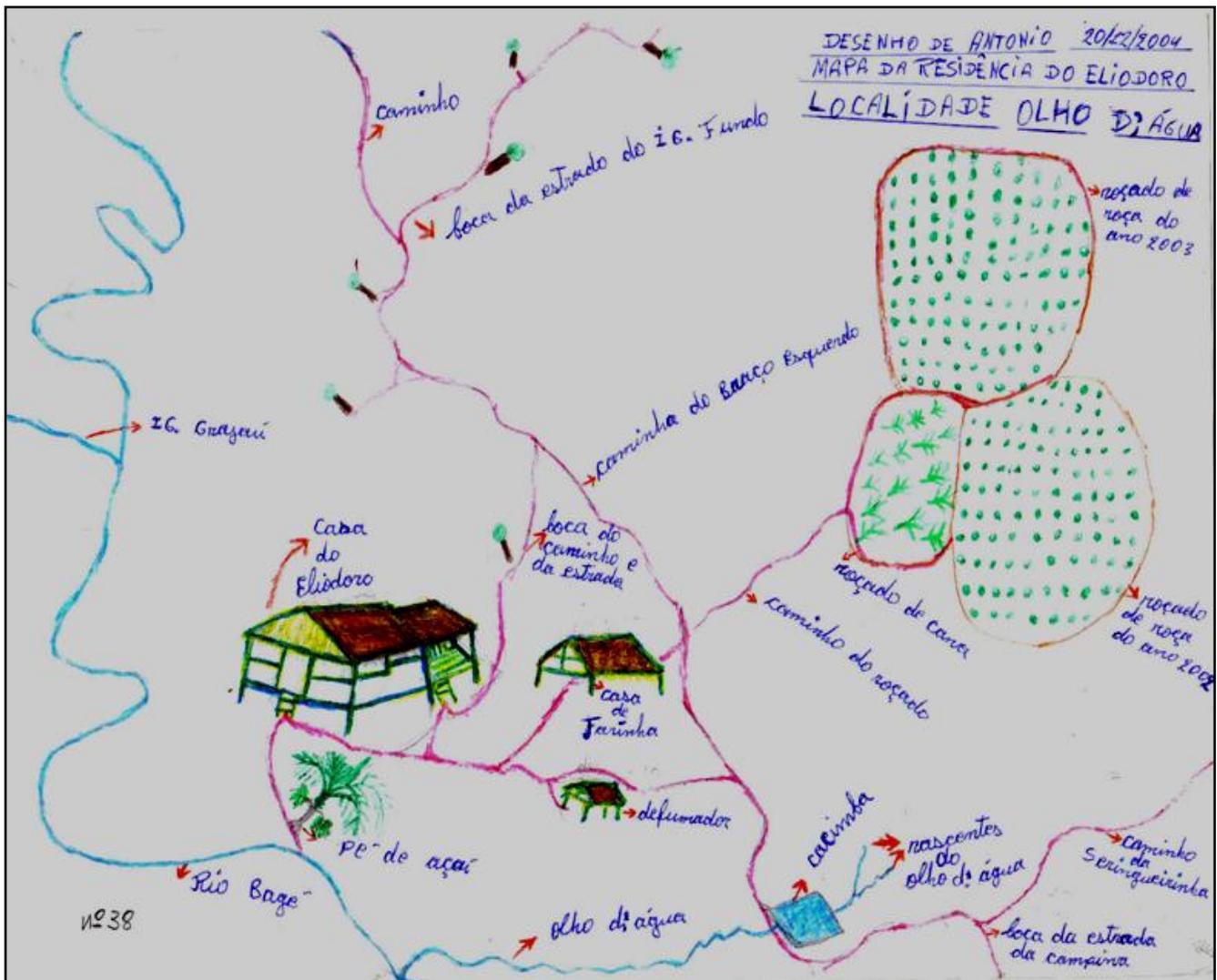
Embora nunca tenha existido na história dessas famílias uma autonomia total do mercado – ao contrário, na história e mesmo na memória das pessoas mais velhas ainda está registrado o tempo em que com o valor da venda da borracha se comprava de tudo, até mesmo farinha –, o cultivo familiar e as atividades de caça e de pesca sempre garantiram a maior parte da dieta dos moradores. Mesmo assim, alguns itens do cardápio sempre vieram do mercado. Primeiro, através dos patrões na época dos seringais; depois, através da associação por meio das cantinas; e agora, comprados diretamente em Thaumaturgo, onde o comércio se expandiu recentemente e substituiu em grande parte a necessidade de ir até Cruzeiro do Sul para fazer alguma despesa. O óleo e o sal para a culinária, o sabão para a limpeza, o querosene para as lamparinas, a pólvora e o chumbo para as espingardas sempre foram produtos de primeira necessidade e adquiridos no mercado por meio de intermediários ou não.

Mesmo substitutos eventuais da carne na refeição podem, raramente, ser originários das cidades e seus mercados. Enlatados de várias qualidades em casas com boa renda monetária podem algumas vezes substituir a carne de outras origens como componente central da refeição.

Do Terreiro

O terreiro também é fonte de carne para parte das refeições. Quase todos os moradores criam galinhas. Alguns criam ainda patos, porcos, capotes, bodes e cabras. Em geral esses animais são criados soltos no terreiro e em uma quantidade restrita à possibilidade de alimentá-los e ao consumo da casa. Os porcos parecem ser cada vez mais raros, pois são fonte de problemas com os vizinhos. Principalmente em locais onde as casas são próximas e existem muitos moradores é muito difícil manter os animais longe dos roçados e plantações dos vizinhos. As invasões dos porcos em roçado alheio muitas vezes transformam-se em contenda entre moradores. As galinhas, patos e outras aves pequenas, como o capote e mesmo o peru, são criadas próximas às casas. Os porcos se alimentam de roça e milho trazido do roçado com este fim e dos restos de comida da casa. Os animais do terreiro são considerados tanto como reserva de carne, para o caso de faltar a da mata, quanto como investimento e possibilidade de algum retorno financeiro no caso de serem vendidos.

Mapa 19 Residência do Eliodoro



(Antônio Oliveira Cunha, 2004)

Antonio Oliveira da Cunha, Tonho do Eliodoro, também desenhou o mapa acima em resposta à pergunta sobre “o lugar onde você mora”. Aqui a casa aparece menos central e vista numa escala ligeiramente mais abrangente: mostra a casa e o roçado em um eixo diagonal, e a cacimba e as estradas de seringa em outra. Tonho representou os caminhos com a cor vinho interligando a casa, o roçado (e a casa-de-farinha) e as estradas de seringa; desenhou também com clareza o curso do rio, com igarapés e a cacimba que alimenta a casa. Também aparecem, além da casa-de-farinha e do defumador, um pé de açai que fica bem em frente da casa e que pode ser visto de muito longe quando chegamos de barco pelo rio. Também aparecem representações de algumas seringueiras para distinguir aquilo que é só caminho daquilo que é, além de caminho, estrada de seringa.

Os roçados de cana, de roça de 2002 e de roça de 2003 são circundados por um contorno com a mesma cor dos caminhos – talvez simbolizando o aceiro do roçado. Para mim, as fronteiras entre roçado e mata não são assim tão claras; para o morador, vemos apenas a fronteira em torno do roçado, mas não a mata que começa a partir dessa fronteira.

Um detalhe importante neste e em outros mapas: há uma conectividade completa entre todos os elementos do mapa, exceto pelos pés de roça e de cana nos roçados. Neste último caso, contudo, todos os pés estão completamente delimitados pelo contorno dos roçados, nitidamente representados em vermelho. Não há nada no mapa que seja desconexo: podem-se percorrer com a ponta de um lápis todos os elementos do desenho sem desencostar o lápis do papel. Note-se que elementos como o rio, as seringueiras, a nascente e o açaí são naturais no sentido estrito do termo, ou não produzidos pela vida social, mas são espaços e elementos que agora fazem parte do universo dos homens mansos, foram amansados para pertencer a essa continuidade.

Nas localidades maiores e onde a caça é mais escassa, é cada vez mais comum a venda de animais do terreiro para as refeições. Isso também acontece com mais freqüência no caso de velhos aposentados, que não possuem vizinhança próxima, mas que possuem o rendimento fixo da aposentadoria. Devido à dificuldade de caçar eles compram animais do terreiro e mesmo caça de seus vizinhos. É o caso de dona Alzira e seu Antônio de Barro, que moram nos Campos Elíseos, ambos aposentados e sem filhos homens morando próximos.

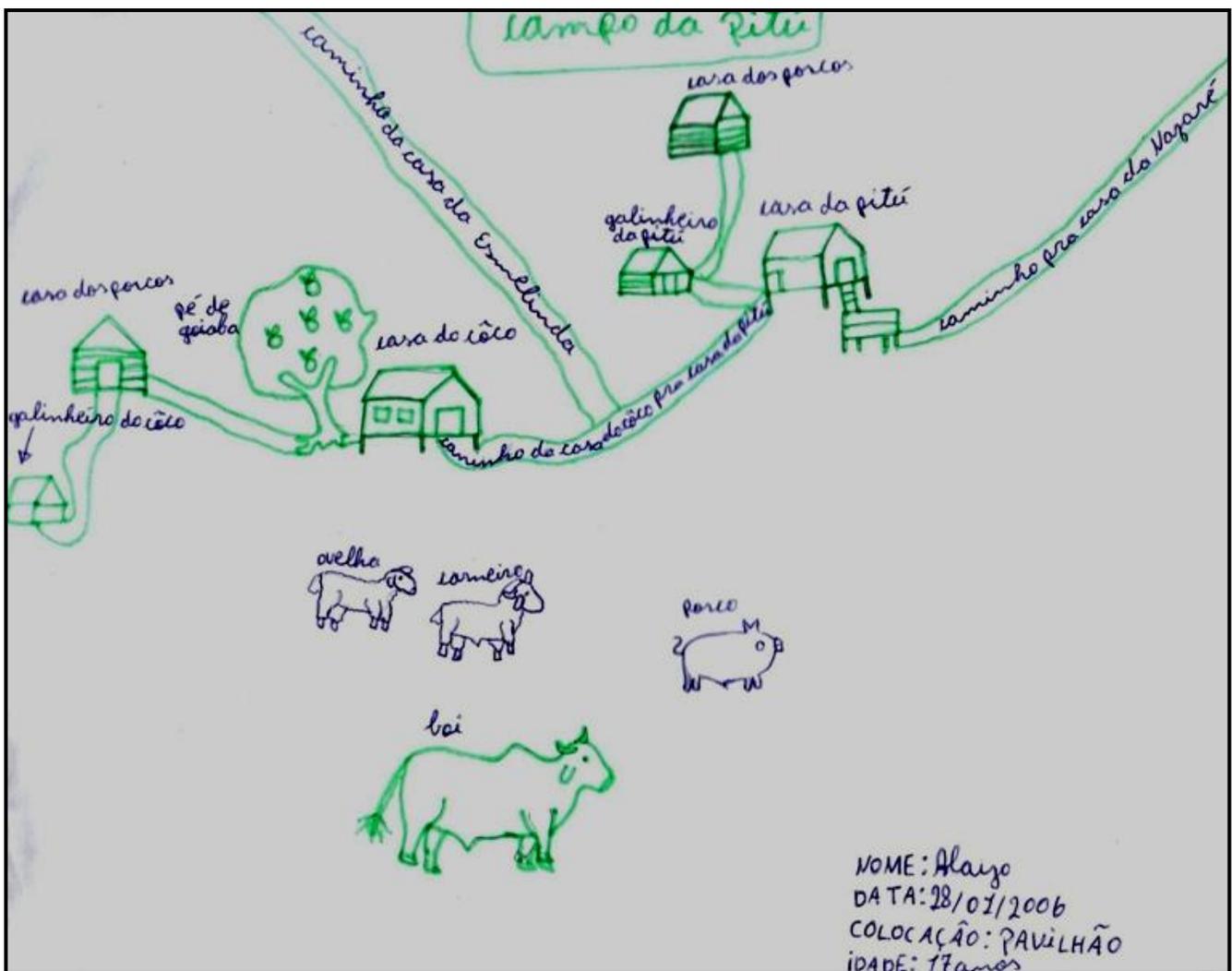
Porcos e mesmo galinhas e patos algumas vezes são vizinhados. No entanto, ao contrário do que acontece com a carne da caça, são muitas vezes criados para a venda. É comum vender um animal do terreiro diante da necessidade de ter algum dinheiro para uma viagem ou mesmo pagar uma passagem para a cidade com uma galinha ou um porco. Os animais do terreiro são muitas vezes utilizados como moeda ou como fonte de recursos.

Do Campo

Coisa parecida acontece com o gado. Os moradores cada vez mais se interessam em criar gado por causa do retorno financeiro que ele pode dar. Os campos para criação são cada vez maiores e mais numerosos em toda a Reserva, embora sua criação seja coibida por um certo número pelas regras de utilização da Reserva Extrativista. Além disso, é preciso complementar a alimentação do gado com produção agrícola, coisa muitas vezes complicada para as famílias, que precisariam gastar muito tempo em roçados muito grandes para alimentar uma grande quantidade de cabeças de gado. Mesmo assim sua criação está crescendo em toda a Reserva, inclusive no rio Bagé. Moradores que possuem renda e

podem tanto pagar diárias para outros moradores em seus roçados quanto aumentar seus campos estão investindo bastante em gado. Mais do que servir para a alimentação da família, o gado é vendido em Thaumaturgo e para grandes festas e banquetes na própria Reserva. Alguns moradores criam gado, mas raramente vendem. Com famílias extensas, eles acabam matando para comer e vizinhar em alguma oportunidade especial. Na última viagem estive em um churrasco na casa de Zé Elias, morador da Foz do Bagé, que tinha matado um boi muito grande para comemorar a visita de três de suas filhas que estão estudando e trabalhando em Rio Branco. Nesses momentos quem chegar à casa come carne assada com farinha até se faltar.

Mapa 20 Colocação Pavilhão



(Alayso Ramos, 2006)

Alayso, filho de Dona Pitu, desenhou as construções do campo (casa dos porcos, galinheiros nomeados e casas), totalmente conectados por caminhos. Os caminhos interligam as casas de Pitu (mãe de Alayso) e de seu irmão Coco, conectando também as 'casas dos porcos' e os galinheiros de cada casa, bem

como conectando todo o campo para casas de vizinhas – ‘caminho pra casa da Nazaré’, os ‘caminho da casa da Esmeralda’ – os animais do terreiro (ovelha, boi, carneiro) e as casas de outros animais de criação que não foram desenhados, como as galinhas e os porcos. Aparentemente, o gado está solto – mas vemos pelo título do mapa ‘Campo da Pitu’ – que as fronteiras do próprio mapa são as fronteiras do campo. Assim, também o gado está encerrado dentro de fronteiras. A estrutura conexas dos caminhos, o campo como ambiente circundante e a ausência da floresta estão presentes como nos mapas anteriores.

Do rio

O peixe também é componente importante da dieta dos moradores, mas, de certo modo, pelo que percebi com relação às preferências de cardápio local, sua função é somente substituir a caça em períodos do ano ou em locais em que é mais difícil consegui-la. No verão amazônico, quando há uma estiagem prolongada e os rios estão mais secos, a atividade de pesca é mais intensa e o peixe substitui em parte a carne de caça como componente principal da refeição. Em áreas de densidade populacional mais alta os peixes costumam ser a saída usual para a escassez ou dificuldade de obter caça da mata.

Também do peixe é feito um caldo, os pedaços do peixe são separados para servir e da mistura do caldo do peixe com a farinha se faz o pirão. Mesmo assim é possível afirmar com certa segurança que a refeição com o peixe não alcança o mesmo status entre a maioria dos moradores que uma boa caldeirada de veado ou caititu. Tanto é que moradores do Bagé costumam desdenhar da vida na Beira do Juruá e em outros locais da Reserva em que há um consumo maior de peixes, devido à proximidade com o rio e à dificuldade de conseguir caça. Na boca do Bagé, onde o adensamento populacional é maior e as áreas de caça sujeitas a maior pressão dos caçadores que nas cabeceiras, os moradores reclamam de ter que “apelar para o marisco”. Ou seja, muitas vezes as caçadas são infrutíferas e a solução para uma refeição é tentar algum peixe no rio.

A pesca ou marisco é uma atividade mais democrática do que a caçada. Mulheres e mesmo crianças pequenas costumam pescar ou mariscar, como eles dizem. Utilizam três técnicas básicas para a pescaria: o anzol, a tarrafa e a manga. Dona Lousa, moradora da Foz do Bagé, é uma mãe que costuma contribuir com a alimentação de sua casa com peixes mesmo durante o período do inverno, pois na região onde vive com Nonatinho, seu marido, e seus muitos filhos é muito difícil obter caça. Devido à quantidade de moradores próximos à sua casa e ao espaço limitado para a caça nas proximidades, seus filhos mais velhos, aqueles casados que moram no mesmo terreno que ela, e Francisco, que ainda é solteiro e mora com seus pais, bem como seu marido, Nonatinho, estão indo cada vez mais longe para

caçar. Nas matas próximas, na maioria capoeiras, os animais, mesmo embiaras, são cada vez mais raros.

Dona Lousa e seus filhos pequenos costumam pegar uma canoa para mariscar perto do porto de sua casa. Ela normalmente marisca com anzol e durante o verão usa também a tarrafa. Quase sempre consegue garantir alguma janta para a família. Senhoras mais idosas também apreciam pescar com anzol e muitas delas garantem dessa maneira refeições para suas famílias.

A pesca com manga é feita com redes maiores que as tarrafas e de formato completamente diferente. As tarrafas são circulares, com chumbos em seu perímetro de modo que possam ser lançadas abertas sobre o rio ou igarapé da proa da canoa ou mesmo da beira do rio. A técnica para o lançamento da tarrafa é muito bonita. Há uma corda ou cordão preso no centro da tarrafa, que equivale ao centro de uma circunferência. A outra extremidade dessa corda é amarrada no pulso do mariscador. Antes de lançar ele dobra a tarrafa de modo que ela fique dobrada sobre um de seus braços, enquanto o outro se ocupa de abrir um lado da tarrafa como alguém que segura uma grande saia por um de seus lados. O mariscador então segura parte da corda entre seus dentes e, em pé na beira da canoa, faz um balanço lateral com o corpo e lança a tarrafa, que deve se abrir por inteira no ar antes de cair na água e baixar aberta até o leito do rio ou igarapé. As crianças praticam o lançamento desde muito novas com pequenas tarrafas feitas por seus pais. É completamente diferente, por exemplo, de mariscar com anzol, técnica que exige muito menor conhecimento corporificado.

Da Vizinhança

Todas as residências nas quais estive no rio Bagé, cerca de oitenta de um total de pouco mais de cem casas em 2005, guardam com pelo menos alguma outra casa uma relação de vizinhança ou, dito de outra maneira, fazem parte de um grupo de vizinhança. A instituição da vizinhança no rio Bagé e em todos os pontos da Reserva Extrativista do Alto Juruá por onde estive conecta moradores em uma rede de obrigações de doação, recebimento e retribuição de carne. Com relação à segurança alimentar das famílias, ou à satisfação de suas expectativas com relação à alimentação que já expusemos anteriormente, a vizinhança representa em muitos casos a garantia de um melhor provisionamento de carne, pois mesmo quando o caçador ou os caçadores da família não podem caçar porque estão se dedicando a outras atividades é possível receber carne vizinhada.

O trabalho no roçado em determinado dia foi escolhido em detrimento da atividade de caça porque se sabia que o vizinho de vizinhança havia saído para caçar naquele dia e que, portanto, havia a possibilidade de recebimento de carne vizinhada. Podemos argumentar, portanto, que a vizinhança é

uma solução pragmática para o provimento constante de carne de caça e, ao mesmo tempo, uma solução para se evitar que grandes quantidades de carne se estraguem. Eu diria, repetindo em parte um argumento de Antônio Cândido (2001) sobre uma tradição caipira de mesmo nome e com algumas características em comum, que ela, a instituição da vizinhança, também funciona nesse sentido, mas vai além dele. A vizinhança são relações entre grupos familiares que envolvem diversos outros elementos e idéias: a obrigação de reciprocidade, risco, contaminação, seres da mata. Nesse sentido, delimita fronteiras de afinidade e de confiança entre os moradores.

Mapa 21 Onde vive Simone



(Simone Brandão Ramos, 2006)

Este mapa de Maria Simone se distingue da maioria por representar a vegetação junto com as casas. A vegetação representada ou é a do campo (Campo do Manuel Adelino e Campo do Ivo) ou é formada de árvores situadas ao longo de caminhos. Os caminhos possuem largura, e Simone escreveu em cada

um a designação: “caminho”. Outro ponto importante é que, do mesmo modo que no mapa de Ulisses, o mapa de Simone está em uma escala de abrangência que inclui outras casas.

Maria Simone é filha de José Caboré, que por sua vez é filho de Raimundo Caboré, meu companheiro de viagem e pesquisa. Dona Nazaré é a matriarca dos “Farias” na região do Pavilhão, antiga colocação Santa Cruz. Dona Nazaré divide sua casa com seu filho Manuel Adelino, que é viúvo e o marreteiro da região. Todas as casas escolhidas para aparecer nesse desenho são da família de Farias. Riba é casado com Venância, irmã de Caboré e filha de Dona Nazaré; Antônio Fino é casado com uma filha de Riba, Ivo e José do Caboré são filhos de Caboré, portanto netos de Dona Nazaré. A esposa de José do Caboré, Dina, é filha do irmão de Dona Nazaré, seu José Farias, que mora junto com Dina e Zé do Caboré. Todas essas casas vizinham entre si, tendo a casa de Dona Nazaré como grande receptora e doadora. O filho de Dona Nazaré, Manuel Adelino, mora com ela e é comerciante: não caça, não corta seringa e com muito custo trabalha no roçado. Dona Nazaré é viúva e depende, junto com Manuel, da vizinhança para ter carne da mata em casa. Como é aposentada sempre tem algo “do comprado” na cidade para doar a seus vizinhos; além disso, faz curas, “pega crianças” e se preocupa e cuida muito de todos seus parentes e amigos. Sua casa é enorme, apesar de ser viúva e morar só com um filho. É a referência principal de muitas casas de parentes e vizinhos. Certa vez, quando eu e Coco andávamos pelo Braço Esquerdo, que fica distante do igarapé Pavilhão, em que reside D. Nazaré, uma senhora daquele lugar (da família Gonzaga, que ocupa todo o braço Esquerdo) mandou um pedaço de carne para Dona Nazaré. Coco observou: “-- A véia Nazaré é muito boa com as pessoas, puxa carne de longe mesmo”. Com isso, apontava para o fato de que prestígio atrai a vizinhança, isto é, atrai carne.

Começamos pelos sentimentos que cercam a vizinhança. Na extrema maioria dos casos nos quais escutei moradores falando sobre a vizinhança e sobre seus vizinhos, os comentários não envolviam a noção de melhor abastecimento da casa em termos de carne na dieta. Espontaneamente, sem meu questionamento direto, o assunto vizinhança surgia para explicar desavenças e questões entre moradores, para justificar uma dificuldade contextual do caçador da casa em conseguir matar caça e, no sentido positivo, para demonstrar um grau de amizade e consideração. Um exemplo foi um comentário completamente fortuito de Pedro, morador do igarapé Pavilhão que me acompanhava por minhas andanças, durante o trabalho de campo, nas terras do igarapé Braço Esquerdo. Visitávamos a casa de seu Manuel Gonzaga, às margens do igarapé Solidão, a umas seis horas de distância em caminhada da casa de Coco, apelido de Pedro, e a umas quatro horas da casa de sua sogra, dona Nazaré, que mora na boca do igarapé Pavilhão. Quando íamos deixando a casa de seu Manuel, sua esposa chamou Pedro da

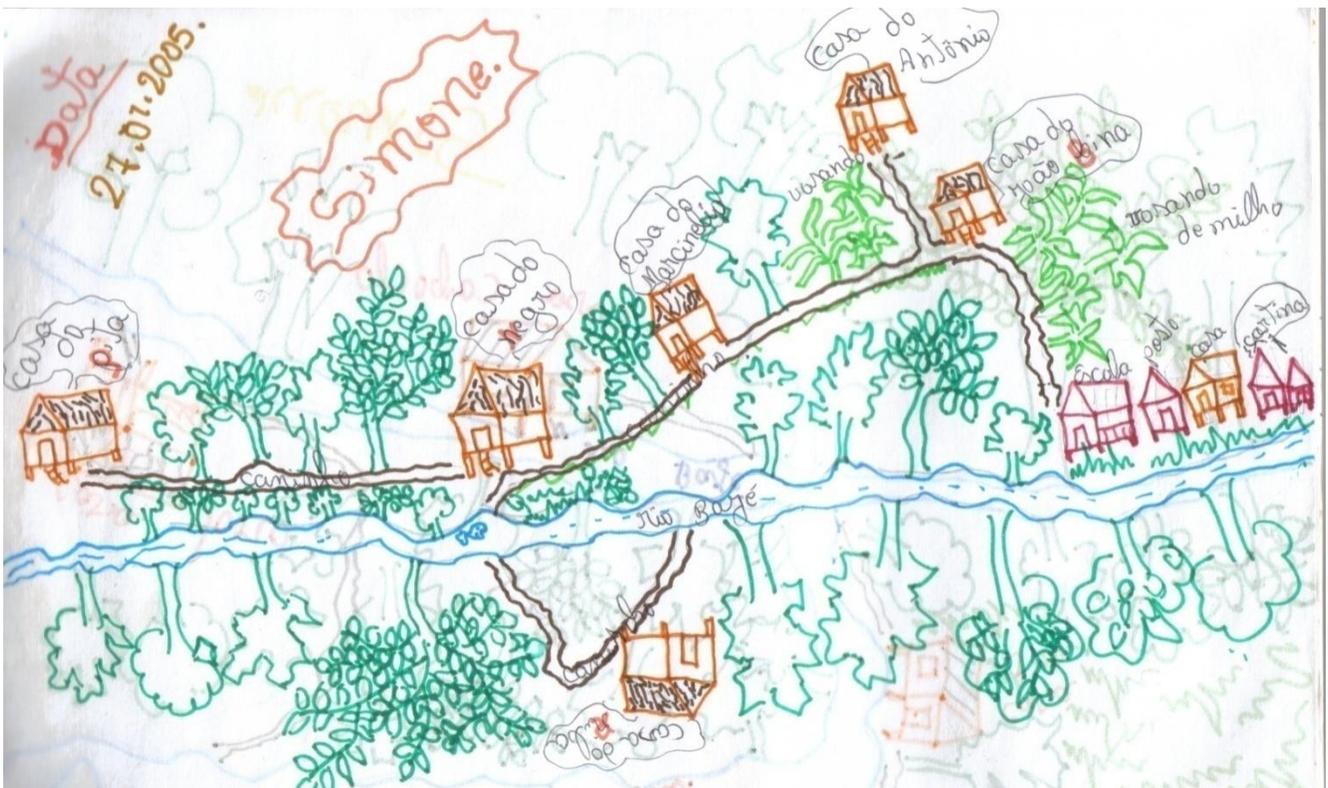
cozinha. Esperei no terreiro enquanto Pedro ia verificar o que queria a esposa de seu Manuel Gonzaga. Alguns minutos depois ele voltou com um pequeno embrulho. Na hora não me ocorreu perguntar nada sobre o embrulho, mas com alguns minutos de caminhada Pedro comentou consigo mesmo, mas em voz alta, “Essa dona Nazaré é muito boa mesmo, puxa carne de tão longe”. “Como é que é, Pedro?”, perguntei. Segundo ele a esposa de seu Manuel Gonzaga o havia chamado para enviar um pedaço de carne de caça para Dona Nazaré, sogra de Pedro Coco, e seu comentário, “puxa carne de tão longe”, denotava a afeição e confiança que nutria a família de seu Manuel por dona Nazaré. Note-se que existiam diversas casas no caminho que percorreríamos entre a casa de seu Manuel, no Braço Esquerdo, e de dona Nazaré, no Pavilhão. Várias delas eram ocupadas por parentes de seu Manuel Gonzaga e de sua esposa. A admiração espontânea de Pedro devia-se ao fato de seu Manuel vizinhar com dona Nazaré de tão longe. Aqui é preciso esclarecer que uma carne de caça vizinhada não é simplesmente um presente. A doação envolve risco muito grande para o doador, do qual trataremos mais adiante; assim, a vizinhança Manuel Gonzaga – Nazaré envolve não só um ato de generosidade, mas sobretudo um ato de respeito e confiança extremas, daí a admiração por ela “puxar carne de tão longe”. Nesse caso, a vizinhança esporádica da família de seu Manuel com dona Nazaré foi uma demonstração de consideração com a pessoa dela.

A vizinhança de carne também não pode ser justificada do ponto de vista econômico concreto, ou seja, da manutenção de entradas e saídas de carne na casa com o intuito de otimizar a disponibilidade de carne fresca em casa. A vizinhança dificilmente corresponde a uma troca completamente recíproca, isto é, em pouquíssimos casos os doadores recebem a mesma quantidade de carne de caça que haviam doado anteriormente. Ou seja, o balanço entre a quantidade de carne doada e recebida dificilmente se aproxima do zero. Existem casas que podem ser caracterizadas como doadoras e outras como receptoras. Embora o argumento econômico de trocas materiais entre grupos familiares seja considerável, restringir a vizinhança a uma ação com o objetivo de otimizar o provisionamento de carne de uma casa também não se sustenta isoladamente. Se por um lado a vizinhança pode significar para certa residência doadora menor quantidade de carne em seu saldo total, por outro lado, para outras pessoas, como as viúvas e os mais velhos, por exemplo, pode significar apenas recebimento de carne e corresponder a praticamente toda a provisão de carne da casa.

Na interpretação de Antônio Cândido, para os caipiras paulistas de seu estudo, a doação de carne em grandes quantidades em relação ao que se obtém caçando significa status. Esse tipo de associação também acontece no Bagé, mas também não merece destaque isoladamente. Não existem pessoas, grupos familiares, que se esforçam em doar a maior quantidade de carne possível com o intuito de

acumular algum status social relacionado a esse fato. Diz-se de uma pessoa que ela é um excelente vizinho quando “ela sempre manda” e quando a vizinhança não é “miserável”. O primeiro termo destaca o vizinho sobre o qual é notória a honestidade quanto à vizinhança esperada, ou seja, sempre que fulano de tal caça ele envia a parte destinada ao vizinho. Ao contrário, pode-se desconfiar que o vizinho por vezes não faça a vizinhança esperada, o que seria uma falta, e o vizinho em questão é considerado um vizinho ruim. Já no segundo caso, o termo “miserável” pode ser empregado para tratar daquele vizinho que nem sempre vizinha o esperado ou mesmo que não manda a quantidade correta, acordada na prática ou em uma decisão previamente combinada entre as partes. Por exemplo, de tal vizinho se espera que vizinhe de quarto, ou seja, que envie um quarto, traseiro ou dianteiro, de animais a partir de um determinado tamanho, mas pode acontecer que, devido ao corte realizado pelo caçador ou sua esposa, o quarto do animal recebido não corresponda exatamente ao quarto esperado, seja um quarto miserável, ou “aquele quartozinho assim bem miúdo”, para utilizar uma outra expressão utilizada.

Mapa 22 Casas dos moradores mais próximas e os caminhos.



(Simone Brandão Ramos, 2005)

A vizinhança de carne entre os moradores do rio Bagé é também um acordo sobre as porcentagens que devem ser doadas e recebidas entre os grupos familiares envolvidos na vizinhança,

algumas vezes acordados verbalmente entre os envolvidos, ou mesmo definidas na prática mesmo da vizinhança. De modo que o quê é avaliado é o cumprimento do acordo e não a magnanimidade, e a avaliação positiva de um vizinho não está relacionado a um status destacado para o caçador, mas apenas a sua confiabilidade como vizinho. Desentendimentos podem levar ao cancelamento de vizinhanças e a querelas maiores entre os moradores.

Para exemplificar, lembro-me do caso de uma senhora que reclamava acidamente de um vizinho. O vizinho de vizinhança em questão acusava sua família de ter matado um cachorro, coisa que ela negava veementemente. Depois disso, contava ela, ele passou a vizinhar com má vontade, quartos cada vez menos exuberantes, miseráveis, em suas palavras, e o filho dela própria, que fornecia carne de vizinhança para esse homem, passou a ter problemas para caçar veados depois de vizinhar carne desse animal com esse mesmo vizinho. Em suas palavras, seu filho ficou *panema*, um termo sobre o qual trataremos em detalhe mais adiante, mas que significa, grosso modo, azar na caça. Em suas reclamações acrescentou que sempre achou a esposa desse homem pouco cuidadosa ao lidar com a carne de caça, o que em si já poderia gerar o estado de *panema* em seu filho, mas que depois da morte do cachorro, tinha certeza, a esposa desse homem ou mesmo sua esposa, tinham feito alguma “imundície” com a carne de veado que receberam de seu filho, gerando tal situação. Esse caso exemplifica como as coisas se dão na prática de modo muito mais complexo do que em qualquer tentativa de generalização de uma regra, pois são mobilizados muitos eventos e argumentações em uma situação de conflito. Exemplifica também quão custosa pode ser a vizinhança, na medida em que pode implicar uma situação de *panema* e mesmo servir de argumento e gerar um conflito incontornável com um vizinho. Conclui-se também do exemplo que a instituição da vizinhança de carne e a escolha do grupo de vizinhos que participarão não são determinados necessariamente pela proximidade geográfica, mas, ao contrário, podem gerar uma distância geográfica. No caso relatado, a senhora estava pensando em se mudar dali para evitar mais conflitos, pois, segundo ela, em qualquer lugar é possível estabelecer novos parceiros de vizinhança de carne, mas quando se mora próximo de um vizinho com quem há uma questão mal resolvida, uma situação de conflito estabelecida ou iminente, a situação fica muito complicada e se esperam de parte a parte ações em que haja prejuízo mútuo, como a morte de animais que invadam o roçado alheio, a invasão de áreas de caça e a disputa por áreas de colocação de roçado, para citar alguns exemplos.

Tendo em vista o fato de que, na Bacia do Rio Bagé, praticamente todos os núcleos familiares vizinham, e assim fazem parte de um grupo de vizinhança, todas as famílias são também pelo menos doadoras ou receptoras de carne. Do ponto de vista do funcionamento da vizinhança, a caçada significa

não somente uma atividade destinada à manutenção de uma parte importante da dieta de uma família, mas também a possibilidade de manutenção das relações de afinidade e confiança entre grupos familiares.

Dizer que a vizinhança de carne é indicativo e fundamento da manutenção de determinadas articulações significa também dizer que a troca não visa pagar pela carne anteriormente recebida. Como em casos relatados por Mauss no mesmo *Ensaio sobre a Dádiva*, não se trata de enviar um pedaço de carne em pagamento a um recebido, pois isso seria equivalente a um ato de compra e pagamento, em que a relação entre doador e receptor se encerra quando a carne é devolvida. Ao contrário e radicalmente diferente disso, a vizinhança visa justamente eternizar uma relação e nunca encerrá-la. Assim, nem os pedaços trocados são necessariamente equivalentes, nem a frequência de doação e recepção é um objetivo. Não há, na verdade, algo que se possa denominar objetivo na vizinhança. Vizinha-se como parte de um conjunto de relações de afinidade e confiança entre grupos familiares, e o conjunto dessas relações, por sua vez, é fortalecido pela boa observação das regras de vizinhança entre os vizinhos.

Sobre a vizinhança entre os moradores do Bagé poderíamos, portanto, concluir que o que se troca de fato é confiança e não carne, e o que se mede na troca é confiança e não quilos de carne, e, ainda, o que se objetiva, através da carne, é a manutenção de uma relação e não um pagamento. Mauss elabora perfeitamente esse tipo de noção acerca da finitude ou continuidade das relações envolvidas em certos sistemas de trocas quando diferencia sistemas como o kula de uma relação comercial típica das relações capitalistas modernas. É exatamente desse tipo de diferença que estamos falando, com o cuidado, explicitado no caso acima, de não isolarmos as relações de vizinhança de carne do conjunto das relações. Como observamos, em situações empíricas reais, e particularmente de conflito, elas são apenas mais um elemento constantemente mobilizado.

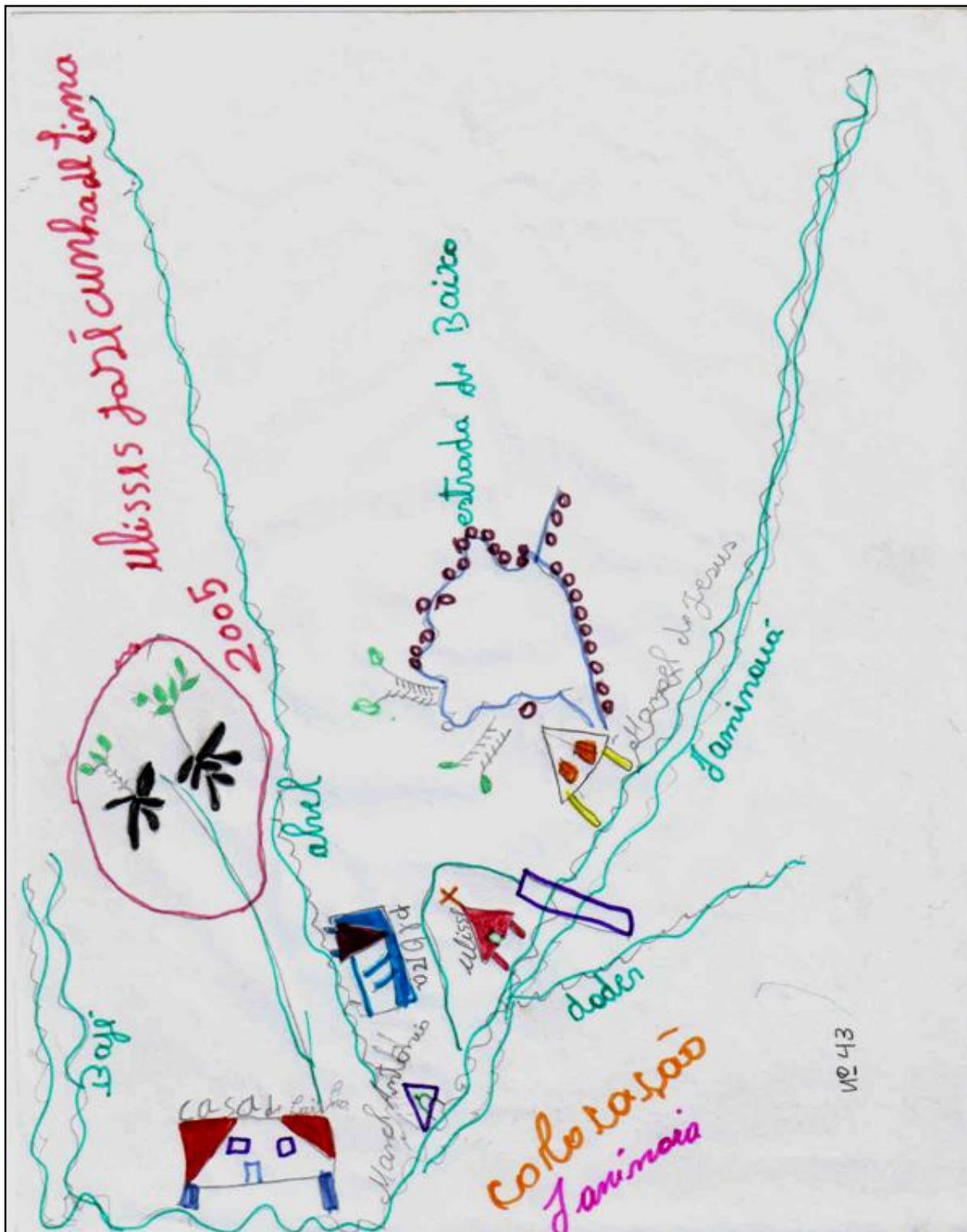
Durante o dia aparece um menino que vem entregar a carne de vizinhança. Cabe à mulher receber e tratar a carne conforme os preceitos de organização do corte e tratamento dos ossos e do sangue, de modo a não prejudicar a sorte do caçador que matou o animal e que a doou para a família que agora a recebe. A mulher tem essa responsabilidade. Mais do que um pedaço de carne para compor uma ou mais refeições, está ali materializada, nas mãos da mulher, a sorte de um caçador, da qual este, por sua vez, depende para continuar tendo felicidade em suas caçadas. Conforme o asseio, o conhecimento, a habilidade e, principalmente, a boa vontade dessa mulher que recebe a carne vizinhada em sua cozinha, o caçador que a enviou por meio do menino pode ficar tranqüilo que não sofrerá de panema. Os cuidados com a carne recebida de vizinhança se prolongam para a refeição e para os cuidados com

os ossos que sobrarem, também a cargo da mulher da casa e daquelas que a auxiliam na cozinha.

Da mata

Considerando conjuntamente a carne obtida por caçadores da casa e a carne proveniente de vizinhança, podemos afirmar para todo o rio Bagé que a maior parte da carne consumida em cada residência é proveniente da floresta e, portanto, de alguma caçada. A diferença é nativa e relevante. A carne que vem da mata, quando não é a carne caçada pelo caçador ou por um dos caçadores da própria casa, é chamada de vizinhança.

Mapa 23 Colocação Jaminawá



(Ulisses José Cunha de Lima, 2005)

O mapa de Ulisses está em uma escala de abrangência mais ampliada que os mapas anteriores. É

possível ver a estrada de seringa de sua colocação e outras casas além da dele, a casa de seu pai, o velho Pedro Grajaú, a casa de Manuel, seu irmão, a casa de farinha e a casa de Manuel Antônio. Como a colocação Jaminawá fica em um centro, fora da margem do Rio Bagé, ele desenhou também os igarapés, afluentes do Bagé que são referências locais, embora não possam ser navegados. Note-se novamente a continuidade obsessiva entre os elementos. Todos os caminhos estão conectados e estes levam aos rios e à roça, devidamente cercada por um traço vermelho. A estrada de seringa também entra nessa mesma lógica. As seringas poderiam ser desenhadas separadamente, pontilhadas, mas em nenhum caso, em mais de cinquenta desenhos, isso aconteceu. A estrada é sempre desenhada com as seringueiras presas ao caminho.

Mesmo nas cidades mais próximas as pessoas costumam consumir carne oriunda de caçadas nas matas próximas ou do interior. Porém, tanto em Thaumaturgo como em Cruzeiro do Sul, as pessoas geralmente conseguem essa carne em troca de dinheiro, comprando-a, embora sempre ilegalmente. No Bagé as pessoas não caçam com o intuito de vender, com exceção de alguns poucos casos, como aqueles que já relatei, em que aposentados ou outros moradores com rendimento monetário fixo se dispõem a pagar pela carne de caça. O mais comum é que a carne de caça não seja considerada mercadoria que possa ser trocada por dinheiro. O motivo mais óbvio para a ausência de compra e venda de carne da mata no Bagé é que não se compra aquilo que se pode obter de graça em uma certa abundância e facilidade. Outro motivo também óbvio é a proibição do comércio de animais silvestres – muito embora, como vimos no caso da cidade, esse motivo não seja suficiente.

Contudo, há razões menos óbvias. A própria vizinhança contribui para aliviar possíveis pressões pela venda de carne de caça – já que mesmo quando não se caça existe a expectativa de receber, sem necessidade de desembolsar recursos financeiros, alguma quantia. O ponto a ser destacado, porém, é que a carne de animais da mata silvestre é tratada como parte de um componente de uma relação social fora do comércio, cuja obtenção depende de relações sociais e de prestígio, e não de forças do mercado. As pessoas justificam o fato de não venderem carne de caça, ou de não concordarem com quem pratica tal coisa, dizendo que não se pode vender aquilo que não se criou. O mesmo argumento serve para recriminar o desperdício e os caçadores de outras localidades que por vezes invadem áreas da Reserva para caçar. O mesmo argumento, em seu sentido oposto, explica por que os moradores sentem-se tranquilos para vender a carne de animais do terreiro, que eles mesmos criaram. Contudo, cabe notar que a carne de animais do terreiro também é vizinhada com muita frequência.

É importante nesse momento apresentar dois termos fundamentais da taxonomia dos moradores que

apontam para o uso local e específico do termo caça. A compreensão do significado local do termo será importante para entender melhor os detalhes da própria atividade de caça e da instituição da vizinhança.

Mapa 24 Onde vive Maria José Souza da Cunha



(Maria José Souza da Cunha, 2006)

O termo caça, do ponto de vista local, refere-se basicamente ao grupo dos mamíferos ungulados, dentro do qual encontramos, na região do Rio Bagé, basicamente três espécies: a anta, de forma escassa e somente nas cabeceiras do Bagé e de alguns de seus pequenos afluentes; o veado, encontrado praticamente em toda a bacia e que é diferenciado em algumas qualidades segundo a taxonomia local; o caititu, também chamado porquinho; e o queixada, também um porco do mato, porém maior e mais feroz que o caititu. Algumas pessoas também consideram como caça alguns grandes roedores como a paca e a capivara.

Outros animais caçados pelos moradores e utilizados na alimentação encontram-se, na taxonomia local, classificados como embiaras. Assim, macacos de diversas espécies, cutias, cutiarias, diversas espécies

de aves que fazem parte da dieta dos moradores, jabutis, entre outros, são chamados pelos caçadores de embiaras.

Os moradores são extremamente seletivos em sua atividade de caça, de modo que os termos caça e embiara juntos, que correspondem aos animais caçados que fazem parte da dieta, compreendem um número reduzido de espécies frente à diversidade local de mamíferos, aves e répteis.

Muitas vezes o abate de um animal, principalmente das embiaras, está associado ou é consequência de outra atividade, como o corte de seringa ou mesmo uma caminhada entre colocações.

Mapa 25 Braço Esquerdo



(Raimunda Nonata, 2006)

Via de regra a carne dos animais considerados caça é vizinhada e a das embiaras somente em algumas ocasiões. Quando um caçador mata uma caça, sua esposa, ou ele próprio, já separa a parte do vizinho, que pode ser um ou mais pedaços, um quarto ou uma banda. Já no caso das embiaras é mais comum que se vizinhe o animal inteiro nos casos em que mais de uma unidade do animal é abatida.

Como já havia dito anteriormente, espero reter neste capítulo a idéia de que o espaço da casa, especialmente da cozinha, pode ser encarado como um vértice de um conjunto de fluxos. Esses fluxos, ou relações direcionadas, podem ser descritos também como setas com elementos em suas extremidades que se encaminham para o vértice, no caso a cozinha. Nesse sentido essas setas acabam por definir limites entre o mercado e a cozinha, entre o vizinho e a cozinha, entre o terreiro a cozinha, entre a mata e a cozinha, entre o rio e a cozinha.

Mas de um outro ponto de vista, que também nos interessa, os únicos limites estabelecidos até então, nessa escala definida pelos trajetos de objetos até a cozinha, seriam entre a cozinha e a mata, a cozinha e o mercado, a cozinha e o rio. Esse ponto de vista baseia-se ou leva em consideração uma definição de ambiente, na verdade da relação organismo-ambiente, presente no trabalho de Ingold (2000). Passar por uma fronteira significaria nesses termos passar de uma relação organismo-ambiente para outra. Em nosso caso seriam caçador-mata, consumidor-cidade, viajante-rio.

“First, ‘environment’ is a relative term – relative, that is, to the being whose environment is. Just as there can be no organism without an environment, so also there can be no environment without an organism (Gibson 1979: 8, Lewontin 1982:160). Secondly, the environment is never complete. If environments are forged through the activities of living beings, then, so long as life goes on, they are continually under construction. So, too, of course, are organisms themselves. Thus when I spoke above of ‘organism plus environment’ as an indivisible totality it is not a bounded entity but a process in real time: a process, that is, of growth or development.

The third point about the notion of environment stems from the two I have just made. This is that I should on no account be confused with the concept of nature. For the world can exist as nature only for a being that does not belong there, and that can look upon it, in the manner of the detached scientist, from such a safe distance that it is easy to connive in the illusion that it is unaffected by his presence. Thus the distinction between seeing ourselves as beings within a world and as beings without it. Moreover we tend to think of nature as external not only to humanity, as I have already observed, but also to history, affairs” (Ingold, 2000, p. 20).

Mapa 26 Pavilhão



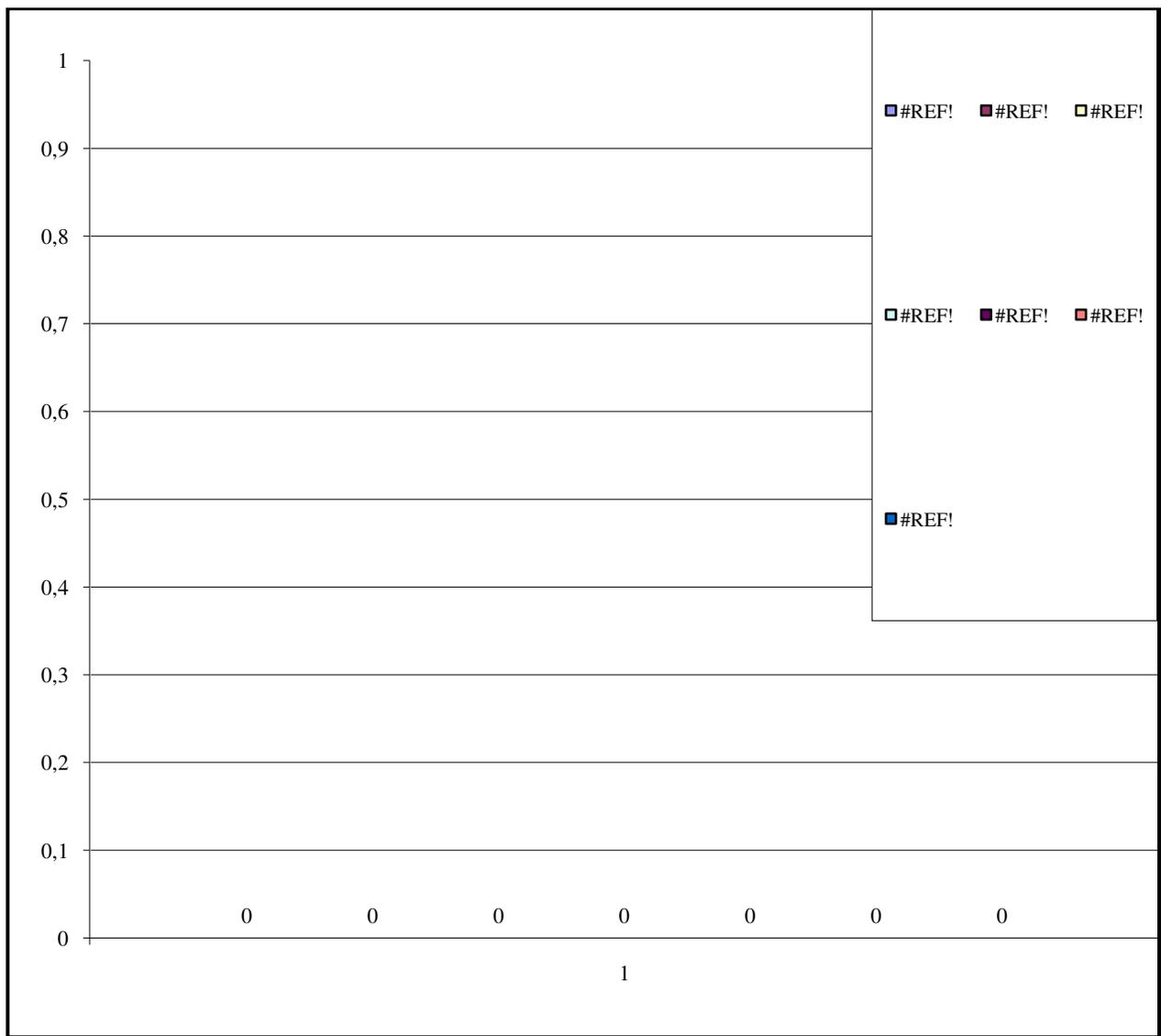
(Simone Brandão Ramos, 2006)

Enfatizamos até agora, porém, os fluxos de carne para a cozinha e podemos resumi-lo de maneira a avaliar a participação de cada uma das partes em um saldo final de carne dentro da casa, considerando suas entradas e saídas a partir de dados levantados por Raimundo Farias Ramos de sua própria residência para o ano de 1995. Talvez a casa de Caboré em 1995 não corresponda a uma média geral da alimentação nas moradias no Bagé; contudo, ainda hoje a carne proveniente da mata, caçada ou recebida de vizinhança, continua sendo, numa proporção muito importante, a maior parte da carne consumida em todas as residências. Muita coisa se alterou na dieta local de 1995 para cá, mas interessa-me, sobretudo, uma visão geral da casa como ponto de chegada e de saída de carne, das proporções entre os diversos fluxos e das conseqüências das alterações nesses fluxos sobre o que se considera como espaço do ponto de vista local.

Tabela 1: Circuito da carne: casa de Caboré (1995)

Origem e destino	Total anual em kg(1995)
Carne da mata caçada pelo(s) caçador(es) da casa e consumida em casa	428,6
Carne criada no terreiro e consumida em casa	191,3
Carne recebida de vizinhança e consumida em casa	26
Carne criada no terreiro e vizinhada para outra casa	-36
Carne da mata vizinhada para outra(s) casa(s)	-106
Carne comprada de outros moradores	10
Carne criada no terreiro e vendida	-14
Saldo anual da casa em kg de carne	499,9

Fonte: Diários de Raimundo Farias Ramos (Caboré), 1995. Manuscrito.



Uma análise rápida desses dados mostra que naquele ano as porcentagens de participação da carne comprada no saldo da casa são mínimas, assim como da vendida, enquanto a maior parte da carne consumida em casa foi caçada por caçadores da própria casa que vizinharam um percentual

significativo. O terreiro também possui uma participação importante na contagem geral da carne consumida na própria casa.

Em termos percentuais teríamos:

Tabela 2: Percentual de carne segundo sua origem em relação ao total geral

<i>Origem e destino</i>	<i>Total anual em kg (1995)</i>	<i>% (em relação ao total geral)</i>
Carne da mata caçada pelo(s) caçador(es) da casa e consumida em casa	428,6	52,79%
Carne criada no terreiro e consumida em casa	191,3	23,56%
Carne recebida de vizinhança e consumida em casa	26	3,20%
Carne criada no terreiro e vizinhada para outra casa	-36	-4,43%
Carne da mata vizinhada para outra(s) casa(s)	-106	-13,06%
Carne comprada de outros moradores	10	1,23%
Carne criada no terreiro e vendida	-14	-1,72%
Saldo anual da casa em kg de carne	499,9	61,57%

Tabela 3: Total de carne vizinhada com cada vizinho no ano de 1995

Vizinho	kg	%
Nazaré	57	40,14%
Zé	34	23,94%
Eliodoro	29	20,42%
Venança	21	14,79%
Pitu	1	0,70%
Total	142	100,00%

Conclusões: da escala de percepção do espaço de mulheres e crianças

Embora o lugar de moradia possua diversas referências que alcançam uma escala de alguns hectares, como estradas de seringa, roçados, capoeiras, áreas de caçada, etc., vimos neste capítulo que há uma escala muito intensa de vida social mais bem visualizada pelos trajetos dos componentes da refeição e mesmo de outros materiais, como a lenha ou a comida dos animais do terreiro, que define uma escala

bem representada principalmente nos mapas de mulheres e crianças. Do nosso ponto de vista essa escala da espacialidade local pode ser sintetizada em um vértice localizado no ponto de vista da mulher, para onde convergem diversos fluxos provenientes de elementos espaciais distintos. Examinamos também como esses fluxos são em grande parte definidos em função de uma dieta ideal que envolve basicamente farinha dos roçados e carne de diversas origens.

CAPÍTULO IV OS ROÇADOS E O PISADO

Introdução

“Quando derruba a mata ela vira roça porque ela alimenta a roça, vai dar alimentação para ela nascer. Quando derruba a mata nasce roça braba. Quando cai um balseiro que limpa a mata nasce roça braba sem nunca ninguém ter pisado lá. Cai um pau grosso derrubando aqueles paus finos, fica o balseiro, fica aquela clareira, ali nasce roça braba. Até agora eu não sei quem plantou, mas que nasce nasce. É uma roça que só tem uma batata. Na flor da terra, onde é a maniva fica a batata, para baixo vai afinando e fica igual um abacaxi, bem fininho. É roça porque a gente já cortou, já plantou no roçado e aí deu a mesma roça. Se você replantar ela muito tempo com a outra ela vai perdendo a força dela e ficando igual à outra. Acontece como com a roça milagrosa, se você plantar a milagrosa junto com a roça mansa, ela não vai lhe fazer mal. Agora se você plantar sozinha ela vai fazer mal. A roça braba não nasce na mata bruta, só quando cai um balseiro” (Antônio Barbosa de Melo, o Roxo, em comunicação pessoal).

Esse capítulo trata ainda do pisado, o espaço onde vivem as famílias. Contudo, nessa escala incluímos também o roçado e outras adjacências. Sobre um certo ponto de vista, o roçado, a casa de farinha, o terreiro, o pasto e os caminhos configuram uma continuidade. Em conjunto constituem uma oposição à mata. São os espaços criados e mantidos pela ação direta dos moradores. O conjunto do *pisado* também é o espaço de circulação e convívio das famílias. O convívio entre as famílias se dá nos caminhos que interconectam as casas, nos roçados nos momentos de ajuda mútua, nas visitas especialmente nos dias de domingo, nos encontros no rio, nas festas que reúnem moradores também de localidades mais distantes e na escola entre as crianças.

Na fala de Roxo ele destaca algumas idéias importantes. Um roçado começa com uma intervenção na mata, com uma clareira. Há, contudo, dois tipos de roçado destacados, um feito pelo homem, de roça mansa, e outro feito não se sabe *botado* por quem, mas que começa com a queda de uma grande árvore que derruba consigo um grande número de outras menores formando uma clareira. Não se sabe quem planta a mandioca brava, a *roça braba*, e ela cresce ali. Outra questão apontada por Roxo é que a roça braba pode ser amansada se plantada em um roçado de roça mansa. A última observação de Roxo é que a roça braba não nasce na mata bruta, só nasce quando cai um balseiro.

Apesar de configurar uma certa continuidade com o terreiro e a casa, o roçado pode ser caracterizado em relação à mata como uma fronteira. Não estamos tomando fronteira aqui com o sentido de uma divisa física, afinal o terreiro geralmente também faz divisa com a mata, mas no sentido de uma área que em um momento está em domínio da mata e no seguinte no domínio do pisado. Depois de dois ou três anos de uso direto pelos moradores, a área de roçado é deixada encapoeirar, converter-se em mata portanto, ou torna-se mais definitivamente parte do domínio do pisado como um novo terreiro ou uma

pastagem. Assim, o roçado é uma área de fronteira na medida em que sua manutenção como área de cultivo é passageira, na medida em que esse pedaço de superfície é um terreno em disputa ou negociação entre o *pisado*, o domínio dos cristãos, e o absoluto, o domínio da mata e seus seres. Portanto, do ponto de vista dos moradores, é uma área amansada enquanto usada por eles para plantar roça, e que tende a voltar a ser mata se não for continuamente pisada.

Tomando a escala que compreende os roçados e os caminhos além das casas e os terreiros consideramos um espaço também de convívio de mais de um núcleo familiar. Sazonalmente nos roçados vizinhos se aglutinam para trabalhos conjuntos de implementação de novas áreas e cultivos, no esforço de diferenciar esses espaços da mata circundante. Também é pelos caminhos entre as moradias e mesmo por caminhos mais pisados dentro dos terreiros que funciona uma rede de confiança recíproca, uma eterna aposta e eterna valorização de alianças, a circulação de carne especialmente de caça.

Os roçados também se diferenciam do espaço doméstico em outro aspecto relevante para nosso trabalho. Enquanto na escala da vida social mais primordial a imagem relevante era é um conjunto de fluxos de alimentos e pessoas, linhas e trajetos orientados, nos roçados a dimensão física – em forma de áreas e territórios contínuos com perímetros definidos – marca a nova escala enfocada apontando para a ocupação do espaço físico pelas famílias. Apesar de à primeira vista essa nova característica marcar de forma mais contundente o território físico do que a idéia um tanto quanto abstrata de fluxos de alimentos, pois se trata de uma impressão real no território inclusive visível em imagens de satélite, mas que é ao mesmo tempo de caráter itinerante e permanentemente negociada, portanto nada definitiva. As casas e caminhos por si não são invasivos em relação à ocupação da mata, não é possível, por exemplo, distinguir uma casa ou um caminho da mata circundante em uma imagem de satélite, e o roçado, ao contrário seria uma ocupação mais contundente, mas ao mesmo tempo ela é de caráter menos perene que a casa, os caminhos e as estradas de seringa por exemplo, os roçados estão constantemente mudando de lugar e deixando a mata retomar esses espaços ao encapoeirar.

Para utilizar categorias locais que desenvolveremos como conceitos, os roçados são áreas de negociação entre dois domínios centrais da espacialidade local: o *pisado*, dimensão e domínio dos moradores humanos cristãos e seringueiros, e o *absoluto*, dimensão e domínio da mata e de seus seres.

Tomados no sentido desse par de categorias locais, os roçados apontam para uma importante noção da experiência espacial local, segundo a qual os espaços são transmutados e disputados continuamente na fronteira da mata e dos homens. Um mesmo espaço físico que durante um ou mais anos é um roçado

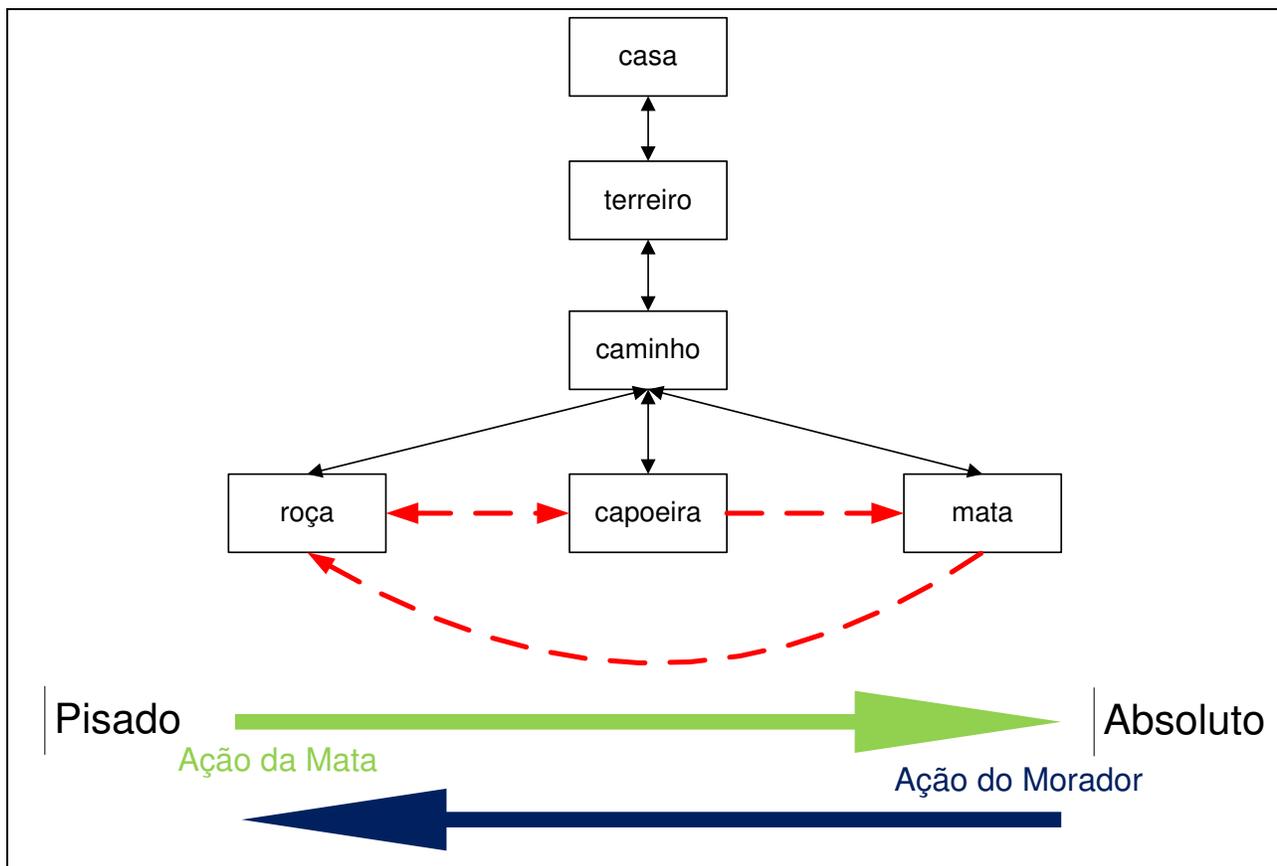
sofre uma transformação gradativa ao longo do tempo quando deixa de ser trabalhado pelas famílias, deixa de ser pisado, passa a ser uma parte do campo ou uma capoeira nova, depois uma capoeira velha, e cada vez mais velha até se fundir novamente à floresta, ao domínio do *absoluto*.

Um último ponto a destacar nesse capítulo é outra relação que se torna mais evidente com a nossa escala, espacial e analítica atingindo também os roçados. As atividades relacionadas aos roçados, mais do que aquelas relacionadas à pesca e à caça, para mencionar apenas dois exemplos, são fortemente condicionadas pelas épocas e estações do ano. Dessa maneira os roçados também apontam para as relações dos moradores com as variações sazonais, marcadamente a sucessão entre o período de chuvas e o período de secas. Por isso, parte do capítulo tratará também da rotina anual de atividades dos moradores, destacando suas atividades agrícolas. Já há descrições detalhadas sobre tais atividades no Alto Juruá, incluindo aí os roçados (Franco *et al*, 2002). No nosso caso, enfatizaremos dinâmicas envolvidas em sua manutenção e sua marca na experiência espacial local. Uma idéia muito forte com relação à experiência espacial dos moradores é que a mata está por toda volta e o espaço dos moradores, que definitivamente não é a mata, precisa ser constantemente trabalhado roçado. Homens, mulheres e crianças se deslocam constantemente com o terçado e com ele vão mantendo a separação de seu universo de convívio em relação à mata.

Os roçados no Bagé

As roças ou roçados na bacia do rio Bagé, são áreas pequenas que supõem a mata como limite, definidas pelo aceiro, com cerca de três décimos de hectare em média. Diferente de áreas loteadas, como sítios e fazendas, as roças do Bagé são concebidas como espaços de domínio intermitente pelos moradores. Faz parte da dinâmica de uma área dessas ser retomado pela mata em uma sucessão de capoeiras. Diferente dos terreiros, dos caminhos, e mesmo das estradas de seringa, que são mantidos com a intenção de que sejam espaços mais perenes, os roçados são constituídos em determinada área transitoriamente, enquanto seu solo for fértil o suficiente para um uso continuado, entorno de dois ou três anos, depois do que é ocupada novamente pela mata. As áreas de roça não são necessariamente contíguas ao terreiro, na verdade em sua maioria não o são, e também são em geral mais de uma por morador, em média duas. Possuem diversos cultivos integrados, sendo que o principal é a macaxeira, em sua maior parte utilizada para fazer farinha torrada, seguida pelo milho, sempre consorciado com a macaxeira e o feijão. Também cultivam o arroz, a cana, a banana, mamão e o tabaco.

Diagrama 1: Conexões físicas usuais entre alguns elementos espaciais e dinâmica entre o *pisado* e o *absoluto* em relação ao roçado e à mata.



Os roçados como referências espaciais

Até pouco tempo atrás, quando a maioria das famílias do Bagé tinham seringueiros cortando seringa, as estradas de seringa eram determinantes no posicionamento das famílias e de suas casas, contituindo-se, junto com o encontro de águas de um rio e seu tributário, a principal referência de localização espacial das famílias. Recentemente De lá para cá, após o declínio da atividade seringueira, a agricultura passou a ter uma importância cada vez maior para a economia local. Se antes as estradas de seringa determinavam uma colocação, ou o espaço ocupado por uma família ou um grupo de famílias, hoje os roçados e a atividade agrícola ganham nova importância como referência para a localização geográfica dos moradores no espaço. Com isso e em função de sua nova importância na economia nos últimos dez anos, houve uma alteração no tamanho médio dos roçados; precisaram tornar-se suficientemente grandes para produzir excedentes para o comércio.

Segundo a memória das pessoas, no período anterior, quando a borracha desempenhava um papel mais importante para a economia dos moradores, sobrava muito pouco tempo para a agricultura devido ao trabalho cotidiano com a seringa. Hoje, ao contrário, sobra pouco tempo para a seringa e o tempo de trabalho é cada vez mais dedicado à agricultura com vistas à produção de excedentes para o comércio.

Houve um tempo, dizem os mais velhos, em que mesmo a farinha consumida dentro de casa era comprada no barracão, pois todo o tempo de trabalho era dedicado à seringa. Isso aconteceu logo nos primeiros anos de colonização quando grande parte dos trabalhadores eram solteiros e dedicavam-se integralmente à produção de borracha, então com preços altos e atraentes no mercado. Nesta época, lembram os mais velhos, utilizava-se a chamada farinha puba importada junto com outras estivas, escura e diferente da farinha produzida atualmente pelos moradores.

Atualmente, o próprio crescimento da cidade de Marechal Thaumaturgo abre um novo mercado para a venda de farinha que anteriormente tinha que ser totalmente vendida em Cruzeiro do Sul, assim como outros produtos agrícolas como o feijão, o tabaco, o milho, o arroz. Carregar toda a produção agrícola para Cruzeiro do Sul, cerca de trezentos quilômetros de barco de Marechal Thaumaturgo, exigia grandes esforços e muitos recursos. Na atual situação, os moradores conseguem muitas vezes vender grande parte de sua produção agrícola mesmo na cidade de Thaumaturgo, além de as viagens e o transporte para Cruzeiro do Sul terem se tornado mais baratos e constantes. Além da maioria dos moradores possuírem motores e seus próprios meios de locomoção, muitas comunidades possuem embarcações de maior calado e existem linhas constantes no inverno de embarcações de carga que saem de Thaumaturgo com destino à Cruzeiro do Sul. As distâncias encurtaram, e viajar para esta cidade não implica o mesmo custo e os mesmos problemas de anos atrás. Algumas vezes, os produtores vendem mesmo para os próprios vizinhos que possuem alguma fonte de renda, outro fenômeno crescente na região.

O *roçado* com finalidades comerciais se opõe de uma maneira bem concreta a certa disposição espacial característica da ocupação promovida pelos seringais. Enquanto a exploração da borracha dependia mais da mata e de suas seringueiras, os roçados e a agricultura com vistas ao comércio necessitam de uma vida mais próxima da beira de rios e igarapés navegáveis de modo que a produção possa ser escoada. Assim, *centro* e *seringa*, de um lado, e *beira* e *roça*, de outro, são oposições possíveis de serem exploradas com enfoque em uma mudança processual do primeiro para o segundo padrão. Com certeza, um fator de manutenção de moradores nos chamados *centros*, colocações distantes das margens dos rios, era a proximidade, manutenção e posse de suas estradas de seringa, fator cada vez mais desprezível numa realidade econômica em que a agricultura é muito mais rentável para as famílias do que a borracha.

Assim, no mesmo ritmo em que abandonam a seringa os moradores procuram se mudar dos centros para as beiras. Nos últimos centros ainda existentes, os moradores sofrem para transportar sua produção agrícola para as margens, de modo que possa ser transportada então até os mercados consumidores nas

idades. A mudança dos moradores da Bacia do rio Bagé para as margens implica em um novo padrão de aglomeração alimentado por políticas públicas que a incentivam a fim de concentrar os recursos de investimento em um número menor de localidades. bens e ações públicas implementados nas margens dos rios, como escolas e geradores de energia elétrica, visam incentivar essa concentração da população em algumas localidades.

Enquanto a ocupação fundamentada na exploração da seringa promovia uma dispersãoda população em função da distribuição irregular das seringueiras nas matas, a recente importância comercial dos roçados conforma outra distribuição populacional. A localização não é mais fundamentada na localização de árvores nativas dispersas na floresta. Os roçados podem ser implementados praticamente em qualquer lugar, e essa condição possibilita a aglomeração de familiares em uma mesma localidade na beira dos rios. Embora certas condições de solo, de espaço e de relacionamento com vizinhos sejam fundamentais para a colocação de roçados, hoje a disposição geográfica das famílias é muito mais influenciada por fatores sociais e econômicos supracitados.

Mesmo diante desse novo quadro, a ocupação atual ainda guarda especificidades que a distinguem de outros contextos ditos rurais. Estive nas cercanias da cidade de Cruzeiro do Sul onde a produção de farinha para o mercado é a atividade principal dos moradores. Diferentemente da realidade da Reserva Extrativista, onde se localiza a parte do rio Bagé que estudamos, nessas localidades existe o loteamento de terras em sítios, terrenos, fazendas, etc. Não há áreas de uso comum, nem florestas suficientes para que a caça seja uma atividade importante, nem para que os roçados sejam dispostos da mesma maneira que na Bacia do Rio Bagé. Embora nesses localidades a produção de farinha para o comércio seja a atividade central, os roçados depois de alguns anos de uso são transformados em pastagens devido ao desgaste do solo. Se essa não é a regra foi ao menos uma impressão geral, e há dificuldades de obtenção de novas áreas de cultivo para novos roçados, que são resolvidas ou esperando a terra descansar por anos, ou investindo em fertilizantes, ou comprando novas terras para além dos lotes que já possuem. A negociação de terras de cultivo já não é mais uma negociação com a floresta, com o absoluto, ou com os vizinhos mais próximos. Nas cercanias de Cruzeiro do Sul e mesmo de Marechal Thaumturgo, as terras agricultáveis já entraram em um circuito capitalista (chamemos assim na falta de outro adjetivo) e dependem, portanto, de negociações com o mercado para a manutenção da produção. Nas terras do rio Bagé, ao contrário, embora a produção agrícola tenha se voltado cada vez mais para o comércio, e se dê , desse modo, em grande parte junto ao mercado urbano, as bases de produção, ou seja, o manejo e a propriedade dos territórios de produção agrícola, encontram-se em outra lógica de negociação, fundado em relações tradicionais com os vizinhos e em relações com a

mata.

Há outra distinção importante a ser feita em relação ao *tempo da borracha*, que diz respeito à proximidade dos consumidores finais do produto. A borracha, se comparada aos atuais produtos comerciais, como a farinha de mandioca torrada : se destinava a um mercado externo, enquanto que os últimos são destinados ao consumo regional, nas próprias cidades em que são comercializados. Desse ponto de vista, uma alteração importante para os moradores produtores diz respeito ao controle dos preços praticados e do grau de incerteza de negociação. No caso da borracha, os seringueiros nunca tinham contato com os consumidores finais e, dessa maneira, o produtor sempre dependia de um intermediário para a sua negociação. Durante um primeiro período esse intermediário foi o seringalista e depois a própria Associação. Nesse tipo de negociação cabia sempre certa dose de desconfiança e incerteza para o produtor com relação à possibilidade de negociação de sua produção e aos valores a serem negociados . Já no caso dos produtos agrícolas, os produtores estão praticamente livres de intermediários, ou pelo menos possuem contato direto com um número grande deles nos portos de Cruzeiro do Sul e Marechal Thaumaturgo, de modo que os produtores que levam seu produto aos portos podem minimamente escolher a quem vender e acompanhar o preço pelo qual sua farinha será vendida ao consumidor final.

Este “detalhe” ganha importância quando consideramos como se constituiu historicamente o comércio da borracha do ponto de vista dos seringueiros, assunto ao qual deter-nos-emos adiante. Por ora, cabe apenas ressaltar que somente durante um curto período de tempo houve uma negociação direta, pelo menos em termos contábeis, entre o seringueiro, produtor da borracha, e o comprador dela, época das casas aviadoras de Belém e Manaus, que ficou conhecido entre os seringueiros como *período da borracha embarcada*. No período da borracha embarcada, dizem os moradores mais antigos se remetendo inclusive à memória oral, pois mesmo eles não viveram esses dias, sabia-se como sua borracha havia sido classificada e o preço pelo qual havia sido vendida. Já no período mais recente da borracha liquidada o patrão pagava um preço pela borracha, o mesmo preço por qualquer borracha sem classificá-las, e, do ponto de vista dos seringueiros, eles não tinham mais informações sobre o preço pago por sua borracha em Belém ou Manaus e mesmo São Paulo, locais que eles julgavam estavam os compradores finais. Muitos dos seringueiros mais velhos que explicam essa distinção dizem que a troca do sistema da borracha embarcada para o sistema da borracha liquidada explica a decadência desse mercado e de demanda pela borracha do Bagé e da região. Segundo homens como seu Pedro Grajaú, no sistema da borracha liquidada os seringueiros desonestos misturavam várias “porcarias” para fazer o peso total das peças de borracha que produziam aumentar, sempre com apoio dos patrões. Os patrões

diziam que bastava ter cheiro de borracha que eles comprariam. Ainda segundo esses seringueiros mais experientes, essa borracha cheia de “porcarias” foi o motivo dos compradores da borracha das cidades não se interessarem mais mesmo pela borracha “pura” que os seringueiros honestos produziam. Segundo eles, os compradores ficaram desconfiando dos seringueiros e não deram mais valor à borracha do Alto Juruá.

Não consegui estabelecer uma data para o final do sistema da borracha embarcada, mas depois dele, pelo menos nos últimos quarenta anos, os seringueiros do rio Bagé dependeram sempre de intermediários que monopolizavam os canais de negociação com os compradores da borracha, de modo que os seringueiros não tinham muitas informações, ou informações confiáveis sobre as demandas do mercado e mesmo sobre os preços praticados. Já no caso da farinha, dizem eles, eles vendem diretamente nas cidades de Marechal Thaumaturgo e Cruzeiro do Sul e conhecem os preços praticados pelos compradores finais e as oscilações do mercado. Além disso, nas palavras dos moradores “a farinha e o feijão tem muitos compradores, se um não quer o outro quer, e se não conseguir vender pelo preço que se quer, que valha a pena, pode-se trazer a farinha e o feijão de volta para casa e comê-los, algo que com a borracha não acontecia”.

Esta introdução apresentou rapidamente aspectos históricos, econômicos e sociais que procuram explicar a crescente importância dos roçados entre os moradores do rio Bagé. Feito isto, entraremos no tema central deste capítulo que procura abordar a perspectiva local entorno da espacialidade a partir do roçado. Para tanto, tratarei do modo de cultivo e em seguida apresentarei o cotidiano de uma família de moradores a partir do diário de um de seus membros resgatando comentando os trechos onde fica mais evidente o trabalho social envolvido na implementação e cultivo do roçado. Ao mesmo tempo será possível apontar, com as informações desse diário, uma sequência anual de atividades dispostas nas estações do ano.

O modo de cultivo é baseado na rotatividade de áreas, no entanto, possui uma variação importante entre dois modelos principais. Num primeiro modelo, adotado pela maioria dos moradores, há uma reutilização de áreas anteriormente utilizadas. Os moradores, quando permanecem vivendo numa mesma região, utilizam uma mesma área por dois anos em média, abandonando-a posteriormente para descanso. Esta área é retomada pela mata e se torna uma capoeira nova que, depois de alguns anos, pode ser reutilizada como roçado ou permanecer envelhecendo como capoeira até se fundir novamente à floresta. Neste modelo, ao longo de dez ou vinte anos, uma mesma área pode ser utilizada diversas vezes. Já num segundo modo de ocupação por roçados, o morador cultiva a cada um ou dois anos uma nova área de mata virgem e os locais anteriormente utilizados são abandonados definitivamente para

encapoeirar ou passam a fazer parte do campo de gado do morador se estiverem localizadas próximas à sua casa. Abaixo vemos um mapa que representa esse segundo modelo.

Mapa 27 Casa do Nonatinho da Foz do Bagé



(Raimundo Costa Lima, 2005)

Nonato desenhou as roças que já colocou em sua atual moradia na Boca do Bagé. Nonato é um dos moradores que sempre coloca um novo roçado em uma área de mata bruta, diferente da maioria dos outros moradores que preferem colocar o roçado em capoeiras ou no mesmo ponto durante alguns anos. O desenho de Nonato aponta ainda para a alteração das dimensões dos roçados no tempo. Os primeiros menores e mais próximos da casa enquanto que os roçados dos últimos anos são maiores e mais distantes. Observa-se uma linha amarela definindo o campo de pasto, área jamais definitivamente tomada da mata, dentro do qual se localizam os primeiros roçados da localidade, relativos aos anos de 1992, 1993 e 1994, com menores proporções em relação aos roçados dos últimos anos. Na região onde Nonato vive está ocorrendo uma aglomeração de pessoas nos últimos anos e uma disputa pelas terras do entorno. Talvez essa tendência também explique em parte a colocação de roçados em maiores distâncias, aumentando assim o raio de influência e de dominância de sua família, impedindo uma maior aproximação de outras famílias. Desse ponto de vista os roçados são, não somente uma disputa com a mata no tempo, mas uma disputa mais ou menos velada de território com os próprios vizinhos. Os roçados dos últimos anos estão justamente na direção em que Nonato e seus filhos defendem seu território de novos moradores considerados invasores, pois não lhes foi permitido morar nas proximidades e eles construíram suas casas e mesmo colocaram seus roçados nessa direção.

As intensidades de cultivo também não se apresentavam da mesma forma em toda a Bacia do Bagé nos anos de 2004, 2005 e 2006. O roçado voltado ao comércio pressupõe ou pelo menos requer uma maior

proximidade das vias fluviais. Assim, os maiores roçados, voltados para a produção comercial, concentravam-se na região do Baixo Bagé, onde praticamente inexistiam estradas de seringa ativas, enquanto que no Alto Bagé ainda existiam moradores zelando suas estradas de seringa e mesmo cortando. Nessas localidades do Alto, os roçados eram geralmente menores que os do Baixo, assim como a produção agrícola para a venda. As referências espaciais mais importantes para a moradia também diferiam de uma região para outra. No Alto, como as estradas ainda não estavam abandonadas elas ainda eram importantes referências espaciais para os moradores. Por sua natureza também são referências mais fixas, já que as estradas diferentemente dos roçados não poderiam mudar de local. Já no Baixo Bagé, as disputas por terras agricultáveis já apresentavam como um problema, devido à necessidade de uma localização mais próxima da beira do rio Bagé e à disputa por áreas cada vez maiores para a produção agrícola e a criação de gado.

Além da concentração da atividade comercial na agricultura, outros fatores parecem estar associados ao tamanho dos roçados, como é o caso do número de pessoas da família envolvido nas atividades agrícolas. Diversos núcleos familiares ligados por relações de parentesco podem dividir roçados e se unir para trabalhar em conjunto tanto na implementação dos roçados quanto no fabrico da farinha. A família de Antônio Grajaú, com diversos filhos adultos e homens solteiros morando na mesma casa, mantém grandes roçados coletivos, assim como a família de Nonato da foz do Bagé e seus diversos filhos casados que moram todos em um mesmo campo e se utilizam da mesma casa de farinha embora mantenham roçados separados por grupo familiar. A grande família de Gomes que forma a comunidade Remanso prefere um padrão de vários roçados espalhados, cada núcleo familiar que corresponde a uma casa possui em média dois roçados, um de roça madura, o arrancador, e outro de roça de plantio mais recente. Assalariados como alguns componentes da família de Farias, no entorno da localidade Seringueirinha, pagam diárias a diversos de seus vizinhos para que trabalhem em seus roçados. Na mesma região, no entorno da localidade Seringueirinha, a família nuclear de Eliodoro constituída por ele e seus dois filhos, ainda cortava seringa, mantinha roçados pequenos e produzia farinha exclusiva para consumo doméstico, no modelo mais próximo do tempo da borracha.

Embora os trabalhos mais pesados associados aos roçados sejam feitos por homens adultos, os roçados são como extensões da casa e do terreiro, e as famílias saem cedo de casa para o trabalho no roçado ou na farinha. Quando estão fazendo farinha para vender as famílias que têm os roçados e casas de farinha mais distantes de suas casas passam o dia e mesmo a semana na casa de farinha e no roçado. As crianças desde cedo aprendem a usar o terçado, a limpar e a brocar. Existem mesmo roçados que pertencem a crianças e idosos. Na colocação Talhado, vi um pequeno roçado de um menino de menos

de dez anos e no Cocal os roçados da dona Josefa que, com mais de setenta anos, mora em uma casa sozinha, embora cercada de casas de filhos.

Mapa 28: Comunidade Remanso.

paralela àquelas das casas e casas de farinha e desenhou um roçado para cada uma das residências em uma determinada ordem, em parte correspondente com a ordem que colocou nas casas. Os roçados fazendo parte da comunidade, mas em uma linha distinta da linha das casas. A comunidade é formada por dois caminhos com um conjunto de casas e uma terceira linha com um conjunto de roçados correspondentes. A meu ver, o desenho reforça a tese de uma certa continuidade ou mesmo associação necessária entre uma casa e seus roçados como definidores, conjuntamente, do que é o local de moradia, mas, ao mesmo tempo, desloca a linha dos roçados para o interior, longe da margem do rio e das casas e mais próxima da mata.

O mapeamento dos roçados

Abaixo temos uma imagem de satélite de 2001, com sobreposição de dados de 2004 e 2005 mostrando a localização de roçados nesses anos em determinada localidade. Em parte equivale ao mapa desenhado por Nonato mais acima onde ele aponta a história de localização de seus roçados. Todos os roçados antigos são hoje capoeiras e os mais próximos de sua casa tornaram-se campo de criação de gado. No mapa e na imagem de satélite abaixo mostramos áreas em vermelho da imagem, que equivalem aos roçados de dois mil e um, e áreas delimitadas por perímetros, também vermelhos, que correspondem aos roçados levantados entre 2004 e 2005 por Roxo e Caboré utilizando o GPS.

Mapa 29: Roçados em 2004 e 2005 da localidade Talhado, levantados por Antônio Barbosa de Melo e Raimundo Farias Ramos

Mapa 30 Roçados com imagem de satélite de fundo



A localização das casas, dos roçados(perímetros vermelhos) e do trajeto do rio foram feitos com a utilização de aparelho gps. Roxo e Caboré percorreram com os moradores os perímetros dos roçados e colheram informações sobre cada um deles, relativas à produção, qualidades de cultivos, história dos roçados e da utilização agrícola da região, produtividade, etc. Essa é apenas uma localidade. O mesmo trabalho foi feito para cerca de 200 roçados. Note-se que a distribuição dos roçados é bem irregular em relação à distância das casa. Normalmente os roçados não estão colocados muito próximos às casas. Quanto a isso parece haver uma regra geral. Quanto mais nova é a localidade mais próximos da casa estão os roçados e a casa de farinha. Nesse caso, da colocação Talhado, existem duas casas em que os roçados estão mais próximos, uma mais ao norte e uma mais ao sul da região enquadrada. Tais casas correspondem a moradores recentes, fruto de casais recém formados, que escolheram localidades próximas aos pais de um dos cônjuges para morar e ali, onde construíram suas casas, colocaram seus roçados. Bem ao centro do enquadramento temos um grande campo, em vermelho, que corresponde à sede da colocação, onde moram os mais velho do lugar. Há ali três casas em um mesmo campo de criação de gado e os roçados dessas famílias estão espalhados assim como as casas de farinha.

Roxo e Caboré percorreram o perímetro de diversos roçados na região do rio Bagé junto com os moradores e desenharam com o gps seus contornos. Fizeram entrevistas com os moradores levantando o modo de uso, a história, a produtividade. Em seu diário de trabalho, Caboré, me pareceu mais preocupado em registrar a importância que a agricultura passou a ter como importante alternativa

econômica para as pessoas da região, enquanto que Roxo fixou seu interesse em demonstrar os impactos desse tipo de agricultura de roçados na floresta ao redor. Em seu diário Roxo aponta que o modo de uso dos roçados na maioria das vezes reutilizando as mesmas áreas por mais de um ano, reutilizando áreas de capoeira e deixando as áreas já utilizadas para serem novamente tomadas pela floresta, não causa grande impacto na floresta. Uma das preocupações de nossa pesquisa era justamente apontar para impacto ambiental gerado pelo tipo de uso do território praticado pelos moradores.

Uma outra constatação da pesquisa foi o surgimento de novos referenciais espaciais para os moradores na medida em que as famílias passavam a optar cada vez mais pela agricultura comercial como forma de substituição da renda anteriormente esperada da produção de borracha. Obviamente que essa percepção foi mais evidente e cheia de detalhes para Roxo e Caboré do que para mim. Ao padrão espalhado dos tempos da importância das estradas de seringa, se sobrepõe um padrão mais aglomerado nas beiras dos rios procurando somar mão-de-obra e facilidade de escoamento da produção. A seguir utilizaremos os exemplos de algumas localidades para tratar desses processos mais gerais e suas especificidades concretas.

Fortaleza e Boa Vista da União, a aglomeração de famílias e a opção pela agricultura

Fortaleza é uma das colocações mais antigas do rio Bagé. Durante muitos anos foi sede do seringal de mesmo nome. Entre 2004 e 2006 existiam duas famílias no local onde foi a sede da colocação. As casas de Dona Maria Santa e de seu filho José Augusto. Um pouco mais acima, mas na mesma margem do rio, estava morando Dona Maria do Carmo Gomes da Silva, conhecida por Maria Viúva, casada com Déti, e, mais acima, ainda estava a família de seu Osmar.



Nonato com sua espingarda no roçado velho.

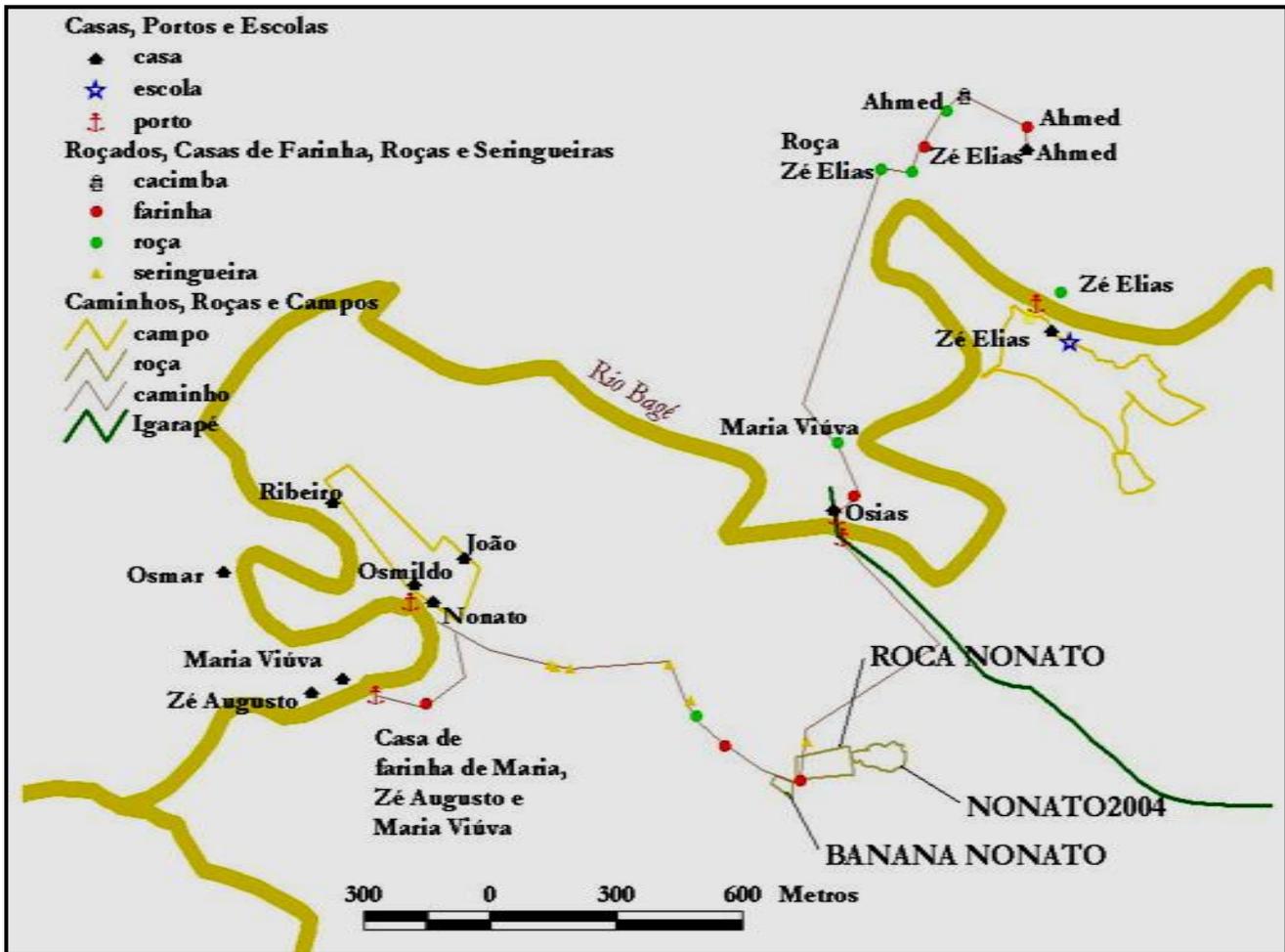
Nonato, casado com Dona Lousa, morava um pouco acima de sua mãe, Dona Maria Santa, do outro lado do rio em sua margem esquerda, na colocação Boa Vista da União. Três dos filhos mais velhos de Seu Nonato e Dona Lousa moravam no mesmo campo que ele: Osmildo, João e Ribeiro, cada um com a sua esposa e filhos. Na segunda viagem que fizemos, Osmildo e sua esposa Alessandra já estavam construindo uma casa em um bairro novo da cidade de Marechal Thaumaturgo. O casal Nonato e Lousa também tem um filho mais velho que está casado e que mora na cidade de Cruzeiro do Sul. Quando alguém da família precisa viajar à Cruzeiro é lá que se hospedam. Ribeiro também construiu sua casa próxima a de seus pais, no mesmo campo. Devido à curva do rio, seu porto é acima do porto da família de seu Osmar. Nonato e Lousa também têm filhas que viviam e estudavam em Marechal Thaumaturgo.

Francisca e Maria cursavam o segundo grau na escola da sede municipal. Moravam com sua irmã mais velha, casada com Zequinha. A casa de Zequinha era o local onde todos os membros da família se hospedavam quando viajavam a Marechal Thaumaturgo. Nonato também tem um irmão que mora em Thaumaturgo e algumas vezes se hospeda por lá. Durante nossas viagens, também nos hospedávamos na casa de Zequinha.

Francisco, outro filho adulto de Nonato e Lousa, mora com seus pais. Divide com Nonato a maior parte das atividades de caça e roça da casa. Juntos, pai e filhos, casados e solteiros, que vivem no mesmo campo, trabalham na produção de farinha. A família de Nonato praticamente deixou de cortar seringa, apesar de sua colocação ainda possuir estradas de seringa. Hoje, como é possível ver no mapa, seus roçados são grandes e eles produzem muita farinha para vender. A família possuía dois grandes fornos na casa de farinha, coisa que ainda não havíamos visto em nenhuma outra casa de farinha no rio Bagé. Com dois fornos e muitos braços de homens adultos, a família de Nonato pode cultivar grandes roçados e produzir muita farinha em um só ano.

No mapa, em amarelo, estão as fronteiras dos campos de Nonato e de Zé Elias. O campo de Nonato (4,3 hectares) foi demarcado a partir de pontos extremos que depois formaram um polígono. Já o campo de Zé Elias (5,5 hectares) foi percorrido em seu aceiro, em sua divisa com a mata, assim como o roçado de Nonato de 2004 (NONATO 2004), cuja área é de 0,6 hectare (seis décimos de um hectare). Há também um bananal ao lado do roçado, e entre o roçado de 2004 e o bananal está a casa de farinha mais nova e o roçado de 2003 (ROÇA NONATO), também grande (0,8 hectare – 8 décimos de hectare).

Mapa 32 Boca do Bagé



Nonato diz que nunca encoivou roçado. O filho de seu Zé Elias que mora mais acima diz o mesmo: “só tira o tanto de entrar a enxada e já joga a maniva ali”. Nonato acrescenta que sempre coloca seus roçados em mata bruta. Isso parece ser uma boa estratégia, já que, segundo ele, dessa maneira o solo está sempre rico. Em suas palavras: “O estrume daqueles paus da mata, quando não se faz a coivara, ajuda a batata crescer. Quando as pessoas encoivaram ele pode ficar fininho, porque limpam o terreno mais de uma vez.” Além disso, o solo da capoeira que se forma a partir de um roçado que é arrancado ainda não está cansado por ter sido utilizado uma única vez para cultivo, o que permite uma recuperação mais rápida da vegetação. Segundo ele, essa estratégia evita também a necessidade de limpeza constante, pois as “pragas” ainda não tiveram tempo de se espalhar já que a área, até então em mata bruta, não permitia a presença do mato que cresce em campos abertos devido a iluminação solar. Em outubro de 2004, Nonato plantou roça, milho e arroz. Além disso, seu roçado possuía outros cultivos: banana, mamão, café, verduras e pimentas. Em 2004, ele tinha 104 touceiras de banana de

diferentes qualidades plantadas. Os pés de roça eram cerca de vinte mil. Um número bem elevado, com clara intenção de produzir farinha para vender no mercado e não somente para o consumo. Só para se ter uma idéia os roçados que levantamos rio acima possuíam uma média de 2000 pés de roça. Contudo o roçado não pertence somente à sua casa, ele é coletivo, pertence também a seus filhos casados que também trabalham na mesma terra. Segundo ele, essa roça só estaria no ponto de arrancar para fazer farinha em outubro de 2005. Já o milho seria colhido em janeiro e o arroz em fevereiro.

A rentabilidade da roça para a feitura de farinha é bem variável, depende da qualidade da roça, do seu tempo dentro da terra, etc. Existem qualidades mais rendosas que outras. A qualidade mulatinha é a atual preferência da população do Bagé. Ela é cultivada na maioria dos roçados que visitamos. Durante o período que estivemos na Boa Vista da União, na casa de Nonato, encontramos com o filho de seu Zé Elias, que estava arrancando roça para cevar. Ele e Dona Noêmia, sua mãe, arrancaram aproximadamente cinqüenta pés de roça mulatinha, plantada há um ano e dois meses, o que produziria um pouco mais de uma saca, por volta de cinquenta quilos de farinha.

Embora existam qualidades preferenciais de roça para fazer farinha, em nenhum roçado que visitamos havia somente uma qualidade de roça. Sempre há pelo menos outra qualidade plantada, mesmo que em proporções menores, e, na maioria dos roçados, existem diversas qualidades. No roçado de Nonato, por exemplo, são cinco qualidades de roça. Entre alguns moradores há uma preocupação constante em testar novas qualidades. Como as pessoas diferenciam facilmente as qualidades pelo caule, pelo talo e pelas folhas, muitas das novas qualidades de roça que chegam ao Bagé são oriundas de viagens feitas pelos moradores para outras regiões. Antônio, filho de seu Tragino e Dona Bahiana, morador da colocação Talhado, descreveu como esse processo geralmente acontece. Durante as viagens, dentro das embarcações ou mesmo andando pelos caminhos, as pessoas identificam qualidades de roça que desconhecem, pelas características das folhas, dos talos e dos caules. Solicitam então ao proprietário dos roçados algumas manivas e as carregam consigo para plantar. Outras vezes, parentes e amigos de localidades mais distantes apresentam qualidades de roça e cedem as manivas para o plantio. Essa prática de observação e importação de diferentes qualidades de cultivo também se dá com outras plantas. Quando Nonato visitou Campinas, no Estado de São Paulo, andando nas ruas do distrito de Barão Geraldo, na cidade de Campinas, ou mesmo nos mercados, reconheceu diversas qualidades de abacate, mamão, manga, que não existiam no Acre e no Bagé. Secou as sementes e as levou consigo.



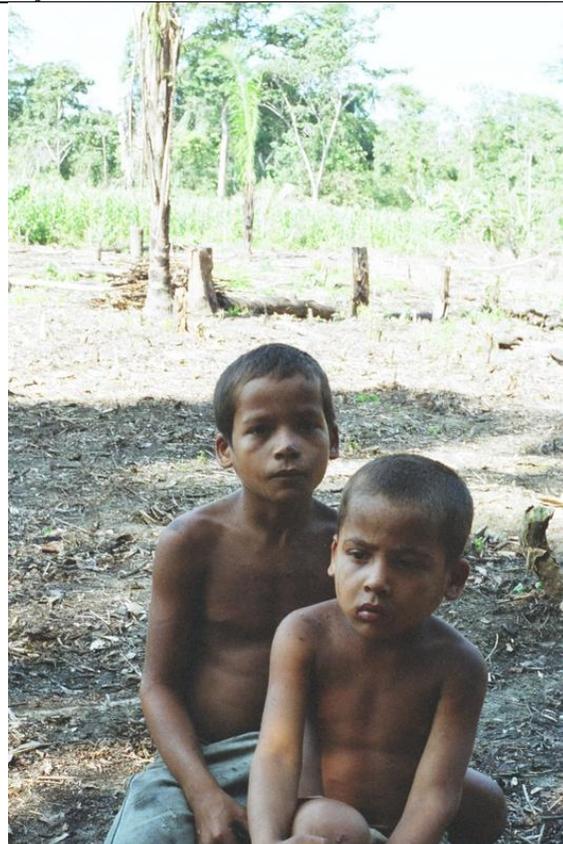
Roçado em ponto de ser plantado.



Aceiro de roçado, a fronteira entre a mata e a roça



Queima de coivara, final da preparação do terreno para fazer as covas e plantar as manivas.



Filhos de seu Osias, marcados com o “preto” da queima das coivaras.

Além da importação de diversas qualidades há uma prática de pesquisa e seleção de outras novas. Nonato contou-nos como selecionou e batizou a roça canela de jabuti. Ele mantém em um canto de seu roçado as macaxeiras originárias de sementes que nascem naturalmente em vários locais de seu roçado. Rapidamente identifica uma roça de semente pelo caule e suas folhas. Depois, passa a testá-las com relação à durabilidade no solo, ao tempo necessário para madurar, à qualidade da farinha. Testada, classificada e aprovada, a nova variedade passa a fazer parte de seu roçado. Com a qualidade canela de

jabuti foi assim. Hoje essa qualidade de roça já faz parte de seu roçado e ele já cedeu manivas para vizinhos.

A distância entre a casa de Nonato e sua atual casa de farinha é de aproximadamente 1 Km. No trajeto existem poucos trechos de mata bruta. A maior parte da área entre esses dois pontos é formada de capoeiras de diferentes idades, com alguns trechos de mata bruta principalmente na beira de igarapés. No mapa abaixo, Nonato mostra justamente essa dinâmica de afastamento dos roçados, resultado de sua prática de botar roçado sempre em mata bruta. Nesse mapa também é possível observar que o tamanho dos roçados foi aumentando ao longo dos anos.

Em novembro de 2004, Maria e seu marido Nonatinho, moradores da Foz do Tejo que nos hospedaram em sua casa durante a viagem, cultivavam dois roçados de roça e um de arroz. Nos de roça, cultivam também o milho. Nos dois roçados de roça possuíam nove qualidades diferentes de roça: milagrosa, rasgadinha, maria-faz-ruma, caboclinha branca, roça da bola (amarela), roça preta, curimê, amarelinha e campá. No caso de sua família, os mesmos locais onde hoje estão colocados os roçados, já foram cultivados feijão em 2002, arroz em 2003, roça e milho em 2004. Em abril de 2002 plantou feijão, colhendo-o em agosto do mesmo ano. A terra ficou então parada por dois ou três meses. Depois disso, o terreno foi preparado para o arroz ser plantado, em novembro. Colheram esse arroz em março do ano seguinte. Então esperaram até o verão, os meses sem chuva, para brocar, encoivarar e tocar fogo. Plantaram então sua roça em outubro. A Foz do Tejo é um local com uma certa concentração de moradores, por isso há uma certa restrição para as áreas de cultivo.

Quanto à rentabilidade, afirmam que, dependendo da macaxeira, menos de mil pés são suficientes para produzir vinte sacas de farinha, uma média de cinquenta pés de roça por saca de farinha. A família de Nonatinho e Maria também está constantemente testando as qualidades de roça. No roçado mais antigos plantaram nove qualidades, no segundo elas foram reduzidas para duas, a caboclinha e a maria-faz-ruma, que apresentara maior rentabilidade e uma farinha de boa qualidade, a partir das experiências realizadas no roçado mais antigo. Em 2001 eles haviam plantado a qualidade chamada de Bola, que não encontramos no Bagé. Posteriormente, abandonaram esse roçado, pois era muito distante da casa e a farinha produzida a partir dele era de má qualidade. Nesse local já existia uma capoeira. Acabaram plantando naquele local distante com a finalidade de impedir que os animais dos vizinhos invadissem e devastassem as macaxeiras, pois ainda não haviam cercado o roçado atual.

Incontestavelmente, a farinha e demais produtos agrícolas passaram a ocupar um lugar de maior destaque como produto comercial em relação à borracha. Um dos motivos apresentados pelos moradores relaciona-se à diferença entre os riscos de comercialização entre os dois produtos. Nos

últimos anos houve certa dificuldade e mesmo incerteza a respeito da comercialização da borracha. Já a comercialização da produção agrícola é praticamente certa. Embora a flutuação dos preços dos diversos produtos de um ano para outro acarrete um certo grau de incerteza com relação aos lucros, a produção agrícola possui diversos compradores possíveis tanto em Cruzeiro do Sul como mais recentemente em Marechal Thaumaturgo. Diferentemente da borracha, que quase sempre depende da intermediação da Associação e de projetos governamentais para ser negociada, a produção agrícola, como a farinha, por exemplo, é levada diretamente para a margem do rio em Cruzeiro do Sul onde intermediários e comerciantes negociam diretamente o preço com o produtor. Os agricultores reclamam que o excesso de oferta derrubam os preços. Outra vantagem da produção agrícola em relação à borracha, dizem os moradores, é que na pior das hipóteses ela pode ser consumida em casa, se não encontrar comprador, enquanto que “ninguém pode comer borracha”.

No que diz respeito à distribuição da população ou ao modo de ocupação, o foco na borracha ou na produção agrícola como principal produto comercializável junto ao mercado das cidades conduzem a situações bem distintas. É opinião unânime entre os moradores que a concentração populacional favorece um cenário de produção agrícola. Núcleos familiares mais concentrados, onde os filhos e filhas que vão se casando moram perto ou no mesmo campo dos pais, possibilitam roçados comuns bem maiores, devido ao trabalho conjunto, e a produção de farinha em uma escala apropriada para o comércio. Um sistema de dois fornos, como o de Nonato e sua família na foz do Bagé, só funciona com envolvimento de muitas pessoas. Ao contrário dos roçados, cuja localização depende de uma decisão dos moradores, a exploração da borracha depende da disposição natural das seringueiras, que encontram-se dispersas por grandes áreas de floresta. Se a colocação da família for razoavelmente distanciada da de seus vizinhos é possível, como acontece no Laranjal, na Bégica e no centro do Jaminauá, uma aglomeração de até quatro ou cinco seringueiros aparentados, pai e filhos por exemplo, explorar as estradas de seringa ao redor. Já numa situação como na foz do Bagé, onde existem vários núcleos familiares relativamente próximos, as seringueiras do entorno talvez não sejam suficientes para todos os seringueiros potenciais. O aumento da densidade populacional nas proximidades da Boca do Bagé, portanto, favorece uma dedicação maior à agricultura em relação à exploração da borracha, mesmo se a borracha estivesse atingindo valores compensatórios.

Pelo mesmo motivo, a caça está cada vez mais difícil nesse pedaço da bacia. A aglomeração populacional é grande, os roçados, dois por cada famílias pelo menos, estão por toda parte e as matas de caça e os percursos dos animais ficam cada vez mais distantes. São cada vez mais frequentes e necessárias as expedições de caça para matas mais distantes.

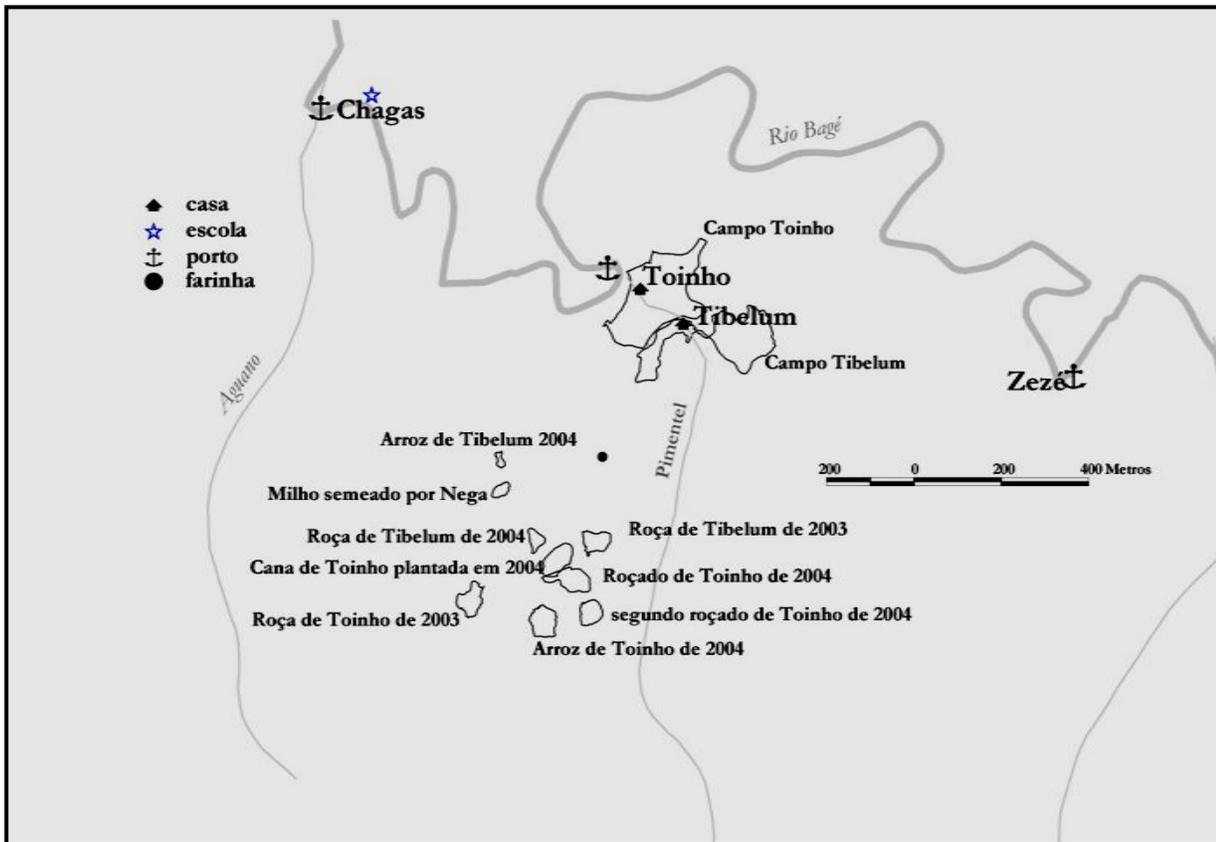
Numa área aproximada de 5 Km², a área visível no mapa, existiam onze casas. Isso significa uma densidade de residências de cerca de duas casas por quilômetro quadrado. Não consideramos as áreas de uso totais dessas famílias, nem a quantidade total de moradores, contudo, é possível observar pelo mapa como Nonato e seus filhos, por exemplo, estão em uma região em que, num raio de um quilômetro, existem moradores em pelo menos três direções. A nordeste, no rumo da Boca do Rio Branco, estão as famílias de seu Osias, de Ahmed Joaquim e de José Elias. A leste, subindo um pouco o rio, está a família de Osmar. Ao oeste estão as casas de seu irmão José Augusto, de sua mãe, Maria Santa, e de Dona Maria Viúva. Ao sul, há pouco tempo vive Mota, filho de dona Maria Viúva, que estava abrindo um campo de criação de gado logo depois dos roçados de Nonato, em direção à beira do Tejo. Ao leste da casa de Nonato estão algumas matas utilizadas pelos moradores para a caça, no entanto estão muito próximas de casas de moradores do rio Tejo e são disputadas pelos caçadores de toda a sua vizinhança. Além dessas, existem áreas de caça freqüentadas pelos caçadores desse trecho do Bagé, nas direções norte e leste, e nas águas do rio Branco ou mesmo do Chaleira. Essas matas também têm concorrentes tanto das águas do Bagé quanto do Rio Branco, do Chaleira e do Tejo.

Acima do porto de seu Osmar e de Ribeiro, o próximo porto é de seu Osias e, depois, de Ahmed Joaquim e José Elias. Percorremos com Nonato o caminho pela mata que interliga sua casa à casa desses vizinhos. Essa região já está mais próxima da Boca do Rio Branco. No mapa é possível ver pontos que marcam a presença de outros roçados. A colocação onde hoje mora seu Osias já foi morada de seu Etelvino, conforme mapa de Nonato para o ano de 1967. Em 2004 ainda havia ali, na proximidade da casa de Osias, um roçado de Dona Maria Viúva. Antes de seu Osias e sua família, Dona Maria Viúva parece ter ocupado por algum tempo aquele local. Seu Etelvino, que morou muitos anos no local, deixou casa e várias benfeitorias no terreno. Seu Osias mora com a esposa e vários filhos ainda pequenos. Antes de mudar para esse local, ele morava no Rio Branco. Dona Maria Viúva é filha de Dona Doca e seu Chico Elias. Dona Doca, por sua vez, é filha de Dona Santa e Zé Brabo. Desse último casal, Dona Santa e Zé Brabo, são originárias três grandes famílias do rio Bagé que em sua maior parte vivem no Rio Branco e nas proximidades de sua foz.

Boca Pimentel e Cotovelo

No mapa abaixo podemos ver o trajeto do rio Bagé entre a colocação Maparajuba e a Boca do Pimentel. Passamos pelas colocações Campos Elíseos, Dorico e Cotovelo. Além dos moradores assinalados no mapa pela localização de seus portos, temos, segundo informações de Nonato de 2004, as famílias de Zé e Maria, Toinho do Tum e Nizinha, Tum e Branca, Raimundinho do Tum e Gadiê.

Mapa 33 Roçados e campos da Boca do Pimentel, 2005



Depois de morar no Campos Elíseos e no Alto Bagé, Seu Antônio Ferreira Lima se estabeleceu na Boca do Pimentel. Seu Antônio Ferreira Lima, conhecido como Toinho Grajaú, depois de ficar viúvo de Dona Mastília, casou-se com dona Nova, filha de Diquinho. Além de sua esposa, ele vive com outros filhos solteiros: Manuel, Gílison, Chopinha, Mone, Mauro, Selma e Elândio. Seu filho, conhecido como Tibelum, mora na mesma localidade, um pouco mais afastado da margem do Bagé. Embora possuam casas próximas, cada uma das família possui seus próprios roçados e campo.

O campo de Tibelum estava com 2,8 hectares na época da pesquisa, e o de seu pai com 3,9 hectares. A tabela a seguir mostra os roçados mapeados junto com seu Antônio Grajaú.

Cultivo	Ano	Hectares
cana	2004	0,5
Roça	2004	0,5
Roça	2004	0,3
Roça	2003	0,4
Arroz	2004	0,5

Os roçados de Tibelum são: 2004, roçado de roça de 0,2 hectares; 2003, roçado de roça de 0,3 hectares; sua esposa cultivava um roçado de milho de 0,1 hectare e possuíam também um roçado de arroz plantado em 2004 com uma área de 0,2 hectares. Tibelum aparentemente reduziu o tamanho da área cultivada de roça entre 2003 e 2004. A área menor de seus roçados em relação aos de seu pai justifica-se pela conformação de sua família. Seus filhos são mais novos e são menos braços adultos para o trabalho do roçado.

Entre os anos de 2003 e 2004 a área de roçado de roça dobrou de quatro décimos de hectare em 2003 para oito décimos de hectare em 2004. Esse aumento talvez reflita a intenção de vender mais farinha em Marechal Thaumaturgo e Cruzeiro do Sul, já que o número de membros da casa não aumentou. Assim como a família de Nonato da colocação Boa Vista da União, a falta de segurança com relação à borracha e as possibilidades mais favoráveis de negociação da produção agrícola, especialmente a farinha, fazem com que os moradores invistam com cada vez mais intensidade na produção agrícola destinada ao mercado.

Há algum tempo atrás, a sede do município de Marechal Thaumaturgo não era mercado possível para a farinha. Quem quisesse vender farinha normalmente teria que transportá-la até a cidade de Cruzeiro do Sul por conta própria. Apesar de Cruzeiro do Sul continuar sendo o destino principal da farinha produzida nas regiões acima da Boca do Amônea, ela é também comercializada diretamente em Marechal Thaumaturgo, onde o mercado interno ampliou-se devido ao crescimento da própria cidade. Além disso, muitos dos comerciantes de farinha que as compravam dos produtores no porto de Cruzeiro do Sul têm mais facilidade para transportá-la de Marechal Thaumaturgo para Cruzeiro do Sul, devido às embarcações que, durante o inverno, fazem o trajeto constantemente.

Outro fator importante que contribuiu tanto para o aumento do mercado de Marechal Thaumaturgo quanto para o aumento da circulação de dinheiro na sede municipal, foi a transferência do pagamento das aposentadorias dos trabalhadores rurais moradores do Município de Marechal Thaumaturgo para lá. Há poucos anos, os aposentados tinham que descer até Cruzeiro do Sul para sacar no banco os valores de suas aposentadorias. Nisso dispendiam tempo e dinheiro, e os aposentados acabavam gastando todo seu dinheiro em Cruzeiro do Sul, onde as mercadorias eram geralmente mais baratas que no raro comércio de Marechal Thaumaturgo.

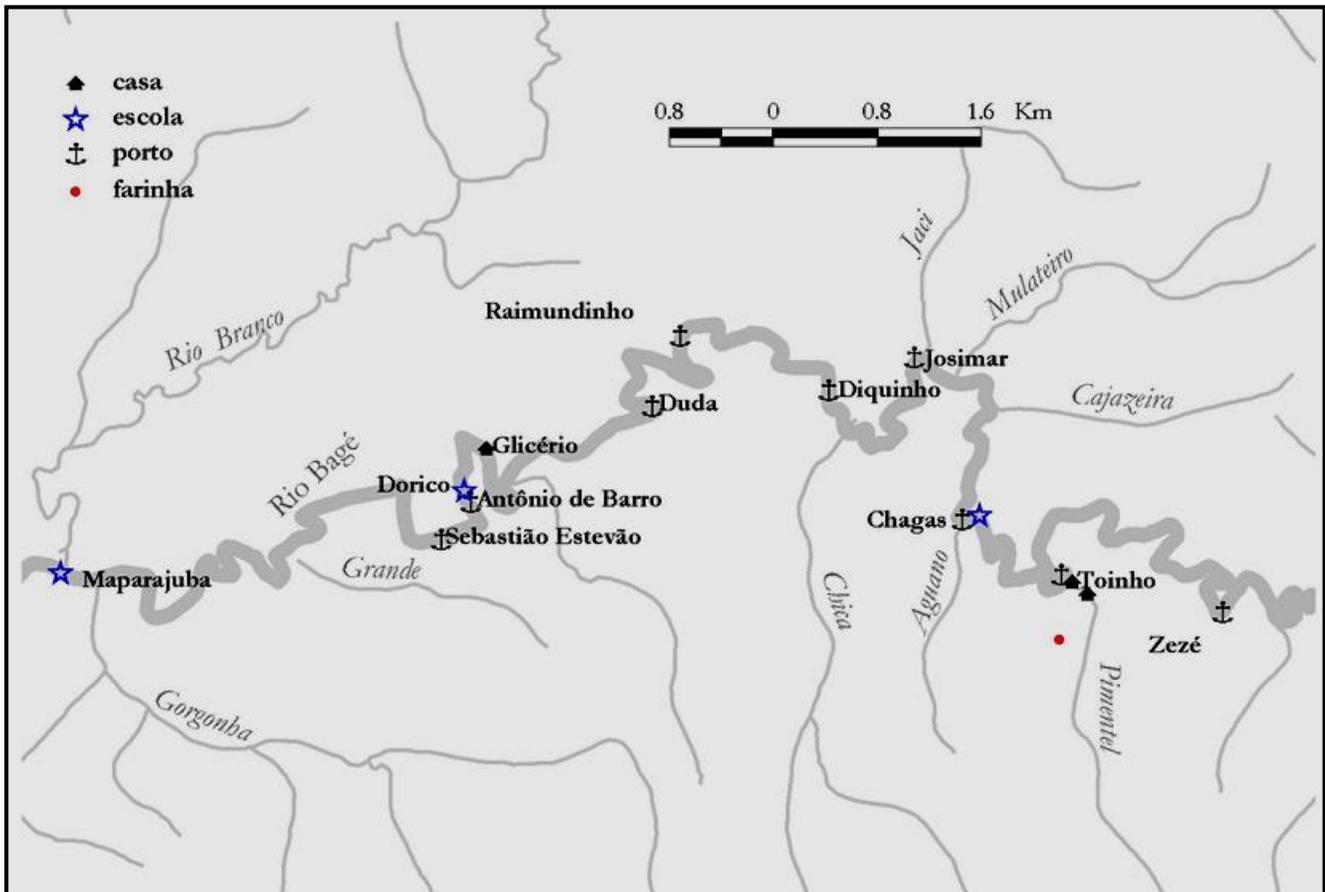
Depois dessa alteração, os aposentados passaram a sacar os valores relativos a suas aposentadorias nos caixas dos próprios comércios de Marechal Thaumaturgo. Por conseguinte, depois dessa alteração na forma de pagamento das aposentadorias, todo o dinheiro passou a ser gasto em Thaumaturgo. Novos

pontos comerciais foram abertos e a cidade cresceu rapidamente. Além disso, há alguns anos foi inaugurado um novo colégio na sede municipal. De modo que, dois entre os mais importantes fatores de migração da população para a periferia de Cruzeiro do Sul passaram a estar presentes em Marechal Thaumaturgo: o mercado e a continuidade de estudo para os filhos.

Para fins de organização das políticas públicas, o poder municipal e mesmo o IBAMA, nas áreas que fazem parte da Reserva Extrativista do Alto Juruá, incentivaram os moradores a se organizar em comunidades. Anteriormente, como vimos, o território estava organizado em seringais e colocações. O novo modo de dividir os moradores em comunidades é fruto de políticas recentes, originadas tanto do poder municipal quanto do IBAMA. Embora exista uma preocupação de organizar as residências em termos de proximidade a fim de facilitar a execução e distribuição das políticas públicas, as comunidades levam em conta, além da proximidade física, as relações de afinidade entre os moradores, já que, em última análise, são eles próprios que se incluem dentro de uma ou outra comunidade. Por outro lado, também deve-se considerar que a proximidade física pré-existente, em geral, já é indicativa de alguma afinidade. É muito comum, por exemplo, que pais e filhos vivam próximos, mesmo que separados por trechos de floresta.

As casas das colocações Cotovelo, Boca do Pimentel e outras próximas, por exemplo, formaram uma comunidade (registrada na prefeitura como Cotovelo e no IBAMA como Boca do Pimentel). Ela inclui oito casas: de Toinho e Nova, de Tibelum e Nega, de Chagas e Dodó, de Josimar e Mafisa, de Nesinho e Maria, de Diquinho e Zuleide, de Antônio e Nira, de Raimundo e Maria.

Mapa 34 Moradores entre Maparajuba e Boca do Pimentel.



Calendário anual e a rotina no roçado na colocação Olho D'água

Botar roçado é uma atividade que não se encerra. Observar um roçado somente a partir de sua implementação não dá conta do caráter processual que ele assume e impõe aos seus proprietários. Há uma dinâmica anual envolvida na sua manutenção que envolve muito mais seus moradores que a empresa de sua implementação. É nessa dinâmica onde encontramos uma de suas características mais importantes no que diz respeito ao jogo e na disputa em que ele é palco privilegiado entre moradores e a floresta, na definição cotidiana das fronteiras do que é o pisado, os caminhos, os roçados, os terreiros e os campos, e do que é o absoluto.

Uma característica definidora de um roçado é que ele deve ser mantido ao longo do tempo, o que pode significar até três anos de trabalho contínuo e diário. Um roçado, do ponto de vista da relação de seu proprietário com ele, é um lugar de disputa diária com a mata por um espaço amansado. Mesmo o terreiro deve ser continuamente mantido para que se diferencie da mata, mas no caso do roçado a situação é mais limite, ele nunca é completamente limpo, e desse ponto de vista é mais fronteiro com

a mata que o terreiro. Nessa seção espero fazer sentir, esse caráter fronteiro do roçado, chamando a atenção para o tempo dedicado a ele por seus proprietários. Especialmente o tempo para sua manutenção em relação à constante invasão da mata. A invasão da vegetação que não é planta na linguagem local, pois não é da responsabilidade do homem e de seu cultivo. É a vegetação braba, que se torna mata, que não precisa ser cultivada.

Apresento abaixo trechos comentados do diário de um morador-monitor, Antônio Cunha, descrevendo atividades cotidianas em diferentes épocas do ano, tanto para apresentar um calendário anual da distribuição de algumas das atividades de uma família, especialmente em função das variações sazonais, quanto para apontar o trabalho envolvido nos roçados frente as demais atividades.

Os moradores dizem que o clima tem se alterado muito, e ele é determinante tanto no calendário de cultivo dos roçados quanto para as atividades de caça, pesca e coleta. Segundo os moradores essas mudanças têm ocorrido com mais velocidade nos últimos anos. Antigamente, dizem eles, a estação das chuvas se distinguia claramente da estação das secas. O ano era então dividido da seguinte maneira: o período das chuvas, o inverno, se estendia de outubro até abril, marcado pelas primeiras chuvas entre final de setembro e meados de outubro, e o verão começava com as primeiras friagens em maio, até mesmo em final de abril, e terminava com as primeiras chuvas importantes entre setembro e outubro. No entanto, esse padrão passou a se alterar de forma mais definitiva a partir de 2004 e 2005. Segundo os moradores, desde então, não é mais possível falar em estação seca, pois chove praticamente o ano todo, inclusive nos meses anteriormente de auge da estiagem. As friagens que marcavam o início do verão seco não existem mais e chove muito mais do que antes entre os meses de maio e setembro. Essas alterações, segundo alguns moradores, são resultado da ação humana. Alguns associam aos desmatamentos e outros às alterações que os seres humanos tentaram impor até aos horários, ao alterar os horários do Estado do Acre, por exemplo, “O homem quer saber mais do que Deus”. Antes, no padrão antigo, havia o cuidado de plantar a roça e o milho em um período bem determinado. Segundo o que pudemos constatar com o trabalho de Roxo e Caboré nos roçados do rio Bagé, apesar de ainda seguirem o padrão antigo na maioria dos casos, já existem moradores plantando em diversas épocas do ano.

Outro aspecto importante que fica evidenciado com o diário de Antônio é que, pelo espectro de atividades nas quais os moradores se encontram envolvidos em seu cotidiano, fica difícil caracterizar seus moradores como agricultores, coletores, caçadores ou quaisquer outras categorias como essas, ligadas a uma ou poucas atividades. O diário de atividades de Antônio, na íntegra em anexo, aponta para uma diversidade de ocupações relacionadas aos usos dos rios, das matas e do solo. Acompanhar

esses usos no tempo mostra que os moradores não se esforçam em estabelecer propriedade sobre uma área de solo específica mesmo em seus cultivos agrícolas, como fazem os agricultores que vivem em lotes, por exemplo. Os roçados vão se espalhando por amplas áreas da floresta não somente porque não há divisão de lotes, mas porque o modo e as técnicas de cultivo incluem a utilização de áreas de floresta a cada período de anos e a rotação de uso de áreas de capoeiras. Além disso, os moradores não se estabeleceram em um determinado território para trabalhar suas terras e viver exclusivamente do que plantam, apesar da maior importância recente dada pelo mercado aos seus produtos agrícolas. Esse movimento recente em direção a uma agricultura mais comercial, ou a produção de excedentes agrícolas para fins comerciais, incentiva as pessoas a morarem mais próximas das margens para facilitar o escoamento da produção, mas onde morar nas margens é definido, sobretudo, pela consideração das áreas de uma família extensa e pela possibilidade de manutenção de relações de vizinhança, parentesco e amizade que garantem, entre outras coisas, auxílio essencial para algumas famílias no trabalho de botar um roçado.

Assim, o modo pelo qual os moradores se relacionam com seus roçados não indica fixação no território, ao contrário indica mobilidade territorial e a ocupação territorial naquele momento. As estradas de seringa sim indicam uma fixação territorial e uma estão associadas a uma idéia de propriedade, mesmo assim de uma propriedade não comercializável, não soube de ninguém que tenha vendido uma estrada de seringa, embora já tenha ouvido as pessoas dizerem que venderam uma colocação, dizendo com isso que venderam seu trabalho sobre aquela terra e não uma área. Estradas de seringa são passadas de pais para filhos, divididas entre esses filhos, mas não vendidas. Estradas de seringa definem colocações mesmo quando não há ocupação naquele momento, mas roçados são transitórios e indicam uma ocupação imediata, naquele ano ou nos últimos anos.

Como já disse anteriormente, o local onde se assenta a casa de uma família pode variar muito ao longo dos anos sem que se mude de colocação, pois as áreas possíveis de roçado continuam as mesmas, assim como as estradas de seringa. As localizações dos roçados se atualizam ano a ano enquanto que as estradas de seringa e as matas de caça e demais áreas de uso permanecem. Faz mais sentido nesses termos pensar o roçado antes como um espaço de relação. É o local que durante um período curto de tempo deixa de ser mata ou capoeira, para se tornar pisado uma área doméstica, mansa, pisada, para em poucos anos encapoeirar e ir se tornando mata novamente. É mais fácil observar essa característica no cotidiano dos moradores em seus afazeres e a presença da implementação e principalmente da manutenção do roçado ao longo dos dias do ano.

O roçado é uma pequena área normalmente rodeada de mata Sua localização varia pelo menos a cada

dois anos e geralmente não é uma área completamente limpa de tocos de paus, de troncos caídos. Com raríssimas exceções não se notam fileiras de cultivo, as covas são distribuídas numa distância mínima umas das outras, mas não necessariamente enfileiradas em linha reta. Muitos dos roçados que visitei podem facilmente ser confundidos por olhos desavisados com capoeiras e o feijão, em especial, é mesmo plantado dentro da mata, de uma capoeira nova ou antiga, sem que a área seja minimamente brocada ou limpa das outras espécies vegetais da mata ou da capoeira. Os moradores, obviamente, distinguem claramente o roçado da mata, entre um e outro há o aceiro. Justamente porque são encarados como domínios temporários e numa relação cotidiana com a mata envolvente, essa sim inexorável, inextinguível, por vezes uma parceira (quando dá terra naturalmente fértil para o próximo roçado), por vezes um empecilho (quando tem que ser derrubada) os roçados e aceiros são constantemente limpos, numa situação que reforça os limites em relação à mata e ao mesmo tempo sua transitoriedade no tempo. Não se trata aqui da luta do homem para eliminar a natureza e produzir, mas de um jogo sutil entre parceiros, no qual ambos continuarão existindo e se relacionando, em uma palavra, a relação ambiente organismo em sua forma agrícola. Talvez essa perspectiva soe um tanto quanto romantizada, mas é empiricamente observável na sucessão sem fim de capoeiras e roçados, na mobilidade sem fim das plantações e de seus moradores.

A implementação de um roçado é uma tarefa especialmente laboriosa. No Bagé é uma das atividades que muitas vezes emprega o trabalho de um grupo maior que o próprio grupo familiar expandido⁴⁵. Observaremos o trabalho social envolvido nos roçados ao longo do ano a partir da perspectiva de Antônio Oliveira Cunha, filho de Eliodoro e neto de Nazaré. Antônio Oliveira Cunha é um jovem de pouco mais de vinte anos, morador da colocação Olho D'água na beira do rio Bagé, em sua margem esquerda, acima da boca do igarapé Pavilhão. Durante três anos, com a interrupção de alguns meses, ele anotou as atividades cotidianas dos moradores de sua casa: ele, seu pai e seu irmão e depois sua esposa. São informações detalhadas e referentes ao período entre junho de 2003 a novembro de 2005. Como não há anotações ininterruptas para um ciclo anual inteiro, anotações importantes em anos diferentes, uma alteração na configuração da família durante o período todo considerado e uma complementariedade entre períodos com relação à estação do ano, preferi apresentar uma seleção das anotações em ordem cronológica. Minha intenção inicial era colocar o texto todo de Antônio, pois as informações são riquíssimas e em seu todo apresentam a riqueza do cotidiano na floresta, porém o

⁴⁵ Sobre grupos familiares nesse contexto e grupo familiar expandido ver o trabalho de Mauro Almeida “Resdescobrimo a Família Rural” onde o autor mostra que o emprego do termo família deve ser situado conforme os diversos contextos possíveis.

capítulo ficaria muito extenso. Assim, com muito pesar selecionei trechos, ou esquitei o texto, conforme o assunto que precisava destacar, procurando sempre mostrar a predominância de determinadas atividades em diferentes períodos do ciclo anual, e, além disso, o trânsito e as atividades constantes durante o ano na manutenção dos espaços de roçados. Abaixo apresento uma introdução à família de Antônio e à colocação onde mora para que se possa acompanhar seu diário. Os desenhos de Antônio mostram sua colocação no ano de 2004 quando estivemos lá em outubro.

Eliodoro, filho de Dona Nazaré, mora com seus filhos José e Antônio. Sua colocação Olho D`água corresponde a um pedaço da antiga colocação Santa Cruz, já que parte das estradas de seringa que pertenciam a essa colocação ficaram pertencendo à sua colocação. As colocações eram tradicionalmente definidas por suas estradas de seringa. As casas e roçados podem mudar de lugar, a referência principal de uma colocação são sempre suas estradas de seringa. Nos moldes locais, uma casa é um investimento que dura cerca de um mês de trabalho da própria família e de recursos, em sua maioria extraídos da própria floresta. Pelo que assuntamos, as casas mais tradicionais, feitas de paxiúba e cobertas de palha, dependendo da manutenção, podem durar mais de quinze anos, e é bem comum os moradores alterarem o local da casa depois de anos em um mesmo local. Algumas vezes porque a casa está velha, outras para acompanhar o movimento dos roçados ao longo dos anos. Praticamente todos os homens adultos conhecem a técnica de construção em todos os seus detalhes. Embora um ou outro seja mais habilidoso para levantar uma casa, a arquitetura envolvida é bem conhecida, existindo alguns projetos de medidas conhecidas por todos.

A despeito de uma preferência atual por casas feitas de madeira serrada e cobertas por telhas de alumínio, o que necessariamente exige o pagamento de um serrador e compra de material na cidade, é possível afirmar que qualquer família é capaz de construir uma casa no estilo mais tradicional, dependendo exclusivamente de pregos, um terçado e recursos da floresta. Na última vez em que estivemos na casa de Eliodoro e de seus filhos, eles estavam terminando de construir uma nova casa em madeira serrada, para substituir a casa de paxiúba coberta por palha.



José Bebê, uma frasqueira e seu pai Eliodoro



Tonho(Antônio) e Eliodoro na escada da antiga cozinha.

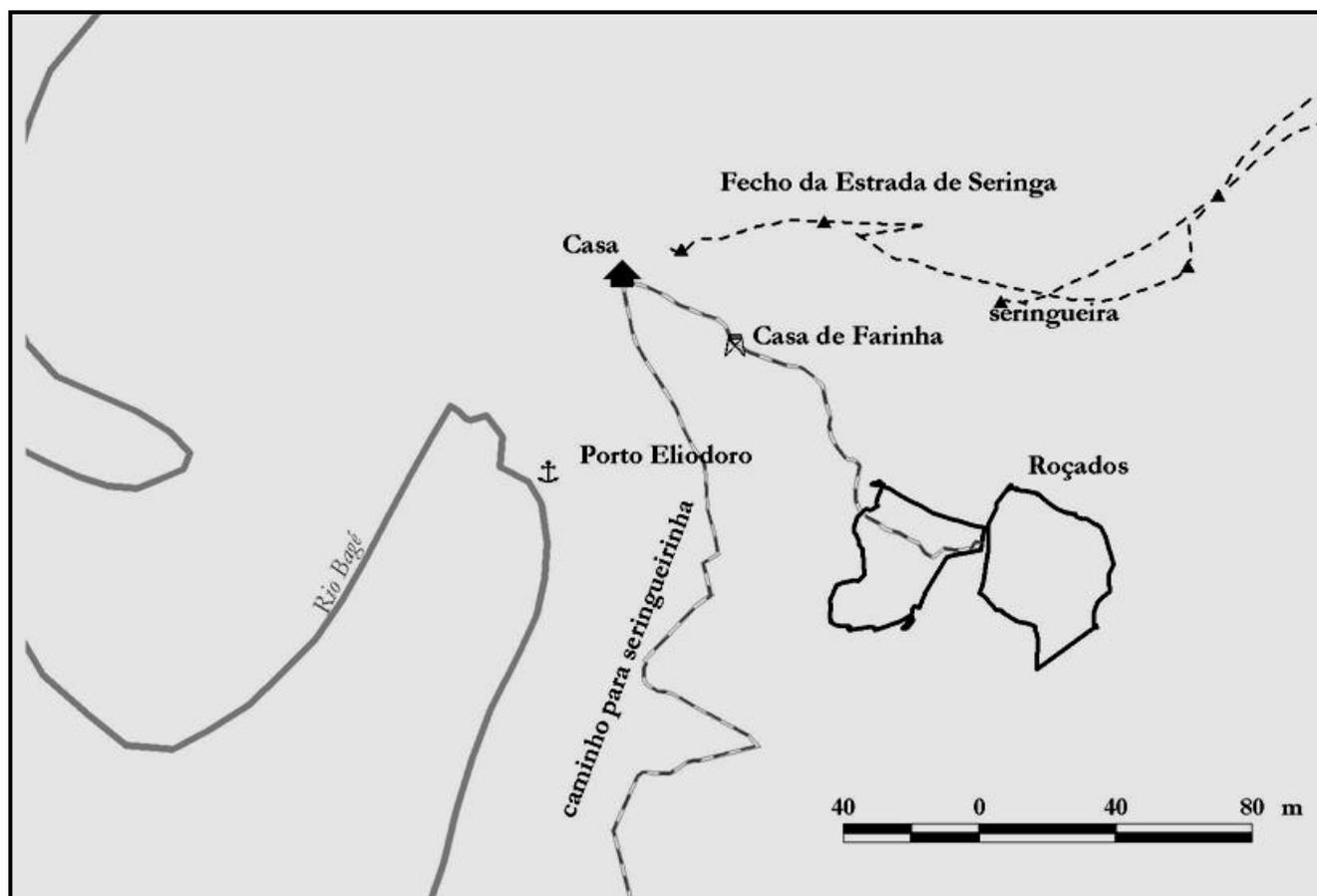


Bebê trabalhando na construção da nova casa

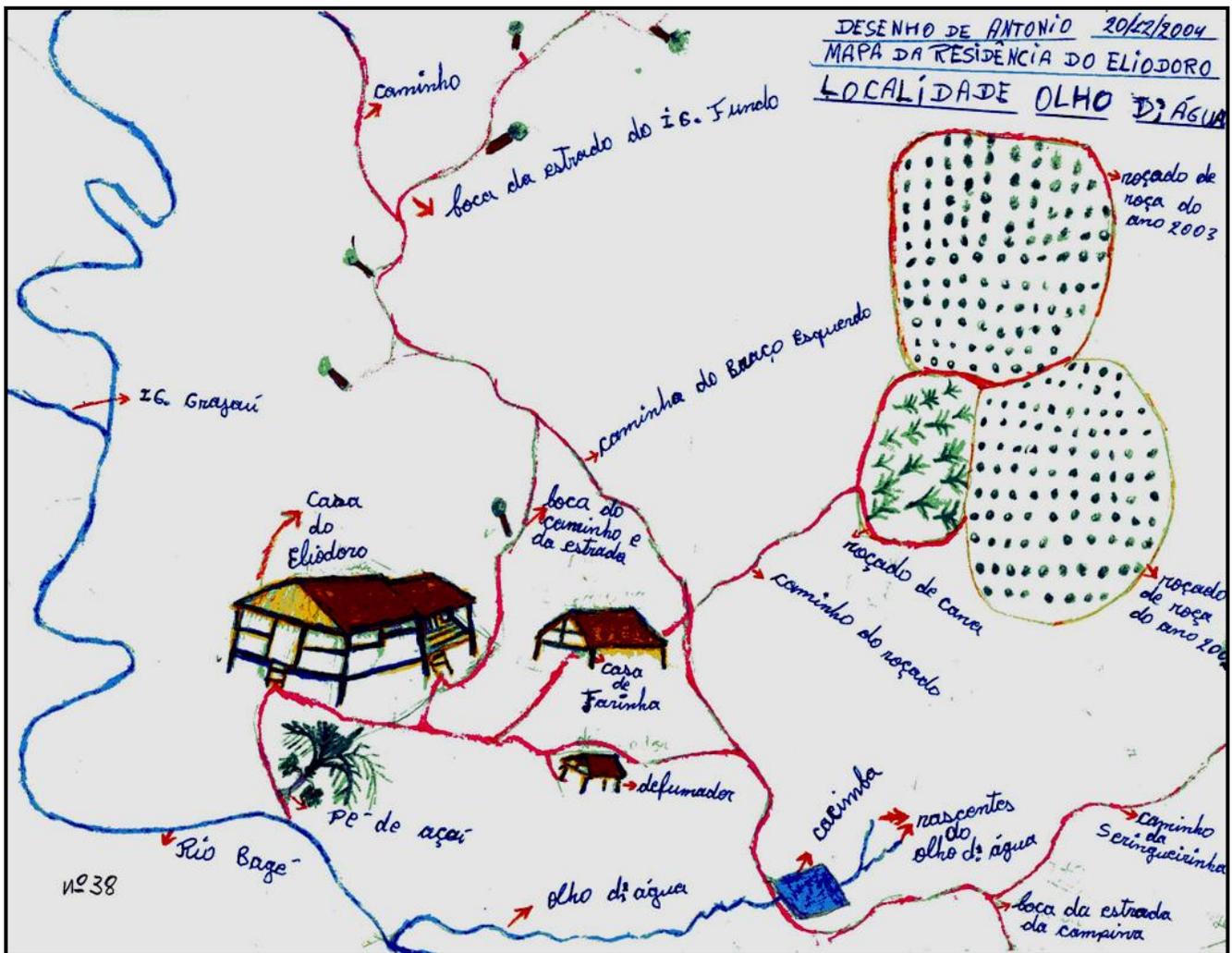


Mambira, no caminho entre Nazaré e a casa de Eliodoro.

Mapa 35 Localização da residência, dos roçados, do porto e do fecho de uma das estradas de seringa da colação Olho D'água



Mapa 36 Mapa da Residência do Eliodoro Localidade Olho D'água



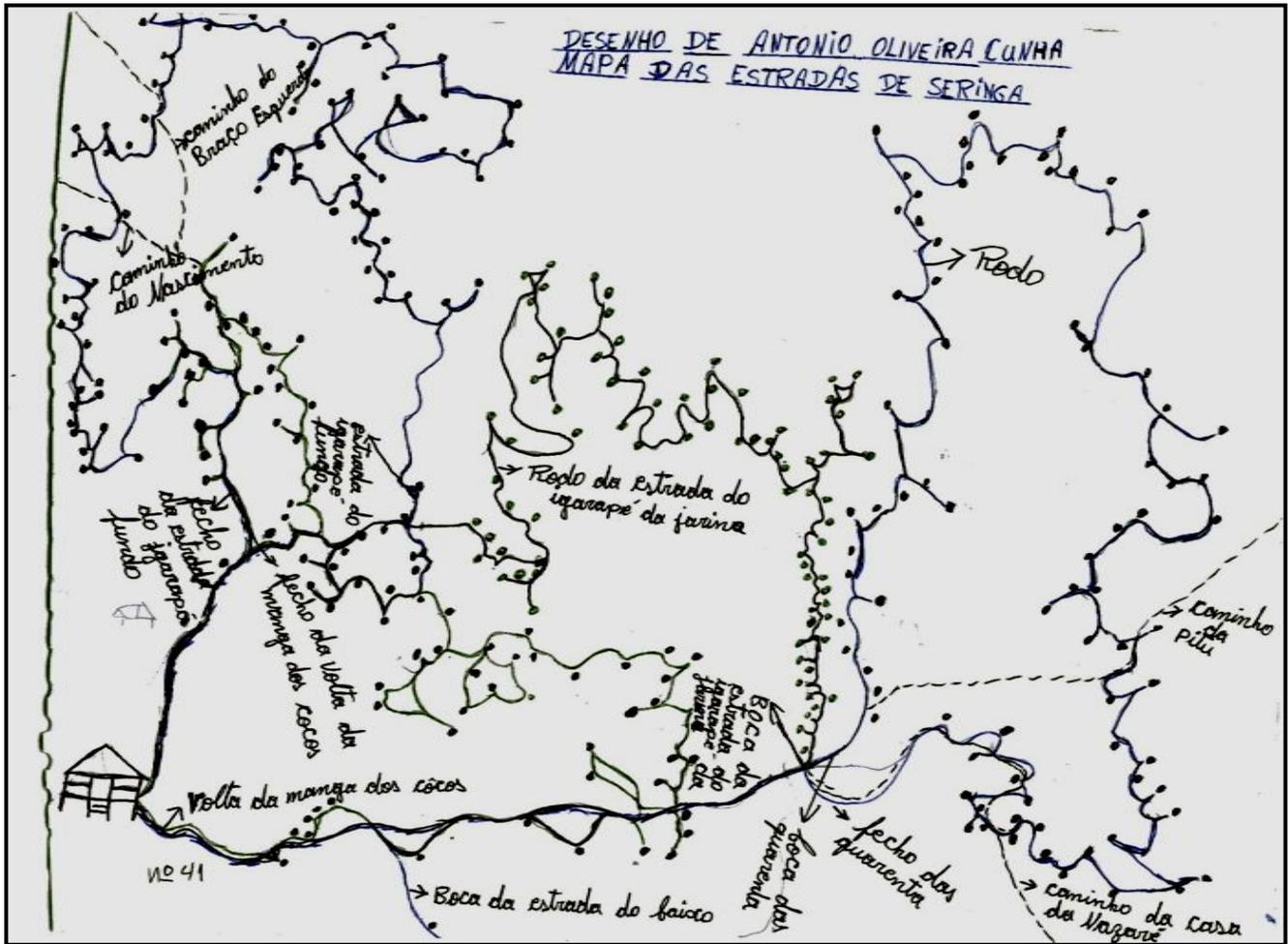
(Antônio Oliveira Cunha, 2005)

Comentário: Nessa escala o mapa de Antônio apresenta uma espécie de ambiente doméstico expandido, que inclui além da casa, a casa de farinha, o defumador, a cacimba, a nascente que a sustenta, as bocas de caminho, o porto, os roçados. Ele intitula o mapa como "Mapa da Residência de Eliodoro". Já havíamos apresentado esse mapa anteriormente apontando para a continuidade total entre os elementos. Das duas portas da casa é possível seguir os caminhos sem tirar a ponta de um lápis do contato com o papel. Fica evidente também o cuidado em "cercar" o roçado para distingui-lo da mata, quando sabemos que na verdade essa separação física não existe de maneira tão marcada. É possível distinguir o aceiro dos roçados, no entanto não são tão marcados como poderíamos supor observando o mapa. Isto é, para Antônio essa distinção é fundamental, óbvia e marcada, ou deve ser marcada.

O desenho acima mostra a maior parte dos elementos espaciais que constituem uma área de uso familiar. Na escala em que foi feito, ele apresenta os rios e igarapés; os diversos caminhos interligando casas; as bocas das estradas de seringa; os roçados (no caso da localidade Olho D'água são três, dois de roça - 2003 e 2004 - e um de cana); a nascente que dá nome à localidade e está a cacimba de onde se retira a água para o consumo doméstico; a casa; o pé de açai, que é uma referência para quem chega de barco; o defumador para o fabrico da borracha e algumas seringueiras de uma das estradas. Por falta de

espaço na folha, e também pela escala adotada, a maior parte das estradas de seringa e as áreas de caça não puderam ser desenhadas. Contudo, como complemento a esse desenho, Antônio Oliveira Cunha desenhou outros dois mapeamentos onde consta toda uma estrada de seringa com todas suas seringueiras.

Mapa 37 Mapa das Estradas de Seringa



(Antônio de Oliveira Cunha, 2005).

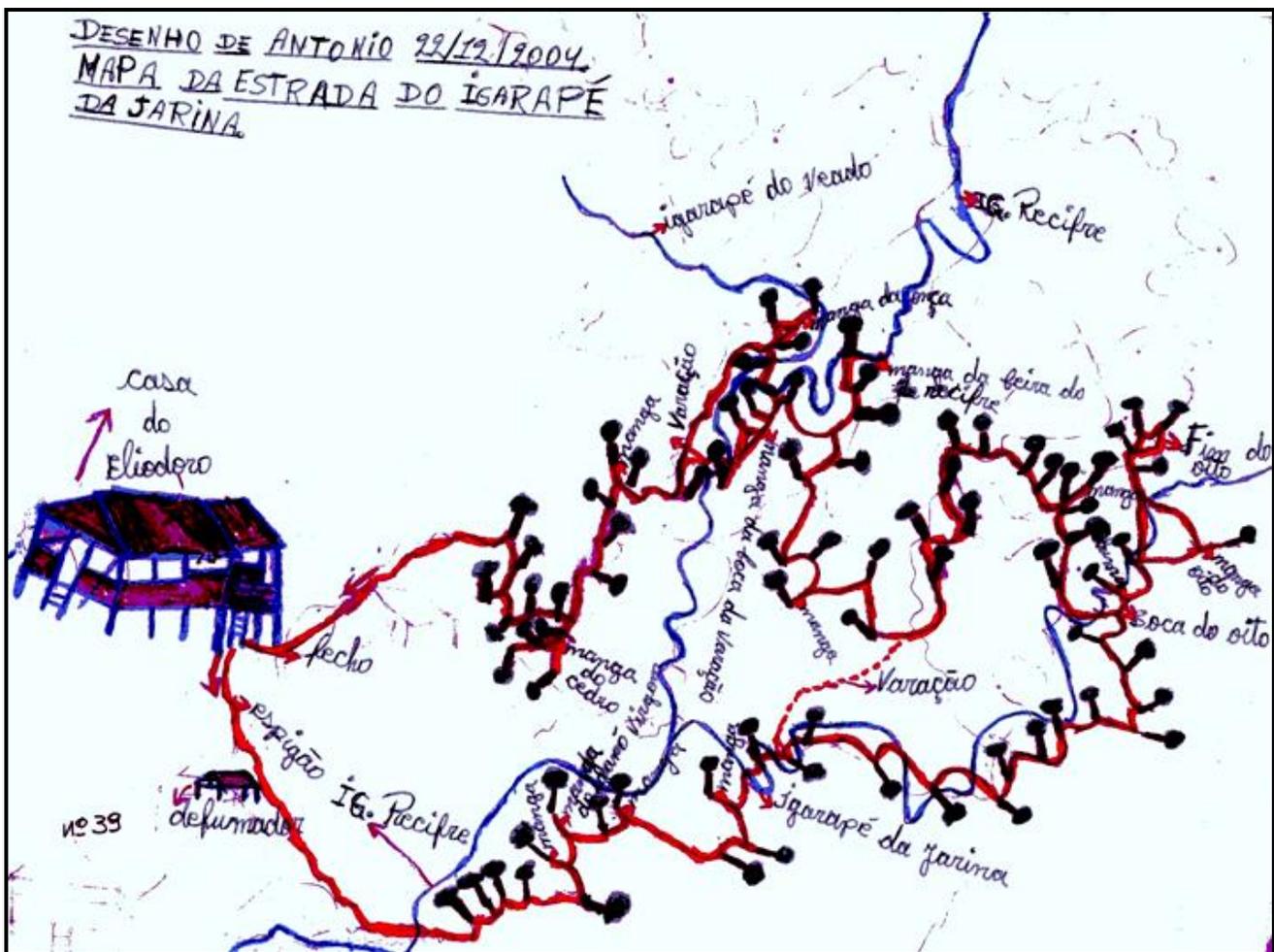
Comentário: Novamente o destaque é a conectividade total entre os elementos do desenho, além do detalhe dos elementos da estrada.

No mapa acima, Antônio evidencia a ordem de grandeza da área de mata ocupada por uma família que se dedica a seringa em seu dia-a-dia. São três estradas de seringa: a do Igarapé Fundo, que Antônio e Roxo percorreram e georreferenciam, mais à esquerda no desenho; a do Igarapé do Jarina, ao centro; e a Estrada das Quarenta. Antônio desenhou seringueira por seringueira de cada uma das estradas. Considerando que a estrada mais a esquerda possui em seu seio uma área de mais de sessenta hectares de floresta e dez quilômetros de extensão, é possível deduzir que três estradas poderiam ocupar em conjunto uma área de floresta entre duzentos e trezentos hectares. Antônio não desenhou todas as

estradas utilizadas por ele e seu pai. Na parte mais baixa do desenho vemos que há uma boca de estrada apenas apontada.

Outro ponto importante a notar é a quantidade de caminhos traçados na floresta tendo por base a trajetória das estradas de seringa. Os caminhos levam às outras colocações e às varações dentro do seio das estradas. No desenho de Antônio, aparecem caminhos para o Braço Esquerdo e para seu vizinho Nascimento, ao norte, ou, nas referências de Antônio, em direção às cabeceiras, no alto do desenho; no canto inferior direito, um caminho para a casa de sua avó, dona Nazaré, e, ao leste, ou lado direito da folha, um caminho que leva à casa de Dona Pitu.

Mapa 38 Estrada do Igarapé do Jarina



(Antônio Oliveira Cunha, 2005).

Verão de 2003 (junho a agosto) segundo Antônio Oliveira Cunha

O auge do verão ocorre tradicionalmente entre os meses de junho e agosto. Em junho e julho estão os dias santos quando os moradores costumam fazer os adjuntos para brocar, derrubar, encoivarar e queimar um novo roçado. A família de Eliodoro estava dividida entre o trabalho nas estradas de seringa

(roçar, limpar, cortar e colher) e botar e limpar os roçados. Os roçados de roça de anos anteriores e de outras culturas estão sendo cuidados, como o feijão (manutenção e colheita), o de milho (colhido) e as touceiras de banana. É possível observar as diferentes tarefas envolvidas na implementação de um roçado de roça (brocar, derrubar pau, queimar e encoivarar) e a constante atividade de manutenção. No caso da família de Eliodoro, como não havia mulheres e crianças, somente os homens adultos estavam envolvidos nessas atividades. Outro ponto a observar nesse trecho de diário é que, na casa de Antônio, existe uma divisão mais geral dos serviços, ficando Bebé, seu irmão, encarregado das atividades de caça enquanto que Antônio e seu pai cuidam do roçado e do corte da seringa. A pesca também se concentra nos meses de seca e é praticada por todos em suas diferentes modalidades.

“28 de junho de 2003 (sábado)

Hoje eu fui limpar no terreiro⁴⁶ e meu pai foi chegar terra no feijão⁴⁷. Nós trabalhamos até às 11 horas, aí nós fomos pescar de tarrafa no igapó⁴⁸ do João Jote. E pegamos 15 bodes, três traíras e quatro carás⁴⁹.

E o Bebé foi caçar, e levou o anzol para pescar no igarapé da Jarina. Ele matou um quatipuru, e pegou 38 carás e um jiju⁵⁰. E quando ele ia chegando em casa, tinha um gavião e ele matou.

Eu mais o meu pai chegamos do igapó às 2h da tarde, aí nós fomos tratar os bodes e os carás que o Bebé tinha pegado⁵¹. Quando nós terminamos, já estava de tardezinha, não deu tempo mais de a gente fazer nada, somente fazer uma fogueira em homenagem a São Pedro, que hoje é véspera de São Pedro e nós tínhamos que festejar⁵².

30 de junho de 2003 (segunda-feira)

Hoje eu fui cortar e o meu pai foi chegar terra no feijão. Eu fui para a volta da manga dos cocos, e tirei na base de cinco frascos de leite⁵³.

Eu cheguei da colha às 3h30 da tarde, e despejei o leite, lavei o balde⁵⁴, aí o resto da tarde, eu fui fazer tarrafa, trabalhei até às 10h da noite. Fiz três carreiras, a derradeira carreira do pano morto, a carreira grossa e a carreira do saco⁵⁵ (Cunha, 2005)

⁴⁶ Limpar no terreiro significa que nessa manhã Antônio pegou seu terçado, ou facão, e foi fazer a limpeza do terreiro de vegetação que cresce sem ser plantada.

⁴⁷ Chegar terra no feijão significa aqui utilizar a enxada para juntar pequenos montes de terra no pé dos feijões do roçado para auxiliar o desenvolvimento das plantas e ao mesmo tempo limpar ao redor os pés de feijão, eliminando possíveis pragas ou ervas.

⁴⁸ Pescar de tarrafa no Igapó significa utilizar a tarrafa, uma rede redonda com pesos em seu perímetro que é lançada pelo pescador que segura uma guia presa ao centro da tarrafa. A tarrafa quando bem lançada cai aberta e suas beiras afundam prendendo os peixes embaixo, dentro dela, contra o fundo do Igapó. Um Igapó é uma área servida por uma mina de água em um terreno que se alaga, uma área alagada conectada a alguma fonte de água.

⁴⁹ Antônio refere-se aqui a três qualidades de peixes.

⁵⁰ O quatipuru é um roedor, também conhecido como catingulê ou esquilo e cará e jiju são outras duas espécies de peixe. Note-se que diferentemente de seu irmão e de seu pai, Bebé foi pescar de anzol e linha num igarapé, pequeno afluente.

⁵¹ Tratar os bodés significa limpar e preparar os peixes pescados para serem cozinhados. A maioria das espécies é cozinhada com a cabeça, as barbatanas e o rabo, cabendo no tratamento apenas eliminar a barrigada.

⁵² Nos diversos dias poderemos notar que há uma infinidade de dias de Santo ou dias Santos, para os quais muitas vezes existem restrições de atividades, festejos e rezas.

⁵³ “eu fui cortar” significa que Antônio foi cortar a casca das seringueiras de suas estradas, no caso uma volta de estrada de seringa chamada manga dos côcos. Quando ele se refere à quantidade de cinco frascos de leite quer dizer a quantidade de látex que coletou nessa atividade.

⁵⁴ Antônio levou a manhã toda e a metade da tarde na atividade na estrada de seringa, na volta da manga dos côcos. Quando ele se refere a colha significa que ele fez o mesmo trajeto no trecho da estrada de seringa duas vezes, uma cortando as árvores e embutindo as tigelinhas onde escorre o leite ou látex e outra colhendo o látex que já havia escorrido, recomeçando pela primeira seringueira que ele havia cortado e embutido a tigelinha. O balde que ele lava quando chega em casa é o recipiente com o qual ele recolhe o látex de cada uma das tigelinhas instaladas em cada seringueira cortada.

No mês de julho havia acabado a farinha de Eliodoro e seus filhos e eles tiveram que emprestar de seu vizinho e sobrinho Caboclo quatorze litros de farinha, não por falta de roçado de roça, mas porque estavam há algum tempo sem fazer farinha e os estoques da casa haviam acabado. No verão de julho continuaram cuidando do roçado de feijão (chegando terra no feijão) e fizeram uma saca de farinha utilizando a casa de farinha de Caboclo, pois a casa de farinha da família não tem motor para puxar a macaxeira e mesmo o forno não estava assentado. Para fazer uma saca de farinha tiveram que arrancar e descascar quatros de macaxeira. Como em junho, continuaram cortando e colhendo nas estradas de seringa da colocação e Antônio continuou trabalhando na nova tarrafa.

O mês de julho é marcado mesmo pelos adjuntos para brocar novos roçados e realizar outras tarefas entre a vizinhança. O dono do adjunto dá uma festa e alimentação para o grupo de trabalhadores que colaborou para brocar e/ou derrubar seu roçado. Além da expectativa de participação futura dos vizinhos em um adjunto que ele próprio organize, o trabalhador se dispõe ao trabalho pela expectativa de um banquete e/ou uma festa. Além dos adjuntos também existem as trocas de dias de trabalho entre os vizinhos. O pagamento monetário de um dia de trabalho é ainda raro, mas acontece cada vez mais devido ao aumento de assalariados, especialmente funcionários públicos. Antônio participou em julho de um adjunto na casa de João Bina, da construção de um galinheiro para seu tio Manuel Adelino, de outro adjunto de roçado entre Dona Ermelindo e seus filhos e, finalmente contribuíram, Antônio, Bebê e Eliodoro, com o trabalho no roçado de Caboclo, primo deles e sobrinho de Eliodoro.

Hoje eu fui para um adjunto da broca de um roçado, na casa do seu João Bina, morador da Seringuerinha⁵⁶. Nesse adjunto se juntaram 18 brocadores, o pessoal que mora de vizinho com ele e demais companheiros, que colaboraram com a broca do roçado de seu João. Teve a broca do dia, e a noite teve a festa para os trabalhadores.

Eu cheguei lá às 10h, eu não pude ir bem cedinho, porque eu tinha que subir na canoa com a farinha mais o meu pai, que não deu para nós irmos ontem lá da casa do Caboco.

Quando eu cheguei lá, o pessoal já tinha brocado um roçado na mata bruta, e estavam amolando os terçados para começarem outro na capoeira, ao redor da casa dele. Brocamos até às 3h30 da tarde.

06 de julho de 2003 (domingo)

Hoje eu amanheci com um pouco de sono da festa do adjunto do seu João Bina, que foi uma festinha boa, todo mundo alegre, brincando na maior animação.

⁵⁵ Aqui Antônio se refere às várias carreiras que constituem a tarrafa que ele passou o resto da tarde e a noite desse dia fazendo.

⁵⁶ Num adjunto vários vizinhos se reúnem para cooperar em um trabalho muito pesado e que demoraria muitos dias para ser feito apenas pelos membros da família. É o caso de brocar um novo roçado. Brocar um roçado significa escolher um trecho de mata bruta ou capoeira e cortar todos os paus, cipós e mato que estão ali limpando o terreno completamente, deixando apenas o que foi cortado derrubado e espalhado pelo chão e os paus mais grossos, que precisam ser derrubados de machado, em pé. Um trabalho desses em um terreno de menos de meio hectare garante atividade intermitente para os dezoito homens convidados por seu João Bina durante um dia todinho. Mesmo árvores de espessura menor são derrubadas com os terçados. Um adjunto geralmente não envolve dinheiro como pagamento para os trabalhadores. O proprietário do futuro roçado que convida os trabalhadores para o adjunto geralmente oferece uma festa com comida farta para seus companheiros e garante antecipadamente sua participação como mão de obra no brocado de futuros roçados de seus companheiros. No caso do adjunto oferecido por seu João Bina foram brocados dois roçados, um na mata bruta e outro em capoeira.

A festa foi bastante boa, mas que pena que não durou a noite toda! Não durou a noite inteira pelo motivo de que o som que estava tocando era o gravador de uns rapazes que estavam trabalhando em umas cacimbas aqui na comunidade da Seringueirinha. Aí eles estavam enfadados, que tinham passado o tempo todo trabalhando, e quando foi 3h da madrugada, eles foram dormir e levaram o gravador. Aí a festa parou. Aí o pessoal também foi dormir, mas eu não dormi não, passei o resto da madrugada acordado até o dia amanhecer⁵⁷.

Enquanto a festa durou, eu achei bastante animada, o povo todo dançando e não tinha muita bebida, nem confusão, somente animação.

(...)

13 de julho de 2003 (domingo)

Hoje nós chegamos da casa da dona Ermelinda, em que nós tínhamos ido sexta-feira de tarde, dia 11, para ajudar eles brocarem o roçado deles, no dia de ontem, sábado. Eles juntaram umas pessoas para brocarem mais eles. Nós começamos o trabalho às 7h30 da manhã e paramos às 11 horas. Aí a gente foi em casa, almoçamos carne de veado. Quando à 1h da tarde nós fomos novamente e brocamos mais um eito de um aceiro ao outro do roçado e deixamos. Nós terminamos era 2h30 da tarde. Nós brocamos um terreno para ser plantado na média de quatro mil covas de roça⁵⁸.

Nós éramos 11 pessoas brocando, mas o lugar era cerrado e tinha bastante taboca. Aí a gente não pôde brocar quase nada de vantagem, tínhamos que ir devagarzinho.

Nós brocamos de dia, e à noite teve uma festinha para os trabalhadores. Uma festinha muito ótima, todo mundo dançou bastante, não houve confusão nenhuma, somente animação mesmo.

(...)

30 de julho de 2003 (quarta-feira)

Hoje eu mais o meu pai e o Bebê fomos ajudar o Caboclo do seu Caboré brocar o roçado dele⁵⁹.

Nós chegamos no roçado às 7h30 da manhã, trabalhamos até às 11h, aí nós fomos para casa almoçar. Comemos carne de veado, e fomos novamente para o trabalho a 1h30 da tarde. E quando foi às 3h da tarde, nós terminamos de brocar o roçado dele.

Ele já tinha dado o começo, tinha brocado uma beirada de uma ponta à outra pelo aceiro. Como que ele já tinha brocado e o que nós brocamos, o roçado ficou com terreno para pegar mais ou menos 2500 covas de roça, ou mais. (Cunha, 2005)

Nos outros dias do mês de julho Eliodoro e seus filhos se dedicaram com em primeiro lugar ao corte da seringa e produção da borracha. Também trabalharam na manutenção dos próprios roçados e na obtenção do rancho, na pesca e na caça. A limpeza dos roçados é contada por pés de roça. Um roçado tem entre quinhentos e quatro mil pés de roça (um roçado muito grande). Numa hora de trabalho do dia 31 de julho de 2003 Antônio limpou 13 pés de roça. Esse número dá idéia do trabalho envolvido na manutenção dos roçados. É importante também para esse cálculo saber que a roça pode ser arrancada,

⁵⁷ Domingo no seringal é considerado dia santo e de descanso. Considera-se que dá muito azar trabalhar em qualquer atividade nesse dia, então os domingos são dedicados ao descanso, por isso talvez Antônio não tenha se preocupado de passar a noite em claro.

⁵⁸ Quatro mil covas de roça equivalem aproximadamente a 0,4 hectares de roçado, ou seja em onze homens trabalhando durante seis horas de trabalho conseguiram brocar uma área de 4000 metros quadrados ou 0,4 hectares em mata bruta. É possível deduzir que se trata de mata bruta devido à presença da Taboca. A vegetação de taboca domina vastas áreas da bacia do rio Bagé. Trata-se de um tipo de bambu com espinhos muito grandes e perigosos o que torna um tabocal uma área praticamente intransponível. Segundo os moradores a taboca floresce e morre em toda a região de uma só vez de vinte e cinco em vinte e cinco anos. Depois de florescer toda a taboca arria e o terreno fica mais intransponível ainda.

⁵⁹ Novamente os três vão trabalhar num roçado que não é deles. Provavelmente nesse caso eles recebem diárias por isso ou troca de dias, pois Antônio não fala nem em adjunto nem em festa para os trabalhadores e Caboclo trabalha para a prefeitura e tem um salário mensal com o qual pode pagar esse tipo de serviço.

dependendo da variedade (qualidade) plantada entre seis meses e dois anos depois de plantada sua maniva, e que sua manutenção deve ser feita durante todo esse período.

31 de julho de 2003 (quinta-feira)

Hoje eu fui cortar e o Bebê também ia cortar, mas quando ele chegou na primeira seringa que foi cortar, pegou uma dor debaixo da pá e da costela, aí ele não agüentou mais, aí voltou. Quando ele chegou em casa fez um chá de gengibre e bebeu, aí ele melhorou.

E meu pai, de manhã, foi mariscar para arrumar o quebra jejum, para que quando nós chegássemos da estrada, nós comêssemos.

E de tarde ele foi para o roçado limpar, e eu fui colher, e quando eu cheguei, eu fui para o roçado também. Eu fui cortar a estrada do igarapé fundo. Tirei na média de seis frascos e meio de leite.

Enquanto o sol esfriava mais, o meu pai foi me ajudar a colher umas seringas para eu chegar mais cedo. E quando eu cheguei, eu fui limpar mais ele.

Eu fui para o roçado às 4h30, e vim às 5h30. Ainda limpei 13 pés de roça.⁶⁰

E o Bebê, à boca da noite, foi esperar umas nambus e matou uma e espantou outra. Ele saiu às 5h30 e chegou às 7h15 da noite. Ele foi para a Ilha do Poço da Moita⁶¹. (Cunha, 2005)

Durante o mês de agosto de 2003, Eliodoro e seus filhos ainda estão cortando com certa intensidade. Como ainda é verão também pescam quase todos os dias, tanto usando a tarrafa quanto o anzol e a linha. Colheram milho que foi em parte vendido para a vizinha Dona Pitu. A borracha produzida principalmente nos meses de junho e julho foi em parte utilizada para pagar dívidas junto à cantina da associação e a Manuel Adelino, que também avia os seringueiros e recebe em borracha os pagamentos das dívidas contraídas pelos moradores da vizinhança. Nesse mês de agosto Antônio também tirou uns dias para passear entre as casas de vizinhos e amigos. Também se dedicaram a debulhar milho, limpar touceiras de cana que é utilizada para fazer o açúcar gramixó, pé-de-moleque, bolos e melado. Os três ainda foram brocar no roçado de Ivo, primo de Antônio e um campo para criação de gado de Manuel Adelino. Antônio também foi derrubar pau no roçado de seu primo Ivo e de seu primo Zé do Caboré. Em agosto continuam preparando as áreas de seus novos roçados derrubando os paus após brocar. Antônio não especifica em seu diário como foram pagos esses dias de trabalho nos roçados de seus vizinhos, mas Ivo é professor assim como sua esposa Xéu. Quando eu estive na Seringueirinha eles tinham roçados e campos abertos com trabalho pago com dinheiro a vizinhos como Antônio. Fica evidente pelo tamanho dos roçados e dos campos quem é assalariado. Seus campos e roçados são maiores pois podem pagar com dinheiro mais diárias de trabalhadores que seus vizinhos. Abaixo, nos últimos dias do mês de agosto, Eliodoro e seus filhos se concentraram em atividades nos roçados, especialmente no roçado de vizinhos. Como eles eram somente três homens adultos em sua casa, “exportavam” dias de trabalho em roçado.

21 de agosto de 2003 (quinta-feira)

⁶⁰ Esse dia dá a exata noção do trabalho de manutenção que deve ser dado a um roçado, em uma tarde limpou treze pés de roça, sendo que um roçado não tem menos que quinhentos pés, em média mil pés de roça.

⁶¹ Chamo a atenção para o fato de que todo os locais por onde as pessoas transitam recebem algum nome ou designação.

Hoje eu mais o meu pai fomos cortar, e o Bebê foi cortar mais o Zé Caboré.

Eu fui cortar a estrada do igarapé fundo e meu pai foi cortar a volta da manga dos cocos. Eu tirei na média de cinco frascos de leite, e meu pai tirou na média de quatro frascos e meio.

“Verso da mulher do seringueiro”

A mulher do seringueiro fica alegre e não é sopa, quando vê um saco de leite e um macaco na estopa.

“Verso do pobre seringueiro”

O pobre seringueiro arrisca sua própria vida cortando de madrugada. É sujeito à presa da cobra e a unha de pintada.

22 de agosto de 2003 (sexta-feira)

Hoje eu fui cortar, o Bebê foi caçar e o meu pai foi derrubar pau no roçado.

Eu fui cortar a estrada do igarapé da jarina. Tirei na média de quatro frascos e meio de leite. E o Bebê matou um quatipuru, ele passou o dia quase todo na mata e matou somente um quatipuru.

O meu pai derrubou pau de manhã, e de tarde ele foi limpar na roça.

23 de agosto de 2003 (sábado)

Hoje o meu pai mais o Bebê foram brocar mais o tio Adelino, em um roçado para ele plantar capim. E eu estava com uma espinhada de taboca no braço, e não pude ir brocar, e fiquei em casa, e fui capinar no terreiro. Capinei até às 11h, aí do meio dia para tarde, eu fui me arrumar para ir na casa da minha avó, fui dormir lá na casa dela.

25 de agosto de 2003 (segunda-feira)

Hoje eu fui derrubar pau no roçado do Ivo. Eu comecei o trabalho às 7h da manhã, e parei às 11h45. Aí eu fui para a casa dele passar a hora do meio dia e almoçar. Almocei galinha, mais dois rapazes que estavam trabalhando no campo dele também almoçaram.

Quando foi 1h da tarde, eu fui novamente para o roçado, trabalhei até às 4h30 aí terminei de derrubar os paus do roçado dele. Ele já tinha trabalhado um dia derrubando esse roçado, estava faltando somente mais ou menos um quarto para derrubar.

E o meu pai mais o Bebê foram brocar mais tio Manuel Adelino de novo⁶².

26 de agosto de 2003 (terça-feira)

Hoje eu fui terminar de capinar o terreiro e meu pai foi novamente para a broca, mais o tio Manuel. Mas hoje o tio Manuel estava derrubando pau no roçado de roça, e meu pai foi brocar sozinho.

27 de agosto de 2003 (quarta-feira)

Hoje eu mais o meu pai fomos dar um começo em uma broca de uma capoeira para nós plantarmos milho. E o Bebê foi derrubar pau no roçado do Zé Caboré.

Eu mais o meu pai brocamos de manhã até às 11h30. E de tarde, eu fui para a Seringueirinha, eu fui vender borracha na cantina para tirar dinheiro para eu ir para o novenário da Restauração. Vendi 34 quilos de borracha, pelo preço de um real e 60 centavos o quilo. Deu o valor de 54 reais e 40 centavos, em dinheiro.⁶³

(Cunha, 2005)

Inverno de 2004-2005 (Dezembro a abril) e Verão de 2005 (maio a junho) segundo Antônio Oliveira Cunha

Em dezembro de 2004 Tonho e sua família estavam preparando algumas de suas estradas para o corte, roçando as estradas de seringa e raspando as seringueiras. Alguns dias eles também cortaram seringa.

A atividade de brocar nesses meses restringe-se aos campos, como fizeram no campo de dona Pitu.

⁶² O fato de serem três homens adultos em sua casa faz com que Antônio, Eliodoro e Bebê estejam sempre disponíveis para trabalhar em roçados e campos brocando por diárias. É fácil notar isso porque ao longo dos dias não há pessoas trabalhando nos roçados deles além deles próprios, ou seja trocando dias, mas com frequência eles estão trabalhando nos roçados de Ivo, assalariado e cuja esposa também é assalariada, e no de Manuel, que é mercador na região e possui renda das mercadorias com que trabalha. Zé do Caboré com quem brocaram, trabalha como serrador profissional, possui uma motosserra e ganha algum dinheiro com isso.

⁶³ Nesse período a borracha ainda podia ser trocada por dinheiro e os meses de julho e agosto concentram sua produção por serem os mais secos do ano. Antônio utilizava a borracha nesse período para convertê-la em sua renda monetária, não vemos a família produzindo farinha para vender ou vendendo farinha em 2003. Com o dinheiro da borracha Antônio iria participar de um das principais festas da região, o novenário da vila Restauração.

Antônio, seu pai e seu irmão se dividem para limpar roçados, as touceiras de cana e as touceiras de banana. Nesse mês também produziram farinha. Esse período coincidiu com minha viagem de campo citada por Tonho. A caça já é mais vantajosa porque é possível rastejar os animais e chegar perto deles sem que eles percebam graças à folhagem úmida do solo da mata. Antônio também faz referência à vizinhança de carne com sua avó Nazaré que mora a cerca de trinta minutos de caminhada de sua casa. A pesca também se torna mais difícil a medida em que sobe o nível dos rios. Antônio também chama a atenção para o costume de pagar favores com dias de trabalho. Na verdade não se trata de pagamento pois não é cobrado e não é estipulado um preço, mas é uma reciprocidade de favores e presentes entre os moradores.

04 de dezembro de 2004 (sábado)

Hoje o meu pai foi esperar cutia e matou uma. Ele saiu para o roçado às 5h25 e chegou às 7h10.

Ele disse que chegou lá dentro da espera, e com pouco tempo, lá se vinha aquele bicho descendo a terra no rumo de onde ele estava. Aí ele imaginou: “Oba! Aquilo já é cutia que vem”. Mas quando o bicho chegou perto, ele viu que era uma irara⁶⁴. Aí ele passou bem pertinho da espera onde ele estava e não viu ele. Diz ele que ela saiu andando por cima de um pau, olhou para um pé de mamão, mas não tinha mamão maduro, ela saiu e foi embora de novo.

Dessa cutia que o meu pai matou foi vizinhada uma banda para a minha avó, a dona Nazaré⁶⁵.

E eu de manhã fui passar o pano na casa, pois estava muito suja! E quando eu terminei, eu fui para o roçado chupar uma cana e limpar alguma touceira. Eu estive lá das 10h até às 11h40. Limpei seis touceiras de cana.

Aí o resto do dia nós ficamos em casa mesmo. Meu pai tinha ido deixar a vizinhança da cutia à minha avó e chegou às 3h da tarde. Porque quando ele chegou lá, foi tirar lenha para ela e ficou um tempo conversando com ela e o pessoal que estava lá na casa dela, onde estavam o pesquisador Augusto e o companheiro Roxo, que estavam hospedados lá.

A minha avó tem uma dedicação especial às pessoas que se hospedam na casa dela. Principalmente às pessoas que vêm de fora.

(...)

07 de dezembro de 2004 (terça-feira)

Hoje eu fui cortar o primeiro dia na estrada do Igarapé Fundo, depois que nós raspamos. Eu saí para cortar às 5h15 da manhã e fechei o corte às 10h35⁶⁶.

Almocei um pouco de carne de porco do mato e depois fui colher. Saí para a colha às 11h10 e cheguei às 2h15 da tarde.

A estrada no primeiro dia de corte sempre dá pouquinho leite. Deu numa média de três frascos e meio de leite.

E meu pai também foi cortar o resto da estrada que nós cortamos ontem, ele saiu para cortar às 5h30 e chegou às 10h55. Tirou na média de três frascos de leite. Ele saiu para colher às 11h15 e chegou às 20h25.

(...)

09 de dezembro de 2004 (quinta-feira)

⁶⁴ Irara é um animal considerado não comestível. Isso até varia um pouco, por exemplo a capivara e o quati alguns moradores matam para comer e outros não, mas em geral há uma coincidência com relação aos animais cuja carne é utilizada como fonte de alimentação e aqueles que não.

⁶⁵ Assim como acontece com os peixes, quando pescam em quantidade, a família de Eliodoro vizinha com sua mãe dona Nazaré que mora a cerca de quarenta minutos de caminhada da localidades deles.

⁶⁶ Antônio gastou cinco horas cortando. Vemos que apesar da atividade de corte de seringa se concentrar nos meses de verão, entre junho e agosto, ela na realidade se estende por todo o ano. Antônio gastou nesse dia mais três horas colhendo a seringa.

Hoje a dona Pitu resolveu pagar umas pessoas para brocarem no seu campo. Juntaram-se oito pessoas juntamente com o seu filho Pedro, mais conhecido por Coco, e foram brocar. Eu mais o Bebê fizemos parte dessas nove pessoas.

Nós fomos para o trabalho às 7h da manhã e viemos às 11h10.

Almoçamos uma deliciosa carne de caititu, e a partir de 1h da tarde, nós fomos novamente para o trabalho. Trabalhamos até 4h30 e deixamos.

Dona Pitu pagou 10 reais para cada pessoa que trabalhou⁶⁷. Menos o Coco, porque também tem parte nas criações do campo.

(...)

22 de dezembro de 2004(quarta-feira)

Hoje eu mais o meu pai fomos torrar massa. Nós chegamos na casa-de-farinha às 7h da manhã, colocamos fogo no forno às 7h15. Mas aí o fogo demorou a pegar pelo motivo de que a lenha não era de boa qualidade, era lenha de ingazeira e já estava meio cheia de água. Mas até que pegou.

Às 10h10 eu fui lá na casa da minha tia Venância pedir para fazer um pouquinho de comida para o meu pai comer, que ele ainda não tinha quebrado o jejum, mas já era tarde do dia, aí eu já estava com vontade de comer outra vez, aí eu comi.

Nós terminamos de torrar a massa às 2h da tarde. Deu uma média de dois paneiros de farinha (ou seja, 72 litros).

Quando nós terminamos o meu pai foi lá na casa da minha avó deixar os sacos que ele tinha trazido de lá ontem para pôr a prensa. E quando ele chegou de lá nós viemos embora. Enquanto o meu pai foi na casa da minha avó e voltou, eu fiquei carregando as coisas da casa-de-farinha para a canoa. E quando ele chegou, nós viemos para casa. Saímos do porto do Ivo às 4h50 e chegamos às 5h30. Viemos de canoa.

30 de dezembro de 2004 (quinta-feira)

Hoje eu fui cortar, mas quando eu tinha cortado 23 seringas, caiu uma chuva, aí eu voltei, que não prestou mais para cortar. Aí quando eu estava chegando em casa, a chuva parou de cair e o sol saiu. Eu imaginei: “Puxa vida, a chuva foi só para bagunçar com meu dia de corte, e nem vai chover mais”. Mas que nada, quando foi o prazo de quase uma hora, o tempo começou a ficar escuro novamente, aí eu fui colher as seringas que eu tinha cortado, e antes de eu terminar de colher, a chuva caiu mesmo grossa. Ainda ajuntou bastante água dentro das tigelas. Mas não deu pra perder o leite não.

Eu fui cortar a estrada do Igarapé Fundo, mas não foi possível eu cortar a estrada toda, por motivo da chuva.

E meu pai de manhã foi mariscar no Recife para pegar os peixes para nós quebrarmos o jejum, pois não tinha nada pra gente comer. Ele pegou nove carás, deu para nós comermos.

De tarde, eu fui pescar de anzol-sem-chumbada no rio Bagé para pegar olho de vidro. Mas não peguei quase nada. Peguei só dois olhos de vidro e uma lustrosa.

O rio está ruim de peixe. Eu subi o Bagé de remo a distância de 30 minutos e desci pescando, mas só peguei esses três peixes.

E meu pai foi para o roçado olhar se os bichos estavam comendo na roça e fazer pique dentro da roça para ele ir pasturar paca de noite⁶⁸.

Ele andou por dentro do roçado e ouviu alguns ruídos das pacas, e à boca da noite, ele foi pasturar. Ele saiu às 7h da noite e chegou às 9h35, e as pacas não vieram, ele não viu nada.

A nossa janta hoje foi somente os três peixinhos que eu peguei com banana-prata.

01 de janeiro de 2005 (sábado)

Hoje é dia de ano! Nós passamos a noite de ontem para hoje acordados até meia noite, esperando chegar o ano novo com paz e alegria para todos.

A gente conversou bastante ontem à noite, o pesquisador Augusto estava com a gente. A minha avó contou muitos casos das pessoas antigas que existiam aqui no Bagé, e a gente contou como que a

⁶⁷ Mais um vez vemos Antônio trabalhando por diárias para Dona Pitu, mãe de Côco. Dona Pitu recebe a pensão de seu falecido marido Guilherme e com ela paga os serviços de seus vizinhos e parentes ao redor. Ela possui um campo grande na Boca da Bélgica, onde cria algumas cabeças de gado junto com seu filho Côco.

⁶⁸ Pacas e cutias, além de porcos do mato, costumam invadir os roçados dos moradores para se alimentar das macaxeiras. Uma forma de muito comum de caçar é o caçador ficar escondido durante um tempo, especialmente na boca da noite e logo cedo, esperando, “pastorando”, para ver se os animais aparecem. Em colocações mais isoladas como o Laranjal, as pacas e as cutias podem ser encontradas nos roçados praticamente todos os dias.

gente vive por aqui, em relação aos tipos de comida que a gente faz aqui nos seringais. E o pesquisador Augusto também falou sobre a vida em São Paulo, também em relação à comida. Que alguma que a gente usa fazer aqui, lá não existe, e muitas comidas que têm em São Paulo, aqui o povo nem conhece.

Quando chegou a meia noite, a minha avó mandou soltar fogo em homenagem ao ano novo, aí fez um café para nós bebermos, nós bebemos o café e depois fomos dormir.

Aí hoje eu fiquei na casa de minha avó até 1h30 da tarde, aí eu fui para a área indígena, para uma festa na casa do Raimundo Sabino, na comunidade São Sebastião. Eu fui mais o Antônio, filho do seu Manuel Eufrásio. Nós fomos a pé até a aldeia Buritizal, quando chegamos lá estava uma turma de índios que estavam indo de canoa, aí nós fomos com eles, até a aldeia São Sebastião, a derradeira aldeia do Bagé.

Chegamos no canto às 4h da tarde. Tinha muita gente, se juntou os índios quase tudo das aldeias do Bagé. São três grupos de índios: o grupo da fazenda Siqueira, o grupo da aldeia Buritizal e o grupo da aldeia do São Sebastião⁶⁹(...)”.

28 de janeiro de 2005 (sexta-feira)

Hoje de manhã eu fui brocar no caminho do Porto e de tarde eu fui brocar no terreiro. De manhã eu broquei no caminho do Porto, das 8h até às 11h15, e de tarde eu limpei das 2h da tarde até às 4h.

E o meu pai, de manhã, foi mariscar de anzol no rio, pegou uns 15 peixes, entre mandim-duro, olho de vidro, sardinha e mandim-mole. Deu o nosso almoço. O tio Manuel Adelino mais o Jaiso filho dele e o Zé Caboré almoçaram com nós hoje.”

“(…)”

30 de janeiro de 2005 (domingo)

Hoje nós chegamos às 10h da manhã da casa do Lô de uma festa, que foi uma verdadeira beleza, foi bastante boa, não ajuntou muita gente, mas os poucos que foram eram muito animados. O povo dançou a noite todinha até o clarear do dia.

O pessoal que estava na festa era só o povo da comunidade mesmo, e foram umas 12 pessoas da Seringueirinha, eu fui mais o meu pai e o Bebé, tio Manuel Adelino e demais pessoas. De certo que ao todo juntou-se no mínimo umas 30 pessoas, todos muito animados na festa.

Quando nós chegamos, eu fiquei o resto do dia em casa dormindo. Eu fiquei em casa mais o Bebé e o Deir, filho da dona Ermelinda, que tinha ido para a festa com a gente e ficou em casa para ir embora só no outro dia.

E o meu pai foi lá para a casa do Antonio Fino para no outro dia ele ir limpar no roçado do Zé Caboré que fica perto da casa do Antonio Fino. Ele foi para trabalhar no roçado do Zé porque ele veio de Thaumaturgo na passagem do Zé e não pagou nada, porque o Zé não cobrou nada pela passagem, e para agradecer ao Zé ele garantiu limpar dois dias no roçado do Zé. Aí ele foi hoje e amanhã de manhãzinha eu irei também para ajudá-lo.

Aqui a gente faz o seguinte: quando uma pessoa faz uma coisa para o outro e não cobra nada, a gente tenta fazer outra coisa para agradecê-lo⁷⁰.

31 de janeiro de 2005 (segunda-feira)

Hoje eu saí de casa às 5h30 da manhã para ir ajudar o meu pai a limpar no roçado do Zé Caboré, porque o meu pai garantiu limpar dois dias no roçado. Aí juntando o meu dia de trabalho com o dele já completam os dois dias; em vez de ele trabalhar hoje e amanhã, trabalhou só hoje.

Nós fomos para o roçado às 7h da manhã e viemos às 11h15. Nós viemos para a casa do Antonio Fino, almoçamos uma deliciosa carne de queixada e quando foi à 1h30 da tarde nós fomos novamente para o roçado. Limpamos até às 4h50, aí deixamos e viemos embora para casa. Chegamos em casa às 6h da tarde.

E o Bebé de manhã foi dar uma virada em uma estrada para ver se matava algum bicho, mas não matou foi nada, atirou em um quatipuru e em um tatu, e não matou. E de tardezinha, mariscou de anzol no rio, mas não pegou quase nada, pegou somente dois olhos de vidro e um pacu branco. Esses peixes hoje foram a nossa janta, o Bebé torrou os peixes e fez a farofa do óleo, e nós comemos com banana.

(Cunha, 2005)

⁶⁹ A Área Indígena Jaminawa-Arara do rio Bagé fica ao norte da Reserva Extrativista, bem próximo da localidade de Antônio.

⁷⁰ Aqui outro tipo de favor, uma viagem, é retribuída com dias de trabalho no roçado.

No mês de fevereiro de 2005 Eliodoro, seu pai e seu irmão cortaram seringa. Antônio chama a atenção para a dinâmica da produção do látex pelas seringueiras. É importante estar sempre cortando a estrada para que a produção das seringueiras seja boa, pois ele observa que há uma queda na produção quando ele passa algum tempo sem cortar. Trabalharam em uma farinhaada, fazendo farinha torrada. Limparam um roçado do vizinho cuja esposa lava roupas para Antônio, seu irmão e seu pai. A chuva os obriga a ficar trabalhando em casa muitos dias de fevereiro. Trabalharam também no conserto de uma parte da cobertura da casa e na cobertura do galinheiro de uma vizinha.

01 de fevereiro de 2005 (terça-feira)

Hoje eu mais o meu pai fomos cortar a estrada do Igarapé da Jarina. Nós saímos para a estrada às 6h da manhã e fechamos o corte às 10h. Saímos para colher às 11h do dia e chegamos às 2h da tarde. A estrada hoje minguou, ou seja, baixou a quantidade de leite de mais um pouco. Ela dava na média de seis frascos de leite, e hoje só na média de cinco frascos. Mas eu acho que é por que fazia dias que ninguém cortava ela. Que a estrada tem isso: se está cortando efetivamente um ou dois dias por semana, ela dá o leite normal. Mas se a gente parar uma semana ou duas, quando a gente vai cortar ela tem baixado o leite⁷¹. E já está com mais de três semanas que ninguém cortava esta estrada, e eu acho que é por isso que deu menos leite.

E o Bebê foi mariscar de anzol no Igarapé da Jarina. Pegou 30 carás e um jiju. Ele saiu para o marisco às 9h30 da manhã e chegou às 2h30 da tarde. Quando ele chegou, eu fui ajudar ele tratar os peixes, e quando nós terminamos, eu fui lavar a minha roupa que estava suja.

Eu cheguei da lavagem de roupa às 4h da tarde, aí caiu uma chuva e não deu pra fazer mais nada. Nós ficamos o resto do dia em casa. Só o meu pai que foi trabalhar em um pilhão de pilar pimenta do reino(...).”

”(...

04 de fevereiro de 2005 (sexta-feira)

Hoje nós fomos trabalhar em **farinhada**, fomos arrancar mandioca para fazer farinha. Nós fomos para o roçado às 6h da manhã e arrancamos mandioca para dois paneiros de farinha. Nós arrancamos, descascamos e carregamos para a canoa. Terminamos às 10h30. Eu fui trabalhar mais o meu pai e o Bebê. Viemos para casa, almoçamos e depois nós baixamos com as mandiocas para o porto do Ivo, para nós levarmos para a casa-de-farinha do Caboclo. Chegamos no porto da casa do Ivo às 12h50. Nós lavamos as mandiocas, carregamos para a casa-de-farinha, cevamos e colocamos a massa na prensa e terminamos às 3h30 da tarde. Aí fomos tirar lenha e lascas, quando nós terminamos, nós fomos para a casa de minha avó para nós dormirmos.

10 de fevereiro de 2005 (quinta-feira)

Eu fui cortar a estrada do Igarapé da Jarina mais o meu pai. Nós saímos para cortar às 5h45 da manhã, e fechamos o corte às 10h30. A estrada está ruim de cortar, pois está cerrada e tem muita taboca seca no meio⁷². Está ruim de andar. Saímos para a colha às 11h23, chegamos às 2h20. Deu na média de seis frascos e meio de leite. E de tarde, não foi possível mais a gente fazer nada, pois quando nós acabamos de chegar da estrada, caiu uma chuva e foi até o final da tarde.

⁷¹ Antônio apresenta a necessidade de trabalhar constantemente na estrada de seringa, durante todo o ano caso contrário a produção pode cair. Observamos que eles cortam pelo menos uma vez por semana durante praticamente todo o ano, mesmo nos meses de chuva, quando cortam menos pois a chuva inviabiliza a atividade. É possível imaginar o impacto de “deixar de cortar”, realidade cada vez mais comum principalmente no Baixo Bagé e uma tendência geral. O tempo anteriormente destinado ao corte e aos cuidados com a estrada de seringa são destinados em grande parte ao roçado e à fabricação de farinha.

⁷² Desde o terreiro, o roçado, a estrada de seringa, os caminhos, todos esses espaços necessitam uma constante limpeza e manutenção, para impedir a invasão pela mata.

Hoje eu não matei nada na estrada, eu vi somente um bando de macaco de cheiro, mas não pude matar nenhum, pois eles estavam **brabos**⁷³. Quando eles me viram, se espantaram tudo e foram embora.

“(…)13 de fevereiro de 2005 (domingo)

Hoje eu passei o dia quase todo na casa da tia Pitu. Eu passei o dia de calma, escutando ela conversar mais a dona Ermelinda, que também passou o dia quase todo lá, ela foi embora de tardezinha.

Dona Ermelinda conta caso de quando ela morava na colocação Ipiranga, junto com o seu esposo Francisco, mais conhecido por Dibanda, hoje falecido há 11 anos, e também com seus filhos, que toda vida nunca lhe abandonaram, sempre moravam com ela em casa.

Ela conta que quando morava no Ipiranga, a vida era melhor somente por um ponto: porque lá era bom de caça e bom de leite nas estradas de seringa. Mas aí o lugar era muito longe da margem do rio, ela mais a família tinha que caminhar quase cinco horas de viagem, se quisessem sair da casa dela para a margem do rio.

Ela nunca possuiu um aviamento de casa-de-farinha motorizado, pois nunca possuiu um motor em sua casa-de-farinha para puxar macaxeira. Toda vida ela puxou macaxeira na roda⁷⁴, um instrumento braçal, virado no braço, através da própria força de seus filhos. Ela diz que só passou a usar motor na casa-de-farinha depois que ela mudou-se dessa colocação e foi morar na beira do rio.

14 de fevereiro de 2005 (segunda-feira)

Hoje eu mais o meu pai fomos limpar no roçado do Antonio Fino mais ele. Nós fomos ajudar o Antonio limpar o roçado dele porque a esposa dele lava roupa para nós e não cobra nada. Aí para nós dar uma ajuda a ela, nós fomos trabalhar no roçado⁷⁵.

O meu pai mais o Antonio foram para o roçado às 7h da manhã. E eu fui um pouco mais tarde! Eu fui às 8h30, e viemos às 11h10. Viemos para a casa do Antonio, quando nós chegamos, almoçamos carne de porco caítitu.

Fomos novamente para o roçado às 2h da tarde, mas não deu para a gente trabalhar quase nada, que com pouco tempo que nós tínhamos ido, caiu uma chuva e não prestou mais para limpar. Aí nós viemos embora de novo para a casa do Antônio.

Quando a chuva passou, nós viemos embora para nossa casa. Saímos da casa do Antônio às 4h30 e chegamos em casa às 5h15.

E o Bebê foi caçar para a mata da Bélgica, mas não matou nada. Ele deu um tiro em um papagaio e não matou.

Quando foi a boca da noite, ele sabia de um poleiro de aracuã e foi olhar se elas estavam no poleiro. Quando ele chegou lá, que focou com a lanterna, tinha duas aracuãs, aí ele atirou e matou todas duas. Aí foi a nossa janta.

15 de fevereiro de 2005 (terça-feira)

Eu mais o meu pai fomos tirar as tabocas da estrada do Igarapé da Jarina, pois tinha muita taboca seca caída no meio da estrada e nós fomos tirar um bocado.

Nós trabalhamos até às 2h da tarde, tiramos taboca até lá no oito, onde fica na beira do igarapé. Aí nós paramos o trabalho, e fomos mariscar no igarapé para pegarmos a janta. Mariscamos das 2h30 da tarde às 5h25, pegamos 38 peixes: entre cará, traíra, jiju e piaba; sendo a maior parte em cará. Deu para nós jantarmos e ainda ficou uns para o quebra jejum no outro dia.

16 de fevereiro de 2005 (quarta-feira)

Hoje bem cedinho, o meu pai foi lá para a casa da Dina, esposa do Zé Caboré. Ele foi pôr o capote em um galinheiro que ela pediu para ele colocar, porque o Zé não está em casa, ele anda trabalhando para o Zequinha Gomes, na localidade Remanso no Baixo Bagé. Ele anda serrando as madeiras de uma casa para o Zequinha.

Aí o galinheiro da Dina estava sem capote, aí ela pediu para o meu pai ir pôr para ela.

⁷³ Brabo aqui significa que os macacos estavam ariscos, evitando a presença humana.

⁷⁴ Em todo o rio Bagé só encontramos uma roda, na casa de seu Manuel Gonzaga, dentro do Igarapé Salgadinho. Trata-se de um mecanismo movido pela força humana que consiste em uma grande polia de madeira de cerca de um metro de raio e maciça, com uma manivela acionada manualmente. Essa polia maior é ligada a uma bem menor por uma correia de couro de veado que aciona um ralador cilíndrico com o qual se ceva a macaxeira. Em todo o Bagé, portanto, a roda foi substituída pelo motor à óleo ou gasolina.

⁷⁵ Outra ação de reciprocidade entre vizinhos do tipo troca de trabalho.

E eu fiquei em casa e fui limpar no terreiro, pois o capim estava grande na biqueira da casa. De manhã eu limpei das 6h30 até às 10h30, e de tarde, eu limpei das 2h20 até às 4h30. Aí eu deixei, e fui tirar um cacho de bacaba para eu tomar o vinho.(...)”

21 de fevereiro de 2005 (segunda-feira)

Eu hoje de manhã não fui para nenhum canto, eu fiquei em casa mesmo fazendo os trabalhos em casa. Somente de tarde que eu fui mariscar no igarapé da Jarina, para ver se eu pegava os peixes para nós jantarmos, pois não tinha nada pra gente comer.

Eu saí para o marisco às 2h da tarde, eu fui pela estrada, passei no recife e marisquei um pouquinho, mas não peguei nenhum peixe, pois ele tinha enchido e estava vazando, e quando o igarapé enche, não presta pra gente mariscar, pois não dá nada.

Fui para o igarapé da Jarina, o igarapé estava cheio também, mas ainda marisquei assim mesmo e peguei oito carás e um mandim-mole. E estes foram a nossa janta pra mim mais o meu pai.

O Bebê não está em casa, ele foi anteontem (sábado) para a Seringueirinha e ainda não veio, eu estou só mais o meu pai em casa.

Eu deixei o marisco às 3h30, mais ou menos, e vim embora, quando cheguei perto de casa, tinha um cacho de patoá maduro. Aí eu me subi por um pau e derrubei o cacho no chão, e ajuntei um bocado e deixei o resto para eu ir buscar no outro dia, pois já estava tarde e não dava tempo de ajuntar tudo e, além disso, não tinha vaso para eu trazer tudo de uma vez.

Eu cheguei em casa às 5h30 da tarde, quando eu cheguei o meu pai estava pelando uma cutia que ele tinha matado. Ele foi esperar no pé de fruta e veio uma cutia, aí ele matou.

De manhã, ele foi esperar neste mesmo pé de fruta, a cutia veio, mas ele não pôde matar, que ela correu rápido (ela estava **braba**⁷⁶).(...)”

25/02/2005 (sexta-feira)

De manhã, eu fui caçar para a Mata dos Quarenta⁷⁷, mas não matei nada, atirei em um macaco cairara e não matei. Eu saí às 7h e cheguei às 11h30.

E de tarde, o Bebê foi ver se matava um bicho pra nós jantarmos e matou um veado. Ele saiu às 2h da tarde e chegou às 3h10. Deste veado nós vizinhamos com a minha avó e com o Zé Caboré⁷⁸(...)”.

28/02/2005 (segunda-feira)

De manhã, eu vim em casa buscar uns pedaços de carne que nós tínhamos deixado. E quando eu cheguei, eu fui brocar mais o Caboclo, filho do seu Caboré, e o cunhado dele, o Manoel, em um roçado de feijão. E de tarde, eu fui marcar um roçado de feijão para eu brocar no outro dia.

(Cunha, 2005)

Com a ajuda de vizinhos a família de Antônio brocou seu futuro roçado de feijão no princípio de março para logo em seguida semeá-lo. Depois que o feijão foi semeado Antônio ainda foi derrubar os paus desse mesmo roçado. Continua em evidência as relações intensas entre os vizinhos, em relação a vizinhança de carne, de ajuda recíproca em diversos tipos de tarefas e em festas que ocorrem ao longo do mês. Os caminhos entre as casas pela mata estão sempre sendo usados e Antônio chama a atenção

⁷⁶ Outra interpretação possível para o termo *brabo* ou *braba*, quando associado a animais em uma caçada, é que o animal brabo é aquele que não se entrega ao caçador. Ingold (2000) trata desse tipo de relação do encontro do caçador com a caça. Para caçadores por ele estudados a caça se oferece de algum modo, ele utiliza o termo *negócio* para definir a relação entre caçador e caça. Faz parte da sorte do caçador encontrar uma caça e ela estar mansa para ele, ou seja não resistir à caçada, quase que como se oferecendo. Quando relatam histórias de *negócio* com o Caipora as caças se entregam ao caçador. Sorte não significa somente encontrar o animal, mas o animal querer ser encontrado de alguma maneira. Manso, nesse sentido, significa que o animal está sobre um certo domínio, o domínio de alguma regra de convívio, estipulada por seu domesticador o Caipora. Desenvolveremos mais essa interpretação no capítulo seguinte.

⁷⁷ O nome de uma mata muitas vezes se refere a um igarapé ou a uma estrada de seringa, são as referências que em geral definem uma mata de caça. Mata da Bélgica, significa as terras banhadas pela bacia do igarapé Bélgica e Mata das Quarenta, significa as terras e matas no seio e ao redor da estrada das quarenta.

⁷⁸ Animais maiores como o veado são vizinhos também com Zé do Caboré além de dona Nazaré.

em alguns trechos que esses caminhos também precisam de constante manutenção senão a mata toma conta.

Em março de 2005 Antônio se casa numa situação bem corriqueira no rio Bagé e mesmo na região. Durante uma festa, ou mesmo antes dela, um casal de jovens decide secretamente que vão se casar e aproveitam uma situação de festa para fugir juntos e efetivar a relação. Os moradores dizem que o rapaz carregou a moça, brincam que é o casamento na igreja da mata, longe da regra dos homens. Depois de carregar a moça e negociar o apoio de sua própria família, o rapaz tentará ir até o pai da moça pedir o reconhecimento do casamento por ele. O rapaz e seu pai pedem desculpas ao pai da moça pelo modo como foi feito o casamento, ou seja, sem pedir a permissão antecipadamente e sem ir a igreja, mas considera um fato estabelecido e requer o consentimento posterior do pai da moça. Assim foi feito por Tonho. Ele me explicou depois, como outro amigo que também fez o mesmo procedimento com outra moça, que esse tipo de estratégia é utilizada quando se sabe que o pai tem alguma resistência em conceder a mão da filha em casamento.

No mesmo mês Antônio foi trocar trabalho por farinha com um de seus vizinhos, o Côco, filho da Pitu. Fevereiro e março começam as grandes viagens pelo rio. Antônio vai até Porto Valter e seu pai até Cruzeiro do Sul. Nota-se como o roçado torna-se um espaço de convívio e trocas muito importante entre os vizinhos. Se acompanharmos os circuitos de Antônio por trabalhos em diferentes roçados nesses trechos de diários fica evidente essa propriedade desses espaços.

01/03/2005 (terça-feira)

Eu convidei o Caboclo, o Manoel, o Antonio Fino e o Ivo para vir brocar o roçado de feijão mais eu⁷⁹. Nós começamos o trabalho às 7h45 da manhã e paramos às 11h30. E brocamos o terreno que eu tinha marcado todinho. E viemos pra a casa da minha avó, para nós almoçarmos e depois os companheiros irem embora.

E de tarde, eu fui no roçado do tio Manuel Adelino e tirei um fecho de lenha para a minha avó queimar no fogão.(...)”

“(...)04/3/2005 (sexta-feira)

De manhã, eu fui semear o feijão no roçado, e de tarde eu fui carregar uma lenha para a Dina e depois eu fui lascar para secar, que o pau de lenha era castanheira verde.(...)”

“(...)07/03/2005 (segunda-feira)

Eu fui brocar mais um bocadinho pra eu acabar de semear o feijão, porque no terreno que eu tinha brocado não coube o tanto de feijão que eu queria semear. E depois eu fui começar a derrubar os paus. Trabalhei até às 11h45 da manhã. De tarde eu não trabalhei mais, trabalhei somente de manhã.

08/03/2005 (terça-feira)

Eu fui derrubar pau de novo. Derrubei de manhã até às 11h30.

De tarde, eu fui às 2h e parei às 4h.

09/03/2005 (quarta-feira)

⁷⁹ Mantendo a reciprocidade de trabalho entre os vizinhos, seus companheiros de brocado são convidados a trabalhar no roçado de feijão de Antônio.

Eu fui terminar de derrubar os paus do roçado mais o Ivo e o Antonio Fino. Nós fomos às 8h30 da manhã e terminamos às 11h⁸⁰.

10/03/2005 (quinta-feira)

Eu fui mariscar no igarapé da Jarina e peguei 50 carás. Eu saí às 7h da manhã e cheguei às 2h30 da tarde.

12/03/2005 (sábado)

De manhã, eu fui na casa-de-farinha do Véio Nêgo buscar duas sacas de farinha mais o tio Manuel Adelino. E de tarde, quando nós chegamos, eu fui para uma festa no Salgadinho na casa do Zé Maria (o Piscote). Eu fui mais o Manoel do Rosio, a Delciane e a Luciane. Nós saímos à 1h da tarde, fomos demorando em viagem, e chegamos lá na casa da festa às 5h20. Tinha bastante gente já para a festa.

13/03/2005 (domingo)

Eu saí da casa do Zé Maria às 8h da manhã, depois do quebra jejum. Demorei um pouco em minha casa e fui para a casa de minha avó, cheguei lá às 11h.

Agora eu vou falar sobre a festa! A festa foi uma verdadeira beleza, foi bastante animada e tinha muita gente. A festa durou até o dia amanhecer, a noite todinha. Parou só um instante enquanto houve uma confusão, mas foi pouco tempo e não aconteceu nada com ninguém, somente zoada de parente contra parente. Nessa festa eu resolvi arranjar uma companheira para morar comigo. Ela é de uma irmandade de sete irmãs e todas já tinham arrumado companhia e somente ela que não tinha arrumado companheiro e queria vir morar comigo. Aí eu resolvi trazer ela, e fazer os gostos dela, porque ela tinha vontade de vir morar mais eu.⁸¹

O nome dela é Maria Zilaide, mais conhecida por Cabocla, filha do José Gonzaga, sobrinha do João Gonzaga.

14/03/2005 (segunda-feira)

De manhã nós viemos embora da casa de minha avó. Eu mais o pai, o Bebê e a minha companheira a Cabocla. Aí de tarde, o meu pai mais o Bebê ficaram em casa. E eu mais a Cabocla fomos para a casa da minha tia Pitu, para no outro dia eu ir trabalhar em farinha mais o Côco, porque aqui em nossa casa, nós não estávamos com tempo de fazer farinha. Aí o Côco ia trabalhar em farinha, e eu fui ajudar ele pra modo de eu ganhar uma parte⁸².

15/03/2005 (terça-feira)

Nós fomos arrancar mandioca, eu mais o Côco e o Alaizo. Nós começamos às 7h30 da manhã e terminamos às 3h30 da tarde de cevar a massa e prensar. Não terminamos antes porque a tia Nêga ainda foi tirar goma para fazer tapioca, aí nós fomos esperar que ela terminasse.

16/03/2005 (quarta-feira)

Nós fomos torrar massa, eu mais o Côco. Nós começamos às 7h da manhã terminamos às 3h30 da tarde. Aí o Côco ainda foi fazer as tapiocas, e quando nós fomos nos desocupar para vir embora, já era 4h30 da tarde. Deu cinco tapiocas e a farinha deu uma média de quatro paneiros e meio.

29 de março de 2005 (terça-feira)

Eu fui cortar a estrada do igarapé do Fundo⁸³. Eu saí para cortar às 5h45 da manhã, e fechei o corte às 11h. Saí para colher às 11h30 e fechei a colha às 3h20 da tarde. Tirei na média de cinco frascos e meio de leite.

30 de março de 2005 (quarta-feira)

Eu fui cortar a estrada do igarapé da Jarina. Saí para cortar às 6h05 e fechei o corte às 11h10.

Saí para colher às 11h30 e fechei a colha às 3h40. Tirei na média de cinco frascos de leite.

Hoje na estrada eu vi três quatipurus e um nambu-galinha, mas eu não andava com espingarda, não pude matar.

31 de março de 2005 (quinta-feira)

⁸⁰ Antônio ainda está trabalhando em seu roçado de feijão, em sua implementação, no começo de março.

⁸¹ Esse tipo de arranjo de casamento, quando o casal **resolve** por si só casar sem falar com a família da noiva antecipadamente, o pessoal chama de carregar a noiva. No caso **Antônio** carregou Maria Zilaide consigo da festa em que eles estavam participando, embora de comum acordo com a noiva, como ele deixa claro.

⁸² Já nesse caso, Antônio trabalha com seu companheiro em troca de parte da produção da farinha. Côco possui muitos filhos, mas todos pequenos ainda para trabalhar na farinha. Já na casa de Antônio eles estão sempre cortando, e, como ele próprio afirma, com pouco tempo para fazer farinha.

⁸³ Observamos que há uma variação de um dia para outro da estrada que é cortada, não se corta a mesma estrada dois dias seguidos.

De manhã eu mais a Cabocla fomos fazer um fogão de barro. Nós começamos às 8h da manhã e terminamos às 10h30.

E quando foi de tarde, à 1h30 da tarde, nós saímos para ir para o Salgadinho, dormir lá na casa do Zé Maria, conhecido por Piscote, para no outro dia nós irmos para o Riozinho do Cruzeiro do Vale, no município de Porto Walter, para a casa do senhor José Gonzaga, pai da Cabocla. Nós fomos lá para eu conversar com ele sobre a filha dele que eu havia colocado em minha companhia e ainda não tinha falado nada com ele. E também para buscar o resto das coisas dela que tinha ficado.⁸⁴

(Cunha, 2005)

Durante o mês de abril Antônio e sua esposa viajaram para o riozinho Cruzeiro do Vale, para a casa dos pais de Maria Zilaide, para dar conta do casamento entre os dois para a família da esposa. A família de José Gonzaga é originária do rio Bagé, mais especificamente do Igarapé Braço Esquerdo, ele é irmão de João Gonzaga. Migrou para as águas do riozinho Cruzeiro do Vale quando casou, assim como outros irmãos dele. A viagem de Antônio e Zilaide foi feliz, já que seu José Gonzaga se mostrou satisfeito com o fato de ter um genro como Antônio.

Ainda no começo de abril brocaram em um grande grupo o roçado de feijão de Antônio Fino. Antônio também registrou que roçou um caminho que estava fechado e uma estrada de seringa, na eterna disputa entre o absoluto e o pisado. Antônio ainda esteve cortando seringa nesse mesmo mês enquanto seu irmão Bebê se concentrou nas caçadas. Antônio também relata que brocou o mato em volta de sua casa. Mais uma vez chamando a atenção para essa tarefa permanente de manutenção do pisado. Nesse mesmo mês de abril fez ainda um passeio junto com sua nova esposa Zilaide na casa de vizinhos mais distantes dentro do igarapé Pavilhão. Ainda nesse mês ele trabalhou em farinha e dedicou alguns dias à pesca que, como se vê, é uma atividade que se estende por todo o ano apesar de se intensificar nos meses de seca. Nesse mesmo mês ainda participou de uma festa na casa dos filhos de dona Ermelinda e construiu um galinheiro com seu pai. No primeiro dia do mês ele estava, então, nas águas do riozinho Cruzeiro do Vale para conversar com seu sogro.

01 de abril de 2005 (sexta-feira)

Nós saímos da casa do Piscote às 7h32 da manhã e chegamos na casa do seu José Gonzaga às 11h55⁸⁵. Chegamos lá, ele mandou a Cabocla ir logo fazer um café para nós bebermos. Aí ele começou a conversar contando casos de caças e alguns acontecimentos que ocorreram entre ele e seus moradores vizinhos. Aí a gente conversou o que tinha que conversar e ficamos tudo em uma boa, foi tudo de gosto dele, o que eu fiz ter me unido com sua filha. Ele falou que era o maior prazer dele um dia a filha dele se pegar a morar com uma pessoa igual a mim, porque ele sabia que eu era uma pessoa que dava conta de uma mulher e não era pessoa que viesse com palhaçada.

(...)

06 de abril de 2005 (quarta-feira)

⁸⁴ Essa viagem foi feita especialmente para dar explicações à família de Maria Zilaide sobre o casamento inesperado com Antônio.

⁸⁵ Cerca de três horas e meia entre as águas do Braço Esquerdo e as águas do riozinho Cruzeiro do Vale, onde mora o sogro de Antônio.

Eu fui brocar mais o Chico, irmão do Antonio Fino, no roçado de feijão do Antonio Fino, porque ele foi para a Bélgica, para caçar, e deixou o Chico para brocar o roçado de feijão dele. Aí ele falou para eu ir ajudar o Chico brocar, aí eu fui.

Nós éramos cinco pessoas trabalhando, começamos às 8h da manhã e terminamos às 11h30. Brocamos o terreno para pegar 10 quilos de feijão.

Aí quando nós terminamos, nós fomos para a casa do Antonio Fino, e almoçamos carne de veado com feijão e bastante pimenta de panela.

Quando foi à 1h da tarde eu vim embora para casa. E no caminho, tinha uma capoeira que estava cerrada, aí eu rocei onde passa o trilho do caminho⁸⁶.

Eu cheguei em casa às 3h30 da tarde. Aí eu fiquei o resto do dia em casa.

07 de abril de 2005 (quinta-feira)

Hoje eu fui cortar a estrada do Igarapé Fundo⁸⁷. Eu saí para cortar às 5h40 da manhã, fechei o corte às 10h35.

Saí para a colha às 11h25 e cheguei às 3h30. Eu tirei na média de seis frascos e meio de leite.

Quando eu cheguei, eu fui brocar no caminho do porto.

(...)

09 de abril de 2005 (sábado)

Hoje eu não fui para canto nenhum: de manhã eu tirei um cacho de açaí, mas era no aceiro do terreiro.

E de tarde, fui tirar uma lenha, mas foi na capoeira ao redor de casa, e à tardinha brocar uns matos ao redor de casa que estava muito grande.

(...)

14 de abril de 2005 (quinta-feira)

Eu mais o meu pai fomos roçar a estrada da manga dos cocos. Nós saímos para a roçagem às 7h30 da manhã e chegamos às 4h da tarde. Roçamos 17 seringas.

E o Bebê foi caçar para a mata da estrada do Antonio Fino, mas não matou nada. Atirou em um capelão, mas não matou. E de tarde ele foi mariscar de anzol no rio e pegou 16 olhos de vidro.

(...)

16 de abril de 2005 (sábado)

Hoje pela parte da manhã eu fui brocar ao redor de casa, pois o mato estava grande. Eu broquei até às 11h30, aí eu parei que estava chovendo e trovejando muito.

E pela parte da tarde, eu saí para passear na casa da dona Ermelinda. Eu fui mais a minha companheira Cabocla, nós saímos às 3h da tarde, eu fiquei somente prosando com meus amigos e batendo aquele papo gostoso.

Quando nós chegamos na casa do Chico, filho da dona Ermelinda, ele estava com uma bacia quase cheia de patoá aquecido, no ponto de machucar. Aí com um pouco, ele foi machucar os caroços e fazer o vinho, e quando ele terminou de fazer, ele trouxe para nós tomarmos.

17 de abril de 2005 (domingo)

Eu fiquei na casa da dona Ermelinda até às 9h30 da manhã, aí eu vim para a casa da minha tia, a dona Pitu, e passei um tempinho lá, e vim para a casa do Zé Caboré e lá eu demorei mais um tempo. Almocei cará mais o tio José Farias e a minha companheira Cabocla. Aí eu fui para a Seringueirinha, para a função de um padre que marcou de vir para a Seringueirinha, aí eu fui para esperar ele, pois já tinha ido muita gente já para esperar o padre com crianças para batizarem e outros só para verem o padre rezando e rezar também.

(...)

20 de abril de 2005 (quarta-feira)

Hoje eu mais o meu pai fomos torrar massa. Eu saí de casa às 6h20 da manhã e cheguei na casa-de-farinha às 7h. E começamos o trabalho às 7h15; afrouxamos a prensa, eu fui paneirar a massa e o meu pai foi pôr fogo no forno. Aí depois que ele fez o fogo, eu fui torrar massa e ele foi peneirar, porque ele não podia pegar muita quentura de fogo, porque ele ainda está como golpe de taboca do joelho meio aberto. Aí ele não podia pegar muita quentura porque era perigoso arruinar novamente.

Nós começamos às 7h15 da manhã e terminamos às 3h30 da tarde. A farinha deu na base de dois paneiros. Aí nós pagamos um empréstimo de meio paineiro do Caboclo e o resto que sobrou nós

⁸⁶ A manutenção dos caminhos tem que ser constante, eles são estreitos e rapidamente tomados pela mata.

⁸⁷ Novamente o revezamento do corte das estradas de seringa.

trouxemos para casa. Nós saímos da casa-de-farinha às 4h20 e viemos de canoa do porto da casa do Ivo até em nossa casa e chegamos às 5h10.

(...)

23 de abril de 2005 (sábado)

De manhã, eu fui brocar ao redor da casa-de-farinha mais o meu pai. Nós fomos para o trabalho às 7h da manhã e trabalhamos até faltando poucos minutos para o meio dia. Aí do meio dia pra tarde, eu recebi um convite do meu compadre Deir, para uma festinha lá na casa dele hoje à noite e eu fosse como sem falta comparecer com eles lá para a gente brincar.

Aí à tarde eu fui me arrumar para eu ir para a festa na casa do meu compadre mais de sua velha mãe, a dona Ermelinda. Aí eu fui junto com a minha companheira Maria Zilaide. Saímos às 2h45 e chegamos lá às 5h15. E ficamos na casa do Francisco, filho da dona Ermelinda, esperando a janta pra depois nós irmos para a casa da festa. Nós jantamos uma deliciosa carne de jabuti, e quando nós terminamos, e a comida esfriou, nós fomos, chegamos lá o pessoal já estava todo chegando para começar a festa, e quando todos chegaram, a festa começou mesmo animada, com previsão de ir até o dia amanhecer.

25 de abril de 2005 (segunda-feira)

Eu fui mariscar de anzol no recife e peguei 20 peixes. Peguei três mandins-mole, um lalau e 16 carás. Eu saí para o marisco às 6h03 da manhã e cheguei às 11h. E pela parte da tarde, eu fui acabar de brocar ao redor da casa-de-farinha mais o meu pai, onde nós tínhamos começado no sábado pela parte da manhã.

Nós fomos para o trabalho à 1h30 da tarde e terminamos às 4h.(...)"

"(...)27 de abril de 2005 (quarta-feira)

Eu mais o meu pai fomos tirar paxiúba⁸⁸ para fazer um galinheiro. Nós fomos para o trabalho às 11h, derrubamos uma paxiúba e rolamos três rolos para fazer ripas e para cerca e rolamos mais dois rolos para o assoalho de cima.

Nós partimos os três rolos de paxiúba e fizemos 36 ripas. Nós fomos às 11h e viemos às 4h da tarde.

Nós fomos tirar paxiúba para fazer um galinheiro com 10 palmos de comprimento e com seis palmos de largura.

28 de abril de 2005 (quinta-feira)

Hoje de manhã eu fui mariscar no igarapé do França, mas não peguei quase nada, peguei somente oito carás, dois piabas e um mandim-mole.

Eu saí às 7h da manhã e cheguei às 11h. Só peguei 11 peixes e estes foram o nosso almoço; para mim, a Cabocla e o meu pai.

E o meu pai também foi mariscar no recife e pegou 27 carás, três piabas, quatro piaus e dois mandins-mole. E estes deram a nossa janta, e ainda sobraram uns para o outro dia.

Ele saiu para o marisco às 7h30 da manhã e chegou às 2h da tarde.

E pela parte da tarde, eu fui terminar de brocar e derrubar os paus, onde eu comecei a brocar ontem de manhãzinha mais o meu pai ao redor de casa.

(Cunha, 2005)

No começo do mês de maio de 2005, Antônio e Maria Zilaide, sua esposa, viajaram para a cidade de Marechal Thaumaturgo para a retirada de documentos dela. Antônio começou a trabalhar em uma nova plantação de feijão na beira do rio. Também nesse mês, Antônio e seu pai Eliodoro trabalharam em duas estradas de seringa, roçaram a estrada e raspam as seringueiras. Trabalharam também no corte de seringa. Como sempre, seu pai e ele mesmo se dedicaram à pesca e seu irmão Bebê à caça.

(...)

13 de maio de 2005 (segunda-feira)

Hoje eu fui cortar a volta da manga dos cocos. Eu saí para o corte às 5h45 da manhã e fechei o corte às 9h50.

⁸⁸ Palmeira (*Iriartea exorrhiza*) da qual tradicionalmente os seringueiros retiram e aplainam a casca para fazer assoalhos de casas. Ultimamente, com o uso crescente da madeira serrada no assoalho das casas, a paxiúba ficou associada à uma condição de pobreza e falta de recursos, sendo cada vez menos frequente nos pisos das casas.

Aí eu almocei traíra junto com a minha companheira Zilaide e o meu pai. E depois eu fui colher, saí às 11h10 e cheguei 2h da tarde. Tirei na média de três frascos e meio de leite. Hoje deu meio pouco leite porque foi o primeiro dia de corte, e sendo que no primeiro dia sempre dá pouco. Aí do segundo dia em diante dá mais um pouco, até que chega a aumentar um ou mais frascos, e até dois frascos e meio a mais do que no primeiro dia.

E dando continuidade às minhas atividades de trabalho do dia de hoje; quando eu cheguei da estrada, eu fui começar a brocar um terreno na beira do rio para eu plantar um pouco de feijão quarentão⁸⁹.

(...)

24 de maio de 2005 (terça-feira)

Hoje eu mais o meu pai fomos roçar e raspar a estrada do igarapé da Jarina. Nós saímos às 8h da manhã e chegamos às 4h50 da tarde. Roçamos 32 seringas⁹⁰. E o Bebê foi mariscar novamente de anzol no rio. Ele saiu às 8h da manhã e chegou às 6h da tarde e pegou: seis traíras (matou de zagaia na beira), duas piranhas, 11 mandins, um pacu, nove matipiris, seis pacus brancos e um catolé. Ele foi até dentro do Braço Esquerdo de novo.

25 de maio de 2005 (quarta-feira)

Hoje eu mais o meu pai e o Bebê fomos terminar de roçar e raspar a estrada do igarapé da Jarina. Nós saímos para o trabalho às 7h40 da manhã e chegamos às 2h20 da tarde. Roçamos e raspamos 37 seringas.

O meu pai mais o Bebê já tinham dado um começo nesta estrada na semana passada, aí nós fomos ontem e hoje terminamos de roçar. Eles já tinham roçado 11 seringas.

Quando eu vim da estrada, eu trouxe um rolo de pau para a lenha, um rolo de maraximbé.

(...)

30 de maio de 2005 (segunda-feira)

Hoje eu mais o meu pai fomos cortar; eu fui cortar a estrada do Igarapé da Jarina e o meu pai foi cortar a Volta da Manga dos Côcos. Eu tirei na média de cinco frascos de leite e o meu pai tirou na média de três frascos e meio.

E o Bebê foi mariscar de anzol no rio e pegou cinco catolés, seis pacus brancos, dois matipiris, quatro patacas e cinco mandins. Ele saiu para o marisco às 6h da manhã e chegou às 5h10 da tarde; ele foi até o Braço Esquerdo.

31 de maio de 2005 (terça-feira)

Hoje nós fomos roçar as quarenta (uma estrada que nos corta por este nome “Quarenta”). Eu, mais o meu pai, o Bebê, o Antonio Fino e o Chico, irmão dele. Nós começamos roçar às 8h30 da manhã e paramos às 4h30 da tarde. Roçamos 55 seringas.

Quando nós vínhamos voltando da roçagem, nós passamos no meu roçado de feijão, e juntamos um pouquinho das vagens que estão começando a madurecer e debulhamos, deu dois litros de caroço. Cozinhamos um litro e ficou o outro litro para o outro dia.

Esta estrada que nós fomos roçar, nós tínhamos cortado ela no ano de 2003, já estava com quase dois anos que ninguém cortava ela. No ano de 2004, a gente ia roçar e começamos a deixar pra depois, e até que passou o ano e ninguém roçou.

(Cunha, 2005)

O mês de junho de 2005 foi em grande parte dedicado à preparação do terreno na beira do rio para o plantio de feijão. Eliodoro limpou parte de um arrancador para também plantar feijão. O arrancador é um roçado ou parte de um roçado de onde a família está arrancando a macaxeira naquele período. Assim, Eliodoro estava utilizando uma parte do arrancador onde já havia sido arrancada a macaxeira para plantar feijão no mês de julho. Alguns dias do mês Antônio se dedicou ao corte de seringa, mas quase toda a segunda metade do mês ele passou apanhando o feijão maduro.

01 de junho de 2005 (quarta-feira)

⁸⁹ Antônio vai brocar na beira do rio em meados de maio para plantar feijão.

⁹⁰ Novamente fazendo manutenção das estradas de seringa.

Hoje eu mais o meu pai fomos brocar na beira do rio para plantar feijão; nós fomos para o trabalho às 7h da manhã e viemos às 12h, não brocamos quase nada, porque é ruim de brocar que está serrado na beira do rio. Nós chegamos, almoçamos traíra com feijão, e voltamos novamente para o trabalho às 2h30 da tarde e trabalhamos até às 5h25 da tarde. Ainda não brocamos tudo o terreno que estávamos querendo brocar, ainda ficou o restinho para nós terminarmos na sexta-feira, dia 03 de junho.

(...)

03 de junho de 2005 (sexta-feira)

Hoje eu mais o meu pai fomos terminar de brocar o terreno de feijão, nós fomos às 7h da manhã e viemos às 11h30, terminamos de brocar o terreno, ficou faltando só tirar os matos pra fora e plantar o feijão. E à tarde, nós fomos na Santa Cruz acender vela na sepultura de minha mãe, pois hoje está completando nove anos e três meses que ela faleceu.

(...)

04 de junho de 2005 (sábado)

Hoje pela parte da manhã, eu mais o meu pai fomos tirar os matos do terreno de feijão para fora⁹¹. Nós fomos às 6h30 da manhã e viemos às 10h. Colocamos todos os matos que nós pudemos colocar para fora, e ficou faltando somente plantar o feijão. Aí o resto do dia eu não fui mais para canto nenhum, fiquei em casa trabalhando em uma tarrafa. O meu pai mais o Bebê saíram hoje à tarde para passear; o meu pai foi para a casa de minha avó e o Bebê foi para a Seringueirinha e eu fiquei em casa mais a minha companheira Maria Zilaide.

(...)

06 de junho de 2005 (segunda-feira)

Hoje eu fui cortar a Volta da Manga dos Côcos. Eu saí para cortar às 6h da manhã e fechei o corte às 9h35. Saí para colher às 11h20 e cheguei às 2h da tarde. Tirei na média de quatro frascos de leite. E quando eu cheguei da estrada, eu fui para a Seringueirinha buscar um frango que eu comprei do Cláudio, filho de dona Nenê, e estava lá na casa do Dedi, aí eu fui buscar. Eu saí às 2h30 e fui para casa de volta às 5h. Gastei duas horas e meia para ir e voltar. E o meu pai foi plantar o feijão no terreno que nós brocamos na beira do rio. Ele plantou o terreno todinho e pegou quase um litro de feijão, sobrou somente um pouquinho menos de um terço. E o Bebê foi matar traíra na beira do Pavilhão e matou oito traíras. Ele deixou quatro lá na casa de minha avó e trouxe as outras quatro e estas foram a nossa janta.

07 de junho de 2005 (terça-feira)

Hoje eu fui cortar a estrada do igarapé da Jarina. Eu saí para cortar às 5h35 e fechei o corte às 10h40 da manhã. Não vi nada no corte para matar para comer, andei a estrada todinha e não vi nenhum bicho. Saí para colher às 11h20 e cheguei às 3h da tarde. Tirei cinco frascos de leite. E o meu pai foi limpar um arrancador do roçado para plantar feijão. E de tarde, ele pôs um saco na grade para encauchar quando eu chegasse com o leite. E quando eu cheguei da estrada com o leite, ele foi encauchar ou defumar o saco para nós carregarmos leite da estrada.

08 de maio de 2005 (quarta-feira)

Hoje de manhã eu mais o Bebê fomos mariscar de tarrafa no rio e pegamos na base de sete quilos de peixe, e os tipos de peixe que nós pegamos foram: traíra, pintadinha, mandim-duro, mandim-mole, curimatá e cachorrão. Sendo a maior parte em mandins, traíras e bode que eu esqueci de citar nos tipos de peixe.

Nós saímos para o marisco às 6h30 da manhã e voltamos 11h50, fomos até metade da viagem da localidade Cassirí para a Boca do Braço Esquerdo. E de tarde eu fui apanhar feijão no meu roçado. E o meu pai, de manhã, foi limpar no arrancador novamente, para plantar feijão quarentão. E de tarde, ele foi arrancar mandioca mais o Bebê, para fazer farinha.

(...)

10 de junho de 2005 (sexta-feira)

Hoje eu fui apanhar feijão. De manhã eu fui às 7h30 e vim às 11h25. E à tarde eu fui novamente às 2h30 e vim às 5h18. Apanhei numa base de 15 quilos mais ou menos ao todo, de manhã e de tarde.

11 de junho de 2005 (sábado)

Hoje eu apanhei feijão somente de manhã, pois de tarde choveu e não prestou para apanhar. De manhã, eu fui mais a Cabocla. Nós fomos às 7h da manhã e viemos às 11h15.

Aí à tarde eu fiquei em casa fazendo tarrafa.

⁹¹ Faz parte da limpeza do terreno para plantação.

(...)

14 de junho de 2005 (terça-feira)

Eu fui apanhar feijão mais o Bebé, o Alaizo, o Agaizo e o seu Nascimento. Nós trabalhamos das 7h30 da manhã até às 7h15. Aí viemos para casa, para almoçar. E quando foi de tarde, nós íamos de novo, mas aí quando nós estávamos de saída caiu uma chuva aí não prestou mais para nós irmos. Trabalhamos somente de manhã.

15 de junho de 2005 (quarta-feira)

Eu fui apanhar feijão. De manhã eu tive a ajuda do tio Manuel Adelino, de meu pai e da Cabocla. E à tarde, eu fui sozinho.

16 de junho de 2005 (quinta-feira)

Eu fui apanhar feijão mais o meu pai e o Bebé; nós fomos 7h da manhã e viemos às 11h. E à tarde, eu fui somente mais o meu pai.

17 de junho de 2005 (sexta-feira)

Eu fui apanhar feijão mais o meu pai. Nós fomos às 6h40 da manhã e viemos às 11h.

E à tarde, nós fomos às 2h30 e viemos às 5h15 da tarde.

18 de junho de 2005 (sábado)

Eu fui apanhar feijão mais o meu pai, aí nós estávamos lá quando chegou o Chico Branco mais o Raimundinho, filhos do tio Raimundo Crato. E foram apanhar feijão mais nós, aí quando foi às 9h, nós terminamos de dar a primeira corra no roçado. Mas aí, ainda iam ficando muitas vagens verdes; ainda é preciso a gente passar outra corra para acabar de apanhar. E quando foi de tarde, eu mais a Cabocla fomos passear na casa de minha tia, a dona Pitu, nós fomos dormir lá na casa dela. E o meu pai foi para a casa da tia Venância e o Bebé foi para a casa da dona Ermelinda.

Cada qual seguiu o seu rumo para se divertir no final de semana.

(...)

20 de junho de 2005 (segunda-feira)

Eu mais o Bebé fomos cortar; eu fui para a volta da manga dos cocos e o Bebé foi para a estrada do igarapé da Jarina. Eu tirei na média de quatro frascos de leite e o Bebé tirou na média de cinco frascos e meio.

Quando eu cheguei da estrada, eu fui bater um pouco de feijão para desbulhar. Desbulhei na média de 15 quilos de feijão.

E o meu pai, de manhã, foi limpar no arrancador do roçado e de tarde foi defumar um saco para carregar leite da estrada (defumar, ou seja, encauchar).

21 de junho de 2005 (terça-feira)

Nós fomos apanhar feijão, eu mais o meu pai e os dois filhos da minha tia Pitu, o Alaizo e o Agaizo. Nós fomos para o trabalho às 7h da manhã e viemos às 11h. Trabalhamos somente pela parte da manhã, pois a tarde foi de chuva, nós já chegamos do roçado debaixo de chuva, e passou o resto da tarde chovendo

22 de junho de 2005 (quarta-feira)

De manhã eu fui fazer manga e de tarde eu fui para o meu feijão, pois de manhã não prestou para apanhar, porque estava molhado, e não estava fazendo sol para enxugar. E de tarde eu fui mais a Cabocla e apanhamos uma saca de vagem. Nós fomos à 1h da tarde e viemos às 5h10. E o Bebé foi caçar para a mata da Bélgica e matou uma cutiara. E o meu pai, de manhã, foi terminar de plantar o feijão no arrancador do roçado. E de tarde, ele foi mariscar de tarrafa no recife e pegou um bocado de bode, na faixa de uns 10 bodes ou mais. Estes foram a nossa janta.

(...)

27 de junho de 2005 (segunda-feira)

Eu fui apanhar feijão; apanhei de manhã e de tarde.

28 de junho de 2005 (terça-feira)

De manhã eu fui terminar de apanhar o meu feijão mais o meu pai. E de tarde eu fui brocar mais o Raimundo da dona Ermelinda no roçado dele.

29 de junho de 2005 (quarta-feira)

Dia de São Pedro. Eu mais a Cabocla e o meu pai passamos o dia quase todo na casa de dona Ermelinda, pois o Raimundo brocou o roçado dele e à noite fez uma festa para os trabalhadores que brocaram mais ele. Aí nós estávamos na festa, aí no outro dia ainda ficamos até de tarde na casa de dona Ermelinda. Aí viemos para casa, chegamos em casa às 4h da tarde.

30 de junho de 2005 (quinta-feira)

Eu fui cortar a estrada do igarapé da Jarina; tirei seis frascos de leite.

(Cunha, 2005)

Início das chuvas de 2005 (Setembro de 2005 a novembro de 2005) segundo Antônio Oliveira Cunha

Setembro é um mês de transição para as chuvas que chegam com mais intensidade em outubro. Em setembro de 2005 Antônio já estava casado e agora havia uma mulher na família, Zilaide a esposa de Antônio. A presença de Zilaide fez uma grande diferença para a família em relação às atividades domésticas. Agora era ela quem cuidava da cozinha e do preparo das refeições, assim como da lavagem das roupas e da limpeza da casa, tarefas que anteriormente eram divididas por todos. Além disso a casa tinha outro ânimo após a chegada de Zilaide. Seu Eliodoro se preocupou em fazer uma nova casa com um quarto separado para o casal e a felicidade com uma mulher em casa era outra. Antes havia um certo incômodo em relação à divisão de tarefas domésticas e claramente o momento de um dos filhos casar e trazer uma mulher para casa era esperado. Zilaide era completamente cercada de cuidados para que se sentisse bem e não sobrecarregada.

Em setembro de 2005, a pesca foi uma atividade mais corriqueira que a caça para conseguir o rancho. Os meses mais secos da estiagem favorecem a pesca pois os rios estão mais secos e os peixes concentrados em alguns pontos. Já a caça é mais favorável no período de chuvas quando é possível perseguir os animais considerados caça através de seu rastro marcado no solo da floresta. Na seca, com o solo seco e compacto os animais não deixam rastro e o caçador faz barulho nas folhas secas ao caminhar na mata, espantando os animais impedindo a aproximação para o tiro. Foi também, para a família de Eliodoro, um mês dedicado à limpeza do canavial para esperar a chuva. Um milho novo foi plantado num roçado no começo do mês, ele é plantado em consórcio no roçado de roça, e é necessário vigiar o milharal para que as gráunas não se alimentem das sementes. O milho também foi plantado no mesmo local onde feijão foi colhido. O milho plantado anteriormente ainda está mirrado devido a ausência de chuvas. Em setembro de 2005 ainda apanharam o feijão que já estava maduro.

05 de setembro de 2005 (segunda-feira)

Hoje de manhã eu fui brocar o terreno das canas velhas, para tocar fogo novamente para ver se as canas nascem de novo mais bonitas, porque elas já estavam quase tudo secas e o mato estava grande.

Eu já tinha trabalhado meio dia na sexta-feira e hoje eu fui às 6h30 da manhã, e terminei às 10h20. Aí eu fui no roçado e arranquei um pé de mandioca para trazer para as galinhas. Cheguei em casa às 10h45.

Aí à tarde eu fui dar a virada na estrada do igarapé da Jarina, pra ver se eu via um bicho para matar para comer. Mas não matei nada, espantei três nambus, mas não pude matar nenhuma.

Eu saí à 1h35 da tarde e cheguei às 5h.

Por este tempo não está bom para a caçada, porque a folha está muito seca, quando a gente pisa, faz a maior zoadá na folha seca. Aí os animais escutam o barulho e fogem antes da gente avistá-los.

O camarada anda o dia todinho na mata, é uma sorte ele matar algum bichinho para comer mais a sua família.

Por esse tempo aqui é mais fácil de arrumar um rancho no rio e nos igapós⁹².

⁹² Setembro ainda está seco, como observa Antônio, a pesca ainda é uma opção melhor que a caçada. Na mata as folhas

06 de setembro de 2005 (terça-feira)

Bem cedinho eu fui lá na volta da estrada do Igarapé da Jarina olhar um ninho de nambu, que eu havia espantado ela no outro dia passado. Ela tinha seis ovos no ninho, aí hoje eu fui lá ver se ela tinha voltado e estava no ninho. Mas ela não veio mais não, até os ovos o bicho havia comido dois e só tinha quatro. Aí eu trouxe e nós comemos. Eu saí às 6h da manhã e cheguei em casa de volta às 8h.

Aí quando eu cheguei, eu fui para o roçado pasturar as graúnas que estavam arrancando o milho que nós plantamos no terreno do feijão⁹³. O milho está nascendo e as graúnas estão arrancando. Aí é preciso a gente pasturar.

O meu pai foi bem cedinho, enquanto eu ia atrás da nambu, e quando eu cheguei, eu fui para o roçado, e ele veio para casa.

Aí eu fiquei lá até às 10h, aí o sol esquentou, e as graúnas não estavam vindo, aí eu vim embora.

E à tarde eu fui de novo às 2h da tarde e fiquei lá até às 5h da tarde e vim embora.

O milho ainda está meio pequeno, mas porque ainda não cresceu por motivo do verão que está muito forte a terra está seca demais, aí o milho não cresce.

(...)

09 de setembro de 2005 (sexta-feira)

Hoje eu mais o meu pai fomos apanhar feijão, apanhamos na base de quase 15 quilos de feijão quarentão. Nós apanhamos das 6h30 até às 11h08 e da 1h30 da tarde até às 4h. Apanhamos todo o feijão maduro que tinha no terreno que nós plantamos na beira do rio e do terreno que nós plantamos no roçado e ainda ficou bastante vagem verde⁹⁴.

(...)

12 de setembro de 2005 (segunda-feira)

Eu mais o meu pai fomos acabar de brocar uma pontinha de mato no aceiro do roçado que faltava brocar.⁹⁵ Nós fomos às 7h da manhã e terminamos às 10h30.

Nós trabalhamos no roçado só pela parte da manhã. De tarde, o meu foi trabalhar em um pilão de pilar pimenta do reino, e eu fui trabalhar em tarrafa.

(Cunha, 2005)

Entre o final de setembro e o começo de outubro os moradores queimaram os roçados brocados e ainda estão encoivando o que restou para ser queimado. A preparação do roçado é completamente dependente das estações do ano, pois o roçado deve ser queimado antes das chuvas e plantado logo em seu começo. Ainda estavam colhendo feijão. O milho é plantado no roçado de roça quase ao mesmo tempo em que se plantam as manivas de roça. Outubro é o mês preferencial para a plantação das manivas pois as chuvas estão começando. Vemos Antônio e seu pai conseguindo manivas de vários vizinhos.

07 de outubro de 2005 (sexta-feira)

Hoje pela parte da manhã eu mais o meu pai fomos acabar de encoivar o roçado⁹⁶. Nós fomos às 7h30 da manhã e acabamos às 10h20. Estava faltando só um restinho para encoivar, que eu já havia trabalhado uma de manhã no

secas impedem tanto a aproximação do caçador quanto os vestígios dos animais ficarem impressos no solo. Nos rios as águas ainda estão baixas concentrando os peixes e tornando os rios e igarapés mais rasos para a pescaria. Nesse dia, dois anos depois das anotações de junho, julho e agosto, vemos que a família de Antônio está criando algumas galinhas no terreiro e a principal fonte de alimentação dos animais é o roçado.

⁹³ Nessa época, em setembro, a família já havia semeado milho no mesmo espaço onde havia feijão e tinham que passar horas do dia espantando as graúnas para que não comessem o milho que brotava no começo de setembro. Segundo Antônio o verão de 2005 estava sendo muito forte, ou seja, se estendendo demais e chovendo muito pouco, daí o atraso no crescimento dos pés de milho.

⁹⁴ Em setembro a família está colhendo o feijão que plantaram no começo do ano. No início do verão planta-se feijão mesmo na beira do rio.

⁹⁵ Em meados de setembro, portanto, a família terminou de brocar o novo roçado.

⁹⁶ Começo de outubro, quinze dias depois de terminarem de brocar devem ter ateadado fogo no roçado e começa o trabalho

dia 28 de setembro e ontem, dia 06 de outubro, nós trabalhamos pela parte da tarde. Aí ficou faltando pouco, aí hoje nós fomos acabar.

E à tarde eu vim bater um pouco de feijão e o meu pai foi para o roçado de feijão passar uma corra, apanhando as vagens que estavam maduras. Ele apanhou na base de quatro quilos de feijão.

Quando eu terminei de bater o feijão, às 5h da tarde, eu fui capinar no caminho do porto, capinei até às 6h.

08 de outubro de 2005 (sábado)

Hoje de manhã eu mais o meu pai fomos passar uma corra no terreno de feijão que nós plantamos na beira do rio, apanhando as vagens que estavam maduras.

Apanhamos na base de quase três quilos e meio de feijão. Nós fomos às 7h da manhã e chegamos às 8h30.

E pela parte da tarde, eu fui bater mais um pouco de feijão que já estava no ponto de bater. Eu comecei à 1h da tarde e terminei às 2h30. Eu bati na base de sete quilos e meio de feijão. E às 4h eu fui para o roçado tirar lenha⁹⁷.

Tirei um panelão cheio de lenha, de serreia de camaleão, pau bom de fogo!

Cheguei em casa às 5h30 da tarde.

09 de outubro de 2005 (domingo)

Hoje eu passei o dia em casa, não saí para canto nenhum, pois eu passei o dia calmando o domingo, que já estava com dois dias de domingo que eu não calmava quase nada.

O primeiro, eu fui buscar um milho na casa da Maria do Manuel Leite. E eu passei bastante tempo andando com esse milho nas costas. Eu trouxe de lá e fui deixar na casa de minha avó, que esse milho era para ela, que o tio Manuel Adelino pediu para eu ir buscar, aí eu fui.

E no outro domingo, eu passei o dia arrastando canoa no rio seco mais o tio Manuel Adelino, que ele tinha ido para Thaumaturgo buscar um pouco de mercadoria que ele tinha deixado lá, e quando ele vinha subindo, o rio estava muito seco. Aí eu fui me encontrar com ele em certo meio. E isso foi mesmo em um dia de domingo.

10 de outubro de 2005 (segunda-feira)

Eu mais o meu pai fomos plantar milho em nosso roçado. Pela parte da manhã nós trabalhamos das 7h até às 11h50.

E à tarde nós fomos de novo à 1h20, terminamos de plantar o roçado às 3h35.

Plantamos na média de quatro litros e meio de milho. Nós plantamos o milho no espeque, o instrumento que nós usamos para plantar o milho (isto é, um pedaço de pau com mais ou menos um metro e meio de comprimento e menos de um palmo de grossura. Aí a gente afina a ponta do pau, bem fina e fura o chão nos lugares das covas de milho, e coloca os caroços de milho dentro do buraco e entope de terra novamente).

Tem gente que planta com máquina de plantar, mas nós não temos máquina, plantamos no espeque.

E à tardinha o meu pai foi dormir lá na casa de minha avó para pôr um milho de molho, para amanhã nós plantarmos o milho no roçado do tio Manuel Adelino que ele falou para nós plantarmos para ele, que ele nos pagava para plantar⁹⁸.

11 de outubro de 2005 (terça-feira)

Eu fui plantar o milho no roçado do tio Manuel Adelino mais o meu pai. Nós fomos para o roçado às 7h da manhã e viemos às 11h.

Aí viemos para a casa de minha avó, almoçamos feijão misturado com couro de porco de casa.

E quando foi às 2h da tarde, nós fomos novamente para o roçado, trabalhamos até às 4h30 da tarde. Aí eu fui lá para a casa de minha tia, fui dormir lá na casa dela para rezar um terço mais ela, para pagar uma promessa que ela havia feito para o filho dela que estava doente.

Nós plantamos em média três litros de milho, hoje no roçado o meu pai mais o Bebê já tinham plantado oito litros, e ainda ficou faltando um pedacinho do roçado para plantar.

12 de outubro de 2005 (quarta-feira)

Hoje, dia das crianças, comemorado por todas as crianças do Brasil!

de encoivarar. Depois de tocar fogo nos ramos, galhos e caules secos que foram brocados, sobram ainda alguns galhos que não pegaram fogo na primeira tentativa de queima. Assim é necessário juntar esses galhos armando montes como fogueiras para tocar fogo. Esses montes são as coivaras.

⁹⁷ Do próprio roçado ainda seco, antes das chuvas, se apanha lenha, tanto para a casa quanto para torrar farinha na casa de farinha.

⁹⁸ Como se percebe na descrição de Antônio, o mês de outubro, início das chuvas, é dedicado à plantação nos roçados. Eles plantaram o próprio milho e foram pagos por Manuel Adelino para plantar seu milho. O milho é plantado consorciado com a roça ou macaxeira, na mesma área de roçado.

Hoje eu estava na casa de minha tia Maria José⁹⁹ e fui passear na casa de dona Ermelinda mais a Cabocla e o Alaizo, filho da tia Pitu. Nós chegamos lá às 8h30 da manhã e ficamos lá até às três horas da tarde, aí viemos embora, viemos até a casa da tia Pitu, dormimos na casa dela.

13 de outubro de 2005 (quinta-feira)

Hoje a gente fez uma caminhada meio ruim! Mas não foi tão ruim de fazer a caminhada como foi triste.

A minha tia Maria José passou a noite de ontem para hoje com diarreia, provocando e com uma tontice que ela nem podia se pôr em pé que dava aquela coisa ruim e caía. E isso era na casa dela, no centro, quase uma hora de distância para a casa de minha avó. Uma das coisas mais tristes é a gente carregar outra na rede em um caminho!

Mas para quem mora no centro, é o meio de transporte, é a rede.

Nós éramos 10 pessoas; dois carregava, quando cansavam, outros dois pegavam, e assim por diante; e outros trouxeram as cargas e os meninos. Foi um momento difícil, mas tiveram bastante pessoas para ajudar, graças a Deus!

Quando foi à tarde, ela já estava melhor, tinha tomado o remédio e tinha melhorado mais um pouco.

Eu vim cá na casa de minha avó e voltei para a casa da tia Pitu para pegar minhas coisas e voltei para dormir na casa de minha avó¹⁰⁰.

14 de outubro de 2005 (sexta-feira)

Hoje nós estávamos na casa de minha avó e depois do quebra jejum, nós viemos para casa, chegamos em casa às 8h da manhã. Aí durante a manhã eu fiquei em casa, não saí para canto nenhum. Somente à tarde que eu fui no meu terreno de feijão apanhar as vagens que estavam maduras. Eu fui mais o meu pai, nós fomos à 1h30 da tarde e chegamos às 2h35; apanhamos uma lata de querosene cheinha e uma rola de galoneira de 20 litros também cheinha de vagem.

E às 4h eu fui capinar no caminho do porto. Capinei até 5h30 da tarde, aí eu fui tomar o banho para calmar!

(...)

Agora depois de alguns dias que eu não fiz o meu diário, por motivo de eu ter passado o tempo quase todo fora de casa, e com pouco tempo para escrever, eu volto a escrever fazendo um pequeno roteiro e com uma base dos dias em que eu não escrevi.

21 de outubro (sexta-feira)2005

Eu fui limpar no terreno das canas.

22 de outubro (sábado)

Foi o dia em que todo mundo teve que se deslocar de suas casas para a comunidade do Remanso ou para uma localidade mais próxima, para no outro dia votarem para o referendun sobre a proibição da comercialização de armas de fogo e munição no Brasil.

Onde a maioria das pessoas tiveram que ir e voltar de pés por falta de combustível para o transporte. Eu fui de pés até lá, dormi na casa de dona Maroca¹⁰¹.

23 de outubro (domingo)

Foi o dia da votação, todo mundo votou conscientemente, em que todos votaram conscientemente a favor do NÃO, contra a proibição¹⁰².

Todo mundo votou, e ainda voltaram para as suas casas. Eu vim dormir na casa do Antonio Fino, não vim em casa porque não quis mesmo, mas ainda cheguei cedo.

24 de outubro (segunda-feira)

Eu vim em casa pôr comida para as galinhas, aí voltei novamente para ajudar o meu pai que estava cortando maniva de roça lá no roçado do Caboclo, para plantar o nosso roçado¹⁰³. Eu cheguei lá às 2h da tarde e ajudei o meu pai até de tardezinha. Nós cortamos 1480 manivas. Nós dormimos na casa do Caboclo.

⁹⁹ Maria José também é irmã de Eliodoro, portanto tia de Antônio, e é casada com Pedro, de apelido Côco, filho de Dona Pitu, que também é tia de Antônio porque irmã de sua falecida mãe Hosana. Portanto, sua tia Maria José é casada com seu primo Pedro.

¹⁰⁰ Dona Nazaré, mãe de Eliodoro.

¹⁰¹ Matriarca da comunidade Remanso, uma das maiores, senão a maior do rio Bagé.

¹⁰² Marechal Thaumaturgo foi o município brasileiro com maior porcentagem de votos contra o desarmamento do país, mais de noventa e cinco por cento da população. A grande explicação é a grande dependência da maior parte de sua população da carne de caça para sobreviver.

¹⁰³ Portanto, dia 12 de setembro terminaram os trabalhos de brocar, até meados de outubro tocaram fogo e encoivaram o roçado e agora, final de outubro, começam os trabalhos da família de Antônio para plantar seus roçados de roça. Como já estavam sem roçado de roça foram buscar manivas, ou seja pedaços de caule de roça utilizadas para o plantio, no roçado de

25 de outubro (terça-feira)

Nós levamos as manivas lá para o porto do tio Riba e embarcamos na canoa e trouxemos para nossa casa. Chegamos em casa até às 10h do dia. Ai à tarde nós fomos apanhar umas vagens de feijão para nós formos no fogo para nós jantarmos.

26 de outubro (quarta-feira)

Eu mais o meu pai fomos plantar roça. Nós trabalhamos pela parte da manhã das 7h até às 11h. E à tarde nós fomos de novo às 2h30 e paramos às 3h. Porque as manivas que nós cortamos não deram para plantar o roçado todo. Ainda ficou faltando quase um quarto do roçado por plantar.¹⁰⁴

27 de outubro (quinta-feira)

O meu pai foi lá para o roçado do tio Manuel Adelino cortar mais um bocado de manivas para acabar de plantar o roçado¹⁰⁵. E eu fui brocar o caminho da cacimba.

Quando foi à tarde, nós fomos lá para a casa do Coco da tia Pitu para no outro dia nós irmos ajudar ele encoivarar o roçado dele, porque ele teve muito atrapalho com doença e não pôde encoivarar o roçado dele logo, e já está passando do tempo da gente plantar os roçados¹⁰⁶. Ai nós fomos ajudar ele.

28 de outubro (sexta-feira)

Nós fomos encoivarar; eu mais o meu pai, o Coco, o Lai e o Agaizo. Nós fomos para o trabalho às 7h da manhã e paramos às 10h30. Ai viemos para a casa-de-farinha, e esperamos chegar à 1h da tarde para nós irmos novamente para o trabalho.

Quando nós estávamos na casa de farinha, almoçamos carne de porco de casa assado na brasa lá mesmo na casa-de-farinha.

Nós trabalhamos da 1h até às 3h da tarde. Ai nós deixamos o trabalho que eu e o meu pai ainda tínhamos que vir embora para a nossa casa. Ai nós viemos, chegamos em casa às 5h da tarde.

29 de outubro (sábado) 2005

Eu saí às 6h15 da manhã para ir lá para a casa do seu Zé Gonzaga para ir buscar a Cabocla¹⁰⁷ que estava lá desde o dia 18 de outubro que eu fui deixar ela lá para ela ir votar lá no lugar da seção dela, no dia 23 de outubro que é no Riozinho Cruzeiro do Vale, lá perto de Porto Walter, em uma comunidade que tem.

Eu saí no dia 29 de outubro e cheguei no dia 03 de novembro, pela parte da tarde.

Eu passei os dias 30, 31, 01 e 02 passeando por lá. No dia 30 eu fui até a casa do senhor Chico Cariri, onde tem um campo de futebol, fui apreciar o pessoal jogando e conhecer os lugares por onde eu passei que eu nunca tinha andado e achei tudo muito legal e o pessoal tudo gente amiga.

E nos outros três dias, eu fiquei apenas na casa de seu Zé Gonzaga, só calmando. E quando foi no dia 03, eu mais a Cabocla saímos de lá, faltando 10 minutos para as sete horas da manhã e chegamos em casa às 3h15 da tarde. E ainda paramos uma meia hora na casa do senhor Manoel Gonzaga.

Andamos 7 horas e 55 minutos, da casa do seu Zé Gonzaga para chegar até nossa casa¹⁰⁸.

(Cunha, 2005)

As atividades ficam mais variadas já que o roçado novo já foi plantado. Nesse mês a família de Eliodoro aproveita para trabalhar na cobertura de sua casa, trabalhar um feijão que já tinham colhido,

seu primo Caboclo.

¹⁰⁴ Como já haviam plantado três quartos do roçado com cerca de 1400 manivas, calcula-se que o roçado de roça de 2005 da família teria entre 1800 e 2000 pés de roça, ou seja, aproximadamente 0,2hectares.

¹⁰⁵ As fontes das manivas são variadas. Podem ser os roçados dos anos anteriores ou roçados de vizinhos. Nesse caso, seu Eliodoro fez seu roçado a partir de manivas de seu sobrinho Caboclo, três quartos, e de seu irmão Manuel Adelino, um quarto.

¹⁰⁶ É essencial observar as estações do ano no plantio dos roçados de roça. Como há a necessidade de queimar e encoivarar, terminar esse trabalho antes do início das chuvas é primordial. Depois que as chuvas passam a ser constantes e intensas, a partir do final de outubro, todos os paus e galhos que foram derrubados e brocados correm o risco de ficar úmidos demais e assim não pegam mais fogo e todo o trabalho é perdido. Por isso, Antônio e os demais foram socorrer seu primo Côco.

¹⁰⁷ Cabocla é o apelido da esposa de Antônio, Maria Zilaide.

¹⁰⁸ Nessa região do rio Bagé, próximo ao Braço Esquerdo, é muito comum as pessoas atravessarem para as águas do riozinho Cruzeiro do Vale que já ficam fora da Reserva Extrativista do Alto Juruá e fora do município de Marechal Thaumaturgo. Na verdade há uma continuidade nesse trecho da família de Gonzaga, que em parte mora no Braço Esquerdo e em parte vive no Riozinho Cruzeiro do Vale. Os pais de Maria Zilaide, a Cabocla, esposa de Antônio, vivem no Riozinho Cruzério do Vale.

começam a se multiplicar as caçadas e a manutenção do roçado. Trabalharam em mutirão num roçado de um vizinho para que ainda desse tempo, já que estava atrasado o plantio. Trabalharam ainda numa farinhada de um vizinho. Acompanhando esse tipo de diário de Antônio podemos perceber que entre as relações mais importantes e cotidianas entre vizinhos está a de ajuda mútua nos trabalhos de roça.

04 de novembro (sexta-feira) 2005

Bem cedo eu fui na casa de minha avó, fui deixar a ela um pouco de vinho de bacaba que eu tinha tirado e estava achando que era muito vinho só para mim e a Cabocla, aí eu fui deixar bocado lá para o pessoal aproveitar.

Eu tirei um cacho de bacaba que deu mais de seis litros de vinho, foi de uma bacabeira que nasceu no aceiro do terreiro dos caroços que nós jogamos no aceiro que nós tiramos a bacaba e jogamos os caroços fora.

E quando eu cheguei da casa de minha avó, na hora do meio dia, eu fiquei em casa. E à tardinha eu fui limpar no roçado mais o meu pai¹⁰⁹. Nós fomos às 3h30 e voltamos às 5h15 da tarde.

05 de novembro (sábado)

Pela manhã eu fui limpar no roçado e à tarde eu fui bater um resto de feijão que tinha por bater¹¹⁰.

06 de novembro (domingo)

Eu fui pescar mais o meu pai. Nós fomos buscar a canoa que estava lá na Santa Cruz e subimos pescando até a nossa casa, mas não pegamos quase nada de peixe. E nós tínhamos que dividir os peixes com minha avó porque ela estava sozinha em casa com uma ruma de meninos e estavam sem comida. Aí nós resolvemos ir até mais em cima no rio pra ver se pegávamos mais uns peixes. Aí nós fomos até acima do poço da moita e pegamos mais uns bodes e uns catolés, aí deu pra gente dividir melhor entre nós e a vovó.

Pegamos 52 catolés. Aí o meu pai foi deixar a metade dos catolés e mais uns peixinhos para minha avó, e eu fiquei em casa tratando os peixes mais a Cabocla.

07 de novembro (segunda-feira)

Eu mais o meu pai fomos tirar pau, para fazermos o oitão do galinheiro.

Tiramos os paus todos de manhã, e à tarde, nós armamos o oitão, pregamos os paus na frente do galinheiro para tampar para não molhar dentro do galinheiro quando cair chuva com vento.

E o Bebê foi caçar na mata da Bélgica e matou uma cutia e atirou em um porco e em um veado, mas não matou. Ele saiu para a caçada às 4h30 da madrugada e chegou às 5h30 da tarde.

08 de novembro (terça-feira)

Bem cedinho o meu pai foi deixar uns pedaços de cutia para a minha avó e tirar envira lá em uma capoeira, para nós cobrirmos o oitão do galinheiro. Começamos às 2h da tarde e terminamos às 4h30.

Foi mais ou menos isso que eu fiz durante esses dias que eu passei sem fazer o meu diário. Foi isso que eu fiz junto com a família.

E volto a escrever mais um pouco sobre esse dia 09 de novembro, que a gente começou um trabalho muito importante para o conforto de nossa casa!

Hoje à tarde eu mais o meu pai começamos tirar palha pra nós fazermos uma casa nova, pois a nossa já está quase estragada. Quando cai uma chuva, molha quase tudo dentro de casa.

Nós não fizemos a casa antes, esperando por uma casa que o prefeito garantiu mandar fazer para nós, e ainda mandou serrar as madeiras e isso já está com três anos, e ele nada de mandar fazer a casa. Aí nós mesmos agora resolvemos fazer a casa coberta de palha com as madeiras serradas.

Nós começamos a tirar as palhas em uma palheira que tem ao redor de casa dentro da capoeira. Nós não derrubamos as palheiras, colocamos um pau dentro do olho das palheiras e subimos e cortamos as palhas. Tiramos palha de seis palheiras, tudo ao redor de casa. Deu 68 palhas.

10 de novembro de 2005 (quinta-feira)

¹⁰⁹ Como se nota, no caso de Antônio, seu casamento não significou nem mudar da casa de seu pai, nem constituir roçado próprio. Minha impressão é que Maria Zilaide tornou-se a mulher da casa de dois solteiros e um viúvo, pois quando estive lá com Antônio já casado, ela havia assumido todas as funções que normalmente cabem à mulher em uma casa.

¹¹⁰ Nota-se também que as atividades no roçado agora concentram-se em sua limpeza.

Eu mais o meu pai fomos tirar palha, tiramos palha de mais seis palheiras, todas perto de casa. Em todas a gente colocou pau para se atrepar para cortar as palhas. Não derrubamos nenhuma! A gente fez o uso de manejo, das palheiras de perto de casa.

Tiramos 100 palhas. Começamos às 8h da manhã e paramos às 4h da tarde.

11 de novembro de 2005 (sexta-feira)

Bem cedinho eu mais o meu pai fomos limpar no roçado. E às 7h, nós fomos riscar as palhas, bater e arrumar. As palhas que nós tiramos quarta e quinta-feira. Nós começamos às 7h da manhã e terminamos às 11h30.

E à tarde nós fomos limpar no roçado de novo. Fomos às 2h30 e viemos às 5h15 da tarde.

12 de novembro de 2005 (sábado)

Hoje pela manhã nós fomos para o roçado limpar. Limpamos até às 9h, aí viemos quebrar o jejum, e quando nós acabamos de comer, caiu uma chuva, aí nós não fomos mais para o roçado.

Meu pai foi lá no roçado do Ivo arrancar um paneiro de mandioca para as galinhas¹¹¹.

E quando ele chegou de tarde, nós fomos lá para a casa da tia Pitu, fomos passear e amanhã à noite rezar um terço mais ela e a tia Maria José para pagar uma promessa que a tia Pitu fez para a tia Maria José quando ela estava doente.

13 de novembro de 2005 (domingo)

Eu vim até Santa Cruz mais o Côco, o Raimundo e o Chico da dona Ermelinda. Viemos buscar umas coisas da tia Pitu que estavam lá que ele tinha chegado de Thaumaturgo no outro dia e tinha deixado um bocado de coisa lá na beira e precisava carregar pro centro. Aí nós fomos buscar um bocado para ela.

Nós saímos às 9h da manhã e chegamos às 12h30. Aí o resto do dia eu fiquei em casa de calma. Quando foi à noite, nós rezamos um terço para pagar a promessa da tia Maria José.

14 de novembro de 2005 (segunda-feira)

Nós fomos plantar roça no roçado mais o Coco no roçado dele, eu mais o meu pai e o Alaizo¹¹². Nós fomos para o trabalho às 7h da manhã e paramos às 11h30. Aí viemos passar a hora do meio dia na casa-de-farinha e almoçamos uma farofa de carne de vaca. E às 2h da tarde nós fomos novamente para o roçado, trabalhamos até às 3h30, aí as manivas se acabaram.

Plantamos 2180 covas de roça. Ainda ficou faltando na base de quase 800 manivas para acabar de plantar o roçado. Ele vai tirar as manivas e plantar.

15 de novembro de 2005 (terça-feira)

Feriado, dia da Proclamação da República, nós viemos embora para nossa casa, saímos da casa da tia Pitu pela parte da manhã às 8h e chegamos em casa às 9h30. Aí quando nós chegamos, eu não fui mais para canto nenhum, fiquei em casa o resto do dia, somente fazendo alguma coisa em casa mesmo.

16 de novembro de 2005 (quarta-feira)

Hoje nós fomos dar continuidade ao trabalho das palhas. Fomos para a mata, derrubamos 15 palheiras e tiramos 332 palhas das palheiras derrubadas e mais uma que a gente subiu para cortar as palhas lá em cima no olho da palheira. Eu fui mais o meu pai e o Bebê.

17 de novembro de 2005 (quinta-feira)

Eu mais o meu pai fomos juntar as palhas tudo em um lugar, porque estavam tudo espalhadas, umas pra aqui e outras pra acolá, porque as palheiras não eram tudo em um canto, era uma para um canto e a outra para outro. Aí nós fomos carregar tudo para um canto, para no outro dia nós irmos carregar para casa, para nós riscarmos e estender para secar.

18 de novembro de 2005 (sexta-feira)

Nós fomos arrastar as palhas; eu, mais o meu pai, o Côco e o tio Manuel Adelino. Nós começamos às 8h da manhã e terminamos às 11h30. Arrastamos todas as palhas que nós tiramos na quarta-feira.

Quando nós terminamos de arrastar as palhas, eu mais o Côco tiramos um cacho de patoá. Aí nós viemos para casa e almoçamos carne de vaca, fizemos o patoá e tomamos. Aí fomos riscar um bocado de palha; eu, mais o meu pai, o Côco e o Bebê.

¹¹¹ Além da atividade de construção da casa, a família se dedica nessa primeira quinzena de novembro à limpeza do roçado. Como se percebe pela necessidade de buscar macaxeira para as galinhas no Ivo, sobrinho de seu Eliodoro, eles estão sem um roçado antigo, só estão com o roçado novo.

¹¹² Como vimos anteriormente, o roçado de Côco estava atrasado e somente agora, em meados de novembro, ele pode plantar as manivas com a ajuda de seus vizinhos.

O meu pai mais o Côco iam riscando e eu mais o Bebê íamos batendo e arrumando em uma ruma, para no outro dia nós estendermos.

Nós começamos a riscar às 2h da tarde e paramos às 4h20. Riscamos na base de 120 palhas.

19 de novembro de 2005 (sábado)

Eu mais o meu pai fomos acabar de riscar as palhas e estender. Nós começamos às 5h30 da manhã e terminamos 11h25. E o resto da tarde eu fiquei em casa fazendo tarrafa, trabalhei até à tardinha, fiz três carreiras.

20 de novembro de 2005 (domingo)

Eu passei o dia em casa, não saí para canto nenhum. Só o meu pai que foi para a casa de minha avó, ele foi buscar os pregos que ele tinha do tio Manuel Adelino para nós fazermos a casa.

O tio Manuel estava se arrumando para baixar para ir para Cruzeiro, aí o meu pai foi buscar os pregos enquanto ele não ia.

O meu pai comprou 10kg de pregos no valor de sete reais cada um, custando o valor de 70 reais ao todo.

Hoje eu tive a visita em minha casa do companheiro Nascimento, um morador vizinho que mora acima de nossa casa. Ele veio aqui furar a espiga de um terçado.¹¹³

21 de novembro de 2005 (segunda-feira)

Quando o meu pai chegou da casa de minha avó, nós fomos tirar mais umas palhas, porque nós tínhamos tirado 454 palhas, e o meu pai estava com medo de não dar para cobrir a casa, aí nós resolvemos tirar mais ou menos umas 30 palhas. Aí nós tiramos as palhas de uma palheira, atrepados, cortando as palhas lá em cima, no olho da palheira. E esta deu 16 palhas.

Aí nós fomos derrubar outra lá na beira do igarapé do Pelé, à distância de oito minutos de casa. E esta deu 17 palhas.

Nós fomos às 8h30 da manhã e terminamos às 11h.

Aí à tarde nós fomos riscar; o meu pai ia riscando e eu ia batendo. Nós começamos às 2h da tarde e terminamos às 4h30.

22 de novembro de 2005 (terça-feira)

Eu mais o meu pai fomos estender as palhas que nós tínhamos tirado e riscado ontem, e não tínhamos estendido no lugar para secar.

Nós estendemos as palhas que nós tiramos ontem e o restante das que nós tínhamos riscado na sexta-feira e não tinha estendido tudo. Nós começamos às 8h da manhã e terminamos às 10h30.

Aí à tarde nós fomos para a casa do tio Riba, para no outro dia nós irmos trabalhar em uma farinha do roçado dele.

Aí nós fomos à tarde para no próximo dia nós já estarmos lá.

23 de novembro de 2005 (quarta-feira)

Nós saímos para o roçado às 6h30 e chegamos no roçado às 7h. Aí começamos a arrancar mandioca; arrancamos um bocado aí fomos descascar, e quando acabamos, fomos carregar para a casa-de-farinha, deu três paneiradas de mandioca descascada. Aí viemos para a casa-de-farinha e almoçamos uns peixes que nós tínhamos levado e depois nós fomos arrancar mais uma paneirada de mandioca para inteirar as quatro paneiradas, para a gente fazer uma base de dois paneiros de farinha ou uma saca.

Quando nós acabamos de arrancar e descascar essa outra paneirada de mandioca, nós trouxemos para a casa-de-farinha, aí fomos lavar as mandiocas, sevar e pôr na prensa, acabamos às 2h30 da tarde.

Aí o meu pai foi no roçado e trouxe dois rolos de lenha para torrar a massa no outro dia.

(Cunha, 2005)

¹¹³ A manutenção do roçado requer um trabalho constante, mas mais esporádico, então o mês de novembro pode ser aproveitado para a construção da casa nova.

Conclusões: o pisado

Nesse capítulo terminamos de percorrer o universo do pisado chegando a sua última fronteira, o roçado. O universo do pisado engloba os elementos apresentados nos mapas das mulheres e crianças: casa, terreiro, caminhos entre vizinhos, casas dos vizinhos, escola, roçados, campos. Além disso, é parte do universo do pisado as estradas de seringa, os caminhos na mata, os roçados, os vizinhos e suas colocações. Chamei a atenção nesse capítulo para o caráter fronteiro dos roçados em relação aos universos do pisado e do absoluto, especialmente no que diz respeito ao tempo, ou ao transcorrer das ações dos moradores, o trabalho constante dos moradores mantém os roçados e as demais unidades espaciais no universo do pisado.

O roçado em sua transitoriedade é fronteira, pois o amansamento permanente de sua área o mantém como parte do universo do pisado. Ao mesmo tempo, esse o roçado é deixado novamente sob o jugo da mata para ser novamente incorporado a partir de seu encapoeiramento. Por fim, a área de cultivo de um morador é constantemente alterada. O desenho de Nonato mostrando seus roçados nos dá a exata medida dessa movimentação dos roçados pela mata ao longo dos anos, trata-se de um espaço em constante negociação com a mata, se abandona um para se tomar outro.

Os desenhos e o diário de Antônio assinalaram também algumas idéias. Novamente observamos a conectividade total dos desenhos, não só nos de Antônio como nos de Caboré com os roçados de todos os moradores da região da Seringueirinha. Nos desenhos de Antônio observamos a escala da colocação em sua versão mais tradicional, formada por várias estradas de seringa, caminhos na mata interligando seringueiras, que também precisam de constante manutenção, além de caminhos interligando casas, caminhos para os roçados, para o rio, todos precisam de cuidado permanente. Uma imagem, talvez uma imagem constante na percepção dos moradores, é que a mata está sempre ao redor, por todos os lados, e a mata não é onde se vive, onde se vive é onde os moradores mantêm pisado e limpo de mata.

Dona Ermelinda, moradora da região do alto do Bagé na época de meu trabalho de campo me disse o seguinte quando lhe perguntei diretamente: “o quê é a mata?”: “A mata, seu Augusto, é no absoluto. Ninguém não sabe nada, só quem anda por lá”. Em uma palavra, existência e experiência pisam juntas, e a mata, uma espécie de negativo da foto, é o espaço da possibilidade, da futura atualização das ações.

Essa expressão, o absoluto, é interessante para dar conta de um aspecto geral do trabalho, vale dizer, uma percepção que tive sobre idéias nativas sobre o espaço que confere com essa noção do “pisado”.

Como já foi apontado, uma das características do modo de distribuição da população nessa região, derivada da história dessa gente e da tradição que desenvolveram, diz respeito a um padrão de unidades familiares espalhadas e distanciadas umas das outras em extensas áreas de floresta. Embora esse padrão venha se alterando com o tempo, ele difere tanto de populações indígenas, que na maioria das vezes congregam mais de uma família em territórios contínuos, não interrompidos por áreas de floresta, quanto dos assentamentos e lotes de pequenos agricultores. Se diferenciam também de comunidades ribeirinhas em outras regiões que procuram formar pequenos aglomerados de diversas famílias em um mesmo terreno ou área contínua. Os seringueiros, ao contrário, pelo menos no rio Bagé, embora existam certas pressões de políticas governamentais e de outras naturezas que discutiremos mais adiante no sentido de agrupá-los cada vez mais, ainda mantém um certo grau de “espalhamento” em grandes áreas de floresta. Nesse padrão de ocupação do território, os caminhos na mata são essenciais para todo tipo de comunicação e de relações.

Visto de cima, de um satélite ou mesmo de um avião, a bacia do rio Bagé dentro dos limites da Reserva Extrativista do Alto Juruá, configura-se em uma grande mancha verde cortada pelo rio Bagé e marcada por diversas pequenas clareiras, que correspondem aos campos, aos terrenos das casas e aos roçados. Nessa escala, em que se pode ver toda a bacia, não é possível enxergar uma infinidade de igarapés e pequenos rios afluentes do Bagé. Também não é possível ver centenas de caminhos nas matas, que interligam as casas com os roçados, as casas com suas vizinhas, as casas com seus portos, etc, assim como também não é possível enxergar as centenas de estradas de seringa, que conectam cada uma das casas à centenas de árvores espalhadas na mata. O que os moradores denominam caminhos, portanto, são percursos estreitos no meio da mata, onde só é possível andar enfileirado, uns atrás dos outros. Tanto assim, que quando nossos amigos seringueiros estiveram na cidade de Campinas, em São Paulo, foi muito divertido caminhar com eles pelas ruas. Num momento estávamos conversando lado a lado, porém, logo que nos distraíamos, estavam enfileirados às nossas costas. Igarapés, estradas de seringa e caminhos são imperceptíveis em determinadas escalas, porém constantemente percorridos, sempre pisados. Além de invisíveis das alturas e estreitos em seus trajetos, caminhos, roçados e estradas de seringa dependem do fluxo constante de pessoas para existir, e é nesse aspecto que o termo pisado ganha maior interesse e se torna mesmo um conceito.

A percepção da fugacidade dos caminhos e de sua dependência da continuidade do pisar, da manutenção, perpassa, me parece, várias idéias do seringueiros sobre a natureza dos objetos, coisas e relações que povoam o mundo. Uma idéia de que a mata consome, de que a própria existência depende de um constante pisar, de uma permanente manutenção, é presente, a meu ver, na experiência e numa

visão de mundo local. Desse ponto de vista, o espaço, assim como outras dimensões da vida, devem ser o tempo todo zelados, frente ao fato inexorável de que podem ser consumidos pela mata e pelo tempo, numa velocidade e constância que não é comum por exemplo em nosso modo de pensar. Em um universo sensível, me parece, mais estável, ou pelo menos onde os agentes do tempo são outros e de outra natureza. Em poucas palavras, diria que do ponto de vista do seringueiro a regra do mundo é a continuidade e não a descontinuidade. Uma rua se pavimenta e ela está lá, um edifício se constrói e ele está lá, a menos que ocorra uma catástrofe ou uma ação humana. O caminho está lá enquanto se pisar, o roçado está lá enquanto se limpar, a estrada de seringa está ali enquanto se roçar e se pisar, caso contrário, tudo fica no absoluto. Absoluto é um termo que frequentemente ouvi sendo utilizado na região. Sempre empregado para designar algo que fugia de qualquer controle, sem regra aparente, movido por vontade própria, independente, sem limites, sem restrição, etc. Sentidos todos relacionados nos dicionários, mas empregados corriqueiramente pelos seringueiros para qualificar e mesmo definir a mata. Vadiar e bruto, são outros termos utilizados para qualificar elementos espaciais. Usa-se dizer, “a estrada de seringa está vadiando, tá no bruto” quando se quer dizer que a estrada não está sendo usada. Dona Ermelinda, uma moradora do igarapé Bélgica, por exemplo, utilizou-o: “a mata é assim no absoluto, ninguém não sabe de nada, só quem anda por lá”.

CAPÍTULO V MATA E O GIRO DA FLORESTA

Introdução

Nesse capítulo descrevemos as relações que incluem, numa escala mais ampla que a do anterior, a casa em conexão com a *mata* e com os *vizinhos*. Além disso, neste capítulo atravessamos a primeira grande fronteira, saímos do terreno do *pisado* para o do *absoluto*. No absoluto há diversas matas conhecidas e nomeadas pelos seringueiros, que são regidas por leis e ciências diferentes do *pisado*. Entre os dois terrenos, o pisado e o absoluto, transita o caçador e circula a carne dos animais caçados. Cabe ao caçador tornar-se manso através da aquisição de ciências em um universo em que outros humanos permanecem brutos ou brabos.

O capítulo está baseado na etnografia de relações de *vizinhança*, na etnografia de situações de *panema* e de *enrasco*, bem como de *caçadas*, e em histórias de caçada. Como em outros capítulos, utilizamos de mapas de caçada, tanto aqueles feitos pelos caçadores à mão livre, como aqueles feitos com auxílio de GPS. Nesse capítulo exploraremos com maior intensidade o trabalho de Tim Ingold,(2000) e de Eduardo Kohn¹¹⁴(2002, 2007). Além disso, apresento algumas informações e mapas de estradas de seringa que também são elementos que requerem um conhecimento próprio do seringueiro.

Seguindo a sugestão da conectividade total dos desenhos anteriores nesse capítulo abordo um segundo espaço, que se relaciona aos primeiros, o espaço da mata. Nos capítulos anteriores enfoquei escalas que poderiam ser definidas pelos trajetos da comida para a cozinha da residência: a casa, o terreiro, os campos, os caminhos, os rios e os roçados. Agora estamos em uma escala mais ampla que inclui a grande ausência, ou, dizendo de outra maneira, o “negativo da foto”, da escala anterior, a mata. A mata e os circuitos da comida se interpenetram e se relacionam, mas são espaços que guardam uma fronteira bem clara do ponto de vista dos moradores. A caça e o caçador se apresentam como os objetos que perpassam essas fronteiras, de maneira tão cotidiana quanto é um prato de comida. A circulação da carne da caça será o meio pelo qual investigaremos a relação entre esses dois espaços cuja fronteira é extremamente marcada.

¹¹⁴ Tanto no que diz respeito ao que faz parte de uma proposta metodológica que Kohn denomina de ecosemiótica, quanto a similaridade entre observações de campo, no que diz respeito, por exemplo, às relações entre um dono da caça, para os seringueiros o Caipora, e os caçadores Runa, me aproximo da abordagem de Kohn.

No Absoluto

Durante a visita de Antônio Barbosa de Melo à Campinas, em São Paulo, ele conheceu a Universidade Estadual de Campinas, andou por suas bibliotecas, laboratórios e museus. Participou de uma entrevista com os alunos de um curso de graduação em ciências sociais. Nessa apresentação ele e Raimundo Farias Ramos falavam de como era a vida nas colocações do Alto Rio Juruá onde viveram. Ao final da apresentação passaram a responder às perguntas dos alunos. Uma das alunas presentes perguntou a Roxo se ele acreditava em Caipora, uma entidade da mata responsável por alguns animais. Sua resposta foi algo próximo do seguinte: “Eu visitei a biblioteca da universidade e entendi que ninguém aqui, nem os professores, nem que passem a vida inteira dentro da biblioteca, vão conhecer todos os livros que existem lá dentro. Você pode passar perto de um livro importante a vida inteira e não saber que ele está ali dentro, mas somente quem sabe como procurar acha o livro. A mesma coisa é na mata. Ninguém conhece tudo na mata, nenhum caçador conhece. As coisas estão lá e você a passa a vida sem ver. Mas alguns já viram e sabem que existe. Você sabe que existe sem ver, assim é o Caipora.”

A observação de Roxo durante essa aula acena para a compreensão que ele tem da mata, como uma biblioteca infundável por ser descoberta em parte na experiência de cada caçador. O primeiro ponto a ser observado é que a mata não é um espaço percorrido e freqüentado por qualquer morador da região. Trata-se de um privilégio e de uma experiência restrita aos caçadores. O segundo ponto é que a mata não se torna nunca um domínio do caçador, no mesmo sentido que é seu roçado, sua casa e seu terreiro. É um espaço que ele adentra e experimenta e aprende, mas sobre o qual ele pode apenas ter um domínio parcial de seus conhecimentos e de seus mistérios. Não é outro universo em relação ao pisado porque crianças e mulheres lá cotidianamente, mas sobretudo, porque a mata é outro universo porque só é percorrido como universo de sentido, sem ser o absoluto de dona Ermelinda, por quem mantém uma certa intensidade de relação, conhecimento, sobre esse universo, quem distingue nele. A exata noção pode ser dada por um exemplo que um morador que caça me deu. Uma pessoa que não é caçador entra na mata como um analfabeto olha para um livro ou vai para a cidade onde tudo é escrito, ele olha, mas não vê. Já um caçador quando entra na mata é como uma pessoa estudada olhando um livro, ali ele enxerga tudo, nem que ele não queira, cada mato, cada pedaço de chão é um sinal, cada barulho é uma palavra, uma letra que ele vai juntando e fazendo as histórias. Com a diferença que a mata, diferente do livro, é ativa, tem seu dono e se comunica e se relaciona (talvez vistos de outro modo os livros não sejam tão passivos também) e exigem certo comportamento nessa relação. Com a diferença também que a mata é muito mais que um livro, como disse Roxo na Unicamp, é mais próxima de uma biblioteca que se pode conhecer apenas parte do conteúdo.

Nesse sentido a mata é um outro universo, distinto do domínio dos moradores, um universo que se visita, com o qual a relação nunca é de completo domínio e compreensão, ou seja, está sujeito a regras e conhecimentos sobre os quais o caçador que a percorre nunca terá conhecimento pleno, embora ele seja o único dos moradores a percorrê-lo baseado em uma experiência crescente. Se pensarmos na proposição de Ingold sobre a relação organismo ambiente, de uma interação tal que a experiência implica na suspensão dos limites entre ambos, mata e caçador configuram-se como esse par assim como a cozinha e a mulher configuram outra interação tal que a interação diminui os limites marcadores entre ambiente e organismo. O que estou tentando afirmar é que do ponto de vista da interação com o universo do pisado o caçador e sua atividade apresentam-se como o limite de interação mais profundo com a mata e por isso pode ser o foco privilegiado de compreensão do sentido desse espaço para os moradores. Volto também às idéias de Uexküll a respeito da construção de mundos-próprios na experiência de cada ser vivo. Mas é interessante chamar a atenção que o caçador que nomeamos aqui é também seringueiro, agricultor, pai de família, pescador, que, portanto, esse mundo-próprio que ele constitui com a mata diz respeito a parte de sua experiência de vida. Como salienta Mauro Almeida sobre cânones e ontologias, não há contradição em um físico se ocupar de física durante o dia e a noite se ocupar de astrologia.

Tim Ingold (2000), assim como Bateson antes dele, procura defender que a distinção clássica que acompanha nossa disciplina antropológica há tanto tempo, entre natureza e cultura, deve ser superada e, para isso, ele apresenta uma mudança de perspectiva baseada em grande parte em etnografias de sociedades em que a caça apresenta um papel fundamental, sociedades de caçadores poderíamos dizer, para diferenciá-las das sociedades em que a agricultura e a criação ganham maior importância. Trata-se, talvez, como chama a atenção Velho (2001) da proposição de um novo “paradigma ecológico”, em oposição a uma construção histórica que encontra suas raízes em fundadores das chamadas ciências humanas, que buscavam diferenciar essa nova ciência das chamadas ciências naturais.

Para Otávio Velho os trabalhos recentes de Ingold e anteriormente produzidos por Bateson (não por acaso resgatados por Ingold), acenam na direção oposta da manutenção desse fosso entre as “duas ciências” e mesmo procuram abalar a dicotomia anterior entre natureza e cultura, erigida ainda no Iluminismo.

Segundo Otávio Velho, o posicionamento interpretacionista das ciências sociais foi ao longo dos anos uma boa maneira de defesa contra os reducionismos das chamadas ciências naturais. As ciências sociais responderam ao cientificismo e empiricismo a ele associado com sua negação por meio do interpretacionismo e não com seu enfrentamento. Dessa maneira guardava-se uma posição, a posição

das ciências sociais, ao invés de criticar essa própria fundamentação de qualquer ciência advinda ainda do iluminismo e do positivismo¹¹⁵.

Tim Ingold se dispõe desde o início desse livro a enfrentar esse fosso e conceber uma postura antropológica mais abrangente. Ele se utiliza de diversas etnografias, a maioria delas associadas às sociedades caçadoras e coletoras para transformar mesmo esses conceitos. Ou seja, em sociedades onde o limite com a natureza – essa natureza-objeto que na visão ocidental está descolada dos seres humanos e se apresenta como cenário de nossas ações, ou mesmo como representação e construção social – torna-se tão mais próximo, quase indissociável. Não me parece sem propósito que os objetos privilegiados de sua argumentação sejam caçadores, pesquisados por outros ou por ele próprio. Em minha experiência com os seringueiros – em parte caçadores e coletores também – percebi que do ponto de vista deles próprios a distinção entre natureza e cultura, própria da sociedade ocidental, tornava-se por demais imprópria para tratar do modo como eles se relacionam com seu ambiente. Concordo com a postura de Ingold que se trata muito mais de uma relação de negociação e de acompanhamento do crescimento do que de posse e de coleta. Concordo também que o caçador, e a caçada, sejam, respectivamente sujeito e atividade limites para investigar a natureza dessas relações.

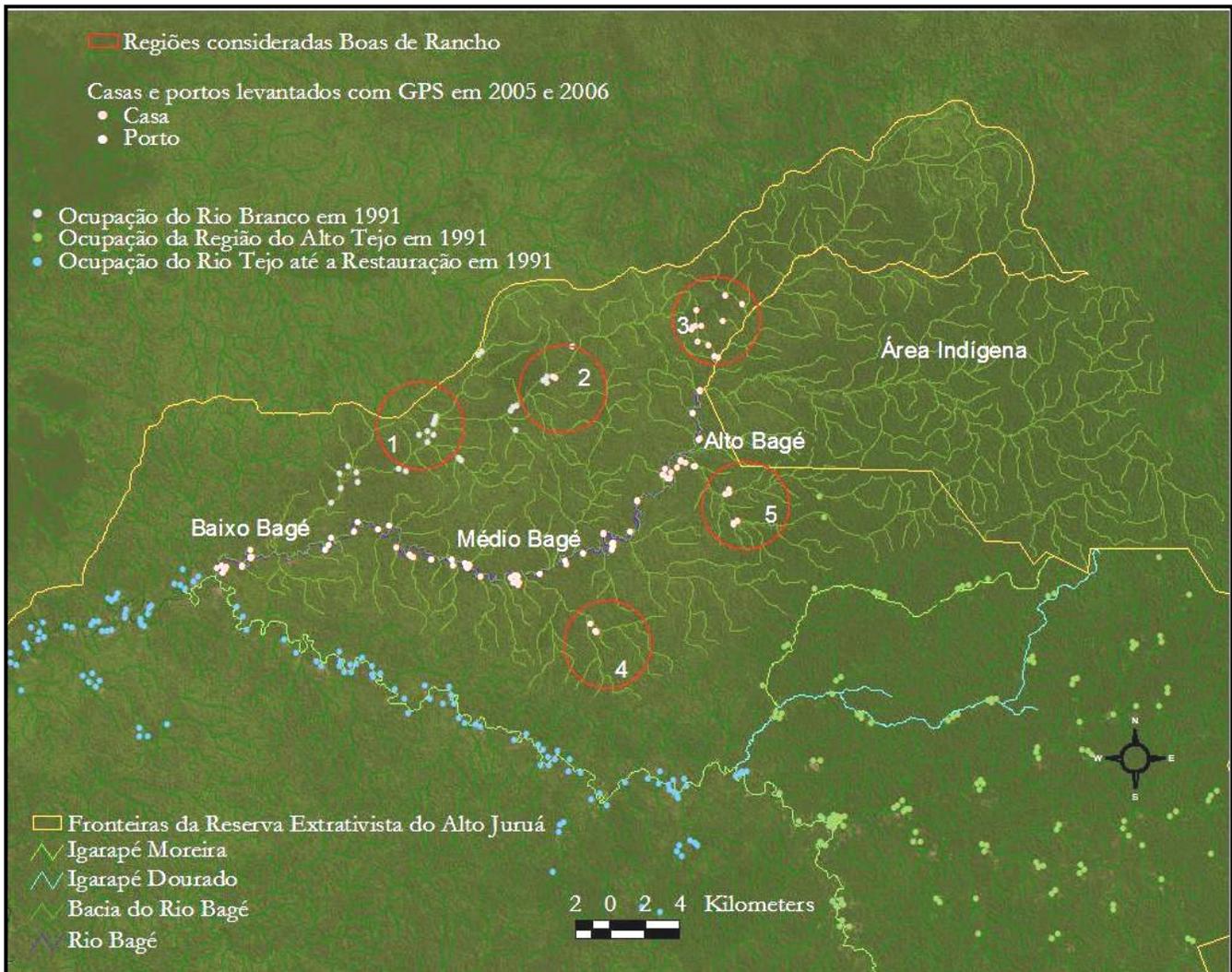
Assim, veremos nesse capítulo que, mais do que um tiro certo a caçada pressupõe a manutenção de relações com o universo da mata e com seus seres. Uma caçada feliz depende da observação de certas técnicas, mas também de certos códigos de etiqueta com relação aos responsáveis pelos animais classificados como caça na mata. Começamos o capítulo com a espacialização da atividade de caça no rio Bagé, apontando para a distribuição geográfica das melhores áreas de caçada e os motivos da

115 “Ao entusiasmo ideológico pelo cientificismo, respondeu-se com uma recusa. Recusa que, na verdade, confirmava o cientificismo, por ignorar, paradoxalmente e no mesmo movimento, o diagnóstico da grande crise da ciência, feito desde Husserl. Crise, aliás, que talvez se pudesse considerar, hoje, como sendo sobretudo a das suas (auto-)imagens, camuflada pelo avanço espantoso da “ciência normal” possibilitada por novas tecnologias e que sugere a existência de uma prática científica que, pelo menos em parte, não se reduz a essas (auto-)imagens, ideologicamente poderosas.” (134) “Postura diferente teve Gregory Bateson (1904-1980). Por isso mesmo, de modo geral, considerou-se que após a publicação da sua monografia *Naven*, em 1936, esse antropólogo, filho de conhecido naturalista, teria, aos poucos, se afastado da antropologia. Diagnóstico que aparentemente próprio Bateson não aceitou, pois sugeria que a antropologia é que o deixara (Harries-Jones 1995). O novo interesse que a sua obra vem despertando hoje, mesmo entre antropólogos (Bateson 2000), talvez seja indicação (e fonte) da mudança nos ventos.” (134) “O mais recente grande sinal desses novos ventos foi a publicação do livro de Tim Ingold, *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill* (Ingold 2000). São 23 ensaios, em sua maioria novas versões de publicações anteriores, que constituem no conjunto a síntese de uma linha de trabalho amadurecida. De Bateson a Ingold, para além de importantes diferenças, percorre-se uma linha comum. Mas Ingold absorve, ainda, outras influências, como a de Maurice Merleau-Ponty. A fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1971), deslocando o foco de análise de um ser abstrato que dá sentido ao mundo para um ser-no-mundo (e, ao contrário de outros filósofos, com profusão de exemplos concretos retirados da psicologia da Gestalt), é fundamental no desenvolvimento do pensamento de Ingold. Também o é o reencontro com a psicologia por via de sua vertente “ecológica” (Gibson 1986).” (134)

diferenciação no espaço dessas áreas. Numa outra parte do capítulo trato de descrever alguns grupos de vizinhança e seu funcionamento. Em seguida abordo uma situação de caçada enfocando a distinção entre o caminho e a mata e entre a condição do caçador e dos outros que o acompanham em relação à mata. Depois, a partir da circulação da carne de caça e dos procedimentos e regras associados a ela, veremos como as atividades de caça envolvem diversos atores e espaços além do caçador e do animal caçado.

Até agora, nos capítulos anteriores, procurei apresentar um quadro geral sobre o que os moradores consideram uma boa alimentação e sobre as origens possíveis dos componentes da dieta local tomando a casa como unidade de consumo. No entanto, se considerarmos o rio Bagé como unidade de análise e a carne da mata, resultante da atividade de caça, como principal meio de garantir uma dieta ideal, existe claramente uma diferenciação espacial que diz respeito aos melhores e piores locais de todo o rio para se viver de modo que se possa usufruir das condições mais próximas das ideais de alimentação. Em termos locais os moradores distinguem entre as colocações *boas de rancho* e colocações *ruins de rancho*.

Mapa 39 As melhores áreas de caçada do Rio Bagé estão destacadas pelos círculos vermelhos



Ao sul do Bagé está o Tejo. Um rio muito mais navegável do que o Bagé e muito mais populoso em suas margens. É fácil perceber a linha de divisor de águas entre as águas do Tejo e do Bagé. As terras de divisor são referências espaciais importantes para os caçadores e viajantes das matas.

A produção de farinha, como vimos, não depende tanto quanto a de carne de condições externas e não fica tão condicionada ao posicionamento espacial se considerada estritamente como fonte de alimentação para a residência. No caso da produção de farinha para o comércio a localização espacial é importante, pois é necessária, ou pelo menos preferencial, nesse caso uma localização próxima à calha principal do rio Bagé devido à necessidade de escoamento via fluvial da produção para a cidade de Marechal Thaumaturgo e Cruzeiro do Sul, onde a farinha pode ser vendida.

As colocações chamadas *boas de rancho* correspondem quase que invariavelmente àquelas localizadas em áreas de menor adensamento demográfico e/ou com amplas áreas de refúgio próximas para a caça e

sua procriação. Segundo uma classificação local um mapa com as melhores colocações de rancho do rio Bagé é facilmente produzido. Nesse mapa, cujo fundo é uma imagem de satélite de 2001 a bacia do rio Bagé se destaca do restante da hidrografia. Também estão destacados os principais rios e igarapés, como o Tejo do qual o Bagé é afluente, o Igarapé Dourado e seu afluente Moreira que circundam a bacia do Bagé a leste. Das três regiões destacadas mais ao norte as duas primeiras da esquerda para a direita (1 e 2) são localizadas no Rio Branco, o principal afluente do Rio Bagé. Apesar de ser seu principal afluente o Rio Branco não é navegável, a não ser nos períodos de maior cheia e com canoas muito pequenas. Nessa região de colocações antigas, mas razoavelmente isoladas, pois só podem ser percorrida a pé pelos caminhos no meio da mata, a caça é farta para os seus moradores, especialmente para aqueles que vivem mais no alto.

A área número 2 contém a colocação Laranjal onde moram Dona Nenê e seus quatro filhos, todos eles casados e com suas próprias famílias. Estive nessa colocação em 2005 e em 2006. Os moradores de todo o rio Bagé são unânimes em reconhecer a colocação Laranjal como um dos locais onde a caça é mais farta em toda a porção do Bagé dentro da Reserva Extrativista do Alto Juruá. Isso significa que os caçadores dessa colocação não precisam andar muito longe para conseguir matar algum animal na mata. Tanto rumo ao norte como em direção ao Bagé partindo de suas casas eles encontram animais próximos de sua casa, pois existe muita mata sem presença humana por perto.

A região de número três, circundada mais ao norte no mapa, é a região do Braço Esquerdo. Esse afluente do Rio Bagé é raramente navegável, e ainda sim, quando possível, por embarcações muito pequenas e com extrema dificuldade nos períodos de maior cheia do rio, durante algumas poucas semanas. Mesmo nesses momentos a água não é suficiente para escoar qualquer produção utilizando embarcações. Toda a produção do Braço Esquerdo é trazida até a margem do Bagé para aí sim, durante o inverno apenas, ser escoada em canoas. Também devido a esse relativo isolamento o Braço Esquerdo é pouco povoado. Os moradores lá pertencem todos à família de Gonzaga. Apenas o lado esquerdo de quem sobe o Braço Esquerdo está dentro das fronteiras da Reserva Extrativista do Alto Juruá. Toda a outra margem faz parte da área Indígena Jaminawa Arara. Seguindo no rumo noroeste do Braço Esquerdo as matas também são desabitadas de humanos, mas ricas em caça. Portanto, para a área de número três a pressão sobre a caça mais próxima só acontece na direção das cabeceiras do Rio Branco, no próprio Laranjal, assim como nas margens do Bagé abaixo da Boca do Braço Esquerdo.

A região de número 4 corresponde ao centro do Jaminawá. Lá viviam entre 2005 e 2006 Seu Pedro Grajaú, Dona Brígida e dois de seus filhos casados, Manuel e Ulisses. Também é um local renomado

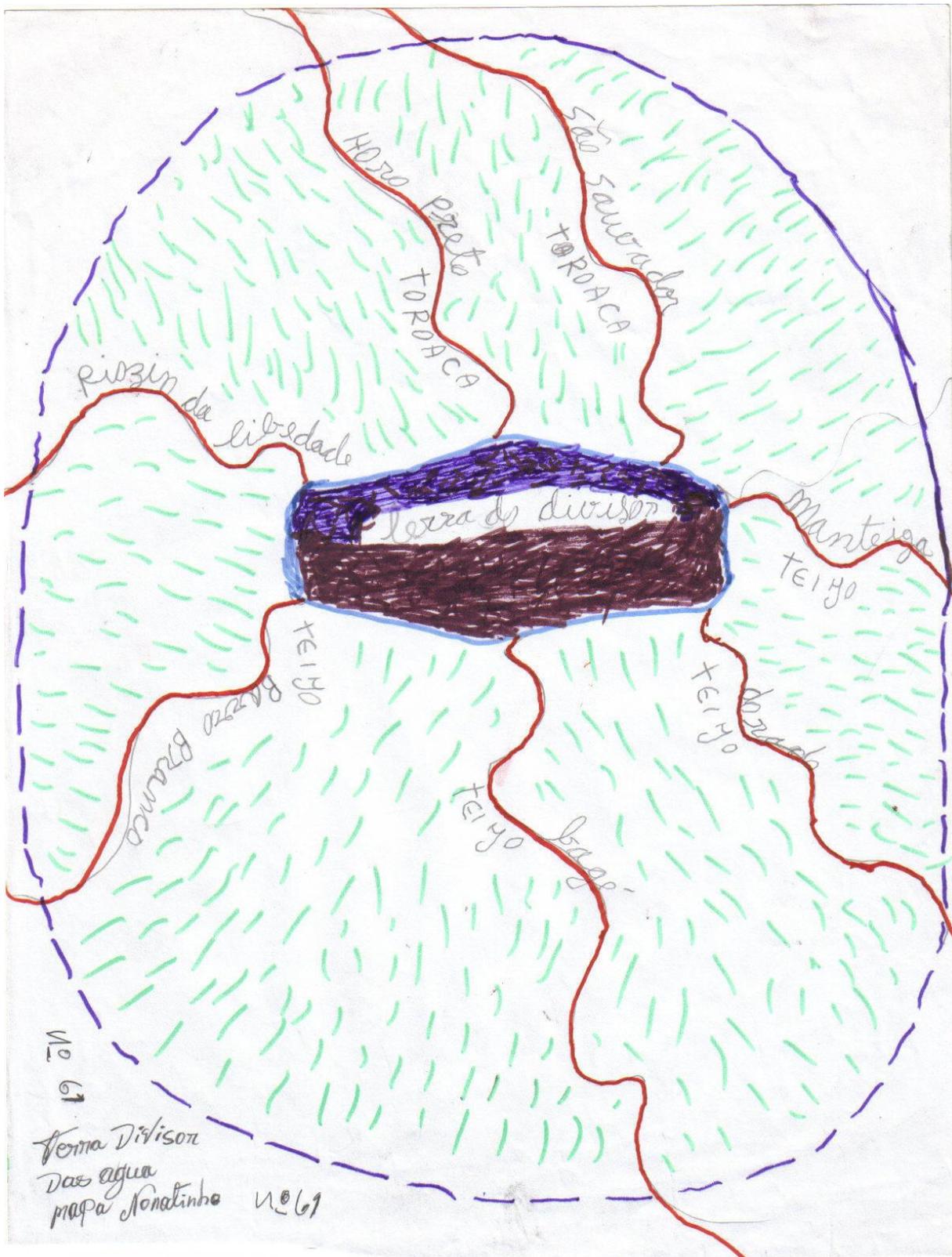
pela fartura de rancho. Ao sul do Jaminawá está o rio Tejo, ao leste está o Igarapé Moreira e seu chefe o Igarapé Dourado. Assim, as matas de caça do pessoal do centro do Jaminawá sofrem certa pressão das populações do Tejo ao sul e do Moreira e do Dourado ao leste. Mesmo assim, a fartura de caça é grande, pois as terras de divisor das águas do Bagé e do Tejo ao sul e as terras de divisor das águas do Bagé e do Moreira e Dourado a leste, ainda estão dentro das áreas de caça dos moradores do centro do Jaminawá. Do centro do Jaminawá até às margens do Bagé as pessoas levam cerca de uma hora de caminhada. Apesar da fartura de caça há também no centro o problema do transporte. Qualquer produção deve ser escoada pelos caminhos na mata até a margem do Bagé.

A área de número cinco também é conhecida por possuir caça farta. Essa região começa na boca do Igarapé Bêlgica que por sua vez é afluente do Igarapé Pavilhão e este do Bagé. Nessa altura do Bagé já existe uma distância maior entre a margem do Bagé e a linha principal de divisão de águas entre a bacia do rio Bagé e a Bacia do Tejo. Dessa maneira os igarapés como o Pavilhão, Bêlgica, Recife e seus afluentes são mais extenso que os igarapés que desembocam no médio e baixo bagé de modo que existam áreas mais extensas ao longo deles, ainda do lado da bacia do rio Bagé. Essas áreas, há poucos anos ainda eram ocupadas por colocações de seringa e habitadas por famílias que desceram o rio Bagé, mudando ou para sua margem ou mesmo para mais baixo, outro rio ou mesmo para Thaumaturgo ou Cruzeiro do Sul. Assim, nessas áreas hoje só existem colocações abandonadas e tornou-se por isso mesmo um refúgio de caça para os moradores que ainda estão na beira do Pavilhão ou na Boca do Bêlgica. Existem três grandes famílias ainda ali. Descendo do Bêlgica no sentido do Bagé ainda estão a viúva Dona Ermelinda e seus filhos, alguns já casados, localizados mais ao leste, depois a viúva Pitu, seus filhos solteiros e seu filho casado Côco, depois, bem abaixo, já na beira do Pavilhão está Dona Nazaré, a matriarca da família de Farias que ocupa de forma hegemônica toda a região da Seringueirinha, na boca do Pavilhão, até a Boca do Braço Esquerdo e, descendo o rio, até o Cocal. Parte dessa extensa família ocupava a região onde hoje é área indígena e de lá foram, junto com outros moradores, deslocados na época em que a área indígena foi demarcada.

Na região das antigas colocações na linha do Pavilhão a caça é farta, os moradores da Seringueirinha, onde a concentração populacional é razoável para os padrões locais, costumam ir até essa região em expedições de caça que duram muitas vezes alguns dias. Ali, acampados, eles caçam o suficiente para as refeições de suas casas e de suas vizinhanças durante alguns dias. Onde antigamente existiam colocações hoje existem tapiris de caça. A caça das matas adjacentes a estas colocações agora se aproximam mais e estão cada vez mais próximas das atuais últimas localidades ocupadas. Uma maneira usual entre os moradores de avaliar um lugar como eficiente para a obtenção permanente da dieta ideal

é a medida do tempo gasto para obter algum animal em uma caçada. Dito de outra maneira, eles avaliam o potencial do lugar em termos do esforço de caça. Em geral, os moradores consideram que andar até duas horas e matar uma caça é um sinal de que uma localidade é boa de rancho. Assim, se um caçador costuma gastar uma manhã ou uma tarde para ir até a mata e trazer uma caça grande para casa, essa região é considerada boa de rancho.

Mapa 40 Terra do Divisor das Águas



(Raimundo Costa Lima, 2005) A idéia desse mapa da escala local é reproduzido por Roxo, no Mapa da Terra Vista do Alto, para a escala global.

Divisão de trabalho relacionado à atividade de caça

As famílias possuem várias configurações etárias possíveis. Discutirei, em alguns casos que encontrei, como se dá a distribuição de trabalho geral e o volume de trabalho relacionado às atividades de obtenção de carne da mata e dos peixes dos rios.

Nas casas dos recém casados ou daqueles que possuem somente filhos pequenos o caçador da casa é o homem, o pai. Nesse caso ele tem que dividir seu tempo entre todas as atividades: a caça, a pesca, o roçado, as criações, em alguns casos o corte de seringa, viajar para a cidade, entre outras. Os pais de família nessa situação possui um tempo restrito para a atividade de caça embora necessite, no caso de muitos filhos pequenos, caçar com uma periodicidade razoável. A necessidade de caçar depende também de sua vizinhança. Se ele possui muitos vizinhos que lhe enviam carne constantemente essa necessidade diminui em comparação com uma família desse tipo que possui um ou nenhum vizinho, algo muito raro.

Zé Raimundo na colocação Cocal, por exemplo, é pai de quatro filhos pequenos e mora no mesmo campo que sua mãe, Dona Zefa, viúva que mora sozinha em sua casa e não pode caçar. Zé Raimundo caça para sua própria família e para sua mãe e não recebe carne de vizinhança, com exceção de vizinhança esporádica de um seu irmão que é solteiro e que mora sozinho. Na verdade, a vizinhança desse seu irmão é feita com Dona Zefa que repassa alguma carne para Zé Raimundo. Devido à quantidade de filhos pequenos Zé Raimundo precisa de uma provisão considerável de carne, além de dividir com sua mãe. Nesse tipo de família o esforço despendido pelo caçador é grande, o tempo todo necessário, muitas vezes insuficiente e ainda restrito pelo tempo que precisa dedicar às outras atividades. O homem da casa nesse caso, não consegue se especializar em nenhuma atividade.

No Laranjal, um centro muito farto em carne de caça, pois se localiza nas cabeceiras do rio Branco e é isolado de qualquer outra casa pela distância de três horas de caminhada em qualquer direção, existem quatro casas em um mesmo campo: a casa de Dona Nenê, viúva, e seu filho já casado Edmar sua esposa e um filho pequeno; a casa de Cláudio, outro filho de Nenê, também casado e com duas filhas entre nove e doze anos; a casa de Elson, mais um filho de Nenê, casado e com um filhinho pequeno e a casa de um quarto filho de Nenê, Dema, que mora um pouco mais distante e que também possui uma família do mesmo tamanho, ou seja, a esposa e um filho pequeno. Nesse caso, e do ponto de vista do provisionamento de carne da mata e do rio, as quatro casas funcionam praticamente como uma casa expandida com quatro caçadores. A fartura é impressionante, a mais impressionante de todo o Bagé. Praticamente para cada dia da semana há um caçador em uma área onde a caça é abundante. Cada

caçador por sua vez pode dedicar-se somente um dia por semana à caçada, pois recebe constantemente grande quantidade de caça de vizinhança.

Na Colocação Olho D'água vivem Eliodoro, seus dois filhos Tonho e Bebé e a esposa de Tonho. Eliodoro é viúvo desde março de 1996 e seus dois únicos filhos apesar de adultos moram com ele. Tonho casou recentemente em 2005, mas não mudou da casa de seu pai. Sua esposa, do povo de Gonzaga é quem veio para morar com eles. Tonho e Eliodoro dividem diversas tarefas como a limpeza dos roçados e dos terreiros, o corte da seringa entre outros, enquanto Bebé é o caçador da casa. Tonho também sai para caçar e até mesmo Eliodoro sai algumas vezes, mas a caçada para sustento da casa é função de Bebé, como o diário de Antônio nos revela. Nesse caso são vários caçadores e poucas bocas para alimentar, desse modo um entre eles foi escolhido, se destacou como caçador e se especializou nessa função.

Um dos moradores da Seringueirinha, o Ribamar, possui outra situação. Ele teve cinco filhas mulheres e nenhum filho homem com sua esposa Venância. Hoje quatro de suas filhas estão casadas. Três delas moram na Seringueirinha com seus maridos. Uma única filha ainda mora com ele. Na casa de Ribamar não havia opção. Ele não tinha com quem dividir os serviços de homem e, mesmo com as filhas maiores, sempre foi o único caçador de sua casa. Os próprios amigos e vizinhos comentam como foi difícil para Ribamar alimentar todas essas meninas somente com sua espingarda. Na época em que fiz a pesquisa, mesmo com elas casadas e morando próximas ele não recebe vizinhança de seus genros, vizinha somente com seu irmão, Nêgo do Rosa.

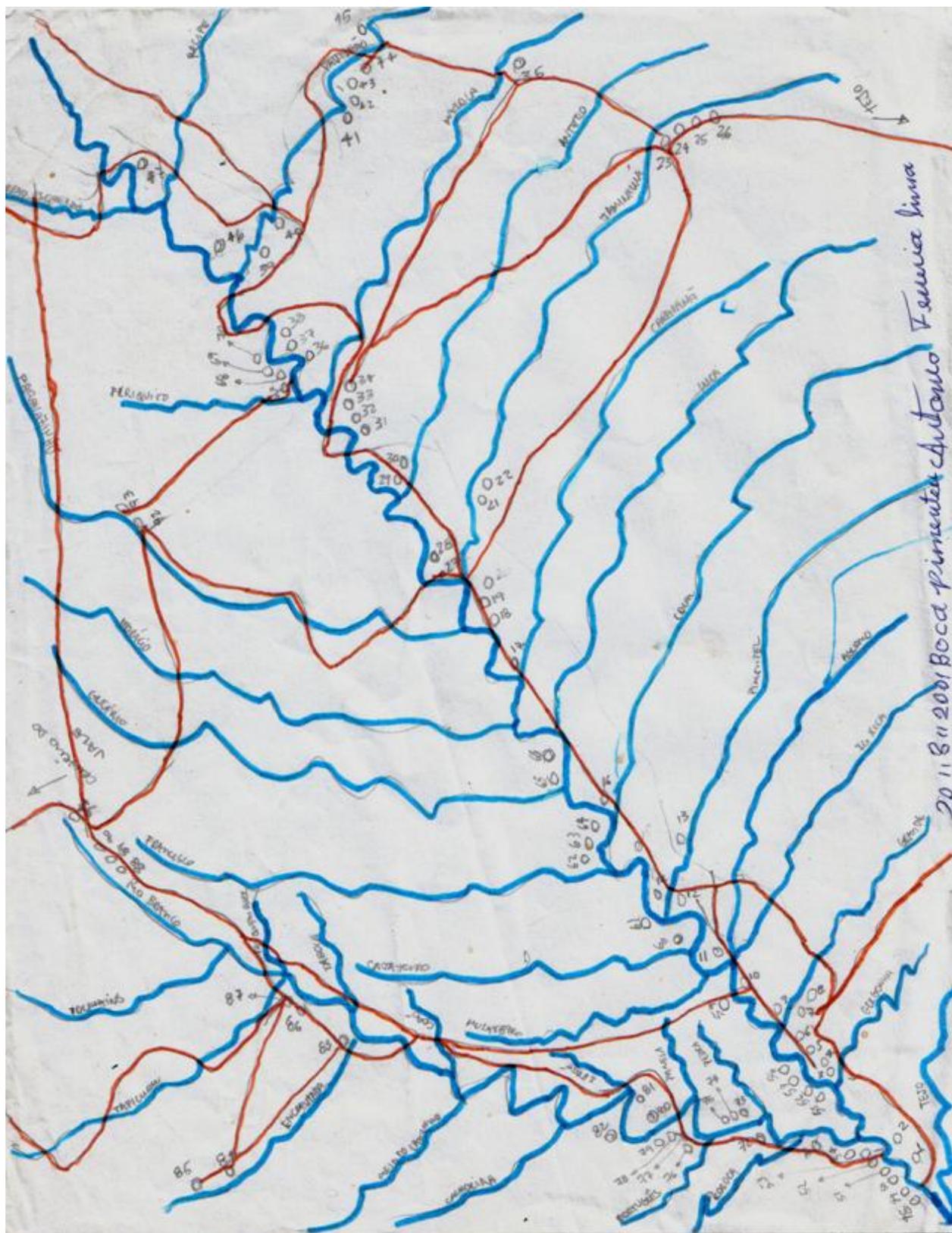
Grupos de vizinhança

Em agosto de 2001, durante os trabalhos de campo para o desenvolvimento do mestrado, estive na casa de um dos moradores da Reserva Extrativista do Alto Juruá, seu Antônio Grajaú, na colocação Boca do Pimentel no Rio Bagé. Fiquei hospedado na casa de seu Antônio e junto com esse morador elaboramos alguns mapas do rio Bagé. Na época dessa estadia, a preocupação era registrar em mapas os caminhos nas matas interligando os moradores desses rios que se configuravam como redes rizomáticas invisíveis em uma escala ampliada, em oposição a estruturas hierárquicas de controle e dominação que ocorriam sobre o desenho arbóreo dos rios.

Durante essa atividade conversamos com Antônio sobre vizinhança. No rio Bagé, tanto quanto em qualquer outra localidade do Alto Rio Juruá, cada grupo de vizinhança é composto por algumas casas que mantêm relações de doação e reciprocidade de carne de animais caçados ou criados no terreiro. No

rio Bagé os grupos de vizinhança são relativamente fixos e estáveis, ou seja, não ocorre uma doação generalizada para todos os moradores do rio, mas sempre restrita a grupos fixos. O Bagé com pouco, na época com pouco mais de noventa casas, estava dividido em cerca de vinte dessas redes ou grupos. Antônio Grajaú conseguia relacionar e descrever a maioria desses grupos de vizinhança e seu funcionamento, de 23 que ele relacionou pode detalhar com maior ou menor precisão o funcionamento de cerca de 20. Isso significa que ele não somente define os grupos, ou seja, aquelas casas que estavam conectadas entre si de forma direta ou não em uma mesmo grupo de vizinhança, como também sabe dizer para vinte e uma dessas vinte e três pequenas redes como seus membros estavam conectados com os outros dentro do próprio grupo. Na verdade, anos depois quando busquei registrar esses grupos a partir da minha observação direta de seu funcionamento e de informações diretas de seus participantes, notei que muitas informações estavam desatualizadas, havia uma dinâmica que acompanhava os novos casamentos e mudanças e migrações das famílias e, sobretudo, que as informações de Antônio eram conjecturas muito próximas da realidade. Ou seja, alguns dos grupos e de seu funcionamento ele descrevia por conhecimento direto, mas outros ele intuía a partir do conhecimento das alianças locais, das afinidades entre os vizinhos e das composições familiares, em termos de faixa etária e sexo. Como ele também sabia nominar e desenhar todos os igarapés da bacia do rio Bagé, conseguimos contruir além de um mapa, representações gráficas esquemáticas que apresentassem as relações dentro das redes de vizinhança.

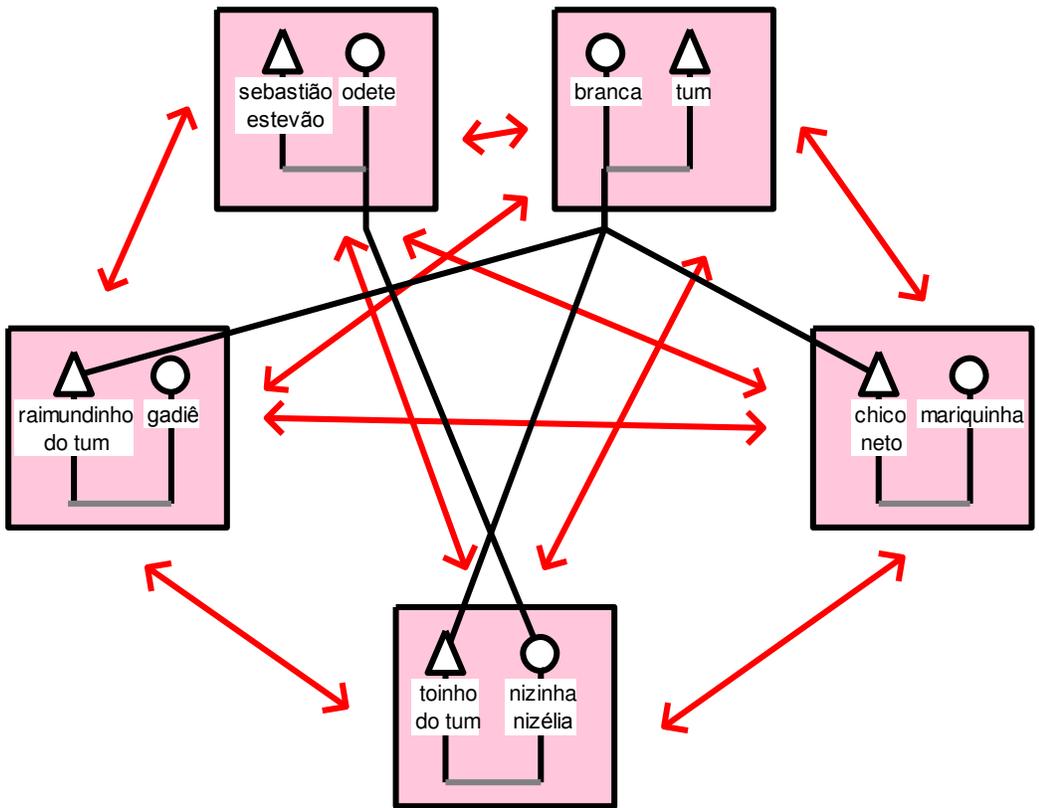
Mapa 41 Morsadores do rio Bagé



(Antônio Ferreira Lima, 2001)

Fizemos também algumas descrições das redes de parentesco entre os moradores do rio Bagé dentro e fora desses grupos de vizinhança e os apresentamos junto com os dados de vizinhança segundo Antônio Grajaú.

Grupo de Vizinhança em parte da comunidade Campos Elíseos segundo seu Antônio Grajaú



Participantes:

- 4 - Sebastião Estevão
- 5 - Tum
- 6 - Antoniozinho
- 7 - Chico Neto
- 8 - Raimundinho

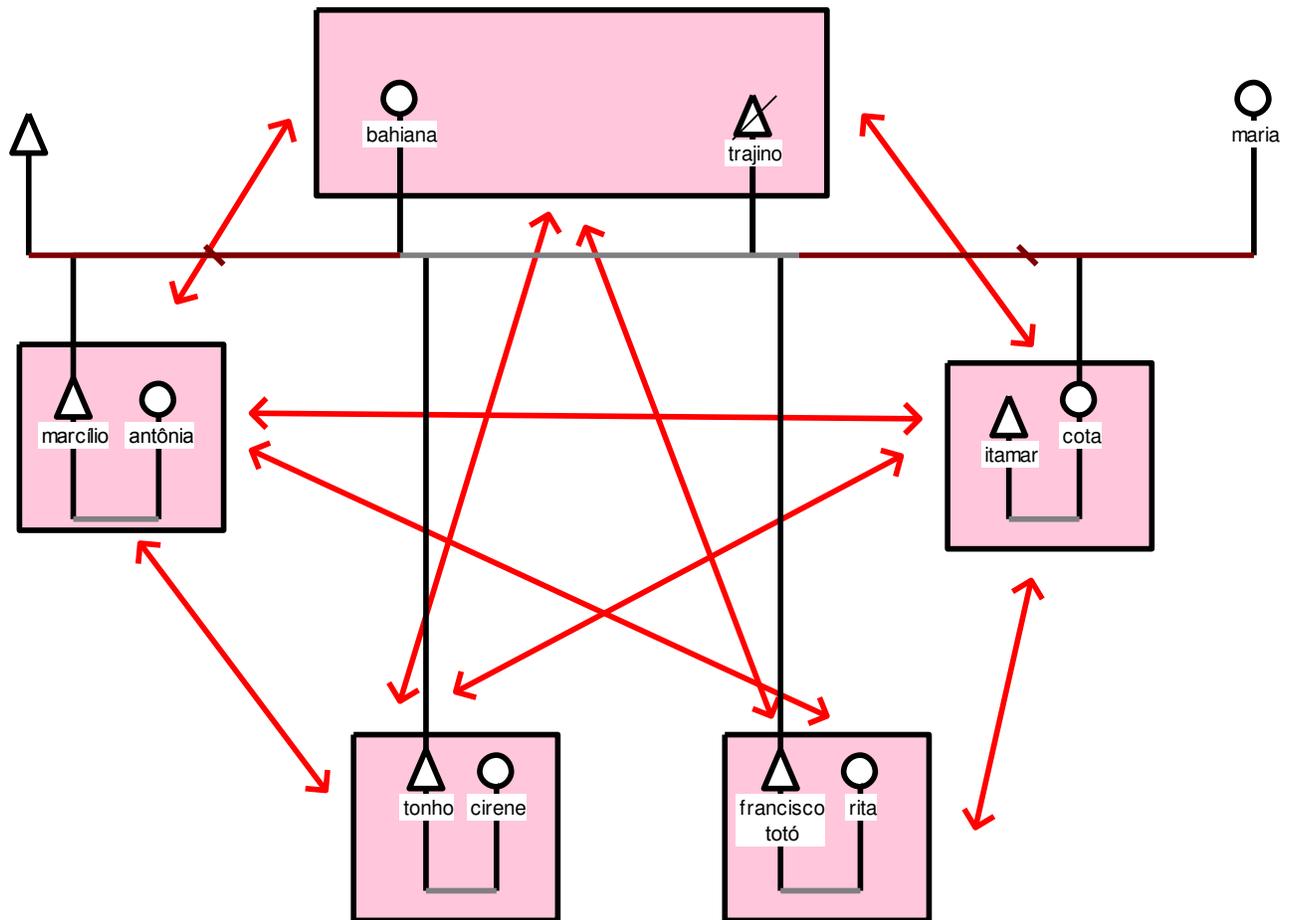
Classificação:

“Vizinhança de Peçaço”

Reciprocidade:

Total - cada um dos 5 participantes têm quatro vizinhos. Todos vizinham com todos.

Grupo de Vizinhança 2



Participantes:

31 – Trajino

32 – Antônio

33 – Rita Viúva (Viúva de Chico)

34 – Raimundo

35 - Itamar

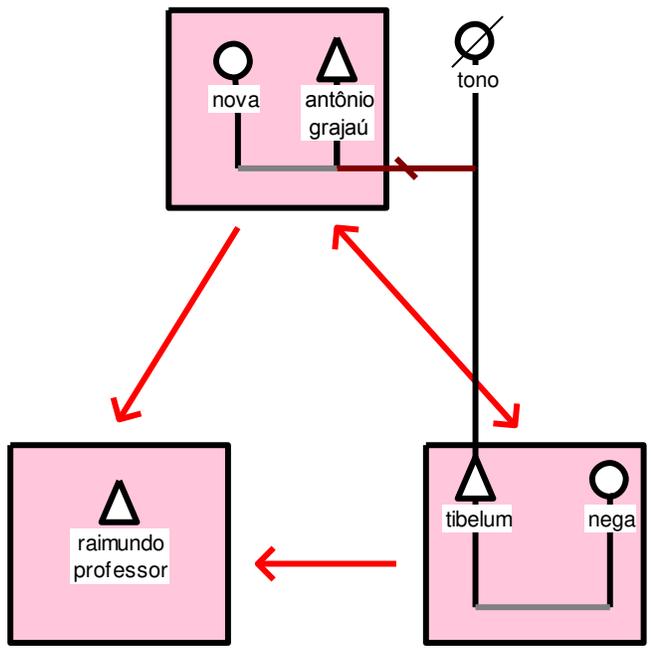
Classificação:

“Vizinhança de Pedaco”

Reciprocidade:

Total - cada um dos 5 participantes têm quatro vizinhos. Todos vizinham com todos.

Grupo de Vizinhança 3



12 – Antônio Grajaú

13 – Tibelum

60 – Raimundo Professor (não caça, compra munição)

Classificação:

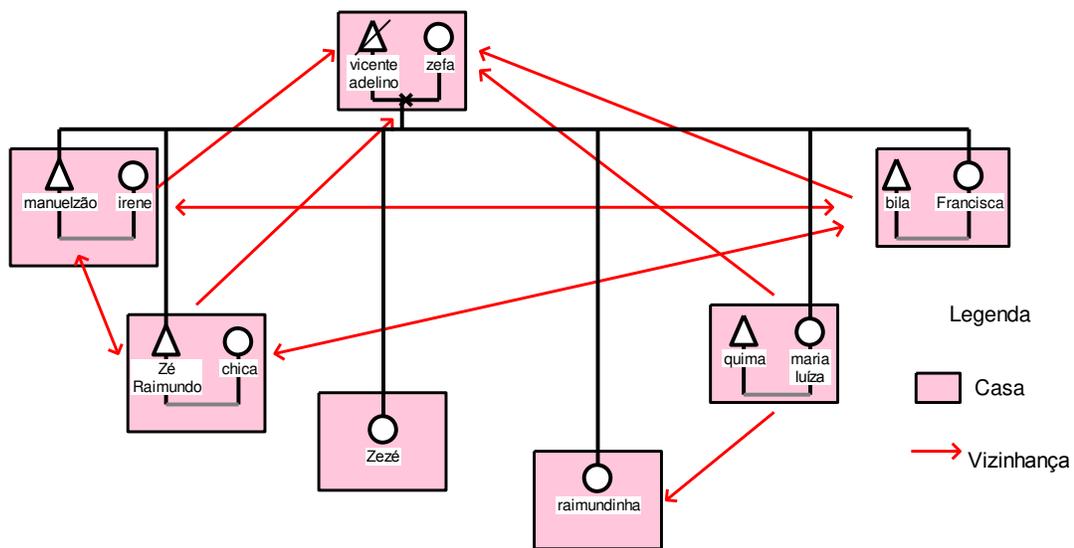
“Aqui quem caça fica com 1 banda e os vizinhos com 1 quarto”

“Vizinhança de Quarto”

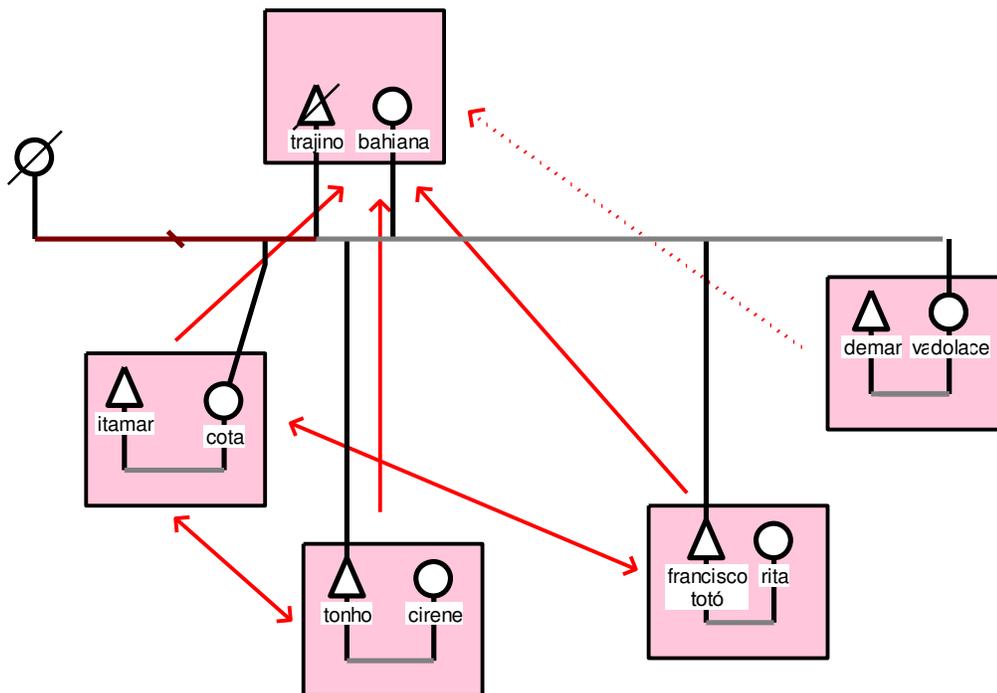
Reciprocidade:

Um caso de incorporação de uma pessoa que veio de fora da Reserva para dar aulas. Ele contribui com munição para o grupo de vizinhança.

Grupos de Vizinhança de meu trabalho de campo



Vizinhança Trajino



Vizinhança de Eliodoro

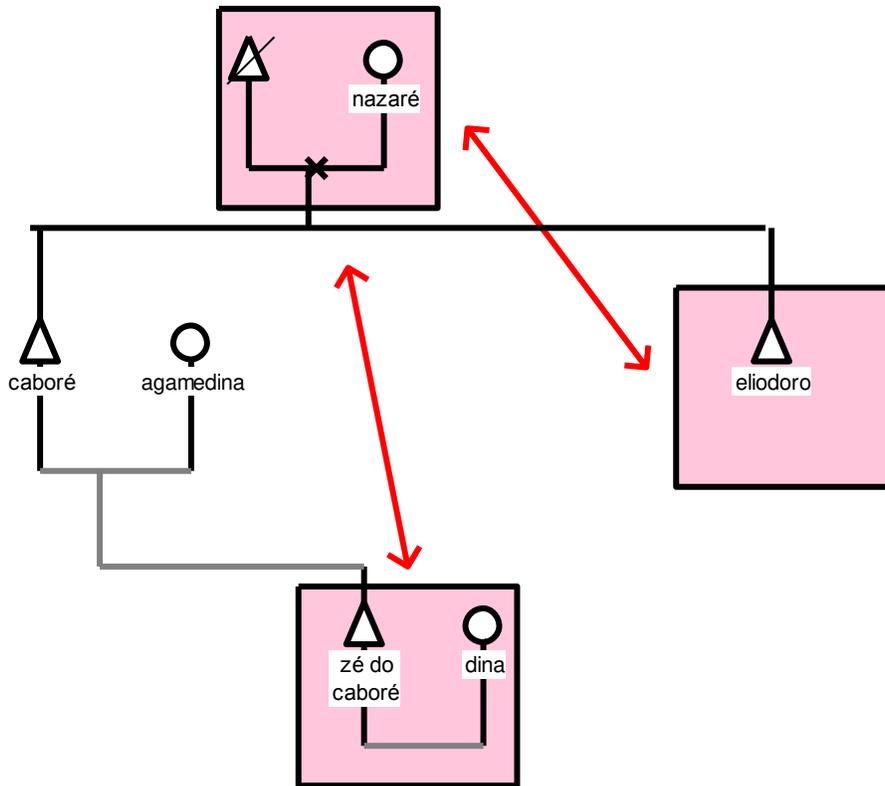
Um dia na casa de Eliodor jantamos um pedaço de frango que veio da casa de dona Nazaré, os animais do terreiro não são sempre vizinhos. Conversei com ele sobre como é a vizinhança dele, expliquei que queria entender como isso funcionava. Nessa época, Eliodoro e seus filhos mandavam uma banda

para dona Nazaré e um quarto para o Zé do Caboré, que mora no mesmo terreno que ela. Quando Caboré, seu irmão, morava no Pavilhão ele vizinhava com ele. Depois que Caboré se mudou, Ivo, sobrinho de Eliodoro e filho de Caboré se mudou para a mesma localidade onde Caboré morava, porém Eliodoro não passou a vizinhar com ele. A proximidade física é condição necessária mas não suficiente para a vizinhança.

Eliodoro conta que desde que se casou só vizinhou com três pessoas. Desde que se casou mora na mesma localidade Olho D'água e mudou sua casa de lugar duas vezes, agora, na última vez, mais para perto do rio Bagé. Eliodoro conta que escolheu o lugar onde morar após o casamento dentro da colocação Santa Cruz, ou seja, de uma maneira que ele ainda pudesse explorar as mesmas estradas de seringa que cortava quando solteiro. Desse modo, Olho D'água não se referia historicamente a uma colocação, mas a uma localidade dentro da colocação Santa Cruz. A localidade Seringueirinha também não era uma colocação, apenas um local conhecido por esse nome. Eliodoro conta que as colocações naquele trecho do rio Bagé eram a Santa Cruz, a Cassiri, e a Bagé.

Assim que teve sua primeira casa com sua esposa, Eliodoro passou a vizinhar apenas com sua mãe, dona Nazaré. Nessa época, onde em 2005 morava Nascimento e sua família era a colocação Cassiri e ali morava seu Zé Farias, irmão de Nazaré e tio de Eliodoro. Eliodoro não vizinhava com ele apesar da proximidade e parentesco, somente vizinhava com sua mãe. Depois de seu Zé Farias se mudar, a colocação Cassiri teve três outros moradores na mesma localidade, primeiro Ezequiel, com quem Eliodoro não vizinhava, e depois Tonho Vieira Praxedes e por fim Zé Vieira. Quando Zé Vieira se mudou Eliodoro passou a vizinhar com ele e poucos anos depois, quando Caboré se mudou para a localidade Floresta, dentro da colocação Santa Cruz também, Eliodoro também passa a vizinhar com ele. Todas essas vizinhanças de um quarto. Depois que Antônio Vieira se mudou a colocação Cassiri ficou um tempo desabitada até que seu Nascimento se mudou para lá, mas Eliodoro preferiu continuar vizinhando somente com dona Nazaré e seu irmão Caboré. Depois de um tempo, Zé, filho de Caboré e sobrinho de Eliodoro, mudou-se para o mesmo terreno onde mora dona Nazaré. A partir desse momento, Eliodoro passou a vizinhar também com um quarto para o Zé. Por fim, Caboré se mudou também e Eliodoro ficou vizinhando com um quarto para Dona Nazaré e um quarto para o Zé. Há aí um detalhe importante que também observei em outras localidades. Na verdade, Eliodoro vizinha uma banda com dona Nazaré que por sua conta vizinha um quarto com Zé. Eliodoro e seus filhos dizem que quando chega carne de Zé do Caboré também passa pelas mãos de dona Nazaré, mas Eliodoro diz que é muito difícil o Zé matar uma caça e que a vizinhança é rara. A necessidade de passar por dona Nazaré a carne que será vizinhada por Eliodoro, está associada, diz ele, a um enrasco que ele contraiu.

Eliodoro está enrascado há dez anos, ou seja, durante esse tempo ele não conseguiu matar caças grandes, mas ao mesmo tempo ele afirma que mandar a carne por sua mãe é só uma precaução, e não culpa ninguém por seu enrasco, “Eu não maldo de ninguém não, acho que foi a natureza mesmo que enrascou.”.



Tendo em vista o fato de que, na Bacia do Rio Bagé, praticamente todos os grupos familiares vizinham, e assim fazem parte de um grupo de vizinhança, todas as famílias são também pelo menos ou doadoras ou receptoras de carne. Do ponto de vista do funcionamento da vizinhança, a caçada significa não somente uma atividade destinada à manutenção de uma parte importante da dieta de uma família, mas significa também a possibilidade de manutenção das relações de afinidade e confiança entre grupos familiares (o componente confiança dessa relação ficará mais claro quando tratarmos da caça propriamente dita em outro capítulo).

Dizer que a vizinhança de carne é indicativo e fundamento da manutenção de determinadas articulações significa também dizer que a troca não visa pagar pela carne anteriormente recebida.. Ao contrário e radicalmente diferente disso, a vizinhança visa justamente eternizar uma relação e nunca encerrá-la. Assim nem os pedaços trocados são necessariamente equivalentes nem a frequência de doação e recepção é um objetivo. Vizinha-se como parte de um conjunto de relações de afinidade e confiança entre grupos familiares e o conjunto dessas relações, por sua vez, é fortalecido pela boa observação

entre os vizinhos das regras de vizinhança.

Sobre a vizinhança entre os moradores do Bagé poderíamos, portanto, concluir que o quê se troca de fato é confiança e não carne, e o que se mede na troca é confiança e não quilos de carne, e, ainda, o quê se objetiva, através da carne, é a manutenção de uma relação e não um pagamento. Como observamos, em situações empíricas reais, e particularmente de conflito, elas são apenas mais um elemento constantemente mobilizado.

Circuito da carne de caça, ou o giro da floresta

A fronteira entre mata e o que denominamos aqui de universo local é marcada e reiterada tanto nas ações quanto nos discursos dos moradores e aparecem graficamente em seus mapas. Tanto quanto a cidade, a mata não é o espaço dos moradores, em ambos consideram-se visitantes. São outros espaços que se distinguem com os quais eles mantêm relações constantes, mas que se distanciam do seu universo local por possuírem conhecimentos e socialidade próprias. Tanto com a cidade quanto com a mata os moradores da Bacia do Rio Bagé possuem relações historicamente mediadas por meio das quais conseguem manter fluxos de mercadorias e de carne de caça.

O caçador é aquele que transita entre o universo da mata e o universo local. Durante as caçadas ele frequenta o espaço da mata, tão próximo e ao mesmo tempo tão distante do universo do seringueiro e agricultor. Mais do que frequentar o espaço da mata, ele é responsável por manter em atividade a relação entre esses dois mundos. A intermediação do caçador é visível no fluxo contínuo de carne de certas espécies animais da mata para as casas dos seringueiros.

Trataremos agora, por meio da descrição do circuito da carne de caça desses dois universos e das regras implicadas no cuidado com a caça e sua carcaça, esses dois espaços e as relações estabelecidas entre eles. Zé Elias, morador da Boca do Bagé, assim como outros caçadores apresentou uma teoria sobre essas relações.

Augusto: Mas Zé, foi a carne da caça que enrascou o caçador?

Zé Elias: É por meio do Caipora, porque da caça não é que ela já morreu, e o vizinho jogou o osso do animal em um lugar que não é próprio, no sanitário, no mijo, e aí o Caipora se achou prejudicado por aquilo, com o animal que era dele. A culpa é do caçador que vizinhou com uma pessoa que não merecia, que estava fazendo bandalheira. Já tive um vizinho durante uns dois anos e ele não vizinhava direito porque cada vez ele mandava caça de um jeito. Quando eu estava matando muita caça e vizinhava com ele eu às vezes ficava tempo sem caçar. Tinha que fazer remédio todo o tempo. Então deixamos. Conversamos, sem dúvida, sem nada, mas deixamos.

É a mesma coisa do patrão. Coloca ele [o seringueiro] no centro, numa colocação boa de leite e diz:

“Olha, vai trabalhar lá. Faz borracha quanto tu puder que eu te prometo que não falta nada para ti. Tudo que você precisar eu trago e boto nas tuas mãos. Aí o cara fica lá cortando, fazendo borracha, o patrão animado que o seringueiro está produzindo e o seringueiro animado. Quando o seringueiro começa a espatifar a produção e o patrão sabe, aquilo vai aos ouvidos do patrão por outro seringueiro, o patrão não vai mais ficar satisfeito com ele. Aí ele vai no patrão fazer encomenda para trazer os objetos que ele encomendou e como o patrão já está sabendo que ele está vendendo a produção, o patrão já com raiva não traz a encomenda. Aí quando o patrão chega, depois de uns dias o seringueiro vai lá, procura as encomendas. O Patrão responde, não fala nada mas está com raiva e responde: “Sua encomenda eu não trouxe porque você está bagunçando. Você está espatifando a produção, eu era o preferido de todos vocês. Quando você trabalhava direitinho tudo que você encomendava eu trazia.”, então é a mesma coisa do Caipora.

Quando o seringueiro é bom ela ainda ganha prêmio. Seu Agenor Cardoso me deu um Seiko, relógio bom, porque eu produzi muita borracha. Na loja dele ele me tratava bem porque eu era um freguês bom. As melhores mudas de roupa ele separava para mim. Em um ano eu fiz 1035 quilos de borracha só na minha faca e ganhei esse Seiko. Quando o Caipora está dando muita caça é porque ele acha que merece, é a mesma coisa.

Existe Caipora, porque todos que vivem têm um dono para dominar ele, como o Deus dos homens.”

A atividade de caça entre os seringueiros do Alto Juruá está relacionada a redes intensas e obrigatórias de reciprocidade de carne de caça, assim como a um conjunto de regulamentos das relações estabelecidas entre aquele que fornece ou libera a carne de caça no seio da mata, o dono da mata ou Caipora, aqueles que recebem a caça, o caçador, e aqueles que vizinham carne de caça entre si, os vizinhos. Assim, existem duas relações entre esses três componentes: entre caçador e Caipora, e entre caçador e vizinho. Essas duas relações são ordenadas por um conjunto de regras que envolvem ritos e procedimentos associados ao que eles denominam ciências da caça. A observação dessas regras significa na prática a continuidade da circulação de carne entre vizinhos e a felicidade na caçada para os caçadores. Embora relacionadas à atividade de caça e interligadas entre si essas relações ocorrem em duas esferas espaciais diferentes: a circulação da carne da caça ocorre nos caminhos intrincados e em forma de redes produzidos pelos homens dentro da mata, que conectam fisicamente as diversas residências, o pisado, enquanto que as relações entre o Caipora e o caçador ocorrem na mata, o universo do primeiro.

Uma idéia importante trazida de campo e já explorada em outro trabalho (Postigo, 2003) foi fundamental no sentido de compreender as relações entre esses sistemas parciais e uma visão de mundo mais geral. A de que os padrões das formas das relações historicamente estabelecidas com os padrões e das ações do sistema de aviamento se repetem em várias escalas do universo seringueiro, dentre as quais nos interessa as ações e as relações envolvidas na atividade de caça e na circulação de carne.

A caçada entre os seringueiros do Alto Juruá é uma atividade que exige um aprendizado técnico, que envolve o conhecimento dos tipos de matas, das espécies animais e seus hábitos, os modos de rastejar diversas espécies de animais e persegui-los na mata, a pontaria e o tiro, a preparação da munição, entre outros. Esse aprendizado “técnico”, requisito básico para a atividade de caça, é ensinado pelos mais velhos e adquirido pelo caçador com a própria experiência na mata. Esse processo de constante aprendizado e pesquisa de novos conhecimentos e técnicas são também permanentemente desenvolvidos, alterados e divulgados entre os caçadores. Esse preparo começa com as brincadeiras utilizando atiradeiras no espaço do terreiro que circunda a casa quando o caçador ainda é uma pequena criança e se estende praticamente por toda a vida. A quantidade de conhecimentos gerados e desenvolvidos nesse processo é imensa e o caçador se caracteriza como pesquisador profícuo, pela sua constante e atenta observação da mata e de seus habitantes, já que a atividade da caça, de encontrar animais na floresta, conseguir persegui-los e por fim matá-los, é extremamente complexa. Como eles dizem: “Caçador não sai na mata assim, de qualquer jeito.” De fato, é impressionante, mesmo nos caminhos mais percorridos na mata, notar a atenção de um caçador com os vestígios de animais, o seu modo de interpretá-los e fazer avaliações. Ao mesmo tempo, é fácil perceber que caminhadas a esmo na mata não são caçadas. É muito difícil ver um animal caminhando na mata e mais difícil ainda é vê-lo sem que ele o veja primeiro. Pior ainda no caso dos animais classificados como caça, especialmente o veado, o porco do mato e o queixada, com maior ênfase para os dois primeiros. Em alguns lugares do rio Bagé onde andei, o pessoal apontava para rastros desses animais nos caminhos, por meio dos rastros eles avaliavam a espécie, o tamanho, a quanto tempo o animal havia passado, etc. Apesar de observar com a ajuda dos moradores rastros o tempo todo nunca vi um animal desses na mata. Quando o caçador vai caçar ele também muda seu modo de agir, o modo de andar, a atenção, etc., principalmente quando começa o jogo, quando ele vê um rastro ou um vestígio qualquer e resolve que a perseguição começou. Nesse momento ele não presta mais atenção ao caminho, mas ao rastro, não há mais espaço para conversa, e ele anda completamente atento, alguma bagagem é deixada em um canto e os caçadores, se são mais de um, se dividem e se comunicam por assobios e pequenos gritos.

Além da infinidade de técnicas e conhecimentos existem conhecimentos, ciências como eles dizem, de outra ordem, que também estão associados ao sucesso do caçador em sua caçada. Essas ciências dizem respeito às relações sociais envolvidas na atividade de caça e às regras e ritos que regulam essas relações e interferem direta e cotidianamente no que se denomina localmente de felicidade na caçada. Desde o momento de preparação do caçador para a caçada, passando pelo modo deste andar na mata, de abater o animal, de tratar de seu corpo e de transportá-lo para casa são sempre ações recobertas de

regras muito definidas e rigorosamente observadas, que vão muito além das técnicas e conhecimentos mais pragmáticos, digamos assim. Desse modo, o animal abatido, do ponto de vista estritamente técnico pragmático, poderia ter suas vísceras, seu feto, retiradas de uma forma qualquer e deixadas na mata também de uma forma qualquer, já que essas vísceras não são aproveitadas pelo seringueiro para o consumo. Mas não é isso o que acontece. Existem procedimentos extremamente regrados e detalhado para que essas ações sejam realizadas e que estão vinculadas à manutenção de certas relações necessárias para a continuidade do sucesso do caçador em suas caçadas. Do mesmo modo, em todas as etapas subseqüentes ao abate do animal existem procedimentos detalhados e rigorosamente observados no trato do corpo do animal abatido.

Certos animais são considerados como possuidores de mais ciência, ou seja, o sucesso na caçada desse animal pressupõe o conhecimento de um maior conjunto de regras e conhecimentos do que aqueles necessários para a caçada de outros animais. Uma nambu ou um papagaio, por exemplo, como as embiaras de forma geral, possuem poucas ciências para sua caçada – são animais pequenos e facilmente vistos pelos caçadores e, quando vistos, não exigem grandes perseguições. São animais que em geral não são perseguidos, rastejados. Os puleiros das nambus e os ninhos dos bandos de papagaios são muitas vezes previamente conhecidos e quando são encontrados esses animais são facilmente alvejados. Quando o seringueiro vai para a mata com a intenção de capturar esse tipo de animal ele não chama essa atividade de caçada, “Vou dar um rodo na mata para ver se mato uma nambu para a janta”. Embora mais fácil essa atividade já pressupõe também os tais conhecimentos técnicos. Mesmo assim, não se trata propriamente de uma caçada. Em uma caçada o caçador ou os caçadores vão atrás de caça e de caçar, ou seja, vão para a mata com a intenção de rastejar e perseguir porcos do mato, queixadas, veados e, quem sabe, até uma anta. Uma característica das caças é que são rastejáveis e que são rastejadas, pois vale a pena para o caçador rastejar.

Nas ocasiões em que decide por uma caçada, segundo essas definições locais, os caçadores se preparam: levam pouca ou nenhuma carga além de suas espingardas, munição, faca, o sacutelo e um pouco de farinha para um rancho na mata; acordam muito cedo e vão para matas mais distantes onde sabem que a probabilidade de encontrar esses animais é maior, vão sozinhos ou acompanhados. Algumas vezes se deslocam para um Tapiri, um acampamento na mata, onde podem passar dias em locais pouco povoados por seres humanos onde as caças se refugiam, procriam e são mais abundantes. Os Tapiris podem corresponder também a colocações antigas, de matas conhecidas, em muitas dessas ocasiões podem ser grupos maiores de cerca de cinco caçadores.

Os caçadores fazem questão de apontar seus conhecimentos sobre as regras de socialidade inerentes ao papel de intermediários entre a mata e o mundo local. Para designar esses conhecimentos utilizam o termo ciência. Imbuído de ciências específicas o caçador encontra-se apto para manejar a função de intermediário entre universos. Muito mais do que as técnicas de tiro e de rastejamento dos animais nas matas, as ciências incluem regras de comportamento.

Na caçada um dos momentos mais marcados é quando o caçador deixa o caminho, que pode ser um caminho entre localidades ou mesmo uma estrada de seringa, para entrar na mata. Nesse momento ele altera drasticamente seu modo de agir. Enquanto se despe de sua carga sua fisionomia se altera. Mais de uma vez presenciei essa cena que acontece quando um rastro chama sua atenção, ou quando ele chega ao ponto do caminho onde costuma entrar na mata. Se estava brincando pára, se estava conversando se cala.

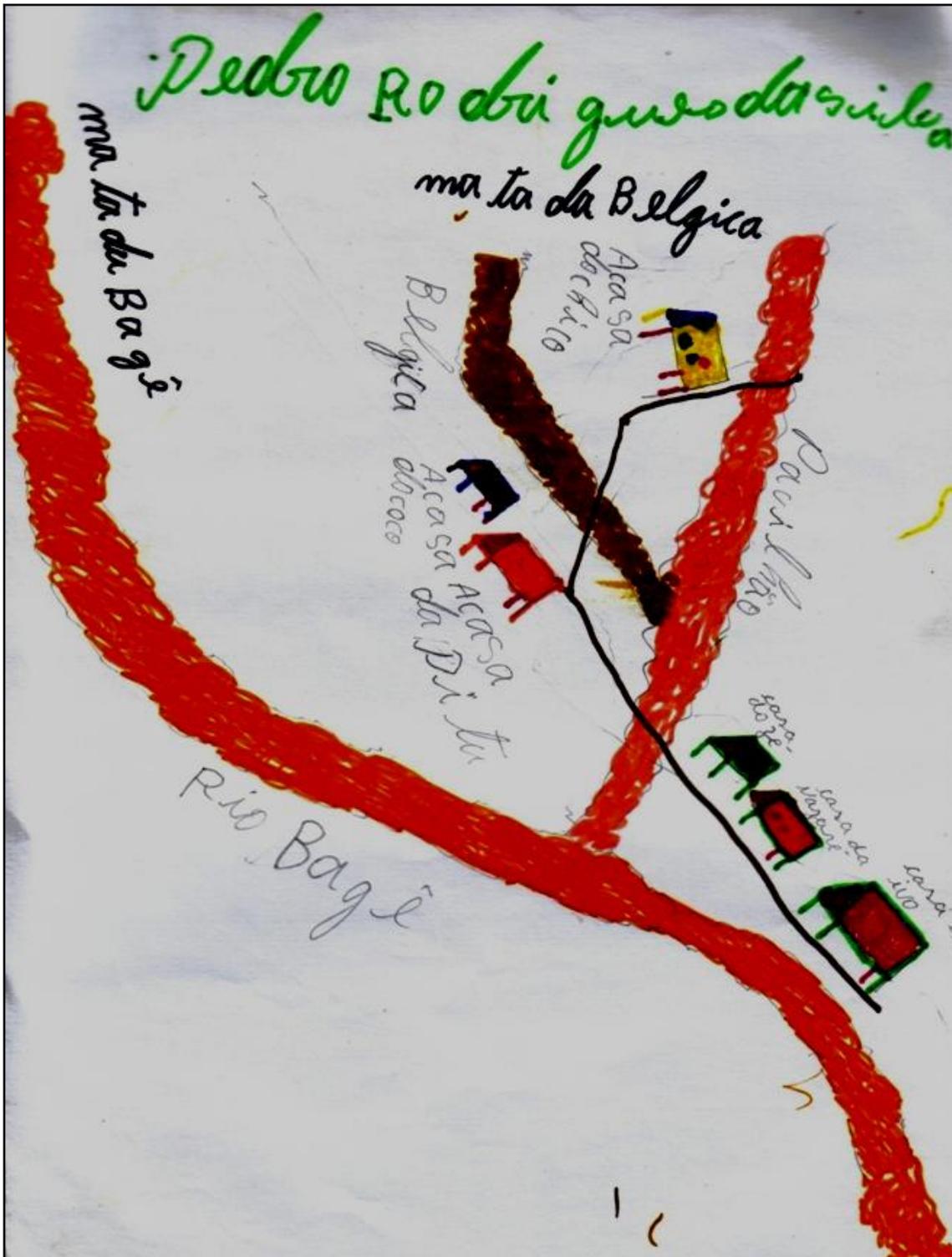
Em uma das caçadas que acompanhei, nas matas do Igarapé Bélgica no Alto Rio Bagé, chegou um momento em que andávamos pelo caminho e os caçadores que eu acompanhava decidiram entrar na mata e se dividir. Tudo foi feito em instantes, depois de uma decisão rápida de Côco que era o caçador mais experiente daquelas matas. Não foi nada muito discutido, contrariando o espírito da caminhada até então. Côco simplesmente parou de andar e avisou que ali ele entraria na mata. Nesse momento, segundo ele, os outros caçadores deveriam fazer o mesmo. Em seguida pediu-me que continuasse seguindo o caminho com Caboré e Roxo até uma colocação antiga a cerca de uma hora dali. Deixou parte de sua carga conosco e partiu para dentro da mata em silêncio.

Mapa 42 Caçada na Bélgica



(Pedro Rodrigues Silva, 2004) Fomos caçar na mata da Bélgica. Trata-se de um afluente do Igarapé Pavilhão. A área de caça, a mata da Bélgica, percorre as margens do igarapé, fica dentro das águas do Bélgica, o que significa que percorremos a bacia do Bélgica, a área banhada por todos os seus pequenos afluentes, minúsculos igarapés. Côco, conhecedor dessas matas, vai na frente. Foi ele quem desenhou o mapa. Logo a sua frente está um caminho em azul que ele diferenciou do restante, pois foi o momento em que ele nos abandonou no caminho e ganhou a mata. Nós seguimos o caminho e o esperamos em uma antiga colocação onde montamos um acampamento.

Mapa 43 Matas do Bagé e da Bélgica



Aqui Côco desenha as áreas de caça que ele costuma utilizar. Ele não desenha a mata, mas aponta para sua localização. Como já foi dito anteriormente elas correspondem a bacia de algum rio, entre duas terras de divisor. Como se vê nas matas não existem caminhos, mas regiões que são adentradas pelos caçadores no momento da caçada.

Não chegou a ser solene e, obviamente, para não espantar nenhum animal, o silêncio era necessário e assim como deixar a carga, mas o modo como isso foi feito, e vi ser feito em outras ocasiões por outras pessoas, dava a clara sensação que naquele momento outra relação se inaugurava e que uma fronteira era atravessada. Os caminhos na mata e as estradas de seringa muitas vezes são bem estreitos e em alguns pontos visualmente se confundem com a própria mata para olhos não muito treinados. A sensação que se tem andando com os moradores, no entanto, é que essa distinção entre caminho e mata é maior do que parece de fato. A fronteira entre mata e caminho é mais marcada no momento de sua transposição do que de fato pelos pés das pessoas.

Mesmo as caçadas de animais considerados caça variam muito em sua forma. Os queixadas, por exemplo, são animais que vivem em bandos grandes que algumas vezes chegam a superar trezentos animais, e se caracterizam também pelos grandes e constante deslocamentos nas matas, são animais que são caçados pela notícia da passagem do bando pelas imediações. A notícia da passagem do bando de queixadas pelo roçado de tal pessoa se espalha rapidamente pelas casas das proximidades e os homens caçadores rapidamente se mobilizam para sair atrás do bando. Algumas vezes se encontram todos para conjecturar com a pessoa que presenciou ou percebeu a passagem do bando sobre o destino dos animais. Se o bando passou pela manhã no roçado de fulano e ia em direção a mata tal, nesse momento ele deve estar para os lados de mata tal, por exemplo, e todos os caçadores rapidamente pegam suas espingardas e correm em direção ao local com uma certa estratégia para cobrir as possíveis localizações. Se o bando é encontrado, muitos animais são alvejados e há rancho suficiente para várias famílias durante dias ou mesmo semanas. O resultado de uma caçada dessas alimenta os caçadores diretamente envolvidos e suas famílias como também as famílias que compõe suas redes de vizinhança. Assim, dez animais, cerca de trezentos quilos de carne, abatidos por cinco caçadores de cinco casas diferentes, alimentam quinze casas, incluindo a dos caçadores. Supondo que cada uma dessas casas vizinhe carne com outras duas que não tiveram caçadores presentes nessa caçada. Quinze casas significam pelo menos setenta e cinco pessoas, supondo também uma média de cinco moradores por residência.

Diferentemente do queixada, que muitas vezes, como vimos acima, são caçados por “notícia”, os porcos do mato ou caititus são caçados onde não existe essas grandes mobilizações da comunidade. Sua passagem pelas proximidades não é um acontecimento esporádico e de certa forma imprevisível tanto quanto o dos queixadas. Seus bandos não são tão numerosos, chegando, segundo os seringueiros em um número máximo e muito raro de cinquenta porcos. Suas andanças nas matas são muito mais discretas do que as dos bandos dos queixadas e, aparentemente, também segundo os seringueiros, são

animais menos nômades, mais territorialistas, e freqüentam um número mais restrito de matas. Suas andanças são razoavelmente limitadas. Sua caçada exige mais técnica que os espalhafatosos queixadas e por conta disso mais sorte também. Os seringueiros conhecem seus hábitos, os alimentos que preferem e por isso muitas vezes caçam os caititus “de espera”, aguardando, algumas vezes durante a noite, trepados em árvores que produzem os alimentos preferidos dos caititus. Nessa espécie de tocaia os caçadores aguardam muito tempo até o momento do disparo. No entanto, sabem antecipadamente que os caititus andaram comendo por ali, devido aos rastros e sinais deixados pelo bando. Os caçadores também caçam os caititus a curso, ou seja, perseguem os animais pelas matas seguindo seus rastros, muitas vezes são rastros deixados a mais de um dia.

Outros animais que também fornecem uma quantidade razoável de carne por indivíduo abatido como a paca ou mesmo uma cutia são muitas vezes, e parece que com cada vez mais freqüência, mortos dentro dos roçados dos moradores. Aparentemente esses animais não se incomodam tanto quanto veados e caititus com a proximidade de populações humanas, pelo contrário, segundo os seringueiros esses animais estão ficando “aviciados” em se alimentar da produção agrícola dos seringueiros em seus roçados, especialmente da macaxeira. Em alguns lugares, também segundo os moradores, esses animais e até mesmo bandos de caititus, estão acabando com os roçados. Assim, os moradores estão abatendo esses animais de espera, aguardando tocaia nos roçados pelos animais durante a noite.

O veado, esse sim, é tihoso, cheio de ciência. Anda sempre sozinho, percorre grandes extensões nas matas e não tem um lugar fixo de moradia, exceto quando as fêmeas estão com cria. É sorrateiro, rápido e muito mais ágil e silencioso que os porcos com a vantagem de viver só, facilitando sua discrição. Dos animais da mata é o mais discreto, não faz varedas como os caititus, verdadeiros caminhos pisados na mata que são sempre percorridos e que o caçador facilmente reconhece, o veado anda por toda a mata sem caminhos definidos ou repetitivos, seu rastro é também discreto, difícil de ser rastreado. Além disso, ele é manhoso e usa vários truques para dificultar o rastrear do caçador. Ao mesmo tempo que é de longe o animal que exige maior ciência para sua caça rende uma grande e saborosa quantidade de carne. Ele é rápido e mesmo visto não é fácil alvejá-lo, muitas vezes percebe a presença do homem antes que esse perceba a sua. Os caçadores procuram muitas vezes caçá-lo de espera ou tocaia em algum pé de comida. Outra fragilidade do veado está relacionado com a fêmea. Quando os seringueiros encontram um filhote em sua cama na mata utilizam os berros do animalzinho para atrair a mãe. Muitas vezes os próprios caçadores arremedam os berros do filhote quando percebem que estão perto de uma veada parida. Quando a mãe vem em socorro do filhote é abatida.

O veado é o grande desafio para o caçador e talvez por isso mesmo o que exige dele muita sorte, ou, dizendo de outro modo, estar em dia com suas relações com o dono da caça. Na prática a carne do veado é a mais perigosa quando manipulada, que exige do caçador e de todos que lidam com ela o maior número de cuidados, e a felicidade na caçada do veado de um caçador é de certa forma um bom instrumento para medir a qualidade de seu relacionamento com seus vizinhos, de vizinhança de carne, e, até por conta disso mesmo, com o dono da caça. Um caçador pode ser ou estar feliz para caçar ou estar panema. A sua felicidade na caçada com o veado é usada como um dos melhores indicativos do estado desse caçador, que pode transitar entre essas condições opostas com várias gradações.

Como já foi apontado até aqui uma caçada bem sucedida depende de muitos conhecimentos e técnicas que procuramos minimamente exemplificar, mas essas técnicas e conhecimentos não são condições suficientes para garantir o sucesso nessa atividade.

A seguir vamos tratar de descrever os cuidados que devem ser tomados com os animais abatidos, quaisquer espécies, e o modo como esses cuidados envolvem e relacionam muitas pessoas e o dono da mata ou Caipora. Faremos isso descrevendo os vários lugares, situações e regras de manuseio relacionadas à carne do animal abatido em uma caçada. Descreveremos também o funcionamento de uma instituição local denominada vizinhança e as relações estabelecidas com o dono da mata, o Caipora. Também é importante salientar nesse momento que, quando dizemos que um animal tem muita ciência significa que, como o veado, ele tem muitas técnicas e conhecimentos pragmáticos associados a sua caçada, mas significa sobretudo, que a felicidade do caçador na caçada desse animal depende do respeito de muitas regras de manuseio da carne de animais anteriormente caçados por esse caçador.

O início do trajeto da carne de caça, os cuidados do próprio caçador na mata

Essas regras incluem, por exemplo, o cuidado ao retirar o fato do animal – suas vísceras – ainda na mata. Incluem também uma forma correta de carregá-lo para casa. Chegando em casa esse animal deve ter seu couro corretamente retirado ainda pelas mãos do próprio caçador, também segundo regras rígidas que incluem, por exemplo, a noção do lugar no corpo do animal onde deve ser iniciado esse processo, a parte traseira esquerda, por exemplo. Observei um seringueiro tratar durante dias do couro de veados que havia caçado, raspando-os, pendurando-os para secar esticados cuidadosamente com varetas de madeira, de um lado e de outro, em um longo processo, para que depois, finalmente, dobrados e devidamente secos também pelo próprio caçador, esses couros fossem, também cuidadosamente, enterrados em um local conhecido somente pelo próprio caçador.

Ainda na mata o caçador deve evitar deixar o fato em um local de trânsito de pessoas. Deve colocá-lo em um local limpo no meio da mata e nunca em caminhos de gente, de modo que as pessoas que passem por perto acidentalmente ou não, urinem sobre o fato. No caso do couro do animal não são todos os caçadores que deixam para retirá-lo em casa. Dependendo da caçada esse processo é realizado ali mesmo na mata e os cuidados com o couro dos porcos não são tão esmerados quanto com o couro do veado, ao menos nas situações que eu mesmo observei. Em um dos trabalhos de campo participei de uma caçada com acampamento em um Tapiri. Saímos em cinco pessoas das margens do Igarapé Pavilhão no Alto Rio Bagé, onde moravam os caçadores que acompanhei e fomos montar um Tapiri com um dia de caminhada nas matas do Igarapé Bélgica. Éramos 6 pessoas, eu, Antônio Barbosa de Melo, o Roxo, Raimundo Farias Ramos, o Caboré (que juntamente com o Roxo e eu compunha a equipe de pesquisa entre outubro de 2004 e janeiro de 2005), Seu Antônio Gomes, Bebé e Côco. Os três últimos é que iam preparados para caçar e nós íamos como pesquisadores acompanhando a caçada. Em certo momento da caminhada até o ponto onde iríamos montar o Tapiri os caçadores se embrenharam na mata, cada um tomando um rumo diferente e nós seguimos até um ponto combinado conhecido por Caboré, onde construímos o Tapiri para passarmos a noite, e aguardamos a chegada dos caçadores com o resultado da caçada. Seu Antônio Gomes não conseguiu matar nada e voltou para sua casa, Bebé que rastejava um bando de caititus matou apenas um jacu e Côco matou um caititu. Caboré e Roxo organizaram o Tapiri de tal forma que houvesse um lugar para a que o caititu fosse pendurado e seu couro retirado. Ninguém tocou no caititu, apesar do cansaço Côco não abriu mão de realizar a tarefa, além de retalhar a carne e salgá-la. Durante todo o processo ele tomou cuidados com o couro do animal e depois tratou de acondicioná-lo e colocá-lo em um local seguro na mata., Também embalou toda a carne salgada e separou o que seria a nossa janta. Quando o caçador está sozinho e pretende voltar para sua casa no mesmo dia geralmente ele retira o couro em sua casa deixando somente o fato na mata.

Voltando ao exemplo da caçada de um veado, o caçador depois de retirar seu fato ainda na mata corta suas patas acima das canelas, retira envira suficiente para amarrá-lo pelas canelas e coloca-lo em suas costas para levar até sua casa. Caso esteja carregando um sacutelo, e dependendo do tamanho do animal, ele pode usá-lo para carregar o animal ainda com o couro para casa. .

No espaço da casa, caçador e caça nas mãos da esposa

Assim que chega da mata no terreiro de casa, o caçador vai pendurar o animal e retirar seu couro. O veado é pendurado de cabeça para baixo e por meio da abertura já feita na mata para tirar o fato ele

começa a retirada do couro. Muitos caçadores admitem que outras pessoas de confiança cumpram essa tarefa, outros preferem eles mesmos fazerem esse serviço para que não corram o risco de ofender a caça. Depois que o couro é devidamente retirado o próximo passo de nosso caçador é entregar o veado que caçou, também seguindo certas e numerosas normas para sua esposa, que vai tratar da carne. O veado caçado já está sem fato e o couro que ele retirou será tratado, como já descrevemos anteriormente. Normalmente é a partir desse momento que o caçador começa a colocar sua sorte nas próximas caçadas nas mãos de terceiros – sua fama junto ao dono da caça como explicaremos adiante. O animal sem o couro é levado para a cozinha (em outros casos observados o couro foi retirado na cozinha), onde a mulher da casa fica responsável por retalhar o animal, tratar a carne, salgar uma parte dela se for o caso e separar os pedaços para os vizinhos. Também observei em algumas casas o próprio caçador determinar as partes que serão levadas aos vizinhos. A esposa deve cuidar, por exemplo, de não passar por sobre a carne, principalmente se estiver menstruada, de manter o local onde está tratando a carne relativamente isolado de outras pessoas e não deixar esse serviço até que o local usado para fazê-lo esteja novamente limpo de todo o sangue ou de qualquer outra parte do animal. Uma parte do animal muitas vezes é separada para que sejam feitos remédios para curar possíveis panemas (enrascos) produzidos por meio dessa carne, no caso do veado as pessoas costumam separar o seu rabo. A mulher deve cuidar também para que os ossos sejam sempre cuidadosamente recolhidos e acondicionados em um local determinado e com uma certa organização que não possibilite o contato com outras pessoas. A esposa trata da carne do veado, inicialmente partindo-a em pedaços, também de modo regrado, que serão então consumidos na própria casa e em parte enviados para a casa de outros moradores, os chamados vizinhos. Chama-se a esse gesto vizinhar. A mulher separa em uma panela ou bacia os pedaços para vizinhança e encarrega um menino de transportá-los.

No grupo de vizinhança, o caçador e a carne nas mãos de outros

A vizinhança é uma instituição que envolve relações interpessoais obrigatórias de doar, receber e retribuir parte do resultado de certas caçadas. Nem todas as caças resultam em vizinhança. Em geral se a carne resultante da caçada é mais do que suficiente para a refeição da família ela é em parte vizinhada para os vizinhos. Porém existem muitas variações possíveis. Certas relações de vizinhança são acordadas, ou seja, são negociadas inclusive em seus termos, enquanto outras vão sendo definidas aos poucos e nas ações práticas. No primeiro caso, dois caçadores quando resolvem que vão ser vizinhos muitas vezes combinam o que será vizinhado.

Os critérios para estipular a forma de vizinhança variam conforme o tamanho das famílias envolvidas, o número de caçadores em cada família, a proximidade e intensidade da relação entre as famílias envolvidas e mesmo a quantidade de caça normalmente disponível. Via de regra os animais classificados como caça são sempre vizinhados e as embiaras¹¹⁶ nem sempre. Mesmo essas combinações podem variar conforme o contexto. O que se avalia na vizinhança é uma certa fidelidade, a generosidade, a vontade de um vizinho em manter a relação com o outro, um certo prestígio. Muitas discussões e críticas com relação aos vizinhos giram em torno da observação de alguma espécie de mesquinharia, um exemplo: um senhor reclamava que ficou sabendo que seu vizinho tinha conseguido caçar certo animal e que não havia enviado a carne conforme era o esperado. Em outro caso um vizinho passou a mandar a banda do animal esperada com um corte mais mesquinho do que normalmente, e começou a fazê-lo de forma sistemática. Esse tipo de crítica muitas vezes acaba por romper a relação de vizinhança. As relações de vizinhança são relações de confiança e sua lógica ideal de funcionamento repetida por todos é, “eu gosto de vizinhar com fulano, sempre que ele caça ele manda”. A vizinhança também garante certo prestígio. Aqueles caçadores que possuem vários vizinhos e mantém com eles uma vizinhança constante, sempre correta e sem mesquinhas, são bem vistos e de certa forma reconhecidos, pois quando mudam de localidade são logo contactados pelos novos vizinhos geográficos para manter vizinhança. Aqueles vizinhos que mesmo com poucos caçadores em casa mandam sempre alguma carne de vizinhança independente do que estão conseguindo caçar também tem o prestígio elevado.

A quantidade de carne vizinhada, na verdade a porcentagem de carne vizinhada, varia também conforme o número de vizinhos, o número de caçadores, mas especialmente seguindo a natureza e intensidade das relações interpessoais entre os moradores das diversas casas. O estabelecimento, manutenção e forma de vizinhança são indicadores da intensidade de determinada relação interpessoal. Assim, existem diversas classificações locais para a vizinhança que apontam para graus de proximidade entre os participantes de cada rede de vizinhança. Desde a vizinhança ocasional, “de vez em quando eu mando uma janta para ele e ele manda para mim”, que pode estar relacionada além da intensidade das relações interpessoais à dificuldade de certa família em conseguir caça, ou à distância física entre as residências, e até mesmo ao número elevado de componentes da rede de vizinhança. Em alguns grupos

¹¹⁶ Entre as classificações taxonômicas dos seringueiros existe a distinção entre caça e embiara. A caça corresponde aos animais de maior porte, em especial os ungulados (anta, veado, porco do mato, queixada, alguns seringueiros consideram também a capivara e a paca). As embiaras são os outros animais também utilizados na dieta dos seringueiros e de pequeno porte.

de vizinhança existem até sete famílias envolvidas, embora o número mais comum de famílias em uma rede ou grupo de vizinhança varie de três a cinco. Assim, uma família que vizinha com outras quatro pode guardar relações de vizinhança de diversas ordens com cada uma das quatro famílias, por exemplo: vizinhar de quarto, um quarto do animal caçado, com uma família, sempre que tenha caçado alguma caça. Vizinhar outro quarto com outra família também sempre que caçar qualquer caça e de pedaço com as outras duas, somente quando caçar mais de um animal, mesmo assim com a condição de que um dos animais caçados seja uma caça (ungulado). Existe outra infinidade de variações possíveis. Vizinha-se de banda, especialmente quando existe somente um vizinho; vizinhança de quarto, mais comum quando o grupo de vizinhança é composto de três famílias; vizinhança de pedaço, mais comum quando são muitos os vizinhos; vizinhança de pedaço ocasional, de vez em quando manda uma janta, e assim por diante.

No rio Bagé muitos desses grupos possuem entre 3 e 5 moradores. Dentro dos grupos não necessariamente todos trocam com todos. Outra característica importante desse grupo, que contribui para sustentar nossa hipótese mais geral exposta mais abaixo, é que esses grupos são isolados uns dos outros, mas dinâmicos: sofrem alterações de tempos em tempos. No entanto, é fundamental buscar sua estabilidade e durabilidade no tempo, pois são grupos de confiança muito mais do que grupos de reciprocidade de carne, como veremos abaixo, e nesse sentido, mudança representa acrescentar risco à sorte dos caçadores daquele grupo.

A distância geográfica é um fator importante para a definição de grupos de vizinhança, mas só é determinante a partir de um certo valor, mesmo nesse caso ele determina uma impossibilidade somente. Encontrei grupos de vizinhança que mantinham elementos muito mais distantes do que outras possibilidades dadas pela menor distância geográfica. Os próprios moradores, quando questionados, refutavam qualquer tentativa de explicar a seleção dos membros do grupo pela proximidade entre as casas. Há uma importante, mas não onipresente, presença das relações de parentesco entre os membros desses grupos como fator de pertencimento a um certo grupo de vizinhança, que sustenta também a idéia de grupos de confiança. Além disso, também é conveniente observar que em um grupo de vizinhança muitas vezes existem grandes doadores, assim como pessoas que somente recebem mas não doam carne. No caso dos receptores é freqüente a presença das viúvas sem homens em casa.

Novamente retomando a circulação da carne do veado que vínhamos acompanhando. Nosso exemplo é agora enviada em pedaços (quartos, bandas, ou pedaços menores) para vários vizinhos. O caçador que já havia colocado sua sorte em caçadas futuras nas mãos de sua esposa, coloca-a nas mãos de terceiros.

Cada banda, quarto ou pedaço vizinhado vai estar sob os cuidados de outra família, de outra mulher. Dependendo da pessoa com quem está vizinhando o caçador já instrui sua esposa a enviar a carne bem tratada, sem muitos ossos para minimizar os riscos de sofrer enrasco por causa de descuidos com a carne da caça. Nesse caso o argumento é de que o vizinho para quem a carne está sendo enviada apesar de ser de confiança é muito relapso. Uma senhora dizia que mandava a carne assim tratada para a casa de um vizinho porque eles tratavam a carne de qualquer jeito, não tinham um lugar certo para colocar os ossos e algumas vezes colocavam próximo ao banheiro como ela já tinha observado em uma visita à casa desse seu vizinho. Em outros casos pode haver algum atrito com o vizinho e este pode fazer alguma “porcaria” intencionalmente. Isso é particularmente perigoso quando há algum acontecimento que gerou discórdia entre as famílias que vizinham. Nesses casos, o vizinho pode deliberadamente enterrar os ossos do animal vizinhado para prejudicar o vizinho que caçou aquele animal e vizinhou com ele.

O importante a notar aqui é que a responsabilidade em continuar tratando da carne, na medida em que é repartida e distribuída, é ampliada para todo o grupo de vizinhança, com os vizinhos e suas esposas. De qual tipo de responsabilidade estamos falando, responsabilidade de quem para com quem? Ou seja, quem é ofendido quando alguma carne não é tratada corretamente? Quais as relações colocadas em jogo com essas ações e quais suas conseqüências?

Relação caçador/Caipora

A resposta a estas perguntas passa pela descrição das relações estabelecidas entre o caçador e o Caipora ou dono da mata. A sorte do caçador em suas futuras caçadas é diretamente proporcional à qualidade de sua relação com o Caipora, o dono da caça, que, por sua vez, está relacionada ao correto tratamento dado aos animais abatidos em caçadas.

A felicidade na caçada corresponde a uma relação espaço-temporal do caçador com a Caipora e a lógica do sistema, explicitada na fala dos moradores é a seguinte: o Caipora ou a Caipora, é o dono (ou a dona) da caça; nessa condição, controla o movimento das caças na mata, assim como um vaqueiro controla o movimento de seu gado, e, nessa medida, pode conduzir a caça mais facilmente ao caçador quando esse está caçando. Isso é particularmente importante na caçada do veado que, como vimos acima, é um animal manhoso, cuja caçada exige além das ciências pragmáticas, o conhecimento e a observação por parte do caçador de ciências que garantam sua felicidade na caçada, que incluem o tratamento correto da carne de caça anteriormente caçadas.

Alguns moradores conhecem negócios e remédios para matar caça, especialmente o veado. Os chamados negócios são tratados diretamente com o Caipora em alguns dias específicos da semana. Os negócios garantem ao caçador que os faz uma situação privilegiada para caçar. Seringueiros contam de pessoas que fizeram negócios com o Caipora e que por causa disso são muito felizes em suas caçadas. Embora muitos seringueiros contem sobre negócios de outros caçadores com o Caipora é notório que esse tipo de acordo quando feito deve ser secreto. Os remédios não envolvem a presença do Caipora e são mais ordinários. Existem dois tipos básicos de remédios: um para curar enrascos ou panemas e outro para potencializar a felicidade nas caçadas. Os primeiros tipos de remédio servem para reatar a relação entre caçador e Caipora. A panema, ou falta de felicidade na caçada, pode ter sido causada pelo próprio seringueiro, por sua esposa ou por seus vizinhos, mas a relação que foi quebrada foi a relação entre caçador e Caipora, dessa forma o remédio é feito para reatá-la.

O interessante dessa relação é que ela é mantida não somente pela ação dos diretamente envolvidos, caçador e Caipora, mas também pelas ações da esposa do caçador, dos vizinhos e das esposas desses vizinhos, na medida em que o trajeto da carne da caça se expande no espaço social e está sujeita ao manuseio dessas pessoas. O caçador arrisca sua relação com o Caipora, e sua felicidade na caçada, ao distribuir a carne fruto de sua caçada. Uma relação caçador-caipora, depende de outras, caçador-vizinhos, caçador-esposa. Nesse sentido, doar parte da carne para terceiros significa confiar muito nessas pessoas e, seguindo esse raciocínio, estabelecer relações de vizinhança significa, sobretudo, confiar de modo irrestrito nelas.

Panema

Caso o caçador, sua esposa ou vizinhos não respeitem as regras estabelecidas para lidar com a carne caçada por ele, o caçador fica panema. São recorrentes e cotidianas as histórias de caçadores que estão ou estiveram panema. Encontrei casas onde a esposa segredava, já se desculpando, que seu marido estava panema para caças grandes e que por isso não havia rancho. Há muito tempo eles só comiam carne de caça quando o menino mais velho do casal saía para caçar ou quando era recebida de vizinhança. Para ela a situação tinha sido gerada pela esposa de um vizinho que, segundo ela, tratava a carne de qualquer jeito e deixava os meninos brincando por perto da carne, fazendo todo o tipo de imundice. Seu marido não gostava nem de falar, pois, dizia ele, não gostava de acusar ninguém, mas dizia que na sua educação ele não era capaz de fazer aquilo com um pai de família que tinha filhos pequenos para criar. Visivelmente abatido contava que não matava caça há mais de um ano e não era

por causa disso que iria ter inveja de alguém a ponto de enrascá-lo. Repetia a todo momento que sua esposa tomava todos os cuidados para não fazer mal a ninguém, pois é muito bom vizinhar e quando um não tem sempre chega um rancho do vizinho que garante a refeição da família. Dizia ainda que antes do enrasco, ou panema, ele sempre era reconhecido como grande matador de caça e acrescentava que não havia ali um vizinho que poderia falar mal dele. Quando questionado diretamente como é o estado de panema ele responde quase como todos os outros caçadores: é uma situação em que o caçador vai para a mata e a caça pode passar pertinho que o caçador não consegue ver, se consegue ver não consegue atirar e se, finalmente, consegue atirar não consegue matar. Quando insisti em perguntar o que exatamente causava o enrasco, a razão desse impedimento ou interdição, se se tratava de alguma coisa na própria carne da caça que causava isso, muitos caçadores afirmaram que a ofensa não é diretamente à carne, mas ao dono dela, o Caipora, que manipula os passos dos animais na mata e que restringe ou facilita o encontro do animal com o caçador.

“Se você mata uma caça pode se enrascar com uma vizinhança. A caça que mais se enrasca é o veado. O veado é cheio de ciência. Não é todo o caçador que mata ele não. Qualquer coisinha enrasca. Até se ele cair para o lado do tiro pode enrascar. Veados também coloca a língua de fora. Se a língua tirar para o lado esquerdo o cabra se enrasca.

Não pode pegar pelos pés. Arrupeiado também enrasca. Na hora que tira o fato não pode jogar, tem que arriar devagarinho num tojco de pau senão se enrasca. Na casa os ossos têm que pegar com muito cuidado e jogar em um lugar certo senão enrasca. A caça é toda cheia de ciência.

Se a mulher ficar variando, dormindo, e deixar o fogo apagar enquanto o caçador tá na mata é ruim para o caçador.”

Segundo seu Caboré o enrasco só acontece com a caça grande. Quando chega a caça só o seu Caboré pode tirar o couro e lavar onde está o sangue para depois dar para dona Agamedina. Também não pode outra pessoa tirar o couro no lugar de outro caçador.

Percebe-se a quantidade de riscos a que está sujeito o caçador. Eles envolvem essencialmente cuidados com a caça e seus restos, a mulher que prepara a carne deve também ter vários cuidados na hora do preparo e da limpeza. Todos esses são cuidados que deve tomar o próprio caçador e os seus para com a caça, também aqueles com quem o caçador vizinha devem tomar cuidados semelhantes com risco de panemar o caçador.

Outros caçadores também enfatizam o papel da mulher no enrasco. Para Anaíltom da Foz do Tejo a Panema “têm algum problema com a mulher”. A mulher não pode passar por cima da caça senão a pessoa que matou não caça mais (pode ser vizinhado mas é o caçador e não o marido quem deixa de caçar). Toda mulher sabe que não pode passar por cima principalmente quando tá menstruada. Também não se pode jogar o osso ou carne onde se mijá ou caga.

De toda forma o sucesso na caça têm um vértice social. Os cuidados com a caça devem ser tomados para com o dono da caça por todos que têm contato com ela arriscando nesse contato a felicidade do

caçador que a retirou da mata, este por sua vez preocupa-se, logicamente em fiscalizar esses cuidados dos outros e teme a contração de inimizades ou broncas pois, através da carne que vizinha ele é facilmente atingido por todos que o cercam. Assim, o caçador, seu sucesso na caça, está nas mãos daqueles que lhe são próximos, familiares, e de seus vizinhos que podem enrascá-lo sem querer ou propositalmente como veremos com alguns exemplos das conversas com Caboré e seu filho:

Um vizinho enrasca o outro :

“Se colocar o osso da caça que outro lhe deu dentro de uma garrafa e enterrar o que caçou não caça mais. Se o gavião vem e pega galinha no terreiro eu encontro a ossada de um pinto que ele matou e joga na privada. Aquele gavião morre de fome. O Zé Crato diz que ele já ficou enrascado de jabuti, o jabuti conseguia fugir dele no mato. (risadas) Com certeza foi enrascado pelo vizinho pois ele tem muitos vizinhos. Às vezes se enrasca o outro sem querer. Tem um homem chamado Zé gonçaga que é perseguido de onça. Parece que é porque ele foi matador de onça e o dono da caça quer se vingar.”

O exemplo do gavião é interessante pois a panema não atinge só humanos, mas parece que a condição de caçador. Mais do que um morador falou desse método de matar gavião e de sua grande eficácia. O exemplo do Zé Crato também chama a atenção para o papel do Dono da Caça. Aqui, novamente, pode-se supor que quem é atingido com o mau trato com os animais e se vinga é o Dono da caça. A forma mais fácil e conhecida que ouvi para se enrascar alguém é fazer uma cruz com ossos de alguma caça daquele caçador e enterrar no pé do fogão. Outra forma é jogar os ossos na privada.

Para descobrir quem enrascou e desenrascar:

Para desenrascar existem também várias formas. Uma vez atingido pela panema da mesma forma que na bruxaria dos azande desconfia-se de alguém ou de alguma situação que possa ter causado o enrasco e procura-se desfazer o enrasco. Se se desconfia de um acidente doméstico procura-se, como o Bé, saber qual foi o animal envolvido com o enrasco e utiliza-se por exemplo de uma defumação. Seu Josimar diz que atirando-se no sabão virgem e tapando-se o buraco com cera pode ser remediada a panema.

Nos casos de panema por terceiros procura-se também descobrir quem foi o responsável quando se deseja alguma retaliação. Para isso também existem várias formas. Uma nos foi descrita pelo seu Josimar:

Para enrascar:

“Se ele tem alguma suspeita de que algum vizinho, por alguma inveja, enrascou ele. Pega-se dois ossos amarra em cruz e enterra no fogão os ossos e já tá enrascado, ou joga esses ossos no mijador da minha mulher. Os ossos são do veado ou do porco que alguém vizinho comigo e tava bagunçado (com um tiro naquela banda por exemplo) e aí para me vingar eu pego o osso e faço o enrasco.”

Para descobrir quem enrascou:

“Sexta feira pega um caneco e vai para o roçado que tem uma mandioca milagrosa. Rala-se a mandioca, espreme, tira a água até

meio caneco, pode ser de uma ou três macaxeiras. Deixa o caneco no roçado coberto com um pano, na outra sexta-feira puxa o pano, vê o rosto da pessoa no fundo da caneca. Se quiser maltratar um pouco, febre, dor de cabeça, chuta-se o caneco. Se atirar no fundo do caneco a pessoa morre com dor de cabeça. De lá você vai para a mata e a pessoa vai sofrer uma febrezinha.

Aí você corta a raiz da paxiubinha e passa uma cruz em cada braço e perna com o líquido dela. Aí vai caçar mas você não caça e vai caçar.

Aí quando mata a caça passa o sangue dela em cima dessa cruz. Vai para casa e encontra o outro com febre. Aí a amulher do outro limpa a cozinha, tira o caldo e manda para o caçador, aí a pessoa sara e o caçador volta a matar.”

A maçã

As maçãs são descritas como bolas presas no intestino de alguns animais, de forma mais constante nos relatos nos veados e jabutis. Essas bolas podem conter pelos do próprio animal ou de vários animais. Segundo seu Caboré houve uma vez que ele tirou duas maçãs de dentro de um veado. Diz ele: “Não pode mostrar para ninguém. Fica no fato da caça. Era quase do tamanho do caroço de um abacate. Cheio de cabelo do veado. No estômago. Diz que pra ser boa mesmo precisa vomitar a maçã na hora que morre. Toda caça têm. A caça que tem maçã é difícil de pegar. A maçã têm cheiro de caça e atrai.”

Outros moradores dizem que suspeita-se que um veado têm maçã quandoi ele demora demais par morrer, do jabuti quando ele têm quatorze malhas. Então, quando se encontra um veado desse, antes que ele morra, deve-se chegar perto dele pedir três vezes pelo amor de Deus que ele lhe dê a maçã. O veado vomita a maçã em você deve escondê-la de todos, porque se alguém vê-la ela perde o efeito. Se o caçador sair com a maçã presa na espingarda sem que ninguém a veja ela fará com que ele sempre mate caça.

A maçã pode também estar presente em outros animais: “Um dia eu (Josimar) peguei uma jabota imensa e levei. Matamos a Jabota , quando estavam tirando o fígado do lado da casca tinha uma tripa com uma bola. Uma irmã viu a bola também. Eu mandei ela sair. Ela saiu e eu cortei-a ao meio e vi os cabelos. Sequei a maçã e fui para a mata, mas não serviu pois já tinham visto.”

Considerações Finais: Caipora, Mãe da Seringueira, Patrão e Absoluto

Existe uma situação de tensão que pode potencializar ou debilitar a relação do caçador com o Caipora. Quando o caçador está panema, ele se sente com muito azar na caçada; ele trata então de pensar em que situação, através de que animal caçado, que foi por ele vizinhado e consumido, que a panema aconteceu.

Quando acometido de panema o caçador se preocupa inicialmente em descobrir, utilizando-se de pedaços guardados dos últimos animais caçados por ele, qual foi o animal por meio do qual ele foi enrascado. Ele também começa a pensar se essa panema foi acidental, ou se foi causada por algum de seus vizinhos deliberadamente. No último caso suas desconfianças pairam sobre algum vizinho que pudesse ter nos últimos tempos motivos para isso, algum tipo de vingança ou mágoa. Dona Mundoca, moradora do rio Machadinho, conta de uma ocasião em que seu cachorro foi morto pelo filho pequeno

de uma de suas vizinhas. Ela discutiu com sua vizinha e imediatamente suspendeu sua vizinhança de carne com ela com medo de algum enrasco para seus filhos. Para isso seria suficiente que essa sua vizinha ao invés de tratar dos ossos da forma correta, enterrasse-os formando uma cruz ao lado do fogão.

Outro fato que contribui para reforçar a hipótese de que o Caipora é o intermediário das caças para o caçador, e de que ao ofender a carne das caças o caçador ofende a relação com o Caipora é a inexistência de qualquer regra de tratamento para com a carne de animais domésticos. Embora a carne de animais criados no terreiro como porcos e bois sejam também vizinhada ela não causa panema. Muitos moradores explicam isso dizendo que isso acontece porque esses animais são sua propriedade e, desse modo, os tratos com a sua carne não podem ofender o dono da caça. Alguns chegaram a argumentar nesse momento que o Caipora cuida de seus animais na mata. Quando um animal é ferido de chumbo, foge e depois é encontrado com saúde e a explicação é que o Caipora cuidou dele. Além de servir como indício da existência mesma do Caipora, já que se ele não existisse o animal morreria, esse tipo de argumento foi levantado para explicar porque o Caipora se ofende com certos tratamentos prestados a carne de caça que ele cedeu para a alimentação do seringueiro e de sua família. Ele cuida muito bem de suas criações, assim como o seringueiro cuida de seus animais do terreiro, tem trabalho para mantê-los saudáveis, e por isso exige certos cuidados dos caçadores. Outra comparação usada nessa mesma conversa e repetida por outros moradores é a de que o Caipora age do mesmo modo que o patrão. Observadas certas regras de conduta e outras relativas à produção de borracha e pagamento da renda, o patrão tratava o seringueiro com mais respeito, cuidando sobretudo que as mercadorias requeridas por esse seringueiro nunca faltassem. Do mesmo modo, segundo muitos seringueiros, existe também a mãe da seringueira, dona das seringas, que zela por elas e que pode aumentar ou diminuir a produtividade das seringueiras conforme o respeito dos seringueiros às regras estabelecidas por ela. Sobre isso, por exemplo, Roxo me contava:

“Tem ciência na estrada de seringa. Para você reabrir uma estrada que está absoluta você precisa procurar as seringas. Quando você abre uma estrada de seringa às vezes com um ano você encontra uma seringueira que você nunca tinha visto. É uma ciência muito forte, é assim como um encante, você só vê a seringueira se ela quiser mesmo que você veja. Tem gente que faz remédio para cortar seringa, os seringueiros antigos. Conversava com a mãe da seringueira, que é um encante. Se ele fizesse negócio com a mãe da seringueira para tirar muito leite ele não podia dizer para ninguém, se não ela matava ele. Era ciência que só ele mesmo com ela podia saber. Encontrava seringueiro morto por causa disso, encontrava o cabra com a boca o ouvido todo entupido de folha e pau.” (Conversa com Antônio Barbosa de Melo)

Muitos seringueiros utilizaram a relação com o patrão para explicar a relação com o Caipora. Uma delas, feita por seu Antônio Meruoca é muito interessante. Ele dizia que o seringueiro chaleira é tão ruim quanto vizinho ruim que enrasca o companheiro de vizinhança. Na região e na época dos patrões

os seringueiros chamados de chaleiras eram aqueles que faziam denúncias de outros seringueiros para o patrão, e que, dessa forma, prejudicavam a relação entre o seringueiro denunciado e seu patrão. A ação dos chaleiras comprometia o prestígio entre seringueiro e patrão e dessa forma comprometia o fornecimento de mercadorias para o seringueiro, a boa vontade do patrão no momento de fechar as contas, em pesar a borracha, na instrução do mateiro, etc. Desse modo analogias foram estabelecidas entre diversos elementos e relações do universo seringueiro. Entre Patrão e Caipora, Chaleiras e Maus Vizinhos, Seringueiro e Caçador, Sistema de Aviamento e Sistema de Caça, o espaço dos Rios e o espaço das Matas, Mercadoria e Caça. Um diário de um dos moradores pesquisadores, João Gonzaga, registra essas relações.

06/04/2005

Eu saí para caçar para as matas da Divisão. Eu cheguei na casa do João Luiz Pinheiro. Ele foi também comigo e logo às 8:30 nós chegamos aonde tinha passado um bando de caititu e eu falei assim pra ele camarada, vamos rastejar esses porco porque o bando é grande e eu tenho certeza que nós encontrando esse bando de porco o menos que nós mata é uns quatro. Assim também ele combinou e se abarquemo na trilha dos porco subindo terra descendo terra atravessando gruta igarapé e quando foi às 12 e 45 nós encontramos os bichos comendo debaixo de uma seringa e nós chegamos pra perto e os bichos sentiram nós e bufaram e correram todo e ele pelo um lado e eu pelo o outro com muita sorte eu ainda matei um porco mas ainda pequeno e o bando sumiu e eu disse quem pensava em matar o meno quatro porco matei um bacurim mas é assim mesmo as coisa. A caça na mata também tem superior pra cuidar delas porque se não homem acaba com elas e quem pensar que a caça na mata vive à toa está completamente errado.

Assina João Eugenio de Amorim.

03/06/2005

Eu saí para caçar e passei na casa do Manoel Leite e ele já andava caçando e o filho dele estava em casa. Eu chamei ele pra caçar comigo e saímos os dois para caçar os queixada quando nós encontramos a trilha dos queixada ouvimos também um grito de tente para trás eu falei pro Tonho é o Manoel vamos esperar ele porque nós não anda com fogo e ele fuma e anda com o isqueiro dele e eu gritei chamando ele e quando ele chegou ele deu bom dia e falou assim pra onde estar os queixada eu falei estar aqui pra frente hoje eu só volto pra casa quando matar uma queixada e eles dois também combinaram comigo e saímos os três junto na trilha dos queixada subindo e descendo terra e baixo e grutião cipó e tabocal os bichos atravessando nós na trilha deles sem perde a direção quando foi às 14 horas nós encontramos os queixada: e eu falei pra eles vamos cerca os queixada um de nós por cada lado eu vou tomar a frente e vocês dois um de cada lado pode atirar e matar o tanto que pude que eles vão correr pra frente e eu lá mato também e assim nós três se espalhamos e quando eu tomei a frente dos bichos eles me sentiram e correram tudo pra fora de nós e nós não podemos correr também atrás deles porque a mata nesse lugar era de tabocal fechado que ninguém podia correr o Manoel Leite ainda atirou num que passou perto dele mas errou e eu falei para eles assim ninguém matou queixada e vamos hoje dormir na mata porque o dia não dá mais pra nós chegar em casa porque nós estamos longe e a mata é muito fechada de taboca e nós não pode andar ligeiro e vamos escurecer na mata. Mas vamos ver se dá pra nós chegar em casa com dia e eu marquei o rumo de saída coloquei o Tonho na frente e quando foi às 18 e 30 nós chegamos em casa e não matamos nada. Eu acredito que as caça na mata tem quem

cuide delas e proteja porque nós éramos três e ficamos só com o piché dos queixada nas venta.
Assina João Eugenio de Amorim.

10/07/2005

Eu saí para caçar para as mata da Divisão quando foi às 9 horas Eu encontrei a trilha de um bando de queixada e fui atrás e persegui até às duas horas da tarde e não encontrei os queixada por motivo a terra está muito seca e para onde eu ia era em cima de trilha de queixada e por este tempo de verão fica muito ruim da gente procurar as caça a gente só conhece rastro do mesmo dia se for em passagem de igarapé e eu vi que não encontrava os bichos eu pensei comigo mesmo vou embora se eu tive de matar uma caça é daqui pra casa porque desde cedo que ando atrás destes queixada e não encontro já estou com fome e não trouxe nem um pouquinho de farinha pra mim comer e eu já vou pra casa e assim fiz vim direto no rumo de casa e andei pouco tempo ouvi uma zuada eu parei escutei era os queixada estrondando e eu fui pra lá e matei um e pensei comigo passei o dia atrás destes bichos andando só o contrário e agora sem eu esta procurando encontrei tão fácil mas a caça na mata é assim mesmo elas não vivem à toa cheguei em casa às 18 horas.

Assina João Eugenio de Amorim

João Gonzaga (Diário de João Eugênio de Amorim, 2005)

No trecho pelo menos duas idéias são centrais para esse trabalho. A primeira diz respeito à ordenação das relações no mundo seringueiro. Essa noção recorrente de que há um responsável por tudo. Alguém que cuida das caças, alguém que cuida das mercadorias, alguém que cuida da seringa. Associada a essa idéia há outra segundo a qual é preciso do conhecimento de certas ciências próprias cada uma das dimensões desses responsáveis que precisam ser reconhecidas para que se possa usufruir desses recursos e dessas dimensões. Ter ou não conhecimento em uma determinada dimensão significa, naquela dimensão, a se encontrar como brabo ou como manso. Os moradores do Bagé transitam por alguns mundos- próprios no sentido que emprestamos de Uexküll. Quando caçadores transitam pelas matas e sua potência o absoluto e também pelo pisado onde vivem suas famílias. Como diz Roxo:

Absoluto é um lugar que nunca andou gente. Uma comparação quando uma pessoa mora num lugar que ele abandona aquele lugar fica no absoluto. Uma estrada de seringa quando ninguém mais corta ela fica no absoluto. A primeira vez que você abre uma estrada de seringa ela é absoluta porque ninguém anda lá.

O outro aspecto a se notar é o caráter sensível da descrição da caçada de João, quando ele vai escrevendo sobre as subidas e descidas, a mata. Um aspecto da ciência do caçador é essa leitura sensível da mata. Os conhecimento sobre as relações e os seres não conformam em si a ciência, mas a ciência da qual tratam os moradores é uma espécie de alteração que a experiência de caçar causa ao caçador, que lhe possibilita ver coisas que outros não podem ver. A experiência do deslocamento e um sujeito experimentado nesse sentido convergem para o ser em processo de Uexküll, Ingold e dos seringueiros. O foco nessas experiências e sua descrição parece ser um bom caminho para pensar sujeitos-mundo-próprios não só no Alto Juruá.

Enquanto pescávamos na beira do Bagé, seu Eliodoro pergunta sobre São Paulo. Quer saber na beira de qual rio esta cidade está localizada, se na beira do Juruá ou na do Solimões. Ele não se conforma muito com a idéia de que o Tietê não está ligado ao Juruá ou ao Solimões. Alguma coisa nesta cartografia parece não se encaixar. Na Terra Vista do Alto Juruá, na visão de Eliodoro, as águas do igarapé Pavilhão passam, muito tempo depois, perto de minha casa em São Paulo antes de desaguar no Absoluto do mar.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de . **Carajás: a Guerra dos Mapas**.. 2a. ed. Belém: Supercores, 1995
- ALMEIDA, Mauro **Sistema, campo e redes** (aula proferida na USP), 2009.
- ALMEIDA, Mauro W. B (1993) **Rubber tappers of the upper Juruá river, Brasil: The making of a forest peasantry**. Tese de doutorado, University of Cambridge.
- ALMEIDA, Mauro W. B “**Direitos à Floresta e Ambientalismo: Seringueiros e Suas Lutas**”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 19, n° 55, junho de 2004.
- ALMEIDA, Mauro W. B. de 2005a **Campo, Sistema e Rede** Apresentação para Oficina no Nucleo de Historia Indigena e do Indigenismo, apresentação em 2008.
- ALMEIDA, Mauro W. B. de 2005b **Cânones e Ontologias: uma visão do relativismo antropológico**.
- ALMEIDA, Mauro William Barbosa (1990) "**As Colocações como Forma Social, Sistema Tecnológico e Unidade de Recursos Naturais**". *Terra Indígena*. No 54 (jan-mar/1990) São Paulo: Centro de Estudos Indígenas/UNESP (pp.29-39).
- ALMEIDA, Mauro William Barbosa de . **Dilemas da Razao Pratica: Simbolismo, Tecnologia e Ecologia Na Floresta Amazonica**. ANUÁRIO ANTROPOLOGICO, Brasilia, v. 86, p. 213-226, 1988.
- ALMEIDA, Mauro William Barbosa de . **Guerras Culturais e Relativismo Cultural**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Sao Paulo, v. 14, n. 41, p. 5-14, 1999.
- ALMEIDA, Mauro William Barbosa de . **O Estatuto da Terra e As Reservas Extrativistas**. REFORMA AGRÁRIA, v. 25, n. 1, p. 153-168, 1995.
- ALMEIDA, Mauro William Barbosa de . **Redescobrimdo A Familia Rural Brasileira**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Sao Paulo, v. 1, n. 1, p. 66-83, 1986.
- ALMEIDA, Mauro William Barbosa de . **Relativismo Antropológico e Objetividade Etnográfica**. Campos. Revista de Antropologia Social, Curitiba, v. 03, p. 9-30, 2003.
- ALMEIDA, Mauro William Barbosa de . **Simetria e Entropia: Sobre a Noção de Estrutura em Lévi-Strauss**. Revista de Antropologia (São Paulo), Sao Paulo, v. 42, n. 1-2, p. 163-198, 1999.
- ALMEIDA, Mauro William Barbosa de . **The Politics of Amazonian Conservation: The Struggle of Rubber Tappers**. Journal of Latin American Studies, Chicago, v. 7, n. 1, p. 170-219, 2002.
- ARAÚJO, M. Gabriela. J. (1998) *Entre almas, encantos e cipó*. Dissertação de Mestrado em

Antropologia Social, Campinas: UNICAMP.

ASHBY, W. Ross (William Ross) (autor). **Uma introdução a cibernética**. São Paulo: Perspectiva, 1970. xv, 345p., il. Bibliografia: p. 321.

RICHARDS, Audrey (1939), *Land, Labour and Diet in Northern Rhodesia: an economic study of Bemba Tribe*.

BATESON, Gregory. **Mente e natureza: a unidade necessária**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1986.

BATESON, Gregory **Steps to an ecology of mind: collected essays in anthropology, psychiatry, evolution and epistemology**. Northvale: J. Aronson, c1987.

BATESON, Gregory (autor). **Una unidad sagrada: pasos ulteriores hacia una ecologia de la mente**. Barcelona: Gedisa, 2006.

BOURDIEU, Pierre, A Economia das Trocas Simbólicas, São Paulo: Perspectiva, 2005

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (2001) Avaliação e Identificação de Ações Prioritárias para Conservação, Utilização Sustentável e Repartição dos Benefícios da Biodiversidade na Amazônia Brasileira. Brasília, Ministério do Meio Ambiente/Secretaria de Biodiversidade e Florestas.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (2002) Aplicações do Sensoriamento Remoto e Sistemas de Informação Geográfica no Monitoramento e Controle do Desmatamento na Amazonia Brasileira. Brasília, Ministério do Meio Ambiente/Secretaria de Coordenação da Amazônia/PPG7.

BROWN, Keith e Adão CARDOSO (1989) *Aspectos Ecológicos da Proposta Reserva Extrativista do Tejo, Acre*/Relatório à Procuradoria Geral da República, com pagina suplementar de Conclusões e Recomendações. Campinas, Manuscrito, 16 páginas. Reproduzido no Inquérito Civil Número 1 - Acre. Brasília: Ministério Público Federal/Procuradoria Geral da República, volume 1.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Editora 34, 2001.

CARNEIRO DA CUNHA M.M. e ALMEIDA, M. W. B.(orgs) (2002) *A Enciclopédia da Floresta. O Alto Juruá: Práticas e Conhecimentos das Populações*. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 135-143.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução. *Mana*, abr. 1998, vol.4, no.1, p.7-22. ISSN 0104-9313.\ *Revista Mana* vol. 4 nº 1, 1998

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; ALMEIDA, Mauro William Barbosa de . Indigenous People, Traditional People, and Conservation in the Amazon.. *Daedalus/Journal of the American*

- Academy of Arts and Sciences, Cambridge, Massachusetts, v. 129, n. 2, p. 315-338, 2000.
- CARROL, Lewis *Alice: Edição comentada* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002
- CARTMILL, Matt *A view to a death in the morning: hunting and nature through History*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, London England, 1993
- CASEY, Edward S. (1997) *The Fate of Place: a philosophical history*. University of California Press.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.
- CHAVES, Avelino de Medeiros (1913) *Exploração da Havea no Território Federal do Acre: monographia apresentada à Exposição Nacional de Borracha*. Rio de Janeiro.
- COSTA, Elisa Mara Losano. *Da Patronagem à Associação: Poderes em Disputa na Reserva Extrativista do Alto Juruá, Acre*. Campinas, Unicamp/IFCH, Agosto de 1998.
- COSTA, Eliza M. L. (2002) "As colocações". In Manuela C. da Cunha e M. W. B. Almeida (orgs), *A Enciclopédia da Floresta. O Alto Juruá: Práticas e Conhecimentos das Populações*. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 135-143.
- CUNHA, Antônio Oliveira *Diário de Monitoramento das Atividades*, manuscrito, 2005
- CUNHA, Manuela Carneiro da & ALMEIDA, Mauro W. B. *Populações Tradicionais e Conservação. A sair em Biodiversidade/Amazônia* F. Capobianco et al (orgs), São Paulo, ISA/Estação Liberdade
- DIAS, Carla de Jesus (2004) *Na floresta onde vivem mansos e brabos : economia simbolica de acesso a natureza praticada na Reserva Extrativista do Alto Juruá - ACRE* Campinas, SP : [s.n.].
- EVANS-PRITCHARD, E. ([1940] 1978), *Os Nuer*. São Paulo, Perspectiva.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. "Ser afetado". *Cadernos de Campo*, 13:155-161.
- FRANCO, Mariana Ciavatta Pantoja (2001) *Os Milton: cem anos de história familiar nos seringais*, tese de doutorado, UNICAMP.
- GALVÃO, Eduardo (1955) *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas* São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- GOW, Peter (2001) *An Amazonian Myth and its History*, Oxford University Press: New York.
- HARLEY, J. B **La Nueva Naturaleza De Los Mapas: ensayos sobre la historia de la cartografia**
Buenos Aires: Fondo de Cultura, 2005
- HARLEY, J. B. *Deconstructing the map*. Cartographica. v.26, n.2. University of Toronto:1990
- HARRIES-JONES, Peter (autor). **A recursive vision: ecological understanding and Gregory Bateson**. Toronto: Univ. of Toronto, c1995. 358 p. ISBN 0802075916 (broch.).
- HARVEY, David (1992) *A Condição Pós-Moderna*. São Paulo, Edições Loyola. Hucitec, 1999

- HUGH-JONES, C. (1979) *From the Milk River: Spatial and temporal processes in Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- INGOLD, Tim 'Up, across and along', *Place and Location: Studies in Environmental Aesthetics and Semiotics*,5(2006):21-36
- INGOLD, Tim. (2000) *The perception of the environment: essay in livelihood, dwelling and skill*, London and New York, Routledge
- INGOLD, Tim. *The appropriation of Nature: essays on human ecology and social relations* University of Iowa Press, Iowa City, 1987
- KUHN, Thomas (1972). *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo, Editora Perspectiva.
- LEIRIS, Michel. *A África fantasma*, trad. André Pinto Pacheco, apresentação Fernanda Arêas Peixoto. São Paulo: CosacNaify, 2007
- LÉVI-STRAUSS, Claude *Tristes Trópicos* São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Campinas, Papirus, 1989.
- MARTINI, Andrea (1998) *Tecendo Limites na Foz do Breu, Alto Juruá, Acre, Brasil* Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Campinas: UNICAMP.
- MAUSS, Marcel (1974) *Sociologia e Antropologia*. Vol. II. São Paulo, SP: Editora Pedagógica Universitária.
- MAUSS, Marcel. “Variações Sazoneiras das Sociedades Esquimós” e “Ensaio sobre a Dádiva” In *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.
- MAUSS, Marcel. *"Sociologia e antropologia"*. São Paulo. Cosac & Naify. 2003
- MEGGERS, Betty. (1977). *Amazonia: A Ilusão de um Paraíso*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MELO, Antônio Barbosa de *Diário de Viagem* manuscrito, 2005
- MELO, Antônio Barbosa de. (2004). “Pesquisador”. Em *Antologia de Escritores da Floresta 1*, Ademar R. de Souza et al (orgs. Augusto Postigo et al). Campinas, IFCH, pp. 93 e 78.
- MONMONIER, Mark (1996) *How to Lie with Maps*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press.
- OLIVEIRA, C. **Dicionário Cartográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1980.
- POSTIGO, Augusto de Arruda. *Penduraram as Letras na Parede da Sala: Escrita e Organização Social no Alto Juruá*. Campinas, [SP : s.n.], 2004.
- RADAMBRASIL (1977) Folhas SB/SC.18 Javari/Contamana; geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro: Departamento Nacional da Produção Mineral.

- RAMOS, Raimundo Farias *Diário de Viagem* manuscrito, 2005
- RAMOS, Raimundo Farias. (2004). *Histórias de um Matuto da Floresta*. Org. Augusto Postigo et al. Campinas, IFCH. (ISBN 85-86572-14-4).
- RICHARDS, Audrey (1939) *Land, Labour and Diet in Northern Rhodesia: an economic study of Bemba Tribe*. Oxford: Oxford University Press.
- SEBEOK, Thomas A. *The Estonian Connection* Sign Systems Studies 26, 1998 (pp. 20-41)
- STEWART, Julian and Robert MURPHY (1977) [1956]. "Tappers and Trappers: Parallel Processes in Acculturation". In Julian STEWART, *Evolution and Ecology: Essays on Social Transformation*, Chicago: University of Illinois Press, pp. 151-187.
- STRATHERN, Marilyn 2004 *Partial connections*. Savage, Maryland: Rowman and Littlefield (1991). Re-issued by AltaMira Press, Walnut Creek, CA.
- TAUSSIG, Michael (1993) *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: um estudo sobre o o terror e a cura*. São Paulo: Paz e Terra.
- THAUMATURGO DE AZEVEDO, G. (1905) *Prefeitura do Alto Juruá. Primeiro relatório semestral*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. Também citado como Relatório de 1905.
- UEXKÜLL (s.d.A), Jakob von *Dos Animais e dos Homens* enciclopédia LBL v.4 Lisboa: Livros do Brasil
- UEXKÜLL (s.d.B), Jakob von *A Biologia* Atena Editora: São Paulo
- UEXKÜLL, Jakob von *Ideas para una concepción biológica del mundo* Espasa-Calpe: Buenos Aires, 1951
- UEXKÜLL, Thure von *A teoria da Umwelt* de Jakob von Uexküll *Galaxia* n. 7 abril de 2004 19-48
- VELHO, Otávio. "De Bateson a Ingold: Passos na Constituição de um Paradigma Ecológico". In *Mana*, Rio de Janeiro: Vol. 7, nº 2, p.133-140, 2001
- VIVEIROS DE CASTRO, E. (1996). "Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio". *Mana*, vol. 2 (2).
- VIVEIROS DE CASTRO, E. (1996a) *Images of Nature and Society in Amazonian Ethnology*. In *Annual Review of Anthropology*. Vol 25:179-200.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (2002) 'O nativo relativo', In *Mana*, 8/1, pág. 113-148.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "Perspectivismo e Multiculturalismo na América Indígena" In *A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- UEXKÜLL, Thure von. "A teoria da *Umwelt* de Jakob von Uexküll" *Galáxia*, abril de 2004, num 7, 19-

WAGNER, Roy 1981 *The Invention of culture*

WEBER, Max (1984) *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, 3a Edição, Brasília: Editora Universidade de Brasília.

WEINSTEIN, Barbara (1993) *A Borracha na Amazônia Ocidental: expansão e decadência (1850-1920)*. Hucitec-Edusp: São Paulo.

WOLFF, Cristina S.(1999) *Mulheres da Floresta: uma história. Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec.